



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ETNOGRAFANDO A BATALHA DO VINHO:
Uma análise da Cena dos Duelos de MCs face à Estrutura Social Brasileira

Michael Guedes da Silva

Natal/RN
2020

Michael Guedes da Silva

**ETNOGRAFANDO A BATALHA DO VINHO:
Uma análise da Cena dos Duelos de MCs face à Estrutura Social Brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGAS/UFRN, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Professora Doutora Eliane Tânia Martins Freitas.

Natal/RN
2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Silva, Michael Guedes da.

Etnografando a batalha do vinho: uma análise da cena dos duelos de MCs face à estrutura social brasileira / Michael Guedes da Silva. - 2020.
352f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Tânia Martins de Freitas.

1. Batalhas de MC's - Dissertação. 2. Hip-Hop - Dissertação. 3. Violência - Dissertação. 4. Ideologia - Dissertação. 5. Redes Sociais Online - Dissertação. I. Freitas, Eliane Tânia Martins de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 39

MICHAEL GUEDES DA SILVA

ETNOGRAFANDO A BATALHA DO VINHO:

Uma análise da Cena dos Duelos de MCs face à Estrutura Social Brasileira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGAS/UFRN, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr^a. ELIANE TÂNIA MARTINS DE FREITAS
(Orientadora / Examinadora Interna)

Prof. Dr. FRANK NILTON MARCON
(Examinador Interno - UFS)

Prof. Dr. LUIZ CARVALHO DE ASSUNCAO
(Examinador Interno)

Prof. Dr. JOSE GLEBSON VIEIRA
(Presidente da Banca)

Dedicado à Leandra – alegremente
recebida no curso desta dissertação;
dedicado a todas e a todos que estão por
vir dispostos a amar e a mudar as coisas.

AGRADECIMENTOS

É chegado o difícil momento de elencar as pessoas que contribuíram para a realização deste escrito, inclusive porque muitas dessas contribuições se deram antes de seu projeto inicial.

Agradeço ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Há poucos anos, eu não concebia enveredar por tal área do conhecimento e, agora, este trabalho comprova que comprometimento com o que se faz é uma forma eficaz de cativar pessoas, influenciando em seus objetivos e em suas decisões. A disposição para o empreende-lo se deve ao encantamento que professoras e professores do PPGAS/UFRN constituíram em mim durante a graduação em Ciências Sociais. Igualmente, agradeço aos seus integrantes pelo tratamento dispensado ao longo do mestrado – a compreensão quanto às contingências que nos apreendem na vida concreta foi igualmente essencial para que se chegasse a esse desfecho.

Agradeço, em especial, à Professora Eliane Tânia Martins de Freitas por ter sido a principal responsável nos mencionados momentos. Por ter sido quem melhor descortinou o universo da antropologia ainda na graduação e por ter sido extremamente paciente e motivadora nos anos de pesquisa e de escrita da dissertação. Para além disso, agradeço pelas contribuições metodológicas e teóricas, pelos textos indicados e pelas ideias sugeridas no período.

Agradeço ao professor Paulo Victor Leite Lopes e ao professor Luiz Carvalho de Assunção pela atenção dispensada e pelas proveitosas contribuições na elaboração deste trabalho quando de sua etapa de qualificação. Além dos mestres citados, agradeço também ao professor Frank Marcon por ter aceito o convite para compor a banca avaliadora deste trabalho. Sou grato a todos pelas contribuições que permitiram aprimorar parte de seus pontos deficitários.

Agradeço a toda a comunidade universitária, em especial aos departamentos em que cursei disciplinas durante a graduação (Ciências Sociais, Comunicação Social, Filosofia e História) e o mestrado (Estudos Urbanos e Regionais e Geografia). O sonhado ingresso na UFRN se realizou como testemunho do comprometimento e da excelência de seus profissionais.

Nesse sentido, quero agradecer, em memória, à professora Leilane Assunção da Silva e ao professor Lincoln Moraes de Souza. Um único semestre na disciplina de História do Brasil Contemporâneo foi suficiente para enxergar nas aulas da professora Leilane sua satisfação ao ensinar – satisfação proporcional à densidade das leituras que, à época, me surpreendeu e que, em alguma medida, me deu disposição para arriscar os meus limites neste trabalho. Do professor Lincoln guardo, com saudade, boas lembranças das conversas ao fim das aulas nos três semestres com ele cursados. Para além disso, e embora não tenha sido um referencial citado, este trabalho é percorrido por uma constante menção sua, quando, nas aulas sobre o sociólogo grego Nicos Poulantzas, não deixava de recordar que não existe “Estado” – afinal, o Estado, sendo uma construção humana, é resultado das formas como manejamos os meios disponíveis.

Assim que existiria uma estrutura feudal, estados capitalistas, experiências socialistas, mas não o “Estado”. Essa noção perpassa, desde então, este estudante e se faz presente nesta produção.

Também agradeço aos que ombrearam comigo a experiência na graduação em Ciências Sociais e, principalmente, neste mestrado em Antropologia, colegas que muitas e imprescindíveis ajudas me ofertaram ao longo desses anos. Agradeço de forma especial à colega e amiga Diana Brito, a única que trilhou comigo esses dois momentos e que foi a responsável por, aos 45 do segundo tempo, me sugerir a submissão ao processo seletivo do mestrado.

Agradeço aos que me possibilitaram ingresso e espaço naquele que foi o meu campo de pesquisa. Agradeço a Roney Miranda, amigo e meu principal informante no período de realização do campo, além de ser propriamente parte dele. Agradeço ao MC Kung Fu, sempre disposto a contribuir com esta elaboração e que tem se tornado um amigo. Agradeço ao administrador do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, o sempre gentil Grimário Farias. Agradeço aos diversos MCs com quem interagi e os que são citados neste trabalho – MC Bolla, MC Codorna, MC Doggie, MC Café, MC Nigro, dentre outros. Igualmente, agradeço a tod@s os que, embora eu não tenha conhecido pessoalmente, fazem seus corres pela Batalha do Vinho e pela cena. Mesmo aqueles que possam ser lidos neste trabalho sob um viés crítico, saibam que essas divergências não são suficientes para reduzir a admiração e o respeito por tod@s.

Ademais, como as linhagens vão além dos antropólogos e alcançam a vida, devo agradecer aos amigos que contribuíram na minha formação enquanto sujeito e com os quais procurei contribuir; é certo que todos eles, de alguma maneira, estão presentes neste trabalho. Assim, agradeço ao colega de primeira graduação Eson Guerra e aos, então, colegas de trabalho Eros Guerra, Teodoro Gurgel e Tiago Tavares, assim como aos colegas de visão de mundo Jader Vieira, Jean Carlos e Wagner Fonseca – os quais estiverem presentes nos momentos em que lastreio, nas páginas a seguir, o contato com meu informante e com o objeto de investigação. Agradeço, ainda, aos jovens colegas Adson Perazzo, Paulo Sérgio de Souza e tantos outros que conheci nas turmas de Ciências Sociais e que me motivam a seguir acreditando na rapaziada.

Agradeço às amigas e aos amigos que encontrei na Fundação Nacional do Índio – se a Banca finalmente chegou é porque muitas banquinhas me trouxeram até aqui! Agradeço pelo apoio mútuo nos momentos exaustivos, por algumas dicas, aqui e acolá, e pela preocupação infernal com o andamento desta dissertação – e sim, pelo visto, teremos mais um antropólogo.

Por fim, agradeço a familiares que ofertaram contribuições materiais imprescindíveis, como as caronas das minhas primas Adriana e Daiane e o conserto do notebook, que insiste em quebrar nas piores horas, pelo meu primo Daniel. Agradeço de maneira especial à Luciana. Companheira de longa data, esteve comigo em todos os momentos aqui citados e conferiu um mínimo de organização às nossas vidas no período de pesquisa e escrita deste trabalho.

Vovó diz ‘odiar o diabo é mó boi, difícil é viver no inferno’.
E vem à tona que o mesmo império canalha que não te leva
a sério, interfere pra te levar à lona. Revide! (...) Por fim,
permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que
essas mazelas me definem é o pior dos crimes, é dar o
troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir.

(AmarElo, Emicida c/part. de Maju e Pabllo Vitar).

RESUMO

A expressão “Batalha do Vinho” nomeia o encontro de jovens da Zona Norte de Natal com a finalidade de duelar por meio de rimas. O contato com o evento se dá a partir do conhecimento prévio de um de seus organizadores. Em alguma medida, graças à agência ativa e às estratégias desse participante, a iniciativa experimentou intensa sofisticação técnica, recebendo relevantes participações artísticas e presenciando o aumento significativo de seu público. A Batalha do Vinho se mostrou um cenário propício para debates diversos, sobre violências, raça e gênero, por exemplo, constituindo-se em meio a relações de solidariedade e de competição, sempre permeadas pela realidade, mas, também, por inevitáveis ficcionalidades. Disseminada por cidades, estados e países, a prática dos duelos de MCs evidencia-se como uma cena cultural, caracterizada pelo excesso informacional e pela instabilidade de suas incidências. A cena das batalhas guarda pertinência com o hip-hop e mantém, em cada uma de suas dimensões geográficas, lugares de congregação e trajetos que lhe dão reconhecimento cultural e que terminam por evidenciar o seu pulsar. Nesse trânsito citadino, a cena se articula com diversos níveis de atividade econômica. De tal sorte, esse contato termina por conferir maior elaboração às suas incidências. As cenas, ademais, são caracterizadas como uma manifestação juvenil e underground sob influência anglófona – elementos que complexificam a sua compreensão. Nesse cenário, os acalorados debates e as diversas experiências de profissionalização podem ser sintetizados, respectivamente, pela presença de elementos de um saber externamente legitimado – oriundo da Universidade e dos partidos políticos – e por uma acirrada competitividade a caracterizar os circuitos de disputas emergentes – a exemplo das seletivas estadual e regional e do duelo nacional. Assim, o movimento vivenciado pela cena possibilita compreender a experiência da Batalha do Vinho em dois momentos distintos: a princípio, elaborada como prática dotada de significados e efeitos voltados para os seus participantes e, num segundo instante, como uma crível oportunidade de ascensão social, seja por meio das competições e de outras atividades profissionais, seja mediante um engajamento político-militante no marco das instituições da democracia liberal. A partir desses usos, torna-se possível constatar, face aos diferentes tratamentos conferidos aos contingentes sociais do país, como a violência exercida no território e a expectativa, em grande medida ideológica, de inclusão social, se complementam no que denomino de processo de estruturação – a impulsionar a adesão da cena, em coerência com o próprio hip-hop, às formas sociais vigentes. Trata-se de um processo semelhante ao vivenciado, embora em diferentes estágios, por expressões culturais afins e suas práticas. De tal sorte, o processo de estruturação termina por reificar um texto social que, interessado, encontra-se coletivamente compartilhado; um texto que, antes de retratar a vivência social, é reafirmado com vistas à estimular o aprofundamento das relações estruturais – o neoliberalismo e sua globalização perversa. Por fim, outra constante ao longo da experiência retratada é a internet, precisamente as redes sociais online. Seja como espaço de sociabilidade ininterrupta ou como meio para a divulgação de eventos, seja nas denúncias das agressões sofridas ou na construção das expectativas de sucesso, os usos da internet se fizeram essenciais.

BATALHA DE MCS – HIP-HOP – VIOLÊNCIA – IDEOLOGIA – REDES SOCIAIS ONLINE

ABSTRACT

The expression “Batalha do Vinho (Battle of Wine)” names the meeting of young people from the North Zone of Natal with the form of dueling through rhymes. The contact with the event is based on prior knowledge of one of its organizers. To some extent, thanks to the active agency and strategies of this participant, the initiative experienced intense technical sophistication, receiving relevant artistic participation and seeing its audience grow significantly. The Batalha do Vinho, also showing itself as a favorable scenario for various debates, about violence, race and gender, for example, is constituting itself amidst solidarity and competition relations, always permeated by reality, but also by inevitable fictionalities. Spread across cities, states and countries, the practice of MC duels is evident as a cultural scene, characterized by informational excess and the instability of its incidences. The scene of battles is pertinent to hip-hop and maintains, in each of its geographic dimensions, places of congregation and paths that give cultural recognition and that show its pulse. In this city transit, the scene is articulated with different levels of economic activity. In such a way, this contact ends up giving greater elaboration to their incidences. The scenes, moreover, are also characterized as a juvenile and underground manifestation under anglophone influence – elements that make understanding more complex. In this scenario, the heated debates and the various experiences of professionalization can be synthesized, respectively, by the presence of elements of an externally legitimized knowledge – coming from the University and the political parties – and by a fierce competition to characterize the circuits of disputes that are gradually emerging – the state and regional selective and the national duel. Thus, The movement experienced by the scene makes possible to understand the Batalha do Vinho experience in two different moments: first, elaborated as a practice endowed with meanings and effects aimed at its participants and, in a second moment, as a credible opportunity for social ascension, either through competitions and other professional activities, or through political-militant engagement within the framework of the liberal democracy institutions. From these uses, it becomes possible to see, given the different treatments given to the country's social contingents, how the violence exerted in the territory and the largely ideological expectation of social inclusion complement each other in what I call the structuring process – to boost the scene's adhesion, in coherence with hip-hop itself, to current social forms. It is a process similar to the one experienced, although at different stages, by related cultural expressions and their practices. In such a way, the structuring process reifying a social text that, interested, is collectively shared; a text that, before portraying the social experience, is reaffirmed with a view to stimulating the deepening of structural relations – the neoliberalism and its perverse globalization. Finally, a constant presence throughout the experience portrayed is the internet, precisely online social networks. Whether as a space for uninterrupted sociability or as a means of publicize events, whether in denouncing aggressions suffered or in building expectations for success, the uses of internet became essential.

MC'S BATTLE – HIP-HOP – VIOLENCE – IDEOLOGY – ONLINE SOCIAL NETWORKS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
DA PESQUISA, DO AUTOR E DE SEU OBJETO.....	11
DO HIP-HOP, ORIGEM E MUDANÇAS.....	13
UMA INICIAL LOCALIZAÇÃO TEÓRICA.....	25
 1. “NÃO, A BATALHA DO VINHO NÃO É PARA VER QUEM BEBE MAIS”....	30
1.1 O SURGIMENTO DA BATALHA DO VINHO.....	31
1.2 UMA VIDA E SUAS HISTÓRIAS.....	37
1.2.1 A história construída e a formação de uma agência ativa.....	38
1.2.2 Uma guinada na história, a mobilização política e o hip-hop.....	44
1.3 O CRESCIMENTO DA BATALHA DO VINHO.....	49
1.3.1 A parceria com o Poder Público, o Jesiel Figueiredo e outras consequências..	49
1.3.2 O aumento do público e a presença de grandes nomes do hip-hop.....	58
1.4 A MINHA IMERSÃO NO CAMPO OU O QUE ACOMPANHEI DAS MODIFICAÇÕES NA BATALHA DO VINHO.....	71
1.4.1 O início.....	71
1.4.2 O meio.....	79
1.4.3 O (quase) fim.....	87
1.5 A VIDA COMO HISTÓRIA E O MEU PAPEL NA BATALHA DO VINHO.....	90
 2. OS DUELOS DE MCS EM CENA.....	99
2.1 E AÍ, BORA COLAR NA BATALHA?!.....	100
2.2 OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CENA.....	115
2.2.1 Instabilidade e excesso informacional – as condições de existência.....	117
2.2.2 Gênero cultural, prática e localização – objeto e características.....	122
2.2.3 O underground e as oportunidades de profissionalização.....	130
a) O Breakdance e o Grafite.....	133
b) O rap na Batalha do Vinho: a experiência do IPCS.....	138
c) Os Duelos de MCs.....	140

2.2.4 A Juventude da Batalha do Vinho.....	144
a) Considerações sobre Gênero e Discriminação.....	144
b) Consideração sobre Estética e Performance.....	148
c) Nordeste e Zona Norte: Pertencimento e Segregação.....	152
d) Os Grupos Etários na Batalha do Vinho.....	156
2.2.5 A Cena no Processo Produtivo e as Territorialidades Sônico-Musicais...	161
3. OS MOMENTOS DA CENA NO CURSO DE SUA ESTRUTURAÇÃO.....	166
3.1 A PERSPECTIVA DOS ADEPTOS DA CENA, UMA ANÁLISE RITUAL.....	174
3.1.1 As etapas de um processo ritual a partir da Batalha do Vinho.....	174
3.1.2 A condição do neófito na Batalha do Vinho.....	178
3.1.3 O rito de submissão da liderança na Batalha do Vinho.....	182
3.1.4 A ausência de elevação de status, a permanente inferioridade.....	184
3.1.5 A estruturação da Batalha do Vinho, entre as <i>communitas</i> espontânea e ideológica.....	187
3.2 COMPETIÇÃO E ENGAJAMENTO POLÍTICO, FORMAS DE UMA ESTRUTURAÇÃO.....	191
3.2.1. O Duelo Regional de 2017, Recife/PE.....	192
3.2.2. O Duelo Nacional de 2017, Belo Horizonte/MG.....	197
3.2.3. A incidência da estruturação no interior potiguar, a cena em Currais Novos/RN.....	206
4. VIOLÊNCIA E MASCULIDADE NA ESTRUTURAÇÃO DOS DUELOS DE MCS..	217
4.1 AS OCORRÊNCIAS DA VIOLÊNCIA NA BATALHA DO VINHO.....	220
4.1.1 Em meio a dilemas e dores, o contato inicial com a violência.....	221
4.1.2 Quando a violência perpassa a aparente segurança do virtual.....	224
4.1.3 A experiência com a violência na constituição dos indivíduos.....	229
4.2 AS MASCULINIDADES NA CENA A PARTIR DA BATALHA DO VINHO.	233
4.2.1 O corpo na prática dos duelos de MCs.....	234
4.2.2. A violência contextual na prática dos duelos de MCs.....	235
4.2.3. A masculinidade na Batalha do Vinho.....	240
4.2.4. Da prática mimética à esportização e à masculinidade de aliança.....	245

4.3	VIOLÊNCIA E IDEOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO E DA REALIDADE NACIONAL.....	261
5.	A INTERNET E AS REDES SOCIAIS ONLINE EM CENA.....	285
5.1	AS REDES SOCIAIS ONLINE: O FACEBOOK E O YOUTUBE COMO INSTRUMENTOS DE DIVULGAÇÃO DA BATALHA DO VINHO.....	287
5.1.1	A página da Batalha do Vinho no Facebook.....	287
5.1.2	O canal da Batalha do Vinho no Youtube.....	288
5.2	O HIBRIDISMO E A CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS NA BATALHA DO VINHO.....	290
5.3	PRÊMIO ANGAR 2018, O RECONHECIMENTO ESTRUTURAL.....	296
5.4	OS USOS DOS GRUPOS ONLINE, FACEBOOK E WHATSAPP.....	299
5.5	"RONEY FOI REMOVIDO".....	304
5.6	A CENA FINAL.....	313
	CONCLUSÃO.....	327
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	348

INTRODUÇÃO.

Neste momento preambular, dedico algumas palavras à constituição social deste pesquisador e ao seu contato com o objeto estudado, assim como promovo certo detalhamento do contexto cultural do objeto investigado e da perspectiva teórica adotada.

DA PESQUISA, DO AUTOR E DE SEU OBJETO.

As páginas a seguir são o que de melhor obtive após alguns anos de vivência e reflexão. Nelas, procuro evidenciar a experiência que tive em torno de uma construção humana chamada Batalha do Vinho. Como o título antecipa, trata-se de evento elaborado a partir de uma prática denominada “duelo” ou “batalha” de “rimas” ou de “MCs”. Mas a Batalha do Vinho é bem mais do que um duelo de rimas e, para contar essa história, preciso ir além da Batalha do Vinho.

Meu vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAS/UFRN se deu após uma graduação em Direito/UERN (entre os anos de 2007 e 2012) e alguns anos no curso de Ciências Sociais/UFRN (2013 – não concluído). O tecnicismo do primeiro e a interrupção do segundo somada à atenção secundária que necessitei, em razão das atividades profissionais, lhe conferir durante os semestres cursados, fazem da experiência atual minha iniciação na produção científica – me levando a reconhecer, desde já, suas limitações.

Minha pretensão inicial era guiada por uma vaga pretensão de compreender a utilização das redes sociais online em contrapartida à atuação economicamente orientada dos veículos tradicionais de comunicação social – esses haviam sido o objeto e a conclusão de meu esforço monográfico dez anos atrás. O que eu buscava investigar não era exatamente a prática de um ativismo no espaço virtual, pois meu interesse era por uma ação menos intencional, eu queria compreender como se dava o acesso a conteúdo não reificadores do *status quo*, entender os meios pelos quais, e em que medida, indivíduos socialmente desfavorecidos poderiam entrar em contato ou, mais precisamente, serem contatados por informações que despertassem neles a reflexão sobre outras noções e formas de sociabilidade.

Ao tentar explicar tal intensão, vejo que ela permanece vaga. Em todo caso, eu entendia precisar de um grupo que não fosse privilegiado pela distribuição dos capitais sociais na realidade brasileira, mas que não fosse, também, manifestamente engajado na disputa política. Embora, hoje, eu acredite não haver opção melhor do que uma manifestação no seio do hip-hop, a Batalha do Vinho me veio como uma repentina lembrança diante da iminente resignação frente à inviabilidade da elaboração de meu projeto de pesquisa, precisamente pela ausência de um grupo com aquelas características junto ao qual eu pudesse realizá-la.

Muito embora tenha expandido o seu horizonte, esta pesquisa pressupunha, desde a sua concepção, a crítica às condições de desigualdade social, ao exercício do poder e da violência, como outros escritos registrados em várias partes do mundo. Ao construir este texto, procurei estruturar os seus capítulos de forma progressiva, do indivíduo e suas relações diretas até a ampla estruturação social. Conforme a percepção exposta ao longo do trabalho, procuro conferir a um sem-número de pessoas e cenários, de fatos, versões e opiniões, momentos vividos e diferentemente marcados nas memórias, alguma coerência, sem pretender com isso negar o que lhe insiro de humano, portanto, de minha perspectiva, um inevitável falseamento. Nesse sentido, considero adequado ressaltar algo mais sobre este pesquisador e seu objeto.

Um das memórias mais antigas que tenho da infância tem como cenário o quintal da casa de minha avó, na Rua dos Paiatis, bairro das Quintas, em Natal/RN. Dali, com cerca de sete ou oito anos de idade, todas as noites eu via centenas de luzes dispostas em um horizonte imenso e completamente escuro. A forma como aquela constelação de luzes se constituía há certa distância não sugeria uma cidade (como aquela em que eu vivia), parecia mais como um segundo céu, algo como uma das galáxias que eu via existir nos desenhos da TV.

À minha curiosidade, minha avó respondia que aquilo era “o outro lado do rio”. Assim, era como algumas pessoas, em Natal, chamavam – já não vejo a mesma utilização da expressão – a Zona Norte da cidade, pois ela foi constituída após uma fronteira natural, o Rio Potengi. Para aquela imaginação infantil, entretanto, a ideia do rio ratificava sua construção fantasiosa. O rio era o desafio que necessitava ser ultrapassado, em algum barco que, como parte da tarefa heroica, deveria ser construído, ou mesmo à nado, e não sem enfrentar os monstros que o habitavam, para se chegar ao outro mundo, àquela outra galáxia, enfim, ao desconhecido.

Outra fronteira que marcou meus primeiros anos é de cunho socioeconômico, a qual, desde muito cedo, eu suspeitava alguma conexão ter com o fato de eu não ser branco. Do muito que eu via na TV, das viagens e aventuras vividas por aquelas crianças, eu quase nada vivia. Era visual a diferença entre eu e os garotos da TV. Na verdade, eu me achava parecido com os que via pedir comida nos semáforos: outra lembrança guardada da infância é do dia em que meus pais realizaram um dos mais acessíveis dentre aqueles desejos, o meu (e dos meus irmãos) primeiro lanche num MC Donalds; a lembrança que ficou daquele dia, contudo, foi a das crianças deitadas nas calçadas e no frio de um fim de noite da década de 1990. Essa complexidade social e o sentimento decorrente de experiências como aquela era assimilada com uma frase que minha mãe costumava dizer e que parecia conferir alguma explicação a partir do esforço dela e de meu pai: - “Filho, como pobre, você e seus irmãos têm tudo!”. De fato, fui socialmente construído longe dos extremos, o que, a seu modo, apresenta seus questionamentos.

Na adolescência, descobri a Zona Norte e que havia uma ponte – bem próxima a minha casa – que levava até ela. Na escola, logo percebi “brincadeiras” com os colegas que moravam naquela região da cidade e que, provavelmente como um ato de esforço dos pais, assim como era meu caso, estudavam do lado de cá da ponte, numa das poucas escolas privadas acessíveis, mas ainda assim, uma escola privada. O afastamento dos centros comercial e burocrático da cidade acrescia certa precariedade urbana à limitação financeira de parte dos moradores daquela que é a mais extensa e populosa região da capital. Essa imagem passava, inclusive com o auxílio dos meios de comunicação, por um processo de totalização, reduzindo a retratação da Zona Norte aos seus problemas. Assim, tal imagem em adição à mencionada fronteira natural, possibilitava seu tratamento como uma cidade diferente da capital e, portanto, inferior – as “brincadeiras” na escola iam de perguntar o preço da passagem e o DDD daquela localidade até a ordem de suspeita (quando algo errado acontecia) a recair sobre certos colegas, essencialmente devido ao local de seu domicílio e a uma preconceituosa correspondência estética.

Assim, a possibilidade de pesquisar na Zona Norte representou a chance de melhor compreender a Zona Norte. E, ao me fazer recordar tais vivências, de, também, melhor compreender minhas relações com o desconhecido, com o diferente que sempre estive tão próximo e tão distante, geográfica e economicamente, de mim. Se a área acadêmica de nosso estudo fosse outra, eu provavelmente deixaria de lado esse breve histórico, mas, diante do exercício de alteridade que busquei empreender e que passo a relatar, considero importante, e honesto com o leitor, situar-me perante a realidade social ao fundo. Assim, na tarefa a que me dediquei nos últimos anos, ao me lançar em direção ao outro lado do rio, busquei alcançar algo mais do que os critérios objetivos do título que procuro obter – isso talvez explique, em parte, a extensão deste trabalho e espero que também tenha o tornado um pouco melhor.

DO HIP-HOP, ORIGEM E MUDANÇAS.

Para além de um contexto cultural, o hip-hop pode ser caracterizado como um inquieto agente, sempre apto a influir nos caminhos das construções humanas que se dão ao seu redor. Nesse sentido, margeado por inúmeras produções audiovisuais, sob os mais diversos enfoques, a que tive acesso ao longo de minha pesquisa, me guio, nesta seção introdutória, pelo livro “Se liga no Som: as transformações do RAP no Brasil”, fruto da pesquisa de mestrado de Ricardo Teperman junto ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo¹. Nesse sentido, passo a tecer algumas considerações sobre os elementos constitutivos hip-hop.

¹ TEPERMAN, Ricardo. **Se Liga no Som: As transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

Antes mesmo da constituição do estilo musical que veio a nomear, a palavra “rap” já tinha lugar nos dicionários de língua inglesa e seu uso coloquial nos Estados Unidos expressava a ideia de falar em tom crítico, com objetividade e sinceridade sobre algum assunto. Ricardo Teperman (2015), em seu trabalho, promove uma retomada, em diferentes tempos e lugares, de certa prática caracterizada, como uma espécie de brincadeira ou passatempo, por atos de mútua autoglorificação e provocação jocosa entre dois ou mais indivíduos, sempre na forma de rimas. Nesse sentido, a origem dessa prática que veio a marcar o hip-hop não é historicamente precisa e termina por dar margem a infundáveis disputas. Igualmente, se dá acerca do significado da palavra R.A.P. ao ser tomada como acrônimo que identifica o estilo musical – ritmo e poesia (rhythm and poetry) é a versão mais endossada; contudo existem outras (em português, “Ritmo, Amor e Poesia” e “Revolução através das Palavras” são expressões também mencionadas).

Citado autor frisa que “mais do que explicações, essas são interpretações, e defender um delas é uma espécie de alinhamento ideológico, que terá impacto no modo como essa música se situará no mundo social (2015, p.13)”. Em todo caso, Teperman reconhece, como “o mito de origem mais frequente sobre o gênero”, que o hip-hop teria surgido no bairro do Bronx, região pobre da cidade de Nova York, no início dos anos 1970. Ali, naquela área periférica havia uma brincadeira chamada “the dozens” (as dúzias), segundo a qual “as crianças se provocavam com os insultos mais odiosos que podiam conceber, muitas vezes envolvendo a mãe do oponente. Mas os insultos deviam ser construídos com rimas, essa era a graça (Teperman, 2015, p. 14)”.

O pesquisador (2015), entretanto, destaca a necessidade de contextualizar aquela geração de crianças e jovens a partir de duas ondas migratórias com destino àquele país da América do Norte – uma, a chegada de centenas de milhares de africanos violentados pelo tráfico colonial-escravocrata; duas, após o fim da segunda grande guerra, o deslocamento de grandes contingentes de pobres das ilhas caribenhas como Jamaica, Costa Rica e Cuba. Assim, a segunda metade do século XX assistiu, nas periferias da potência capitalista, a junção dessas duas levas de homens e mulheres oriundos de regiões precarizadas na ordem internacional. Os africanos em diáspora, inclusive, também traziam seus históricos poetas e sábios cantadores – os griôs.

O cenário musical daquela década de 1970 era marcado pelos estilos musicais disco e soul. A figura do sujeito que manipulava discos de vinil nas vitrolas – os *disc jockeys* – já existia nas rádios e logo passou a ser copiada e reinventada pelos participantes de festas realizadas nas ruas de bairros como o Bronx. Logo, esses *DJs* (como eles passaram a se autointitular) foram acrescentando novidades à sua atuação. Além de brincarem com o público, estimulando, ao microfone, as danças, incrementaram também o próprio exercício de manejar os discos de vinil.

Uma primeira inovação foi a prática de retornar, manualmente, o disco a determinado ponto e, ao soltá-lo, repetir um trecho preferencial (mais animado) da música. Ao utilizar dois equipamentos, duas vitrolas com discos idênticos, era possível fazer uma repetição incessante – enquanto voltava um vinil com uma das mãos, soltava o outro que estava pronto para reproduzir o exato trecho. Esse procedimento que ficou conhecido como “back spin” ou “back to back” (enquanto o trecho privilegiado da música passou a ser chamado de “breakbeat”) foi criado pelo jamaicano, e um dos iniciadores daquelas festas, Kool Herc. Uma segunda inovação foi uma espécie de “arranhão” no vinil que, gerando um som forte, passou a ser uma marca daquelas festas e, pouco depois, do estilo musical que ganhava autonomia – segundo Teperman (2015), o “scratch” foi realizado acidentalmente por um jovem de treze anos e, a partir de então, reproduzido por outro dos principais nomes daquele momento inicial, o DJ Grandmaster Flash.

Todos esses recursos – conta Teperman (2015) – estava a sobrecarregar os DJs, sendo preciso que alguém o acompanhasse na mobilização do público durante as festas, convocando os presentes para não pararem de dançar, sempre com brincadeiras ou provocações – do tipo “the dozens” – a outros participantes. Assim, assistia-se ao surgimento da figura do “Mestre de Cerimônias”, logo chamado de MC, ao tempo que os convidados das festas, ao concretizarem os passos próprios àquela forma de dançar durante o breakbeat, constituíam o “breakdance”. A interação entre os MCs que provocava a dança e os dançarinos do break – b-boys e b-girls – era feita por meio das expressões “hip” e “hop”, como explica Ricardo Teperman (2015, p. 19):

Em um desses improvisos, o DJ e MC Lovebug Starski teria criado uma espécie de refrão: Hip hop you don’t stop that makes your body rock [quadril, salto, não pare, isso faz seu corpo balançar]. Associar a palavra ‘hip’ [que pode ser traduzida por quadril, mas que também quer dizer ‘segundo a última moda’] à palavra ‘hop’ [pular ou dançar] era uma maneira graciosa de dizer: não pare de mexer os quadris, não pare de dançar, ‘essa é a última moda’. A expressão ‘hip-hop’ dava o recado e soava bem.

O hip-hop surgia, então, como uma mistura de elementos culturais que, em pouco tempo, teria partes de suas aptidões aproveitadas por aqueles que se faziam mais atentos à sua constituição e às suas qualidades. Rapidamente, seus potenciais econômicos e políticos passaram a ser explorados, aparentemente, com diferentes finalidades e legitimidades.

Inicialmente, as falas dos MCs eram essencialmente curtas e apresentadas ao vivo. De maneira que, aos seus criadores, não fazia sentido gravá-las como músicas. Teperman (2015, p.21) explica que, embora muitas dessas falas fossem pensadas realmente de improviso – o que ficou conhecido como “freestyle” –, alguns grupos de MCs tinham certas provocações que eram características suas, eram as denominadas “routines”. Foi se valendo dessas frases e do estilo

já consideravelmente elaborado em seus espaços próprios que se deu a primeira grande investida comercial do hip-hop. Em 1979, uma compositora e cantora de Blues, Sylvia Robinson, prevendo o sucesso da novidade, reuniu três jovens negros em grupo de nome “Sugarhill Gang” e lançou o que veio a se tornar o primeiro sucesso do hip-hop, o single “Rapper’s Delight”².

Desde a autoria da música “disco” utilizada para extrair o “breakbeat” aos versos rimados que diversos MCs alegaram serem os verdadeiros donos, aquela primeira investida mercadológica gerou muitos atritos no que toca aos direitos autorais envolvidos. Como salienta Teperman, “quando (as gravações feitas dessa forma) começaram a gerar enormes receitas, os artistas e as gravadoras proprietárias dos fonogramas utilizados pelos DJs nas bases dos raps fizeram questão de receber tanto os créditos, quanto os dólares (2015, p. 23)”. Em todo caso, apesar da grande polêmica gerada com o lançamento do Sugarhill Gang, inegável tornou-se a relevância do grupo na abertura do mercado para aquele novo estilo musical e estético.

O hip-hop era, até então, integrado pela junção das atividades de seus três personagens, o DJ, o MC e os dançarinos de break. A eles, logo juntou-se a “street art” ou o grafitti, adotado ou simpatizado, pelos adeptos daquelas vertentes. Esses foram os quatro elementos visíveis do hip-hop. Contudo, toda a ebulição de signos e de significados formava um caldo de sentimentos, de valores e de práticas a partir do qual, em pouco tempo, um novo elemento viria a surgir.

Ainda em 1977, portanto antes do lançamento do grupo Sugarhill Gang, o músico e líder comunitário Afrika Bambaataa criou a “Zulu Nation”. A concepção de Bambaataa era de que o hip-hop serviria de elemento pacificador de conflitos entre os jovens dos bairros pobres da cidade – conflitos que seriam substituídos por competições em torno dos elementos do hip-hop. A proposta, contudo, ia além e sugeria a conscientização política dos jovens daqueles bairros acerca da realidade social vivida. Assim, com a disseminação da concepção formulada por Bambaataa, o hip-hop ganhou aquele que passou a ser seu quinto elemento: o conhecimento.

A partir de então, o hip-hop se aproximaria do movimento negro e das lutas contra a desigualdade social e racial, bem como das consequências estéticas envolvidas. A música “The Message”³, a primeira lançada por “Grandmaster Flash”, e o grupo “Public Enemy” se tornaram referências nessa manifestação política da África em diáspora por meio desse novo estilo musical. Foi com esta configuração que o hip-hop chegou ao conhecimento dos brasileiros.

² **RAPPER’S DELIGHT. Sugarhill Gang.** LP Sugarhill Gang. Gravadora Sugarhill Records, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mcCK99wHrk0> . Acesso em 30 de janeiro de 2020.

³ **THE MESSAGE. Grandmaster Flash and the Furious Five.** LP The Message. Gravadora Sweet Mountain, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PobrSpMwKk4> . Acesso em 30 de janeiro de 2020.

Segundo Teperman (2015), nas décadas de 1980 e 1990, as rádios comunitárias, constituídas principalmente por movimentos sociais para a difusão de suas pautas em favelas e bairros pobres, tiveram grande relevância na divulgação das músicas de rap e dos demais elementos do hip-hop. Assim, tais rádios serviram à popularização das produções estrangeiras e, logo em seguida, oportunizaram espaço para as iniciativas locais - cenas impulsionadas dessa forma são apontadas, pelo autor, em Belo Horizonte e em Fortaleza. Já em Pernambuco, a cena tem como um de seus marcos o documentário que conta a história de proximidade entre um integrante de um grupo de rap – o Faces do Subúrbio – e um assassino festejado pela população, uma espécie de justiceiro local. O autor ressalta a importância de Chico Science e da Nação Zumbi por terem, mesmo sem reivindicar pertencimento ao hip-hop, disseminado os elementos constitutivos dessa nova cena a partir da criação e da difusão do “manguebeat”. Assim como ele destaca a existência, desde o final da década de 1980, de uma cena bastante ativa do rap em Brasília, sobretudo na Ceilândia – citando, então, os grupos Cirurgia Moral e Câmbio Negro.

Entretanto, Ricardo Teperman destaca também a contribuição, em alguma medida visionária, do tropicalista baiano Caetano Veloso ao estabelecer referências às iniciativas musicais da população negra nos Estados Unidos quando nenhum esboço de hip-hop havia por aqui – a canção “Língua”⁴, de 1984 – e de ter sido o primeiro músico a contestar a violência desmedida praticada no massacre do presídio do Carandiru – a canção “Haiti”⁵, de 1993. Em todo caso, é em São Paulo que o rap nacional tem sua mais potente e frutífera recepção.

Nas últimas décadas do século XX, a cidade do Rio de Janeiro também entrava em contato com a *soul music* – ali, entretanto, o funk assumiu o protagonismo. Diversos autores descrevem o processo de difusão dessas festas – o movimento “Black Rio” – em casas da zona sul da cidade, como o Canecão, e sua posterior segregação para regiões afastadas do centro. Valenzuela Arce⁶ evidencia que esse distanciamento decorreu do receio de mobilizações potencialmente subversivas da identidade afro-brasileira, vindo a resultar na elaboração do funk aliada à construção da imagem de uma juventude de favela, de bairros pobres (1997, p. 148):

O Black Rio foi visto com receio pela classe dominante. Saciava-se em fontes que reformulavam as relações interétnicas e questionavam o racismo contra a população de origem africana. Foi proscrito, de modo que a hegemonia musical ficou nas mãos da *disk music*; um ritmo ideologicamente ‘asséptico’ que propiciou, em certo sentido, uma nova forma de articulação na obstinada identificação com os pobres: o funk.

⁴ LÍNGUA. **Caetano Veloso**. LP Velô. Gravadora Philips Records, 1984. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=lingua+caetano+veloso. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

⁵ HAITI. **Caetano Veloso**. CD Tropicália 2. Gravadora Philips Records, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfAxBoxdlb0>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

⁶ ARCE, José M. Valenzuela. **O funk carioca**. In: Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural. HERSCHMANN, Micael (org). Rio de Janeiro: Rocco, 1997. P. 136-162.

Segundo Teperman (2015), a difusão do hip-hop no país se deu em consonância com o movimento negro. Na capital paulista, o centro era o lugar propício para encontros com o objetivo de trocar discos e panfletos de festas. Em pouco tempo, áreas como o Viaduto do Chá, a Rua Vinte e Quatro de Maio, a Estação São Bento do metrô e a Praça Roosevelt, bem como figuras como o dançarino de break Nelson Triunfo e o rapper Thaide, tornavam-se populares e reconhecidos no hip-hop nacional. Logo, programas de televisão convidariam alguns daqueles jovens para apresentações. Nesse movimento de expansão, com o apoio de roqueiros como Nasi e André Jung do grupo Ira!, foram gravados dois dos primeiros discos do rap nacional.

Após a primeira coletânea, realizou-se a gravação do “Consciência Black vol. 1” que trazia, dentre outros nomes daquele momento embrionário, as primeiras músicas de duas duplas que, pouco tempo depois, viriam a constituir o principal grupo do rap nacional – o Racionais MCs. Sobre aquele período de configuração do hip-hop, Teperman observa (2015, p. 38-39):

Muitos dos rappers que participaram de *Consciência Black vol. 1* eram também frequentadores da São Bento. Com a grande afluência de b-boys e skatistas, um grupo de pessoas que se interessavam mais pelo lado poético e político do hip-hop passou a se reunir na praça Roosevelt, também na região central da cidade. A estação São Bento continuou sendo o principal ponto de encontro dos b-boys e a Roosevelt passou a sediar encontros de MCs e discussões sobre a história e a realidade atual dos negros e o papel do rap na denúncia dessas condições. Da efervescência dos encontros na praça Roosevelt surgiu, ainda em 1988, o Sindicato Negro, organização tida como a primeira *posse* brasileira. Inspiradas no modelo da Zulu Nation, de Afrika Bambaataa, as posses são coletivos que reúnem MCs, DJs, breakers, grafiteiros ou simplesmente pessoas interessadas em rap e hip-hop para ações como shows, festas, campanhas de solidariedade, oficinas sobre os elementos do hip-hop, discussões e debates. Acolhendo de maneira espontânea todos os que frequentavam a praça Roosevelt, o Sindicato Negro acabou tendo dificuldade para se manter como organização e durou pouco tempo, mas fomentou a criação de muitas posses em outros bairros e cidades na periferia de São Paulo. No extremo leste da capital paulista, mais de trinta grupos de rap da região marcaram encontro no clube de Esporte e Lazer Cidade Tiradentes para organizar um festival. Os oito grupos que tivessem melhor desempenho nas apresentações seriam selecionados para participar de uma coletânea a ser lançada pelo selo independente Cash Box. Da efervescência dos encontros surgiu a ideia de criar uma posse, batizada de Aliança Negra, e os grupos passaram a se encontrar regularmente na Escola Municipal César Augusto Salgado. O objetivo dos participantes era a promoção da cena do hip-hop local, visando a profissionalização dos grupos. *Aliança negra* foi também o nome escolhido para o LP, lançado no início dos anos 1990. Com o fim da gestão da prefeita Luiza Erundina, mudanças na direção da escola onde a posse se reunia impediram a continuidade dos encontros. (grifos do autor).

O trecho acima registra importante movimento de organização do hip-hop nacional, momento em que se visou ir além do consumo da música e constituir a referida expressão como uma espécie de filosofia e um instrumento de conscientização e atuação social – como deseja Bambaataa. As trajetórias do Sindicato Negro e da Aliança Negra, inclusive, apresentam enredos

e personagens que viemos a encontrar em nossa pesquisa. Essas posses constituíam uma amostra dentre inúmeras, então existentes na região metropolitana da capital paulista – muitas das quais, destaca Teperman (2015), se converteriam em ONGs antes de encerrarem suas atividades.

Enquanto o hip-hop se mobilizava e se organizava nas ruas do país, os veículos de comunicação social, em especial as emissoras de televisão, não pareciam obstinados a explicar, com alguma precisão, aquela novidade. Uma paródia do single “Rapper’s Delight” encenada pelo ator Miele foi veiculada sob o título “o melô do tagarela”⁷. Embora recebida como uma brincadeira, sendo desconsiderada para o histórico do rap nacional, frequentadores dos bailes Black adotaram a expressão para tratar tanto os MCs, quanto o estilo rap (Teperman, 2015, p.60).

Muito em razão da prioridade conferida pela divulgação midiática, a vertente mais difundida do hip-hop que, segundo Teperman, se tornou uma mania, foi o breakdance. O estilo de dança disseminou-se como uma brincadeira e o termo passou a incluir tudo o mais referente ao hip-hop. Não se falava em “rap” e, muito menos, em identidade negra ou cultura da periferia nos grandes veículos. Teperman, inclusive, observa que houve uma preferência, inclusive dos rappers, pela manutenção dos termos em inglês. Sobre o ponto, ele comenta (2015, p. 61):

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha nos oferece uma reflexão poderosa a esse respeito, baseada em uma observação do linguista Roman Jakobson, para quem nenhum elemento de um vocabulário é de fato intraduzível de uma língua para outra. Afinal, é sempre possível recorrer a neologismos ou aproveitar termos da língua vernácula. Seguir usando o termo de empréstimo é uma opção deliberada, que sinaliza o desejo de manter explícita a conexão com uma cultura estrangeira.

O autor, entretanto, expõe haver divergências de perspectivas quanto a esse desejo. Ele observa que “o argumento de que rap é *copiado* (grifo do autor) dos norte-americanos costuma vir carregado de conotação pejorativa, baseado em um conceito de cultura que pressupõe a existência de um ‘original’, situado no tempo e no espaço (2015, p. 63)”. Nesse sentido, considerando a “volumosa produção bibliográfica sobre rap”, afirma também que (2015, p. 64):

No geral, o problema da cópia não se coloca. A relação dos rappers brasileiros com seus pares do hemisfério norte é descomplexada, ao mesmo tempo que cheia de admiração. Mais do que o tabu da cópia, o rap brasileiro nos anos 1980 buscou lidar com o desafio de inventar sua própria tradição. Em um dos livros que se tornou referência no estudo do hip-hop no Brasil, as autoras Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano defendem que “o uso dessa expressão (hip-hop) ganhou o mundo, novas dimensões, e hoje, no Brasil, designa basicamente uma manifestação cultural das periferias das grandes cidades, que envolve distintas representações artísticas de cunho contestatório”.

⁷ MELÔ DO TAGARELA. **Miele**. LP Melô do Tagarela (rapper’s Delight), RCA Records, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1e5dg4gvEjQ> . Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Assim, embora dialogando com uma manifestação estrangeira não evidenciada com exatidão pela grande mídia, os adeptos do hip-hop no Brasil construíram os seus caminhos, enfrentando os seus desafios. O fato de que tanto a mídia quanto os adeptos locais do hip-hop mantiveram o uso dos estrangeirismos não nos permite concluir que o fizeram com a mesma motivação e com a mesma finalidade. É possível que a não substituição vernacular constitua, para uns, meio de orientar verticalmente as manifestações, enquanto, para outros, uma forma de reconhecer as condições sociais e históricas compartilhadas, sem que isso signifique desconsiderar as particularidades culturais e políticas próprias aos contextos nacionais.

No Brasil dos anos 1990, ganhou centralidade um estilo que tem como representante de destaque o grupo Racionais MCs. O enquadramento do “gangsta rap” como fruto das forças tendentes à conscientização política do hip-hop é algo polêmico. O questionamento quanto à sua coerência, ou não, com a noção do quinto elemento se dá porque, no caso, a conscientização impunha uma postura que, ao tempo em que atribui protagonismo ao jovem pobre, exige que ele construa essa imagem a partir de sua realidade social. Logo, noções que aproximam o estilo de práticas violentas e eventualmente ilegais estão sempre a tangenciar a sua identidade.

Sobre as peculiaridades musicais do estilo, Teperman observa que “de maneira geral, pode-se dizer que o gangsta rap é caracterizado por batidas pesadas e sombrias e letras politicamente engajadas e agressivas, retratando os aspectos mais duros da realidade social em comunidades desprivilegiadas (2015, p. 97)”. O autor cita, como o mais incisivo grupo do gangsta rap nacional, os paulistas do Facção Central, com letras e videoclipes violentos. Ressalta-se, entretanto, a alegação do líder do grupo de que suas letras apenas narram fatos do cotidiano da periferia e que, a eles, cabe retratá-lo – alegação também apresentada por diversos outros rappers diante da mesma acusação. Outros nomes de relevo citados por Teperman, como representantes do gangsta rap, são o brasiliense GOG e os paulistanos Afro-X e Dexter.

Sobre a inserção histórica, Teperman contextualiza que, com o fim do regime ditatorial na segunda metade do século XX, a Música Popular Brasileira viu seu potencial de contestação política ser diluído e o termo virar “uma etiqueta de mercado (2015, p. 67)”. A nova configuração da violência no país, centrada nas periferias, encontrou no Racionais MCs sua nova expressão ideal. Ao falar da violência de modo violento, sem eufemismos, o grupo marcou posição inexistente na música brasileira. Sobre os inúmeros estudos acerca do tema, Teperman salienta que “a façanha do Racionais e, por extensão, do rap nacional, foi fazer música reivindicando identidade de raça e de classe e convertendo ‘humilhação em orgulho’ (2015, p.68)”.

Esse posicionamento, contudo, não passou despercebido por agentes do Estado e de parcelas da sociedade que se sentiram incomodadas com letras que representam o sentimento do jovem das periferias brasileiras, quando, por exemplo, o eu lírico afirma: “Não acredito na polícia, raça do caralho”⁸. Assim, tornou-se corriqueiro confusões entre policiais e o público ou mesmo os músicos em apresentações do grupo. Teperman (2015) aponta comentários de Mano Brow (líder do Racionais) e de outros rappers que reconhecem benefícios para a população periférica decorrentes da ascensão do Primeiro Comando da Capital como situações delicadas, bem como salienta que a tênue linha da legalidade está sempre sendo atravessada na produção musical do grupo – como na música em que afirma “Hoje eu sou ladrão, artigo 157. A polícia bola um plano, eu sou herói dos pivete”⁹. O posicionamento contestador do Racionais, contudo, não se limitou ao teor incisivo de suas letras ou ao estilo de suas melodias, nem mesmo à estética de suas vestimentas e do comportamento do grupo. Nas palavras de Teperman (2015, p.81):

Não se trata apenas de um discurso presente na produção artística do grupo, mas também de um modo de ação ou inserção social – recusa renitente aos convites da grande mídia e aos contratos publicitários, fidelidade aos meios de produção (gravadoras, mídia, espaços de apresentação) de sua própria classe. O Racionais construiu sua trajetória sem depender dos mecanismos ‘centrais’ de produção. E, mesmo que isso não estivesse nos planos dos integrantes do grupo, acabou por tornar-se central no cenário da música brasileira.

Como constata Teperman (2015, p. 76), o Racionais propunha, em suma, a ruptura com a proposta conciliatória, vigente, inclusive, em meio à intelectualidade brasileira, do “mito da democracia racial”. Nas palavras do autor (2015, p. 76-77):

A novidade do Racionais foi criar um processo identitário poderoso fora da chave “nacional-patriótica” que havia marcado tanto a experiência da chamada *axé music* quanto do samba carioca, para ficar em apenas dois exemplos, no campo da música popular. (...) A visão do Racionais sobre a mestiçagem brasileira só pode ser entendida no cruzamento de “raça” com a categoria “classe social”. O problema da desigualdade racial não pode ser entendido se não for cruzado com a questão da desigualdade social – o racismo atinge principalmente as famílias pobres. Mas a letra de “Racistas otários” explica que o pobre preto ou pardo é ainda mais vítima de discriminação que o branco: “o sistema é racista, cruel/levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus/ os sociólogos preferem ser imparciais/ e dizem ser financeiro nosso dilema/ mas se analisarmos bem mais você descobre/ que negro e branco pobre se parecem mas não são iguais”.

⁸ HOMEM NA ESTRADA. **Racionais MCs**. LP Raio X do Brasil. Gravadora Zimbabwe, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SkHS9r1haXE>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

⁹ EU SOU 157. **Racionais MCs**. CD e LP Nada como um dia após o outro dia. Gravadora Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgysUhl98As>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

O posicionamento político do Racionais MCs simboliza, portanto, o rap nacional no final do século XX. Ao conferir atenção aos dilemas próprios da realidade brasileira, o grupo liderou a autonomia do hip-hop nacional frente as peculiaridades elaboradas em outros países, em especial nos Estados Unidos. A expressão “gangsta rap”, inclusive, surge naquele país da América do Norte e lá tem seus representantes – os mais destacados, Tupac Shakur e Notorius BIG, após desentendimentos entre eles, terminaram assassinados em episódios diferentes (distantes cerca de seis meses), mas igualmente misteriosos. Em que pese os citados rappers terem a admiração dos adeptos do rap no Brasil, deve-se reafirmar que o hip-hop nacional, sob a influência do estilo gangsta, encontrou seu caminho próprio até o século XXI.

O início dos anos 2000, todavia, deflagra um novo cenário no hip-hop, aquele no qual, com maior precisão, se situa este trabalho. Ricardo Teperman (2015) salienta a importância do filme “8 Mile”¹⁰, em que o rapper branco estadunidense Eminem vive um jovem de origem pobre que enfrenta dificuldades familiares, mas que sonha em se profissionalizar como MC. Sobre a obra cinematográfica o autor explica (Ibidem, p. 118):

A principal amarração do filme são duas participações de B-Rabbit (personagem vivido por Eminem) em batalhas de freestyle. Esses duelos de improviso marcam os pontos de inflexão na viagem do herói. Na primeira, logo no começo do filme, ele ‘ramela’ – ou seja, fica nervoso demais e não consegue rimar. Ao final, ele derrota os capangas Lickety e Lotto, para finalmente deixar sem palavras o chefe Papa Doc. Depois da vitória, chega a ser convidado para ser o apresentador da batalha, mas prefere seguir seu caminho sozinho. A perspectiva de conseguir um contrato com uma gravadora atravessa a narrativa, e mesmo se B-Rabbit termina o filme sem assinar contrato nenhum, o público fica sugestionado sabendo que, “na vida real”, Eminem veio a se tornar um dos grandes nomes do show business americano.

Teperman (2015) explica como as vitórias do personagem vivido por Eminem se sustentaram exatamente na subversão da correspondência entre classe e raça. B-Rabbit surpreende a todos ao evidenciar que ele, apesar de branco, tem uma vida extremamente difícil enquanto seus adversários, negros, teriam desfrutado de uma situação familiar estável e economicamente abastada. Percebe-se, portanto, como o filme parece afrouxar o laço entre as duas condições de segregação, raça e classe, como se eventual correspondência entre elas fosse aleatória. Logo, essa elaboração da indústria cinematográfica, em alguma medida, instabiliza a configuração do quinto elemento a partir da conscientização política e mobilização organizada da população negra. Teperman também contextualiza a importância de “8 Mile” para aquilo que trato, neste trabalho, como “a cena dos duelos de MCs” (Ibidem, p. 121):

¹⁰ 8 MILE. Direção: Curtis Hanson. Roteiro: Scott Silver. Estados Unidos da América, 2002 (111min).

O filme acabou por estabelecer um marco no que diz respeito à disseminação da prática de batalhas de freestyle no Brasil. Na época da estreia de 8 Mile, a casa do MC Aori, no bairro carioca da Lapa, era o ponto de encontro de muitos MCs e DJs cariocas, como Marechal, Babão, Dom Negrone e Funkeiro. Inspirados pelo filme, juntaram-se no bar do Zezinho, no número 73 da rua Riachuelo: cada participante contribuiu com um real, e o montante seria o prêmio da primeira edição do evento que veio a ser conhecido como Batalha do Real. Os organizadores da batalha concordam no fato de que 8 Mile foi importante porque todo mundo logo ‘entendia do que se tratava’, (...). O formato básico do duelo foi copiado do que se via no filme: dois rounds de 45 segundos, durante os quais um MC atacaria o outro com os insultos e provocações mais ácidos que pudesse. Depois dos dois rounds, o apresentador pedia que a plateia fizesse barulho para seu improvisador preferido. Caso o apresentador avaliasse que o volume do barulho justificava um empate, iriam para um terceiro e último round.

Não possível afirmar com exatidão em que medida a produção cinematográfica fomentou os duelos de MCs e em que medida conferiu sistematicidade, regras e orientação valorativa, e por conseguinte, um enquadramento estrutural, a uma prática existente. Contudo, é inegável que 8 Mile constituiu marco central de disseminação dessa prática no país – e em outras localidades que consomem a indústria cultural estadunidense. A Batalha do Real que, registra Teperman (2015, p. 122), passou a se intitular como a “tradicional” batalha do real, continuou a se expandir, dialogando com outros estados do Brasil. Diz o autor (Ibidem, p. 123):

Ao longo de 2003, Cesar Schwenck e Aori tiveram uma ideia para potencializar o que vinha acontecendo na Batalha do Real. Em vez de simplesmente ter um vencedor por noite, imaginaram um campeonato que colocasse em confronto os campeões de batalhas, para decidir “que cara era O cara”. Naquele mesmo ano teve início a Liga dos MCs, um torneio anual que reúne aqueles que seriam os melhores MCs de batalha do Rio de Janeiro. No ano seguinte, os organizadores da Liga receberam um convite do rapper Xis para realizarem um evento juntos, em São Paulo. A edição especial da Liga ocorreu na choperia do Sesc Pompeia e o vencedor foi Max B.O. Desde então, a Liga acontece praticamente todo ano, com variações significativas a cada edição. A Brutal Crew, organizadora do evento, chegou a ter patrocínio de marcas como Red Bull e Nike. Em 2007, 2009 e 2010, foram organizadas edições nacionais, reunindo MCs selecionados nas principais batalhas do país. Isso porque o número de eventos que promovem batalhas no Brasil não parou de aumentar.

O relato indica que os primeiros passos das batalhas de MCs se deram em estados do sudeste, ao longo dos anos 2000. A experiência que acompanharemos neste trabalho se dá longe das capitais política e econômica do país – nesses locais, o hip-hop possuía alguma estruturação decorrente das décadas anteriores e pode contar com o apoio de empresas como as citadas no trecho acima. Todavia, não se trata apenas de diferenças. Há circunstâncias que inserem os participantes da Batalha do Vinho na esteira daqueles que, cerca de dez anos antes, criaram as

primeiras batalhas de MCs. Essas circunstâncias são de duas ordens, a primeira refere-se ao cenário político e econômico do país; a segunda, às recentes condições de acesso à informação e de comunicação. Nesse sentido, vejamos o comentário de Teperman (2015, p.124):

O perfil aproximado dos MCs de batalha é de jovens entre quinze e 25 anos, cursando ou tendo concluído o ensino médio, em seguida conciliando pequenos trabalhos com a formação em nível superior (no geral faculdades particulares) ou em nível técnico. É o suficiente para distingui-los dos integrantes do Racionais – nenhum deles concluiu o ensino médio. Quase trinta anos depois (...) dos “tempos da São Bento” e do surgimento do grupo Racionais MCs, a posição relativa do rap e dos rappers no campo da produção cultural no Brasil foi significativamente alterada, como parte das transformações pelas quais o país passou nesse período, suscitando novos dilemas, contradições e demandas para os músicos e consumidores dessa música. (...) Com menos de trinta anos de idade, esses artistas muitas vezes tiveram os primeiros contatos com o rap em festivais de música promovidos nos colégios onde estudaram, ou então acessando a internet em lan houses ou mesmos em seus computadores pessoais. A maior escolaridade, o maior acesso a bens de consumo, a desenvoltura no trato com a mídia e o desembaraço com as noções de “carreira” e “mercado” são alguns dos aspectos que diferenciam as duas gerações.

Essas particularidades, de fato, foram constantes em nossa pesquisa – a influência das mudanças políticas e tecnológicas das primeiras décadas do século se mostraram essenciais para a existência da Batalha do Vinho. A descrição social do participante das batalhas, entretanto, está longe de ser estável. De certo, há os que se enquadram, com precisão, na caracterização do autor. Contudo, a Batalha do Vinho veio a evidenciar uma realidade ainda distante de uma satisfatória ascensão. É possível que as incidências com as quais teve contato ou clima político ainda vigente quando de sua escrita, tenha levado o autor a não ressaltar vivências que destoam da descrição acima e que se fazem presente no hip-hop e, certamente, nas batalhas de MCs.

Não obstante a importância das batalhas, as últimas décadas assistiu iniciativas que, organizadas no modo anterior, propunham a difusão do quinto elemento do hip-hop. Teperman avalia, considerando as diversas posses, que talvez a que tenha ganho maior expressão nacional, com filiais em vários estados brasileiros, tenha sido a Central Única das Favelas. Conforme o autor, a CUFA foi “criada no Rio de Janeiro em 2000 pelo produtor Celso Athayde e pelos rappers Nega Gizza e MV Bill. Entre 2000 e 2009, a Cufa realizou anualmente o prêmio Hutúz, que destaca artistas e organizações ligados ao hip-hop (2015, p. 43)”. Na premiação, não apenas os quatro elementos iniciais foram reconhecidos, mas também havia o prêmio de “Hip-hop ciência e conhecimento”. Teperman registra ainda que “em 2006, a Cufa fez barulho ao lançar o documentário Falcão: meninos do tráfico, dirigido por Athayde e MV Bill e exibido em

capítulos durante o programa Fantástico, na Rede Globo (2015, p.44)”. Por fim, mencionando a proximidade que a CUFA chegou a ter da política eleitoral, o autor informa que (2015, p.44):

MV Bill também liderou a organização de um encontro de lideranças do hip-hop com o presidente Lula, em 2004. Dois anos depois, a Cufa voltaria a liderar um encontro de representantes de vários movimentos sociais com o presidente. Tendo lançado diversos discos e se tornado um MC respeitado e conhecido, MV Bill várias vezes chegou a anunciar a criação de um partido político, o Partido Popular Para a Maioria (PPPomar), e cogitava se candidatar ao Senado. Poucas vezes o rap esteve tão próximo da política. De todo modo, com as posses, o rap – e sobretudo sua vertente mais politizada – ganhou institucionalidade.

A experiência da CUFA merece ser destacada por apresentar relações e contextos que se farão presentes no curso de nossa etnografia, uma vez que as batalhas de MCs, enquanto manifestação a ganhar protagonismo no hip-hop, constituirá espaços e agentes cada vez mais integrados com as formas estruturadas da sociedade brasileira. Em síntese, este é o cenário em que a prática das batalhas de MCs tem se desenvolvido nas diversas regiões do país.

UMA INICIAL LOCALIZAÇÃO TEÓRICA.

A antropóloga estadunidense Sherry B. Ortner, ao participar da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia dedicou parte de sua fala ao tema “Uma Atualização da Teoria da Prática¹¹”. Nela, a conferencista contextualizou o surgimento da teoria da prática, na década de 1970, em um cenário disputado pelos três paradigmas representados por Clifford Geertz, Eric Wolf e os pós-estruturalismos – todos dando continuidade às suas tradicionais linhagens teóricas. Em alguma medida contrários ao funcionalismo durkheimiano, essas concepções apostavam numa “teoria da coerção”. Ortner (2007a, p. 20), então, observa que tal perspectiva evidencia a força da estrutura sobre os indivíduos, mas despreza, em grande medida, “a agência humana” desses “atores sociais”, assim como as “práticas sociais” que cotidianamente reifica a estruturação social, mas que podem, também, servir à sua recriação, a uma construção diversa do mundo.

Segundo Ortner (2007a), os principais responsáveis pelo surgimento da teoria da prática – Bourdieu, Giddens e Sahlins – adotaram perspectivas que articulam as práticas da vida concreta com as grandes estruturas sociais, os sistemas que exercem coerção sobre os

¹¹ ORTNER, Sherry B. **Uma Atualização da Teoria da Prática (Conferência)**. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia, 2006. P.19-44. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1751_318_ConferenciaseDialogos.pdf . Acesso em 08 de novembro de 2020.

indivíduos. Portanto, têm-se uma forma relacional entre estrutura e práticas sociais – de maneira que uma é feita ao tempo em que faz a outra. Nas palavras da autora (Ibidem, 2007, p. 21),

A perspectiva ‘objetivista’ (como a economia política de Wolf) e a ‘subjativista’ (como a antropologia interpretativista de Geertz) não eram maneiras opostas de fazer ciência social, mas representavam ‘momentos’ (Bourdieu, 1978) de um projeto maior que visava a entender a dialética da vida social.

Ortner, pois, acredita que há fatores e circunstâncias que instabilizam as configurações da vida social e que, por isso, demandam o aprimoramento da abordagem, ou seja, uma diversa combinação teórica com vistas a melhor compreender, dialeticamente, o momento social sob análise. É a partir desse entendimento, inclusive, que a pesquisadora se propõe a refletir sobre o que chama de “mudança do poder”, de “guinada histórica” e de “reinterpretações da cultura”.

Uma década depois de tratar sobre a teoria da prática, a autora escreveu sobre uma outra “guinada”, essa em direção a uma “antropologia negra/escura” ou, nos parece mais adequado, uma “antropologia sombria”¹². Neste momento, Ortner (2016) propõe a discussão da antropologia contemporânea (pesquisa etnográfica e teoria) no cenário das sociedades constituídas após a década de 1980, mais precisamente sob os nefastos efeitos sociais e psicológicos do movimento econômico e político do neoliberalismo. Assim, considerando a inevitável pertinência que o cientista social deve manter entre os estudos que empreende e a realidade vivida, Ortner (2016) propõe-se à destrinchar os efeitos deflagrados no contexto do colapso do “American Dream” – mundialmente marcados pelos governos Thatcher (Reino Unido) e Regan (EUA) – e que culminaram na crise global do sistema financeiro de 2008.

Ao destacar a perspectiva que embasa sua posição, Ortner (2016) ressalta que o contato do neoliberalismo se dá de maneiras diversas com as variadas configurações nacionais, bem como destaca a cooptação dos países de economias mais frágeis por estas políticas neoliberais difundidas por organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Se Ortner (2016, p.48) classifica a situação da sociedade estadunidense como “muito extrema” em razão de uma transferência ascendente de riquezas, caberia perguntar como classificar o processo de dupla transferência vivido por economias como a brasileira – expropriada pela classe dirigente hegemônica e pelo capitalismo estrangeiro hegemônico.

¹² ORTNER, Sherry B. **Dark anthropology and its others Theory since the eighties**. In Hau: Journal of Ethnographic Theory. University of California, Los Angeles, 2016. P. (1): 47–73. Disponível em: [Dark anthropology and its others: Theory since the eighties \(uchicago.edu\)](https://www.uchicago.edu/sites/default/files/inline-images/darkanthropologyanditsothers%20Theorysince%20the%20eighties.pdf). Acesso em 08 de novembro de 2020.

A autora contextualiza a contribuição, na análise das formas de exploração capitalista, ofertada por outras perspectivas de estudo do poder e da desigualdade humana – como o feminismo e o colonialismo. Nesse cenário, observa que se de Marx e Eric Wolf decorre a análise da política econômica, a contribuição de Michel Foucault aponta para a compreensão desses outros exercícios do poder. Assim, completa-se a constituição do objeto da antropologia sombria, com a observância das consequências sociais e psicológicas da exploração econômica por meio de determinadas estratégias de “governamentalidade punitiva” (Ortner, 2016, p. 56).

Esta guinada da antropologia, contudo, não se dá à salvo de contestações. Nesse sentido, Sherry Ortner (2016) apresenta dois grandes grupos de trabalhos antropológicos que classifica como oposição e opção à antropologia sombria. Os autores do primeiro desses grupos acusam a antropologia sombria de promover uma espécie de sensacionalismo do sofrimento alheio, das mazelas e das dores humanas. Em seu lugar, propõem uma “antropologia do bom” que seria constituída pelo estudo da felicidade e do bem-estar, assim como da moral e da ética. Já o segundo grupo de trabalhos que a autora considera diverso da perspectiva sombria, e como aprimoramento da antropologia do bom, são os estudos de resistência, de crítica e de ativismo.

Ao levar em conta tais considerações, este trabalho percorre os dois trajetos abordados por Sherry Ortner. Nele, apreendo a manifestação cultural a partir da atuação dos indivíduos que a empreende, em práticas imbuídas de solidariedade e de competição, até a análise das elaborações mais complexas estabelecidas no evento em si e no contexto social no qual ele se insere. Igualmente, estamos a incursionar, nos capítulos a seguir, por uma antropologia sombria, mas não só. Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará relatos de momentos felizes, de maneira a, em meio a ambos os extremos, recolher indícios de resistência e de esperança.

O capítulo primeiro é dedicado a conhecer a Batalha do Vinho. Nele, veremos que, realizada por jovens interessados em “brincar de rimas”, a iniciativa passou a reunir, a cada final de semana, mais e mais adeptos. Essa situação, por sua vez, demandou a adoção de diversas providências – destinadas a comportar adequadamente os presentes e a continuar a difundir o evento, mas, também, com vistas a superar obstáculos trazidos por esse crescimento.

Ao abordar o processo vivido pela Batalha do Vinho, concedo especial atenção a um desses jovens. Embora não tenha sido um dos iniciadores dos encontros, a empolgação com que aderiu ao evento foi imprescindível para a realização deste trabalho. Isso, não apenas por ter sido ele o meu principal informante durante a pesquisa, mas, sobretudo, por ter sido graças a ele que tomei conhecimento da existência da Batalha do Vinho. O contato prévio com esse jovem e com suas práticas me concedeu chaves essenciais para compreender a relevância de sua agência para o evento e os meandros das relações subjacentes ao objeto investigado.

Em seguida, apresentados os primeiros passos da iniciativa e desse seu importante personagem, promovo o encontro de ambos – descrevo, junto à minha experiência etnográfica, as contribuições por ele ofertadas para o crescimento da Batalha do Vinho. Por fim, procuro assimilar os diferentes elementos do evento na perspectiva do indivíduo que os concatena ao, aparentemente, elaborar a realidade social a partir de uma típica construção ficcional – como se a sociabilidade vivida fosse um texto produzido, não necessariamente de maneira consciente.

A construção desse capítulo – o mais etnográfico de todos – demandou, além da observação-participante, diferentes esforços de pesquisa: como entrevistas, a incursão em diversas redes sociais, a retomada de materiais e memórias pessoais anteriores à pesquisa, bem como a busca, também online, de material disponível referente àquele período. Nesse sentido, ao adentrar em publicações feitas em páginas pessoais, estabeleci o procedimento de apenas transcrever o conteúdo definido como público e de não evidenciar respectivas imagens ou links.

O segundo capítulo inicia-se com a proposta de fazer o leitor me acompanhar em um dia na Batalha do Vinho. Embora de redação simples, desprovido da pretensão de excelência literária, procuro reunir os principais cenários, personagens e enredos contextuais ao evento. Nesse sentido, cabe salientar que os registros dos dias que lá efetivamente compareci, em razão das características do ambiente (pouca luminosidade, alto níveis sonoros e intenso trânsito de pessoas), demandaram algumas adaptações – papel e caneta foram substituídos por métodos eletrônicos, como o gravador de voz ou mesmo as notas, escritas e em áudio, no celular (ao salvar meu próprio número como contato no Whatsapp, todo o conteúdo que julgava importante ficava ali à disposição, não apenas no meu aparelho, mas também no backup do aplicativo).

Em seguida, sustento a adequação teórica dos eventos em torno da prática da batalha de rimas como uma cena cultural. Para tanto, tomo a Batalha do Vinho como incidência apta a evidenciar o preenchimento dos requisitos elencados pelos estudiosos do referido conceito. Para além da instabilidade e do excesso informacional, características indispensáveis à constituição de uma cena, bem como da definição de sua particular prática, do gênero em que se enquadra e do local em que se realiza, há quem aponte outros elementos, senão indispensáveis à sua definição, aptos a lhe conferir maior acuidade teórica. Assim, adentro à análise dos duelos de MCs como prática inserida num contexto juvenil e underground e sob influência anglófona.

Os capítulos seguintes servem a uma análise ampliada da cena: a expansão de seus eventos, as modificações empreendidas em sua prática e as consequências para seus praticantes.

No capítulo terceiro, sob uma perspectiva analítico-ritual, considero os efeitos da reunião de indivíduos que compartilham a condição de inferioridade estrutural – como esses encontros servem ao fortalecimento de vínculos diretos e quais suas consequências perante a

totalidade social. Em seguida, apresento outras incidências da cena a que estive presente, as etapas regional e nacional dos duelos de MCs e a cena em município do interior potiguar – ocorrências acompanhadas de suas características de estruturação, conforme pude constatar.

O quarto capítulo atém-se à perspectiva estrutural conferida à cena dos duelos de MCs. Nele, poderemos observar um tratamento coerente com a reificação das formas estruturais e os atos de sua implementação no âmbito das batalhas. Ao realizar tal abordagem, considero o cenário político do país, precisamente, os usos atribuídos à prática da violência e a formulações ideológicas. Para tanto, apresento elementos etnográficos pertinentes às modificações na prática dos duelos, em suas modalidades de disputas e nos ethos subjacentes aos seus diferentes momentos, cotejando-os frente a elaborações teóricas referentes ao estudo da masculinidade em grupos juvenis e ao tratamento social conferido ao hip-hop e a expressões culturais semelhantes.

O último capítulo concretiza a indispensável atenção ao papel das redes sociais online na existência da Batalha do Vinho – superando a ideia de uma separação estanque entre off e o online. Se os capítulos antecedentes priorizam a perspectiva política e o contexto sociocultural da cena, este momento do trabalho valida a afirmativa de Ricardo Teperman (2015) quanto a relevância dos atuais meios de comunicação e de informação para a prática dos duelos de rimas. Abordarei, então, a página no Facebook e o canal no Youtube como instrumentos de divulgação e os grupos no Facebook e no WhatsApp como espaços de sociabilidade da Batalha do Vinho.

É preciso destacar, em todo caso, que esta compartimentalização está longe de ser absoluta. A importância da internet e dos instrumentos dela dependentes é ressaltada ao longo de todo o escrito – sendo indispensável para o que há de sombrio e de feliz na Batalha do Vinho; indispensável para o seu surgimento, crescimento e também para o fim – senão para o fim dos encontros chamados de “Batalha do Vinho”, para o fim daquilo que conheci sob tal expressão.

1. NÃO, A BATALHA DO VINHO NÃO É PARA VER QUEM BEBE MAIS¹³.

Este capítulo tem a finalidade de apresentar a Batalha do Vinho, o contexto de sua realização e a perspectiva sob a qual estabeleci contato com ela, vindo a empreender a presente escrita. A Batalha do Vinho constitui um âmbito de interação social, com práticas, valores, personagens e cenários próprios. A principal dessas características, a prática que mobiliza e coloca centenas, quando não milhares, de pessoas em interação, é a disputa de rimas entre MCs.

Os duelos ou as batalhas, como são chamados tais confrontos, não são exatamente algo novo no cenário nacional ou mesmo local. Contudo, com a disseminação dos recentes meios de comunicação e informação, um novo contexto se instaurou. Em 2003, a Brutal Crew, grupo de adeptos e realizadores de eventos do hip-hop na capital fluminense, passou a realizar a Liga de MCs. No ano 2004, a *Music Television – MTV* também empreendeu uma liga de MCs cujos duelos eram transmitidos para todo o país. Eram, pois, iniciativas diversas¹⁴.

Já a partir de 2007 realizando seletivas nas três capitais do Sudeste, assim como em Recife/PE e em Porto Alegre/RS¹⁵, a Liga de MCs da Brutal Crew realizou edições anuais até 2010 e – salvo uma edição em 2013 – não mais retomou suas atividades. Possivelmente considerando o vácuo deixado no ano de 2011, a Família de Rua, entidade promotora do hip-hop na capital mineira, passou a promover, a partir de 2012, o Duelo Nacional de MCs. Realizado geralmente no mês de novembro, sob o viaduto Santa Tereza no centro de Belo Horizonte, o Duelo Nacional de MCs reúne representantes de diferentes estados brasileiros selecionados a partir de etapas cujas regras são aprimoradas, com tendência à complexificação, ano após ano¹⁶.

No mesmo período, na Zona Norte de Natal, alguns jovens começavam a se reunir em torno de praças, como é típico nas manifestações do hip-hop¹⁷, que formam um complexo de equipamentos urbanos localizados no conjunto habitacional Gramoré, bairro Lagoa Azul. Cerca de um ano após o início dos encontros, a iniciativa veio a ser batizada de “Batalha do Vinho” e teve criado seu primeiro espaço online, ao constituir um grupo na rede social Facebook.

¹³ Como esclareceu Roney Miranda, organizador e nosso informante, em entrevista concedida em setembro de 2017.

¹⁴ Liga dos MCs. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_MCs. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

¹⁵ “Liga dos MCs escolhe melhor rapper no Circo Voador”. **O Globo Online**, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2007. Seção Cultura. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/liga-dos-mcs-escolhe-melhor-rapper-no-circo-voador-4134084>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

¹⁶ Liga dos MCs. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_MCs. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

¹⁷ HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop Invadem a Cena**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, pag. 188.

Os equipamentos utilizados pela Batalha do Vinho são três: o Ginásio Municipal Nélcio Dias, de amplo conhecimento em toda a cidade, uma vez que ali ocorrem os principais eventos esportivos na capital potiguar e em cujo entorno (área de estacionamento) ocorrem parte das festividades natalinas (e eventualmente em outras datas relevantes) realizadas pela Prefeitura de Natal e abertas à população; uma praça constituída por dois anfiteatros, um menor e outro maior, intermediados por diversos bancos e mesas de concreto e maquinário para exercício físico disponível à comunidade – área formalmente nomeada de “Espaço Cultural Jesiel Figueiredo”, sendo cercada por alambrados e possuindo uma direção administrativa que conta, além de seu titular, com vigilantes municipais responsáveis pela manutenção da integridade patrimonial; e uma outra praça – essa de amplo acesso ao público – constituída por duas quadras, uma de areia e outra de concreto, assim como por uma pista em formato de semicírculo côncavo destinada a práticas como o skate e o bicicross – conhecida como a “Praça do Half”.

No cenário nacional, um ano após o início do Duelo Nacional realizado pela Família de Rua, o grupo Abril encerrava as transmissões da marca MTV no país¹⁸. O mundo do Hip-Hop experienciava um novo momento, em que a difusão dos conteúdos passava a ocorrer de maneira menos unilateral – das emissoras para os telespectadores, esses rompiam as limitações que lhes impunha apenas assistir os confrontos. Agora, eles poderiam gravar e postar as suas próprias atuações, ter seu próprio desempenho avaliado e, eventualmente, admirado, país à fora.

1.1 O SURGIMENTO DA BATALHA DO VINHO.

Um dos principais participantes da Batalha do Vinho, o MC Kung Fu, me contou que sempre frequentara aqueles equipamentos situados próximos à sua residência (desde que, saído da cidade vizinha de Ceará-Mirim, passou a morar na zona norte da capital) para praticar o breakdance, e que, logo, alguns jovens começaram também a rimar e a partir daí surgiu o que, hoje, é a Batalha do Vinho. Sobre aquele momento inicial, MC Kung Fu comentou o seguinte¹⁹:

A gente começou a dançar break no Jesiel, a gente dançou ainda um bocado de tempo até começar a surgir coisa com rima. A rima veio começar a aparecer por aqui... mas ninguém rimava de improviso não, quem rimava de improviso mesmo era Ninão, que é um B-boy da “Super B-boy Sergipe” que estava morando aqui em Natal um tempo, aí ele fazia umas rimas de improviso e só quem acompanhava ele de improviso era eu. Bolla, Percy, David, Lucas, DL, eles começaram a fazer rima bem depois. Aí o Bolla teve uma ideia, o Bolla era do “Arte de Rua” que é um dos primeiros grupos de break daqui de Natal, aí ele saiu do grupo do Arte de Rua e começou a dançar break com a gente, aí ele teve essa brilhante ideia de começar com a batalha de rimas. No começo não era nem batalha, era só treino mesmo de rimar de improviso. A gente veio

¹⁸ MTV. Brasil. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/MTV_Brasil. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

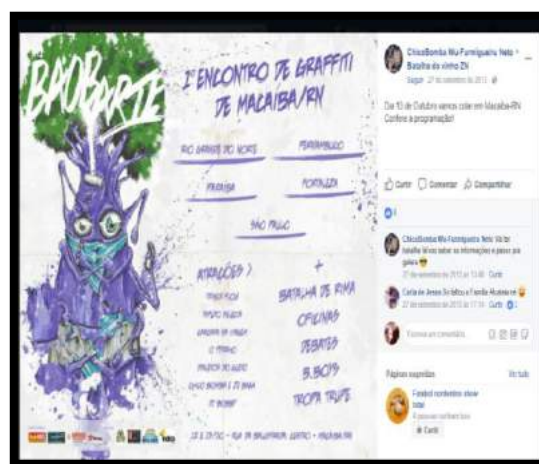
¹⁹ Entrevista realizada na manhã de 07 de outubro de 2019.

começar a partir para a Batalha ao longo que o pessoal foi evoluindo e foi começando a aparecer mais gente, cada vez mais pessoas.

Ainda sobre aquele momento, o grupo da Batalha do Vinho no Facebook nos ajuda a conhecer aquelas mobilizações iniciais. De fato, antes do surgimento do Batalha do Vinho, havia práticas e adeptos do hip-hop na localidade. Muitos dos primeiros interessados nas batalhas de rimas eram praticantes de uma vertente fundadora do hip-hop, o breakdance. A partir de algumas publicações realizadas no Facebook, pode-se constatar que o espaço virtual servia à divulgação de outros encontros e projetos do hip-hop na região metropolitana de Natal.



Em 24/09/2013, publicação, no grupo da Batalha, convida para a 3ª edição da “maior festa de hip-hop do RN”.



Em 27/09/2013, publicação, no grupo da Batalha, convida para o I Encontro de Graffiti de Macaíba/RN



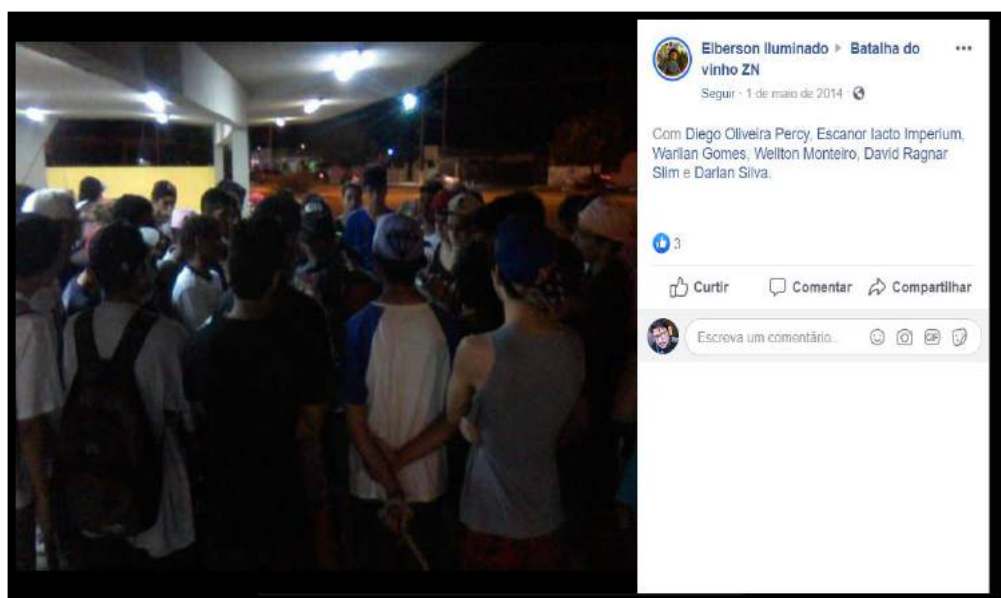
Em 06/12/2013, publicação, no grupo da Batalha do Vinho, anuncia festa com entrada paga em que as atrações seriam apresentações musicais e realização de batalhas de MCs.

As publicações acima evidenciam que, como de regra no país, o hip-hop estava presente na cidade antes da Batalha do Vinho. O que vem a individualizar esse evento são as características decorrentes do contexto em que surge e se desenvolve, o momento político e o

acesso às tecnologias – a disseminação da telefonia móvel e da internet a possibilitar a relativização das distâncias, inclusive entre a condição de mero espectador e a posição de MC.

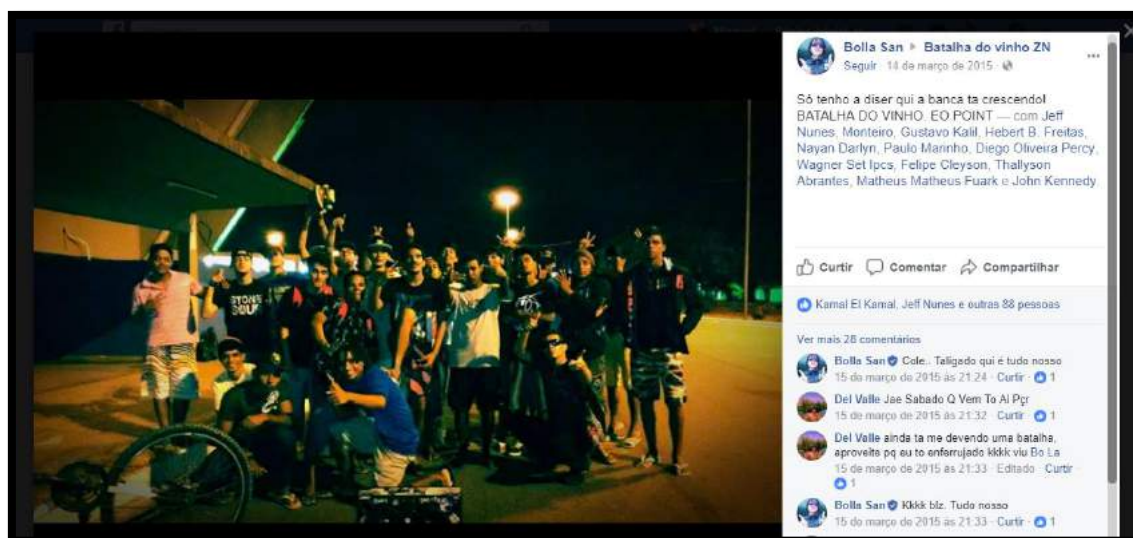
Apesar de alguns participantes se reunirem para dançar e improvisar rimas, a, cada vez mais ampla, possibilidade de disseminação de tais conteúdos, de serem vistos e de acessarem iniciativas semelhantes, de criar redes em torno da prática dos duelos, despertou a atenção de outros jovens, sobretudo, em áreas urbanas onde o hip-hop se fazia predominante há décadas.

O processo vivenciado na Batalha do Vinho é semelhante a outras experiências ocorridas. Iniciados em 2012, os encontros da Batalha do Vinho continuaram a ocorrer e a angariar participantes, não apenas em 2013, mas também em 2014 e 2015. Embora algumas vezes realizadas na Praça do Half, o principal cenário das disputas era a parte externa do Ginásio Nélcio Dias, seja sob suas marquises, ou seja, um pouco afastado, no seu estacionamento.



Publicação no grupo da Batalha do Vinho no Facebook (01/05/2014), registra os participantes e curiosos sob a marquise do ginásio Nélcio Dias.

O principal nome à frente desses primeiros encontros era o MC Bolla, publicamente identificado como responsável pela intensificação daqueles momentos de distração e pelo aumento do número de seus participantes. Nesse processo de crescimento, em junho de 2014 e março de 2015, a Batalha do Vinho teve criados, respectivamente, seu canal no Youtube e sua página no Facebook – somando-se ao grupo já existente no Facebook. Nesses espaços online, o MC Bolla procurava divulgar a iniciativa. Na publicação a seguir, ele relata o aumento do número de frequentadores, marcando, na foto publicada, parte de seus primeiros colaboradores.



Em 14/03/2015, publicação relata que “a banca tá crescendo”.



Em 21/03/2015, publicação registra participantes sob a marquise do Ginásio Nélcio Dias.

Entretanto, como seria de se esperar, o crescimento no número de pessoas presentes naqueles encontros exigia que medidas tendentes à organização do evento fossem adotadas. As primeiras dessas demandas podiam ser encaradas como positivas, uma vez que destinadas a potencializar a experiência prazerosa dos duelos. Assim, o MC Bolla e outros participantes conseguiram adquirir uma caixa de som e microfones a serem utilizados nas disputas²⁰. Igualmente, teve boa receptividade entre os frequentadores a ideia de confeccionar camisas da Batalha do Vinho para serem vendidas – iniciativa que o MC Bolla também empreendeu.

²⁰ Vídeo de 1:20min em que o MC Bolla e outros participantes solicitam contribuição para compra do som e de microfones para a Batalha. Disponível em <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/594893077339364/>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.



Em 24/07/2015, comunicado sobre a aquisição de uma caixa de som a ser utilizada nas batalhas.



Em 19/10/2015, anúncio da disponibilidade, para venda, de camisas da Batalha do Vinho.

Nessa toada, os encontros semanais seguiam tranquilamente. A cada sábado, maior era o número de pessoas – certamente maior também era a potência sonora gerada pelos presentes e pela caixa de som recém-adquirida. Tais circunstâncias, então, passaram a chamar a atenção de moradores das redondezas e de agentes da Segurança Pública, precisamente da Polícia Militar. De tal maneira, a atenção despertada resultou, em outubro de 2015, numa situação limite: uma intimidadora abordagem policial causou pânico entre os frequentadores da Batalha do Vinho²¹.

O fato terminou por mobilizar uma rede de conhecidos na localidade que procurou intermediar o contato com o poder público municipal, mais precisamente com a Secretaria de Cultura – pasta à qual é vinculada a “Fundação Cultural Capitania das Artes - Funcarte”. À esse órgão, a Funcarte, cabia a prerrogativa de conceder o direito de uso do equipamento urbano situado em frente ao Ginásio Nélcio Dias – de acesso restrito, o “Espaço Cultural Jesiel Figueiredo” tinha sua estrutura composta por dois anfiteatros de diferentes tamanhos.

²¹ Abordagens revestidas de excessiva agressividade não é algo novo ou excepcional. Micael Herschmann, ao descrever visita à baile funk carioca na década de 1990, registra “blitz duríssima” na qual a Polícia foi responsável por iniciar a sessão de maus tratos de galeras que aguardavam a condução ao final da noite (2005, p. 148).

Cabe ressaltar que, como indicado, ao longo desse processo inicial de crescimento da Batalha do Vinho, outros participantes vinham assumindo responsabilidades com o evento. Inclusive, em publicação que tinha o objetivo de convocar os artistas locais para se apresentarem nas batalhas, o MC Bolla menciona alguns desses que seriam os “linha de frente da Batalha”.



Em 10/02/2016, publicação no grupo da Batalha no Facebook menciona outras pessoas à frente da iniciativa.

Assim, mesmo diante da investida policial ocorrida no final do ano anterior, a expectativa para 2016 era positiva. Isso porque a Batalha do Vinho obtivera a almejada autorização, ainda que provisória, para realizar seus encontros no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo – o uso estava assegurado até a data agendada para a reunião na Funcarte, em que se buscava a concessão definitiva. Essa utilização, foi decidida pelo diretor do local diante da urgência do caso e da mobilização dos moradores da comunidade. Por esta razão, no início de 2016, chegando o momento da reunião na Funcarte, o MC Bolla convocou todos os participantes e pessoas interessadas na iniciativa para que se fizessem presentes no órgão municipal.



Em 14/02/2016, publicação convoca os participantes para reunião sobre o uso do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

Uma dessas pessoas que demonstraram interesse e que passou a ganhar protagonismo na organização da Batalha do Vinho foi aquele que veio a se tornar o meu principal informante ao longo da pesquisa, Roney Miranda. Até então, esse jovem não estava entre os participantes que o MC Bolla mencionou como os seus principais colaboradores, os “linhas de frente”. Entretanto, Roney não apenas procurou contribuir naquele momento, como veio a ocupar centralidade no evento. Assim, dedico as páginas a seguir a conhecer as histórias de sua vida, as quais se mostram relevantes para o papel por ele desempenhado na Batalha do Vinho.

1.2 UMA VIDA E SUAS HISTÓRIAS.

Eu conheci Roney no meu local de trabalho. Bastante jovem, ele chegou ao órgão público junto a uma leva de rapazes mais velhos. Diferente dos demais, ele não ocupava função de chefia ou qualquer cargo (o que não seria possível em razão de sua pouca idade). Além da juventude, chamava atenção a forma comunicativa e alegre com que se relacionava com todos.

Ao passar dos dias, percebi que Roney se referia a um dos coordenadores do Órgão como seu “*padrinho*”. Soube também que alguns dos servidores recém-chegados possuíam uma vinculação anterior, pertenciam ao movimento escoteiro no estado. Roney, também integrante daquele círculo, parecia seguir de perto os passos de seu padrinho que exercia relevante protagonismo no escotismo, tendo ocupado a chefia estadual da organização. Vislumbrei, então, uma relação de pupilage, pois seu padrinho também aparentava o desejo de instruí-lo. Logo, percebi que Roney despontava como uma liderança entre os garotos de sua idade.

À época, minha conclusão foi de que sua inserção no órgão público se dera também no âmbito dessa relação. Entendi que se tratava de um vínculo informal, uma maneira de trazer o jovem pelo qual todos pareciam nutrir simpatia para um ambiente profissional, onde eventualmente ele poderia, após concluir os estudos, ocupar também um cargo de confiança. Ao tratarmos desse período, Roney, contudo, não ratificou minha percepção, alegando ter sido escolhido por meio de processo seletivo fruto de parceria do governo do Estado e do movimento escoteiro – acordo pelo qual a organização disponibilizaria um estagiário ao órgão público.

Para mim e alguns colegas de trabalho dos quais aquele jovem se aproximou – de maneira que, rapidamente, constituímos um grupo de amigos –, chamava a atenção a maneira vivaz, com que ele parecia maximizar alguns fatos. Por exemplo, quando comemoramos seu aniversário de 18 anos, após algumas cervejas, Roney nos contou sobre práticas pelas quais tinha grande interesse e que apresentaria bom desempenho: o (competir no) bicicross e o tocar bateria.

Roney nos contou ser fã de uma banda de *heavy metal* e amigo de seus integrantes que moravam próximos a ele, que costumava frequentar os ensaios do grupo e que, quando da impossibilidade de participação de seu baterista, ele o substituíria em ensaios e apresentações. Ele também nos disse que, enquanto competidor de bicicross, era patrocinado por uma conhecida marca de cerveja. A empresa, inclusive, disponibilizaria grande quantidade da bebida para sua festa que aconteceria no dia seguinte – comemoração que terminou não ocorrendo.

Um último registro, é da oportunidade em que Roney publicou, em um dos grupos de Whatsapp que reunia conhecidos do órgão público, um áudio em que ele cantava um rap; cantava muito bem por sinal, a letra tinha diversas palavras, diferentes e incomuns, e era cantada de forma bastante acelerada. Todavia, além de seu exitoso desempenho, me chamou a atenção o fato de eu reconhecer aquela música pela qual Roney se permitia ser parabenizado pelos integrantes do grupo que acreditaram se tratar de uma composição sua. Era uma das músicas cantadas nos vídeos do rapper paulista Fábio Brazza que ele costumava compartilhar no Facebook, inclusive me marcando para que eu conhecesse o estilo que ele tanto gostava.

1.2.1 A história construída e a formação de uma agência ativa.

Tão logo conheci a Batalha do Vinho, constatei que a participação daquele jovem amigo era mais relevante do que eu supunha e que sua contribuição, de alguma maneira, se sustentava naquela hiperbólica forma de ver a si e o mundo ao redor. Em razão dessa percepção, decidi pela construção da presente seção destinada a melhor compreendê-la. Assim, embora meu contato com Roney tenha sido estabelecido no ano de 2014, decidi emergir nas publicações feitas, em sua página no Facebook, em momentos anteriores, especialmente no ano de 2012.

Assim, constatei que aquele meu jovem amigo, anteriormente à Batalha do Vinho, fora construído como um jovem promissor – ser uma liderança política ou empresarial talvez fossem destinos colocados no seu horizonte, muito embora ele parecesse mais interessado em esportes e outras aventuras. Entre esses diversos caminhos e interesses, era evidente a construção de uma agência significativamente ativa, fruto, sobretudo, de sua experiência no âmbito do escotismo.

Nesse sentido, de sua página no Facebook, constata-se dois grupos bastante distintos de postagens, um grupo marcado por certo ethos de formalidade (relacionadas ao movimento escoteiro e que logo viria a ser incrementadas pelos registros profissionais no âmbito do órgão público) e outro pertinente ao convívio em sua vizinhança. Nas publicações do segundo grupo, Roney aparece, em dezenas de fotos, em momentos de distração, inclusive praticando bicicross e tocando bateria. Nas referentes à prática esportiva, realiza manobras com aparente complexidade. Na legenda de uma delas, em que ele ainda mais novo (12 ou 13 anos) está junto a um praticante de mais idade, se lê: “eu e mano paixão no Natal bike games das antigas”.

Igualmente, há registros dele abraçado com integrantes do grupo de *heavy metal* “Comando Etílico”. Dentre as fotografias ligadas à atividade musical, há uma em que Roney está posicionado como se tocasse bateria (sentado em frente ao instrumento e com as baquetas nas mãos). Não apenas naquele ano, ele publicou essa imagem diversas vezes. A legenda variava, mas a mensagem aparentemente não: “quem sabe um futuro né.” (13/06/2012); “queria muito poder tocar!!!” (02/01/2013); “eu em cima da bateria de Kleber!”. Já em uma colagem, ele reuniu cinco fotos diversas com integrantes do Comando Etílico, inserindo, sobre a imagem, a afirmação: “aqui se realiza um sonho antigo, uma aliança de um fã com músicos que hoje são amigos” (11/10/2012). Nos comentários, ainda observa: “massa, muito massa mesmo”.

Se a prática de atividades radicais (como podem ser consideradas o bicicross e o heavy metal) marcava o espaço da vizinhança e da rua, a vivência no âmbito do escotismo, em que pese a tendência a uma formação rígida e profissional, não era desprovida de atividades de lazer. Reificando a imagem que usualmente habita o imaginário infantil, em especial o masculino, há registros de inúmeros momentos de aventura. Numa publicação (de 17/02/2012), uma imagem de 14 mastros de cerca de um metro de altura com bandeiras de variadas cores e modelos, ele explica: “Isso, para quem não sabe, são totens que representam uma patrulha escoteira”.

Essas ações que sugeriam diversão e conquistas eram conciliadas com a noção de respeito às regras, de observância a um código de conduta aparentemente baseado em pares dicotômicos, de bem e mal, de certo e errado, dentre outros – sempre a indicar a existência de uma divisão entre indivíduos e comportamentos legitimados e proscritos. A ideia de patrulha, por exemplo, pode ser entendida como indicativa dessa visão na relação “polícia x criminosos”.

Assim, ao tempo em que realizava ações pautadas por altruísmo, muitas vezes atos de assistência social, Roney demonstrava repugnância a comportamentos desviantes, prezando por uma conduta tida por adequada. Em determinada publicação (22/03/2012), apresenta o símbolo do escotismo e a descrição do significado de cada um de seus elementos²². Na legenda, ele escreve: “O propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu Projeto Educacional”.

Em outra publicação (de 16/02/2012), na qual aparecem meninas e meninos escoteiros caminhando em um campo, há a seguinte frase: “O Escotismo é para todos. Mais (sic)

²² São eles: ‘Serviço aos outros’; ‘O Laço da Irmandade’; ‘O nó, que por mais que se puxe não se desata, simboliza a força da unidade e irmandade do escotismo mundial’; ‘Conhecimento’; ‘Verdade’; ‘Dever para com Deus’; ‘Os 10 artigos da Lei do Escoteiro’; ‘Obediência à Lei do Escoteiro’. Em se tratando de publicação pessoal, não há registro da fonte da informação. Contudo, para o fim de assimilar como sua compreensão acerca dos valores do movimento, seu conteúdo se mostra útil, uma vez que o ato de postar permite supor sua concordância.

infelizmente nem todos são para o escotismo”. Na legenda, Roney afirma ser tal pensamento “Simplesmente a verdade...é foda”, o que completa com o comentário: “Caramba, velho... a gente tenta melhorar o mundo, e leva todos os tipos de nome imagináveis. É por isso que eu me revolto, mas não me abalo. É por isso que eu digo ‘mais escoteiros, melhores cidadãos’”.

Assim, ao tempo em que expressa uma sincera pretensão de ajuda aos que considera necessitados, Roney acreditava que nem todos seriam tão bons quanto ele no cumprimento das missões atribuídas, razão pela qual merecia – nisso também parecia acreditar – ser compreendido quando alguma conduta questionável se fizesse necessária à concretização de sua tarefa.

De fato, Roney parece ter sido um exemplar jovem escoteiro, pois, como costuma ressaltar, no Brasil, apenas três garotos ganharam certa medalha de mérito, sendo ele um desses. Essa excepcionalidade também ressalta a produção de uma agência ativa a combinar noções de compaixão e a uma certa disposição individualista, sempre perpassadas por preceitos morais.

De certa maneira, esses elementos passam a embasar o posicionamento de Roney sobre papéis sociais, assim como a influir na projeção de sua imagem na vida adulta. Inúmeras são as publicações em que ele aparece fardado. Essas não se tratam do registro de atividades, mas de fotos cuja finalidade aparenta ser registrá-lo daquela maneira. Nas legendas, afirma: “O maior de todos os projetos é tomar uma decisão (02/01/2013)”;

“Até o fim da vida (03/01/2013)”. No mesmo sentido, há registros fotográficos de momentos anteriores. Em um deles, em que aparenta não mais do que cinco anos, Roney está fardado, o corpo ereto e rígido, o olhar no horizonte, os braços para baixo, como se enfileirado em uma tropa, de prontidão à espera de ordens. Na legenda, ele escreve: ‘Eu sempre quis seguir a carreira militar, desde pequeno (19/06/2012)’. De outra publicação, em que há montagem de cinco fotos, nas quais aparenta diferentes idades, mas em todas fardado, lê-se: ‘Fardado desde pequeno (30/08/2012)’.

Em coerência com a construção de sua identidade como militar, Roney demonstrava um conjunto de opiniões que a indicar admiração pela profissão de policial, como publicações em que exalta os filmes *Tropa de Elite 1* e *2* e, especialmente, a imagem do “Capitão Nascimento”²³. Já publicações por ele compartilhadas apresentam legendas originais que rechaçam a defesa dos direitos humanos²⁴ e reclamam a redução da maioridade penal²⁵.

²³ “Um exemplo de justiça contra a corrupção esse cara demonstrou no filme *tropa de elite 2* (26/04/2012)”.

²⁴ Em certa publicação, um homem está ao lado de uma viatura e segura, sobre o ombro, um bastão de beisebol no qual está escrito “Direitos Humanos”, a legenda da publicação diz: “Para os pacifistas que acham que bandidos também tem ‘direitos humanos’, aí está...”

²⁵ Diz a publicação: “Maioridade Penal para os 16 anos: eu apoio. Ao menos quatro entre cinco brasileiros concordam com a redução da maioridade penal para os 16 anos. Porquê (sic) então ainda estamos reféns desses marginais precoces? Queremos a mudança dessa lei ultrapassada!”

Assim, o movimento escoteiro funcionou para Roney como o seu primeiro bem delimitado campo social (Bourdieu, 1986)²⁶, em que a repetição de práticas e a reiteração de valores constituíam nele, mesmo muito cedo, um determinado *habitus*. Ele pensava e agia como aquilo que o ensinaram ser um bom escoteiro. Assim, alinhava as experiências vividas, os seus pensamentos e condutas atuais e a projeção de seu futuro num relato coeso, uma história de vida. Inclusive, a expressão “desde pequeno” que ele utiliza ao afirmar que sempre quis seguir a carreira militar é uma das apontadas por Bourdieu como ideal à construção do relato de vida.

A concepção de que a vida pode ser experienciada e narrada como uma história, tal qual os romances em que os fatos se encaixam adequadamente, habita o senso comum – e muitas vezes alcança pretensa confirmação científica. É assim que, ainda segundo Bourdieu (1986), a utilização, na construção dessa história de vida, das noções de “princípio” e de “fim” se dão sob duplos sentidos. De fato, a história de Roney começa como escoteiro e essa inserção lhe confere preceitos morais – princípios, portanto – a guiar sua vivência dali em diante. A concepção de sua vida conta com uma finalidade, a de ser um bom escoteiro, alguém que honra os valores do grupo e, assim, contribui na construção de um mundo melhor. Essa finalidade se concretizaria por meio de sua conversão – ao fim da vida, na idade adulta – de escoteiro em militar. Havia, pois, um roteiro de vida que se alinhava ao correr cronológico de sua existência.

A página no Facebook funcionava como veículo de divulgação das reiteradas condutas praticadas em conformidade com sua história de vida. Ao agir coerentemente, a rede online viabilizava a consolidação social do seu relato. Uma vez que os indivíduos que constituíam o seu mundo offline estavam também ali, Roney afirmava e retomava o seu relato cotidianamente, ao passo que via a interação e a reação desses interlocutores como ratificação de sua história.

Nesse sentido, servindo também à construção do futuro projetado, as publicações não se limitavam às atividades com jovens de sua idade, nem a simplesmente reificar o compromisso com os valores do escotismo; eram úteis também à divulgação das oportunidades em que ele mantinha contato com pessoas importantes, seja do próprio movimento, seja por seu intermédio.

Dentre inúmeras fotografias publicadas em que Roney aparecia, sorridente, ao lado de líderes locais e de presidentes de diversas seccionais do movimento escoteiro no país, há uma colagem que reúne diversos desses registros, com a seguinte legenda: “Eu e os Presidentes da UEB (União dos Escoteiros do Brasil) das seguintes regiões, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Paraná. É uma honra estar presente com esses chefes-presidentes”.

²⁶ Bourdieu, Pierre. **A Ilusão Biográfica**, 1986. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Capítulo Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3o%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Nessa temática, havia, entretanto, um ponto de tensão em suas postagens. Era quando Roney decidia tratar de personagens da política, ocupantes de cargos públicos. Em regra, ele costumava manifestar indignação e agressividade – era o caso do tratamento dispensado às ocupantes dos governos municipal e nacional, respectivamente, Mícarla de Sousa (PV) e Dilma Rousseff (PT). Todavia, quanto ao governo estadual, exercido por Rosalba Ciarlini (DEM), a postura de Roney era diferente. Em 30 de outubro de 2012, Roney publicou em sua página no Facebook registros fotográficos de homenagem que o movimento escoteiro realizou – e que ele foi escolhido para personificar – à governadora na oportunidade de seu aniversário.

As publicações diziam o seguinte: “Eu com a governadora do Estado representando a união dos escoteiros do Brasil, região do Rio Grande do Norte (na imagem Roney com um buquê de flores em uma das mãos, olha nos olhos da governadora)”; “Eu fiz a governadora Rosalba renovar a promessa escoteira (junto a ele, a governadora e o presidente seccional dos escoteiros fazem, com a mão direita, um gesto que representa o escotismo)”; ainda “Apesar de tudo que ela representa, ela é um ser humano e merece um abraço no dia do aniversário dela” (na imagem Roney de costas abraçado com a governadora que retribui o gesto e sorrir).

A ressalva que o Roney realiza nessa última postagem – “apesar de tudo que ela representa” – indica a mencionada tensão; ali se manifestava o atrito entre os dois mundos que aquele jovem habitava. Nos comentários de suas fotos era fácil perceber isso. A quase totalidade das parabenizações pela proximidade com a autoridade política vinha de integrantes do movimento escoteiro ou de conhecidos do órgão público – a foto com a mesma farda ou uma passada de mouse sobre a descrição de seus amigos na rede permitia tal conclusão. Entretanto, críticas à governadora e certa repreensão àquele ato de Roney também estavam ali expostas.

Referida ressalva, de fato, não se dava à toa. Três meses antes, Roney tivera que se justificar perante seus amigos em registro de oportunidade semelhante – a legenda dessa outra fotografia em que posava junto à governadora dizia “eu e a governadora do estado, Rosalba, na campanha contra as hepatites virais”. Rapidamente, surgiram manifestações em desacordo nos comentários da publicação e Roney manteve, então, o seguinte diálogo com uma amiga:

- Amiga: Não tinha uma atriz da globo para bater a foto não? Tinha que ser essa marmota?
- Roney: Olhe, eu sou escoteiro e, para meu nome, fica bem tirar fotos com pessoas importantes para a sociedade, sabe...
- Amiga: Rsrssrs, interesseiro.
- Roney: Interesseiro não, eu só faço minha parte e por acaso faço muito bem feito.

Essa conversa, ilustrativa de outras, demonstra a distância das opiniões majoritárias entre os espaços sociais que Roney participava, seja por clivagens socioeconômicas ou etárias. O diálogo, todavia, indica mais; indica a maior elaboração na sua história de vida. Roney não

diz que “está” escoteiro, que participa ou frequenta o movimento, ele “é” escoteiro; e, como tal, sua primeira preocupação é com a construção de seu nome. Essa que, segundo Bourdieu, é a principal ficção da história de vida. Nesse sentido, esclarece o autor francês (2006, p.186):

Por essa forma inteiramente singular de nominação que é o *nome próprio*, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. (grifos do autor).

Era seguindo o projeto de sua história de vida que Roney necessitava construir seu nome como signo de sucesso, de representação daquele grupo que integrava e que, em breve, poderia vir a liderar – assim como o seu padrinho. A vida como relato requer coerência e constância nos atos, o que vem a conferir a suposta identidade, a presumida essência presente na unidade biológica sob única nominação civil ao longo da existência. Assim, ainda que não concordasse com posições e práticas da governadora, seu papel de escoteiro e sua projeção de líder exigia que Roney fizesse a sua parte e ele costumava fazê-la, “por acaso muito bem-feita”.

Segundo o filósofo Hans Vaihinger²⁷, a concepção nietzschiana acerca do papel da ficção na construção do mundo sustenta a sua inescapável utilidade. Da vivência física mais simplória às elaborações mais complexas e pretensamente científicas, a ficção não se coloca como uma escolha, mas como um imperativo. Nesse sentido, o referido filósofo, ao trabalhar o tema da ficção na produção nietzschiana, ressalta que construir aparências seria tudo que nos resta e seria – ao menos para Nietzsche – algo extremamente valioso.

O jovem Roney, inclusive em contato com a rede social online de uso recentemente disseminado, iniciava sua vida em sociedade, passava a se colocar como sujeito, a manifestar opiniões e, assim, a elaborar sua identidade e imagem públicas. Ao construir seu nome, ele construía uma aparência. Nesse sentido, ainda segundo Hans Vaihinger (2011, p. 636), para Nietzsche, a vontade de elaboração da boa aparência encontra-se nos indivíduos desde a infância, momento em que é vivida como “delírios”, como “mecanismos de embuste”.

Entretanto, quando a condição falseada dessas construções se mostra, causando, de início, um sofrimento torturante, os indivíduos seguem um dentre os seguintes caminhos: ou prosseguem na condição de autoengano, em que a crença nas ilusões como se fosse realidade se faz necessária à continuidade da vida; ou compreende que a ficção se encontra por toda a parte e que a construção consciente e prazerosa da aparência é o que se deve almejar e praticar – pois, ao fim, é tudo o que há. Sobre isso, Nietzsche (*apud* Vaihinger, 2011, p. 650) avalia:

²⁷ VAIHINGER, Hans **A Filosofia do Como Se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista**. Tradutor: Joahannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

O que é então a aparência para mim? Certamente não o oposto de algum ser – que sei dizer a respeito de algum ser, se não só dos predicados de sua aparência?! Certamente não é uma máscara morta que se poderia colocar em alguém desconhecido, e provavelmente também tirar! Para mim, a aparência é o propriamente agir e viver.

Era a capacidade de elaborar sua aparência que o jovem Roney, ao entrar no mundo adulto, passava a experienciar. Seus comentários sobre o bicicross e a proximidade com a banda de *heavy metal* não eram construções vindas do nada, evidenciei as duas atividades na análise de suas publicações no Facebook. Nunca procurei saber se o meu jovem amigo se apresentara em algum show do grupo “Comando Etílico” ou se ele era patrocinado por uma marca de cervejas que forneceria bebidas alcóolicas como parte desse patrocínio (sobretudo, ao considerar que apenas naquele dia ele passaria à maioridade). Talvez, em alguma oportunidade, ele tenha recebido a promessa de um dia tocar com a banda; talvez, algum representante local da marca internacional tenha o auxiliado em alguma competição. Talvez o momento festivo tenha impulsionado a inevitável elaboração da aparência – elaboração há pouco vivida como delírio na infância, potencializando sua forma de enxergar a participação naqueles cenários.

O que também se constata é a impossibilidade de o indivíduo separar os mundos sociais que habita. Nos seus anseios, Roney passava a projetar para as atividades que exercia fora do escotismo, a excelência que ali foi convencido possuir e a efetivamente exercê-la. Era evidente que aqueles mundos se misturariam; que a construção de sua aparência a partir de uma agência ativa centrada na competência pessoal iria se fazer presente nas interações sociais que ele viesse a travar. Não à toa, uma das imagens mais publicadas por ele combinava três fotos – o citado registro em que manobra uma bicicleta; outra em que, com o boné para trás, aponta para sua camisa do Comando Etílico; e uma vestida com a farda do movimento escoteiro. Na legenda, ele resume: “Três coisas essenciais na minha vida: andar de bike, escutar uma música boa e participar do melhor movimento extraescolar do mundo, o movimento escoteiro!”

1.2.2 Uma guinada na história, a mobilização política e o hip-hop.

Apesar de uma sólida perspectiva de futuro, a vivência de Roney trouxe mudanças significativas, em especial a partir de meados de 2014. O pleito eleitoral que se aproximava iniciaria o acirramento até hoje dado na sociedade brasileira. Na página de Roney no Facebook, esse debate parecia bastante evidente. Como, por vezes, envolvia pessoas de nosso âmbito de trabalho, costumávamos questioná-lo sobre quem eram os demais envolvidos. Sua resposta ia ao encontro da tensão mencionada: algum adulto do escotismo ou que conheceu por intermédio do movimento e um professor “de história ou de inglês” ou um vizinho “que toca violão”.

Roney, que nos últimos meses havia se aproximado de mim e de meus principais colegas, parecia deslocado com a visão política evidenciada nos comentários transcritos na seção anterior. Se seus novos amigos eramos enquadráveis num campo daquela dualidade, a dicotomia era aperfeiçoada no âmbito do órgão público pelo seu padrinho. Esse sempre fora para Roney sua grande referência. Era dele que vinham os elogios e as reprovações em sua conduta, bem como suas melhores expectativas – dentre tantos adultos que costumavam parabenizar Roney por atos como a foto com a governadora ou repreendê-lo quando considerava necessário, seu padrinho era o ápice da validação, ou não, de seu comportamento.

Sobre o efeito e a importância do elogio e da reprovação, Nietzsche salienta que, em que pese parecer referir-se a um ato passado, a função dessas ações é incentivar a repetição ou a interrupção de uma conduta referida (*apud* Vaihinger, 2011, p.648):

A reprovação apenas tem sentido como meio de intimidar e de operar subsequentemente como motivo; o elogio visa estimular, incentivar a imitação: à medida, porém, que ambas as coisas são feitas como se se reportassem a um ato sucedido, em todo elogio e em toda reprovação a mentira e a aparência se tornam inevitáveis. Com efeito, são os meios que se justificam pelo fim mais alto.

Portanto, os atos de elogiar e de reprovar, não desprovidos de interesse, são atos falseados cuja intensão é influir na construção da ação e da aparência de outro indivíduo. De fato, era essa influência que a presença de seu padrinho aparentava possuir e que Roney esforçava-se para atender. Em certa oportunidade, presenciei a expertise com que ele se portava frente a autoridades e como isso parecia agradar aquele seu referencial. No mês de agosto daquele ano, fomos convidado, por seu padrinho, para um “almoço”. Esse evento contava uma colaboração financeira, o que me fez entender se tratar de uma finalidade beneficente.

Na manhã de sábado, ao chegarmos, Roney e eu, a um hotel situado na via costeira de Natal, descobri se tratar do lançamento de candidaturas do PMDB às eleições que se avizinhavam. Diversas lideranças estavam presentes, a candidata ao Senado Wilma de Farias, a tradicional liderança Garibaldi Alves e o então candidato ao Governo do Estado, Henrique Eduardo Alves. Era uma situação inesperada, mas que me possibilitou presenciar a desenvoltura com que Roney cumprimentava os políticos e solicitava que fotografias com todos fossem feitas.

Os vários jovens escoteiros que estavam à mesa, inclusive eu que certamente fui considerado um deles, cumprimentamos e fomos fotografados com alguns dos candidatos. A postura de Roney, entretanto, se diferenciava não exatamente pelo ato em si, mas pela disposição com que ele o praticava. Uma observação mais precisa era necessária para constatar que enquanto todos eram abordados pelos candidatos, Roney era quem tomava a dianteira. Seu carisma no gesto superava o daqueles que estavam em campanha – talvez ele também estivesse.

O momento do pleito eleitoral se aproximava e, sobretudo, a disputa nacional acirrava os ânimos ao nosso redor. Roney nos acompanhava em algumas conversas e em movimentações de rua a que aderimos. Em todo caso, ele tinha outras influências que também orientavam a reformulação de suas opiniões políticas. Houve atos em que o encontrei com outros jovens escoteiros, dentre eles o seu principal amigo, o Rodrigo. O fato é que aquele período impôs uma mudança no posicionamento de Roney. O contato com outras sociabilidades lhe permitiu revisar suas percepções da vida, passando a construir uma história próxima de sua experiência.

Àquela altura, depois de certos acontecimentos, o padrinho de Roney conseguiu para ele um trabalho na área administrativa de uma empresa de terceirização. Contudo, após alguns meses e alguns desentendimentos, Roney decidiu deixar o novo emprego. Essa decisão terminou sendo interpretada como um ato de rebeldia, em consonância com a postura que vinha adotando nos últimos tempos. Ao me procurar, Roney me disse que lhe fora exigido que retornasse a ser como antes. Para minha surpresa, à sua negativa de mudança, teria lhe sido recomendado que, da próxima vez que precisasse de alguma ajuda, procurasse a mim.

Talvez por ser advogado, condição que costumava mencionar com admiração, Roney me utilizasse para legitimar o seu novo comportamento e, por isso, devo ter personificado, para ambos, a culpa por sua insubordinação; o que, de certo, reforçou o meu compromisso com ele.

No início de 2015, meu convívio com Roney teve ainda alguma constância, o grupo que constituímos decidira se reunir periodicamente para a discussão de algum texto ou para pensar ações de interesse comum. Essa disposição, contudo, não foi além de uma página no Facebook e de poucos encontros. Ao fato de não mais convivermos no local de trabalho e ao encerramento dessas reuniões, juntou-se a minha mudança de residência para a cidade de Parnamirim, no extremo oposto da região metropolitana em que morava o meu amigo.

Durante o restante de 2015 e a quase totalidade de 2016, nosso contato se limitou, com casual exceção, ao espaço virtual, o Whatsapp e o Facebook. Pelas redes sociais online, acompanhei as intensas mudanças que com ele transcorriam. Constantemente, fui surpreendido pelo teor de suas publicações e de seus compartilhamentos; algumas vezes me preocupei com postagens em que demonstrava ódio à polícia militar. Cheguei a lhe sugerir que excluísse alguns conteúdos, mas, embora fazendo no momento, ele logo voltava a evidenciar aquele sentimento.

Roney, então, passou, com insistência, a me convidar para conhecer uma iniciativa artística empreendida nas proximidades de sua casa. Mesmo sem eu demonstrar grande interesse pelo assunto, ele costumava me marcar em vídeos em que se podia ver dois ou mais garotos “batalhando”, enquanto outros ao redor riam das provocações trocadas. Embora eu continuasse

sem visitá-lo, aceitei o convite para *curtir* a página da Batalha do Vinho no Facebook – de maneira que as exibições se tornaram automáticas, dispensando a “marcação” de Roney.

Assim, embora não tenha estado presente no começo de sua participação, acompanhei, pelas redes online, o início do interesse de Roney pela Batalha do Vinho, assim como acompanhava as transformações que ele continuava a empreender sobre si – uma reviravolta em sua visão sobre diversas temáticas que se fez acompanhar da aproximação à militância do Partido dos Trabalhadores. À exceção da oportunidade que menciono a seguir, eu não dediquei qualquer atenção ao pleito municipal de 2016, já Roney parecia não sair das ruas.

Naquele período, eu soube, pelas redes online, que ele participava com intensidade da campanha de uma candidata à Câmara Municipal. Segundo ele me contou, a candidata morava próximo à sua residência, de maneira que ele conhecia outros militantes próximos a ela. Além de presente nas manifestações de rua, o que certamente incluía atos de logística, Roney realizou participações em vídeos de campanha divulgados nos programas do horário eleitoral na TV. Nesses vídeos²⁸, ele aparece cantando rap, enquanto outros jovens dançam break. O cenário é a frente do Ginásio Nélcio Dias – onde, até então, ocorriam as primeiras disputas de rimas.

Contando cerca de um ano sem vê-lo pessoalmente, encontrei Roney fortuitamente em uma reunião que tinha como mote reunir apoio no campo jurídico à candidatura do Deputado Estadual Fernando Mineiro (PT) à Prefeitura de Natal. O indaguei, então, qual a razão para estar ali, se recebia algo por toda aquela dedicação, ao que ele me disse que não, que ajudava porque gostava, mas sem deixar de ressaltar a possibilidade de alguma oportunidade em caso de vitória.

Aquelas pessoas recém-conhecidas e os novos cenários a que passara a acessar contribuíram para que, frente a realidade vivida, Roney reformulasse, mais distante da infância, a sua história, os seus relatos do passado e do presente como projeção de seu futuro. Embora a lógica de estruturação da vida como história não fosse colocada em questão, tratava-se de um novo roteiro, de outra história. A construção de uma nova aparência, agora próxima das condições de sua existência socioeconômica, foi adotada por Roney. Suas mudanças, inclusive, se fizeram sentir esteticamente – a roupa social usada no órgão público e a farda foram cedendo espaço para o boné e as roupas largas. Roney continuou a frequentar o movimento escoteiro, mas visivelmente sem a mesma subordinação e enquadramento que houvera.

De suas primeiras experiências em sociedade, Roney trazia para os seus novos âmbitos uma agência ativa que, mediante a maximização dos sonhos e delírios infantis, costumam ser estimuladas. São negociações a partir dessa perspectiva, em certa medida onírica, com o mundo adulto que veremos nas seções seguintes – quando o hip-hop e a Batalha do Vinho tomam

²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/divaneide.basilio/videos/10211072900763570/> . Acesso em 23 de janeiro de 2020.

centralidade. A capacidade que formulara para se aproximar de pessoas tidas como suas referências na infância – desde “o Kleber da bateria” e “o mano paixão do bicicross” às lideranças do escotismo e à governadora do Estado – e sua inserção na militância de esquerda se encontrariam. Essas qualidades seriam manejadas de forma peculiar –sob sua condução, pois “nem todos são bons o suficiente” –, em prol da Batalha do Vinho e de seus participantes.

Nesse novo momento, Roney e a Batalha do Vinho chegam, certamente também graças à militância política, à Universidade – outro personagem relevante dessa história. Em outubro daquele ano, Roney e o MC Café se apresentaram na Semana de Ciência e Tecnologia. Os jovens haviam formado, há pouco tempo, o “Lei da Sobrevivência²⁹” e escrito sua primeira música: “Carta ao Presidente” (a letra tem a participação do MC Kung Fu, que não integra o Lei da Sobrevivência por participar de outro grupo). Eis a letra cantada na CIENTEC/2016:

Lei da Sobrevivência - CARTA AO PRESIDENTE

(Introdução, Roney): Observo e reflito, como deve ser, ver o seu povo morrer e nada poder fazer. Caralho Kung Fu que fita louca, nós aqui morrendo e o presidente na Europa... (2x)

(Roney): Escrevo essa carta como jovem revoltado, presidente por favor escute o desabafo, da mãe dentro de casa, catando as moedinha pra alimentar a filha na cadeirinha, já você aí, contratando segurança pra sua filha poder dar rolê na França, de jato particular e carro do ano, se ligou na diferença do preto com o branco, você se diz um homem do povo na hora da eleição, engana e aplica golpe pela veja e o estadão, corrompe o senador e o deputado federal, aprovando lei de retrocesso racial, eu faço essa carta de reflexão, eu tô cansado de viver com tanta repressão, puta que pariu, eu sei como é que é, na zona norte de Natal ta tenebroso né?!

Refrão: Minhas palavras nesta carta pra presidente é como bala, cansei de ver caixão de chacina acovardada. (4x)

(Kung Fu): Do meu ver, ver o povo esfomeado, seria covardia ter foro privilegiado, não pagar carro, terno, mora em um palacete, ter mais de duzentos mil de verba de gabinete, conta na Suíça, viagem pra Europa, comprar uma BMW com dinheiro lavado da copa, legislar a favor de quem oprime, fazendo da miséria um combustível do crime, sublime é o espetáculo de hipocrisia, se o que ele quer de fato é uma milionária quantia... land rover, dodger ram, camaro, ferrari, porche, desconfio que o senhor seja um fantoche, do corporativista trilionário que se diverte em assistir o nosso lado precário, no cenário até em tu ele manda, se o desemprego vier, paga o quanto quiser, sem choro e nem vela, é oferta e demanda...

Refrão: Minhas palavras nesta carta pra presidente é como bala, cansei de ver caixão de chacina acovardada. (4x)

²⁹ Apresentação do Lei da Sobrevivência na Semana de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CIENTEC/UFRN. Disponível em: <https://www.facebook.com/Leidasobrevivencia/videos/1601779966795575/>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

(Café): Minha carta ao presidente ela vai ser bem diferente, não tem como eu falar se vocês roubam tudo da gente, mas com esses engravatados, safados não se discute, não boto um real de pão, quanto mais um bategute, a criança na favela, miséria vocês plantou, vi um menino comendo o pão que o diabo amassou, os ladrão tá tudo armado até os dentes com as pt, outros roubando, outros matando pra dá o leite pro seu bebê, o que vocês vão fazer? não podem se intrometer, a cada minuto um sangue digno no chão pode escorrer, e o político vai mangando, vendo a fumaça rolando de um charuto cubano, com os cunhão tudo coçando, enquanto vocês brincando e ele sentando, roubando... mas isso não abala minha autoestima, a única coisa de boa que tem no fundo do poço é que ela só tem uma saída e é pra cima!

(Final, Roney): Michel Temer, filha da puta, golpista, fascista, a nossa vingança com você não terá o mínimo de perdão, você não passará...

A distância entre os comentários do jovem escoteiro e a letra do rap evidencia o trajeto percorrido até que, ao final de 2016, um colega do curso de Ciências Sociais me perguntou curioso: “ei, você é amigo de Roney?”. Embora tenha pensado nele, inclusive pelo fato de meu interlocutor ser da militância petista, perguntei a qual Roney ele se referia. Sua resposta, em tom de obviedade, foi “o Roney do PT”. Essa afirmação deflagrou em minha mente todo o caminho que acabo de relatar – o Roney que desde pequeno sabia que seria militar era, agora, o Roney do PT. Sem dúvida, tínhamos uma nova história – e ela estava apenas começando.

1.3 O CRESCIMENTO DA BATALHA DO VINHO.

Não tardaria para que o Roney do PT começasse a ser o “Roney da Batalha do Vinho”. Junto a outros participantes, sua dedicação à iniciativa se mostrou essencial para que a Batalha do Vinho alcançasse objetivos jamais imaginados. A assimilação desse crescimento se dá em duas frentes: o estabelecimento de relações com o poder público e seus ocupantes, alcançando uma maior elaboração técnica, e o aumento significativo de seus frequentadores presenciais e seguidores online, resultante, em grande medida, da presença de nomes do hip-hop nacional.

1.3.1 A parceria com o Poder Público, o Jesiel Figueiredo e outras consequências.

Em outubro de 2015, quando nossos diálogos se davam apenas via redes online, Roney se dirigiu ao grupo no Whatsapp que mantínhamos com nossos amigos e contou sobre uma abordagem policial agressiva que tinha sido realizada contra os participantes da Batalha do Vinho. Ele queria que fizéssemos uma denúncia em nossa página no Facebook. Eu, então, me disponibilizei para a tarefa. Tudo que eu sabia sobre o evento e sobre o ocorrido naquela noite me fora relato pelo próprio Roney. O texto, no afã de algum mérito, misturava um tom jurídico e uma elementar tentativa de argumentação. A publicação teve poucas dezenas de comentários, visualizações e compartilhamentos, essencialmente de jovens presentes no acontecimento.

Roney me contou, depois, que o texto fora anexado à denúncia de abuso policial feita perante o Ministério Público. Aquele, em todo caso, havia sido um contato isolado. Até esta pesquisa, eu não sabia, por exemplo, que, depois da primeira permissão de uso do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, eles tiveram que se mobilizar em busca da autorização formal da Fundação Capital das Artes - FUNCARTE para ter o uso permanente do Espaço. Essa era a reunião para a qual o MC Bolla, em publicação de fevereiro de 2016, convocou todos os participantes que pudessem comparecer. Eu também não soube, à época, que a contribuição de ajuda que Roney seguia disponibilizando era “correr atrás do apoio jurídico, caso preciso”.



Em 14/02/2016, comentário de Roney ofertando apoio jurídico caso a Batalha do Vinho necessitasse.

Ao longo da pesquisa, realizei com Roney, além de inúmeras conversas dispersas, duas entrevistas. A primeira, em 20 de maio de 2017, foi feita com áudio e vídeo. Na oportunidade, já sob a condição de um dos representantes da Batalha do Vinho, Roney me relatou a abordagem policial que resultou na mudança para o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, nos seguintes termos:

(...) Eu não culpo a corporação como um todo, mas uma parcela desse pessoal lida como uma forma de esporte maltratar a juventude. Teve um dia em específico, eu lembro como se fosse hoje, em novembro de 2015, dois anos atrás. Uma apresentação normal. No meio da batalha, parou uma viatura, com um policial específico que a gente já identificou, teve processo... onde o cara parou e apontou o fuzil pra todo mundo, ou uma calibre 12, se não me engano... e falou “para essa porra aí, vai os veados pra um lado e as raparigas para o outro”, com essas palavras, com essas palavras! Beleza... Todo mundo parou, assustado... Você não sabe nem se o cara tem treinamento pra tá usando aquilo, ai você vê o cara com o fuzil na sua cara, todo mundo parou, ele revistou, fez uma série de coisa lá, tava com *taser*, tava com muita coisa. Aí, acabou a batalha. (...) Ai, o Bolla queria acabar com a Batalha, não tinha como mais. Foi aí que um amigo nosso, chamado Venâncio, ele é muito gente boa, um senhor já, Venâncio indiciou a gente falar com o senhor Grimário que é o diretor da Praça aqui. Grimário marcou a reunião na Capitania das Artes, com o Secretário. A gente mostrou lá, no dia, o que a gente queria e eles o que podiam nos proporcionar e eles nos proporcionaram o espaço da Praça. A gente começou a se reunir aqui no dia 10 de janeiro de 2016, no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo com autorização da Capitania das Artes de Natal.

De fato, já em janeiro de 2016, os participantes da Batalha do Vinho começaram a utilizar o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo – acesso que não podia passar despercebido nos registros do grupo da Batalha no Facebook. A foto abaixo registra dezenas de jovens reunidos no anfiteatro menor do Espaço Cultural – inclusive Roney, em pé, o primeiro da esquerda para a direita, com os braços abertos, vestido com a farda do movimento escoteiro.



Em 16/01/2016, registro fotográfico da primeira batalha realizada no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

Na segunda entrevista, em 06 de abril de 2019 – portanto, quase dois anos após a primeira oportunidade –, solicitei que Roney me desse mais detalhes sobre aquele momento de transição para o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. Ao vê-lo atender o meu pedido, entretanto, me chamou a atenção o fato de que Roney já não se colocava nas situações narradas.

Recorrendo à sua primeira entrevista, constatei que ele não afirmou peremptoriamente estar nos locais mencionados – mas as expressões “lembro como se fosse hoje”, “se não me engano”, “com essas palavras, com essas palavras!” e “a gente mostrou lá no dia” havia me convencido de sua presença. Já ao me descrever os acontecimentos pela segunda vez, ele me disse que não compareceu à Batalha na oportunidade da abordagem policial, assim como não compareceu à reunião na Funcarte, mas que lhe contaram exatamente como tudo ocorreu.

É possível que, diante da câmara, Roney tenha decidido utilizar aqueles termos por considerar que o relato em terceira pessoa – o “me disseram que foi assim” – faria sua fala menos realista e emocionante para os espectadores ou mesmo por isso resultar na percepção de uma atuação secundária dele na Batalha do Vinho. Por outro lado, talvez, sendo tamanha a sua empolgação, ele não tivesse plena consciência das expressões a que recorria para narrar os fatos. Nesse sentido, eu apostaria se tratar de uma posição intermediária, de maneira que Roney estava

a perceber, conscientemente, a utilidade de evidenciar, naquela antessala do mundo adulto, a magnitude das formulações oníricas de uma adolescência ainda tão próxima.

Como estratégia ou num afã inconsciente de maximizar a dramaticidade de seu relato, meu entrevistado não fez mais do que se valer de uma extremada significação dos termos utilizados. Afinal, o dia *lembrado como se fosse hoje*, quanto ao qual acredita-se *não estar enganado*, mas sim lembrar-se de *todas as palavras*, pode ser o dia em que os fatos foram a ele contados *exatamente como ocorreram*. Igualmente, quem quer que tenha comparecido à Funcarte representava todos os interessados na continuidade e na melhoria da Batalha do Vinho.

É fato que, corroborando com o distanciamento da perspectiva onírica, do predomínio dos delírios fantasiosos nos primeiros anos, meu informante adotou, na segunda entrevista, um tom objetivo ao discorrer sobre os acontecimentos relatados. Assim, indicando não haver arдил na sua primeira narrativa, anos antes, e, talvez, nem mesmo se recordar de seus detalhes.

Ao prosseguir abordando, na segunda das entrevistas, aquele momento de mudanças na Batalha do Vinho, Roney citou a aquisição de microfones e da mencionada caixa de som – itens que seriam utilizados nos duelos. Ele ressaltou o momento de tensão em que, após o episódio de violência, o MC Bolla pretendia encerrar os encontros semanais. Por fim, contou que, embora tivesse se disponibilizando a ajudar na preparação de eventos maiores – eles estavam preparando algo especial para o aniversário da Batalha –, foi o desencadeamento daqueles fatos que impulsionou sua maior atuação na Batalha do Vinho. Assim, ele nos contou:

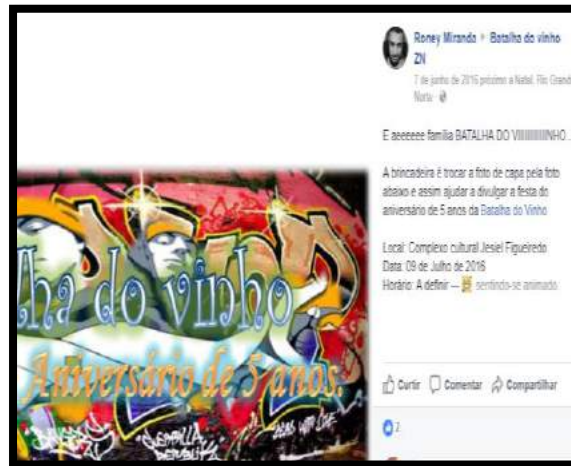
Foi quando eu disse, “Bolla não dá mais para fazer na rua, assim. É nítido que a população não entende o que a gente faz”. E realmente havia muito uso de droga explícito, muita gente ia para olhar a batalha, mas tinha uma certa galera que ia só pra se drogar e ficar bebendo... e a população que passava ali no Nélcio Dias, via isso e não gostava... Foi quando surgiu a oportunidade através de Venâncio. Venâncio já foi funcionário da Funcarte, aí ele falou assim, “tem um rapaz muito bom que fica nessa praça aí em frente ao Nélcio Dias, eu acho que se vocês conversarem com ele, dá pra fazer o negócio lá dentro”. E aí, eu esperto como eu sou, não gosto de perder oportunidade, eu fui lá falar com Grimário junto com Bolla, Bolla que fez o primeiro contato, inclusive... A gente explicou o que era a Batalha... E Grimário é um cara fenomenal... hoje ele é um amigo pessoal, um padrinho meu, um tutor. E ele é da arte, literalmente. Quando ele viu o que a gente fazia, mesmo não entendendo de rap, ele abraçou a causa. Ele falou assim “eu não posso colocar vocês aqui de um dia para a noite. Vamos marcar uma reunião com o Secretário de Cultura, Dácio Galvão, e a gente vai lá conversar”. Por coincidência, de novo, no dia dessa reunião, eu tinha um compromisso um dia atrás, eu não dormi na minha casa e eu não tive como ir no outro dia. Mas aí foi uma galera... Eu que escrevi toda a documentação, só dei na mão de Bolla e falei “Filhão, vai lá, faz o teu e tenta garantir essa porra!”. Ai, deu certo a reunião, Dácio aprovou a gente. Aí a gente entrou, Grimário achou que era uma brincadeira, que não ia passar daquilo, só que foi ganhando muita ascensão... eu venho acompanhando a Batalha desde o início, mas minha adesão foi quando a gente... Na verdade, um pouco antes, quando teve essa treta com a Polícia. Mas foi quando a gente adentrou o Jesiel, aí eu disse “Agora é comigo!”.

A maneira hiperbólica de narrar suas histórias, o que me chamava a atenção em Roney desde que o conheci, sofria um contínuo processo de controle. Contudo, ela ainda se expressava quando fizemos a última de nossas entrevistas. Isso se evidencia na fala acima, a sua construção demonstra uma progressiva mudança no protagonismo da ação narrada. Inicialmente, Roney é o esperto, aquele que não gosta de perder oportunidade. No instante intermediário, a ação é partilhada – “fui lá falar com Grimário junto com Bolla”. Por fim, se reconhece que foi “Bolla (sozinho) que fez o primeiro contato, inclusive”. Essa sequência, em certa medida confusa, termina por evidenciar sua pouca consciência. Caso se tratasse de uma deliberada pretensão de difundir diferentes versões dos fatos, uma maior cautela evitaria tão evidentes contradições.

Presente ou não no momento dos acontecimentos, protagonista ou coadjuvante, fato é que Roney integrava a Batalha do Vinho e ganhava, cada vez mais, espaço em sua organização, assim como em sua representação nos espaços online. Roney se tornava um reconhecido e atuante participante da Batalha do Vinho, como demonstram as fotografias a seguir.



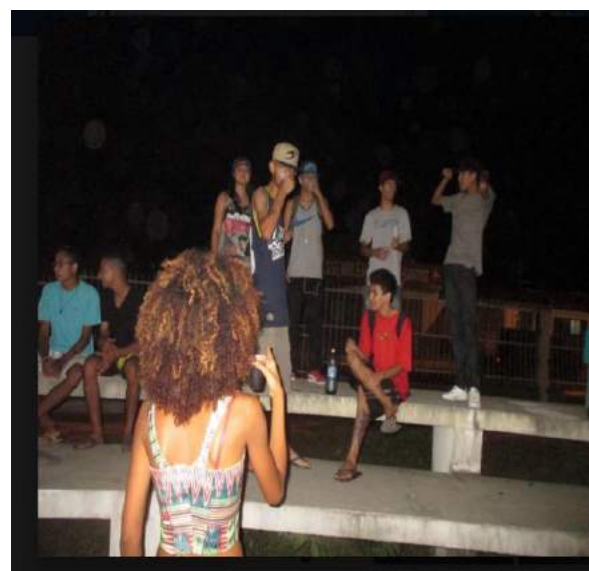
Em 15/04/2016, publicação registra a chegada de Roney como administrador da Página no Facebook.



Roney anuncia o aniversário da Batalha do Vinho no grupo no Facebook.

Obtida a autorização para utilizar o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, os participantes da Batalha do Vinho começaram a se reunir semanalmente e a realizar as disputas de rimas no anfiteatro menor que, à época, comportava, no máximo, cerca de cinquenta pessoas.

O aparato de som então utilizado era ainda a caixa e os microfones que o MC Bolla havia conseguido e a iluminação era a das ruas ao redor e a da praça situada dentro do Jesiel Figueiredo – entre os dois anfiteatros. Apesar dessas limitações, a segurança de estar dentro daquele espaço que, embora estatal, não era aberto ao público – ao menos em tese, protegidos pela concessão conferida pelo órgão municipal –, possibilitou o crescimento no número de participantes. A seguir, vemos alguns registros desses primeiros encontros no Jesiel Figueiredo.



Fotografias publicadas, em 13/03/2016, no grupo da Batalha do Vinho no Facebook registram duelos de rimas no anfiteatro menor do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. Na oportunidade, não se utilizava equipamentos de som ou de iluminação. Presente estava a garrafinha plástica de água mineral com vinho – costume que deu nome ao evento.

Aparentemente superado o problema de ameaças e agressões a que estavam passíveis na rua, a atenção dos organizadores se voltava para o aniversário de cinco anos da Batalha – evento que já vinha sendo planejado antes da mudança para dentro do Jesiel Figueiredo. Roney nos explicou como se deu a continuidade do aprimoramento técnico dos encontros realizados:

Bolla teve a ideia dos cinco anos [de aniversário da Batalha do Vinho] junto comigo. E aí, eu lembro como se fosse hoje, a gente tava meio perdido, porque tinha que arrumar parceria, e eu tinha aprendido essa relação institucional quando trabalhei no Estado, aí eu falei assim “se tem alguém que pode ajudar a gente (e tava na época de campanha eleitoral) é o Deputado Estadual Fernando Mineiro porque ele ajuda o Hip-Hop há mais de duas décadas já” e eu já era próximo do PT, conhecia essa galera todinha do PT. Aí entrei em contato com ele e disse “Eu tô coordenando um projeto aqui na Zona Norte, você tem interesse em conhecer?” (Ele) Não pensou duas vezes: ‘tô dentro!’. E por incrível que pareça, eu falei com ele na sexta, no sábado ele estava lá e ele viu o quão grande a gente já tava. Ele

chegou, viu o movimento e falou “aparece no meu escritório segunda-feira, seis da noite, na sede do PT e a gente vai conversar”. Bolla falou “vamos pedir um som a ele”, eu expliquei “Bolla esses políticos do PT não são iguais a esses políticos tradicionais, que dão as coisas pra gente esperando algum retorno”. Eu cheguei pra ele e falei a gente tá pensando isso, isso e isso. Aí ele falou, “eu não vou te dar um som ‘porque eu não sou papai Noel’, mas o que eu posso fazer é conseguir um som pra ti pro aniversário da Batalha”. Aí foi quando ele alugou um som grandão, da “caixa preta produções” se não me engano, gigante o som. E aí a gente organizou. Esse foi o primeiro evento de fato que eu organizei, tanto que eu passei o maior sufoco, botei muita gente na programação, não contei com o atraso, a gente tinha o horário para entregar o Jesiel, que é o espaço, e passou do horário, Grimário tava no meu ouvido... Esse foi o primeiro evento, eu disse “pô! Esse foi meu aprendizado!” e aí foi onde eu realmente comecei...

Esse “primeiro evento”, o aniversário da Batalha, ocorreu em julho de 2016 e utilizou, pela primeira vez, o anfiteatro principal do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. Já naquele momento, Roney exercia, junto com o MC Bolla, a apresentação dos duelos e de outras atrações. Abaixo, registros do evento que contou com disputas de breakdance e de rimas.



Em 11/07/2016, fotografias publicadas no grupo no Facebook, registra o Aniversário da Batalha do Vinho e a primeira utilização do anfiteatro maior do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

O evento também contou com a presença do Deputado Estadual que contribuiu com a disponibilização do equipamento de som utilizado. Importante destacar, como o próprio Roney ressaltou em entrevista, que aquele era o período das eleições municipais a que me referi na seção anterior. No evento, inclusive, também esteve presente a candidata Divaneide Basílio para cuja campanha Roney também estava a contribuir no período. Assim, o contato de Roney com o Partido dos Trabalhadores e sua participação na organização da Batalha do Vinho se deram de maneira bastante intrincada, não sendo fácil distinguir a autonomia dos interesses e o que podia ser compreendido como continuidade e compensação entre uma esfera e outra.



Registro na página da Batalha do Vinho de Roney ao lado do Deputado Estadual Fernando Mineiro (PT).

No aniversário da Batalha, a organização confeccionou certificados para serem entregues às figuras importantes na história do evento – o que conferia, assim, um tom de formalismo e certa de magnitude. Considerando seu contato prévio e recorrente com cerimônias em que tais certificados são concedidos como forma de reconhecimento público, bem como o fato de ter sido o MC Bolla um dos agraciados, acredito que a iniciativa tenha partido de Roney.



Em 11/07/2016, fotografias publicadas no grupo da Batalha no Facebook registram, à esquerda, a entrega do certificado de reconhecimento ao administrador do Jesiel Figueiredo, Grímário Farias, e, à direita, o certificado entregue ao MC Bolla.

Apesar da colaboração ofertada naquela oportunidade pelo Deputado, a principal parceria no processo de crescimento da Batalha do Vinho se deu com o poder municipal. À época dos fatos, Roney costumava publicar o frequente contato, dele e do MC Bolla, com o Secretário de Cultura de Natal. Registrei episódios em que essa relação suscitou polêmicas. Entretanto, essas eram vozes esporádicas que, ao menos naquele momento inicial, não tinham intensidade. Sobre o início desse relacionamento, no contexto da realização da seletiva para as fases regional e final do Duelo Nacional de MCs de 2016, Roney narrou o seguinte:

Quando Mineiro nos apoiou, e ele era oposição do governo de Natal, e a gente estava dentro dum espaço da Prefeitura do Natal, a galera já prestou mais atenção. O Secretário de Cultura vendo essa aproximação, disse assim, “traz os meninos pra gente trocar uma ideia e saber o que eles precisam de fato”. Bolla tinha conseguido a primeira seletiva, aí eu disse que não tinha como pedir mais a Mineiro, ele já tinha dado o som do aniversário. Eu fui falar com Grimário, vê se tinha como arranjar um apoio da Funcarte para gente realizar o evento, a gente queria fazer uma seletiva bonita. Aí ele falou, “posso marcar, mas acho que vai ser uma reunião em vão. Esse pessoal esquece da gente aqui do Jesiel, da Zona Norte”. Só que eu, malandro, na época, falei “tudo bem!” Aí quando marcou a reunião e a gente foi lá falar com eles, estava Dácio, Dona Valda, que é a diretora financeira – digamos assim, a segunda pessoa da Funcarte, ela que indica se tem dinheiro ou não pra fazer essas coisas. Eu tinha dito que a gente conseguiu a seletiva, mas no início da reunião a gente teve uma resposta muito negativa, tipo assim “ah, tá difícil!”. Aí, eu disse “é que eu não queria procurar o apoio de Mineiro de novo.” Aí foi quando ele “ah, não... pera aí! O que é que vocês precisam? Vocês trouxeram ofício?” Eu, malandro, já tinha feito o ofício.

Roney interrompeu a narração dos fatos para destacar que tinha aquele ofício salvo, caso fosse interessante para a pesquisa. Aproveitei, então, para lhe perguntar de onde vinha essa tal *malandragem* e se, precisamente quanto ao ofício, ele se referia ao tempo no órgão público. Ele disse “é... Isso aprendi na experiência na Secretaria” e continuou:

Aí eu já entreguei o Ofício dizendo “o que a gente quer é o espaço garantido durante o ano, sempre renovando, com toda estrutura possível de manutenção e a gente quer estrutura de som e iluminação. Em grandes eventos, se possível, algum tipo de premiação vinda da Prefeitura. Aí ele [o Secretário de Cultura] perguntou “é só isso que vocês precisam? É só isso?”, aí eu disse, “é”, aí ele olhou pra Dona Valda e disse “dá pra fazer?”, ela disse “dá”. Na época, eu achei que ele ia dar o sistema de som só pra seletiva, depois ele ia manter só o Jesiel pra gente com a manutenção, só que não, ele renovou o sistema de som para gente, todo sábado... Aí teve a seletiva, “massa”. A gente (pensando) “conseguimos fazer um evento bonito e tal”, quando foi no outro sábado, eu tô inclusive levando a caixa de som da Batalha, uma caixa pesada que só a porra, achando que ia fazer a batalha com essa caixa... quando eu chego no Jesiel, tá o equipamento de som todinho montado de novo, aí eu fiquei feliz demais, eu e Bolla ficou “pô, os cara renovou mesmo”. Aí a coisa começou a degradingolar. Depois da seletiva, o primeiro sábado deu umas 250 pessoas e o público foi só aumentando, até os dias de hoje.

Considerando alguns sinais de contestação que eu havia testemunhado nas redes online, indaguei Roney sobre a receptividade desse contato. Na sua perspectiva, entretanto, a quase totalidade dos participantes avaliava se tratar de um acontecimento positivo – “a gente tava tão desamparado, que mesmo o movimento o hip-hop sendo apartidário, mas sendo político, o pessoal falou assim, ‘se for pra somar, tá tranquilo’, ‘tem que pegar mesmo, essa galera rouba da gente’, essas ideias de hip-hop, né. Eu falei ‘boy não é fácil, mas vamos tentar’”.

Ao final do ano, outra reunião foi marcada com o Secretário de Cultura. O momento, agora, era de agradecimento e de fortalecimento dos vínculos – de fazer o “relacionamento institucional”, diria Roney. Assim, foi elaborado mais um certificado, agora reconhecendo a contribuição da Prefeitura e do Secretário de Cultura para o crescimento da Batalha do Vinho.



Em 27/12/2016, fotografia publicada na página da Batalha do Vinho registra a entrega de certificado em agradecimento ao Secretário Municipal de Cultura.

1.3.2 O aumento do público e a presença de grandes nomes do hip-hop.

Durante minha pesquisa, procurei compreender também os motivos que levaram ao rápido crescimento dos interessados na Batalha do Vinho. Indaguei ao meu informante a que ele atribuía a acelerada divulgação do evento, uma manifestação própria ao hip-hop naquele local. Partindo de consideração acerca de seu contexto, ele apresentou as seguintes razões:

A Zona Norte sempre foi esquecida e pobre de cultura, a Zona Norte nunca foi valorizada culturalmente falando, em questão de algo concreto. Porque, pô, você fazer um carnaval na Redinha, você fazer algo diferenciado no Panatis, é uma coisa, só que você fazer algo assim que realmente vire cultural daquela região, na Zona Norte nunca tinha acontecido isso... aí foi isso que meio que chamou a atenção da galera, porque os bairros locais, próximos do Jesiel, Pajuçara, Gramoré, Parque das Dunas, Nova Natal, José Sarney, esses cantos, começou a ter algo para se divertir, pra dar risada, pra namorar... para tentar usar o que quiser se sentindo protegido. Eu acho que 90% do público foi por essa falta de opções de lazer, outros 10% iam porque queria bagunçar mesmo, mas sempre respeitaram, tanto que nunca foi registrado uma briga na Batalha do Vinho, nenhuma! E a gente fez evento para mais de duas mil pessoas, fez evento interestadual...

Ao citar a pobreza de cultura da Zona Norte, Roney não faz referência à incapacidade de produção e manifestação local, mas à ausência de investimento e ofertas de entretenimento e de lazer pelas instâncias governamentais, à falta de estímulo às local e de atrações oriundas de outras regiões. Por outro lado, quanto à motivação a impulsionar a presença do público na Batalha do Vinho, ele parece se referir àqueles que não acompanhavam o evento num primeiro momento, jovens que não assistiam os duelos quando aconteciam na rua e com menor estrutura.

Meu informante parte de uma divisão que observei subjacente em outras falas, a divisão entre os que participam e fazem a Batalha do Vinho (os mais comprometidos) e os que a frequentam por não ter opções de lazer (numa espécie de modismo). Essa perspectiva, de certa maneira, informa uma classificação que confunde comprometimento e antiguidade – fazendo todo aquele que obtém maior legitimidade na Batalha do Vinho, indo além de um mero espectador, ser compreendido como – ou tão importante quanto – um de seus iniciadores.



Fotografias publicadas na página da Batalha no Facebook durante o período da pesquisa.

A estimativa de Roney quanto ao público presente nos maiores eventos da Batalha do Vinho supera as duas mil pessoas. Uma avaliação mais sóbria e cautelosa reduz esse número. Todavia, avalio inquestionável que, nas tardes-noites dos duelos mais importantes, o público costuma ultrapassar o quantitativo de mil pessoas. Portanto, trata-se de um número considerável de participantes, suficiente para lotar o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo como podemos visualizar em diversos registros fotográficos. Como também aponta nosso informante, esse total de pessoas seria suficiente para acender faíscas de desentendimentos e mesmo de brigas físicas. Contudo, em sintonia com o seu relato, tais conflitos muito raramente ocorrem.



Fotografias publicadas na página da Batalha no Facebook durante o período da pesquisa.

A organização da Batalha do Vinho, progressivamente, apreendia a atenção de seus frequentadores para além dos eventos realizados nas tardes de sábado. Das redes sociais online, constata-se como o MC Bolla intensificava a divulgação de conteúdo pertinente ao hip-hop e ao próprio evento, aí incluídas as chamadas para os seus encontros semanais e *memes* que envolviam os participantes da Batalha. Logo, outros membros passaram a também criar e difundir esse tipo de postagens – as quais seguem disponíveis nas redes da Batalha do Vinho.

Roney, por sua vez, teve a ideia de realizar o “Batalha do Vinho Entrevista” destinado a periodicamente conversar com um participante – formato similar aos programas de TV, já

bastante replicado no Youtube e nas diversas redes sociais online. Seus entrevistados eram personalidades importantes para a Batalha do Vinho – geralmente os seus principais MCs.

Além do relacionamento institucional, travado em especial com a Prefeitura de Natal, e das ações diversas narradas, Roney contribuiu, decisivamente, para o crescimento e para a divulgação da Batalha do Vinho ao promover a presença de dois grandes nomes do hip-hop nacional no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, os rappers Diomedes Chinaski e Fábio Brazza. Esse último, inclusive, tendo comparecido em duas oportunidades.

A primeira dessas ilustres visitas ocorreu em um sábado do mês de setembro de 2017, dia em que estava previsto o confronto entre MCs da Batalha do Vinho e de uma batalha vinda da cidade de Currais Novos/RN, a Batalha do Cristo. Naquela noite, o Diomedes Chinaski estava se apresentando em um show contratado no bairro da Ribeira, em Natal.

Contextualizando a relevância desse artista, não é exagero dizer que o cenário do rap brasileiro foi cindido após o lançamento de uma *diss* – produção musical destinada a atacar outro rapper, um grupo de rappers ou um conjunto de grupos de rap vinculados a uma gravadora rival³⁰ – chamada “Sulicídio”³¹. Midiaticamente centrado no sudeste do país, o hip-hop não é o mesmo depois dessa firme reivindicação de espaço para as produções advindas do Nordeste – o tom violento e a citação nominal de rappers daquela região levaram a um clima de beligerância entre os dois grupos. “Sulicídio” não foi um pedido de licença para entrar no cenário midiático e comercial do hip-hop brasileiro, foi, isso sim, os dois pés derrubando a porta – um desses pés era do baiano Baco Exu do Blues, o outro, do pernambucano Diomedes Chinaski.

Com frases como “sem amor pelos rappers do Rio, nem paixão por vocês de São Paulo, vou matar todos a sangue frio e eu tenho caixão pra caralho!” e “Seu MC favorito fala muito na internet. Seu MC favorito compra coca e paga com boquete. Filha da puta respeita o Nordeste!”, “Sulicídio” se tornou um hino para os adeptos do hip-hop nas cidades nordestinas. Assim, a inesperada presença do Diomedes, em uma noite de público considerável em razão do duelo intermunicipal, levou os presentes a níveis de exaltação sem igual na Batalha do Vinho.

Na manhã seguinte àquela participação, Roney me encaminhou um *link* do vídeo no canal no Youtube; ele estava efusivo. Pelo Whatsapp, eu conseguia sentir sua extrema vibração. Para além da presença daquela referência nacional, a veloz repercussão que o vídeo alcançava

³⁰ LISTA DE DISSES EM PORTUGUÊS. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_disses_em_portugu%C3%AAs. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

³¹ Áudio de 4:41 minutos. EXU DO BLUES, Baco; CHINASKI, Diomedes. **Sulicídio**. Gravadora: PE SQUAD & UNE VERSOS, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cUZSp_1DpKg. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

nas redes motivava a sua empolgação – para os padrões de visualizações e reações comumente alcançados pelos vídeos da Batalha do Vinho, aqueles eram números expressivos.

Procurei, então, saber como Roney conseguira que o Diomedes Chinaski visitasse a Batalha do Vinho e como havia emulado o duelo “sanguinário” que ocorreu entre ele e o MC Doggie (que dois meses antes vencera a seletiva estadual)³². Sobre o episódio, Roney explicou:

É aquele lance que eu falei “eu nunca fui de perder oportunidade na minha vida, nenhuma!” Se eu ver a oportunidade, pode ter certeza que eu vou agarrar. Sendo boa, sendo média, sendo pouca, eu sempre agarro. E foi isso com Diomedes. Ia ter um show do Chave Mestra que é o grupo do Diomedes lá de Recife na Ribeira, sem ele. E faltando uma semana, ele confirmou presença. E quem tava organizando o show era o Chico Bomba que é muito meu amigo. E aí o que foi que aconteceu... Olha só como a esperteza das pessoas é... coincidiu de a data cair no desafio da Batalha do Vinho versus a Batalha do Cristo de Currais Novos. Já era um grande evento que a gente tava organizando. Quando foi de tarde, o Bomba mandou uma mensagem pra mim pedindo pra eu levar não-o-sei-o-quê pra ele, aí disse “pô, os caras do Chave Mestra já chegaram. E o show deles era a noite, logo depois, a Batalha do Vinho, e ele disse, “os cara estão almoçando aí, do lado da tua casa”. Aí eu falei “porra vou lá, falar com Diomedes, né caralho”. Chegando lá, tava os caras tudinho e o Diomedes na ponta. Aí a gente trocou ideia, eu disse “pô, eu vou organizar hoje (a Batalha), vai dá mais de mil pessoas”. Aí, ele disse “eu vou lá, vou prestigiar”. Aí, eu falei – também eu fui pelé, isso aí não aconteceu não, foi uma história minha que eu inventei pra ele, depois foi que ele foi descobrir – “pô, se tu for, fica ciente que nosso atual campeão, o Doggie, disse que se você colar no Vinho vai te desafiar” e Diomedes é MC de Batalha, um dos melhores que eu já vi. Aí ele disse “é? Faz tempo que eu não batalho, mas um desafio ninguém recusa não, principalmente se me chamar na frente de mil pessoas”. Aí eu “Plim!!! Colou!!!”. Joguei a verde, né... e colou. Quando eu saí do restaurante, eu liguei pra Doggie. Eu falei “Ei Doggie, eu inventei uma mentira aqui, filhão, e você vai ter que colaborar comigo!” (...) E Doggie é um MC que todas as oportunidades que eu dei a ele, ele nunca perdeu. Aí logo depois da batalha – ele tinha acabado de batalhar com os boy de Currais Novos – aí ele disse “tem um cara aqui e tal, mas eu quero ver se ele é isso tudo mesmo. Eu quero desafiar Diomedes para uma batalha”. Meu amigo, o público todinho foi pra cima do palco. Só que aí eu falei “E aí Diomedes, vai?!”, ele tava batendo foto com todo mundo nessa hora, ele não ficou quieto na Batalha do Vinho. Aí o público começou a ir embora. Só que, do nada, ele subiu no palco! Aí eu disse “porra, consegui!” Foi uma mentira boa! Consegui, né boy!

A participação do Diomedes Chinaski foi um marco na história na Batalha do Vinho e a explicação de Roney sobre como viabilizou esse acontecimento é de fundamental importância para entender a prática com a qual ele tanto contribuiu para o crescimento do evento. Roney narrou ainda duas outras tentativas, sem sucesso, de levar nomes reconhecidos do rap nacional à Batalha do Vinho, o mencionado Baco Exu do Blues, rapper baiano que, dentre outros grandes

³² Vídeo de 7:31 minutos. Canal da Batalha do Vinho. **Diomedes Chinaski x Dog [DESAFIO] (23/09/2017)**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=34iEDwUK1iw> >. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

sucessos, é coautor de “Sulicídio”, e a “banca” (termo utilizado no hip-hop que, por semelhante, muitas vezes substitui “grupo”) carioca “1Kilo”. Roney afirma expressamente que “qualquer artista grande que vem a Natal, e estiver aqui no sábado, eu tento levar na Batalha do Vinho”.

A visita de Diomedes Chinaski não foi o único grande feito de Roney. Dois meses depois, uma sexta-feira de novembro, eu estava em casa, quando recebi, ainda pela manhã, sua ligação me convidando para “colar” no bairro da Ribeira. Lá, conforme ele me explicou, estaria ocorrendo evento promovido pelo SESC – Serviço Social do Comércio. Não era uma ocasião própria do hip-hop, mas literária e de poesia – O Festival Literário de Natal, FLIN³³.

Roney me contou que aquele evento teria a participação de um grande rapper. Talvez ele achasse que eu não conhecia ou que não lembraria, então, apenas após a minha indagação sobre quem seria esse importante nome do hip-hop nacional, ele me disse se tratar do Fábio Brazza. Ainda por telefone, Roney me explicou seu plano de tentar conversar com o rapper paulista e realizar um episódio do “Batalha do Vinho Entrevista”. À princípio, era só isso!

Mesmo estando no outro extremo da região metropolitana, decidi largar os textos e seguir o campo. Cheguei por volta das 15 horas, Roney já estava no local (sob uma grande tenda branca, com ar refrigerado, instalada no largo da antiga rodoviária) e próximo ao palco. Ao entrar, ocupei uma das últimas cadeiras das fileiras que recebiam cerca de trezentas pessoas, quase todas crianças e adolescentes sob a supervisão de professores. Fiquei toda a apresentação longe de Roney. No palco, além do Fábio Brazza, mais dois jovens poetas potiguaros (um homem e uma mulher) e o mediador que regulava a intercalação dos poemas recitados.

Ao fim do espetáculo fui em direção à Roney e ele, se desgarrando da aglomeração próxima ao palco, também caminhou ao meu encontro. Dessa maneira, conversamos por breves minutos, oportunidade em que reafirmou seu intento de entrevistar o Fábio Brazza. Logo, Roney observou que na lateral do palco, em uma área reservada, estava o Secretário de Cultura – que ele já conhecia bem. Ele me disse, então, que iria cumprimentá-lo. Dali mesmo, Roney adentrou ao camarim montado para o rapper, onde demorou entre 30 e 45 minutos – período em que concretizou a especial edição do “Batalha do Vinho Entrevista”³⁴.

Enquanto o aguardava, decidi caminhar ao redor da tenda. Ali, montava-se um grande palco. Ao lado, na sombra de uma parte coberta pela estrutura da rodoviária, um grupo de jovens dançavam break. Alguns, eu já havia visto na Batalha do Vinho, em especial o B-Boy Kammal.

³³ PAULISTA. Michelle. Natal será, por quatro dias, a capital da literatura. **Nominuto.com**, 2017. Disponível em: <https://nominuto.com/entrelanternaselivros/flin-natal-sera-por-quatro-dias-a-capital-da-literatura/21298/>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

³⁴ Vídeo de 11:23 minutos. Canal da Batalha do Vinho. **Batalha do Vinho entrevista Fábio Brazza**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YN9JmiCQWVo>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

Ao retornar da área exclusiva, Roney veio em minha direção, contou rapidamente sobre a entrevista e que o Fábio Brazza teria afirmado conhecer a repercussão de vídeos da Batalha na internet, principalmente o vídeo do Diomedes. Roney disse, então, tê-lo convidado para dar uma volta por Natal e conhecer a praça onde ocorre a Batalha do Vinho – sendo uma sexta-feira, contudo, não haveria duelos no Jesiel Figueiredo durante aquela tarde-noite.

Nesse momento, soube que Roney tinha se deslocado até à Ribeira na companhia de Grimário, de um amigo desse e de uma jovem frequentadora da Batalha do Vinho. Roney, então, combinou de se dirigirem para a Zona Norte, onde seu convidado conheceria o local de realização da Batalha do Vinho. Como todos eles estavam no carro de Grimário, com o ilustre rapper o veículo teria lotação máxima. Considerando o trânsito intenso, por volta das 18h, e que o trajeto incluía diversas regiões da cidade, não era recomendado que eu os acompanhasse. Roney me propôs, então, que eu me deslocasse para conhecido ginásio público situado numa área central da cidade, na Avenida Prudente de Moraes, em frente ao estádio Arena das Dunas.

Ali, na parte externa do ginásio, é realizada, às sextas-feiras, outra importante batalha de MCs existente em Natal – a Batalha do DED. Eu, contudo, preferi esperar na Ribeira o tempo estimado que eles dispenderiam no trajeto de ida e volta à Zona Norte. Cheguei, então, ao ginásio do DED por volta das 19:30h. O Fábio Brazza já estava batalhando na modalidade dupla com os MCs locais³⁵, sendo sempre interrompido, entre uma batalha e outra, para tirar fotos a pedidos dos fãs. Os jovens tentavam *trocar uma ideia* ou pegar o número/Whatsapp do visitante ilustre, ao que Roney, rapidamente, se colocava como intermediário e era endossado pelo rapper.

Tão incrédulos e surpresos como os jovens presentes no ginásio do DED, ficaram os frequentadores da Batalha do Vinho ao constatar, naquela noite e ao longo dos dias seguintes, as diversas fotos que Roney continuava a postar do Fábio Brazza – no carro, comendo ginga com tapioca na praia da Redinha e, sobretudo, no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

Decorrido pouco mais de uma hora ali na Batalha do DED, eu já pensava sobre como voltaria para casa quando, por sugestão de Grimário, optamos por retornar ao largo da antiga rodoviária de Natal, uma vez que no palco que estava sendo montado naquela tarde, haveria apresentações musicais. Sugeri que Roney, ainda que por mera gentileza, estendesse o convite ao Fábio Brazza. Todavia, para nossa surpresa, pela segunda vez ele aceitou nos acompanhar.

Ao contrário do deslocamento anterior, não houve questionamentos sobre minha ida no carro. Nos apertamos, Roney, sua amiga, o Brazza e eu, no banco de trás. O trajeto ainda foi

³⁵ Vídeo de 8:43 minutos. Canal da Batalha do Vinho. **Batalho DED / Fábio Brazza & Slam x Codorna & Arthur MC. 10.11.2017.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u3cLql4VgNg> . Acesso em 28 de janeiro de 2020.

estendido, pois, a pedido de nosso convidado, passamos no hotel em que ele se encontrava hospedado, no bairro de Ponta Negra. No carro, eu comentei com o Fábio Brazza que Roney era um grande fã seu, que quando nos conhecemos ele tinha o hábito de compartilhar seus vídeos. Mesmo eu não tendo perguntado se alguma daquelas músicas havia sido escrita com a colaboração do jovem Roney, eu esperava de meu amigo uma reação entre a surpresa e o receio ao ver que eu me recordava de sua admiração de longa data, mas também de alguma satisfação e de constrangimento por ver tal admiração exposta diante do artista que tanto admirava.

Roney, contudo, se mostrou sério e logo desconversou. Ele se limitou a comentar que sua intenção, ao me marcar nas músicas do Brazza, era me convencer a gostar de hip-hop e que preferiu começar com algo “mais leve” – “eu não podia mandar logo um Racionais ou Facção Central”, disse ele. Preferi não insistir e, diante dos risos de todos, passamos a outros assuntos.

Percebi naquele momento que Roney não queria ser visto como um fã. Ele desenvolvia agora um papel que se situava entre o líder comunitário consciente e o produtor cultural. Isso ficou mais claro ao constatar que, no restante da noite, as principais conversas estabelecidas entre eles foram sobre eventos futuros de hip-hop a serem realizados na cidade de Natal – números de telefone/Whatsapp, inclusive, foram confirmados para tratativas próximas.

Ao fim da noite, tendo a jovem que nos acompanhava ficado na Ribeira, Grimário deixou Roney e eu no bairro do Alecrim e seguiu para deixar o Fábio Brazza novamente no hotel em que estava hospedado em Ponta Negra. Ali, próximo à casa de meus pais, ainda conversamos e bebemos um pouco. Roney me disse que tentaria incluir o Brazza no 2º Festival Potiguar de Hip-Hop que aconteceria dali a um mês, com o apoio da Prefeitura de Natal. Ao entrevistá-lo, pouco mais de um ano após esse acontecimento, pedi que Roney contasse com maiores detalhes como se deu aquela abordagem ao Fábio Brazza. Ele, então, narrou:

Teve a FLIN – a Feira Literária de Natal. O Fábio Brazza foi convidado e o Brazza já era meu amigo de internet, a gente conversava na internet, só que eu nunca tinha visto ele pessoalmente e ele nunca tinha me visto. Você tava nesse dia, da FLIN. Eu não perdi a oportunidade. Eu precisei de um minuto com ele, um minuto eu precisei ficar com ele, um minuto só! Eu apertei a mão dele e disse “E aí Brazza, tranquilo? eu organizo a maior batalha de MCs do Nordeste aqui. Vai fazer o que depois desse evento?” Ele disse “pô, eu não tenho nada, vou voltar para o hotel”. Eu não tinha um real, Michael! Você, inclusive, que comprou a cachaça nesse dia... eu tinha um trocado, 30, 40 reais, que não era nada... Aí eu falei, “é o seguinte: eu tô com um carro aí” – e eu não tinha carro. “Se você quiser, depois da FLIN e de você bater foto com todo mundo, eu posso te levar para conhecer Natal e depois te levar na Batalha do DED”. Ele disse “preciso conversar com meu agente local”. Eu disse “Quem é seu agente?”. Eu falei com o agente dele que disse “Ele tá entregue aí, se ele quiser ir”. Aí eu olhei pra ele, ele meio que foi forçado a ir. Ele não ia dizer não na minha cara. Mas esse foi o melhor “sim” que ele deu. Ele diz isso pra mim até hoje. Aí eu falei com Grimário

e com você e com Aninha. Eu falei “Grimário, não tenho dinheiro, você vai ter que me ajudar nessa aí.” Ele disse “tô dentro!”. Levamos o Brazza pra comer gíngua com tapioca na praia da Redinha. Aí eu bati uma foto dele comendo gíngua com tapioca e mandei pro dono do *TodoNatalense*³⁶ que é uma página bem grande que tem em Natal, que é meu amigo, do escoteiro, e foi massa. A foto dele viralizou e ele gostou disso. E eu levei ele pra conhecer a praça onde acontece a Batalha, que é o Jesiel, e levei ele pra conhecer a praça do *half*, que é uma praça do lado. Logo depois, eu levei ele pra conhecer a Batalha do DED. Pra você ver... eu já tava com isso na minha cabeça. De manhã, eu liguei para o organizador da Batalha do DED, o DZ6, e falei “DZ6, posta na página do DED que há uma possibilidade de 90% de o Fábio Brazza ir conhecer a Batalha do DED hoje!” Nem sabia se ia dar certo ou não. Aí, DZ6 postou “Apareçam hoje que há uma grande possibilidade de o Fábio Brazza ir na Batalha do DED!” Nem sabia se ia dar certo. Essa é a verdade. Foi um tiro no escuro, literalmente (sic)! E aí eu precisei de um minuto só pra convencer ele! E aí, pelé como eu sou, bati a foto dele comendo gíngua com tapioca e ele queria enviar a foto pra família dele. Aí eu peguei o whatsapp dele, eu fui o único, eu sou o único que tem o whatsapp do Fábio Brazza pessoal e hoje a gente é amigo pessoal mesmo!

Em mais uma oportunidade, Roney utiliza de grande habilidade, de esperteza ou “pelezagem”, como ele diria, para concretizar seu objetivo. Logo, assim como uma “mentira boa” para o Diomedes, a relação com o Fábio Brazza foi viabilizada por estratégia narrativa aliada ao manejo de sua rede de sociabilidade. Roney conta que ele não tinha carro, nem dinheiro. Mas o fato é que ele mobilizou esses recursos da melhor maneira possível, o suficiente para alcançar sua pretensão – Grimário contribuiu com o carro; eu poderia pagar algumas bebidas ou um lanche (como, de fato, aconteceu enquanto aguardávamos o Brazza no hotel, durante nossa presença no largo da antiga rodoviária de Natal e ao final da noite).

Roney não sabia se conseguiria levar o Fábio Brazza ao ginásio do DED – como ele admite, “essa era a verdade”. Entretanto, ele construiu a aparência própria necessária perante o artista (carro, dinheiro, etc.), assim como construiu o melhor cenário no ginásio do DED naquela noite, emulando o público ao longo do dia com a presença do ilustre rapper paulista. Para esse convidado, que desconhecia o anúncio prévio de sua participação, Roney construiu uma cena local do hip-hop maior do que seria “de verdade” em um dia comum.

Mas a construção de aparência mais elaborada que podemos encontrar, não é a de Roney, nem tem como destinatário qualquer rapper de prestígio. Cabe perguntar quando e como, a Batalha do Vinho, ou a do DED, reuniria condições econômicas suficientes para contratar a presença de um artista de envergadura nacional. A empolgação que testemunhei em

³⁶Publicação em Página do Facebook. **TodoNatalense**. Disponível em: <https://www.facebook.com/TodoNatalense/photos/a.217352495009543/1569823949762384/?type=3&theater>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

expressões faciais (no DED) e digitais (nas redes da Batalha do Vinho), evidenciou o valor daquela presença na identidade dos adeptos locais: ter o Fábio Brazza presente, era, para muitos, sentir-se incluídos enquanto sujeitos do hip-hop, mas, me permito afirmar, também como cidadãos – a relevância midiática e comercial do rapper aliada ao fato de sua visita ter sido algo espontâneo unia a legitimidade da sociedade de consumo àquela própria ao hip-hop.

Sabendo que a construção da aparência nem sempre se dá de forma consciente, percebe-se que, ao mobilizar seus recursos para concretizar a presença do Fábio Brazza, Roney construía uma nova aparência para as batalhas locais de MCs e, em boa medida, para os indivíduos que compõem esses eventos. Ao se verem capazes de atrair presenças como a do Diomedes Chinaski e a do Fábio Brazza, aqueles participantes apreendem tal fato, não como o reconhecimento de uma capacidade forjada, mas como o descobrimento de uma capacidade que detêm ainda que não o soubessem. A admiração que os rappers manifestaram diante dos eventos a que compareceram, assim como sua repercussão nas redes sociais online – como os elogios advindos de adeptos do hip-hop de outros estados – retroalimentam essa nova autoidentidade, essa aparência construída ou, por desconhecida tal condição, essa verdade descoberta.

Nesse sentido, cabe recordar a noção de agência evidenciada por Sherry Ortner³⁷, como parte da teoria da prática. Segundo a autora (2007b, p. 46-47):

a própria palavra “agência” tem algo que remete ao ator autônomo, individualista, ocidental. De fato, as próprias categorias que historicamente estão por trás da teoria da prática, a oposição entre “estrutura” e “agência”, parecem sugerir um indivíduo heroico – O Agente – enfrentando uma entidade tipo cyborg chamada “Estrutura”.

A autora ressalta que, entretanto, suas análises pressupõem os agentes “sempre envolvidos na multiplicidade de relações sociais em que estão enredados e jamais podendo agir fora dela (2007b, p. 47)”. Assim, ela registra que, “por um lado, o agente sempre está inserido em relações de (pretensa) solidariedade (Ibidem)”. Contudo, “por outro lado, o agente está sempre enredado em relações de poder, de desigualdade, de competição e assim por diante (Ibidem)”. Nesse sentido, acredito que o encontro das histórias da Batalha do Vinho e de um dos seus principais colaboradores é a concretização dessa perspectiva.

³⁷ ORTNER, Sherry B. **Poder e Projetos: Reflexões sobre a agência (Conferência)**. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia, 2006. P. 45-80. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1751_318_ConferenciaseDialogos.pdf. Acesso em 08 de novembro de 2020.

A Batalha do Vinho não constitui um evento isolado do mundo, ao contrário, serve de palco para diversas contradições da estrutura social e seus perigos. Nesse contexto, encontramos um sujeito emulado, desde cedo, a enfrentar os desafios colocados à sua frente; desafios constituídos numa intrincada combinação de interesses coletivos e pessoais. Assim, a participação de Roney evidencia uma conduta sustentada em ideais e ações altruísticas sem que isso, contudo, afaste um individualismo elaborado a partir da crença de que tais ações demandam sabedoria, esforço e bravura singulares – cuja realização não está acessível igualmente a todos. Nesse sentido, a formação de Roney remete à análise de Ortner, ao abordar os contos de Grimm (2007b, p. 59), acerca da construção do masculino a partir de uma agência ativa e competitiva.

Para Roney, as atividades desenvolvidas no movimento escoteiro conferiram grandes oportunidades de “concretização bem-sucedida da agência” ao passo que o prepararam para relações de intensa competição no mundo adulto. Longe de se tratar de um “objeto psicológico autônomo (Ortner, 2007b, p. 52)”, se a ingênua pretensão de heroísmo na infância tem a potencialidade de ser transmutada em ações marcadas pela competição na vida adulta é porque essa concepção está entrelaçada diretamente com noções ocidentais mais amplas que influenciam nossa sociedade, ou seja, a conduta do indivíduo como produto “do fazer e refazer de formações sociais e culturais mais amplas (Ibidem)”. Nessa linha, o sujeito se depara, ao sair do mundo das fabulações infantis, com uma variada gama de relações – entre pretensos vínculos de solidariedade e de competição, sempre a partir de desiguais circunstâncias de poder.

A atuação de Roney enquanto promotor dos acontecimentos na Batalha do Vinho reclama também observância quanto ao nível de consciência com que os indivíduos agem diante da realidade e da estrutura social. Nesse sentido, é relevante compreender a abrangência daquilo que Ortner classifica como a intencionalidade da agência. Segundo ela (2007b, p. 52):

“Intencionalidade”, aqui, pretende incluir uma ampla gama de estados, *tanto cognitivos como emocionais, e em vários níveis de consciência, que estão orientados para algum fim*. Assim, em agência, intencionalidade poderia incluir enredos, planos e esquemas altamente conscientes; metas, objetivos e ideais um pouco mais nebulosos; e, finalmente, desejos, vontades e necessidades que podem variar de profundamente encobertos a bastante conscientes. Em suma, intencionalidade como conceito quer incluir todas as maneiras como a ação aponta, cognitiva e emocionalmente, para algum propósito (grifos da autora).

Ao longo das histórias de vida de Roney, é possível enxergar esses diferentes estágios de intencionalidade. No escotismo, às aventuras infantis segue-se o estímulo à construção de seu nome na sociabilidade com líderes do movimento e autoridades públicas, um evidente processo de conscientização acerca da importância da vitória nos combates travados, indo das patrulhas escoteiras ao mundo adulto. Essa mesma lógica era, paralelamente, projetada no

mundo fora do escotismo – os diversos momentos em que ele se imaginava como baterista ou como atleta de bicicross ocupava um estágio onírico, mas também, como evidencia suas publicações, servia à elaboração dos diversos caminhos que tinha à sua frente, nos quais poderia ensaiar uma trajetória de sucesso futuro – como demonstra a constante menção às suas referências, seja os integrantes do grupo “Comando Étílico”, seja na atividade esportiva.

Ortner (2007b), na continuidade da reflexão transcrita, fala em intencionalidades soft e hard. Sua avaliação é de que esses níveis de consciência convivem constantemente – integrando o que ela nomeia de “intencionalidade”. Nesse sentido, parece adequado observar que esses momentos de consciência podem se relacionar de forma sequencial no tempo, ações marcadas por pouca consciência, na infância, podem ser compreendidas como um momento soft a avançar em direção a uma agência hard – essa, para Ortner, preferência no trato da prática social.

De certa maneira, ao relatar com magnitude sua experiência no tocar bateria, na prática do bicicross ou mesmo no rap que cantou no grupo do whatsapp do pessoal do trabalho, o que o jovem Roney buscava era elementos externos – a credibilidade e os elogios de outras pessoas frente àquela aparência que ele estava a elaborar e a projetar para si. Essa aprovação não ensejava nenhuma vantagem direta, mas servia, isso sim, para a consolidação de sua aparência. E, ao negar, inclusive para si, plena consciência quanto à natureza construída dos delírios, não é apenas os outros que se busca convencer por tais ações, mas, sobretudo, a si próprio.

Essa conduta em nada difere do que, mais tarde e com maior consciência, veio a ser elaborado em favor das batalhas locais de rimas. A busca de aprovação nos primeiros espaços sociais experienciados fora do escotismo, assim como o convencimento e o comparecimento de grandes nomes do hip-hop, serviram à confirmação de uma perspectiva de sucesso, à *construção do nome* conforme as vitórias projetadas. A peculiaridade é que, no segundo caso, essa projeção, e sua realização, se dá de maneira compartilhada entre os adeptos das batalhas.

Uma frase que ouvi e li quando da presença do Fábio Brazza foi “eu não acredito!”. De fato, aquilo estava fora do enredo habitual para uma ocorrência marginal no cenário do hip-hop brasileiro. Entretanto, eu e os demais abismados presenciávamos aquilo acontecer. Aquela era uma vitória de todos os que fazem o hip-hop local, o que não impedia de ser interpretado por Roney também como uma vitória particular. Afinal, o agente está sempre enredado entre relações de solidariedade e de competição – valores, ali, aparentemente conciliados.

Ainda recorrendo à Ortner (2007b), a agência, em alguma medida, pressupõe ação e essa não pode ser vislumbrada sem relações com o poder. Nesse sentido, a autora observa que o poder, embora possa ser exercido como “resistência” ou com “capacidade de transformação”, também atua como “dominação, ou seja, poder tal como é incorporado a estruturas objetivadas – instituições, discursos, etc.” (2007b, p. 56). Nesse sentido, Ortner traz a precisa contribuição

de Sewell (1992, *apud* Ortner, 2007b, p. 56-57) acerca da noção de *recursos*. Segundo esse autor, “[...] por mais desigualmente que estejam distribuídos os recursos, alguma parte destes, tanto humanos como não humanos, é controlada por todos os membros da sociedade, por mais destituídos e oprimidos que sejam”. Contudo, o autor citado ressalta como essa distribuição, que restará por constituir diferentes agências, é realizada de maneira desigual a partir das instituições estruturais. Diz Sewell (*Ibidem*):

É [...] importante [...] insistir em que a agência exercida por diferentes pessoas está longe de ser uniforme, em que a agência difere enormemente tanto em tipo como em extensão. Os tipos de desejos das pessoas, as intenções que elas formam e toda espécie de transposições criativas que realizam variam intensamente de um mundo social para outro. As estruturas [...] empoderam diferentemente os agentes, o que também implica que encarnam também diferencialmente os desejos, intenções e o conhecimento dos agentes. As estruturas, assim como as agências humanas que elas conferem, estão carregadas de diferenças de poder.

Assim, vislumbra-se que as formações estruturais constituem agências específicas, de maneira que uma agência em regra não disponível para grupos estruturalmente desprestigiados é capaz de conferir habilidades aí escassas, terminando por influir nas relações de poder mais amplas. O esforço de Roney para concretizar objetivos na Batalha do Vinho é viabilizado por acessos e conhecimentos obtidos em outros espaços de sociabilidade e se faz importante, em grande medida, porque nesses espaços estruturalmente desprestigiados, não apenas a concretização de objetivos, mas a própria elaboração de sonhos audazes resta prejudicada.

A combinação de um imaginário ativo e obstinado – como evidenciado na participação de Roney, mas presente, ainda que pontualmente, em outros jovens – com conhecimento sobre termos e procedimentos burocráticos conferiu alguma dificuldade para o domínio estrutural esperado numa iniciativa daquele viés. Se as estruturas constituem as agências conforme seus característicos poderes, pode-se afirmar que o direcionamento de uma agência produzida em certo espaço social para o benefício de outro possibilitou uma feliz instabilidade nessa relação.

Ainda ao abordar “agência e poder”, Ortner (2007b) considera a divisão heurística entre a persecução de projetos culturalmente definidos e a atuação no contexto da desigualdade estrutural. Embora os projetos não sejam pautados pela obtenção de poder em sentido estrito, a busca por concretizá-los não ocorre apartada da relação de dominação e resistência. Assim, ao abandonar desejos e intenções valoradas no mundo social em que fora instruído, modificando os seus projetos, Roney termina por se deslocar também na relação estrutural de dominação e resistência. Em todo caso, o exercício dessa resistência abarca, sempre, diversos projetos disputados às “margens do poder” (Ortner, 2007b), conforme se verá nas páginas a seguir.

1.4 A MINHA IMERSÃO NO CAMPO OU O QUE ACOMPANHEI DAS MODIFICAÇÕES NA BATALHA DO VINHO.

Sabemos que o MC Bolla havia conseguido que a Batalha do Vinho realizasse a seletiva estadual que garantiria vaga para a etapa regional de 2016. Esse evento, ocorrido no mês de setembro, foi o primeiro a que estive presente no Jesiel Figueiredo. Em novembro daquele ano ocorreu ainda um confronto entre os MCs da Batalha do Vinho e a da Batalha da Quadrinha, de Fortaleza/CE. Pela segunda vez, estive no local. Essas oportunidades de comparecimento se deram antes de iniciada minha vinculação com o PPGAS/UFRN. Eu, pois, estava ali para conhecer, para ver se a Batalha do Vinho “dava certo” como objeto de pesquisa.

O ano seguinte, a princípio, não era o momento ideal para minha imersão no campo, pois iniciaria o contato com as disciplinas teóricas. Pouco antes, entretanto, eu soubera que necessitaria mudar de Natal ao final de 2017. Era preciso, então, realizar a pesquisa etnográfica naqueles meses. Ao fim, considero que essa necessidade resultou positiva, pois, me permitiu vivenciar acontecimentos que avalio decisivos para a investigação e este seu produto.

Ao evidenciar, nas páginas a seguir, o contato mantido, o segmento em atenção à sucessão cronológica, mas objetivando, sobretudo, introduzir as características e as mudanças experienciadas pela Batalha do Vinho e por este pesquisador no referido contato – o início como desconhecido; o meio como pertencimento; e o fim como distanciamento e saudade.

1.4.1 O Início.

Embora minha pesquisa apenas começasse, percebi que tudo parecia seguir linhas, como as de um novelo bastante desfiado. Assim, entendi que eu melhor me situaria se procurasse compreender o que vivenciei nas duas primeiras vezes que compareci ao Jesiel Figueiredo. A expectativa, naquele momento, era de retribuição à visita feita pela Batalha da Quadrinha no final do ano anterior. Assim como os cearenses se deslocaram até a Zona Norte de Natal, o caminho inverso seria percorrido em março próximo – tudo parecia correr tranquilo para isso.

Na noite daquele primeiro confronto, em novembro de 2016, ao ver anunciada a viagem de volta, eu confirmei à Roney que iria com eles – com os organizadores, os MCs e outros frequentadores da Batalha do Vinho. Assim, iniciado o novo ano e retomada a divulgação da viagem, combinei com Roney que ele passaria no nosso antigo local de trabalho – àquela época já não era dele, mas ainda era meu – para pegar o valor de R\$ 70,00 de minha participação. Roney, tão logo o fez, deu publicidade ao fato em uma postagem na página da Batalha do Vinho no Facebook. Ilustrada com uma foto nossa, a publicação convocava os demais interessados a garantir seu lugar na viagem, ou seja, a pagar o valor correspondente³⁸.

³⁸ Publicação no grupo da Batalha do Vinho no Facebook – viagem para Fortaleza. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1055950137864962&set=g.256665764471859&type=1&theater&ig=1> . Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

Nesse mesmo período, outro personagem de nossa história voltou à cena – a violência. O uso do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo era recente e aquela era a primeira virada de ano vivenciada pelos jovens da Batalha do Vinho após a mudança definitiva de local. A Funcarte os comunicara ser preciso renovar os contratos que assegurariam a continuidade dos equipamentos de iluminação e som disponibilizados. Isso demandaria, entretanto, algumas semanas. Uma vez que a viagem à capital cearense aconteceria em meados de março, ficou combinado, então, que a retomada dos duelos no Jesiel Figueiredo se daria no sábado seguinte ao regresso de Fortaleza.

Apesar disso, os participantes mais atuantes da Batalha do Vinho optaram, a princípio em consenso, por fazer os duelos “como antigamente”, ou seja, na Praça do Half ou sob as marquises do Ginásio Nélcio Dias³⁹. Mais uma vez, entretanto, uma situação de perigo frustrou a iniciativa. No Facebook, Roney relatou⁴⁰ o acontecimento em que um carro com vidros escuros, após rondar a região, disparou à esmo contra alguns grupos de jovens que estavam na Praça do Half – oportunidade em que, apesar da correria, um dos atingidos veio a falecer.

³⁹ Informe sobre a interrupção das batalhas no Jesiel Figueiredo e sua realização na praça do half. Disponível em: <https://www.facebook.com/roney.miranda.9/videos/1055100797949896/>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

⁴⁰ Inteiro teor de publicação na página pessoal de Roney no Facebook em 1º de fevereiro de 2017: Escrevo essa publicação com a tristeza e indignação... Estava agora a pouco, na praça que eu sempre frequento, conversando e colocando as conversas em dia com os amigos que sempre vejo nessa mesma praça, quando que por volta das 22:35h passa na rua da praça um gol G4 preto todo fechado e super estranho, nós que estávamos na arquibancada ficamos cismados mas não ligamos, continuamos conversando, quando que em um tempo de 5 segundos depois a gente escuta vários disparos de arma de fogo, nós só fizemos correr, então um rapaz que correu por onde eu tava correndo viu que foi baleado na perna direita, eu fiz os primeiros procedimentos o acalmando e ligando para a SAMU, mas ele acabou indo de moto para o pronto socorro. Então eu voltei na praça pra ver se meus amigos que correram pra outra direção estava bem, foi aí que eu e outras pessoas vimos que um outro também tinha sido baleado, só que esse tinha sido baleado na cabeça, eu aparentemente não consegui ver o rosto do mesmo pois ele estava de capuz na cabeça e caiu em um lugar onde tava tendo obra do DESgoverno do estado, então eu fui quem fiz o procedimento novamente de ligar para o SAMU e passar mais de 10 minutos em uma ligação, e no momento dá ligação eu falava constantemente que o jovem estava agonizando, e ele realmente estava agonizando, logo depois, chegou algumas pessoas que conheciam esse jovem, disseram que ele era um rapaz menor de idade e que não fazia mal a ninguém, que estava na praça rimando com os MCs que lá estavam na hora também. Isso é de uma revolta sem igual, escrevo essa publicação chorando bastante, pois mesmo sem conhecer o jovem, eu me coloquei no lugar dele, pois quem atirou, atirou em quem primeiro viu que podia acertar, sem motivo algum. Pois bem, logo quando eu estava fazendo o procedimento passou uma viatura da PM e eu gritei pedindo socorro, pois não sabia se podia ficar lá, porque a qualquer momento o carro podia voltar e continuar a matança, a PM parou lá e fez uma série de perguntas a todos que estavam lá, foi quando que no rádio da PM eu ouvi que o mesmo veículo tinha alvejado mais dois jovens no bairro de Nordelândia, bairro esse muito próximo ao bairro onde fica essa praça do acontecido acima. O que mais me revolta é que até quando teremos que sofrer isso? Até quando teremos que viver amedrontados? Até quando terei que viver nessa "ditadura democrática"? Eu vendo aquele jovem estendido no chão me fez ver o quanto o estado é falho, me fez refletir que poderia ter sido eu ali no chão, e que não foi por pura sorte. Esse tipo de acontecido só acontece no gueto, onde só morrer quem é pobre, pois hoje não podemos mais nos vestir dá forma que queremos, pois se eu coloco qualquer roupa mais folgada, a sociedade e em especial a POLÍCIA MILITAR já me ver como um vagabundo, como alguém que não faz nada na vida. Deixo aqui minha profunda tristeza e indignação com esse acontecimento, e meus profundos pêsames pra família, pois me coloco no lugar dos mesmos e sei bem como é a dor de perder uma pessoa querida da família.

Se o relato inicial de Roney se mostrou comovente ao narrar o desesperado por socorro para o jovem atingido, os comentários que se seguiram é de contextualização quando menciona a morte, naquela semana, de um policial que atuava como segurança em um shopping da Zona Norte como o provável motivo do atentado. Esse tipo de ação não é algo raro como forma de retaliação nas periferias da cidade. É concebendo essa hipótese que Roney menciona ter ouvido, pelo rádio da viatura policial, que situação semelhante estava a acontecer em bairro próximo.

Naquela semana, o clima de insegurança foi ainda intensificado por outro caso de intimidação que tomou o centro dos diálogos entre aqueles jovens. Nesse caso, a abordagem agressiva fora praticada por soldados do Exército brasileiro que ocupavam as ruas de Natal sob a justificativa de manutenção da ordem pública diante de atos violentos ocorridos na cidade – atribuídos a facções criminosas em disputa dentro e fora do sistema prisional do Estado.

Nesse cenário, concluiu-se que a organização da Batalha do Vinho não mais chamaria os jovens para as ruas naquelas noites. Afinal, como se aproximava o mês de março, em breve os duelos seriam reiniciados com a segurança que se acreditava ter dentro do Jesiel Figueiredo.

A violência, entretanto, não era o único assunto em alta naquele momento. Precisamos, então, retroceder, uma vez mais, ao confronto realizado entre os MCs da Batalha do Vinho e os da Batalha da Quadrinha. Naquela noite, o MC local de maior destaque foi o MC Kennedy, tendo realizado a final do desafio contra um MC cearense, o MC Chally.

No curso da esperada disputa final, o MC Kennedy decidiu introduzir em suas rimas, como tema destinatário de seu ataque o “feminismo” – escolha que causou reações diversas do público. Um grupo próximo ao MC (próximo em duplo sentido, pois, por serem seus amigos, estavam ao pé do palco) constituía o núcleo de seu apoio; outra parte do público, todavia, o vaiava. O MC visitante, ciente da polêmica em que se colocou o seu adversário, empreendeu a continuidade de suas rimas na “defesa do feminismo”. Entretanto, a afirmativa de que ataque e defesa se digladiavam a favor e contra o feminismo tem o risco de negar o entendimento de que os MCs estariam discutindo sobre a concepção de feminismo.

O que quero destacar agora, contudo, não é exatamente o duelo. Chamou a atenção de muitos dos presentes o fato de que, durante suas rimas, ou seja, no curso de parte considerável do round, o MC Kennedy se dirigia ao público e gesticulava. Após alguns instantes olhando para trás, para uma parte mais acima nas arquibancadas escuras do Jesiel Figueiredo, consegui identificar que uma jovem também gesticulava e gritava palavras que, devido ao barulho intenso do público e do sistema de som, eu não teria como entender.

Após o duelo, quando retornávamos à casa de um casal conhecido de Roney – com o qual ele convivia também na militância política – para deixar mesa e cadeiras plásticas que

havam sido emprestadas para a realização do evento, Roney me perguntou se eu tinha visto o que tinha rolado “essa semana no grupo da Batalha”. A pergunta foi curiosa, sobretudo, porque durante o duelo e a discussão do MC Kennedy com a garota da arquibancada, uma jovem amiga de Roney – amiga do referido casal e também integrante da militância e que estava a conhecer a Batalha há poucos dias – a quem ele me apresentou naquela tarde, me fez a mesma pergunta – “você viu a confusão no grupo essa semana? É por isso (a provocação entre o MC e a moça)”.

Eu não tinha visto o grupo, mas quando Roney me perguntou eu já sabia que ele se referia ao duelo final e o porquê de o assunto “feminismo” ter tomado o centro do combate das rimas. Roney e sua amiga não saciaram a curiosidade que me criaram – ela, em razão da imediatividade do duelo que continuava a ocorrer; ele, pelo tardar do horário e eu precisar ainda pegar meu ônibus. “Depois te conto” e não me contaram. Não me contaram e eu não procurei saber imediatamente, pois logo percebi que o tema e suas ocorrências eram constantes nas redes sociais online da Batalha do Vinho. Dali a pouco, conflitos semelhantes voltariam a ocorrer.

Algum tempo depois, ao analisar os materiais disponíveis nas redes sociais da Batalha do Vinho, encontrei o que acredito ser a referida publicação (ao menos, uma dentre um conjunto de publicações que constituem um mesmo debate naquele período). Em publicação do início daquele mês de novembro de 2016, Roney trata de uma situação delicada que alega estarem, ele e alguns MCs, a passar. Ele narra, então, terem sido convidados para se apresentar em uma ocupação que estudantes universitários estavam realizando na Reitoria da UFRN em protesto contra mudanças que o governo Temer havia adotado e que consideravam prejudiciais. Assim, atendendo ao convite, eles compareceram ao “Ocupa UFRN”. Na exibição ali realizada, eles procuraram apresentar duelos adaptados, nas palavras e nos temas, ao público universitário.

É preciso contextualizar que as batalhas de MCs costumam abordar temas do dia a dia do jovem das periferias. Dentre esses temas, estão a violência e uma série de preconceitos sociais que, em regra, são manejados contra esses mesmos jovens e pessoas próximas a eles. O manejo dessas temáticas como forma de agressão ao adversário é conhecido como “Batalha de Sangue” – uma vez que objetiva fazer o adversário sangrar, uma vez que agredi-lo é o que importa no duelo. Em contrapartida, variações de formas e temáticas têm surgido no cenário das batalhas, parte dessas inovações são reunidas sob a noção de “Batalhas do Conhecimento” – no novo contexto, tem se tornado costumeira a crítica às rimas de sangue e seus entusiastas.

Naquela publicação, contudo, Roney estava a se lamentar de ter recebido críticas em sentido inverso, por terem os MCs apresentado rimas com teor próximo mais ameno. De seu relato, percebe-se que ele faz referência a publicações anteriores que, ali mesmo no grupo da

Batalha do Vinho no Facebook, objetivava tecer tais críticas. Logo sua publicação seria uma resposta a outras publicações que trataram da apresentação realizada no Ocupa UFRN.

Apesar de não ser a única, a principal voz crítica ao teor cotidiano dos duelos da Batalha do Vinho e àquela sua adaptação episódica era a da jovem que, das arquibancadas, discutia com o MC Kennedy durante o mencionado duelo final. Considerando a extensão dos mais de cem comentários e buscando evitar a excessiva exposição dos participantes (em que pese o conteúdo continuar disponível em caráter público na rede social online), destaco, a seguir, breve trecho daquele diálogo. Assim, começo com a réplica de Roney em sua postagem:

- Roney: A gente já fez chamadas pra batalhas só de mulheres, a gente já (fez) diversas batalhas TEMÁTICAS e do CONHECIMENTO, agora se as manas não querem aprender a rimar de improviso ou algo do tipo, eu não posso fazer nada, se você quiser eu pessoalmente te explico como são as modalidades usadas na BATALHA DO VINHO, e como é feita e diversificada no improviso o SANGUE, o que eu não é aceitável é você denegrir a BV sem nem ao menos nunca ter chegado para os cabeças e perguntar se podia falar um pouco do que estava te incomodando, o que não se pode admitir é você ir nas redes sociais e chamar todo mundo de preconceituosos e o caralho a quatro, eu estou na frente da organização da BV junto com os parceiros, levei os mlk sexta passada pra ocupação a pedido da organização, eu levei toda a estrutura que você mesma utilizou, e mesmo assim você foi falar que a gente se conteve ou algo do tipo, o que aconteceu ali foi muito respeito da parte dos mc's com o momento e o lugar, todos lá aplaudiram e elogiaram a conduta e forma de rimar dos meninos, mas você sem nem ter visto foi falar aquelas coisas nos atingindo, generalizando... Um dia eu quero ter a satisfação de poder te explicar quais são as modalidades, ai vai de vc querer ou não entender.

- Interlocutora: Aonde vc leu que eu tinha que pedir autorização pra criticar qualquer coisa, mano tu conhece a constituição? Não me importa as modalidades das olimpíadas do vinho.

- Interlocutora: Taaaaalvez vc parou um pouquinho assim pra pensar que as mana n cola taaaaalvez pq vcs só sabem rimar depreciando as mulheres, pq quando vcs rimam sangue e citam as mulheres eh falando que comeu?

- Interlocutora: Aplaudiram os mano da perifa mandando rap que ta na moda, na zona de conforto da classe média branca que compõe a UFRN. Queria ver se tiveesse sido sangue mesmo, a porra toda lah na UF. Bora? Boto a batalha do vinho no ocupa hoje de novo se vc prometer que vai ser igualzinho aki na ZN. Tem coragem? Só vejo a batalha do vinho virar conhecimento quando é conveniente.

- Roney: Elas tem o total direito de resposta pra falar o que quiser quando qualquer macho falar isso pra elas, o microfone ta lá, é só ter os peitos de querer aprender a rimar, agora nos criticar da forma que você criticou e querer simplesmente que a gente não se contraponha, é bem complicado. E sim a constituição te dá o direito de criticar, assim como me dá o direito de defesa, basta você querer compreender como é cultura das rimas de improviso e querer somar para o avanço!

- Interlocutora: Eu não avanço com machista.

- Interlocutora: Eh só ter os peito de aprender a rimar. Tu já ta julgando as mana que nao se rebaixa a tah rimando sangue dizendo q eh pq n sabe. Kkkkkkkk tah certo tu soh ta no partido errado. Cola com o PMDB.

- Interlocutora: Se pode tudo, pode ser racista?

- Roney: Conveniente? a gente RESPEITOU tudo que nos foi pedido, RESPEITOU! Eu já fiz várias rodas de conversas com o público e com os MC's sobre diversos temas, a politização é contínua, diferente de você que "compõe" o movimento, mas está aqui só pra criticar, eu mesmo já tive várias e várias conversas com mulheres 100% feministas que querem e vão ter abertura pra falar da importância do feminismo dentro da cultura hip-hop (SOMANDO), se só quer criticar, você tem todo o direito, mas essa não é forma correta de querer mudar algo!

- Interlocutora: Conveniente sim, se vcs são sangue, se querem sangue, pq vcs não se impuseram dizendo q era sangue, que eh a origem do rap e mimimi minha batalha quiridaaa? Pq machismo e homofobia não combinam se não for pro umbigo de vcs e na área de vcs que ninguém pode criticar.

Na sequência da discussão, o comentário de outra jovem que observou não ser preciso falar mal de uma mulher para vencer as batalhas, Roney respondeu o seguinte:

Compreendo o que você está falando, mas se a mina é atacada na rima de tal forma, ela está com o mic na mão, ela pode responder à altura, é isso que eu estou querendo deixar claro, se estão se sentindo ofendidas, o mic tá aberto pra qualquer uma!

Os comentários seguiram sendo produzidos por organizadores, MCs e outros membros da Batalha do Vinho. As modalidades de disputa e a diferença nas práticas, preferências e clivagens sociais entre o público do Jesiel Figueiredo e o da UFRN seguiram tangenciando à abordagem do “feminismo”. Precisamente sobre Roney, sua postura enquanto organizador da Batalha frente ao tema, sua participação na militância política (inclusive na propaganda eleitoral de uma mulher feminista) seguiram sendo questionadas. Sobre sua interlocutora naquele debate, soube, posteriormente, que, além de declaradamente feminista e participante da militância petista, é egressa do curso de Ciências Sociais da UFRN – vínculo cuja incidência encontrei em outros personagens ao longo da pesquisa e que, por isso, considero importante frisar ao fim de evidenciar a não aleatoriedade nessa relação entre o evento pesquisado e a Universidade.

Do contato mantido em 2016, saí alerta, portanto, para duas questões de extrema importância. Compreendi o “feminismo” como temática constante, assim como entendi não ser possível viver a Batalha do Vinho somente no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, de sábado em sábado – ou vivia continuamente aquele conjunto de intensas relações humanas em trânsito entre o dentro e o fora das redes online, ou o que se teria ao final, de tão fragmentado, não poderia ser honestamente apresentado como resultado de uma pesquisa na Batalha do Vinho⁴¹.

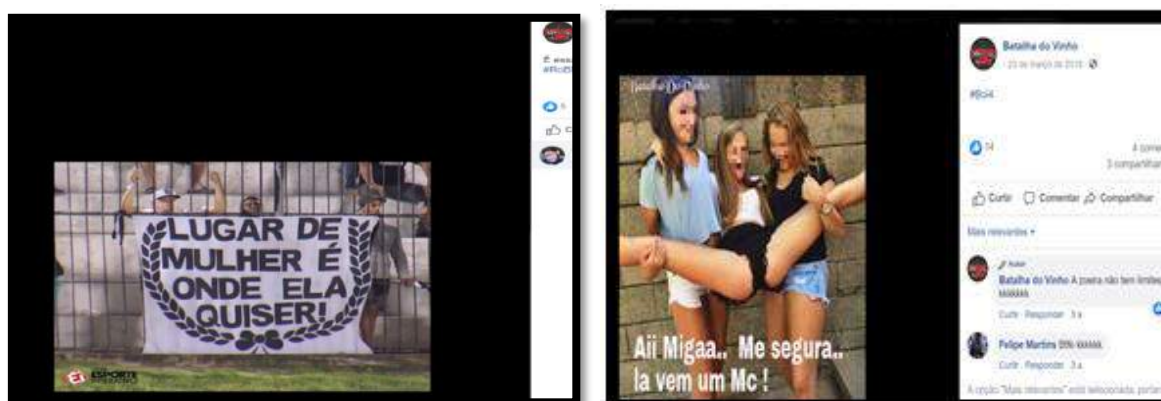
⁴¹ Publicação de *meme* que brinca com a constância das discussões nas redes online da Batalha. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1794876394159444&set=g.256665764471859&type=1&theater&ig=1> . Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

Nesse sentido, divergências de inúmeras ordens se mostraram a tônica das interações constituídas na Batalha do Vinho. Não se tratando de uma entidade coesa, mas de agrupamento instável de pessoas em torno de uma expressão cultural, a ausência de unanimidade ou mesmo de uma visão majoritária se fez característica do evento. Assim, mais apropriado seria afirmá-lo como um espaço de discussão e de embate entre as diversas formas de entendimento.

Na linha do conhecimento como o quinto elemento do hip-hop, a Batalha do Vinho registra várias tentativas de “conscientização” entre seus participantes. Contudo, a diversidade de concepções de mundo e do próprio hip-hop constitui a sua marca principal, ainda que tal diversidade nem sempre seja expressa sob a chave da tensão e do acirramento de ânimos. Como evidenciado, essa confrontação de visões pode ocorrer tanto nos encontros semanais quanto nos espaços online. Nesses, a divergência se manifesta não apenas entre os frequentadores e seguidores da Batalha, mas também a partir das diferentes posições de seus organizadores, por exemplo, inclusive na página mantida no Facebook. A seguir, vê-se dois casos de publicações feitas pela página da Batalha do Vinho que, à evidência, adotam posições contraditórias.



Publicações, na página da Batalha do Vinho, com diferentes perspectivas sobre os governos e as lideranças petistas.



Publicações na página da Batalha do Vinho com diferentes perspectivas sobre a imagem feminina.

A divergência entre as publicações se explica pelo fato de que todos os administradores da página tinham a liberdade para postar o que quisesse. As compreensões da Batalha do Vinho como um espaço de brincadeiras (onde cada um poderia se expressar como entendesse devido) e um instrumento sério de atuação social (destinado ao aprimoramento técnico, mas também intelectual e político dos participantes) eram os guias dessa dualidade de perspectivas. Como cada administrador da página identificava-se como sua “#”, podemos observar que as imagens à esquerda foram postadas por Roney, enquanto as duas seguintes são publicações realizadas pelo MC Bolla – personificando, assim, no âmbito da organização, a referida dualidade.

Entre o off e o online, dia após dia, transitava também a ansiedade de todos. Contudo, o mês de março, o momento da viagem à Fortaleza, finalmente chegava. A curiosidade de alguém que nada conhecia de batalhas de rimas e quase o mesmo de pesquisa etnográfica era imensa – duas vezes neófito. Eu queria muito saber como seria a revanche daquele confronto.

Eu queria e continuo querendo, pois, na manhã anterior à viagem, Roney comunicou que ela havia sido adiada. Ele contou ter tido alguns problemas que logo seriam explicados, mas esse era o fato. Inclusive, ele já havia conversado com o pessoal da Batalha da Quadrinha que compreendera a situação. Na Batalha do Vinho, porém, a compreensão não se mostrou a mesma e eu conhecia, ali, outra de suas constantes, as controvérsias quanto à sua organização.

No grupo do WhatsApp, diversos participantes perguntavam o porquê do adiamento, se aparentemente tudo estava certo. Alguns pediam o dinheiro de volta, outros pediam apenas explicações. Roney disse estar preparando uma nota em que explicaria todo o acontecido, mas que, desde já, estava devolvendo a quantia de quem não preferisse aguardar a remarcação do confronto. Aos pedidos de informações que pareciam mais açodados – uma vez que não queriam aguardar a nota que seria divulgada – Roney se limitou a dizer que aqueles que tivessem pago o valor da viagem conversassem com ele no privado que ele explicaria tudo o que aconteceu.

Talvez considerando a pouca idade de Roney e seu pouco tempo à frente da Batalha, bem como por ser aquele um projeto que envolvia certa logística, a maioria dos participantes do grupo parecia disposta a compreender a situação. Um deles, todavia, destoava ao insistir por explicações imediatas, rejeitando com veemência a prestação dessas informações “apenas para os que já tinham pago” – pois, segundo ele, isso não seria justo. Um outro membro, contudo, ponderou que “se tivesse realmente preocupado com a viagem o cara tinha pagado, né?!”.

Apesar da frustração, o ano estava apenas começando. Considerando meu contato privilegiado com um dos organizadores, eu me aproximava bem daquela manifestação cultural e não me parecia inteligente optar por outra estratégia a não ser me manter “colado” em Roney. Embora sempre alerta para não reproduzir a complexidade da Batalha do Vinho a partir de seu olhar e de outros a ele alinhados, eu sabia que muitos acessos poderiam vir por seu intermédio.

1.4.2 O meio.

Ainda no mês de fevereiro, enquanto aguardávamos o retorno dos duelos no Jesiel Figueiredo, tive a oportunidade de conhecer o deslocamento da Batalha do Vinho por Natal. Uma festa em homenagem ao aniversário do MC Bolla seria realizada na Ribeira – o primeiro bairro da capital costuma receber eventos de estilos musicais menos difundidos na cidade.

Antes da data prevista, porém, a festa dava o que falar nas redes online. Os personagens e o tema eram os mesmos do debate anterior. O mote, agora, era a previsão de entrada gratuita para o público feminino⁴² – o que era compreendido como forma de coisificação da mulher com a finalidade de atrair o público masculino. Apesar de novamente extenso, o diálogo parecia não acrescentar muito aos argumentos e às tentativas de depreciação entre seus participantes.

Na noite da festa, acompanhei uma parte intermediária de sua realização. Após pouco mais de uma hora no local, não obtive êxito em minha expectativa de interação. À exceção de Roney, meus contatos eram inexistentes até aquele momento. Aliado a isso, o local era tomado por uma penumbra que dificultava o contato visual com as pessoas presentes e que estavam agrupadas aparentemente a partir de relações prévias de amizade. Apesar dos questionamentos e debates, havia um número considerável de garotas no local. Meu acesso a elas, todavia, era ainda mais difícil e certamente mais arriscado, pois não conhecia os relacionamentos mantidos.

Aquela, entretanto, não foi uma investida completamente infrutífera. Ao comunica-lo de minha partida, Roney, considerando as dificuldades de retorno à Zona Norte – uma vez que não há serviço de transporte público nas madrugadas de Natal –, perguntou se poderia dormir na casa de pais. Num bar já nas proximidades de casa, conversamos por algumas horas. Roney comentou sobre ações assistenciais que estava realizando (e outras em planejamento) na Batalha do Vinho. Embora ele não tenha usado o termo “assistencial”, nem mencionado sua experiência no escotismo, aquilo era algo bem parecido com o que eu havia encontrado em suas postagens.

Já na manhã seguinte, Roney me explicou um pouco melhor sobre as iniciativas de recolhimento e distribuição de alimentos para famílias carentes no entorno da Batalha do Vinho, bem como sobre o apoio a alguns MCs que tiveram algum envolvimento com atividades ilegais e que estava as abandonando graças ao hip-hop e à Batalha do Vinho. Nesse sentido, ele recomenda assistir um dos episódios do “Batalha do Vinho Entrevista” em que conversa com um dos principais MCs da Batalha do Vinho⁴³.

⁴² Tal prática costuma ser corriqueiramente adotada, inclusive em eventos de grande porte e de diferentes estilos musicais. Micael Herschmann, inclusive, ao tratar dos bailes funk cariocas da década de 1990 registra que “em boa parte deles, existem horários em que as moças podem entrar sem pagar nada” (2005, pag. 151).

⁴³ Vídeo de 10:38 minutos. BATALHA DO VINHO – ENTREVISTA MC BORÓ IPCS. **Canal Batalha do vinho.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ur-fxyP-87o&t=3s>. Acesso em 26 de janeiro de 2020.

Ao final de março, depois que a Batalha do Vinho havia realizado dois encontros no Jesiel Figueiredo – marcando, assim, o seu retorno naquele ano – alguns de seus participantes foram convidados a realizar uma apresentação em um bar situado no centro da cidade. Esse bar, o Bardallos, costuma receber festivais poético-literários e, numa noite de quarta-feira, a programação versava sobre a cultura afro-brasileira – sendo apropriada a apresentação de um duelo de rimas.



Apresentação de MCs da Batalha do Vinho no “Bardallos”.

Estando o mencionado estabelecimento há poucos metros de meu local de trabalho, Roney me convidou para encontrá-lo. Assim, tão logo ele confirmou sua chegada, para lá me dirigi. Ali, finalmente, tive êxito em conhecer outros participantes da Batalha do Vinho. Roney me apresentou a Grimário, o Diretor do Jesiel Figueiredo, e aos MCs Kung Fu e Codorna. Eu parecia, então, sair de uma condição quase fantasmagórica na qual, há cerca de seis meses, eu conhecia aquele evento e seus personagens, mas continuava sem ser percebido por eles. Apesar da alguma insatisfação por Roney ter me identificado como “meu amigo advogado que está fazendo uma pesquisa sobre a Batalha do Vinho”, aquilo era melhor do que continuar invisível.

Ao chegar o momento das apresentações, nos dirigimos para próximo do palco que ficava na entrada do bar – eu havia os encontrado ao fundo, pertos do balcão das bebidas, e ali estávamos até aquele momento. Pegamos, então, a mesa mais próxima do palco. Dali, assistimos aos duelos sobre temas escolhidos com a participação do público – novamente temas palatáveis para áreas distantes da Zona Norte e seu tradicional Sangue, como “Passe Livre” e “Corrupção” – e as músicas do “Lei da Sobrevivência” que Roney cantou com o MC Kung Fu.

Encerrada a apresentação, todos se organizavam para ir embora. Chamei Roney e sugeri que ele convidasse os dois MCs – Grimário já tinha ido embora nesse momento e seu destino não coincidia com o deles – parar irmos a um dos bares da Avenida Bernardo Vieira, o mesmo onde conversamos após o aniversário do MC Bolla. Aquela Avenida, além de ser próxima de minha casa, era o melhor corredor urbano para a Zona Norte. Como os MC’s Kung Fu e Codorna aceitaram o convite, adentramos boa parte daquela madrugada, mas não até que os ônibus voltassem a circular e eles pudessem dispensar o Uber em seu retorno para casa.

Eu tinha a sensação de, finalmente, ter realizado uma investida bem-sucedida. Assim como havia entendido que estar nas redes sociais online poderia significar estar mais próximo da Batalha do Vinho, entendia, agora, que andar pela cidade, poderia ser uma forma mais eficaz de estabelecer contatos do que, tão somente, testemunhar os duelos nas tardes de sábado. Decidi que, tão logo soubesse de oportunidades semelhantes, me colocaria em direção ao campo. De fato, foi o que fiz ao saber, em junho, que seria realizada a primeira Feijoada do Vinho⁴⁴.

Aquele seria um evento interessante porque se destinava à confraternização entre os seus participantes. Naquela tarde-noite de um domingo chuvoso em toda a Natal, não houve duelos, mas o som esteve ligado o tempo todo; as pessoas bebiam e conversavam. Ali, reencontrei o MC Codorna com quem, desde o episódio anterior, não mais conversara.

Na oportunidade, também fui apresentado, por uma colega do PPGAS/UFRN, ao B-boy Kammal. Esse, contando cerca de uma década a mais que a maioria dos participantes, é personagem relevante na prática do hip-hop local e considerado uma referência por muitos.

A referida colega não era a única do Programa de Pós-Graduação a morar próximo ao Jesiel Figueiredo e com quem pude conversar sobre a Batalha do Vinho. O próprio B-boy Kammal e uma moça que os acompanhava naquela tarde possuíam vínculos com a UFRN, ambos no Departamento de Artes. Ela, graduanda, me contou que seu trabalho de conclusão de curso também versava sobre a incidência local do hip-hop; ele dava aulas de dança.

No mês seguinte à Feijoada do Vinho, me deparei com compartilhamento, em grupo de Whatsapp sem qualquer relação com a Batalha do Vinho, que divulgava evento no qual o Lei da Sobrevivência se apresentaria. Agora, se tratava de outro bar também situado no centro da cidade – o Bar do Zé Reeira, próximo ao Bardallos e ainda mais perto de meu local de trabalho.



Publicidade de evento realizado no "Bar do Zé Reeira", com participação do Lei da Sobrevivência.

⁴⁴ Vídeo de 45 segundos. Roney comenta sobre a realização da Feijoada da Batalha do Vinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/763607090467961/>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

A apresentação daquele sábado durou cerca de 30 minutos e não envolveu duelos de rimas, sendo apenas musical – Roney e Café estavam acompanhados de um DJ e, além das principais músicas da dupla, cantaram alguns sucessos dos Racionais MCs e do Facção Central.

Encerrada a participação do grupo, a ideia era irmos para a Zona Norte, assistir às batalhas restantes naquela noite. Roney, contudo, foi informado que algum problema acontecera no Jesiel Figueiredo e que, por isso, os duelos daquele dia haviam sido cancelados. Ele me disse ainda que Café teria compromisso naquela noite e, assim, não poderia ficar no Zé Reeira – o que inviabilizava uma aproximação como a que mantive com os MCs Kung Fu e Codorna. Tive, então, que dar aquele dia por encerrado. Apesar disso, de não ter estabelecido o mesmo nível de acesso como feito na oportunidade anterior, o MC Café e eu já não éramos desconhecidos.

Ao tempo em que ratificava a opção de priorizar a diversificação dos locais em busca de novas interações, eu presenciava, sem saber, o primeiro ato do fim de uma época – foi o que descobri quando de meu comparecimento seguinte à Batalha do Vinho, três semanas depois.

Nessa oportunidade, decidi encontrar Roney em sua casa, de onde iríamos para o Jesiel Figueiredo. Embora nos conhecêssemos há alguns anos e Roney frequentasse minha residência, eu ainda não conhecia seu ambiente familiar. Eu também queria saber a distância e o trajeto que ele percorria até o complexo de equipamentos em torno do qual a Batalha do Vinho acontece.

Ainda na frente de sua casa, tão logo nos vimos, Roney me surpreendeu ao perguntar se eu tinha visto o grupo do WhatsApp nos últimos dias. Eu o respondi que não – como a frequência de mensagens era intensa, eu não havia visto os diálogos naquela semana. Ele, então, me contou que o MC Bolla decidira deixar a organização da Batalha do Vinho.

Roney explicou que eles haviam discutido, em parte no grupo da Batalha, em parte em conversa privada, porque, em duas oportunidades seguidas em que ele não pode comparecer, o MC Bolla não teria conseguido realizar a Batalha do Vinho. É claro que a noção de “conseguir” passa pela diferença de perspectiva entre os dois organizadores – o MC Bolla não parecia encarar os encontros da Batalha do Vinho como um compromisso profissional, um “dever”; sua postura considerava aquela oportunidade como um momento de divertimento, de brincadeira.

Indaguei se não seria o caso de eles conversarem com a cabeça fria, pois o MC Bolla poderia reconsiderar aquela decisão. Roney, contudo, parecia um pouco chateado, mas também – foi a minha impressão – desafiado pela ideia de tocar o evento como único organizador. Todavia, ainda que Roney a aceitasse, aquela sugestão de nada serviria, já que, semanas depois, o MC Bolla, que não era nascido no Rio Grande do Norte, retornou ao seu estado de origem.

O mês de agosto, portanto, marcaria o início de um novo ciclo. Nesse cenário, Roney convocou, para reunião a ocorrer na tarde do domingo seguinte, todos aqueles que quisessem

contribuir na organização da Batalha do Vinho. Inclusive, para a comunicação dos integrantes dessa nova organização foi constituído um grupo específico no WhatsApp.

Nessa primeira reunião, os interessados éramos um grupo de cerca de 20 pessoas. Naquela ocasião, me chamou a atenção o fato de ser a primeira vez que constatei uma paridade – se não uma superioridade – de mulheres na Batalha do Vinho. Novamente, eu que ainda era um estranho para quase todos os participantes, fui apresentado por Roney como “meu amigo advogado que está fazendo uma pesquisa sobre a Batalha do Vinho”.

De maneira objetiva, os participantes daquela reunião podem ser divididos entre os mais dispostos a ajudar e os que, receosos, questionavam sobre os caminhos a serem seguidos. Enquanto Grimário e outro colaborador “adulto”, o Palhares, que costuma estar presente nas batalhas – fotografando o evento e filmando os seus duelos – pareciam concordar e dar suporte a Roney, MCs e outros participantes manifestavam resistência às “regras” que ele pretendia instituir. Dentre esses interlocutores, estava aquele questionara mais intensamente o cancelamento da viagem à Fortaleza e que, de agora em diante, identificarei como MC Beto⁴⁵. Ali, também reconheci o MC Kung Fu que, descontraindo a todos, afirmava que “se não pode mais beber nem usar nada dentro do Jesiel, já vou chegar muito doido”.

Além do apoio dos adultos, Roney contava com a colaboração de outros presentes que pareciam menos interessados em discutir sobre o que fazer e mais disponíveis a ajudar no que fosse decidido. Esse era o caso meu e o das garotas que, apesar de estarem em bom número, poucas opiniões emitiam sobre o cerne da reunião – se as regras seriam, ou não, instituídas.

As propostas apresentadas por Roney versavam sobre a vedação de determinados termos nas rimas; sobre a proibição de ingestão de substâncias de uso ilícito dentro do Jesiel Figueiredo, aí incluso as bebidas alcólicas por menores de 18 anos; bem como a não utilização de garrafas de vidro e outros utensílios que pudessem servir de arma numa eventual confusão⁴⁶ ou mesmo causar algum acidente dentro do espaço municipal sob responsabilidade da Batalha do Vinho. As críticas, como se pode imaginar, iam da denúncia de censura ao desvirtuamento das características de rebeldia e insubordinação que muitos atribuem ao hip-hop. Ao fim, apesar da resistência manifesta, a deliberação foi pela implementação de tais medidas.

Para conferir divulgação àquelas regras, ficou estabelecido que seriam confeccionados panfletos a serem distribuídos durante as batalhas – e essa foi a minha atribuição na condição, não percebida no momento, de participante da “nova organização” da Batalha do Vinho.

⁴⁵ Nome que utilizo visando não identificar o referido participante, mas assegurando a utilidade da nomenclatura ao possibilitar o encadeamento dos atos praticados pelo mesmo indivíduo. Diferente de participações pontuais em que opto por não nomear o agente, a incidência reiterada do “MC Beto” ao longo do trabalho reclama tal providência.

⁴⁶ Receio também registrado por Micael Herschmann ao relatar que nos bailes funk cariocas “em hipótese alguma nenhum objeto de vidro era deixado no balcão. Todos bebiam em copos plásticos (2005, pag. 142)”.

Nas duas semanas seguintes, eu recebi, via e-mail, o panfleto elaborado por Roney e os imprimir, na gráfica da UFRN, a meus custos. Num dos sábados, combinamos que eu chegaria à casa de Roney – onde faríamos o corte das folhas A4 – horas antes dos duelos. Contudo, em razão da proximidade do evento, parte do trabalho teve de ser concluído no Jesiel Figueiredo. As garotas que estiveram na reunião, as quais tinham ficado responsáveis pela elaboração dos crachás da organização, diante da necessidade de Roney direcionar sua atenção para os duelos, assumiram o restante da tarefa. Ali, vendo que eu registrava imagens dos crachás produzidos, Roney indagou se eu já havia pego o meu, afinal eu era parte daquela nova Batalha do Vinho.

Apesar de as medidas aparentarem estar sendo bem implementadas, as vozes de contestação pareciam tomar corpo. Diante de o risco de perda da concessão do daquele espaço ser o principal argumento apresentado por Roney para a implementação das regras, difundia-se a ideia de que a Batalha do Vinho estava sendo “apropriada” pela Prefeitura.

De fato, a relação com os representantes do poder municipal vinha sendo trabalhada com empenho. Semanas antes daquelas inovações, Roney havia postado foto com o Prefeito de Natal em que reafirmavam a parceria estabelecida. Nos comentários, via-se sinais de discordância e sugestões de alerta, a advertência de “cuidado” para que a Batalha não se tornasse dependente do poder público. Contudo, a maior parte parecia concordar com os rumos adotados⁴⁷.

Com as mudanças empreendidas, todavia, a opinião majoritária parecia estar sendo invertida. Se, antes, se dizia que a Batalha do Vinho tinha que fazer alianças para utilizar o poder público contra a lógica e a estrutura política, agora, cada vez mais participantes pareciam acreditar que era o poder público que estava, ao valer-se daquela relação, a se apropriar da manifestação cultural que – defendiam – devia ser algo subversivo.



Fotografia publicada no grupo da Batalha no Facebook registra Roney e o MC Nigro com o Prefeito de Natal.

Não era apenas as redes sociais online da Batalha do Vinho que evidenciavam aquela vinculação, o perfil da Prefeitura de Natal e do próprio Prefeito, Carlos Eduardo Alves – PDT, buscavam capitalizar em cima do evento realizado pelos jovens da Zona Norte da cidade⁴⁸.

⁴⁷ Em publicação na página da Batalha, Roney agradece e fortalece a parceria com a Prefeitura de Natal. Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/photos/a.420299604798713/782083311953672/?type=3&theater>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

⁴⁸ Publicação na página do Prefeito Carlos Eduardo Alves – PDT sobre a visita da Batalha do Vinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/carloseduardoe12/videos/1603586549652582/?v=1603586549652582>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

Após essa reunião com o Prefeito ocorrida no mês julho, outros encontros vieram a acontecer. Em novembro, quando do lançamento de um projeto da Prefeitura nas proximidades do Jesiel Figueiredo, Grimário, Roney, MC Kung Fu e outros participantes da Batalha do Vinho estiveram presentes. A oportunidade também foi divulgada na página da Batalha no Facebook⁴⁹.



⁴⁹ Publicação na página da Batalha no Facebook no lançamento do projeto “Nossa Cidade” no bairro de Nossa Senhora da Apresentação, na Zona Norte de Natal/RN. Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/photos/a.420553744773299/837350373093632/?type=3&theater>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

A intensificação dessa relação com o poder público e seus personagens, aliada às mudanças impostas no âmbito dos duelos, possibilitava a elaboração de um discurso de resistência ao rumo dado à Batalha do Vinho. Logo essa predisposição encontraria uma forma de ser expressada, o retorno das batalhas ao espaço da rua, onde não haveria a necessidade de subordinação a conchavos e a regras. Não demorou muito até que se falasse em uma espécie de desmembramento da Batalha, até que surgissem propostas de realização de batalhas diferentes, simultâneas, uma realizada no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, outra, no Ginásio Nélio Dias.

Essa ideia parecia crescer quando restou interrompida por mais um episódio “extraordinário”. Novamente, um ato de ameaça contra a Batalha do Vinho e seus participantes fez recordar os perigos a que se está exposto nas ruas e a importância do Jesiel Figueiredo. Assim ratificada, a parceria entre a Batalha do Vinho e o poder público continuaria a existir.

O período de meu campo também seguia e os meses de outubro e novembro me trariam a oportunidade de conhecer batalhas de MCs longe do Jesiel Figueiredo e de Natal, a seletiva regional realizada em Recife/PE e o Duelo Nacional, em Belo Horizonte/MG.

Ao se aproximar a data da seletiva regional, combinei com Roney que eu acompanharia ele e o nosso representante, o MC Doggie, na viagem a Recife/PE. Inicialmente, iríamos no carro de Rodrigo, amigo que Roney fizera no escotismo. Algum empecilho, contudo, impediu a ida desse amigo e nos levou, então, a ir de ônibus. Contudo, na véspera da viagem, Roney me comunicou em conversa privada – além de ter informado no grupo da Batalha – ter sido assaltado; perdendo, assim, o dinheiro com que compraria as passagens dele e do MC Doggie.

A não participação na fase regional passava a ser uma realidade. No grupo, muitas pessoas tentavam encontrar uma saída, mas nenhuma parecia atender a urgência da situação. A solução só foi encontrada quando o MC Nigro, que não mora na Zona Norte, mas que costuma participar da Batalha do Vinho, ofereceu a possibilidade de comprar as passagens no cartão de crédito de sua mãe para que depois, sendo realizadas algumas coletas ou rifas na Batalha, fosse possível pagar as passagens. Assim, finalmente, foi viabilizada a ida à capital pernambucana.

Ao final daquele longo ano, a parceria com a Prefeitura de Natal continuava firme. A Batalha do Vinho, que vinha sendo divulgada pela Prefeitura como um evento por ela apoiado, foi selecionada para integrar, sob a organização de Roney, o calendário de festividades natalinas do Município. Assim, em conjunto com outra manifestação cultural sediada na Zona Norte de Natal, o movimento Nossos Valores, a Batalha do Vinho foi incumbida de realizar o 2º Festival de Hip-Hop Potiguar. Na página da Batalha no Facebook, foi publicada foto em que Roney (representando a Batalha do Vinho) e Carcará (representante do movimento Nossos Valores)

estão ao lado do Secretário de Cultura⁵⁰. Dias depois, Roney e Carcará também gravaram vídeo informando como seria o festival organizado pelas iniciativas que lideravam⁵¹.



Registro da reunião dos representantes da Batalha do Vinho e do movimento Nossos Valores com o Secretário de cultura sobre a participação na programação do festival municipal de final de ano – o “Natal em Natal”.

Durante uma semana do mês de dezembro, o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo e a sede do movimento Nossos Valores foram palco de mutirões de grafites, de shows de grupos de rap e estilos próximos, bem como de disputas de rimas e de breakdance.

Com o fim de 2017, encerrava-se também minha presença no Jesiel Figueiredo. Isso porque em janeiro seguinte, eu deixava de residir em Natal. Assim, após um contato mais breve do que eu desejava, eu me despedia da Batalha do Vinho, de um espaço em que fui feliz apesar da tristeza ao redor. Talvez potencializado por não ter retornado para casa, para a família e para o outro lado da ponte, depois daquele ano de imersão, passei a viver uma espécie de saudade da Batalha do Vinho e daquela localidade e seus sentidos – o meu *anthropological blues*.

1.4.3 O (quase) fim.

Nos anos que se seguiram, Roney continuou a me deixar a par dos acontecimentos na Batalha do Vinho. Aquela nova virada de ano e, mais uma vez, a necessidade de a Prefeitura recontratar as empresas responsáveis por fornecer os equipamentos utilizados no Jesiel Figueiredo impunha, mais uma vez, a suspensão dos duelos no local. Além disso, Roney vinha sobrecarregado pelas atividades ao longo do ano e umas férias não deve ter lhe parecido ruim.

⁵⁰ Publicação no Facebook da reunião de Roney e Carcará com o Secretario de Cultural. Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/photos/a.420553744773299/816896038472399/?type=3&theater>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

⁵¹ Vídeo 1:33 minuto. Informações sobre o 2º Festival de hip-hop potiguar. Disponível em <https://www.facebook.com/roney.miranda.9/videos/1324566021003371/>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

Algumas semanas antes do retorno ao Jesiel Figueiredo, Roney resolveu realizar um antigo desejo – um *Slam* poesia. Diferentemente das batalhas, no Slam não há ataques ao adversário. Cada participante recita seus versos sobre o assunto e sob a perspectiva que desejar.

Considerando que a ausência de “sangue” aproxima o Slam do duelo de conhecimento e que as tentativas de realizar batalhas da modalidade não tiveram êxito ao longo de 2017, Roney planejou o Slam como forma de comemoração do seu aniversário. O local foi a Praça do Half e, no dia, não havia equipamentos eletrônicos. Roney me explicou, ainda, ter convidado os participantes que entendia adequados – independentemente de serem da Batalha do Vinho.

Seu convidado mais ilustre, infelizmente, não pode comparecer porque estava na cidade de Orlando, nos Estados Unidos. Ali, acontecia um torneio internacional de futebol e as rimas do Fábio Brazza sobre vários jogadores costuma fazer sucesso entre o público e também entre os atletas. Embora não estivesse presente, o Brazza mandou uma mensagem de vídeo para Roney, onde rimava sobre tê-lo conhecido e desejava um feliz aniversário e sucesso no evento:

“Quando eu fui pra Natal, conheci um mano especial, organizador da Batalha do Vinho, agitador cultural. Ai meu mano Roney, eu sou seu fã, e agora você tá organizando um *Slam*. Pois é, pra transmitir consciência, *Slam* resistência, eu sei que nisso você tem muita competência. E é no dia do seu aniversário, né parceiro... vai ser cabreiro... dia 18 de fevereiro! Tamo junto! Salve Roney!”

Ao que tudo indica, o evento foi um sucesso. Todavia, ele também não passou ileso a críticas. Roney relatou ter recebido reclamações por ter restringido a possibilidade de inscrição dos interessados – e aquele era apenas o início de mais um ano de tensões na Batalha do Vinho.

Igualmente, nada havia de novo na perspectiva da segurança-violência. No início do ano anterior, ocorrera os disparos contra os presentes na Praça do Half; caso que foi sucedido por outros ao longo do ano. Assim, não parecendo uma boa ideia aumentar a exposição àquele risco, Roney decidiu não convocar os jovens para realizar os duelos no espaço das ruas. Segundo me contou, além dos riscos pessoais, receava que algum acontecimento fosse atrelado à imagem da Batalha do Vinho, o que poderia resultar em responsabilidades legais para ele.

Entretanto, a proposta de realização das batalhas na rua, “como antigamente”, seria, independentemente de sua vontade, retomada. Essa iniciativa tomava corpo nas redes sociais online e ganhava, progressivamente, maior aderência e disposição para tirá-la das telas. Essa convocação, agora, vinha acompanhada de um alegado posicionamento político, baseado no sentimento de rejeição à parceria com o poder público. O fato de se tratar de um sentimento e de uma disposição para a ação coletiva em nada obsta a possibilidade de que projetos pessoais, culturalmente definidos (Ortner, 2007b) e conflitivos com o protagonismo exercido por Roney, estivessem sendo, concomitante, elaborados.



Convocação no grupo da Batalha do Vinho no Facebook para realizarem os duelos no Ginásio Nélio Dias.

Após alguns encontros no Ginásio Nélio Dias, o receio de Roney se mostrava não ser desprovido de razão. Ao me ligar, preocupado, ele contou que a mãe de um jovem lhe procurara bastante nervosa, pois o filho teria saído de casa na noite anterior, dizendo ir para a Batalha do Vinho e, até o momento, não havia retornado. Considerando que a divulgação dos encontros se dava como “Batalha do Vinho” e era ele que constava como responsável perante os órgãos públicos, como a Funcarte e a Polícia Militar, Roney achava necessário tomar alguma atitude, ele pensava, então, em buscar juridicamente impedir o uso do nome da Batalha do Vinho.

Na oportunidade, procurei desencorajá-lo. Pontuei que isso poderia ser interpretado como um ato próprio de quem se vale da estrutura do Estado contra os companheiros do hip-hop – o que poderia levar mais gente a se posicionar contrário a ele. Sugeri fazer o que sabia de melhor, inovar. Considerando que na semana seguinte o Jesiel Figueiredo estaria disponível, propus que ele fizesse o melhor evento possível, pois ninguém deixaria a “verdadeira Batalha do Vinho” e a segurança do Jesiel Figueiredo, para ficar na rua correndo os riscos de sempre.

De fato, com o retorno ao Jesiel Figueiredo, as tentativas paralelas foram, ao menos momentaneamente, abandonadas. Naquele início de ano, Roney anunciou que, a partir de então, a seletiva estadual não seria mais disputada internamente à Batalha do Vinho, mas que, observando uma sistemática com maior complexidade, seriam realizados confrontos entre os MCs da Batalha do Vinho e, a cada final de semana, os MCs de uma outra batalha da cidade⁵².

⁵² Vídeo de 6:48 minutos. Explicação das regras para a seletiva estadual de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/917909668371035/>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

Segundo o novo formato, os frequentadores de todas as batalhas de Natal teriam chances de concorrer à seletiva sem sair de sua rotina de local e horários. Assim, os vencedores desses confrontos teriam vagas asseguradas na disputa estadual a ocorrer, em regra, entre os meses de agosto e setembro. À exemplo do ano anterior, a vitória nessa etapa garantiria vaga na seletiva regional, novamente disputada na capital pernambucana.

A princípio, os meses de 2018 e seguintes não integrariam meu período de pesquisa. Contudo, apesar de fisicamente distante, mantive o acompanhamento virtual do que acontecia na Batalha do Vinho. Dessa maneira, nos capítulos seguintes, me permitirei adentrar em acontecimentos vivenciados posteriormente ao cerne de meu contato com o evento investigado.

1.5 A VIDA COMO HISTÓRIA E O MEU PAPEL NA BATALHA DO VINHO.

Uma maneira holística de retratar meu contato com a Batalha do Vinho é considerar o ponto de vista a partir do qual ele se deu. Ao longo do tempo, fortaleci a compreensão dos relatos de meu informante como se aquela sua história na Batalha do Vinho constituísse mais uma aventura vivida. Agora, entretanto, num espaço de sociabilidade mais próximo do mundo social e adulto, de seus objetivos e estratégias, mas sempre imbuída de intensa ficcionalidade.

Wolfgang Iser⁵³ – um dos continuadores, na literatura, do estudo acerca da ficção e seus efeitos – ao tratar do texto literário e ficcional, adota uma visão tríade baseada nas noções de real, ficcional e imaginário; superando uma visão simplista a opor ficção e realidade. É nesse sentido que considero viável encarar a fruição da vida cotidiana como uma história, como uma produção ficcional que detém maior correspondência ao empírico se comparada a concepções idealizadas e morais da realidade que – tomadas como verdade – conduzem ao sofrimento.

Para Iser (2002), o real são os elementos fáticos que contactamos na vivência humana, elementos que estão dispostos no contexto social. O imaginário, por sua vez, são os sonhos e os desejos que habitam, sempre difusos e sem uma utilidade conscientemente definida, a mente dos indivíduos. Iser (2002) ensina, então, que o autor de um texto ficcional, no exercício de seu ofício, promove um duplo movimento de ruptura – o que ele chama de “atos de fingir”: um movimento de irrealização do real e um movimento de realização do imaginário. Essa ação complexa de produção do ficcional é realizada, sempre, com uma finalidade.

Ao selecionar os elementos do contexto sociocultural e repeti-los no texto – incidência que não se dá ao acaso, mas em conformidade com a intenção de dar concretude ao seu próprio imaginário – o autor corrompe a realidade. Ao mesmo tempo, ao violar o caráter difuso e

⁵³ ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. IN: LIMA, Luiz Costa (Org). Teoria das Literaturas e suas Fontes. Vol. 2, 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

arbitrário do imaginário do leitor, o autor do texto também corrompe essa instância. Assim, por meio da ação sobre o real e o imaginário, guiada por uma finalidade, resta produzido o ficcional.

Nesse sentido, considero que Roney, ao iniciar seu contato com a Batalha do Vinho, elaborava aquela vivência como um texto ficcional, como uma história de aventuras parecida com as que, até pouco tempo antes, vivia junto a outras crianças, mas, agora, marcada por maior complexidade. Constituída por ações imbuídas de variados níveis de consciência, essa construção não seria algo pontual, mas encobriria as diversas relações estabelecidas. Assim, a minha participação na Batalha do Vinho também não fugiria dessa elaboração ficcional.

Sendo o primeiro ato de uma produção literária (Iser, 2002, p. 960) “a seleção” de elementos socioculturais a serem inseridos no texto, ao conceber a organização da Batalha do Vinho como se fora seu escritor – mais do que organizador ou apresentador, portanto –, Roney permitia-se definir o papel que cada personagem deveria ter – foi assim que me descobri, numa evidente seleção dos fatos e ruptura da realidade, como o “advogado da Batalha do Vinho”.

Embora não ficasse satisfeito com a identificação formulada, constatei que Roney invariavelmente me apresentava como seu “amigo advogado que está fazendo uma pesquisa sobre a Batalha do Vinho” ou, ao menor sinal de necessidade dessa atuação profissional, como o “advogado da Batalha do Vinho”. Não era falso que eu, graduado no curso de Direito e inscrito no órgão da categoria, fosse advogado, nem era falso que eu fazia parte da Batalha do Vinho. Aliás, durante algum tempo, o fiz com razoável inserção – geralmente auxiliando em atividades manuais, mas também, algumas vezes, manifestando entendimentos jurídicos para Roney, no interesse do evento, e esclarecendo dúvidas de alguns participantes. Portanto, é incontornável que eu, concordando ou não, fui advogado da Batalha do Vinho; e essa construção é exemplar da adequação de uma análise ficcional da vivência se comparada à chave “verdade/mentira”.

Ao selecionar essa característica, Roney rompia a realidade não exatamente por fazer aquelas afirmações, mas por apagar todo o resto. Ao fazê-lo, ele não ressaltava que há anos eu havia concluído o referido curso de graduação e que muito raramente exercia atividade forense, pois vivia como servidor público. Eu deixava de ser um estudante das Ciências Sociais que, ali, estava como pesquisador-antropólogo. Eu deixava também de ser um jovem que poderia estar ali como mais um adepto do hip-hop – durante o campo, tinha entre 29/30 anos. De fato, eu era tudo isso, mas tudo isso não interessava, era útil que eu fosse o “amigo advogado” de Roney.

Segundo Iser (2002, p. 963), ao selecionar os elementos do real, o autor do texto expõe os campos de referência importantes para ele; os quais, até então, poderiam passar despercebido do leitor. Assim, ao apresentar um “advogado da Batalha do Vinho”, Roney estava a evidenciar a importância do universo jurídico – de garantia de direitos fundamentais, como a liberdade,

frente a autoridades policiais e judiciárias – para os participantes do evento, precisamente para jovens inseridos numa condição social compartilhada em espaços como a Batalha do Vinho.

É certo que naquele evento e na localidade, possivelmente havia detentores de outras formações acadêmicas e habilitações laborais. Roney, dentre seus conhecidos noutros âmbitos sociais, certamente possui contato com inúmeros profissionais. Igualmente, ao longo de sua vida conviveu com pessoas dessas diferentes áreas, mas não teve a obstinação de manter com elas a proximidade que veio a estabelecer com o advogado que conhecera no órgão público.

Na noite do confronto com a Batalha da Quadrinha, quando tudo estava encerrado, eu e Roney conversávamos enquanto esperávamos o ônibus que eu tomaria de volta para casa. Ali, grande foi a minha surpresa quando ele confirmou que ainda frequentava os encontros do movimento escoteiro. Eu, então, o perguntei o porquê, se aquilo ainda tinha importância, agora que ele estava inserido na militância política e intensamente envolvido com a Batalha do Vinho. Sua resposta, igualmente surpreendente, foi que o escotismo seguia sendo a coisa mais importante em sua vida, pois era onde ele conseguia “salvar mais vidas, salvar mais crianças”.

Eu não procurei entender como se dava esse salvamento de vidas no escotismo, mas guardei a evidência de que “salvar vidas” e “salvar crianças” seguiam sendo noções que dominavam o imaginário de Roney, noções que ele buscava implementar na Batalha do Vinho. Como toda seleção de elementos da realidade se destina a dar concretude ao imaginário do autor de um texto, a seleção empreendida por Roney, e a ficcionalização a partir deles elaborada, teria a finalidade de “salvar vidas” e, indissociavelmente, de construir, para si, uma aparência heroica.

De fato, algumas vezes fui procurado diretamente por Roney, bem como por alguns MCs e frequentadores da Batalha do Vinho, para tirar alguma dúvida ou ajudar em alguma situação delicada. Assim, era evidente que minha atuação naquela história tinha uma finalidade; eu não era o “advogado da Batalha do Vinho”, nem o campo jurídico era evidenciado, à toa.

Nós servíamos, e servimos, à concretização de um imaginário individual, mas que, em alguma medida, era um imaginário compartilhado – o imaginário de que o hip-hop é útil à conscientização e à mobilização de jovens periféricos, mas também que possibilita mudanças concretas e imediatas em suas vidas. Embora pequena, alguma contribuição acredito ter dado a essa história; atuando para fazer da Batalha do Vinho um efetivo instrumento para salvar vidas.

Todavia, ao tempo em que era o “advogado da Batalha”, eu era também o “meu amigo advogado” de Roney. Esses termos, as palavras escolhidas para os compor, continha uma mensagem implícita: se o advogado da Batalha do Vinho e o advogado amigo de Roney são a mesma pessoa, então, a Batalha seria de Roney? Seria dele e dos seus amigos, dos seus aliados? Aqui temos um segundo elemento que compõe a ficção literária, conforme Iser (2002, p. 963).

Os elementos selecionados da realidade são implementados, no texto, conforme a vontade do autor – é a combinação intratextual, que pode se dar tanto no plano lexical, na escolha dos significados utilizados, quanto no relacionamento de suas personagens. Além da sugestão resultante dos termos escolhidos para me identificar, Roney, em nenhum momento, me possibilitou proximidade com os participantes da Batalha do Vinho que o criticavam, os quais provavelmente eram, por ele, compreendidos como seus adversários – como anti-heróis.

Ademais, uma consequência da combinação textual apontada por Iser (2002, p. 967) é a “capacidade de relacionabilidade” ou a “representação de relacionamentos”. Assim, é importante observar que, ao demonstrar a aliados e a adversários, que tinha um amigo advogado, Roney estava dizendo, em suma, que tinha acessos, que poderia, caso necessário, viabilizar contato com um burocrata de algum órgão público ou um médico que conseguiria agendar uma cirurgia na rede pública com facilidade; acesso a um político, dentre outros personagens.

Conforme Iser (2002, p. 967), por esses processos, cria-se campos de referência intratextuais que são, a princípio, intransponíveis, só tendo suas fronteiras transgredidas “pela ação do herói” do texto que, como um “elemento revolucionário”, se opõe à “classificação vigente”. Assim, tais combinações permitiam à Roney construir um cenário em que ele, sozinho ou com poucos aliados, poderia alcançar as metas almejadas e, se necessário, enfrentar os obstáculos colocados à sua frente, na tentativa de atrapalhar a sua missão de “salvar vidas”.

A concepção dual frente aos anti-heróis era construída não apenas diante de eventual – e improvável – declaração de oposição ao seu nobre objetivo de salvar vidas, mas também por corriqueiros questionamentos à sua atuação. Podemos recordar que já nas publicações da adolescência, Roney avaliava que “nem todos eram bons o suficiente” para cumprir as missões que ele cumpria e que quando ele “tenta(va) melhorar o mundo, leva(va) todos os tipos de nome imagináveis”. Essa compreensão orientava e legitimava uma atuação solitária ou de comando, enquanto as críticas seriam características daquelas que não sabem como concretizar objetivos.

Nesse mundo que Roney construía ainda que sem plena consciência de sua natureza ficcional, há incidências que evidenciam, ao longo do tempo, a maximização do texto e a construção de situações, a princípio, intransponíveis, a demandar, pois, a intervenção do herói.

No curso de nossa entrevista, por exemplo, Roney me disse ter “contratado um segurança” para acompanhar um artista que se apresentou na Batalha do Vinho. Eu, de fato curioso sobre aquela ação, o indaguei sobre como se dera tal contratação: “teria a Prefeitura contratado o segurança especificamente para essa atividade ou disponibilizado um dos vigilantes do Jesiel Figueiredo para a função naquela noite?”. Um pouco contrariado, Roney me respondeu que não, que o segurança era o seu irmão mais velho a quem tinha dado um

dinheiro para acompanhar o rapper durante a noite – mas Roney foi firme ao ressaltar que seu irmão “já trabalhou como segurança em vários eventos”. Já quando fizemos a gravação de nossa primeira entrevista, imagem e áudio foram captados pelo celular, mas Roney logo correu para pegar o microfone da Batalha do Vinho e me orientou a segurá-lo, simulando sua utilização.

Essas duas situações evidenciam estratégias destinadas a aportar características de complexidade profissional e técnica – sinais de estruturação – à Batalha do Vinho. A contratação de seguranças profissionais e o interesse de equipes também profissionais (o que se infere da utilização de câmeras e microfones) pela Batalha do Vinho conferem determinado nível de êxito ao evento que só poderia ser alcançado com grande competência de seu(s) organizador(es). Essas medidas constituem ações semelhantes à forma, em primeira pessoa, como narrou a abordagem policial e às estratégias elaboradas para concretizar a presença de artistas de renome nacional.

Afirmar, reiteradamente, que “se é esperto” e que “não perde uma oportunidade” pouca relação tem com os fatos passados. Com tal procedimento, o que se busca é prescrever condutas e avaliações futuras. Ao se definir como especialmente capaz, o autor – herói de sua própria história – se convence dessa capacidade e exige, de si, ações condizentes com ela. Roney só teve “um minuto” com o Fábio Brazza e não poderia receber um não como resposta, sobretudo, por ter, pela manhã, divulgado a especial presença na Batalha do DED daquela noite. Ao final, tudo deu certo. Em grande medida, porque se convencera de que não é de perder oportunidades.

Assim, por meio do ficcional, elaboram-se histórias e fatos desejados. Nada impede, inclusive, que essa história concretize imaginários individuais e compartilhados, pois sabemos que as ações e os projetos dos indivíduos se encontram enredados em relações de solidariedade e de competição. É assim que a história formulada por Roney para a Batalha do Vinho permitiu concretizar seu êxito pessoal alinhado ao salvamento de vidas e à reformulação da autoimagem de alguns adeptos do hip-hop em Natal – como observamos ao longo deste capítulo.

Roney, por meio dos atos de elaboração do mundo do texto vivido, da construção de dificuldades e de superações, encontra, ainda que sem absoluta consciência, o caminho para construir sua aparência a partir de seu imaginário. Nietzsche (*apud* Vaihinger, 2011), ao tratar da construção da boa aparência, defende a apreensão do devir do homem e do mundo a partir de determinada perspectiva – de tal sorte, sua formulação restou conhecida como o “perspectivismo nietzschiano”. Não por coincidência, mas em decorrência de uma cadeia de filiação filosófica, Iser define a construção do texto como produto de uma perspectiva do autor, sendo a terceira característica da construção literária o desnudamento da ficção (Iser, 2002, p. 969).

Diferente de outros âmbitos da vida social em que a ficcionalidade não pode se mostrar como tal, os textos literários tendem a se desnudar. Assim, ao mostrar sinais de sua natureza

ficcional – o que faz por meio de determinadas convenções construídas historicamente – propõe a suspensão do mundo real e a consideração do mundo representado como se fosse aquele. Diante desse procedimento, a finalidade presente no texto não pode ser encontrada a partir da análise dos elementos reais apartados do processo ficcional, nem estará contida no mundo representado, mas esse mundo do texto serve de referência para algo que ele pretende evidenciar.

Esses sinais da ficcionalidade, segundo Iser (2002), não indicam exatamente o contrário do real, mas sim uma alteridade diversa daquela contida na ordem normal, nos hábitos vigentes na sociabilidade posta. De tal sorte, os sinais de ficção expõem um acordo que é preciso ser constituído entre o autor e o leitor para que o texto tenha validade. Esse acordo é constituído porque o texto literário, a ficcionalidade, produz algo nos receptores, sendo esse sinal de ficção reconhecido através das mencionadas convenções construídas e variadas historicamente.

O que Iser está a dizer é que percebemos que um texto é ficcional não necessariamente quando ele trata de coisas de outro mundo, coisas que não habitam nossa vida empírica, mas sim quando percebemos uma disposição diferente do comum – quando vemos, por exemplo, um personagem com costumes diversos daqueles que são regra em seu meio social. Todavia, ainda assim, nos interessamos pela história porque sabemos que o autor quer nos dizer algo e nós temos interesse em descobrir, nós suspeitamos concordar com esse algo contido no ficcional.

No texto, temos então uma materialidade fruto dos primeiros atos de fingir, “seleção” e “combinação”. Contudo, deve-se atribuir o valor e a finalidade do texto não ao seu conteúdo e sim a algo para o qual ele remete o leitor. O texto ficcional causa impressões afetivas nesses receptores e os induz a reações, confere-lhes orientações. Nesse sentido, sempre segundo Iser (2002, p. 977), cabe ao leitor preencher de vida o mundo do texto e, assim, após irrealizar o conteúdo desse texto, realizar também seu próprio imaginário. Trata-se, pois, de um “processo de semantização” ou “de doação de sentido” (Iser, 2002, p. 981):

Neste sentido, a semantização produz do lado dos receptores, o mesmo processo de tradução que o fictício efetua no lado dos produtores. Se o fictício é a tradução do imaginário na configuração concreta para o fim de uso, a semantização é a tradução de um acontecimento experimentado na compreensão do produzido. São estes processos complementares de tradução do imaginário que comprovam que esta é a energia constitutiva do texto ficcional.

Iser assinala ainda que, sendo a atribuição semântica um ato diversificado, dependente das experiências do leitor, os textos podem ser compreendidos de modos diversos. De tal maneira, esses vários entendimentos de um texto são a expressão da caracterização pragmática da semântica – não há um sentido inato no texto, mas múltiplas disponibilidades do imaginário.

Ao sustentar a construção literária da vida e o necessário desnudamento do ficcional, não posso considerar a atividade do autor como pretensão de engano, contrária às consciências

destinatárias. Nesse sentido, optar pela chave “verdade/mentira” é exatamente isso: uma opção. Nas relações sociais, temos as afirmações dos indivíduos e a consciência compartilhada de que as falas se dão sempre a partir de uma perspectiva. Se optamos por não averiguar tais afirmações é porque estamos de acordo com elas – não porque temos a certeza de sua correspondência com algo que concebemos como a “verdade”, mas porque toleramos que haja ali uma variação perspectivística e que, ainda assim, está tudo bem, porque somos cúmplices daquela perspectiva.

Iser (2002, p. 972) faz o alerta de que se um leitor é incapaz, por sua ingenuidade, de compreender os sinais de ficção, não se pode, por isso, atribuir ao texto literário a maldosa pretensão de se fazer realidade – o mesmo vale aqui. Vejamos um exemplo.

Poucos dias antes da viagem para Recife/PE, onde seria disputada a seletiva regional do Duelo de MCs, Roney postou uma foto nossa com um comentário que exaltava nossa amizade. Na véspera da viagem, logo cedo, ele publicou no grupo do Whatsapp da Batalha e me informou no privado, que havia sido assaltado e que tinham levado todo o dinheiro com que pagaria as passagens, as dele e as do MC Doggie que disputaria a seletiva. Aquele conjunto de coincidências – o assalto na hora de comprar as passagens e a foto aparentemente sem motivo – indicavam os sinais de divergência do habitual a que se refere Iser, ou seja, sinais de ficção. Assim, me veio à mente a possibilidade de não ter havido assalto e de que a fotografia previamente publicada tivesse a finalidade de me cativar a contribuir naquele momento.

Destaco, desde já, não ter elementos fáticos para afirmar que tal episódio não acontecera. Portanto, não estou a fazer tal afirmativa. Não estou a fazê-lo porque não tenho tais elementos, mas, sobretudo, porque fazê-lo contraria a construção que estou a sustentar. A leitura que considero adequada de um caso como esse – e é isso que quero observar – é que algumas pessoas (desde que pudessem) contribuiriam financeiramente naquele momento e outras (ainda que pudessem), não contribuiriam. E ninguém, nem um e nem outro, estava no dia e na hora mencionados para saber o que empiricamente aconteceu. Não é, pois, pela correspondência com uma suposta noção de verdade que agimos, mas sim, pelo reconhecimento, pela identificação de perspectivas, pelo estabelecimento do contrato entre o autor e o leitor do texto ficcional.

Assaltos acontecem a todo o momento. Portanto, o elemento do real existe. Já pelo que conheço do imaginário do autor daquele texto vivido, enquanto herói, ele não poderia se sujeitar a pedir ajuda constantemente – isso violaria sua identidade imaginada. Então, ficcionar seria uma boa opção. Eu, como qualquer outro, se não era fisicamente coagido a contribuir, caso promovesse um preenchimento semântico do seu texto baseado em preceitos morais e supusesse a possibilidade de estar sendo enganado, simplesmente diria não poder ajudar e tudo estaria resolvido. Portanto, se não há qualquer imposição, se é uma escolha do receptor aderir à história que percebe divergir do habitual, o que temos é a constituição de um acordo entre as partes.

Contribuir com um jovem que conheci como alguém de origem humilde e, portador de grandes ambições, que objetiva vencer na vida superando concorrentes abastados; alguém que, apesar dessa pretensão, não aceitou fazê-lo do jeito mais fácil a partir de ardilosas relações de servilismo, mas que busca sua vitória ao tempo em que se propõe a salvar vidas; sempre me pareceu uma ótima forma de preencher o meu imaginário. Naquela oportunidade, entretanto, decidi não o fazer. Além das restrições financeiras por que passava no momento, queria ver como a Batalha do Vinho reagiria, como se mobilizaria para resolver a questão.

Se observarmos com atenção, fazemos tais contratos a todo momento. Não costumamos indagar como um segurança foi contratado ou se o áudio que estou ouvindo vem do celular ou efetivamente do microfone. Aos que rejeitam essas elaborações ficcionais, logo parecerá conveniente acusar tais sinais de não habitualidade como “mentira”. Por outro lado, para o imaginário de todos que temos interesse no sucesso de um evento como a Batalha do Vinho queremos que ele seja o mais espetacular possível e vamos tomar como “verdade” tudo que indicar nesse sentido. O fato é que tudo que aceitamos sem questionar é uma escolha que fazemos – e o fazemos porque é de nossa vontade acreditar que assim seja. Se, depois, alegamos ter sido ludibriados, estamos nos valendo de preceitos morais para tentar deslegitimar aquilo que já não nos agrada. Se há algo falso, não é a história, mas a pretensa indignação.

Ainda segundo Iser (2002), concretizar plenamente o imaginário não é algo possível. De maneira que a construção do texto é uma forma de comunicação com o imaginário do receptor que visa – essa é a finalidade da ficcionalidade – lhes causar impressões e reações.

Assim, é muito provável que Roney saiba ser impossível salvar todas as crianças do mundo, do Brasil, de sua cidade ou mesmo de sua rua. O máximo que ele pode, ao construir uma história nesse sentido, ao constituir a Batalha do Vinho como uma opção à criminalidade, é viver como se o fizesse. E, a melhor maneira de fazê-lo, além de recolher os elementos do real – como o caso do MC que, na citada edição do “Batalha do Vinho Entrevista”, relatou ter sua vida mudada graças à Batalha do Vinho –, é fazer com que outros também acreditem e endossem essa história, inclusive reconhecendo-o como responsável por tal missão heroica.

Assim, quando conversei com um respeitado personagem do hip-hop na localidade, o B-boy Kammal, ele me contou que antes, mais de uma década atrás, já existia uma galera que gostava de hip-hop e que se reunia para dançar break e ouvir rap por ali. Entretanto, destacou que o que Roney estava a fazer era único. Mencionou que “talvez Roney não tivesse ideia de tudo que ele estava fazendo pelas crianças daquele local”. Kammal explicou que as crianças agora sonhavam em ser MC, em disputar as batalhas; já não pensavam tanto em “coisas erradas”.

Mencionei como me soou curioso a quantidade de garotas dispostas a contribuir com a nova organização da Batalha. Se nos dias de duelos a proporção era divergente, nas reuniões me parecia meio a meio, entre homens e mulheres. Avalio que a elaboração de sua agência de maneira menos ativa e individualista (Ortner, 2007b) permitia a elas contribuir para o evento e para as ações beneficentes que Roney pretendia trazer para a juventude local. Talvez, em razão dessa construção de suas agências, a condição de colaboradoras atendessem, a contento, aos seus imaginários, não reclamando o protagonismo que Roney parecia inclinado a não compartilhar.

Assim, se havia o “amigo advogado” e “o B-boy” que, compartilhando um imaginário próximo, se colocavam e eram vistos como aliados – eu, por não ser propriamente daquele campo social, e Kammal, talvez por se reconhecer como de uma geração anterior, nos víamos representados em Roney e não rivalizados com ele –; e se havia as participantes da Batalha que, igualmente, aparentavam estar satisfeitas em contribuir para a construção coletiva do evento e de suas ações; havia também os indivíduos que almejavam o mesmo protagonismo de Roney.

Esses “adversários”, antes de serem significativamente diferentes, emulavam um discurso, se não idêntico, bastante próximo ao de Roney. Inclusive, da página no Facebook daquele que veio a se constituir com o principal anti-herói, há publicação em que festeja o aniversário da amizade com Roney, sendo por esse respondido com alguns corações vermelhos.

Assim, se há aqueles que aceitam ser coadjuvantes na história de alguém; há aqueles que não, que almejam serem também heróis. A questão – diria Roney – é saber quem é bom o suficiente para sê-lo; quem é capaz de reunir – e construir – os elementos do real e elaborar um texto que se conecte com o imaginário dos receptores, fazendo-os aderir à sua ficcionalidade.

Por fim, há que se ressaltar uma ocorrência que Iser destaca no exercício da ficção. Segundo o autor (2002, p. 975), toda representação possui um efeito designativo (que seriam os elementos retirados do real) e um efeito remissivo (aquilo que o texto ficcional pretende comunicar). Contudo, há sempre o risco de o texto, pelo excesso de realismo, suprimir os sinais ficcionais, terminando por esvaziar a margem que permite ao leitor compreender sua natureza e, assim, estabelecendo o contrato proposto, promover a semantização do texto.

Dito de outra maneira, ao se viver como herói, corre-se o risco de acreditar ser um. O peso das atribuições diárias se faz presente, os compromissos tormentosos são empiricamente sentidos; tende-se a expressar essas marcas designativas com maior intensidade. Todavia, ao reagir de maneira a esvaziar a remissão, aquilo que permite aos demais personagens fazê-lo de análogo e sentir-se, assim, compartilhando uma história, rompe-se a ficcionalidade e o contrato firmado pelo texto. Esse ato, talvez, seja a forma de evidenciar o esgotamento de uma história, de permitir o seu fim e o remanejamento dos contratos com vista ao início de outros textos.

2. OS DUELOS DE MCS EM CENA.

O presente capítulo secciona-se em duas partes. Inicialmente, também eu recorrendo a ficcionalização, permito-me conversar com o leitor, supondo que você tenha aceito me acompanhar em um dia na Batalha do Vinho. A opção de inserir rimas pontualmente ao tratar de temas específicos me pareceu prejudicial à sequência da escrita predominante neste trabalho.

Embora a primeira etapa seja constituída pela reunião de situações que vivi em campo, não se trata de uma reprodução bruta do material, mas da tentativa de condensar situações que me chamaram a atenção enquanto as vivia e que, de alguma maneira, vieram a se relacionar com as questões discutidas. Ao escrevê-la, procurei informar minha experiência (como foi vivenciar tais situações nos espaços urbanos transitados e fruídos), mas, também, abrir espaço para que os atores do campo falassem. Logo, objetivo permitir o contato do leitor com trechos de rimas, de apresentações musicais, com as formas de falar desses MCs, organizadores e outros personagens que têm na Batalha do Vinho finalidades outras, como o local de auferimento de seu sustento.

Apesar de o conteúdo selecionado ser importante para a assimilação da prática investigada e para o desenvolvimento desse trabalho, tais excertos não fornecem, sobretudo os trechos dos duelos transcritos, uma experiência completa. Essa pode ser melhor apreendida a partir dos vídeos disponibilizados no Youtube (cujos links continuo a fornecer em notas de rodapé). Desta maneira, solicito que, sempre que possível, o leitor visualize tais links, bem como veja outros vídeos disponíveis no canal da Batalha do Vinho no referido sítio eletrônico.

Como recurso para a escrita desta seção inicial, utilizarei o travessão (–) como forma de destacar o meu discurso direto dirigido ao leitor. Sempre que se tratar da fala de outras personagens em diálogo conosco informarei pela inserção de seu nome após o travessão e recuo frente a paragrafação ordinária do texto. Também utilizarei sinal gráfico () para indicar as oportunidades em que as falas, rimas e músicas são acompanhadas de fundo sonoro.

Na segunda parte do capítulo, analisarei a adequação dos duelos de rimas, enquanto prática integrante do hip-hop, como uma “cena cultural”. O tratamento teórico do termo, iniciado pelo pesquisador canadense Will Straw serve a diversas reflexões contidas em obra recente sobre o tema⁵⁴. Nela, além do próprio Will Straw⁵⁵, pesquisadores brasileiros ofertam contribuições. Dentre eles, Felipe Trotta⁵⁶ destaca a importância de que determinada prática

⁵⁴ SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. (orgs). **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

⁵⁵ STRAW, Will. **Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas das Políticas Públicas**. In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 09-23.

⁵⁶ TROTTA, Felipe. **Cenas Musicais e Anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro**. In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 57-70.

ou estilo cultural seja, além de centrada em traços culturais anglófonos, caracterizada por uma preferência underground e um perfil juvenil. Nesses quesitos, me utilizo de autores específicos para ampliar a análise sobre os temas da profissionalização⁵⁷ e das organizações etárias e suas práticas⁵⁸. Ao fim, considero, além das circunstâncias produtoras dos duelos de MCs, a (re)formulação territorial das áreas em que é realizada a Batalha do Vinho, a partir da proposta de Micael Herschmann⁵⁹ sobre as “territorialidades sônico-musicais”.

2.1 E AÍ, BORA COLAR NA BATALHA?!

- E aí, de boa?! Bora colar na Batalha hoje?! Aproveitar esse sábado pra ver umas rimas e tomar uns vinhos?! Hoje vai ser até tranquilo, eu vou sair da Bernardo Vieira. A gente pode se encontrar no Midway⁶⁰. Lá, a todo instante tá passando um busão. Difícil mesmo é quando eu tenho que sair de Parnamirim⁶¹. Daquele terminal da Trampolim até a Zona Norte é um inferno!

- Eita, se liga! Lá vem o 02 e nem tá cheio!!!

- Olha, melhor a gente ir para o final do ônibus, fica tranquilo pra descer. Agora, é ver a cidade, daqui a uns 45 minutos a gente chega lá. Sabe o que eu acho interessante aqui na Bernardo Vieira? É como ela começa no meio daqueles prédios chiques ali perto do IFRN e do Midway e, poucos metros depois, nos leva a essa região, digamos assim, mais popular... o bairro das Quintas, o bairro Nordeste e, terminando esse túnel, já nos deixa na ponte do Igapó, diante do Rio Potengi, de frente para a Zona Norte. Na Bernardo Vieira, saindo de um lado ou de outro, num instante você tá passando sobre a linha do trem, cruza a Avenida Nove, passa na frente do Bar do Pastel, e, pronto, você dá de cara com um cenário totalmente diferente.

- Essa Avenida parece um corredor feito para levar os sonhos e o suor de quem estuda e de quem trabalha, mas também carrega muita discriminação e preconceito, sabe?! E olha que quando comecei a pensar nisso, eu não tinha ouvido falar que Bernardo Vieira foi um militar reconhecido pelo extermínio de populações indígenas aqui no Rio Grande do Norte e de negros em Palmares. Será que foi por isso que escolheram esse nome? Vai saber, né..

⁵⁷ SIMÕES, José Alberto. **Viver (d) o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização**. In: Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais. Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais (Orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 186-209.

⁵⁸ GROppo, Luís A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Editora Difel, 2000.

⁵⁹ HERSCHMANN, Micael. **Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais**. In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 41-56.

⁶⁰ Maior Shopping Center de Natal, popular, inclusive, por sua localização central, entre as regiões da cidade.

⁶¹ Para além da importância histórica – tendo sediado a base estadunidense durante a segunda guerra mundial –, a cidade de Parnamirim possui, atualmente, a terceira maior população do Rio Grande do Norte. Tal crescimento decorre, em grande medida, do processo de conurbação com a capital, cuja região metropolitana integra.

- Enfim, bora seguir viagem... até porque o busão encheu e o barulho não deixa nem a gente pensar. Mas sabe, tava lembrando que na primeira vez que fui à Batalha do Vinho, havia cinco jovens conversando e um coroa, ao atender o telefone, começou gritar, pedindo que seu interlocutor falasse mais alto porque tinha vagabundos fazendo barulho no ônibus. Os garotos, com não mais do que os 16 anos e aparentemente vindos de um treino de futebol, conversavam um pouco alto, sobre meninas, futebol e violência, ou seja, nada demais. Achei bacana o fato de eles não terem sido violentos com o coroa, a maioria dos playboys que eu conheci naquela idade teria agido de forma diferente. Aquela situação me soava como um aviso, um indicativo de que eu entrava em outro ambiente, que, já no caminho, eu estava diante de um outro proceder.

- Agora, uma coisa que nunca muda, nessas idas e vindas nos ônibus da cidade, são essas pessoas, muitas delas crianças, vendendo pipoca, doces e outros itens. Assim como esse engarrafamento aqui na ponte; sempre tem, mesmo aos sábados. Como quase sempre, não são apenas os carros a atrapalhar o fluxo, daqui já podemos ver a Polícia dando mais um “bacujelo”, viaturas e muitos policiais armados abordando motoqueiros e moradores. Aqui, às margens da ponte, fica a favela do mosquito. Os programas sensacionalistas da TV estão sempre falando sobre conflitos nessa área que apontam como a única da cidade sob o domínio do PCC. Essa semana, inclusive, moradores interromperam o tráfego com corpos. Seria consequência de uma ação policial, levando residentes no local a coloca-los sobre a ponte, como forma de protesto⁶².

- Finalmente atravessamos a ponte! Bem-vindo à Zona Norte! Olha só, dobrou aqui, à esquerda, pronto! Estamos na Avenida Itapetinga, uma das principais da Zona Norte de Natal! Aqui no final, é só pedir parada que, depois dessa descida, chegamos à Avenida Tocantínea!! Olha, cuidado com esse esgoto correndo aí na frente; às vezes, a situação tá assim. E se liga ao atravessar, além dos carros que descem dessa ladeira de onde viemos, eles também saem da ruas de frente e daqui da direita. Um cruzamento desse sem semáforos é atordoante mesmo!

- Então, deixa eu te explicar rapidinho. Isso aqui, à nossa frente, é o conjunto de equipamentos onde rola a Batalha do Vinho. Ali, na direção nordeste, é a área de lazer do Gramoré – aquela é a Pista do Half, com suas quadras de concreto e de areia e esses bancos para o pessoal se reunir. Exatamente à nossa frente, esse quiosque funciona como um ponto de taxistas – como se alguém ainda precisasse de taxis. Já aqueles alambrados, à noroeste, são do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo; na sua outra extremidade fica o Ginásio Nélcio Dias.

⁶² “Em Natal, moradores do Mosquito colocam corpos na rua e fecham acesso à ponte de Igapó”. G1 / Inter TV Cabugi. 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/em-natal-moradores-do-mosquito-colocam-corpos-na-rua-e-fecham-acesso-a-ponte-de-igapo.ghtml> > . Acesso em 23 de janeiro de 2020.

- E aí, já tá percebendo o som tocando?! Não, isso aí não é hip-hop. Esse som aí é o rap! Muitos dirão que o hip-hop já está rolando desde quando a gente embarcou nessa viagem, entende?! Essas grades no entorno do Jesiel Figueiredo, também dá o que pensar.. quem já viu uma praça cercada, não é mesmo?! Parece que até nos momentos de felicidade, o sistema quer lembrar a periferia que ela está controlada, colocando-a atrás de grades! Em todo caso, é aqui que o sangue rola! Só que a entrada e o anfiteatro principal, onde agora acontecem as batalhas, ficam do outro lado. Essas arquibancadas menores, com seus cinco baixos degraus, era onde a galera fazia as rimas no início – quando passou a utilizar o espaço aqui do Jesiel Figueiredo!

- Já na parte central, ficam mesas e bancos de concreto, além desses equipamentos para exercícios físicos que permitem aos moradores socializar e fazer alguma atividade. Mas dá pra ver também esses belos murais. Olha aquilo que parece uma caixa d'água, está toda grafitada!

- Sabe o que é aquilo ali na frente? Isso mesmo, é o Ginásio Nélcio Dias. É o principal ginásio da cidade, único com condições de receber grandes eventos – as seleções brasileiras de vôlei e futsal já jogaram aí! Esse grande espaço do estacionamento, às vezes, é utilizado pela Prefeitura para fazer eventos em datas comemorativas. Mas, para nós, esse é um dos espaços da Batalha do Vinho e olha que a galera do Vinho não precisa nem entrar nele pra dar um show!

- Aqui onde estamos, sob essas marquises, é onde rolava as batalhas “nas antigas”. No Vinho, tem muita gente saudosista daquela época e acho que eu os entendo, devia ser bem interessante aquele momento inicial. Eles dizem que vinham poucos, mas os que colavam davam valor de verdade à parada. Alguns desse pessoal costumam dizer que antes a Batalha era mais raiz, mas que agora ela é nutella, que o Vinho agora é gourmet, dizem até que virou coisa pra playboy ver! E é bom a gente ficar atento porque, para muitos, esse negócio de pesquisa é coisa de playboy, viu?! Mas, enfim, bora chegar no Jesiel que já deve ter uma galera boa por lá!

- Aqui na entrada, embaixo dessas árvores, umas semanas atrás, rolou a Feijoada do Vinho. Foi bem legal, tipo uma confraternização! Não teve duelo, mas o rap correu solto e depois a galera mandou uns funk, uns sons do Grafith, enfim, tocou um pouco de tudo. Nesse dia, sentados naquele batente, tive a oportunidade de conversar com o B-boy Kammal. Ele me contou um pouco da sua história com o hip-hop e falou da importância do evento, elogiando a contribuição de seus organizadores. Por falar nessas árvores, elas também ficaram bonitas quando foi realizado um evento chamado “árvore da leitura”, buscando incentivar o contato de crianças e adolescentes com os livros. Dos galhos, pendiam livros amarrados com barbantes.

- Mas se liga! Olha só essa estrutura grandona aí na frente!! Esse é o famoso Espaço Cultural Jesiel Figueiredo!!! Quer dizer, isso que você está vendo é o seu principal anfiteatro, as costas de suas arquibancadas. Essas portas embaixo das arquibancadas são os banheiros, os camarins e a sala da direção do Espaço Cultural. Mas vamos contornar e ver o que tá rolando!!!

- Olha, já estou vendo Roney ali! Pra variar, tá com o notebook botando uns sons e preparando os beats que vão ser tocados nos duelos. Vamos lá falar com ele!

- Fala boe Roney, tudo na paz?! Esse aqui é um amigo meu que está conhecendo a Batalha hoje?!

- Roney: E aí, cara, tudo tranquilo?! Seja bem-vindo aí à Batalha do Vinho, a maior Batalha de MCs do Norte e Nordeste! Já, já você vai entender o porquê!

- Roney: Hoje o bagulho vai ser foda! Eu tô aqui finalizando a preparação, os caras tão terminando de ligar os refletores, os microfones já estão ok! A galera já, já tá chegando... Toda vida eu peço para esse povo chegar na hora marcada, mas o pessoal só aparece em cima, quando tá escurecendo... aí dizem que eu sou o chato.

- De boa Roney, a gente vai chegar ali no camarada do carrinho, pegar um vinho. Beleza?! Desenrole essa parada aí que a gente quer ver sangue hoje!

- Roney: Teu cu, homi! Você acha que quem desenrola essa porra toda semana aqui?! Já, já, quando terminar isso aqui, vou sentar lá com vocês!

- Esse Roney é uma figura, é gente boa demais, o conheço faz um tempão! Às vezes ele é chato mesmo, mas ninguém faz o corre que ele faz, essa é a verdade. Mas, se liga, bora pegar um vinho e depois subir até o último degrau das arquibancadas! De lá dá para ver boa parte dos bairros da região, você vai ter uma ideia massa do que é a ZN.

- (falando com o vendedor): E aí meu irmão, o que temos hoje?

- Vendedor: Opa, temos tudo isso aqui na bandeja: chicletes, halls, pipoca bokus, além dos cigarros. No isopor (em cima de um carrinho-de-mão), tem vinho e cerveja, mas a cerveja tem pouca, já que a galera aqui curte mesmo é o vinho. E a cerveja não está muito gelada porque botei agora!

- Pô massa, então faz o seguinte. Dá um vinho aí pra mim e um pro meu amigo aqui... ah, e me dá um Gudan também⁶³!

- Fica quanto tudo?

- Vendedor: Três e três do vinho, com um e cinquenta do Gudan, fica R\$ 7,50.

- Faz o seguinte, me dá mais um vinho e fecha nos R\$ 10,00, beleza?!

- Vendedor: Pode ser, claro!

- Bora fazer a presença ali com Roney, levar um vizinho para ele esfriar a cabeça. Você tá reconhecendo a garrafinha, né... é aquela de água mineral sim, de 500 ml! Vivo me perguntando onde ele arranja tantas para encher com vinho, será que junta todas durante a

⁶³ Corriqueiro na Batalha do Vinho, assim como em outros grupos juvenis a que tive acesso, esse produto costuma ser apreciado não apenas pelo sabor peculiar, mas também pelo seu forte aroma que serve, por exemplo, para camuflar o uso de maconha. Em evidência de sua preferência de longa data, Micael Herschmann (2005, pag. 133), ao descrever a mistura de cheiros nos bailes funk cariocas da década de 1990, menciona os “diversos pontos de venda do cigarro Gudan Garan (cigarro de Bali com cheiro e gosto adocicado de cravo)”.

semana ou será que recolhe algumas também durante ou após as batalhas? Provavelmente não, pois nunca o vi recolher as usadas no evento. Só sei que toda noite ele vende centenas delas.

- Eita, ligaram o som!!!

♪♪ (O que é, o que é, clara e salgada, cabe em um olho e pesa uma tonelada? Tem sabor de mar, pode ser discreta. Inquilina da dor, morada predileta. Na calçada ela vem, refém da vingança. Irmã do desespero, rival da esperança....).⁶⁴ ♪♪

...

♪♪ (Minha letra carregada com substância venenosa é pelo fim da hecatombe diária praticada por DEIC e Rota, minha letra carregada com substância venenosa é pelo fim da prisão em massa, da indução à venda de drogas...).⁶⁵ ♪♪

- Woooww... Se não tiver Racionais não é evento de hip-hop brasileiro e se não tocar uma paulada dessas do Eduardo Taddeo, não é Roney que está organizando as músicas. Bora pra perto do palco que daqui a pouco o Jesiel vai ficar lotado, hoje vai dar, tranquilamente, umas mil pessoas por aqui! É melhor ficarmos lá embaixo porque dá pra circular, cumprimentar a galera, ir ao banheiro e comprar mais vinho, tudo com mais facilidade.



- Roney (ao microfone no sistema de som): Aê, boa tarde pessoal! Os MCs que ainda não colocaram o nome na lista, tá quase completo, ein... Quem for participar, venha logo colocar o nome, já vamos começar os duelos! Depois não adianta ficar reclamando que chegaram cedo e que não vão poder batalhar, tem que vir colocar o nome na lista!

- Não te falei que rapidamente encheria de gente?! E olha os MCs começando a aparecer. Aquele é o MC Doggie, todo no estilo o cara... E ele manda bem nas rimas! Quando a gente foi à Recife/PE, pro duelo regional, o bicho foi falando *uma pá de coisa* do hip-hop, a origem e referências da cultura, tanto nacional quanto da *gringa*. Quem pensar que o cara não entenda da parada ou que manda mal só porque é branco, vai errar feio. Eita, o MC Codorna também está chegando por ali, bora cumprimenta-lo que esse cara é *mó limpeza*!

- E aí Codorna, tudo tranquilo? Tá sumido, cara?!

- Codorna: Fala aí, tudo bem. É que eu me mudei, tô morando um pouco longe agora.

- Ah, pode crer... E aí vai batalhar hoje?

- Codorna: Pô, tô pensando...

⁶⁴ RACIONAIS MCs. **Jesus Chorou**. Nada como um dia após o outro dia, CD/LP (110min). Gravadora Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64919/>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

⁶⁵ TADDEO, Carlos Eduardo. **Substância Venenosa**. A Fantástica Fábrica de Cadáver, CD (75:44min). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-eduardo-taddeo/substancia-venenosa/>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

- Pô, vai lá, cara.... Você manda bem demais nas rimas!
- Codorna: ah, valeu. Vamos ver...
- Tranquilo então. E bora marcar de tomar uma aí qualquer dia desses.
- Codorna: Claro, pode crer! Nunca mais tomei uma praquelas bandas, fora da ZN!



- Roney: Aê, Família Batalha do Vinho, como é que é???
- MC Bolla: Batalha do Vinho, chegando no sapatinho, o que vocês querem ver??
- Público: SANGUEEEEE!!!
- Roney: Batalha do Vinho, chegando no sapatinho, o que vocês querem ver???
- Público: SANGUEEEEEEEEE!!!!
- MC Bolla: Pra iniciar essa noite de batalhas, vamos com um confronto muito esperado por todos nos últimos meses, um confronto entre dois MCs pesados, que vem se encarando tem um tempo aí! Direto de Fortaleza, o MC Iraquiano!! E, da Batalha do Vinho, o MC Kung Fu!!!

(começa o duelo)



- Kung Fu: Meia noite o Shrek botou a orelha pra lavar, encontrei ela, olha só onde ela tá! Iraquiano roubou a orelha do Shrek e quer viver com um pré-datado cheque!
- Iraquiano: A minha orelha é grande, e agora vou falar que toda noite eu levo a irmã dele para passear. Ai, você tá ligado, é um pipoco, aqui é o Kung Fu, cover do Ney Matogrosso.
- Kung Fu: Meu irmão além de ter uma 9 milímetros, o clitóris dela tem 30 centímetros. Essa é a parada, e meu irmão é Jacó, é na levada!
- Iraquiano: Mas aqui é o Iraquiano, é contra o Kung Fu, eu pego (...) e enfio no teu cu! Ai você tá ligado, aqui eu tô na pista e bagunça no teu cu é atitude terrorista!
- Kung Fu: Pode crer meu parceiro, já era esperado, só fala de cu e rola, é um desclassificado. – “OOOOWWWW”, vibra o público – (...) porque eu já tô cheio de otário pederasta!
- Iraquiano: - (...) o teu nome é Kung Fu porque tu sentava no bambu. Você tá ligado, aqui é sem sequela, tô batalhando contra dois, contra tu e tua panela!
- Kung Fu: Pode crer meu parceiro, na improvisação, ando em cima do Bambu, estilo Tigre e o Dragão – “OOOOWWWW”, vibra o público.
- Iraquiano: (...)
- Kung Fu: Pode crer, segundo os teus mano, tu é o maior freguês de brita lá da gruta do cigano – “OOOOWWWW”, vibra o público – (...) Ele já é conhecido, xexou a TV da mãe, é um noiado fudido.

- Iraquiano: Aqui tu escarpela não é eu que sento pagando dinheiro (...). Ai, aqui onde eu tô entrando, é o bonde dos que só pega as coroa quando tá pagando.
- Kung Fu: Pode crer, eu vou falar dessa cena, essa é a bunda mais malhada lá da praia de Iracema... – “OOOOWWWW”, vibra o público.
- Iraquiano: tá ligado, agora eu vou te contar, eu abrir a beirada do teu cu, olha só, maior que a beira-mar! Você tá ligado, puta que pariu, o teu cu é tão arrombado como a Batalha do Estoril⁶⁶.
- Kung Fu: Olha só, é um gênio. Eureka! Eu vi a bunda dele, é igual o morro do careca! – “OOOOWWWW”, vibra o público.
- Iraquiano: tá ligado, Iraque nessa rima é um só, o teu cu é tão arrombado que nem a boca do Boró⁶⁷. – “OOOOWWWW”, vibra o público.
- Kung Fu: Pode crer, ele tá fazendo a dança do esqueleto. Isso é um MC ou é o tambor do Araketu?!
- Iraquiano: Pai xangô é o caralho, é você que tá perdendo, dançando conga la conga (...). Aí você tá ligado, é o que digo a tu, Iraque escarpela escopeta no teu cu!
- Kung Fu: Pode crer, que é a minha rima é instantânea.. ‘não me toque em mim’, igual a Maria Betânia. – “OOOOWWWW”, vibra o público.
- Iraquiano: Maria Betânia aqui é a proposta, é você que fica turbando o blackquinho do Bolla (o MC, em gesto de provocação, passa a mão nos cabelos do adversário). Ai você tá ligado aqui é o pipoco, teu nome é Kung Fu, é o famoso baba ovo.
- Kung Fu: Esse homi aqui é um porre, um pombo comeu um chiclete e cagou na cabeça desse boy – “OOOOWWWW”, “Vai morrer! Vai morrer!” (vibra mais intenso o público porque, devolvendo a provocação recebida e certamente sabendo da coloração rosada do cabelo de seu adversário, o MC Kung Fu puxou o seu bonê).
- Iraquiano: Aí, eu sou o MC brinquedo, agora eu tô tentando, eu roço a piroca no teu cu e ele tá gostando.
- Kung Fu: Pode crer que eu não tenho meu pudor, mas eu não gosto de transar com o órgão excretor, mas não tenho nada contra, se essa é a sua onda – “OOOOWWWW”, vibra o público.
- Iraquiano: Tu não transa com teu cu? Agora não se iluda, uma chuva de piroca faz teu cu de guarda-chuva! Aqui, não me leve a mal, mas você já tá levando pau! – “OOOOWWWW”, vibra, pela última vez no duelo, o público.



- MC Bolla: Aê, Família Batalha do Vinho!!! Quem gostou faz barulho pra Batalha!!! – “OOOOWWWW!!!”, continua a vibrar o público – Vamos, lá! Quem acha que as rimas mais violentas, mais sagaz foram do MC Kung faz barulho!!!

⁶⁶ A referência é a outra batalha existente na capital cearense, Batalha do Estoril.

⁶⁷ A referência é a um dos principais MCs da Batalha do Vinho, já mencionado neste trabalho.

- MC Bolla: Beleza, beleza... Agora, quem acha que as maiores pedradas foram do MC Iraquiano, faz barulho!!!
- MC Bolla: Então, a vitória do MC Kung Fu!!!
- Roney: Batalha do Vinho, chegando no sapatinho, o que vocês querem ver???
- Público: SANGUEEEEE!!!!
- Roney: Batalha do Vinho, chegando no sapatinho, o que vocês querem ver???
- Público: SANGUEEEEEEEEE!!!!
- Roney: Aí Família, a parada é a seguinte... Agora, é valendo pontuação para a vaga na seletiva estadual! Os duelos serão em duplas. Dois Rounds de 45 segundos, bate e volta, se rolar empate o terceiro round é de 30 segundos, também bate e volta! Ok?! E, pra começar, o confronto vai ser entre os MCs Binfa e Barará e os MCs Creytos⁶⁸ e Doggie. Os jurados serão o MC Bolla e o MC Webber!!! Bora lá!!!
- MC Bolla: Vamos fazer Barulho pra Batalhaaaa!!!!
- Público: OOOOOOWWWWWW!!!!
- MC Bolla: Dj, solta o Beat!

1º Round



- Creytos: Pode crer que o verso aqui é incrível, eu peço para o Binfa que ele eleve o nível, porque já tá bem difícil de tu atacar, parecido o Reginaldo Rossi, não tem nem o que falar.
- Binfa: Não fala do Reginaldo Rossi, o rei do brega, você não passa de um verme, parceiro de uma cadela. E você aqui não entende que a sua rima amarela, você favorito? Falso, vem aqui, nunca manterela.
- Doggie: é interessante o Binfa rimando, pra mim é um argumento que eu acho meio hilário, ele apela tanto que inventa normas de português e palavras pro vocabulário.
- Barará: Minha janta foi fandangos, vou provar pra todo mundo que Doggie sempre foi meu fã. Presta atenção, deixa eu te dizer, Barará dá mais ibope do que você.
- Creytos: Não venha com mentira, você vai merecer vaia. Ele é fã de gay, mas é só da lacraia. Você é imitação, não chega nem perto, na frente da lacraia tu não passa de um inseto.
- Binfa: Cala a boca verme, você não sabe o que diz. Você não passa de um merda que sempre entope o nariz. (...)

⁶⁸ E comum que os participantes tenham algumas variações de seu nome, tanto na forma como são chamados, quanto na forma escrita nas redes sociais online. Tais variações podem se dar a partir do nome civil ou de um codinome ou apelido prévio. Assim, optei por considerar os nomes utilizados nos vídeos das respectivas batalhas.

- Doggie: Calma, não é de droga, a gente fez PROERD⁶⁹. Nós dois tampa o nariz porque as tuas rimas fede. Aí parceiro, não tomo Rivotril e quem nasceu pra Inês Brasil nunca vai ser Clodovil. “OOOOWWWW” – vibra com intensidade o público!!
- Barará: Então, (...) com qualquer trava que fica na esquina. Presta atenção, eu sei que tu gosta daquele espaço de prostituição.
- Creytos: Ai, não vem com essa mano, deixa de picardia que eu não tenho envolvimento com ninguém da sua família. Essa é a verdade, não venha aqui me atacar, não tem conhecimento, então não venha aqui falar.
- Binfa: Tá vendo como é supervisível, o cara não sabe nem rimar e ainda, porra, baixa o nível. (...).



- Roney: Parou, parou! Fim do primeiro round!
- Roney: Aê, Rapaziada, julgando todo o primeiro round, quem achou que o MCs Binfa e Barará foram melhores, faz barulho!!!!
- (...) Agora quem acha que os MCs Creytos e Doggie foram melhores, faz barulho!!!
- Jurados por favor.... (...)

Então, 1 x 0 - MCs Creytos e Doggie!

2º Round

- Barará: (...) a resposta vai ser pesada, a minha família agencia, a tua é que dá o cu. Deixa minha família quieta, não mexo com meus (...).
- Creytos: Aí parceiro, não fica nervoso, todo mundo tá ligado que você troca o cu por um treloso (...).
- Binfa: Abaixar o nível, é isso que você consegue. Por isso que tu não persegue na história do Rap. Você é fraco e esse cara nem te conto, por isso que são duas bestas (...) tontas.
- Doggie: o que estão dando para esses caras não é normal, um gay usando ofensa como sexo anal. Aí é foda, é controvérsia, esse homem vem rimar e fica só com essas conversas.
- Barará: Parceiro, ofensa não, seja sagaz, porque sexo anal até tua mãe faz – “OOOOWWWW” vibra o público com intensidade incomum.
- Creytos: (...) Isso é profano demais pra mim, Barará com esses papos vai acabar tendo um fim.

⁶⁹ Referência ao Programa Educacional de Resistência às Drogas. Formulado por instituição não-governamental sediada nos Estados Unidos da América, referido programa tem sido adotado no âmbito de diversas políticas públicas empreendidas pelas Polícias Militares das unidades federativas do país. O ato de formulação do PROERD/RN (Decreto nº 28.639, de 21 de dezembro de 2018) encontra-se disponível em: http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20181222&id_doc=630972. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

- Binfa (...).
- Doggie: É um buceta, querendo falar da mãe dos outros, pelo menos sou MC bom, minha mãe não tem esse desgosto! Aí otário, olhe esse vocabulário, tua loucura por tua mãe é igual seu cabelo: é falso.
- Barará: Meu cabelo é estilo lã de arruda, se tua mãe acha que tu é bom, ela deve ser bem surda – “OOOOWWWW” vibra o público novamente com intensidade!!
- Creytos: (...).
- Binfa: Calma aí, vamos brincar de brasa, vamos deixar a mãe da galera logo dormindo sempre em casa, porque ela tá guardada e não adianta esses papos. Vamos levantar o nível porque aqui tá meio embaçado.
- Doggie: Tua mãe é tua cafetina, depende lá dos teus programas, em seguida morre de fome! Esse home é um homossexual, mas isso não é desculpa para não ser sujeito-home!
- Barará: você só pode tá muito noiado, vocês falaram da minha família primeiro, seu abestalhado! Então, se liga, se responda, meu irmão. Se você atacou, deixe de onda! “OOOOOOWWWW” – vibra o público!!! “Terceiroooo, Terceiroooo, Terceiroooo” – grita o público, sem mesmo aguardar a votação do segundo round!!!

3º round

- Creytos: Baixinho para caralho, pensa que é um MC, vou fazer uma pergunta: é você babidi⁷⁰? (...)
- Barará: Ele não é babidi e a rima ajuda, é tu que pede ele pra baba a tua bunda. (...)
- Doggie: Presta atenção que meu verso é tipo um maranhão e vai te entupir, você tá reclamando que não tem lubrificação, e eu boto no teu cu sem cuspir – “VAI MORRRERRRR, VAI MORRRERRRR, VAI MORRRERRRR”, vibra o público.
- Binfa: Aí Creytos, parceiro, deixar eu falar, eu não sou o babidi, (...) sou o madibu⁷¹, você entendeu como é a pederia, vou comer você e o Doggie hoje...
- Creytos: Aí parceiro, você é o madibu, (...) comer chocolate, mas eu não como o teu... ra-ra-rá, na pederastia eu não vou abaixar.
- Barará (ainda dirigindo-se ao MC Doggie): É sério que tu achou isso, comer meu cu?! Tu nunca vai ter dinheiro pra isso.
- Doggie: Ai, parceiro, você nunca vai ser MC e ganhar um dinheiro. É foda, essa porra além de viado, é feio e ainda é interesseiro.

⁷⁰ A referência aqui é a um personagem do desenho animado infantil “Dragon Ball”, transmitido diariamente pela TV GLOBO, do início dos anos 2000. As referências a esse e outros desenhos animados dessa época são corriqueiras. Para mim, tais referências funcionaram um forte marcador geracional, pois trata-se de uma leva de conteúdos infantis que eu já não acompanhei enquanto criança/adolescente.

⁷¹ Outro personagem do mesmo desenho animado.

- Binfa: interesseiro mesmo, ele dá o cu por dinheiro, e você que come os travecos o dia inteiro. Entendeu como é a pegada, você vai na Roberto Freire⁷² e pega só as mamadas.

- Creytos: Ele tinha um caso com Aécio e teve um estresse, agora que ele vai ser preso, vai ter que dar por um AS. É verdade, tá bem baratinho, dá por um comprimido esse garotinho!

- Roney: Barulho pra Batalhaaaaaa!!!! Rapaziada, vamos julgar consciente esse terceiro round! Lembrando que 4º Round não existe!!! Levanta a mão quem acha que foi melhor o Binfa e o Barará.... Agora levanta a mão quem achou melhor Doggie e Creytos!!!

Jurados por favor.... Então, 2 x 1 - MCs Creytos e Doggie vencem!⁷³
(fim do duelo)

- Muito engraçada as batalhas, não é? Pena que, às vezes, a gente não consegue ouvir o que o MC fala, ou porque o público grita muito alto no momento ou porque o MC se enrola e inventa umas palavras. Por isso que é importante ouvir o vídeo no canal no Youtube. Às vezes as batalhas ficam pesadas, vi a hora o Doggie partir pra cima do Barará. Não é sempre que eles se exaltam e se encaram dessa forma. Essa batalha quase fugia do controle. Isso me fez lembrar a seletiva estadual de 2016. O MC Bolla e Roney avisaram haver três regras a serem seguidas. Uma dessas regras era não atacar os familiares do outro MC nas rimas. Mas, nesse disputada que acabamos de assistir, os apresentadores não só não informaram as mesmas regras, como ninguém, nem o público, nem os jurados, as levou em consideração ao avaliar as rimas.



- Roney: Aê, Família da Batalha do Vinho! Antes do grande duelo da noite, teremos a apresentação de um dos maiores grupos do rap potiguar! Formado por MCs da Batalha do Vinho, vamos ouvir o som pesado do IPCS – Inimigos Públicos Contra o Sistema!!! Com vocês...



“Nordeste é pesado não para, é tapa na cara com chuva de bala. Meu instinto é de morte, não tenta com a sorte, Rio Grande do Norte, segura a rajada! Nordeste é primeiro lugar no índice de violência: é paulada, é facada, é garrafa quebrada, no bucho do cabra, é tanta ocorrência... Aonde nós vamos chegar com toda essa má influência? Se é olho por olho e dente por dente, se o rap é o crime, o crime compensa!⁷⁴”

⁷² A principal avenida do principal bairro turístico da capital, é conhecida por ter alguns pontos de prostituição.

⁷³ Vídeo de 09:22 minutos. CANAL DA BATALHA DO VINHO. **Batalha do Vinho – Dog e Creytos x Barará e Binfa**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GEx_FLnP7_E. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

⁷⁴ IPCS. **Nordeste é pesado**. Natal: Na Tora Records, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o36SpMYAjTk>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.



- Kung Fu: Esse som vocês conhecem, né negada?! Mas hoje vamos lançar uma nova música, essa aqui se chama *Enquanto a Violência Vive, o Ódio Vence!*⁷⁵:



♪♪ Enquanto a violência vive, o ódio vence, o ódio vence.

Na Zona Norte, antissistemático, em cima da rima, o IPCS causa impacto.

Eu posso até não ser simpático, mas é tudo esquema tático.

Pra se livrar da inveja dos covardes – eu passo intacto.

Desde 94 esquivando das malícias, para não entrar na lista, triste estatística.

Jovens de classe baixa executados pela Polícia.

Na corporação, corrupção é uma certeza, no BO quase sempre ‘legítima defesa’.

Vejo meu povo, no fundo do poço... de sangue.

Em meio a guerras letais, entre facções e gangues.

Enquanto a violência vive, o ódio vence, o ódio vence.

Favelas, Senzalas, Extermínio dos Indígenas,

Capitalismo são as células cancerígenas...

(....)

Bando de ratos, direitos estuprados, governo golpista, seu sangue é nazista,

Criança perdida, cultura esquecida, censura maldita, revolta anarquista,

conduta bandida, vingança de vida!

Enquanto a violência vive, o ódio vence, o ódio vence.

(....)

Pense a realidade de um povo natalense, esquecido pela mente dos falsos governantes, que tomam banho em piscinas de diamantes.

O ódio impera, os irmãos se regeneram e a violência cresce pelos becos da favela,

Em meio a dor, tristeza, guerra e sangue, é só pedrada, rajada, tensão no banguê!

Enquanto a violência vive, o ódio vence, o ódio vence. ♪♪



- Kung Fu: IPCS fazendo presença na Batalha do Vinho! Agora, bora voltar para os duelos que vai rolar a batalha final dessa noite!!!!

⁷⁵ IPCS. **Enquanto a Violência Vive, o Ódio Vence**. Natal: Na Tora Records, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qo4_xdieKkQ>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.



- ♪ - MC Bolla: Se vocês amam essa cultura, como eu amo essa cultura, grita...
- Público: Hip-Hop, Hip-Hop!
- Bolla: Se vocês amam essa cultura, como eu amo essa cultura, grita....
- Público: Hip-Hop, Hip-Hop! ♪
- MC Bolla: É isso aí rapaziada, agora teremos um grande duelo entre o MC Kennedy, representando a Batalha do Vinho, e o MC Chally, da Batalha da Quadrinha, uma grande Batalha de Fortaleza que está nos visitando esta noite. (...)
- MC Bolla: Considerando que após os dois primeiros rounds temos um empate, vamos para o desafio final, o terceiro e último round. “Aí, na moral, vamos analisar consciente, para a gente ser uma plateia evoluída, tá ligado... pra não passar o mais queridinho, o mais famosinho. Vamos passar o mais consciente da parada!”⁷⁶



- MC Chally: Eu ganhei o segundo round porque eu fui o melhor MC, então baixa a bola e faz favor para de pedir. Porque na rima tu é um vacilão. Porra, eu sou o Charlie Brown e ele que é o chorão?!
- MC Kennedy: (...) eu tenho renome, eu sou original quando pego o microfone.
- MC Chally: Ah.. mas não mostra o desempenho. Caraca, qual o problema de o cara se espelhar em um desenho de infância, eu não tenho ganância... Presta atenção, cumpade, eu te mostro, maluco, que tu é ignorância.
- MC Kennedy: Ele se inspira no desenho e o bagulho é ilusão, enquanto eu to na realidade, ele tá na ficção. Isso é disposição, só que eu ganhei, isso aqui é uma premonição.
- MC Chally: Ah... mas você não é mãe Diná, presta atenção, parceiro, teu final você não pode acreditar. Tu vai conseguir na (...) premonição, porque parceiro, fecha o olho e tenta imaginar: tu vai pro caixão!
- MC Kennedy: Eu vou dizer aqui moleque, nisso eu acredito, é tipo maktub “o Kennedy ganhar” já tava escrito. (...) Então eu ganhei, e tu quer dizer que vai roubar a minha vez?!
- MC Chally: Presta atenção, vou te dizer... Já tava escrito?! Eu tenho proceder, rapaz, e vou reescrever. Então é melhor você parar aí, tá ligado, cumpade, eu te mostro na rima, maluco, quem é o Chally!
- MC Kennedy: Como esse cara pensa que rima aqui na batida, quem tem o poder de uma vez reescrever o livro da vida? (...), levanta as mãos pro céu. Tu pensa que é o (...), mas na batalha eu sou cruel.

⁷⁶ Esse trecho é a literalidade de como o MC Bolla introduziu o duelo, a transcrição de parte de sua fala.

- MC Chally: Presta atenção, caralho, escuto desde menino: “todo o mortal é responsável pelo seu próprio destino”. Otário, então se liga só, você vai ver! Infelizmente, parceiro, você não mostrou proceder.
- MC Kennedy: Olha tua ideia, eu vou mandar é na moral, e eu sou (...) dos caras de Fortal. Só que aqui quem julgou foi os jurados e a plateia. Eu invento uma parada e tu fala a minha ideia?!
- MC Chally: Na moral, parceiro, eu sou MC, começa e termina o terceiro round, essa porra não para com mimimi. Caralho, para com essa merda, presta atenção até agora, maluco, tu só mostrou que tua mente é muito lerda.
- MC Kennedy: Ele é o iraquiano, mas eu que sou terrorista, quem fica de mimimi em Facebook é feminista! (o público se manifesta intensamente)
- MC Chally: Na moral, vou dizer, aqui outro mané! Enquanto ele diz “fora feministas”, eu grito, de novo, “respeita a mulher”! Otário, você é vacilão, você infelizmente nunca vai saber essa dor no coração.
- MC Kennedy: (...) e feminismo isso tudo é ladainha. Feminista é minha mãe que criou quatro filhos sozinha! (enquanto o público reage de maneira intensa, o MC Kennedy se joga sobre um grupo de apoiadores que estavam próximo ao palco)
- MC Chally: Na moral, mais uma vez vou ter que te falar: falou merda no microfone, depois vem todo quietinho querendo ajeitar. Otário, você desrespeitou, seja homem, parceiro. Se jogar pra todo mundo, para de caô.
- MC Kennedy: Eu canto e reafirmo e boto lei feito uma PEC, mãe solteira isso é típico aqui no Nordeste. Minha mãe sempre falou que a mulher tem seu espaço, que criou o filho sozinho por causa de um pai que era palhaço.
- MC Chally: Presta atenção, eu vou desenvolver, parceiro toda mãe é guerreira e o menor também. Parceiro, infelizmente do sistema muita mulher é refém.
- MC Kennedy: Eu nunca sou refém e na rima eu quero bem, então vou te explicar uma parada que me convém. Muita gente é contra o tal do aborto, eu prefiro (...) do que ser filho de um papo torto.
- MC Chally: Presta atenção, eu mando na batida. Pode crer, eu também respeito toda vida que tá na barriga de toda mãe, você tá ligado meu parceiro que desse jeito a gente vai.
- MC Kennedy: Ele tentou me vencer com bagulho de mulher, só que eu provei aqui como é que é... que a rima e o verso e rap não tem suco, mulher aqui trabalha e não fica discutindo em Facebook.
- MC Chally: Ai parceiro, tu mais uma vez mostrou que é vacilão, mulher sempre briga, todo canto é canto de fazer revolução. Otário, não é só na internet, mas uma vez você chegou e mostrou que sua ideologia é coisa de pivete.

(fim do duelo)

- MC Bolla: Rapaziada, vamos analisar consciente a parada aí... dentro das regras que eu disse... Quem achou que a rima mais quente, mais sanguinária e mais cabulosa venho do lado do Kennedy, barulho e mão pra cima!

- Roney: Quem acha as rimas mais pedradas e mais sangrentas foi as do MC Chally, faz barulho!

- MC Bolla: Com o voto do público para o MC Kennedy e dos dois jurados para o MC Chally, a vitória é da Batalha da Quadrinha!!! Parabéns para o MC Chally!!!

- Essa batalha fechou com chave-de-ouro, não foi?! O MC Kennedy parece não ter concordado com o julgamento dos jurados. Você viu ele querendo partir para cima, para tirar satisfações ao final do duelo?! Ainda bem que o pessoal evitou a confusão. Mas olha aquilo, que maneiro! Os organizadores das duas batalhas abraçados, formando um círculo, e comemorando o sucesso do encontro, eles estão gritando “viva o hip-hop do Nordeste” – muito irada essa cena!

- Como Roney está conversando e depois vai desligar os equipamentos, é melhor a gente ir andando, já passa das 22h e daqui a pouco passam os últimos ônibus. Além disso, parece que vai chover (certa vez, na hora de sair do Jesiel, toda a lateral estava inundada; eu e um colega que tinha vindo conhecer a Batalha, como você faz hoje, saímos nos segurando nas grades).

- Enfim, chegamos na parada. Agora é esperar (e esperar, e esperar...). Numa das primeiras vezes que vim à Batalha, como ainda não conhecia a frequência dos ônibus, fiquei até o final e ajudei Roney a desmontar tudo, levamos o material para casa de um casal de amigos dele. Naquela noite eles tinham emprestado mesa e cadeiras plásticas para a organização do evento. Depois que deixamos tudo lá, ficamos conversando na calçada até passar meu ônibus. Nesse dia, ainda arrisquei ir para minha casa. Peguei o segundo ônibus ali no Carrefour da Zona Sul, mas quando cheguei no centro de Parnamirim não havia mais mototaxistas – em cidades menores e regiões metropolitanas, são os mototáxis que costumam conectar os pontos às residências que não estão nos trajetos percorridos. A sorte foi que um mototaxista dormia nos fundos de uma lanchonete e uma funcionária o chamou. Infelizmente, muitas vezes precisei sair antes do final das batalhas. Por isso, sempre que possível durmo na casa dos meus pais.

- Houve, também, duas oportunidades em que procurei outras formas de voltar do Jesiel Figueiredo. Certa vez, recorri ao Uber e ao entrar no carro o próprio motorista comentou que eu tinha dado sorte por ele ter aceito a minha corrida, pois naquela região e naquele horário, muitos motoristas evitavam transitar e pegar corridas. Ele contou que naquela momento, havia levado um passageiro para a região e apenas por ter visto que meu pagamento seria feito com cartão de crédito – método que permite identificar o cliente –, havia aceito a corrida.

- Já em outra situação, após uma reunião da organização da Batalha do Vinho no Jesiel Figueiredo, fiquei conversando na Praça do Half com a galera. Provavelmente em razão de um grande evento que acontecia naquela noite na cidade, a oferta de Uber estava escassa e o valor bastante acima do normal. Então, me dirige ao ponto de táxi e, após agradecer por eles ainda existirem, perguntei qual seria o valor da corrida até meu destino. Para minha frustração, após me olhar e redirecionar a visão para o grupo de onde eu vinha, o taxista respondeu não estar fazendo mais corridas naquela noite. Tive a impressão de que, dependendo de onde se estar e de quem os outros supõem que você seja, ter algum dinheiro pode não ser o suficiente.

- Olha!!! Lá vem o 60, finalmente!

2.2 OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CENA.

Apesar de nascido em Natal/RN e de não ter me afastado desta capital até o início de minha pesquisa, jamais me passou pela cabeça conceber minha cidade como um lugar do rap – aquela música agressiva que eu, quando criança, assistia na *Music Television – MTV*, música que, segundo me diziam as pessoas mais velhas ao me flagrarem vendo o canal, era coisa de vagabundo, de marginal. Da década de 1990, tenho lembrança dos clipes ‘diário de um detento’ e ‘negro drama’ (a gravação de uma apresentação ao vivo), clássicos dos Racionais MCs que me causaram maior impacto; lembro-me também de clipes de MV Bill, Xis, RZO e Sabotagem.

Daquele período, guardo recordações de pessoas ouvindo as músicas marcantes das diversas épocas, influências advindas de mais diferentes regiões do país – o sertanejo, típico do centro-oeste; a lambada, oriunda da região norte; e o axé baiano. Em minha adolescência, na primeira década do século XXI, eu e amigos de escola passamos por um processo de imersão no rock dos anos 1980, misturado com as principais bandas da década de 1990 e artistas e grupos que surgiam pós anos 2000 e que tinham na *MTV* um bom canal de divulgação. Outros colegas, de mesma idade, (con)vivendo na Natal daquela época, pareciam ter sua imersão em grupos de pagode, de axé, e de uma variante desses dois estilos denominada ‘swingueira’.

Não protagonista para a minha faixa etária, mas de uma presença constante, era o que sempre se ouvia nos churrascos festivos de família, estilos como o forró tradicional, com nomes como Luiz Gonzaga e Flávio José, e o brega, sendo o pernambucano Reginaldo Rossi sempre a principal referência, permaneciam ao alcance dos ouvidos natalenses. As recentes décadas se fizeram marcar por atualizações de alguns desses estilos, como o sertanejo e o forró que se tornaram “universitários” e o funk carioca que nos chegava já diverso de sua configuração na capital fluminense dos anos 1970 e 1980 (Valenzuela Arce, 1997), ou do brega paraense já marcado pela inserção de inovações tecnológicas (Trotta, 2013).

Todos esses estilos musicais pareciam encontrar guarida no gosto da população natalense, mas não o rap. Assim como as demais vertentes do hip-hop, a marginalização parecia ser o seu caminho inafastável na cidade – ao menos era isso o que meus olhos enxergavam. Foi nesse cenário que conheci a Batalha do Vinho, então, sem muita expectativa. Considerando essa visão prévia, reconheço que a sua definição como objeto de pesquisa foi, em boa medida, impulsionada pela ausência de alternativas. Desde então, entretanto, não paro de me surpreender com a força de algo que, há pouco tempo, parecia não reunir as condições mínimas de existência.

A Batalha do Vinho se mostrou surpreendente pela quantidade de pessoas que conseguia reunir semanalmente, pelo expressivo número de jovens desconhecidos interessados em batalhar; de pessoas querendo conhecê-la e, quase que automaticamente, tornando-se contumazes frequentadoras. Uma segunda surpresa se apresenta quando se percebe que a Batalha do Vinho é apenas uma incidência de algo maior. Assim, me surpreendeu a intensa disseminação da prática de duelos de rimas por diversos pontos da capital potiguar; bem como, ainda mais inesperado, por municípios interioranos desse modesto estado nordestino.

Eu não conheci a história de vida de grande parte dos frequentadores da Batalha do Vinho; saber os nomes e outras informações pessoais de muitos deles não me pareceu algo essencial. Isso, em grande medida, porque a música, enquanto manifestação cultural, costuma ter a capacidade de evidenciar valores e práticas que caracterizam aqueles que a apreciam, de identificar a sociabilidade na qual certo estilo é adotado e de evidenciar os valores, as práticas e a identidade dos espaços geográficos ocupados e vividos.

A cidade de Natal prossegue na mesma localização geográfica, possui a mesma área e os mesmos limites fronteiriços. Mas depois que eu conheci a Batalha do Vinho, minha cidade se tornou um outro lugar para mim – essa é a aptidão que uma cena tem, é parte dos efeitos que ela pode causar. Com a Batalha do Vinho, me veio o rap produzido na Zona Norte e toda uma diversidade de percepções, assim como outros proveitos decorrentes da vivência com aqueles indivíduos. Inclusive, também suas perdas e seus sofrimentos não me passaram despercebidos.

De fato, a Natal que eu constatava em minha experiência já não era a da tranquilidade narrada ao longo de minha infância, a cidade de um cotidiano quase bucólico construído por homens e mulheres que vinham para a capital construir suas vidas. Agora, era a capital da violência e da falta de oportunidades, de maneira que daquilo que as estatísticas mostram com frieza e a TV com sensacionalismo, muito eu aprendi com a Batalha do Vinho. Em todo caso, se uma cena reúne diversos acontecimentos, diferentes iniciativas e inúmeros personagens, ela reclama uma ampla compreensão, abrangente de toda a sua multiplicidade social e cultural.

2.2.1 Instabilidade e excesso informacional – as condições de existência.

Ao falar de “cena cultural” é preciso evidenciar o que seria tal noção, definir qual seria o objeto de uma determinada cena e, por conseguinte, demonstrar o enquadramento de uma manifestação real em torno desse objeto nos limites da noção dada. Nesse sentido, saliento que uma cena não é a vinculação estável de determinadas pessoas que se reconhecem e compartilham interesses concretos. Assim, em conformidade com Sá⁷⁷ (2013), uma cena, ao comportar fluxos e práticas diversas, não deve ser confundida com a noção de “comunidade”.

Na Batalha do Vinho, a quantidade e a frequência dos participantes são extremamente variáveis. Inicialmente, quando os encontros eram realizados sob as marquises do Ginásio Nélcio Dias ou na Praça do Half, um grupo de jovens, sem clara definição entre MCs, organizadores e público, não ultrapassava uma ou duas dezenas. Após algumas semanas, com a mudança para dentro do Jesiel Figueiredo e após a presença de artistas nacionais, deu-se o veloz crescimento do público, atingindo números muito superiores, e um intenso processo de definição de papéis.

Pode-se chegar a essa conclusão a partir da análise dos primeiros vídeos postados nas redes sociais online do evento ou deduzi-la dos diversos comentários de seus integrantes nessas mesmas redes. Pude confirmar esse crescimento, também, nas conversas mantidas com o meu informante, inclusive nas entrevistas concedidas, em que afirmou que o aumento progressivo de participantes foi o que despertou a atenção de moradores e as perigosas intervenções policiais.

O crescimento do público ratificou e consolidou a instabilidade como marca da identificação dos frequentadores e dos laços entre eles. Apesar de alguns jovens se conhecerem, constituírem galeras entre si, no âmbito da Batalha do Vinho, não seria adequado falar em comunidade – o que tínhamos ali, de fato, era uma manifestação da cena das batalhas de MCs.

A discussão teórica em torno do termo Cena – utilizado por adeptos e agentes da mídia e do mercado ao tratar do hip-hop – foi inaugurada pelo pesquisador canadense Will Straw, para quem a principal característica de uma cena é a excessiva produção de sentido, um excesso informacional. Straw (2013, pg. 12) citando Barry Shank, afirmar que no interior de uma cena “produz-se muito mais informação semiótica do que é possível analisar de modo racional”. Já o professor da Escola de Comunicação da UFRJ, Micael Herschmann (2013), em definição comparativa sob o enfoque econômico da produção musical, assevera que “as cenas seriam mais instáveis e nelas seria possível atestar um maior protagonismo dos atores sociais. As cenas dependeriam de gostos, prazeres e afetividades construídas entre os atores (2013, pg.45)”.

⁷⁷ Sá, Simone Pereira de. **As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da utilização da noção de cena musical virtual**. In: Sá, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 25-39.

É a atuação de atores sociais que tem o potencial de constituir o grande conteúdo informacional. Logo, a instabilidade deve ser apreendida como característica dos modos de produção do fenômeno cultural analisado, geralmente não dependente de grandes iniciativas empresariais. Uma cena seria algo incerto e potente; algo que permanece em latência até o momento em que se precipita – até que a ação criativa dos atores transmuta valores, sentimentos e pensamentos em práticas sociais que dialogam com a estrutura social. Esse momento inicial se dá, pois, sem significativos formalismos, sem definição clara de procedimentos e objetivos.

Essa concepção se mostra pertinente à análise do processo de mudanças na Batalha do Vinho. Observando sua organização, pode-se verificar a ausência de instrumentos normativos a estabelecerem formas de representatividade legal e instâncias de deliberação interna, como assembleias para definir a vontade coletiva. A forma de decisão está sujeita à vontade daqueles que tomam a frente – função algumas vezes partilhada, outras, disputada entre os seus principais atores sociais. A própria noção de dever existir, ou não, uma liderança ou uma representação formal da iniciativa parecia ser algo aberto, questionado e em disputa – instável, portanto.

Inicialmente, as tardes de batalhas eram marcadas por um ‘espírito’ de improvisação, amadorismo e não normatividade, dependendo da vontade e da ação de algum participante. Pode-se recordar que, no começo, era apenas o MC Bolla que estava à frente da organização, com os episódios de violência policial, ele achou que não dava mais e a Batalha ia acabar – o que não ocorreu graças à ação de pessoas da localidade que se mobilizaram para tanto. Já com a mudança do local de realização, ou seja, com o ingresso no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, certos formalismos foram adotados e, logo, sentidos como coerção por alguns participantes.

Além da instabilidade em torno da organização, a falta de padrões engessados estava presente também no procedimento de execução dos duelos e na aplicação das supostas regras – o que, recorrentemente, causava certo estresse em Roney antes de iniciar as disputas.

Embora a organização estabelecesse, previamente, um horário de começo para as batalhas e o comunicasse pelas redes sociais, a previsão era costumeiramente desconsiderada por todos, MCs e público. Ao perceber que o horário previsto já contava entre meia e uma hora de atraso, Roney passava a solicitar, ao microfone, que os MCs colocassem seus nomes na lista para duelar. Diante da reação do público, ele procurava se explicar: “quando os duelos são com menos MCs, vocês reclamam que não tem vaga, que não dá pra todos participarem. Aí, quando a gente aumenta, vocês não se inscrevem”. Algumas vezes, o público intensificava sua reação gritando, em aparente tom de brincadeira e gozação, “Fora Roney⁷⁸”.

⁷⁸ Roney costuma atribuir o grito a uma “forma de brincadeira do público, pois, na época do golpe, (eu) gritava muito *Fora Temer*” – trecho da entrevista concedida em abril de 2019.

Naquela período, não havia uma definição sobre a modalidade dos duelos e sobre a quantidade de MCs que participariam a cada tarde-noite – embora já se ensaiasse a divulgação de calendários mensais nas redes online. Mesmo quando essa divulgação acontecia, as previsões pareciam se adequar, sempre, sábado à sábado, variando a partir de quesitos como se chovia no dia, o que terminava por reduzir a presença dos MCs. Acerca da definição de quais seriam os participantes, é praxe na cena nacional, a observância da ordem de chegada/inscrição dos MCs.

Apesar de o local de realização ordinária dos duelos da Batalha do Vinho ser o Jesiel Figueiredo, havia instabilidade também sobre esse ponto. Em regra, a tentativa de retorno ao espaço aberto da rua não alcançava grande repercussão. Todavia, nas oportunidades em que se fazia inviável a utilização do Jesiel Figueiredo, essa disputa se acirrava, não havendo consenso diante da opção de interromper o evento ou realiza-lo sob as marquises do Ginásio Nélcio Dias.

Esse debate terminava em questionamentos de outras circunstâncias atuais na Batalha, questionamentos acerca daquilo que alguns integrantes consideravam ser tentativas de impor modificações: a parceria com o poder público, a elaboração e distribuição de panfletos com normas a serem observadas, a definição de termos que deveriam ser evitados nas rimas para não desagradar os visitantes “pais e mães de família” ou os vizinhos, às vezes, violentos.

Todas essas disputas, sempre abertas, tornavam difícil a definição do que seria a Batalha do Vinho: um evento cultural, uma forma de entretenimento para a comunidade, um movimento juvenil – evidenciando, pois, a instabilidade que prosseguia sendo a sua marca.

Vimos a forma como Roney ganhou espaço na organização do evento, enquanto outros participantes seguiam discordando de suas ideias e procuravam subverter suas ações. Logo, seja qual fosse o caminho seguido, ele costumava ser decidido não por uma elaborada discussão interna, nem conforme normas previamente estabelecidas em estatutos ou, ainda, a partir de cálculos que observassem a demanda pelo evento, sua repercussão midiática ou desempenho comercial. Tudo parecia ser resultado daquela mistura, da vontade de construção coletiva do evento, mas também da disputa pelo protagonismo entre jovens que acreditavam, cada qual à sua maneira, defender o melhor para a Batalha do Vinho e para a cena local dos duelos.

Ainda evidenciando a efervescente instabilidade nos encontros da Batalha do Vinho, podemos citar alguns atos preparativos e inserções que eventualmente ocorriam nas tardes-noites de duelos. Por exemplo, a mera presença de um palco, uma simples estrutura de madeira quadrangular, se destacou, à percepção, na primeira oportunidade que me deparei com ele – à minha impressão, aquele item passava a ideia de maior profissionalismo, de certo estrelato.

Ao indagá-lo sobre aquela recente aquisição, Roney me relatou que o palco havia sido deixado sem cuidados, após um evento realizado pela Prefeitura, no largo da antiga rodoviária

de Natal. Ele teria, então, feito um pedido verbal ao responsável e conseguido a doação e o transporte, em um carro da Prefeitura, até o Jesiel Figueiredo. Eu havia percebido também que a colocação do palco para as disputas semanais não era regular. Ao questionar sobre essa utilização, ele me explicou que o palco estava sempre no camarim do Jesiel Figueiredo, mas que era utilizado a depender da iniciativa de algum participante colocá-lo, pois ele (Roney) não conseguia fazer tudo sozinho. É a mesma dependência de uma ação pessoal que Roney relatou sobre o uso da caixa de som antes da parceria com a Prefeitura – que ninguém aparecia para ajudar ele e o MC Bolla a levar e (des)montar os equipamentos e antes e depois dos duelos.

Instável também era o teor das apresentações em cada tarde-noite do evento. Os duelos de rimas entre os MCs, que era o carro-chefe da Batalha do Vinho, ocorriam invariavelmente. Entretanto, o evento podia contar com apresentações de breakdance e de grupos de rap, como o IPCS. Em dias de festivais, de competições e de seletivas, havia maior probabilidade de reunir outros elementos do hip-hop. Isso porque a cena se mobiliza com maior intensidade, ou seja, não apenas a cena dos duelos de rimas, mas também das outras vertentes, de todo o hip-hop.

A elaboração de uma lógica de interesse na participação dos atores sociais se mostra indicativa de uma utilidade estruturada a partir do crescimento do evento, de sua relevância no contexto da cena local dos duelos. A oportunidade de ganhar reconhecimento fora da Batalha do Vinho, inclusive para além dos limites locais – como nos dias em que se disputam a seletiva estadual –, estimula uma maior presença dos MCs. As premiações nos festivais, de certo, estimulam a participação de um maior número de B-boys e B-girls; o maior número de pessoas, de consumidores, nas arquibancadas estimula o interesse dos grupos de rap em se apresentarem.

Esse processo de estruturação parecia embrionário, não consolidado, na Batalha do Vinho – fazendo com que a instabilidade, ao permanecer como característica, tornasse o enquadramento na noção teórica de cena mais adequado do que, por exemplo, falar num circuito cultural (Herschmann, 2013) da cidade. É preciso salientar, entretanto, que essa instabilidade é intrínseca a um outro elemento da cena, a efervescência de energias internas que resultam em iniciativas por demais criativas. Não se deve, pois, compreender a instabilidade da cena como fruto exclusivo ou preponderante da negligência ou da desorganização de seus participantes.

Surgida de forma despretenhosa e após experienciar uma reviravolta em sua aparente má-sorte, a Batalha do Vinho recebeu um aporte estrutural inesperado e passou a mobilizar, a cada encontro semanal, mais e mais jovens em torno da prática do duelo de rimas e das diversas vertentes do hip-hop. Essa sucessão de fatos possibilitou uma espécie de explosão de iniciativas culturais elaboradas sob o protagonismo dos indivíduos daquela localidade.

No Espaço cultural Jesiel Figueiredo, o fluxo de pessoas tornou-se demasiadamente intenso; às vezes, tornando difícil o deslocamento nas suas arquibancadas, mas também em sua entrada e nas laterais do palco. Por todos os lados, uma enorme variedade e confluência de rostos, sons, roupas, risos e fumaças. Nos murais do local, inúmeros grafites. Num canto, uma galera a dançar *break*. Em diversos grupos, jovens trocam uma ideia ou comentam sobre um rap recém-lançado ou sobre o último duelo de um conhecido MC da Batalha do Museu (em Brasília/DF), do Tanque (São Gonçalo/RJ) ou da Aldeia (Barueri/SP) recém postada na internet. Já num banco da praça, um pouco afastado, mas ainda dentro Jesiel, o Xina e uma galera estão gravando o “Vinho News” que será postado no Canal da Batalha naquela semana – iniciativa que, marcada pelo tom de gozação, não se confunde com o “Batalha do Vinho entrevista”.

A quantidade de informações é, pois, inestimável, vem de todos os lados e nos mais diversos formatos. Num sábado qualquer, transitando por ali, encontra-se, além de alguns políticos⁷⁹, o gringo que corre o mundo fazendo documentários sobre o hip-hop⁸⁰, uma equipe de jornal impresso⁸¹ ou televisivo⁸², um conhecido youtuber⁸³ ou um anônimo pretendente a antropólogo – todos registrando o que se passa para retratá-lo sob suas perspectivas e métodos.

No palco, enquanto o apresentador grita em busca de silêncio para iniciar sua performance – a semelhança nos termos e na empolgação de apresentadores em diferentes regiões do país indicam certa uniformidade –, jovens se projetam como artistas e competidores, buscando elaborar e expor a capacidade de rimar e de derrotar, por meio do domínio dos versos e dos valores simbólicos da periferia, os seus pares, cada vez mais, colocados como adversários.

⁷⁹ Presenciei a visita dos políticos mencionados por Roney no primeiro capítulo e que disputaram a chefia do Executivo municipal no ano de 2016: o candidato, de oposição, Fernando Mineiro (PT) em outubro de 2016; e o Prefeito, então reeleito, Carlos Eduardo (PDT), acompanhado do secretário de cultura e outros partidários, no 2º Festival de Hip-Hop, ocorrido em dezembro 2017.

⁸⁰ A gravação do documentário aparentemente tinha como foco a cena do breakdance ou, ao menos, o contato do produtor se deu pelos integrantes desta vertente (foi exatamente no último dia do 2º Festival de hip-hop, dia em que eram realizadas as disputas do break, que houve tal gravação no Jesiel Figueiredo). Ademais, cenas do material produzido e disponibilizado no Youtube acompanha a Crew “Jesus Flava Gang” e registra o “Movimento Nossos Valores”. Vídeo de 12:43 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LV3HaZbpmIA&fbclid=IwAR01ySJgi0f0DmFJWcmnBp4clL2wI0cdaVcyW-J9rHJbKi3IhACt55GgprA>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

⁸¹ “Batalha de rimas anima espaço cultural na Zona Norte de Natal”. Site G1/Inter TV Cabugi. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/o-que-fazer-em-natal-e-regiao/noticia/2018/07/20/batalha-de-rimas-anima-espaco-cultural-na-zona-norte-de-natal.ghtml>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

⁸² Vídeo de 3:26 minutos, “Batalha do Vinho - Hip Hop inspira jovens de Natal com Batalha de MC's”. Matéria Inter TV Cabugi, afiliada Rede Globo. Canal Batalha do Vinho, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qYZEL5axg88&feature=youtu.be&fbclid=IwAR3Sbl2NFwI6i5glsgmxpPQR2O61fMFcSJcPb5W9xTqRbd-t8t3tkKQ9vs>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

⁸³ Vídeo de 11:24 minutos, “Batalha do Vinho”. Canal Natal Zueira, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EtJ_KDgas1M. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

Apesar da avalanche de informações visuais e sonoras que atinge quem visita a Batalha do Vinho ali no seu berço, engana-se quem acha que, ao de lá se afastar, interromperá a sua vazão informacional. A tarefa de acompanhar as redes sociais da Batalha do Vinho, sobretudo o grupo no WhatsApp, é árdua, quase impossível de ser cumprida. Como será abordado em capítulo outro, o conteúdo das mensagens inclui diálogos corriqueiros entre os participantes, assim como tratam de diversos duelos – com referências aos nomes dos MCs, às suas batalhas de origem e às cidades onde essas ocorrem –, de novos clipes e de novos rappers, bem como de clássicos dos anos 80, inclusive estadunidenses – muitos dos quais, tanto novos, quanto antigos, eu jamais ouvira falar. Nesse sentido, a observação de Straw (2013, p. 12) ao afirmar que a cena,

mobiliza energias locais e aciona essas energias em múltiplas direções – para frente, até as suas próprias reiteraões mais recentes; para fora, até tipos mais formais de atividade social ou empreendedora; para cima, até uma coalescência mais ampla das energias culturais nas quais as identidades coletivas tomam forma.

São, pois, esses movimentos “em múltiplas direções” de que nos fala o desbravador da abordagem teórica das cenas culturais, que abordaremos nas páginas seguintes do capítulo, sempre a partir das batalhas de MCs, e, mais precisamente, a partir da Batalha do Vinho.

2.2.2 Gênero cultural, prática e localização – objeto e características.

Se não há identificação e estável vinculação dos frequentadores de uma cena, é preciso reconhecer a existência de algum elo entre essas pessoas, um elemento que as une, que confere ao seu agrupamento certa coerência. Neste sentido, uma cena cultural, conforme Straw (2013, p. 12), pode ser referenciada à sua localização, ao gênero de sua produção ou a sua atividade social, ainda que vagamente definida. Para o autor, um desses elementos é suficiente à análise constitutiva da cena. Todavia, nada impede a correspondência em face desses três requisitos.

De pronto, percebe-se que os duelos de MCs guarda pertinência com o hip-hop enquanto expressão cultural. Logo, essa vinculação confere a eventos como a Batalha do Vinho o gênero apto a impulsionar sua existência como uma cena cultural. Mas dizer que a Batalha do Vinho e as demais batalhas de MCs integram a “cena hip-hop” é dizer pouco, pois, como se sabe, a expressão é composta por quatro vertentes práticas, cada uma com suas peculiaridades.

No período que vivenciei a Batalha do Vinho, presenciei a ocorrência de manifestações de breakdance, de grafite e de grupos de rap, compostos por MCs e DJs. Neste sentido, é possível afirmar que a Batalha do Vinho é um *locus*, em diferentes medidas, de todas essas práticas e que integra, portanto, cada uma de suas cenas. Contudo, sua principal atividade, na qual reside o cerne de nosso interesse, são os duelos de rimas entre MCs. Assim, é preciso evidenciar a Batalha do Vinho como uma ocorrência integrante da prática dos duelos de MCs.

Por derradeiro, centrando-se no critério da localização e considerando a percepção nativa de que a Batalha do Vinho é um dos eventos de entretenimento mais marcantes da Zona Norte de Natal, a Batalha do Vinho integra a cena cultural dessa região da capital potiguar. Igualmente, ela está apta mesmo a ser apontada como integrante da cena cultural da cidade e do Rio Grande do Norte, na medida da relevância expressa num determinado momento.

Desde o início da reflexão sobre o termo cena nos anos 1990, houve dois enfoques a disputar a predominância analítica. Inicialmente, os estudiosos concentraram-se na observação de dinâmicas e processos desenvolvidos. Posteriormente, priorizou-se a análise da relação e dos efeitos transformadores de uma cena sobre o espaço ocupado. Realizada após essa sucessão de momentos, a descrição utilizada por Straw (2013) abrange, também, elementos daquela primeira definição, isso porque se tratou mais de um aprimoramento do que de uma inversão conceitual.

Neste sentido, podemos observar, detalhadamente, cada um dos requisitos da cena, a partir das lições de Will Straw, conforme elencados por Felipe Trotta (2013, p. 59).

O primeiro dos requisitos de uma cena seria “a congregação de pessoas em um lugar”. Assim, considerando a Batalha do Vinho, o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo e os equipamentos ao seu redor, se colocam como esse lugar. Igualmente, as demais batalhas têm seu local próprio de congregação. Todavia, tomando os momentos de congregação mais ampla, há locais que expressam esse maior grau de reunião, de ampliação da cena. Nesse sentido, considerando a relevância da Batalha do Vinho para a cena dos duelos em Natal e no estado – o que pode ser evidenciado por ser ela a manifestação mais antiga da capital e aquela legitimada para a escolha do representante local para as etapas regional e nacional do Duelo de MCs – o Jesiel Figueiredo pode ser apontado como o principal lugar de congregação no território potiguar; a exemplo do que ocorre com o viaduto Santa Tereza, em Belo Horizonte, para o nível nacional dos duelos.

Uma das conclusões que se apreende ao afirmar que uma cena não é estável é que seus participantes transitam entre lugares, ainda que seu ponto de congregação seja de singular relevância. O deslocamento das pessoas entre esses lugares e a identificação das ruas nas quais se dá esse movimento são igualmente necessários à caracterização da cena. Neste sentido, vemos que a movimentação dos participantes dos duelos de MCs entre os lugares de realização/congregação das diversas batalhas e suas regiões urbanas atendem a mais esse requisito da cena.

Em muitas oportunidades na Batalha do Vinho, constatamos a participação de MCs que não são da Zona Norte de Natal, como o MC Nigro que, mesmo assim, se mostrou indispensável à Batalha do Vinho e à cena na disputa do Regional de 2017, ao viabilizar a compra das passagens para Recife, ou mesmo MCs oriundos de municípios do interior do estado, como o jovem MC do município de Assú que participou da seletiva estadual em 2016

– fazendo um belo relato sobre a condição de MC na sua localidade, sobre se dirigir, muitas vezes sozinho, para rimar na praça de uma cidade onde o hip-hop não é fortemente difundido. Esse trânsito também acontece entre as batalhas de Natal e de outras cidades. Além de visitas individuais, registrei diversos confrontos entre batalhas, em que grandes grupos se deslocaram para outras localidades – foi o caso, durante minha pesquisa, dos confrontos com as batalhas do Cristo de Currais Novos/RN, da Chave de Mossoró/RN e da Quadrinha de Fortaleza/CE.

Esse deslocamento, deve-se ressaltar, extrapola a finalidade dos duelos em si. A interação entre as batalhas evidencia a conexão entre essas diversas iniciativas. Lembremos, por exemplo, a ideia de Roney de levar o Fábio Brazza à Batalha do DED, uma vez que não era dia de duelos na Batalha do Vinho. Com ações como essa, se estabelece um relacionamento amistoso entre as batalhas e uma atuação integrada; constitui-se, em suma, canais característicos de uma cena cultural. Logo, indo além do deslocamento dos MCs, mas abrangendo as organizações das batalhas, trançam-se caminhos e formam-se laços a partir dos duelos.

Sobre as ruas em que se dá o movimento no entorno da Batalha do Vinho, destacam-se aquelas que rodeiam o Jesiel Figueiredo, que conectam o complexo de equipamentos públicos ali presentes e que, também, ligam esse complexo às residências dos participantes – quando se vê Roney saindo da rua onde mora com a caixa de som na mão; quando o MC Kung Fu atravessa a rua para pegar, na casa de um parente, o limão que vamos tomar com cachaça; quando outro participante que tá dando uma força nos registros fotográficos e de vídeo vai à sua casa, na rua de trás, buscar a bateria da câmera que esqueceu; quando se percebe que centenas de pessoas vão afluindo ao Jesiel Figueiredo, vindas de todos os lados – de tudo isso se vê que, para além do anfiteatro, toda a região parece pulsar em favor da cena dos duelos.

Extrapolando o cenário da Batalha do Vinho, é certo que outras ruas também atuam, integrando a cena das batalhas de MCs – há ruas no entorno de outras batalhas, assim como há ruas como a Avenida Prudente de Moraes, onde é realizada a Batalha do DED. Enquanto algumas batalhas movimentam as ruas de bairros afastados do centro da cidade, unindo e conferindo protagonismo aos seus integrantes, há outras que parecem servir à penetração de espaços reservados a perfis sociais não periféricos. Não é raro que regiões centrais sejam escolhidas. Isso se dá, muitas vezes, sob o argumento do fácil acesso ao transporte público para os jovens que vem e vão de diversas regiões da cidade. A adequação dessa motivação não impede, todavia, que tal presença tenha outro significado – as ruas e os bairros onde costumam ser mão-de-obra não qualificada servem, agora, de palco para o estrelar intelectual dos jovens MCs.

Um outro requisito constitutivo da cena são “os espaços e as atividades que rodeiam e nutrem uma preferência cultural particular”, requisito que remete a um segundo nível de apoio

a endossar o crescimento da cena. Pensando a prática dos duelos de MCs, a própria cena ampla do hip-hop e de incentivo à cultura popular oferece espaços e atividades que contribuem com o avanço da cena das batalhas. Há muitas iniciativas sociais que, oriundas das próprias localidades periféricas, oferecem apoio aos iniciantes no hip-hop, inclusive na prática de elaborar rimas.

Com atuação semelhante a posses e outras associações (Herschmann, 2005, pag. 193-194), cabe citar o movimento “Nossos Valores”. A iniciativa é organizada por Miguel Carcará, um representante do hip-hop local que há mais de uma década – o que, percebo, o faz ser visto com certa deferência pelos muitos MCs e outros adeptos – promove ações educativas e assistenciais, tais como workshops dos elementos do hip-hop para jovens de sua comunidade.

Na oportunidade em que a Batalha do Vinho integrou o 2º festival de hip-hop potiguar, essa participação se deu em parceria com o “Nossos Valores”. Ambas as iniciativas foram selecionadas para integrar as festividades de final de ano da Prefeitura de Natal. Logo, parte das oficinas e eventos daquela semana foi realizada na sede do projeto, na comunidade da África, no bairro da Redinha, Zona Norte de Natal. Para melhor compreensão do “Nossos Valores”, cabe observar entrevista concedida por Miguel Carcará. A matéria localizada na internet explica⁸⁴:

O projeto surgiu em 2014 através de atividades desenvolvidas pela Central Única das Favelas (CUFA) na Redinha. “Como eu já trabalhava em algumas escolas da comunidade, a gente começou a se organizar e fazer um movimento próprio na Redinha”, explicou. O objetivo é interagir com a juventude da comunidade, criando alternativas saudáveis de lazer, cultura, esporte e educação. (...) O Nossos Valores pretende desenvolver atividades diárias como caratê, capoeira, slackline, dança de rua, grafite e basquete, além de promover eventos como o Arraia Junino e ensaios de grupos culturais locais. O público-alvo são crianças e adolescentes da própria comunidade. “A única exigência será o acompanhamento pedagógico, que ela também participe de um espaço escolar”, disse Carcará⁸⁵.

Além das atividades desenvolvidas pelo Nossos Valores, podemos citar os eventos para os quais participantes da Batalha do Vinho foram convidados – apresentando-se em espaços, a princípio, não integrantes da cena hip-hop. Esse é o caso da participação de Roney e do MC Café, formando o “Lei da Sobrevivência”, na Semana de Ciência e Tecnologia da UFRN - CIENTEC de 2016. A relevância do espaço da Universidade, todavia, não se limita a essa apresentação, como indicam as discussões sobre o teor das rimas realizadas no “Ocupa UFRN”. Inclusive, Straw (2013) aponta a importância da Universidade no estímulo às cenas culturais.

⁸⁴ Entrevista disponível no site do Deputado Estadual Fernando Mineiro (PT) - <http://mineiropt.com.br>. Acesso em 20 de novembro de 2019. Não disponível (talvez temporariamente) em 23 de janeiro de 2020.

⁸⁵ Ainda sobre Miguel Carcará, audiovisual de 2:54 minutos, produzido pela TV Universitária / UFRN sobre sua trajetória e projetos. “Cena potiguar: Miguel Carcará”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J4a8KmkOFQY>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

As apresentações da Batalha do Vinho fora de seu lugar de congregação não se limitou ao contato com a UFRN, também se deu em estabelecimentos culturais afins. Foi em um duelo realizado no Bardallos, espaço que recebe eventos literários e poéticos, que conheci os MCs Kung Fu e Codorna, além do administrador do Jesiel Figueiredo. Já em uma apresentação do Lei da Sobrevivência realizada no Bar de Zé Reeira, conheci o MC Café. Ambos os locais estão situados na cidade alta, região da cidade caracterizada como local da boemia e do samba; estilos que, assim como o hip-hop, possuem menos apelo midiático e comercial na cidade.

Mais uma característica de uma cena é a identificação de suas incidências com “o fenômeno maior e mais disperso do qual este movimento é um exemplo local”. Acerca desse quesito, a Batalha do Vinho integra a cena do hip-hop enquanto manifestação cultural, assim como integra, geograficamente as cenas das batalhas de MCs de Natal, do Rio Grande do Norte, da região Nordeste e, mesmo, do país. Ademais, uma incursão nas redes online fornece acesso a publicações com milhões de visualizações de grandes eventos de rimas em diversos países, sobretudo da América Latina^{86,87} – indicando a cena dos duelos se expande internacionalmente.

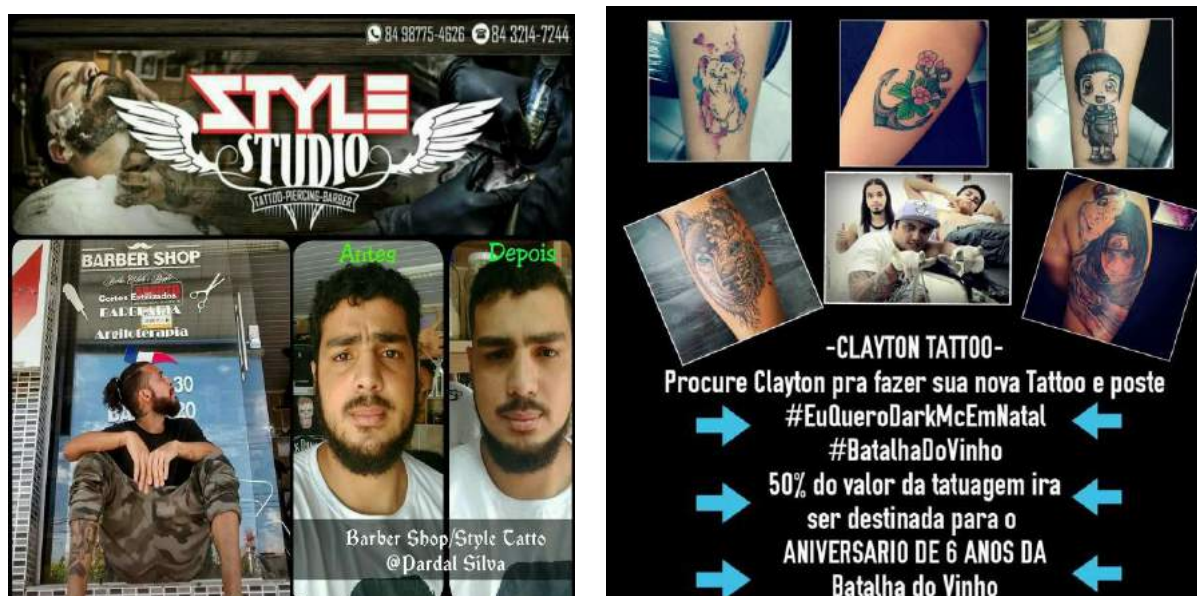
O último elemento necessário à configuração de uma cena são “as redes de atividades microeconômicas que permitem a sociabilidade e que ligam esta cena à cidade”. Will Straw chega a afirmar que “as cenas tomam forma quando interesses especializados estimulam formas modestas de empreendedorismo e comunidades de interesse sociáveis (2013, p. 18)”, ou seja, sem o interesse de certos nichos sociais e comerciais não se viabilizaria uma cena. Dentre os diversos requisitos constitutivos da cena, a esse confiro maior atenção, pois é possível encontrar incidências em diversos níveis de complexidade. Tal variação, certamente, depende da batalha analisada, o que influenciará de diferentes maneiras a caracterização na cena. Assim, vejamos as atividades econômicas elaboradas no âmbito de nosso objeto.

No entorno da Batalha do Vinho, há iniciativas informais que enxergam naqueles encontros semanais no Jesiel Figueiredo uma oportunidade de auferimento de renda. Junto aos alambrados, situados em sua parte externa, um casal de ambulantes (quando não dois ou três, a depender da magnitude do evento realizado naquele dia), oferece seus diversos produtos – sendo o carro-chefe as garrafinhas reutilizadas de água mineral que contém vinho de fácil aquisição em razão de seu baixo preço. O espaço de interação social proporcionado pela Batalha do Vinho também costuma ser manejado para difundir iniciativas laborais de seus participantes.

⁸⁶Página no Facebook. **FMS ARGENTINA**. Disponível em: <https://www.facebook.com/fmsarg/>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

⁸⁷ Grupo no Facebook. **FMS mundial**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/600217344145018/>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

Embora não seja cobrado ingressos para a entrada no Jesiel Figueiredo, seu interior eventualmente serve ao anúncio e à comercialização de produtos, como as camisas da Batalha do Vinho ou do grupo IPCS – no ano de 2017, uma estampada com a foto de Pablo Escobar estava em grande evidência. Igualmente, a página da Batalha do Vinho no Facebook serve para veicular serviços e produtos dos mais variados tipos – desde o anúncio de alguma lanchonete feito por Bolla e Roney, possivelmente em troca do lanche utilizado na divulgação, aos serviços profissionais de algum MC, sendo os mais comuns os serviços de barbearia e/ou de tatuador.

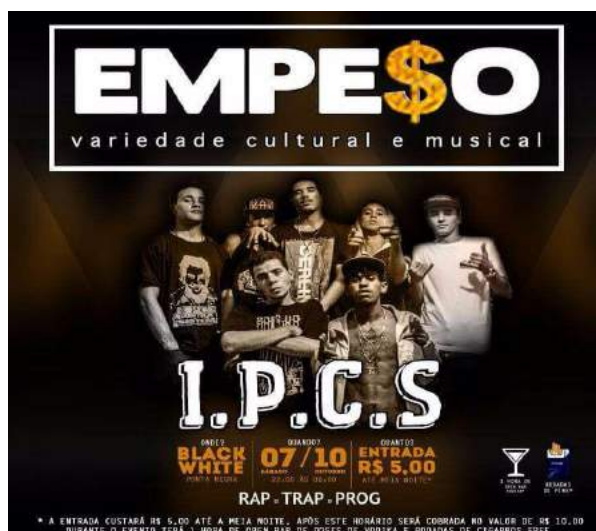


Anúncio, nas redes da Batalha do Vinho, dos serviços de barbearia ofertado por conhecido artista do grafite, e de tatuagem ofertado por um dos MCs da Batalha do Vinho.



Publicações, nas redes da Batalha do Vinho, de iniciativas comerciais estabelecidas em seu entorno: anúncio de uma lanchonete situada na região do Jesiel Figueiredo.

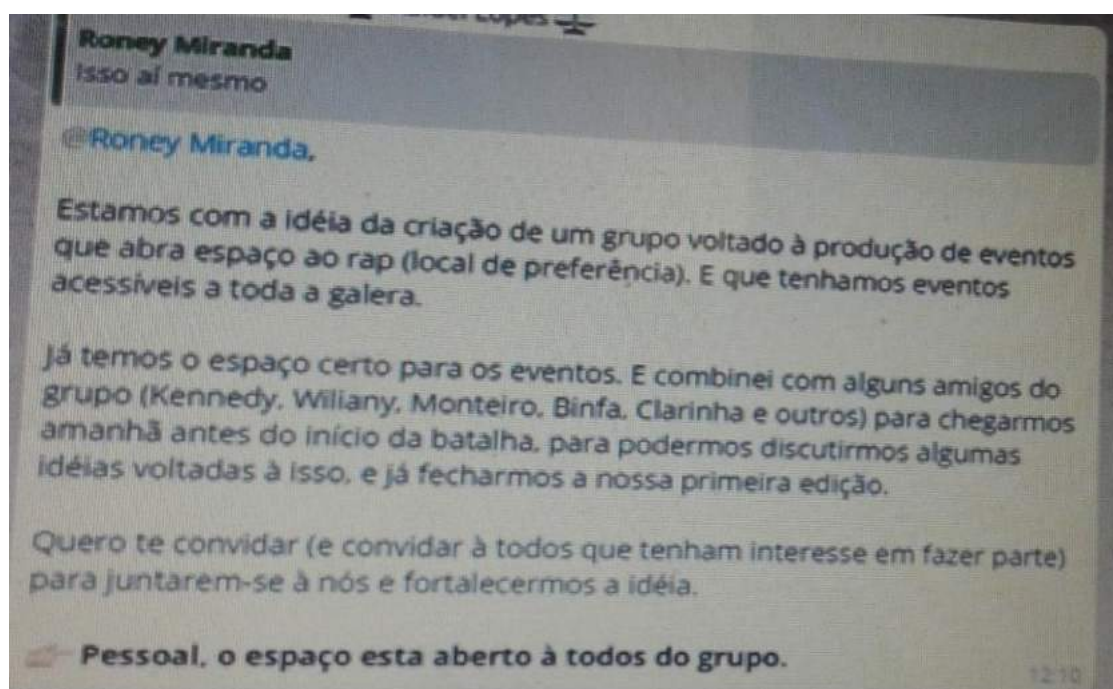
Além dessas iniciativas espontâneas, ou pouco estruturadas, registra-se esforços de captação do público e de atrações geradas na Batalha do Vinho, uma incidência mais intensa daquilo que Will Straw (2013, pg. 18) define como as “formas de empreendedorismo” que reúnem “comunidades de interesse sociáveis”. A venda de ingressos para algum show a ser realizado na cidade, por exemplo, ao tempo em que serve à divulgação e à logística desse evento, intermedia o acesso e a captação do público da Batalha do Vinho – que, a princípio, poderia não ter interesse ou disposição para se deslocar na busca dos ingressos. Assim, a iniciativa desenvolvida e estruturada abrange, em sua lógica, os eventos mais rudimentares, colocando-os em mútuo interesse. Nesses casos, em troca, a Batalha do Vinho costuma receber alguns ingressos que serão utilizados como premiações dos seus confrontos. Esse diálogo termina por abrir espaço para iniciativas em ascensão – como o IPCS – nesses eventos maiores.



Publicações de teor publicitário, registradas nas redes online da Batalha do Vinho, divulgam outros eventos da Cena.

Entretanto, não é sempre que esse diálogo tendente à avocação do potencial cultural e comercial da cena dos duelos de MCs se dá de maneira harmoniosa. No grupo de Whatsapp da Batalha do Vinho, registrei uma tentativa captação de seus habituais MCs e público.

Na referida mensagem, a condição do organizador e representante da Batalha do Vinho, é colocada em questão. Ao tempo em que se dirige a ele para anunciar a sua proposta, o autor da mensagem o coloca num mesmo nível de relevância dos demais frequentadores. Por sua vez, a pretensão comercial do comunicado resta evidenciada pela assertiva de se tratar de “eventos acessíveis” o que significa dizer que, embora não sejam gratuitos ao público, como ocorre no Jesiel Figueiredo, esses eventos serão acessados a baixo custo. Evidencia-se, pois, a estratégia para promover a transferência de MCs e do público da Batalha do Vinho para um espaço em que se acredita ser possível o melhor aproveitamento econômico de suas utilidades:



Proposta de realização de evento dotado de maior estruturação.

Ainda sobre o consumo na cena dos duelos, é importante destacar que ele não depende, necessariamente, de dispêndios financeiros diretos. No Jesiel Figueiredo, não há cobrança de valores a título de ingresso e a fruição das batalhas se dá de maneira sensória, não intermediada por equipamentos adquiridos. Para fora daquele momento, muito dos produtos que têm valor de mercado – como as produções da indústria fonográfica – são acessados, cada vez mais, de forma gratuita nas redes sociais e plataformas online – o dispêndio se limita à aquisição de serviços e equipamentos meios, como smartphones ou notebooks e serviços de dados ou Wi-fi.

Essa característica se fez preponderante para possibilitar a preferência de indivíduos sem grandes recursos materiais. De maneira a instituir um espaço de trocas à margem dos circuitos comerciais formais – como, de regra, ocorreu com a difusão inicial do funk e do hip-hop no país. A possibilidade de fruição sem relevante dispêndio material e a identificação desses jovens, muitas vezes situados à margem das relações formais de produção e de consumo, com as batalhas de MCs conduziram à adoção de uma postura identificada como *underground*, predispondo-os a rejeitar a influência de valores externos, indicativos da estruturação social.

Até aqui, evidenciamos os duelos de MCs como uma manifestação de energia criativa cuja efusividade resulta em forte instabilidade. Demonstramos o preenchimento dos requisitos necessários à sua configuração como uma “cena cultural”. Todavia, há autores a sustentar que a observância de outros elementos resultam em uma maior adequação teórica do conceito.

O Pesquisador Felipe Trotta (2013, p. 59) reconhece que a cena é “uma instigante articulação entre gênero musical e território, entrecortada por apropriações culturais que incluem indumentária, hábitos, gestos, gírias, e um peculiar sentimento de pertencimento”. Entretanto, o pesquisador evidencia que a utilidade teórica do termo resta privilegiada quando o fenômeno cultural abordado é impulsionado por indivíduos comumente classificados como “jovens”, que o fazem a partir de uma “postura ideológica underground” em torno de um estilo cultural tendente ao cosmopolitismo, marcado pela “prevalência da língua inglesa/anglófona”.

O atendimento deste último quesito por uma prática decorrente da cultura hip-hop é, como se depreende da contextualização histórica que realizamos de início, inquestionável. A seguir, passamos à análise – a partir da Batalha do Vinho – das demais características citadas.

2.2.3 O underground e as oportunidades de profissionalização.

Nesta seção, ao bordar, a partir da reflexão de Felipe Trotta (2013), a presença dos elementos constitutivos da noção de “underground”, discorro, também, sobre as possibilidades de profissionalização, sobre como essa profissionalização se relaciona com o underground. Assim, sustentando, inclusive com recurso a elementos etnográficos da Batalha do Vinho, uma correlação entre o underground e as oportunidades profissionais, dou continuidade à percepção da cena dos duelos de MCs em suas dinâmicas sociais, precisamente a econômica (Straw, 2013).

Em que pese a cena dos duelos de MCs apresentar peculiaridades face a uma cena musical – em especial a organização dos duelos se colocando no local da produção musical – é possível empreender sua análise a partir dos critérios utilizados no estudo da música. Considerar a prática das disputas de rimas não afasta o debate sobre noções de legitimidade e autenticidade,

sendo esse tensionamento, inclusive, marca cultural do hip-hop no que toca à disputa acerca a essencialidade, ou não, do quinto elemento, a conscientização e a mobilização política.

Inicialmente, a Batalha do Vinho contava com um pequeno número de participantes e seus duelos eram realizados sob as marquises do Ginásio Nélcio Dias ou na Praça do Half. Então, os rimadores se faziam com a força de sua própria voz ou, algum tempo depois, com o auxílio de uma caixa de som de limitada potência. Isso contribuía para que os presentes se aproximassem para melhor ouvir o conteúdo das rimas, constituindo um círculo coeso. Essa proximidade física significava uma aproximação, também, de papéis – naquele momento, todos eram bastante parecidos, qualquer um que decidisse rimar, a qualquer momento, rimava. Fazia-se, assim, um MC. Igualmente, qualquer um que pegasse a caixa de som no momento de ir embora era organizador da Batalha e todos – quando não fosse nem MC, nem organizador – era uma espécie de espectador, mas era, sobretudo, todas essas condições em potência.

Todavia, com o relato processo de mudanças, tudo cresceu e se tornou mais complexo, intermediado por indivíduos e por equipamentos. Dentro do Jesiel Figueiredo, as pessoas não ficavam mais próximas, quer fisicamente, quer nos papéis exercidos. Alguns ficavam sobre o palco iluminado, outros na sombra das arquibancadas. Todos sabiam, agora, quem era organizador, quem era MC e quem tomava parte na relativa passividade do público. Nessa experiência de crescimento, deu-se o aumento da popularidade da Batalha do Vinho, dos comentários sobre ela e sobre os protagonistas nas tardes de duelos no Jesiel Figueiredo.

Entretanto, muitos desses novos adeptos não costumavam frequentar a Zona Norte quando as luzes estavam apagadas e o palco esquecido no camarim. Grande parte daquelas pessoas jamais estiveram sob as marquises do Nélcio Dias, procurando uma tomada na parte externa do ginásio para ligar a caixa de som ou iluminando os duelos com a lanterna de seus celulares – e tudo isso sempre temerários de uma repentina e violenta intervenção.

Aqueles que estavam lá desde o começo se viam, agora, diluídos e confundidos com os recém-chegados que nada fizeram ou sofreram pela Batalha do Vinho e pela cena. Muitos dos que não subiam ao palco e mesmo alguns MCs passavam a se mostrar insatisfeitos com aquele pretenso crescimento da Batalha do Vinho. Essa experiência e esse sentimento logo constituíram, em coerência com uma concepção presente no imaginário do hip-hop, uma postura ideológica contrária às mudanças já vivenciadas e propostas. Assim, essa sucessão de acontecimentos na história da Batalha do Vinho serviu à manifestação, no seu âmbito, de um posicionamento underground, algo comum ao hip-hop e a diversas outras expressões culturais.

Felipe Trotta (2013, p. 62) sustenta que, no underground, prioriza-se a circulação restrita do conteúdo; uma circulação contrária à busca por um maior número de adeptos e por maior

retorno comercial e financeiro – “mainstream”. Assim entendido, o underground, longe de um entendimento unânime na Batalha do Vinho, se faz presente sob alguns questionamentos.

Além do aumento dos frequentadores, outra modificação relevante na Batalha do Vinho foi a vinculação com o poder público, tendente à dependência técnica e burocrática. Os equipamentos de luz e som, ao tempo em que serviam para aproximar os mais distantes espectadores em meio às centenas de outros, também se colocavam como obstáculos. As pessoas pareciam sentir-se em lados diferentes dos equipamentos e, logo, da própria Batalha.

A utilização e a consequente imprescindibilidade desses equipamentos, para além do valor simbólico, ensejou o debate acerca da capacidade de fazê-los presentes e de saber manuseá-los, ou seja, das tratativas burocráticas junto à Prefeitura e de sua operacionalização durante os duelos. Em certa medida, a necessidade de utilização desses equipamentos gerou algum nível de dependência de Roney – podemos lembrar que a saída do MC Bolla da organização, ao menos segundo os relatos de Roney, teria se dado por MC Bolla não ter conseguido realizar o evento em duas oportunidades em que ele, Roney, não esteve presente.

Essa segunda modificação vai diretamente ao encontro de uma outra característica do underground que, para evidenciá-la, Felipe Trotta (2013, p. 62) vale-se das palavras de Janotti Jr e Cardoso Filho – “o fator que permite uma diferenciação a mais de ambos (underground e mainstream) é o grau de distanciamento entre condições de produção e reconhecimento identificados no produto”. Ou seja, no regime underground de produção, os consumidores do estilo compreendem a forma como a música foi produzida, de maneira a se identificar com os artistas e o produto de sua arte; é como se, ao compreender sua produção, o adepto do estilo fosse capaz de efetivamente fazê-la e, assim, sente-se como se tivesse parte na arte produzida.

Algo desse viés aparenta imbuir as reclamações de parte dos adeptos da Batalha do Vinho ao terem constatado que aquela reunião de jovens passava pelo descrito processo de mudança – seja de local, seja de meios burocráticos e técnicos de sua realização. No momento em que um organizador passa a ter a capacidade de fazer o evento acontecer – e sua ausência de impedir tal ocorrência –, exponencia-se, para aqueles demais membros que contribuíram no início das batalhas, o sentimento de dependência, o risco da segregação da iniciativa coletiva.

Em coerência, aflui o conjunto de regulações que a nova organização implementou, divulgando-as por meio de panfletos produzidos e distribuídos nas batalhas em meados de 2017. Essas inovações, aparentemente, colocavam Roney na condição de estabelecer o que podia ser feito e dito durante os duelos dos MCs. Além de constituir mais um risco de dependência, isso colocaria em xeque hábitos, comportamentos e gírias que caracterizam a identidade da cena.

Ao longo de sua exposição, Felipe Trotta (2013, p.63) avalia que as características do underground constituem espécies de “estratégias distintivas”, pois a cena musical seria “experimentada a partir de adesões de gosto, que separa predileções e pertencimentos (Frith, 1998)”. Nesse mesmo sentido, Will Straw (*apud* Trotta, 2013, p.63) assevera que a preferência pela restrição é uma “maneira através da qual a atividade musical estabiliza uma relação distintiva com o tempo histórico e com o local geográfico”. Precisamente acerca do hip-hop, seriam os escassos acessos a serviços públicos e ao consumo vivenciados, no território, por aqueles que primeiramente elaboraram a expressão no país.

Do que foi evidenciado a partir da experiência da Batalha do Vinho, depreende-se que as batalhas de MCs podem ser caracterizadas como uma cena cultural, uma vez que presente uma postura contrária à complexificação econômica e técnica de sua realização, dando lugar, ainda que de forma não unânime, a um posicionamento underground.

Em suma, a preferência pelo hip-hop acompanhada, em boa medida, da preferência por uma postura underground não resulta de escolhas aleatórias, mas decorre da identificação, do sentimento de pertencimento histórico e territorial. Para os jovens da Batalha do Vinho, a vivência na segunda década do século XXI, na Zona Norte de Natal/RN os legitima, ao menos, mais intensamente do que outros indivíduos, para aquela experiência – tais marcadores os legitimam a viver o hip-hop e a ouvir o rap com maior compreensão de causa. Não à toa, o espaço da rua é tomado como demonstração/comprovação da distinção entre legitimados e não legitimados – “os que são da cena mesmo, colam na Batalha como ela sempre foi”, diz uma publicação no Facebook. Trata-se, em suma, do estabelecimento de “estratégias distintivas”.

Todavia, pode-se compreender a profissionalização, a partir do exercício das vertentes do hip-hop, como um “risco” ao protagonismo da postura underground na cena. Para colocar os rumos da cena dos duelos de MCs em perspectiva, analiso, a seguir, a medida em que se dá essa “ameaça” no contexto da Batalha do Vinho. Para tanto, utilizo a produção do português José Alberto Simões que trata do assunto naquele país europeu, em texto intitulado “Viver (d)o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização”⁸⁸.

a) O Breakdance e o Grafite.

Ao longo da pesquisa, tive a oportunidade de testemunhar, ainda que com diferentes constâncias, os diversos elementos constitutivos do hip-hop. Em que pese as peculiaridades de

⁸⁸ SIMÕES, José Alberto. **Viver (d)o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização**. In: Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais. Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais (Orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 186-209.

minha inserção, a experiência na Batalha do Vinho me levou ao encontro, conforme também relatado por Herschmann (2005, pag. 201), de uma aparente gradação que colocaria o breakdance numa posição intermediária e o grafite com menor destaque no contexto amplo do hip-hop.

Todo sábado, havia quem controlasse o beat para que outros jovens, ao microfone, “passassem a ideia” ou desferisse suas rimas quase sempre “sanguinárias”. Em inúmeras oportunidades, também estavam presentes os grupos de rap, formados por MCs e DJs, a se apresentarem para o público. Inclusive, cabe esclarecer que nem todo MC que canta rap participa das batalhas e que, igualmente, nem todos os que batalham são rappers. Na Batalha do Vinho, há os MCs que cantam, há a figura do MC de batalha e há aqueles que acumulam as duas funções.

Algumas vezes, ao chegar ao Jesiel Figueiredo, fui surpreendido pelo breakdance – um grupo quase sempre formado pelos mesmo cinco a oito jovens, alguns aparentando ser mais velhos do que a maioria dos MCs de batalha, vez ou outra se apresentava antes ou nos intervalos dos duelos de rimas. Na oportunidade em que conversei com o B-boy Kammal, na Feijoada do Vinho, ele me disse que, junto a alguns amigos, já dançavam por ali anos antes da existência da Batalha do Vinho – por certo, o mesmo grupo que o MC e B-boy Kung Fu também relatou.

A principal incidência que constatei do breakdance, contudo, se deu no 2º festival de hip-hop potiguar. A disputa de break estava prevista como parte das atividades do festival, inclusive, com a oferta de premiações, troféus e quantias subsidiadas pela Prefeitura de Natal. Na oportunidade, as equipes de break, denominadas “Crews” de B-boys (masculinas) e B-girls (femininas), utilizavam belos e coloridos uniformes que os identificavam.

Já o grafite, embora não fosse exercido no curso das batalhas de MCs semanais, estava sempre presente nos murais internos do Jesiel Figueiredo. No início de minha pesquisa, todos esses espaços eram marcados por desenhos ou siglas, muitas sem grande complexidade técnica, como baixa variação de cores e figuras com poucos traços, de maneira que, para o senso comum, o termo pixação seria mais apropriado para descrever aquelas inserções⁸⁹.

⁸⁹“Em São Paulo, a pixação estabelece uma relação bastante complexa com outra manifestação estética, o grafite. Enquanto em outras cidades do mundo o que aqui se denomina pixação é apenas um estilo dentro do grafite, na capital paulistana ela é vista por uns como o seu oposto – o grafite é entendido como arte enquanto ela é considerada sujeira e poluição visual – e, por outros, como um estágio inferior do grafite, que seria o patamar mais alto dessa forma de expressão. Por conta dessa aversão à pixação, principalmente pelo poder público e pela imprensa, os grafiteiros conseguiram adquirir até certa notoriedade junto à mídia e à população. Atualmente, muitos deles são contratados para realizar seus trabalhos em portas e fachadas de comércios, escolas e equipamentos públicos como forma de combate e prevenção à pixação. Além daqueles que têm seus trabalhos expostos em importantes galerias de arte da cidade. Contudo, conforme já afirmamos, a pixação e o grafite estabelecem relações que não podem ser resumidas nas fórmulas: grafite versus pixação ou grafite como evolução da pixação. Há momentos entre essas duas manifestações estéticas de maior associação e outros de maior diferenciação”. In PEREIRA, Alexandre B. **AS MARCAS DA CIDADE: A dinâmica da pixação em São Paulo**. Lua Nova, São Paulo, 79: 143-162, 2010, p. 148-149.

Esse antagonismo presente nas práticas da pixação⁹⁰ e do grafite terminou por ser observado na Batalha do Vinho a partir das paredes do Jesiel Figueiredo. Inicialmente, havia naquele espaço diversas inscrições próximas à estética da pixação. Em meados de 2017, todavia, Roney postou um vídeo⁹¹ em que, acompanhado pelos MCs Codorna e Kung Fu, informava que a Prefeitura de Natal tinha realizado a manutenção no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo – a grama havia sido aparada, alguns equipamentos consertados e os murais internos pintados de cor única. Roney pedia, então, para que os participantes da Batalha do Vinho procurassem preservar o local daquela forma, afinal as novas condições do espaço seriam usufruídas pelos eles próprios, os frequentadores do Jesiel Figueiredo e da Batalha do Vinho.

Contudo, a proposta submetida à Prefeitura de Natal para os eventos do 2º Festival de Hip-Hop Potiguar incluía atividades de workshop e um mutirão de grafite. De maneira que, no final do ano, com a autorização do poder público e sob a estética legitimada do grafite, os murais internos do Jesiel receberam a técnica de diversos adeptos daquela vertente do hip-hop.

Assim, em 2017, o break e o grafite marcaram presença no âmbito da Batalha do Vinho durante 2º Festival de Hip-Hop Potiguar – um momento de certo formalismo em que, conforme salienta Alberto Simões (2012), as práticas do hip-hop saíram da rua para local e momento previstos e autorizados. Se a mudança de local, embora contestada, já vinha ocorrendo, aquele era também um momento autorizado e prestigiado. Ainda em conformidade com o autor português (2012), um segundo quesito presente no Festival, a indicar esse formalismo, é a retribuição financeira. No breakdance, a competição representou a busca por um reconhecimento simbólico – medalhas e troféus –, mas também a premiação em dinheiro. Já acerca do grafite, dois episódios merecem destaque, o primeiro deles ocorrido no próprio 2º Festival de Hip-Hop.

Junto com o mutirão de grafite, foi realizada uma segunda atividade, um workshop – o ensino da técnica artística a jovens aprendizes. Essa atividade, como o termo estrangeiro indica, se dá com uma finalidade profissionalizante. Ao fim do período de atividades, com a concordância dos artistas, as obras foram colocadas à venda sob a forma de leilão. Isso a valores módicos se comparados aos prováveis preços de mercado – faixa de R\$ 5,00, R\$ 10,00 e 20,00.

A outra oportunidade a destacar foi quando o meu irmão, precisando revitalizar uma sala em uma entidade privada, teve a ideia de fazê-lo por meio do grafite. Sabendo da inserção de Roney no hip-hop, pediu que ele lhe recomendasse alguém para o serviço. De fato, a pessoa indicada aceitou realizar o serviço para o qual foi contratado em contrapartida a um pagamento.

⁹⁰ Alexandre B. Pereira informa optar pelo grafia com ‘x’ e não, conforme a língua formal, com “ch”, por assim ser utilizada por seus praticantes visando singularizá-la frente às demais ins em espaços públicos (2010, p. 1).

⁹¹ Vídeo de 3:07 minutos. Reforma e Pintura do Jesiel Figueiredo. Página da Batalha do Vinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/758789004283103/> . Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Curiosamente, Alberto Simões menciona (2012, p. 198-204), dentre as práticas comuns de profissionalização, as apresentações e as competições para o breakdance, e a realização de workshop, a venda de pinturas e a contratação para caracterização de ambientes, para o grafite.

Considerando essas experiências, passo a dezoar da compreensão de Alberto Simões (2012) acerca da profissionalização no hip-hop. Para o autor português, haveria duas esferas autônomas, a cultural e a econômica, sendo a integridade da primeira colocada em risco pela decisão de profissionalização a partir das vertentes do hip-hop. Simões (2012), sustenta, pois, que o indivíduo tomaria uma decisão sobre permitir a interferência de elementos não artísticos na produção cultural. Em caso positivo, num segundo momento, haveria variados níveis de êxito – profissionalismo ou amadorismo – nessa atividade, agora, pautada por fins econômicos.

Tomemos, entretanto, os casos citados. Nos dois exercícios do grafite, os detentores da técnica seriam, a princípio, enquadrados na segunda etapa do processo mencionado por Simões. Essa certeza, entretanto, muda de figura ao se verificar que, no primeiro caso, o dinheiro obtido com a venda das obras teve como destino não seus autores, mas foi direcionado a ajudar na realização do próprio evento, já que trâmites burocráticos estavam dificultando o acesso ao apoio financeiro da Prefeitura. Já, no segundo caso, a revitalização realizada em uma associação privada tratou-se de um ambiente chamado “cantinho da leitura” integrante de uma associação filantrópica – tendo como figura central dos grafites o folclorista potiguar Câmara Cascudo.

Diferentemente do que afirma Simões (2012), esses episódios sugerem que a motivação a embasar a decisão de adeptos do hip-hop frente a ofertas de profissionalização, não se dá de maneira prévia e integral, com um subsequente prestígio do econômico em detrimento do cultural. Aquele que domina a técnica de uma vertente costuma estar aberto a propostas de atividades profissionais – seja uma profissionalização consolidada ou esporádica em troca de uma retribuição financeira (o *biscate*, nos termos de Simões) – a serem, oportunamente, sopesadas frente ao posicionamento cultural do indivíduo. Em ambos os casos, o auxílio tanto ao evento e ao hip-hop, ministrar workshop e vender os quadros produzidos, quanto à leitura por crianças carentes, na ambientação de um espaço filantrópico, se mostram coerentes com os valores priorizados em uma visão underground do hip-hop.

Por certo, não são todos os que dominam as técnicas do hip-hop que promovem uma valoração entre a oferta econômica e os preceitos ideológicos da prática cultural. Certamente há quem disponibilize suas obras e forneça seus serviços de reprodutibilidade técnica sem maiores preocupações, de uma maneira asséptica. Entretanto, esse não é um procedimento total no âmbito da Batalha do Vinho e, certamente, no âmbito de outras incidências da cena hip-hop.

O entendimento de Alberto Simões (2012), quanto a um claro posicionamento sobre a permissão de interferência de interesses econômicos a partir do aceite a ofertas profissionais, por certo, decorre das específicas condições de qualificação educacional e de acesso ao mercado de trabalho disponíveis aos adeptos do hip-hop considerados em sua pesquisa. Tomar como objeto de sua pesquisa um país europeu, próximo ao centro da divisão internacional do trabalho, implicando certas condições socioeconômicas, é algo determinante para as suas conclusões.

Nossos interlocutores, por sua vez, vivem uma realidade diversa. As condições de empregabilidade que lhes são disponibilizadas são escassas, como é regra no país e, sobretudo, para indivíduos oriundos de determinados territórios⁹². Inclusive, não foram poucas as oportunidades que registrei ser o grupo da Batalha do Vinho, no Whatsapp, utilizado para divulgar anúncios de vagas de emprego, bem como para desabafar sobre as tentativas não exitosas em entrevistas e submissões de currículos. Logo, a adoção de um posicionamento “a priori” sobre a não aceitação de propostas de auferimento de renda é uma regalia que os adeptos do hip-hop, ao menos no entorno da Batalha do Vinho, não parecem ter à disposição.

Semelhante ao grafite, se mostram as atividades pertinentes ao breakdance – ministrar aulas⁹³ ou participar de competições pode ser compreendido como um ato de fortalecimento da vertente e dos valores da cultura hip-hop. De maneira que obter um retorno financeiro em razão disso, em nada iria contra à integridade dos preceitos culturais mais restritos, à noção de um quinto elemento e a uma postura underground. Por certo, muitos adeptos do hip-hop adotariam posturas diferentes diante de propostas para executar o breakdance ou o grafite em uma propaganda de um partido político fisiologista, de um empresário conhecido por uma postura de higienismo social, de uma instituição financeira ou de uma marca de fast-food, por exemplo.

Assim, sustentar a abertura do hip-hop ou uma disposição prévia e absoluta de seus adeptos, desprendida de suas circunstâncias concretas, não é a opção mais adequada. O que se tem são divergentes formas de compreender essa abertura à profissionalização – que pode, ou não, impulsionar o distanciamento da circulação e da produção restrita da cena – sendo avaliada, indivíduo por indivíduo, diante das circunstâncias de ofertas financeiras e de suas necessidades materiais. De maneira que as vivências em torno do hip-hop expressaria uma constante tensão entre a eventual preferência por uma primazia cultural e a necessidade da profissionalização.

⁹² Sobre o funk e o hip-hop na década de 1990, “a maior parte dos que tentaram construir uma carreira profissional ou desistiu ou tornou-se MC” (Herschmann, 2005, pag. 158).

⁹³ Especificamente sobre os B-boy, Herschmann salienta que, dentre seus entrevistados, os “que optaram por permanecer trabalhando nessa atividade profissional, um número considerável, hoje, dá aula de street dance e/ou aerofunk em academias de ginástica” (2005, pag. 159).

b) O rap na Batalha do Vinho: a experiência do IPCS.

Alberto Simões (2012, p. 198-204) observa que cada vertente do hip-hop apresenta peculiaridades e, por conseguinte, diferentes oportunidades de profissionalização. Nesse sentido, a música é, no hip-hop, o produto de maior apelo comercial – como meu informante reiteradamente salienta, o Rap tomou o lugar do Rock como o estilo que mais vende no mundo.

O nosso mundo, contudo, é a Zona Norte de Natal e nele o *case* de sucesso é o grupo “Inimigos Públicos Contra o Sistema – IPCS”, do qual o MC de batalha e B-boy Kung Fu é um dos integrantes, compositor e cantor. Assim, com a contribuição do MC Kung Fu, pudemos conhecer, no âmbito da Batalha do Vinho, um pouco sobre a profissionalização a partir do rap.

A cena do rap potiguar é mais extensa e conta com referência a grupos e rappers das décadas de 1990 e 2000 – anteriores, portanto, à abrangência temporal de nossa pesquisa. Na Batalha do Vinho, à exceção do 2º Festival de Hip-Hop que contou com uma noite para apresentações de grupos musicais, apenas os grupos formados por MCs da própria Batalha do Vinho costumam ali se apresentar, em especial o Lei da Sobrevivência e o IPCS. Sobre essa que é mais relevante iniciativa, o MC Kung Fu explica que:

(o grupo) surgiu com frequentadores da Batalha do Vinho, das vertentes... No caso, sou eu que já era do meio do hip-hop, dançava break, MC... Aí tem o Set que é surfista e pixador, pelo menos era. O Boró que era traficante de drogas, pois no meio do rap todo mundo fuma e é necessário, às vezes, o narcotráfico... e, infelizmente, a cannabis ainda está no meio do tráfico, apesar de ser somente uma planta... “tráfico de planta!”. E tem o school que também é pixador.

Ao apresentar os membros do grupo, Kung Fu terminou por não mencionar um dos integrantes – o Benks. É curioso como, em tal apresentação, Kung Fu promove a divisão a partir das vertentes do hip-hop e de outras práticas que compreende próximas, em alguma medida, de uma mesma cena mais ampla – como o surfista e o traficante. Nesse sentido, não é raro que Kung Fu, diante de perguntas diversas, passe a expor sua visão tolerante com os jovens que tomam parte nas etapas do varejo do tráfico ou que se imponham frente as incursões policiais⁹⁴.

Sobre a forma de produção das músicas e do clipes que o IPCS costuma disponibilizar no Youtube, o MC Kung Fu narra o seguinte:

⁹⁴ Em conversas, constatee uma aparente oposição dessa tolerância se comparada à prática do roubo. Entretanto, ao salientar que ladrão de verdade rouba banco, não trabalhador, o que se evidencia é uma certa assimilação da relação de classe. Cabe destacar também que Kung Fu, após ter reagido com rispidez a certas abordagens policiais, terminou tendo que comparecer à delegacia e, posteriormente, ao fórum local. Essas consequências, contudo, não lhe causam constrangimentos, mas, ao contrário, lhe possibilitam evidenciar uma valoração ética confrontadora das construções legais e morais vigentes – uma vez que costuma postar no Facebook, com orgulho e altivez, fotos nesses momentos, marcando o local onde se encontra, a exemplo da delegacia, e o motivo de seu comparecimento.

Nós começamos a gravar na Tora Records, acho que em 2014, primeira gravação Contra o Sistema. Gravadora de Celso Baga que é integrante firme aqui da cena do hip-hop do Rio Grande do Norte, que era do antigo grupo ‘Chico Bomba e Zé Baga’. Aí a gente começou a gravar exatamente na tora, porque o equipamento de gravação não era lá essas coisas, foi o princípio da gravação. A gente já gravou no conselho comunitário de Macaíba, com o MC Carlinhos, do Dialeto do Gueto. As músicas e os videoclipes foram produzidos total e completamente de maneira independente.

Apesar do sucesso que o grupo Inimigos Públicos Contra o Sistema alcançou na cena, suas atividades foram interrompidas no final de 2017. Procurei saber do MC Kung Fu sobre a possibilidade de o grupo voltar à ativa num futuro próximo. Ele, então, comentou o seguinte:

No tempo atual, os integrantes do grupo estão ocupados com a sua própria vida porque é muito difícil pra um artista independente viver sem apoio da mídia e desprendido de capital. Todo mundo está fazendo suas correrias e se afastou um pouco do grupo, mais ou menos por aí o que tá acontecendo... E a possibilidade de uma volta real que eu estou vendo na atualidade sou eu continuar o projeto... e seguir em frente, ver no que é que dá.

Apesar de o rap ser, dentre as vertentes do hip-hop, a que alcança maior projeção comercial, no âmbito da Batalha do Vinho, mesmo os seus principais grupos não encontram meios de se manterem no mercado, como um projeto profissional. As formas de produção costumam ser independentes. Contam, sobretudo, com a iniciativa e a colaboração de outros personagens da própria cena que buscam contribuir com os que estão chegando.

Para adeptos do hip-hop, como os integrantes do IPCS, é árdua a tarefa de viver o hip-hop e escassas são as possibilidades de viver do hip-hop. Para esses jovens, diante da falta de oportunidade de profissionalização mesmo fora da cena, uma indisposição prévia a ofertas comerciais para sua exibição nem mesmo pode se colocar no horizonte. Essa inexistência de acessos tende a fortalecer um posicionamento underground, fruto, assim, não de uma opção estritamente ideológica como parece acreditar Simões (2012), mas da experiência vivida.

A entrevista que realizamos com o MC Kung Fu ocorreu em sua barbearia, situado na frente da Praça do Half, há menos de 50 metros do ponto de ônibus em que se desce ao chegar para a Batalha do Vinho. Ali, em espaço não superior a 8m² e locado por R\$ 200,00 mensais, um dos principais nomes da Batalha do Vinho oferta o corte de cabelo por R\$ 7,00 e de barba por R\$ 5,00 – preço, segundo ele, justo, pois, após fazer as contas de tantos clientes por dia, conclui que apurará, ao final do mês, mais do que ganha um trabalhador brasileiro assalariado.

Assim, estratégias de sobrevivência, como o serviço de barbearia, convive com o sonho de brilhar, para além de sua cidade, como rapper, como B-boys ou como MC de batalha.

c) Os Duelos de MCs.

Ser MC de batalha é algo peculiar, em especial pela relação de competição e parceria com aquele com quem se duela. Essa dependência do outro contribui para que a busca por uma carreira artística conduza o MC da batalha para o rap, servindo a participação nos duelos como uma etapa preparatória, anterior à profissionalização e ao almejada sucesso como rapper – expectativa criada também pelos funkeiros que, como destacado por Micael Herschmann (2005, pag. 152-153; 172), ver na música e no futebol as suas mais concretas vias de ascensão social.

Ilustrativamente, um dos principais cantores de rap do país na atualidade é o Emicida, ou seja, um matador de MCs, um “homicida” que vitima os adversários. Assim como o Emicida, outros MCs de batalha seguem alcançando sucesso como cantores de rap. O vencedor do duelo nacional de 2017, o MC capixaba César, lançou sua carreira musical e, pela frequência das publicações de suas músicas nas redes sociais que acompanho, com algum sucesso.

Esse processo de conversão dos MCs de batalha em rappers vem acompanhado da profissionalização da própria prática dos duelos. O aumento dos interessados e o aprimoramento das organizações das batalhas têm contribuído para a mudança no status dos duelos de MCs, passando da condição de uma etapa preparatória à profissionalização como rapper para uma situação de autonomia, em que a possibilidade de profissionalização se dá como competidor. O duelo de rimas se coloca, assim, como atividade situada entre as áreas musical e esportiva.

A expressividade de uma determinada batalha de MCs – como se fosse um campeonato específico – é resultante de sua difusão local, mas também virtual, por meio das redes sociais. Essas redes constituem instrumentos fundamentais para a comunicação e a integração de jovens de distantes localidades, permitindo que certos MCs sejam identificados e admirados por sua capacidade de elaborar rimas, passando a acumular um capital social extraordinário – beirando à idolatria de astros do entretenimento e do esporte nacional. Há, assim, uma rede de status entre os participantes de batalhas: MCs e outros adeptos que nunca se viram presencialmente passam a se colocar em relações fluídas de admiração, de fãs e ídolos. Roney, por exemplo, costuma citar alguns MCs – cujos nomes sempre faz acompanhar da indicação de sua batalha de origem –, como os melhores de suas cenas locais, de sua região ou mesmo do país.

Assim, considerando que algum desses jovens alcance o posto de melhor MC do país esse status lhe garante relevante inserção no cenário musical. Essa expectativa coloca em seu horizonte galgar cada vez mais conquistas. O Emicida, além de rapper, é apresentador do

programa *Papo de Segunda*, no Canal GNT, do grupo Globo de comunicações⁹⁵. É, pois, um caso de conquista não apenas dentro do hip-hop, mas que extrapola seus valores e suas práticas.

De um extremo a outro desse acúmulo de capital social, tem-se também a retribuição financeira. Retornando à Batalha do Vinho, assim como as batalhas de breakdance, a disputa dos duelos de rimas no 2º Festival de Hip-Hop garantiu ao vencedor premiações simbólicas, mas também em dinheiro. Ao conversar com o MC Kung Fu, no dia seguinte a disputa, ele se revelou chateado, pois, tinha combinado com o MC Boró que, chegando os dois à final, iriam dividir a premiação, R\$ 500,00 para cada – ou seja, a premiação para o melhor MC era de R\$ 1.000,00. Kung Fu, entretanto, havia sido desclassificado na semifinal da competição.

Considerando o caminho que os duelos de MCs vêm trilhando, sua complexificação física e técnica, a adoção de regras e a concessão de premiações, não é exagero imaginar que, em breve, as batalhas se consolidarão como um campo autônomo de entretenimento – tipo uma modalidade esportiva –, permitindo a seus personagens obter reconhecimento da grande mídia comercial e retorno financeiro, sem a necessidade de migrar para outras práticas do hip-hop. Talvez, não demore para que as competições de rimas estejam sendo transmitidas, ao vivo, em canais abertos de televisão – é possível que o Emicida seja o comentarista dessas transmissões.

Se é possível afirmar que as batalhas de MCs estão em processo de estruturação, a posição de seu organizador detém peculiar abertura à profissionalização. Nesse sentido, faz importante duas menções. Will Straw (2013) salienta que em uma cena o aprendizado não ocorre segundo métodos formais, mas “conforme os indivíduos reúnem entre si os conjuntos de relações e comportamentos que são pré-condições de aceitação, a relação vertical entre o mestre e o aluno é transformada na relação espacial entre o fora e o dentro; o neófito avança horizontalmente, movendo-se das margens de uma cena em direção ao centro (Ibidem, p. 13)”.

Em sentido semelhante, Alberto Simões (2012) considera que a autenticidade não está ligada a um critério temporal ou de origem, mas de coerência com os valores do hip-hop – com a não interferência de elementos externos à esfera cultural. Nesse sentido (Ibidem, p.208),

A questão da autenticidade estende-se para além da profissionalização e manifesta-se internamente de diferentes formas (independentemente da eventual prossecução de uma carreira profissional), envolvendo todo o meio externo e extravasando-o no nível das representações produzidas por um conjunto de agentes exteriores ao mesmo (da mídia aos agentes promotores das várias vertentes).

⁹⁵ O site do programa assim o define: “No **Papo de Segunda**, **Fabio Porchat**, **Emicida**, **Chico Bosco** e **João Vicente** debatem os assuntos da atualidade. São quatro pontos de vista por vezes conflitantes, ora solidários, mas sempre divertidos. Disponível em: <http://gnt.globo.com/programas/papo-de-segunda>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Em suma, o que o autor pondera é que, embora a busca por profissionalização indique a ruptura do domínio pleno do cultural, essa violação pode ser concretizada pela interferência de outros elementos externos, não necessariamente por uma incursão profissional do adepto do hip-hop. Assim, a posição de organizador – e isso a vivência que acompanhamos na Batalha do Vinho corrobora – tende a ser protagonizada por alguém que não se dedica a atividade de MC. O exercício das rimas demanda maior inserção na cultura, tendendo a um posicionamento underground, já a função de organizador supõe a proximidade com elementos burocráticos e estruturais de maneira geral. Essa condição resulta, portanto, em um duplo efeito.

A um só tempo, permite a alguém não imerso na esfera cultural da cena dela se aproximar e, conquistando o reconhecimento e a aceitação dos demais, imergir em um intenso aprendizado dos mencionados elementos culturais – no caso do hip-hop, de suas diversas vertentes. Por outro lado, como segue salientando Alberto Simões (2012, p. 203-204):

As implicações simbólicas das estratégias de profissionalização (...) são particularmente evidentes nos casos em que estas colocam seus praticantes em uma posição liminar (ou mesmo exterior) em relação ao meio, pondo em causa as fronteiras do mesmo e a própria legitimidade dos primeiros enquanto membros.

Ao observar o processo vivido por Roney na Batalha do Vinho, constatamos que, apesar de seu apreço pelo hip-hop, fazendo menções às suas práticas nas redes sociais online, sua aproximação com a Batalha do Vinho se deu em momento posterior ao início do evento. Esse contato, quando ocorreu, não foi empreendido a partir da prática das vertentes do hip-hop, mas pela possibilidade de agregação de um conhecimento externo – os meandros burocráticos e jurídicos de órgãos formais com os quais havia tido contato em suas experiências anteriores.

Inicialmente, as atividades organizativas eram compartilhadas entre os primeiros presentes aos encontros da Batalha do Vinho, havendo alguma preponderância do MC Bolla. Esse, então, dividia-se entre a organização e a prática das rimas, tendo como preferência, inclusive, essa última – além de ser essa a opinião, algumas vezes, exposta por Roney, era algo de fácil percepção. Já Roney, desde sua chegada, tinha a pretensão de contribuir com a organização do evento; assumindo, alguns meses depois, essa função de maneira isolada.

Após os primeiros meses de sua colaboração com a Batalha do Vinho, Roney alcançou aceitação, aparentemente, de todos. Isso porque, como disse o MC Kung Fu, “tudo que chegue pra ajudar é bem-vindo”. Assim, Roney passou a se aproximar e a adentrar nas vertentes do hip-hop. Não demorou a definir as letras que o identificariam nas pichações realizadas e para que constituísse o “Lei da Sobrevivência”, o que lhe possibilitou se apresentar corriqueiramente no Jesiel Figueiredo e em situações de maior relevância, naquele e em outros espaços da cidade.

Ocorre que, como vimos, não é apenas a estrita profissionalização que representa riscos à integridade da esfera cultural. Estar em uma posição liminar, ao se aproximar do meio externo à cena, coloca os indivíduos sob a suspeita de virem a se constituir como violadores da esfera cultural, tendendo, pois, a serem rejeitados pelo posicionamento underground.

Nesse sentido, a forma como ocorreu a sua introdução, atuou para que Roney personificasse os elementos de externalidade. Tal condição liminar promoveria a permanente desconfiança de que ele poderia comprometer a integridade cultural da Batalha do Vinho. Além dos elementos introduzidos, pairava a potencialidade de um completo abandono dos valores do hip-hop em busca de uma extrema externalidade, ou seja, do proveito pessoal – o que ganharia coró com a acusação de “apropriação da cena” quando fortalecida a parceira com a Prefeitura.

Assim, além da possibilidade de se tornar rapper e da expectativa de sucesso como competidor de duelos, caminhos abertos para os MCs, as batalhas de rimas abrem alternativas de profissionalização também para os seus organizadores. Para esses, um primeiro caminho seria imersão nas vertentes do hip-hop e o início da prática de uma ou mais delas; trata-se, nesse caso, de uma forma legitimada de experimentação profissional. Outra opção seria potencializar o contato com as externalidades, seguindo a condição de promotor da estruturação do evento e de empreendedor da profissionalização de outros participantes da cena; caminho que, por sua vez, tende a colocar os que por ele optam sob a permanente suspeita de “violação” da cena.

Assim como se dá com o hip-hop em geral, a discussão sobre a profissionalização a partir dos duelos de MCs encontra-se em aberto. À exemplo das demais vertentes, a cena das batalhas de rimas constitui um espaço de tensão em torno da esfera cultural, em que a noção de underground se encontra flexionada por seus diversos adeptos em meio a seus dilemas concretos – integridade cultural e necessidade material/oferta profissional –, mas também pela constante vigilância coletiva, sempre disposta a condenar concessões desmedidas e, por isso, injustiçadas.

Se, na cena dos duelos, há alguma possibilidade de se alcançar posições de destaque seja na música ou seja nas competições, para a maioria dos adeptos do hip-hop aderir a essas formas de profissionalização de sucesso não é uma opção factível, não é o dilema posto.

A partir do registrado na Batalha do Vinho, evidencia-se que a maior parte desses adeptos se encontra diante de escassas e não qualificadas ofertas de emprego, tendendo a aceitar as oportunidades de algum retorno financeiro com a reprodução das técnicas que dominam – restando secundarizada a análise de sua compatibilidade com os preceitos culturais do hip-hop.

Por conseguinte, a adoção de um posicionamento underground se constitui, não como uma mera escolha desprendida da realidade, como pode sugerir a utilização, por Alberto Simão (2012), da expressão “opção ideológica”, mas como decorrência de uma constatação fática,

ainda que não plenamente consciente e racionalmente desenvolvida, da exclusão social a que esses indivíduos se encontram submetidos pelas formas da estrutura social vigente.

2.2.4 A Juventude da Batalha do Vinho.

A condição juvenil, segundo Felipe Trotta (2013), constitui, junto ao comportamento underground e à anglofonia, elemento característico do uso adequado do conceito de “cena”. A partir da experiência etnográfica na Batalha do Vinho, pode-se constatar o preenchimento de mais esse requisito pela cena dos duelos de MCs. A Batalha do Vinho, de seu surgimento ao longo do período que a acompanhei, se fez marca por uma presença etariamente identificável.

Nos encontros realizados no Jesiel Figueiredo, destaca-se uma excepcional presença de adultos ou idosos, bem como de crianças, apesar de, em algumas oportunidades, ter constado a presença de recém-nascidos carregados nos colos de pais e conhecidos, nem sempre adultos. Inclusive, é essa presença apontada por Roney ao defender a necessidade de maior organização, controle e fiscalização das práticas no âmbito da Batalha – como o consumo de substâncias eventualmente ilegais, sobretudo o álcool por menores, e a utilização de “palavrões” nas rimas.

Avalio possível estimar a faixa etária predominante na Batalha do Vinho entre os 16 e 25 anos, tendendo a uma maior concentração em posição intermediária desses limites. A presença rotineira de pessoas fora desse intervalo, em regra, não se dá na condição de MC ou de organizador da Batalha, mas em atividades secundárias, como os casais de vendedores ambulantes, um deles, inclusive, de idosos, e o administrador e os vigilantes disponibilizados pela Prefeitura – ambulantes e funcionários públicos, situando-se na divisa, entre o dentro e o fora do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

a) Considerações sobre Gênero e Discriminação.

Mediante uma percepção visual, o público da Batalha do Vinho teria uma relação entre homens e mulheres de 2/1. Essa proporção de participantes, entretanto, não costuma se manter no protagonismo exercido na Batalha do Vinho, quer em suas disputas, quer na sua organização.

Indicativos das razões dessa incoerência são os não raros relatos, nos grupos da Batalha do Vinho no Facebook e no WhatsApp, que reclamam do machismo ali existente. Não se trata especificamente de uma ou outra pessoa, mas de algumas mulheres que se consideram atingidas direta ou indiretamente. Entretanto, há aquelas personagens que, por mais engajadas, terminam por personificar essa busca por um tratamento mais respeitoso. Sobre essa situação, indaguei a opinião do MC Kung Fu. Alguma razão há em sua resposta sobre a existência de discriminação na Batalha do Vinho e se isso terminaria por afastar a participação das garotas dos duelos:

As meninas não têm muito a ideia de ir não, tem umas que tem vontade... Eu acho que a sociedade por completo é adversa a elas e é isso, realmente, na síntese, que restringe elas de estarem não só na Batalha do Vinho, quanto nos ambientes políticos, profissionais, é a restrição de uma maneira plural, de uma maneira mais geral, entendeu... da sociedade em si. Não é só numa batalha de rap, é o contexto da sociedade que está inibindo o público feminino de estar, entendeu... Porque são séculos de opressão contra as mulheres e elas são seres humanos que nem nós, até mais evoluídos pela estrutura dos gametas, porque as mulheres têm uma gameta a mais do que nós, machos. Tá ligado?!

À parte a forma peculiar como conclui as suas reflexões, o MC Kung Fu parece evidenciar adequadamente a realidade. De fato, existir discriminações e preconceitos no âmbito da Batalha do Vinho e na cena dos duelos de MCs, infelizmente, não é algo surpreendente, e não significa que tais práticas e tais eventos objetivem gerar tais fatos. Se tomamos a Batalha do Vinho como um espaço de sociabilidade, constatamos que há certa disputa entre valorações e práticas presentes na sociedade em que ela se desenvolve. Nesse sentido, é importante entender a lógica vigente nesse espaço de sociabilidade, a lógica pela qual se dá tal disputa e, por conseguinte, os potenciais de modificação e/ou de reificação da discriminação estrutural.

Na Batalha do Vinho, como, de regra, no curso dos duelos, deve-se manejar os símbolos da violência na construção de ataques que buscam ser o mais agressivos possíveis. Essa característica elementar da prática das batalhas termina por exigir que os seus participantes manipulem falas que reproduzem estereótipos eivados de discriminação. Nesse sentido, cabe mesmo questionar se é possível a existência das batalhas – como se conhece – desprovidas de tal recurso. Inclusive, antecipo que esse dilema perpassará os capítulos seguintes deste trabalho.

Fora do momento dos duelos, sabe-se que condutas e opiniões discriminatórias são reproduzidas em diversos espaços de sociabilidade. Assim, seria ingênuo acreditar que, por exemplo, os espaços de interação online da Batalha do Vinho estariam livre de publicações definidas como machistas e/ou misóginas. A reiteração de tais publicações no grupo do Facebook, inclusive, foi objeto de postagem na qual Roney apresenta o “print” de mensagem enviada por uma garota que reclamava desse comportamento⁹⁶.

Considerando um tratamento mais detalhado do tema quando da abordagem, em capítulo seguinte, das relações entre masculinidade e violência na cena dos duelos, resta ressaltar que o cenário acima evidenciado contribui para o afastamento de jovens mulheres das disputas de rimas. Nesse sentido, no período em que acompanhei os duelos no Jesiel Figueiredo,

⁹⁶ Publicação de grupo da Batalha com reclamação acerca de outras publicações de caráter machistas no grupo. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/256665764471859/permalink/933516996786729/>. Acesso em 26 de janeiro de 2020.

presenciei um único confronto envolvendo uma MC, a Marília, de Currais Novos. Essa participação, ocorrida no 2º Festival de Hip-Hop Potiguar, teve no confronto com o MC Doggie seu ponto alto, mais precisamente ao adentrar nos temas do “machismo” e do “feminismo”.

Sobre a incidência de homofobia, caso a se destacar é o de um dos principais MCs da Batalha do Vinho, o Barará. Embora eu não tenha mantido contato direto com o MC Barará, sua identificação afetiva sempre foi tratada como algo pacífico entre os participantes da Batalha do Vinho. Inclusive, o MC não costuma refutar essa atribuição. Por exemplo, Barará não se indispôs quando o assunto foi mencionado na entrevista que concedeu para o canal “Natal Zueira” (cujo link fornecemos páginas atrás), tendo tratado do tema em tom de brincadeira.

No dia em que entrevistei o MC Kung Fu, parte de nossa conversa se deu nos bancos de concreto da Praça do Half – pois ele prefere ficar ali, ao ar livre, aguardando os seus clientes. Naquela manhã, meu entrevistado estava acompanhado de duas jovens transexuais, com as quais fumava. Ao longo de nossa fala, as jovens se dirigiram a Kung Fu algumas vezes, para pedir um copo de água, para colocar o celular para carregar ou mesmo para convidá-lo a fumar novamente. A interação era bastante amistosa, Kung Fu as tratava respeitosamente. Assim como fizera com outras pessoas que lhe procuraram naquela manhã – o comerciante ao lado que precisou trocar um dinheiro, o jovem que precisava de “oito conto” emprestado para ir receber um pagamento, um morador que pedia seu celular emprestado para fazer uma ligação.

De tal sorte, resolvi abordar o assunto da discriminação de gênero e de orientação sexual. Ao me ver procurar o termo adequado para me referir àquelas jovens – eu não queria reproduzir termos carregados de preconceito, mas também procurava evitar termos que pudessem ser interpretados como um posicionamento engajado e, assim, orientar sua resposta, obstando um eventual discurso discriminatório – Kung Fu se antecipou à minha fala, afirmando “...duas amigas muito legais e eu amo elas”. Aproveitei, então, para mencionar o MC Barará e perguntar sobre sua participação na Batalha do Vinho. Kung Fu foi taxativo, remetendo à sua concepção de que o hip-hop está ligado a certa postura em favor da cena:

Aquela bicha ali representa o Hip-Hop, ela vai a pé de uma quebrada altamente longe para chegar lá e rimar daquele modelo. E a galera reconhece porque a bicha representa! E tipo... a homossexualidade é um comportamento natural em todo o reino animal, todos os mamíferos são homossexuais em algum momento de sua vida e não é diferente no ser-humano porque a gente é simplesmente um animal.

Mais uma vez, Kung Fu expõe um posicionamento positivo sobre Barará, admira seu esforço para participar da cena e ressalta que outros integrantes também o reconhecem porque Barará representa bem o Hip-Hop. A opção pelo termo “bicha” pode ser um contraponto à afirmativa que acabara de fazer sobre “o amor por suas duas amigas” para ressaltar que ele, apesar de respeitar e ter carinho, não compartilharia da mesma orientação. Entretanto, considero que Kung Fu objetivou ressaltar que o termo em si é vazio de valor; que ser bicha não é algo ruim e que, assim, tratar as coisas por seus nomes não é um problema. Inclusive, não é raro que pessoas homoafetivas se tratem por tal termo e isso não seja interpretado como algo negativo. Ao afirmar que “aquela bicha representa”, Kung Fu parece dizer que o importante é ser leal aos seus iguais e honrar o Hip-Hop, que, independentemente de qualquer condição, desde que represente bem a cena, o indivíduo terá o reconhecimento e o respeito dos demais integrantes.

No mesmo sentido, encontrei interessante publicação a evidenciar como o MC Barará detém reconhecimento e respeito na Batalha do Vinho. Muito em razão do duelo na final do confronto com a Batalha da Quadrinha, mas também por comentários nas redes sociais online, o MC Kennedy é um dos mais criticados por machismo na Batalha do Vinho. Na referida publicação feita no Facebook, entretanto, ele “alerta” os outros MCs a não mencionarem Barará em duelos em que esse não estivesse participando. O motivo dado para a recomendação é ser Barará um dos MCs que mais representam a cena, sendo a utilização de seu nome como chacota, a referência à sua sexualidade em ataques dirigidos a outros, um vacilo que não seria tolerado.

Após certo tempo frequentando a Batalha do Vinho, constatei que alguns MCs se reúnem e se identificam como um subgrupo, o qual compartilharia valores e teria a pretensão de constituir uma espécie de “seita”. Recordemos que no duelo entre o MC Kennedy e o MC Chally, o representante da Batalha do Vinho era apoiado por um grupo de jovens que estava ao redor do palco e sobre o qual, em determinado momento, ele se jogou. A partir da constatação de alguns participantes, ainda que não haja uma absoluta correspondência, aquele constituía esse mesmo grupo que se apresenta como integrantes da “Bu-ceita”. Na página de um de seus participantes no Facebook, encontra-se, em publicação de acesso público, a seguinte definição:

Nois limpamos seu lixo, transferimos suas ligações, lavamos seus carros, fabricamos suas roupas, plantamos e colhemos sua comida, cuidamos dos seus documentos, fazemos seus cartões, calculamos seu dinheiro e suas dívidas, nois estamos em todo canto, então não sacanei a gente!! Porque nois somos da #BU CEITA⁹⁷!! Barulhos Urbanos - Ceita!!!

⁹⁷ Embora “Ceita” exista na língua portuguesa, o significado pretendido é aquele grafado com “S”. Opta-se, entretanto, pelo uso empregado com o fim de referenciar ao órgão sexual feminino decorrente da junção dos termos.

Assim como o duelo entre os MCs Kennedy e Chally, o confronto entre a MC Marília e o MC Doggie, durante o 2º Festival de Hip-Hop Potiguar, gerou intensa polêmica; repercutindo tanto no momento do duelo, quanto depois, no grupo da Batalha do Vinho no WhatsApp. Não apenas a existência da polêmica, mas as suas causas, são coincidentes. A discussão no segundo duelo se deu acerca da legitimidade do sujeito masculino falar em nome das mulheres – o MC Doggie afirmava não ser preciso ser mulher para tratar das dificuldades da condição feminina.

De maneira semelhante à sustentação do MC Kennedy – “feminista é minha mãe que criou quatro filhos sozinha” – o MC Doggie citou o fato de ser filho de uma mãe adolescente e solteira que o criou como muito esforço. Ele, então, conclui observando respeitar as mulheres desde que esse respeito seja viabilizado mediante a demonstração de esforço, de trabalho, não estando previamente concedido a qualquer mulher, inclusive às suas eventuais adversárias.

Longe de se pretenda justificar comentários e ações efetivamente machistas, misóginas ou discriminatórias de qualquer ordem, é preciso perquirir a motivação a relacionar o rechaço a certas pautas feministas e, eventualmente, a características feminilizantes, acompanhado de uma aparente necessidade de sacrifício e de disposição para o embate como formas de legitimação. Nesse sentido, evidencia-se que a descrição da “Bu-ceita” aproxima-se do teor das rimas acima mencionadas. O fato de referência ao órgão sexual ser utilizada para nomear um manifesto contra formas de exploração econômica parece indicar algum caminho de reflexão.

b) Considerações sobre Estética e Performance.

Durante nossa entrevista, mais uma vez procurando não suggestionar sua resposta, perguntei ao MC Kung Fu “como saber se alguém é do hip-hop”. Kung Fu, demonstrado o uso nativo dos termos que manejamos nesse capítulo, nos esclarece:

O hip-hop, hoje em dia, é algo totalmente mainstream, entrou na mídia e todo mundo tá querendo bancar de hip-hop e o que difere uma pessoa da outra é a atitude, simplesmente. Não é a roupa, não é o falar, é simplesmente o agir: como é que aquela pessoa age em favor da sua comunidade?! Tem pessoal que não gosta de rap, mas é mais hip-hop do que quem tá todo vestido, entendeu? É mais ou menos por aí... é o agir, é o construir, é o contestar, é isso aí que é a cena. Não é só dançar, não é só riscar disco, é saber da realidade, saber de onde vem, saber pra onde vai, saber quem são os inimigos do povo negro da favela, entendeu? O hip-hop é uma cultura de favela! É por isso que todas as periferias do mundo se identificam com ela, porque todas sofrem da mesma maneira! Então é isso aí, é saber o fundamento, de onde vem e pra onde vai...

Na difusão midiática, há um padrão estético a caracterizar o hip-hop. Alguns adeptos, efetivamente, procuram se vestir de maneira a atender, ou ao menos a remeter, a esse imaginário – camisas de times estadunidenses de basquete, camisas pretas e largas, longos casacos. Trata-

se de padrão não raro ou recente, mas que marca a cena funk e hip-hop no Brasil há décadas; conforme registrado, dentre outros autores, por Micael Herschmann (2005, p. 132-133). Alguns adeptos, contudo, parecem não ter interesse e outros, ainda, não dispor de poder aquisitivo para balizar seu consumo por esse padrão midiática e comercialmente validado; o que também não passou despercebido pelo pesquisador ao estudar os bailes funk cariocas da década de 1990⁹⁸.

Considero que para alguns jovens não seja possível a compra de roupas próprias a ida Batalha do Vinho. Sendo-lhe permitido, no máximo, selecionar, para comparecer ao evento, entre as roupas do dia a dia e as roupas “para sair” em geral. Se se tratar de um frequentador esporádico, é possível que considere aquela visita à Batalha do Vinho algo especial e, por isso, vá com uma roupa “melhor”. Nesse sentido, muitos frequentadores das tardes-noites de sábado no Jesiel Figueiredo demonstram conferir à Batalha do Vinho um caráter importante, um momento de lazer semanal – o que condiz com a afirmação de Roney sobre a falta de opções de lazer na região. Então, não é raro que rapazes e moças se apresentem de banho tomado, com roupas limpas, cabelos arrumados e perfumados, com um boné novo ou um brinco especial.

Há outros, contudo, que aparentam ir à Batalha do mesmo modo como ficam em casa ou como vão a um lugar qualquer. Alguns aparentam estarem vindo de um compromisso e, na volta para casa, decidirem-se parar para assistir aos duelos; outros, terem acabado de se levantar da cama ou do sofá, depois de um dia assistindo TV ou interagindo nas redes sociais, e ido para o Jesiel Figueiredo. Assim, em especial dentre os frequentadores habituais da Batalha do Vinho, muitos não demonstram preocupação em se apresentar de maneira diversa do seu dia a dia.

Ainda sobre o estilo de vestimentas, a obra de Fátima Cecchetto⁹⁹ descreve os funkeiros como dotados de estilo caracterizado por “boné e roupas largas”. Um dos charmeiros ouvidos pela autora, ao procurar diferenciar o seu estilo daquele do funk, afirma que “pro funkeiro, andar bonito é usar tênis, bermudas largas e horríveis da Ciclone” (2004, p. 191-192). Essa avaliação coloca no âmbito da preferência de estilo, do gosto, algo que pode decorrer do acesso facilitado a essas opções de vestimentas no mercado informal e de menor custo.

Diferentemente do charmeiro ou de outros estilos em que há o predomínio de adultos, em regra incluídos em alguma atividade remunerada, os funkeiros ou os MCs de batalhas são, em regras, pessoas mais jovens que estão entre o ensino médio e a tentativa de ingresso no, cada

⁹⁸ “Caso fôssemos descrever a indumentária “clássica” de um funkeiro, ela estaria composta por bermudões, camisas esportivas (em geral de times de futebol), boné, eventualmente cordões de metal e outros adereços, e tênis esportivo, em geral, branco. (...) É preciso entretanto considerar que alguns indivíduos não se vestem “a caráter” para os bailes, muitas vezes por total falta de opção: muitos deles não têm condições econômicas para ter roupas exclusivas para festas.” (Herschmann, 2005, p. 157-158).

⁹⁹ CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de Masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

vez mais restrito, mercado de trabalho. Essa condição etária certamente contribui para a baixa incidência do padrão de vestimentas preponderante na mídia, na TV, em filmes e em cliques internacionais, e no mercado. Vestimentas de marcas comerciais de razoável custo, assim como as marcas esportivas – a Adidas, tendo sido a primeira grande marca a patrocinar um grupo de *rap*^{100,101}, ganhou destaque nesse padrão estético construído no imaginário hip-hop.

Os indícios dessa não correspondência estética como fruto da escassez financeira não se contrapõe ao pensamento evidenciado pelo MC Kung Fu. Assim como ele, para muitos no hip-hop o que vale é o comportamento adotado e as atitudes exercidas, não o que se veste ou mesmo as músicas que se ouve. Perguntado sobre o seu estilo, Kung Fu respondeu que era uma roupa qualquer e, apontando para si, descreveu “é uma camisa assim, do Raul Seixas, e uma bermuda azul (cor/tipo) da Marinha, tá bom”. Essa simplicidade não é indicativa de uma completa ausência estética, mas da ausência de uma estética majoritária na cena intermediada pela indústria cultural. A simplicidade, em si, era o valor que o Kung Fu almejava evidenciar; valor sustentado em sua prática diária, mas não necessariamente o único ou absoluto.

Na noite anterior à nossa entrevista, Kung Fu perguntou, em sua página no Facebook, se alguém poderia lhe emprestar uma camisa da Gang Alvinegra (torcida organizada do principal clube da cidade, o ABC F.C.), pedido realizado, conforme ele veio a admitir, com a finalidade de usá-la na entrevista que, acreditava, poderia ser filmada ou fotografada. Antes de constituir contradição intransponível, simplicidade e virilidade podem ser complementares.

Sobre a virilidade, observo que, ao me iniciar no campo, eu pressuponha uma disposição dos MCs para manifestá-la tão forte quanto possível; tal performance teria o intuito de intimidar o adversário e impressionar o público. Por essa razão – acreditava – eles utilizariam codinomes. À exceção do MC Kennedy, não evidenciei a utilização de outros nomes próprios.

Após algum tempo, contudo, percebi que, embora as palavras manejadas fossem fortes, agressivas, a tendência no comportamento dos MCs era a manutenção de uma feição tranquila: longe de se exaltarem efetivamente, os MCs pareciam exercer um papel habitual. Os duelos me pareciam parte da rotina do MC, sempre precedidos e seguidos por cumprimentos, muitas vezes sorridentes; uma série de agressões verbais, em regra, emocionalmente asséptica.

Concebi, então, a possibilidade de que as batalhas de MCs estarem a vivenciar um processo de mudanças. Aquilo que, inicialmente, teria sido experienciado como forma substituta

¹⁰⁰ Hip-Hop Evolution, Documentário, 1ª Temporada (118m), episódio “New Guard”. Direção: Darby Wheeler. Estados Unidos da América: 2016. Disponível em Netflix.com. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

¹⁰¹ Matéria Jornal Online. **O Hip-Hop e os Tênis: a relação estreita entre a cultura e a moda.** InformaABC.com.br Disponível em: <http://www.informaabc.com.br/conteudo/id-671540/o1-hip-hop-e-os-tenis-a-relacao-estreita-entre-a-cultura-e-a-moda>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

às brigas, muitas vezes fatais, travadas entre gangues nos subúrbios de Nova Iorque¹⁰² – uma experiência possibilitadora, por uma espécie de relação de “parentesco por brincadeira”¹⁰³, da conjunção social em meio às disjunções decorrentes das árduas condições socioeconômicas vividas – estaria a se transmutar numa atividade competitiva sob outros marcos, cada vez mais valorada a partir de critérios prestigiados pela sociedade nacional, envolvente e estruturada.

Similar às diferenciações apontadas por Norbert Elias acerca das disputas antigas e o desporto contemporâneo¹⁰⁴, os duelos parecem perto de alcançar um estágio correspondente às *Mixed Martial Arts* – MMA, onde a violência é controlada e, mais do que isso, esvaziada de sua contundência psicológica e moral, simbólica. Essa essência de um vale-tudo normatizado das palavras faz dos duelos de rimas um espaço para múltiplas agressões verbais não sentidas, golpes apreendidos como agressões não reais, cujo potencial de violação é abstraído conforme outro ethos e com vistas a uma nova finalidade. Nesse sentido, as batalhas de rimas passariam a ser percebidas a partir da importância conferida às vitórias e às correspondentes premiações.

Por outro lado, a utilização de apelidos no lugar dos nomes próprios, prática corrente entre os jovens, ocorre desde antes de sua participação nas batalhas de rimas. Após verificar a incidência desses apelidos ou codinomes, constatei seu uso fora dos momentos dos duelos, alcançando a integralidade das situações vividas – tal percepção restou confirmada pelo MC Kung Fu que, conhecendo a maioria dos MCs, afirma que referido uso precede os duelos.

A exemplo da seção anterior, as constatações referentes às mudanças na prática dos duelos e acerca de uma performance, sob codinomes, precedente a esses duelos, colocam mais perguntas do que respostas – de maneira a orientar a investigação em capítulos seguintes. Nesse sentido, é possível supor que a prática dos participantes das batalhas pode ser apreendida em dois momentos. Inicialmente, tratar-se-ia de uma performance decorrente da experiência na vida cotidiana. A adoção de apelidos, antes mesmo de pensarem se tornar MCs, sugere a construção de um comportamento viril, dissociado de figura na sociedade ampla e profissional – na qual o nome civil é indispensável. De maneira a atender certo padrão de masculinidade. Num momento seguinte, a possibilidade de instrumentalização dos duelos como forma de obtenção de reconhecimento e inclusão social demandaria o exercício de outra performance.

Essa compreensão evidencia, na esteira do sustentado por Groppo (2000) e mencionado por autores como Herschmann (2005), que, para além do enquadramento etário e das discussões

¹⁰² RUBBLE Kings, Documentário (68min). Direção: Shan Nicholson. Estados Unidos da América: 2015.

¹⁰³ RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. 2ª Ed. Editora Vozes, 2013.

¹⁰⁴ ELIAS, Norbert. **A gênese do desporto: um problema sociológico**. Em **A BUSCA DA EXCITAÇÃO**. Difusão Editorial Ltda – DIFEL. Lisboa, 1992.

em torno do gênero, a noção de juventude está passível de outras conotações socioculturais. De tal sorte, a juventude da Batalha do Vinho reclama, pois, reflexão frente ao modelo de transição nos estágio de maturidade da vida.

c) Nordeste e Zona Norte: Pertencimento e Segregação.

A ideia de pertencimento a uma parcela social segregada, acompanha os adeptos do hip-hop desde seus primeiros registros históricos. Tal noção não se perdeu ao longo de suas ocorrências nos mais diversos países. No âmbito da Batalha do Vinho, a apreensão dessa segregação se dá ao reconhecer o pertencimento ao Nordeste brasileiro e à Zona Norte de Natal. Trata-se de elementos essenciais à constituição dessa juventude da Batalha do Vinho.

Em inúmeras oportunidades, o rap do Nordeste é tomado como bandeira a ser defendida e difundida. A presença do rapper pernambucano Diomedes Chinaski e a tentativa de fazer também presente o rapper baiano Baco Exu do Blues resultam dessa vontade expressa no esforço empreendido por Roney. Isso porque os rappers são nordestinos, mas também porque exaltam essa condição – como mencionado, são os autores do maior símbolo dessa busca por espaço para o hip-hop do Nordeste. Referido rap, o “Sulicídio”, deu ampla divulgação aos seus escritores e à reivindicação de visibilidade para as produções nordestinas. Diante das tentativas de resposta e do acirramento da discussão sobre o tema, “Sulicídio” alcançou o seu objetivo, destacando o rap produzido fora do tradicional eixo midiático e comercial¹⁰⁵.

Outra evidência da relevância da temática do hip-hop nordestino na Batalha do Vinho foi o confronto realizado entre seus MCs e os oriundos da Batalha da Quadrinha, realizada na cidade de Fortaleza/CE. Ao final daquela noite, em que pese o duelo final quase ter resultado em desentendimento em razão da insatisfação com o resultado do confronto, após grande parte do público ter deixado o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, os integrantes de ambas as Batalhas se abraçaram em um círculo e gritaram “Viva o Hip-Hop!” e “Viva o Hip-Hop do Nordeste!”.

A referência ao Nordeste também está presente nas rimas e nas músicas. O IPCS, por exemplo, tem “Nordeste é Pesado” como um de seus principais sucesso. Inclusive, essa é a música utilizada nas vinhetas dos vídeos postados no canal da Batalha do Vinho no Youtube. Portanto, a cena das batalhas de MCs do Nordeste, da qual a Batalha do Vinho pode ser considerada uma importante incidência, é intensamente marcada pela reivindicação de reconhecimento da região como legítima produtora, dentre outros estilos musicais, do Rap.

¹⁰⁵ Vídeo de 28:33 minutos. Sobre a repercussão, recomenda-se o documentário **Sulicídio – Impacto**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVN6Nj20aPw>. Acesso: em 31 de janeiro de 2020.

A identificação com a Zona Norte da capital potiguar é característica que, ainda mais próxima, marca igualmente os jovens participantes da Batalha do Vinho. Desde as falas de Roney, passando pelas músicas do IPCS que também citam expressamente a Zona Norte de Natal, até a declaração do MC Kung Fu que, embora ressalte sua origem em uma área rural da região metropolitana, demonstra sua identidade com a Zona Norte ao afirmar: “Eu sou um cara que gosto muito de mato, porém eu gosto muito daqui também. Eu me sinto em casa em todos os bairros da Zona Norte de Natal. (...) A Zona Norte é o meu lado, é de onde eu sou”.

Diferente da segregação enquanto adeptos do hip-hop no Nordeste, a discriminação e a cotidiana violência contra os moradores da Zona Norte de Natal são sentidas, não apenas de maneira simbólica, mas também fisicamente. Moradores de outras áreas da cidade, em boa medida emulados pelos veículos locais de comunicação, retratam essa região como um lugar tão somente de desordem urbana, criminalidade e violência.

Coerente com essa visão, o tratamento dispensado pelo aparato estatal costuma se fazer ausente na prestação de serviços públicos, tal como na oferta de atividades de lazer e de oportunidades de qualificação e de emprego, mas é constante por meio da Segurança Pública.

Embora trate-se de uma realidade não exclusiva, pois que, como nos advertiu o MC Kung Fu, é compartilhada com outras localidades periféricas da cidade, do país e mesmo do mundo, em Natal, a Zona Norte é o elemento físico-geográfico que fornece a base real para a formulação do tipo ideal a ser segregado. Esse tratamento dispensado pelo Estado, ao supor os indivíduos situados nessas áreas da urbes como destoantes da legalidade e da moralidade adequada, termina por incutir – e isso também nos destacou Kung Fu – um comportamento que, embora seja resposta, é apreendido e representado como ação primeira e livre desses indivíduos.

Segundo Antônio Groppo (2000), em situações como esta, há duas possibilidades. Os jovens não enquadráveis na noção construída de uma juventude ideal costumam explicitar suas diferenças ou, de maneira diversa, se apropriar e ressignificar objetos e símbolos. A previsão dessas possibilidades parece remeter à divergência em torno dos caminhos da Batalha do Vinho.

Em que pese os diversos participantes enxergarem na Batalha do Vinho uma forma de modificar a precária realidade vivida na Zona Norte de Natal, alguns acreditam que se manter diferentes, arredios às opções de estruturação social – adotando um comportamento underground, portanto – é a coisa certa a se fazer, já outros compreendem que ocupar espaços, se colocar, enquanto jovens periféricos, nos postos de destaque – como artistas em grandes anfiteatros, profissionais que manejam bons equipamentos diante de grandes públicos –, é um forma eficiente de contestar, pelo acesso a espaços de vitória, a exclusão em que são inscritos.

Assim, o dilema enfrentado na sociabilidade da Batalha do Vinho está em consonância com os caminhos que costumam se descortinar a juventudes marginalizadas. A partir desse momento de decisão, os jovens parecem diante da seguinte questão: enfrentar a exclusão social de que padecem seria conquistar as premiações, os troféus simbólicos e monetários, proscritas ou seria se manter diferente, à parte, como forma de demonstrar a discordância e a não subordinação aos valores com os quais não concordam – valores tais como a competitividade e a hierarquização econômica da sociedade.

Entre as regionalizações nacional e local, a juventude da Batalha do Vinho parece destoar não apenas por critérios territoriais, mas sobretudo socioeconômicos, do modelo de juventude ideal. Tal modelo, ensina Antônio Groppo (2000), é construído pela modernidade como instrumento destinado à institucionalização das fases da vida com vistas a preparar os indivíduos para uma esperada maturidade. Esse projeto, de fato, parece não ter plena aplicação nas periferias dos centros urbanos brasileiros. A fruição não laboral dos primeiros anos de vida, a exemplo de seu surgimento tardio para as classes trabalhadoras europeias, não se dá de forma efetiva na vivência dos jovens em regiões como a parte majoritária da Zona Norte de Natal.

Certamente com a pretensão de modificar essa realidade, no ano seguinte à minha presença física no campo, Roney me ligou perguntando se eu poderia ajudar a contratar profissionais, brinquedos e outros itens necessários à realização do Dia das Crianças na Batalha do Vinho. Alguns dias depois, pelo que vi nas publicações no Facebook, a festa realizada foi bonita, teve pula-pula, pinturas e algodão doce para as crianças da localidade¹⁰⁶.



¹⁰⁶ Publicação da Página da Batalha do Vinho **1º Festival de Hip-Hop das crianças**. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/Batalhadovinho/posts/?ref=page_internal Acesso em, 25 de janeiro de 2020.



Imagens publicadas na página da Batalha do Vinho registra o “1º Festival de Hip-Hop das Crianças”.

Vendo aquelas imagens, é inevitável pensar quanto esforço se faz necessário para superar os obstáculos postos à continuidade dos sonhos próprios e à construção da infância – e de um futuro bom – no imaginário de outros indivíduos que, em seus primeiros anos de existência, desconhecem às perspectivas para os não idealmente enquadrados nas fases institucionalizadas da vida na estruturação social vigente.

Ao aproximar-se mais um Dia das Crianças, verifiquei que Roney e o MC Kung Fu, certamente não por coincidência, fizeram a mesma publicação em suas redes sociais online. Roney, no Instagram, e Kung Fu, no Facebook, postaram: “não existe Dia das Crianças na periferia”. Roney o fez com a imagem de um disco do Facção Central e o nome da música “12 de outubro”. Desse rap, percebe-se a referência das postagens, pois a frase “não existe Dia das Crianças na periferia” é parte integrante de sua letra.

Os Racionais MCs também possui uma música denominada “12 de outubro”. O tema, portanto, foi abordado por duas das maiores referências do Rap nacional. Antes de demonstrar uma suposta falta de criatividade, esse fato serve a evidenciar a frustração que a data causa em crianças e jovens das periferias que não encontram correspondência entre suas vivências concretas e o modelo de infância veiculado e vendido pela mídia e pelo mercado.

Dias depois de sua primeira publicação, Kung Fu postou em seu *status* no WhatsApp um vídeo em que, junto a um amigo que está a tocar violão, ele canta trecho da referida música

do Facção Central. Do teor cantado, se constata que a motivação para a ausência do Dia das Crianças na periferia é a escassez material num cenário de intensa desigualdade de renda e de violência urbana – deixando como saída a adesão a condutas criminalizadas:

Cadê o meu presente, o meu abraço?
A bicicleta que eu sonhei não vem com o laço.
Não tem bolo, nem alegria. É Dia das Crianças, mas não pra periferia.
(...)
Eu vou fazer um rolê e buscar meu presente. Uma vítima, anel de ouro, corrente.
Vou mostrar minha pureza, eu vou matar um cuzão por uma carteira. Feliz Dia das Crianças, é 12 de outubro, põe um brinquedo em cima do meu túmulo.
Quem brinca com revólver não conhece a alegria.
Não tem Dia das Crianças na periferia.
Hoje é Dia das Crianças, e daí? Quem vê sangue não tem motivo pra sorrir. Não existe presente, alegria, nem Dia das Crianças na periferia¹⁰⁷.

À margem dos padrões pensados para as etapas da vida na busca da maturidade exigida pela sociedade contemporânea, jovens como os da Batalha do Vinho dão continuidade às suas vivências. Na Zona Norte de Natal, a segregação é imposta pela falta de qualificação profissional, pela escassez material e pela violência; trata-se de uma segregação que, embora diversa, pode se reconhecer naquela vivida, no hip-hop, pela cena do Nordeste. Nesse sentido, a Batalha do Vinho procura construir alternativas, busca colocar essa hierarquia social, a exemplo da existente no cenário do Rap nacional, de cabeça para baixo. A Batalha do Vinho parece se dispor a escrever o sulicídio da Zona Sul de Natal e a colocar a Zona Norte no topo, do topo, do topo!

d) Os Grupos Etários na Batalha do Vinho.

Luís Antônio Groppo (2000) observa que a modernidade, na institucionalização das etapas da vida, registra três tipos de agrupamentos que, não necessariamente harmônicos entre si, atuam no encaminhamento dos indivíduos desde a infância à maturidade. Neste sentido, podemos considerar o papel dessas instâncias no âmbito da Batalha do Vinho. Primeiramente, cabe destacar aquele que, para a modernidade, é o mais relevante dos três grupos, o sistema escolar. A experiência na escola pública também foi tema de minha conversa com o MC Kung Fu, que nos narrou sua experiência e expos seu entendimento nos seguintes termos:

É uma escola que não é feita para manter você lá. É uma coisa muito atrasada. É um ensino que não ensina você a pensar, somente a obedecer. Não é atraente para o jovem estar na escola. As aulas são chatas, não há uma estrutura de conforto mínimo. As salas são quentes. Quando chove, tem goteiras. Eu, por exemplo, não estudei e não tenho a menor noção da matéria do 6º ano e dos dois primeiros bimestre do 7º porque a escola em que estudava “o Mirian Celi”, assim que eu fiz

¹⁰⁷ Facção Central. 12 de outubro. CD Versos Sangrentos. Gravadora Sky Blue, 1999.
Disponível em < <https://www.lettras.mus.br/facciao-central/385394/> >. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

o êxodo rural, chovia e alagava tudo. Então eles ficaram meio que cinco meses (fechados). Perdi muita matéria. Então, quando o jovem não está na escola, ele tá no meio da rua. E a rua já é violenta pelas consequências sociais do capitalismo, entendeu... O tráfico de drogas reina porque quem não tem trabalho, quem não tem estudo, é o que tem por perto. Quem não tem o exemplo de um vizinho que se formou engenheiro, um vizinho que se tornou advogado, ele não tem outro exemplo. O exemplo de sucesso do jovem periférico vai ser o cara que tá cheio de dinheiro no bolso, com uma arma na cintura, vendendo droga na esquina. Na minha visão, a escola condiciona o jovem periférico ao erro. Um mecanismo que já é feito para quem vem dos arredores das grandes cidades falharem. Eles não conseguem sequer pagar um salário que faça o professor ter motivação para estar ali. Então é um grande, é... “o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende” e no final acabou o ensino médio. E aí??? Esses jovens são condicionados a trabalhar nas empresas e nas construtoras que os filhos que sempre estudaram nas escolas de maior nome, da rede privada, vão montar. Fora que ela condiciona, ideologicamente falando, por meio ensino religioso. É nítido, principalmente depois do golpe de 2016, o que está sendo feito com a educação pública do Brasil.

O MC Kung Fu, como é de seu hábito, nos apresenta uma visão holística. Escola e poder são pensadas de maneira integrada. Kung Fu, considerando-se parte de uma sociedade de excluídos, longe de desprezar a importância da escola (de preferir o espaço da rua), (re)clama por outra escola pública, mais qualificada e qualificante para ele e para os seus. Mas ele parece irredutível na certeza de que aqueles que se beneficiam da lógica atual não vão lhe conceder essa oportunidade face ao risco de gerar uma mínima instabilidade social, política e econômica.

Nas rimas formuladas na Batalha do Vinho, não são raras as demonstrações de saberes relacionados a disciplinas escolares. O MC Doggie, por exemplo, costuma evidenciar conhecimento de literatura, história e geopolítica. O MC Kung Fu está sempre elaborando diferentes metáforas, muitas vezes com referência ao saber biológico. Essas rimas, contudo, não costumam vir acompanhadas de elogios ou de boas lembranças do sistema educacional. Antes mesmo de nossa entrevista, em duas oportunidades, o MC Kung Fu mencionara as precariedades vividas pela juventude da Zona Norte em decorrência da falta de compromisso dos governantes com a estruturação das escolas e com a qualidade da educação ofertada. Assim, incontestemente é a ânsia de conhecimento não atendida pelo sistema de educação formal; colocando o aprendizado das ruas não como uma escolha, mas uma lamentada consequência.

Em semelhante direção, as publicações de Roney, em sua adolescência, não conferem à educação formal relevante espaço. As postagens realizadas no espaço escolar registram momentos de intervalo das aulas, fotos com amigos e garotas abraçados e sorridentes. Não há menção a conteúdo disciplinares, nem comentários com referência a atividades de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, quando o conheci, Roney tinha com característica a vontade de conhecer, mas também um domínio superficial das normas da língua portuguesa. Após aquele momento, já saído do sistema escolar, a qualidade de sua escrita passou por uma evidente

modificação – em grande medida graças ao contato e ao estímulo promovido pelo hip-hop, pela vontade de aprender e de se comunicar a favor da Cena que passava a integrar.

José Alberto Simões (2012) atribui à vivência no espaço escolar a razão última para a escolha entre aceitar ou não a interferência de elementos externos, econômicos em especial, à esfera cultural. Segundo o autor (2012, p.186-198), é na escola que se toma contato e realiza os primeiros passos no hip-hop. A escola seria o primeiro lugar e tempo de obrigação experimentado, na infância, pelo indivíduo. Mas seria, também, o lugar que lhe oportunizaria, nos momentos livres, o contato com o hip-hop. A partir dessa suposição, o autor conclui que, findo o período escolar e não mais havendo essa união automática/obrigatória, o indivíduo se vê diante da escolha entre manter o distanciamento ou unir as duas atividades – as de tempo livre e as do tempo de obrigação. A primeira opção (manter o distanciamento) levaria a uma relação com o hip-hop de natureza underground. Já a segunda (instrumentalizar a atividade de um tipo para suprimento do outro), com a mistura dos dois tempos e suas respectivas atividades, conduziria à profissionalização no hip-hop, naquilo que, até então, era mera diversão, lazer.

Em seção anterior, considerei, a partir da experiência na Batalha do Vinho, não existir essa escolha objetiva fruto de uma deliberação prévia, rígida e definitiva. Sustentei, ao contrário, que a imersão profissional no hip-hop se dá mediante uma análise em concreto. Diante de uma circunstância específica, o indivíduo analisa o eventual retorno financeiro, a coerência dos valores subjacentes à técnica aprendida na vertente do hip-hop frente à finalidade da atividade profissional a ser realizada e sua pessoal e momentânea necessidade material-econômica.

Assim, diferentemente da avaliação realizada a partir da juventude portuguesa, os jovens da Batalha do Vinho não se relacionam com a profissionalização em dois momentos distinguidos por uma decisão. Isso porque eles percebem, ainda que inicialmente sem plena consciência, que não há uma efetiva proposta de elaboração de (um tempo de) obrigações no espaço escolar. Por não haver espaço para eles no estágio adiantado de sua existência – aquilo que, conforme a institucionalização da vida pela modernidade, aprendemos a chamar de etapa adulta – no mercado de trabalho, não há um sincero esforço dos beneficiários desse estado de coisas vigente na estruturação de um sistema escolar público satisfatório. Logo, ao perceber tal disposição, apreende-se a presença na escola como um compromisso meramente formal, cujo tempo, na prática, em nada se distingue daquele demarcado como fora da escola.

É possível que, para a juventude portuguesa, a profissionalização constituía uma condição acessível. Em tal cenário, o indivíduo escolheria entre se profissionalizar em áreas comumente tomadas por atividade do tempo de obrigação ou tentaria fazê-lo a partir daquilo que era, até então, atividade de lazer. Já para juventudes como a da Batalha do Vinho

(juventudes periféricas de países periféricos), se profissionalizar no hip-hop não seria propriamente uma escolha por fundir atividades de naturezas diversas. Segundo observei, para essas juventudes tradicionalmente adeptas do hip-hop, a oportunidade de se profissionalizar ou mesmo algumas ofertas de biscates por meio do hip-hop constitui a abertura de uma porta, até então, inexistente, sobretudo por meio do sistema escolar.

Falar, como faz Simões (2012), em opção pela profissionalização a partir do hip-hop em detrimento de uma escolha pelo underground não nos parece a perspectiva adequada, pois esse caminho se coloca menos como alternativa ou militância – como classifica o autor (2012, p. 196) – e mais como uma imposição do estado (de coisas). Ao compreendemos que para algumas juventudes o “tempo” da qualificação e do exercício profissional especializado é negado, compreendemos, também, a existência, quando não a prevalência, de uma postura underground. Se a única oferta é de atividades não inclusivas no mundo adulto e profissional, a profissionalização passa a ser vista como marca característica do outro, de um sujeito social diferente, sujeito que o oprime e lhe nega as mesmas oportunidades. Portanto, se em sua existência não lhe são concedidos acessos a condições de inclusão, não faz sentido esperar que, em seu discurso e em suas práticas, os símbolos de profissionalização e de estruturação sejam almeçados. Isso significaria negar o sujeito social que esses jovens efetivamente são.

Assim, a relação da juventude da Batalha do Vinho com esse primeiro grupo etário, o sistema escolar, grupo propício à constituição das etapas de institucionalização da vida, revela muito de suas peculiaridades, em especial a relação de suas condições socioeconômicas com o posicionamento underground existente na cena dos duelos de MC se no próprio Hip-Hop.

Um segundo tipo de grupo etário reúne experiências mantidas e orientadas por adultos. Essa espécie tem, em nossa pesquisa, relevante ocorrência na vivência do organizador da Batalha do Vinho. Ao que constatamos, a presença de Roney no movimento escoteiro constituiu experiência singular entre os moradores de sua vizinhança, os jovens da Batalha do Vinho.

Inicialmente, evidenciei como esse contato permitiu a formação de uma agência ativa, a projeção de um indivíduo capaz de grandes conquistas, mesclando a construção do sucesso pessoal com a realização de ações altruísticas destinadas ao bem coletivo, sobretudo de crianças carentes. Igualmente, registrei a transição do âmbito majoritário de influência do escotismo para a militância política. Em espaços partidários e universitários, sob outra perspectiva, continuava-se sob a influência de adultos, aprendendo papéis a serem exercidos no mundo profissional.

O acesso a esses grupos de influência conferiu à Roney a oportunidade de chegar à Batalha do Vinho com maior pertinência e domínio (se comparado aos demais jovens que participavam daquela iniciativa) dos papéis desempenhados no mundo “sério”, profissional,

adulto, portanto. Nesse sentido, Roney sempre ressaltara que a Batalha do Vinho não seria mais uma brincadeira, mas uma coisa séria que salva vidas e que as pessoas precisavam compreender isso. Esse acesso, pois, foi causa indispensável para que ele se colocasse como o principal representante do processo de estruturação que a Batalha do Vinho vivenciou.

Se os grupos escolares e aqueles orientados por adultos nem sempre se mostram interessados ou suficientes para conduzir os adolescentes à maturidade desejada, um terceiro tipo, os grupos etários autônomos, termina por servir, na medida do possível, empreendimento de tal inclusão ainda, que em condição social não ideal ou privilegiada.

A Batalha do Vinho seria uma típica experiência desse terceiro grupo, constituindo iniciativa espontânea baseada na reunião de jovens sem a interferência de adultos em posição de comando. Podemos recordar que, no seu início, alguns adolescentes se reuniam para promover encontros destinados a dançar o break e, pouco depois, a brincar de rimas – vindo a constituir os seus duelos semanais. Tão somente após esse momento inicial, surgem valores, procedimentos, regras próprias e instâncias de diálogo e decisão, bem como subgrupos por relações de convergência pessoal. Contudo, esse grupo que se pretendia anômico, sem papéis similares aos da sociedade ampla, que parecia não objetivar a promoção da maturidade daqueles jovens no rumo das etapas da vida, diante de dificuldades, necessitou se organizar internamente e estabelecer canais de intermediação com instâncias externas, dominadas por adultos.

Se, por um lado, os grupos autônomos forçam o primeiro contato de seus participantes com as estruturas da sociedade adulta, eles não ofertam a esses participantes a qualificação ideal para que ocupem posições privilegiadas nessa estrutura social. Como adverte Eisenstadt (*apud* Groppo, 2000), tais grupos não servem como promotores de papéis na sociedade moderna. Isso porque a especialidade das atividades exigidas pela sociedade atual não permite a transmutação direta de posições e papéis exercidos nos grupos etários juvenis. Assim, muito dificilmente a experiência na Batalha do Vinho possibilitará a qualquer de seus participantes o ingresso no mercado qualificado de trabalho – mesmo ao seus organizadores, agentes da estruturação e da profissionalização, como vistos, tais acessos não são facilmente franqueados.

Esses grupos juvenis espontâneos, como também alerta Eisenstadt (*apud* Groppo, 2000), costumam ter um posicionamento ambíguo. Por um lado, os jovens ressaltam suas peculiaridades. Por outro, fazem desses grupos instrumentos de comunicação, formas de conhecerem e de serem reconhecidos pela sociedade ampla. Em regra, esses grupos constituem instâncias similares à sociedade, permitindo a necessária maturação social de seus participantes. Isso foi o que vimos, inclusive, ao tratar especificamente da experiência pessoal de Roney.

Sob a perspectiva da profissionalização, o jovem na Batalha do Vinho apresenta suas habilidades, as expõe e se expõe ao público. Enquanto artista iniciante, o MC experimenta a sensação do palco. Os responsáveis pela organização experimentam atividades formais e gerenciais: promovem a comunicação necessária à realização dos encontros semanais (como oficial à Polícia Militar); submetem-se a editais públicos, o que os impelem a se inteirar de noções burocráticas e legais; lidam com premiações, o que demanda relacionamento com o sistema financeiro, com a criação de conta corrente para o recebimento dos valores – uma de minhas atividades como “advogado da Batalha do Vinho” foi redigir sucintos contratos em que os vencedores das competições se comprometiam a cumprir o acordado com a organização.¹⁰⁸

Ao tempo em que vislumbram na Batalha do Vinho um futuro promissor, MCs e organizadores experienciam suas primeiras relações condominiais, deliberam sobre o destino da iniciativa coletiva, decidem por contribuir na resolução de problemas comunitários ou abster-se de tal participação, suportando os caminhos adotados pelos demais. Em suma, na experiência de um grupo etário espontâneo, são apresentados a certas estruturas da sociedade adulta.

Em contextos sociais não privilegiados, como o vivenciado na Batalha do Vinho, grupos espontâneos são os mais relevantes. Essas experiências geram a expectativa de inclusão formal e viabilizam a convivência de seus participantes com os efetivos destinatários da maturidade, os indivíduos que detêm acesso à especialização da sociedade moderna – visto que com pleno acesso aos grupos escolares, além daqueles regidos por adultos).

2.2.5 A Cena no Processo Produtivo e as Territorialidades Sônico-Musicais.

Este capítulo evidenciou a existência de uma cena própria às batalhas de MCs. Tomando como referência a Batalha do Vinho, principal manifestação dos duelos na cidade de Natal/RN, restou demonstrada a presença de condições e características próprias à noção teórica de cena, conforme apontado pelo seu pesquisador primeiro, o canadense Will Straw (2012). Em seguida, procuramos analisar o preenchimento de outros requisitos segundo uma definição mais rígida, conforme Felipe Trotta (2013) – o posicionamento underground e uma constituição majoritariamente juvenil, além da influência anglófona da manifestação cultural subjacente.

¹⁰⁸ Aparentemente por uma questão burocrática, a Prefeitura concederia prêmios aos vencedores dos duelos. Entretanto havia sido acordado entre os organizadores e os participantes que a premiação não abarcaria apenas o primeiro colocado. Assim, como o combinado verbal deixava-o receoso, Roney decidira formalizar tal acerto.

Junto à condição underground, discorri sobre as oportunidades de profissionalização no âmbito da Batalha do Vinho, concluindo pela existência de ofertas e de interesses na cena. Vimos que todas as vertentes têm suas formas de estruturação. Nesse sentido, em coerência com o descrito por Alberto Simões (2012), evidenciei formas de controle das manifestações culturais, como local e horário previamente definidos, e formas de retribuições financeiras, como as premiações para as disputas de break e de rimas e para os workshops de grafitti.

O Rap, embora um estilo musical de destaque no cenário internacional, não se mostra plenamente estruturado e acessível para iniciativas locais, como é o caso do IPCS. As circunstâncias da realidade, as condições sociais vividas, sobretudo a violência, atuam para dificultar a profissionalização do grupo, distanciando o grande estrelato. Precisamente quanto aos MCs de duelos, esses costumam encontrar, à sua frente, duas possibilidades de profissionalização, a migração para a condição de rapper, como é o caso de rappers conhecidos, como o Emicida e o campeão do Duelo Nacional de 2017, o MC capixaba César.

Diferentemente do autor português, todavia, não considero adequado supor um processo prévio de deliberação sobre aceitar, ou não, a influência da esfera econômica sobre a cultural. Considerando as dificuldades enfrentadas ao longo do processo de (não) qualificação profissional, o adepto do hip-hop no Brasil – à exemplo do testemunhado no âmbito da Batalha do Vinho – necessita de meios para manter seu sustento material, sua sobrevivência humana e social. Logo, tende-se a aceitar as propostas de “biscates”, serviços avulsos com ações determinadas, previamente acordadas. Essa disposição, entretanto, não impede que, diante de uma proposta concreta, o sujeito avalie o retorno financeiro ofertado, sua necessidade material e a concessão que necessitará fazer em face de sua concepção de integridade cultural.

Ademais, a análise da condição juvenil possibilitou a reflexão sobre a faixa etária de seus participantes, assim como de outras características sociais, quais sejam, a de gênero, a de segregação regional e urbana e as formulações concretas dos diferentes tipos de grupos etários – permitindo, assim, uma razoável compreensão da cena do duelo de MCs.

Considerando a definição teórica de cena, como mencionado inicialmente, o estudo desse conceito teve dois momentos distintos, dois enfoques. Micael Herschmann (2013) evidencia que, na primeira dessas perspectivas (na década de 1990), Will Straw, e os que a ele se associavam, buscava compreender as dinâmicas e os processos produtivos em torno da cena. O próprio Micael Herschmann informa que, sob sua coordenação, diversas pesquisas foram desenvolvidas com o fim de analisar o processo econômico-produtivo musical (2013, p. 45).

Ao considerar o underground como requisito de uma cena, Felipe Trotta (2013) aponta a tensão que marca seu entendimento frente ao do próprio Will Straw (2006 *apud* Trotta, 2013). Se Trotta confere destaque ao underground, para Straw o interesse comercial por objetos específicos de uma cena é imprescindível para sua constituição como tal. Mais do que uma contradição entre autores, o que se manifesta aí é a tensão contida na própria condição da cena – os pesquisadores, acertadamente, indicam os pontos equidistantes dessa tensão, evidenciam a cena como algo que possui os elementos para ser, mas que ainda não é parte estável da estrutura.

Herschmann, ao realizar uma análise sob a perspectiva produtiva, frisa que a noção de cena se distingue das noções de “circuito cultural” e de “cadeia produtiva”, pois esses termos parecem não dar conta da profusão de acontecimentos simultâneos, enquanto conferem uma conotação de maior formalidade e apelo comercial (2013, p. 45-46):

Existiria nos circuitos culturais níveis de institucionalidade e monetarização dos objetivos traçados, isto é, a dinâmica deles seria de certa forma híbrida: muitas vezes encontraríamos circuitos com graus expressivos de formalismo (...), contudo ainda assim é possível se identificar um razoável protagonismo dos atores sociais nas iniciativas, dinâmicas e processos engendrados nos circuitos (...) [E nas cadeias produtivas existe invariavelmente] uma dinâmica mais institucionalizada e uma forte preocupação com a lucratividade (...).

Assim, podemos considerar um contínuo de formalismo e interesse econômico que colocaria a cena numa ponta, o circuito numa posição intermediária e a cadeia produtiva no outro extremo. Ao pensarmos precisamente os duelos de MCs, podemos visualizar o impulso presente na cena com tendência a integrar circuito cultural e cadeias produtivas. É certo que a eventual inserção em outras batalhas teria me conduzido a um posicionamento mais próximo ou mais distante da concretização desse impulso estruturante. Inclusive, o mote de todo este trabalho é o processo de estruturação em curso nas batalhas de MCs, é o seu movimento. O enfoque sobre os duelos como uma cena decorre das características do evento observado, mas também da compreensão dessa noção como pressuposta às demais definições citadas.

Ao longo de minha pesquisa, a Batalha do Vinho vivenciou um instante de explosão de suas manifestações culturais, inclusive organizacional. Se existem ações em direção à complexificação técnica e ao formalismo, bem como oportunidades de proveito financeiro, seja pela premiações, seja pela perspectiva de profissionalização, a Batalha do Vinho se evidencia, sobretudo, como o resultado da dedicação coletiva. Se o circuito apresenta razoáveis níveis de institucionalidade e monetarização de seus objetivos e se a cena é o produto do esforço daqueles que fazem ela acontecer, a Batalha do Vinho que vivenciei estava diante desse caminho, apta a por ele transitar. Igualmente, em diversas cidades brasileiras, muitas batalhas de rimas estão

despontando, fruto dos sonhos e da dedicação de muitos jovens com suas caixinhas de som, e sendo colocadas, com maior ou menor disposição, frente a esses variados impulsos e destinos.

Em sua estudo sobre as cenas musicais, Herschmann propõe (2013, p. 49-51) a noção de “territorialidade sônico-musical”. Nada obsta, entretanto, que essa formulação seja aplicada à prática dos duelos de MCs, decorrente que é do hip-Hop. O pesquisador, na esteira do que preceitua Milton Santos, tem na distinção entre espaço e lugar uma das premissas de sua reflexão, sendo o lugar a produção social do espaço. Logo, esse processo de territorialização a partir das configurações econômicas e políticas que marcam um espaço geográfico deve ser compreendido como um “lugar”. Assim, aponta Herschmann (2013, p. 49), “é preciso que se atente para o fato de que as apropriações e agenciamentos que se produzem em diferentes localidades – que transformam espaços em “lugares” (Santos, 1996 e 2005) – podem não ser exclusivos dos atores pesquisados”. Nesse sentido, haveria uma disputa por esse processo de territorialização e, por conseguinte, uma multiterritorialidade dos espaços urbanos.

Acompanhar a cena dos duelos de MCs permite observar a sua potencialidade para modificar a significação e a compreensão de certas regiões da cidade. Precisamente sobre Natal, a Zona Norte costuma ser vista sob os signos da desorganização urbana, da violência e do crime. Essa imagem, veiculada por órgãos de Segurança Pública e pelos veículos de comunicação da mídia local, contudo, passou a ser contraposta, em alguma medida, pela atuação dos jovens que participam da Batalha do Vinho (e de outras batalhas surgidas na localidade). Os próprios fluxos da cidade foram alterados em decorrência desse processo de ressignificação. Poucas são as razões que fazem moradores de outras regiões se deslocarem para a Zona Norte, o movimento, em regra, se dá em sentido contrário. Seja para ir ao trabalho, seja para estudar ou à procura de opções de lazer, é comum ver os moradores da Zona Norte atravessarem a ponte; não o inverso.

A Batalha do Vinho – e isso costuma ser mencionado em seus âmbitos de diálogo – fez com que gente de “todo canto de Natal” fosse à Zona Norte. De fato, a Universidade atravessou a ponte, o Prefeito e outros políticos atravessaram a ponte, os veículos de imprensa, desde canais em redes sociais aos maiores jornais impressos e televisivos, atravessaram a ponte. Todos atravessamos a ponte para ver a Batalha do Vinho e a cena dos duelos de MCs. Isso porque, afinal, essa cena encampou a luta pela (re)significação da Zona Norte de Natal.

Apesar de se tratar de uma luta difícil de ser vencida, é inegável que a Batalha do Vinho atuou para fazer da Zona Norte o centro de uma lógica de lazer e de novidade juvenil, enquanto o restante da cidade tornava-se periférica – para conhecer o encantamento “do sangue” derramado nas rimas, moradores dos arredores de shoppings centers, de estádios de futebol e de casas de shows passaram a atravessar a ponte que separa e une as regiões da cidade de Natal.

A experiência vivenciada me permite concluir pela existência de um perene e conflituoso processo de (re)territorialização (Herschmann, 2013). As cenas, como se sabe, são instáveis, fugazes e, portanto, passageiras. Nesse sentido, não é possível afirmar como a Zona Norte de Natal será vista daqui a um, cinco ou vinte anos; se será ligada à violência, ao tráfico e ao crime ou se remeterá a um imaginário de mobilização juvenil, de resistência por meio da cultura de rua, da arte e da música. Mas, ao menos durante algum tempo, aquele espaço foi disputado e identificado por jovens que se declaram periféricos e se orgulham dessa condição (por mais que lutem por justiça social), assim como pela prática das rimas e do hip-hop em geral. Por força desse agenciamento, os espaços se tornam novos lugares. A Praça do Half, o Ginásio Nélcio Dias, o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo – e tudo mais ao redor – são lugares de alegria e, ainda que a realidade se mostre dura, de resistência, pois são lugares do hip-hop.

Portanto, considerando as diferentes significações do espaço urbano, os jovens da Zona Norte, seguem cientes, e alerta, acerca do fato que o processo de sua criminalização não se dará desacompanhado do esforço para evidenciar coerentemente os seus territórios.

Assim sendo, a cena dos duelos de MCs em Natal conecta os seus diversos pontos, todos, sob o tenso processo de multiterritorialidade. A cena, pois, atua para criar um desenho específico da cidade. As dezenas de quilômetros que separam a Zona Norte do Ginásio do DED não significaram empecilho para que Roney se deslocasse até lá na companhia do Fábio Brazza. Ele o fez por saber que pontos geograficamente distantes se conectam, que espaços, ainda que afastados, são lugares que se reconhecem – embora separados por alguns quilômetros, a Batalha do DED era o lugar mais próximo da Batalha do Vinho naquela noite em Natal.

Will Straw (2013, p. 19), ao citar Bruce Willems-Braun, salienta que “os festivais urbanos marginais ‘desestabilizam e reformulam os múltiplos discursos que organizam a cidade’ na mesma medida em que servem para reafirmar os sentidos mais duradouros de determinados locais urbanos”. Portanto, as batalhas de MCs contestam a estigmatização de seus adeptos e de seus territórios, ao tempo em que ratificam a imagem das periferias como locus de confrontação às desigualdades sociais, à criminalização e à perseguição pelo aparato estatal, locais, em suma, de resistência a uma estrutura social excludente.

3. OS MOMENTOS DA CENA NO CURSO DE SUA ESTRUTURAÇÃO.

À época de meu contato, a Batalha do Vinho constituía um intrincado vínculo social, de difícil definição. Por um lado, a realização dos duelos a colocava como ocorrência de uma cena cultural em ascensão. Por outro lado, era também âmbito de vínculos mais sólidos, uma espécie de sociabilidade justaposta à instabilidade que caracteriza as cenas – não à toa a reiterada referência à representação ideal dos vínculos harmônicos característicos das comunidades tradicionais¹⁰⁹, a “Família” Batalha do Vinho. A ideia do hip-hop como mais do que um estilo musical, de dança ou de arte gráfica, como um instrumento de conscientização e mobilização política – sintetizada na crença de um quinto elemento – confere algo como uma moral transcendente ao grupo local caracterizado por vínculos comunitários, no sentido sustentado por autores como Ferdinand Tönnies (*apud* Mocellim, 2011).

Assim, tal concepção instrumental do hip-hop interseccionaria os elementos territorial e temporal próprios àquela comunidade: ampliaria seu espaço de unidade para além da Zona Norte de Natal, bem como conectaria diversas gerações de integrantes dessa comunidade metafísica. Em todo caso, subsiste, ali, a força das relações de proximidade territorial como uma relação de proximidade emocional, como um contato pessoal intenso, formulado a partir de relações de vizinhança e amizade e não guiadas por formalidades e legalismos.

Essa orientação não se dá como mera repetição da formulação primeira do hip-hop, nos Estados Unidos da América de décadas atrás, mas guarda conciliações com influxos de, pelo menos, três ordens: os valores prezados por uma vida rural não muito distante da realidade da Zona Norte de Natal e da vivência de seus indivíduos¹¹⁰, das características das periferias brasileiras continuamente intensificadas na localidade e das ofertas de consumo difundidas pela propaganda e, de maneira geral, pela mídia e pelo mercado no mundo globalizado.

Se as cenas tendem à instabilidade informacional e à orientação internacional sobre as ocorrências locais, na Batalha do Vinho, durante os interstícios de suas realizações – nos dias “úteis” da semana, quando as notícias e as conversas sobre os duelos não estão em demasiada evidência, quando tudo desacelera um pouco –, há uma estável convivência entre os participantes

¹⁰⁹ MOCELLIM, Alan D. **A Comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, pp.105-125, 2011.

¹¹⁰ Trecho da entrevista concedida pelo MC Kung Fu sobre como conheceu o hip-hop: “Eu conheci o hip-hop, meu irmão, foi meio por acidente e na zona rural de Ceará-Mirim. Eu era criança, não sei lembrar exatamente quantos anos eu tinha, não. Foi um dia que estava chovendo lá na casa da minha avó e não tinha como a gente brincar, brincadeira de interior que menino brinca, de atirar de baladeira nos pássaros, andar de cavalo e ir para lagoa, essas coisas. Aí não tinha como ir porque minha mãe não deixou. Aí por acidente, nesse dia que choveu pegou a MTV, que era o canal 25 da TV aberta no tempo, sinal UHF. Chovia... choveu, aí pronto, pegou – foi bater o sinal lá”.

que, residentes nas redondezas dos equipamentos urbanos utilizados, constituem a iniciativa desde os seus primeiros encontros. Graças aos instrumentos de comunicação online, a essa convivência podem ser agregados, agora no espaço virtual, alguns membros recentes e outros distantes no espaço físico da cidade, mesmo originários de outras batalhas, de outras regiões.

Portanto, é necessário compreender a Batalha do Vinho como um acontecimento situado no momento histórico definido como globalização, mas advindo de uma sociabilidade marcada por fortes laços comunitários e imerso em anseios e pretensões políticas face às assimetrias constatadas entre os diversos segmentos da sociedade brasileira.

A história da Batalha do Vinho é, pois, uma história de tensão entre a convivência local e os elementos da vida na sociedade moderna; a história do contato entre as características de uma comunidade ética, existente em grupos tais como o ora descrito, e de uma comunidade estética, baseada no individualismo e difundida em setores mais urbanos, mais contatados pela mídia e pelo mercado, na terminologia de Zigmunt Bauman (*apud* Mocellim, 2011).

Sobre a globalização, o geógrafo Milton Santos¹¹¹ a considera o resultado, no ápice do processo de internacionalização do capitalismo, de uma produção ideológica fruto dos estágios atuais da técnica e da política, ou seja, o resultado dos usos políticos conferidos ao conjunto de técnicas, hoje, disponíveis. Ao reunir os avanços da informática, da eletrônica e da cibernética, consubstancia-se a família técnica atualmente hegemônica, a era da informação. Esse aparato técnico, então, possibilita uma organização produtiva a nível planetário, em que empresas e países se reportam a esse estágio técnico; portanto, há atores hegemônicos e hegemonzados¹¹². Esses atores se relacionam, por conseguinte, na busca incessante de uma mais-valia universal¹¹³.

¹¹¹ SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2015.

¹¹² “Na história da humanidade é a primeira vez que tal conjunto de técnicas envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença. Isso, aliás, contamina a forma de existência das outras técnicas, mais atrasadas. (...) Esse é um fenômeno novo na história das técnicas e na história dos territórios. Antes havia técnicas hegemônicas e não hegemônicas; hoje, as técnicas não hegemônicas são hegemonzadas. Na verdade, porém, a técnica não pode ser vista como um dado absoluto, mas como técnica já relativizada, isto é, tal como usada pelo homem. As técnicas apenas se realizam, tornando-se história, com a intermediação da política, isto é, da política das empresas e da política dos Estados, conjunta ou separadamente” (2015, pag. 25-26).

¹¹³ “Havia, com o imperialismo, diversos motores, cada qual com sua força e alcance próprios: o motor francês, o motor inglês, o motor alemão, o motor português, o belga, o espanhol, etc., que eram todos motores do capitalismo, mas empurravam as máquinas e os homens segundo ritmos diferentes, modalidades diferentes, combinações diferentes. Hoje haveria um motor único que é exatamente a mencionada mais-valia universal. Esta tornou-se possível porque a partir de agora a produção se dá à escala mundial, por intermédio de empresas mundiais, que competem entre si segundo uma concorrência extremamente feroz, como jamais existiu. As que resistem e sobrevivem são aquelas que obtêm a mais-valia maior, permitindo-se, assim, continuar a proceder e a competir” (2015, pag. 29).

Essa estruturação da produção dispersa nas mais distantes localidades do planeta exige a percepção de um mundo conectado, a assimilação de um tempo vivido de maneira integrada e partilhada, bem como o reconhecer do acontecer local como parte de um acontecer mundial. Tais concepções são apreendidas como fatos, sem, contudo, guardar grande correspondência com a realidade experienciada pela maior parte dos indivíduos. A cognoscibilidade do mundo, por exemplo, é plenamente possível. Contudo, as ferramentas disponíveis apresentam-nos as geometrias do planeta, mas não suas geografias, pois destituídas das relações sociais vividas no território (Santos, 2015, p. 32); já os fatos, modificados pelos interesses das grandes empresas, sobretudo as de comunicação, nos chegam não mais como informação, mas como ideologia¹¹⁴.

Em que pese os indivíduos terem a potencialidade de se valerem da fluidez do tempo e do espaço ofertada pelas tecnologias atuais, apenas alguns se mostram atores efetivos. Nesse sentido, a validação de um pensamento único – a partir de diversas noções desprovidas de lastro fático na realidade vivida pela quase totalidade das populações, tais como “democracia”, “liberdade de opinião e de imprensa”, “cidadania” e “a defesa do fim do Estado” – atua para deslegitimar outras formas de ser social. Inclusive com recurso a argumentações científicas que, por sua vez, atuam para obstar o conhecimento do mundo vivido, impõe-se a países, empresas e indivíduos, comportamentos baseados numa competitividade que despreza a solidariedade¹¹⁵.

Assim, a utilidade das elaborações ideológicas decorre, sobremaneira, da necessidade de fazer conviver os momentos de intensificação do processo de acumulação material e financeira e das inevitáveis crises decorrentes desse modelo. Logo, diferentemente de outros momentos do modo de produção capitalista (quando as contradições entre suas variáveis constitutivas resultavam em momentos interruptivos de sua regularidade), as ilusões

¹¹⁴ “O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia.” (Santos, 2015, p. 39).

¹¹⁵ “Nos últimos cinco séculos de desenvolvimento e expansão geográfica do capitalismo, a concorrência se estabelece como regra. Agora, a competitividade toma o lugar da competição. A concorrência atual não é mais a velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão. A competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar. (...) Essa guerra como norma justifica toda forma de apelo à força, a que assistimos em diversos países, um apelo não dissimulado, utilizado para dirimir os conflitos e consequência dessa ética da competitividade que caracteriza nosso tempo. (...) Também na ordem social e individual são individualismos arrebataadores e possessivos, que acabam por constituir o outro como coisa. Comportamentos que justificam todo desrespeito às pessoas são, afinal, uma das bases da sociabilidade atual. Aliás, a maneira como as classes médias, no Brasil, se constituíram entroniza a lógica dos instrumentos, em lugar da lógica das finalidades, e convoca os pragmatismos a que se tornem triunfantes. (...) Daí todas as novas formas perversas de sociabilidade que já existem ou se estão preparando neste país, para fazer dele – ainda mais – um país fragmentado, cujas diversas parcelas, de modo a assegurar sua sobrevivência imediata, serão jogadas umas contra as outras e convidadas a uma batalha sem quartel.” (Santos, 2015, p. 46-48).

construídas sevem à convivência entre os períodos de estabilidade e de crise. Enquanto a imposição ideológica atual faz crer no aprimoramento coletivo do mundo, novas definições e arranjos são ofertados visando aplacar as suas constantes crises. Em todo caso, as propostas de solução são invariavelmente formuladas a partir dos interesses dos atores da globalização que, desinteressados em atingir as causas estruturais, geram o aprofundamento das crises, a aceleração dos processos hegemônicos e a intensificação das desigualdades¹¹⁶.

Para Santos (2015), contudo, o conjunto de técnicas disponível é capaz de servir à construção de uma relação humana diversa, desde que outros objetivos sejam estabelecidos, o que passa pela superação da construção ideológica, hoje, hegemônica. Em síntese, o autor, vaticina haver três mundos onde enxergarmos apenas um. O primeiro seria o mundo como nos fazem vê-lo (a globalização como fábula); o segundo, o mundo tal como ele é (a globalização como perversidade); e o terceiro, o mundo como pode ser (uma outra globalização).

É nesse contexto global que a ocorrência da Batalha do Vinho se dá. No Brasil, as desigualdades vividas, exemplarmente extremadas, parecem capazes de constituir os contingentes populacionais – com seus, a princípio, diferentes interesses – como verdadeiras nações conflitantes. Sob certa perspectiva, trata-se de relação retratada, pelos atores hegemônicos, de maneira invertida, pois aqueles que têm a capacidade de promover uma sociabilidade diversa constituiriam uma espécie de nação passiva, ao passo que aqueles que meramente servem à economia globalizada são compreendidos como a nação ativa do país¹¹⁷.

Essa relação encontra em expressões culturais como o hip-hop um locus propício ao desenvolvimento de suas tensões. Assim, ainda antes de adentrar às particularidades da estruturação na cena dos duelos, faz-se salutar contextualizá-la no âmbito desse diálogo social.

A análise do “outro no Brasil contemporâneo” nomeia capítulo de importante obra sobre o tema. De autoria de Micael Herschmann, “O Funk e o Hip-Hop invadem a cena”, obra publicada na última virada de século, aborda tais manifestações culturais ao longo dos anos

¹¹⁶ “O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considera-lo o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal crise fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e não qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para mais aprofundamento da crise real – econômica, social, política, moral – que caracteriza o nosso tempo” (Santos, 2015, p. 36).

¹¹⁷ “Tomemos o caso do Brasil. É mais que uma simples metáfora pensar que uma das formas de abordagem da questão seria considerar, dentro da nação, a existência, na realidade, de duas nações. Uma nação passiva e uma nação ativa. Do fato de serem as contabilidades nacionais globalizadas – globalizantes! –, a grande ironia é que se passa a considerar como nação ativa aquela que obedece cegamente ao desígnio globalitário, enquanto o resto acaba por constituir, desse ponto de vista, a nação passiva” (Santos, 2015, p. 156).

1990. Como destaca o autor, trata-se de momento em que, após a recente redemocratização, o país estava a vivenciar a modificação de seu imaginário. A superação de um paradigma de unidade nacional desprovida de rupturas acentuadas, de harmonia étnica e de não violência, se dava em favor de um imaginário caracterizado por fraturas sociais, no qual as representações formuladas em torno do funk e do hip-hop seriam capazes de satisfatoriamente evidenciá-lo.

Para o segmento social protagonista da emergência do funk e do hip-hop, os anos 1990 consolidava uma progressiva frustração com o não atendimento de suas necessidades básicas pelo Estado brasileiro, agora democrático. Por outro lado, o segmento social com melhores acessos econômicos vivenciava o contato social de maneira dúbia. Na capital fluminense, ao tempo em que os bailes funk despontavam como opção de entretenimento e interação social, um clima de medo era disseminado, a partir da suposta violência dos jovens identificados midiaticamente como “funkeiros”. O marco desse movimento foi os episódios conhecidos como “arrastões”, narrativa construída a partir de oportunidades em que os jovens oriundos de áreas periféricas se fizeram presentes nas principais praias do município do Rio de Janeiro.

Ao abordar o papel desempenhado pelos veículos de comunicação social nesse acontecimento, Micael Herschmann (2005), com recurso à paradigmática produção de Hermano Viana sobre o tema, ressalta relatos, inclusive de autoridades policiais, segundo os quais os arrastões não tiveram a finalidade precípua de roubar os banhistas. Contudo, os enunciados jornalísticos atuaram, com êxito, na construção de uma imagem criminosa dos funkeiros. Os seus bailes seriam um lugar não mais de lazer, mas de violência. A partir da análise de 125 artigos jornalísticos, Herschmann conclui que o funk praticamente inexistia no cenário midiático antes de 1992, entretanto, a partir daquele marco, passou a ser objeto de intensa criminalização. Essa estigmatização ocorreu em concomitância com uma cobertura positiva de seu potencial mercadológico, ou seja, com a “afirmação e reconhecimento do funk como uma importante expressão cultural e como um segmento de mercado significativo” (Herschmann, 2005, p. 96).

Esse ingresso do funk e do hip-hop na mídia, como repositórios estéticos a constituir estilos consumíveis pelos diversos segmentos sociais, se dá a partir de um processo seletivo de seus elementos. Os “rap do contexto” e os “gangsta rap” – que se propõem a desprezar as convenções postas, eventualmente confrontando condutas moral e juridicamente consagradas – sofrem imediata proscrição; seu manejo resta limitado aos enunciados estigmatizantes. Já as músicas que recorrem às temáticas amorosas, sexuais ou a um humor infantilizado no funk, assim como as indumentárias do hip-hop são difundidos para amplo consumo. Sobre esse dual processo de glamourização e estigmatização das expressões culturais e sobre a difusão de seus elementos constitutivos para outros segmentos sociais, Herschmann considera (2005, p. 117):

É importante ressaltar, portanto, que não só o funk e o hip-hop vêm “invadindo” literalmente a “cena”, mas também os elementos que compõem seu estilo de vida invadem o imaginário juvenil (mesmo não tendo esses jovens oriundos dos segmentos populares como protagonistas). Assim, se, por um lado, o funk e o hip-hop, com os elementos que os compõem, se fazem cada vez mais presentes de forma “difusa” na indústria fonográfica, no vestuário e no comportamento de um público jovem, nos anos 90, por outro lado, um conjunto de enunciados jornalísticos os interdita e/ou os apresenta no conjunto de narrativas que dão visibilidade à violência urbana hoje.

Nesse sentido, os excertos jornalísticos destacados na obra evidenciam que, nesse novo imaginário social, os indivíduos identificados pelas expressões culturais das quais muitos deles eram adeptos (o funk e o hip-hop) não integrariam o mesmo corpo social constituído por seus leitores, não seriam portadores dos direitos, a esses, assegurados. Depreende-se da redação jornalística, que aqueles não seriam “cidadãos cariocas” ou “moradores do Rio”, mas sim “hordas” disseminadoras do medo que estava a obstar o prazer das famílias legitimadas como “donas das praias cariocas”¹¹⁸ e que esses indivíduos ameaçadores deveriam ser reprimidos por forte atuação policial ou mesmo por milícias – as quais restam incentivadas em tais artigos de jornal¹¹⁹. Assim, os adeptos dessas expressões culturais não seriam integrantes da população a carioca ser defendida (ou dos turistas que representariam um interessante retorno financeiro), mas seriam aqueles a serem combatidos, o inimigo por essência. Isso porque sua adesão ao crime independe de suas práticas, uma vez que eles são, desde já, filosoficamente criminosos¹²⁰.

Esse novo imaginário baseado na violência e no medo manifesto na retratação, em certa medida alarmista, da relação social brasileira estimularia maior concretude à estigmatização.

¹¹⁸ “O que aconteceu no domingo em praias da Zona Sul não foi simples perturbação da ordem, e seria temeridade considerá-lo episódio isolado. As hordas que se derramaram em corrida alucinada por toda a extensão da areia não roubaram apenas bolsas e relógios; principalmente arrancaram do cidadão carioca e dos visitantes da cidade o bem precioso da paz dominical. Ir à praia é direito inalienável e histórico do morador do Rio (...). Tudo isso foi espezinhado nos acontecimentos afrontosos de domingo (...). Vamos agora aceitar passivamente que o prazer de ir à praia seja substituído pelo medo de ir à praia? As famílias serão obrigadas a se fechar em casa nas manhãs de sol – porque a praia tem novos donos? Os turistas serão mais uma vez afugentados, desta vez definitivamente? As cenas mostradas pela televisão não permitem dúvidas quanto ao caráter organizado dos “arrastões”. (“Hordas na praia”. O Globo, Rio de Janeiro, 20 out. 1992, p. 1 *apud* Herschmann, 2005, p. 98-99).

¹¹⁹ “A Zona Sul do Rio transformou-se ontem numa praça de guerra, com arrastões promovidos por gangues de adolescentes vindos de bairros do subúrbio e da Baixada Fluminense, armados com pedaços de madeira. A Polícia Militar, com 110 homens munidos de revólveres, metralhadoras e escopetas, teve dificuldade em reprimir a violência dos diversos grupos de assalto. Até uma polícia paralela, formada pelos Anjos da Guarda – grupo voluntário que se propõe a defender a população –, entrou em ação. (...) Revoltados, moradores pediram pena de morte e a presença do Exército nas ruas”. (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 out. 1992. Cidade, p. 1 *apud* Herschmann, p. 99-100).

¹²⁰ “Como a maioria dos 2 milhões de funkeiros vive em favelas, eles ficam em consonância com a liderança criminosa. Por influência apenas filosófica, os funkeiros tiram a diferença na mão na rivalidade entre galeras ligadas ao Comando Vermelho e ao Terceiro Comando.” (“Movimento funk leva à desesperança”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 out. 1992. Caderno Cidade, p. 32 *apud* Herschmann, 2005, p. 100).

Herschmann concebe que parte da mídia, ao ressaltar uma suposta ineficiência da força policial, objetivaria atacar não as expressões culturais e suas manifestações – como o baile funk – mas o setor social que o assumiu como referência identitária. Embora não frise a decisiva contribuição dos veículos de comunicação na reificação desse imaginário coletivo, a exemplo da consciente vontade editorial ao selecionar os comentários aos quais confere legitimidade enquanto “a voz dos leitores”, Herschmann destaca a correspondência que se estabelece entre ambos, ou seja, entre a perspectiva da narrativa jornalística e a aparente opinião pública¹²¹.

Assim, acerca da visão elaborada sobre os funkeiros, Herschmann (2005) destaca que, com o novo imaginário, as pessoas estariam a se fazer insensíveis às vivências das distintas experiências sociais. Complementarmente, diferente de outros estilos que expressariam a harmonia social, a ascensão do funk e do hip-hop retratariam, não mais a sociabilidade pacífica de outrora, mas um clima de agressividade, emulador de uma intensa beligerância social.

Em todo caso, esse imaginário, cada vez mais presente no relato jornalístico, na ação governamental e na avaliação pública não seria exclusividade nacional, mas estaria sendo difundido em diversos países do ocidente; estaria essa disseminação a causar rupturas entre os contingentes populacionais na vivência social em diversos cenários nacionais¹²².

Considerando resultar, das circunstâncias políticas do ocidente, o enfraquecimento dos Estados, Herschmann (2005), com recurso à argumentação de Nestor Canclini, evidencia que seria como “uma comunidade hermenêutica de consumidores” – de maneira a secundarizar seus contextos territoriais e sua história política – que os indivíduos da atualidade, em meio às suas fragmentações e heterogeneidades e em fluida comunicação com organizações transnacionais da informação, da moda e do conhecimento, experienciariam a realidade. Diante da ineficácia do Estado em concretizar os direitos dos indivíduos, seria por meio desses acessos que eles vivenciariam a concepção de cidadania – “Canclini sugere uma aproximação entre cidadania e consumo. Segundo o autor, os indivíduos vêm recebendo mais resposta através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva nos espaços públicos (Herschmann, 2005, pag. 62)”.

¹²¹ “Nos artigos dos principais jornais – nas matérias e seções de ‘Cartas dos Leitores’ – e nos depoimentos colhidos na pesquisa, a constante presença de qualificativos como ‘bestas’, ‘hordas’, ‘animais’ e ‘monstros’ indica que, tanto no enunciado jornalístico, quanto no imaginário coletivo, certas atitudes dos funkeiros são tratadas quase como expressão de um ‘mal absoluto’ que deve ser ‘reprimido’ e ‘extirpado’.” (Herschmann, 2005, p. 103-104).

¹²² “Na realidade, o fenômeno da fragmentação e pluralização tem atingido, de modo geral, a grande maioria dos países do Ocidente, e poder-se-ia afirmar que é resultado, em parte, da dinâmica do processo de modernização e de globalização desencadeado pelo capitalismo transnacional e, em parte, da impossibilidade de realização das utopias modernas. Entretanto, esse cenário não parece implicar o ‘fim do social’, como afirmam as teses mais pessimistas, mas a construção de um outro contexto em que as diferenças e os processos de homogeneização se encontrem em negociação permanente.” (Herschmann, 2005, p. 42-43)

O autor, contudo, constata que, apesar dos influxos do cenário global a homogeneizar os indivíduos a partir dos acessos possibilitados pela mídia e pelo mercado, inexistem indícios a apontar a redução das desigualdades sociais no Brasil. Para Herschmann (2005, p. 43), a ausência de uma acentuada tradição democrática estaria a impedir a superação dos privilégios de determinados segmentos sociais e da lógica de discriminação contra o contingente socialmente desprestigiado. Esse quadro impulsiona posturas conflituosas condizentes com o recente imaginário estabelecido no país – presente nos discursos que reclamam maior aparato de segurança pública, bem como nas letras dos raps, principalmente do hip-hop.

Assim, aos adeptos das expressões culturais abordadas, se abriria uma situação a exigir-lhes aceitar, ou ao menos suportar, sua estigmatização e enquadrar-se na seletividade midiática para, então, obter algum proveito a partir da visibilidade ofertada pelos veículos de comunicação. Dessa maneira, esses adeptos poderiam acessar novas territorialidades, espaços físicos e sociais, a eles, antes vedados, configurando fluídas identidades. Assim, a mídia não sendo um agente social uniforme, possibilitaria, nos termos de Herschmann (2005), “frestas” ou “brechas” que, por sua vez, permitiriam àqueles indivíduos relatar sua condição de proscritos e reivindicar cidadania – obtendo-a, se não pela ação estatal, por meio da mídia e do mercado¹²³.

Herschmann (2005), ao conferir alguma expectativa à democracia de consumo e suas instituições liberais, reconhecendo a mídia e o mercado como vias alternativas ao suposto fracasso do Estado, adota perspectiva, em alguma medida, divergente da formulada por Milton Santos (2015). Precisamente quanto à atuação estatal, o geógrafo considera a sustentação e a defesa de seu fim como parte da estratégia de confusão ideológica – uma vez que o Estado, antes de incidir em qualquer fracasso, segue eficiente na sua missão de viabilizar o acúmulo e a proteção das riquezas na mão dos agentes hegemônicos, agora em nível global (2015, p. 19).

Considerando a minha inserção etnográfica, as características e as modificações constatadas na cena dos duelos de MCs, realizo, no capítulo seguinte, a análise da perspectiva da estruturação social dada, perspectiva que privilegia os interesses dos beneficiados por essa relação de conflito, de violência e de medo, estabelecida entre os segmentos sociais do país.

Por ora, nas seções a seguir, partindo do contato com a Batalha do Vinho e com os aprimoramentos estruturais vivenciados no evento e na cena dos duelos, evidencio a percepção dos indivíduos estigmatizados, aqueles que, com quase nenhum acesso ao consumo e, por isso, à experiência de cidadania, são os primeiros protagonistas do hip-hop e de expressões afins.

¹²³ “Vemos emergir um tipo de estrutura social que aproxima cidadania, comunicação de massa e consumo. Vemos emergir identidades e identificações que se estruturam menos pela lógica do Estado do que pela dos mercados”. (Herschmann, 2005, p. 38-39).

3.1 A PERSPECTIVA DOS ADEPTOS DA CENA, UMA ANÁLISE RITUAL.

A análise ritual dos duelos de MCs pode, de início, causar algum estranhamento. Tratar uma prática atual, permeada por elementos de recente tecnologia, sob chave que remete à abordagem de povos antigos pode soar curioso, um tanto evolucionista. Essa suposição, todavia, muda ao assimilar o comentário da antropóloga Mariza Peirano (2006)¹²⁴, segundo o qual seu “propósito de longo alcance tem sido o de transformar o ritual – esse assunto tradicional, clássico, conhecido – de tema empírico em teoria analítica”. Assim, compreender o ritual não como objeto, mas como propiciador de uma abordagem teórica, atualiza sua validade, esvaziando eventuais juízos negativos quanto à sua utilidade para temas atuais.

A reunião periódica de jovens com vistas a disputar duelos de rimas tem, a princípio, um caráter de especialidade e de excepcionalidade frente às práticas cotidianas desses indivíduos. Assim, as batalhas aparentam serem vividas como um momento de singular destaque, de reconhecimento pessoal positivo entre iguais e por pessoas externas à localidade – como centenas de visitantes curiosos ou veículos de imprensa, seja de televisão, de jornais impressos ou sitiados na internet. Assim, em que pese Peirano ressaltar (2006) que o “comum” e o “excepcional” devem ser identificados pelos nativos, essa aparente caracterização aproxima, desde a primeira vista, a prática das batalhas de um evento passível de uma análise ritual.

Nesta reflexão – em que tomo, como elementos etnográficos, as informações próprias a este capítulo aliadas a outros relatos apresentados ao longo do trabalho, sempre visando melhor compreender os duelos de rimas enquanto prática humana hodierna enredada na vivência social de seus participantes –, a centralidade de nossa atenção estará na obra “Processo Ritual – estrutura e antiestrutura”, de autoria de Victor W. Turner¹²⁵.

3.1.1 As etapas de um processo ritual a partir da Batalha do Vinho.

Embora, a sujeitos externos à Cena, a prática dos duelos de rimas possa aparentar ser algo fútil, desprovido de utilidade, para os seus participantes, ela possui relevante significado. Isso tanto no âmbito psicológico, quanto no socioeconômico dos indivíduos – guardando, a análise desenvolvida neste momento, maior pertinência com o primeiro desses aspectos.

O jovem MC de batalha é, majoritariamente, oriundo de condições sociais e territoriais semelhantes às do funkeiro e do adepto do hip-hop, abordados na obra de Micael Herschmann (2005). Esse indivíduo, advindo de regiões periféricas dos centros urbanos, constituiu o “outro”

¹²⁴ PEIRANO, Mariza. **Temas ou Teorias? O Estatuto das noções de ritual e de performance**. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/download/7321/5248>. Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

¹²⁵ TURNER, Victor W. **O Processo Ritual – Estrutura e Antiestrutura**. Tradução Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. 2ª Ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

reiteradamente submetido à estigmatização no imaginário coletivo da pós-redemocratização; o “outro” que, diante da tão agravada exclusão social, situa-se na representação da nação passiva, constitui uma sociedade diversa, ainda que situada em território contíguo (Santos, 2015).

Por esta razão, considero, *a priori*, a existência de dois âmbitos de relações sociais. Um, com maior concretude, pertinente à vivência entre os excluídos; a outra, fortemente sustentada em construções de ordem ideológica, trata da relação entre essa sociedade de despossuídos e aqueles que, mediante o acesso razoável ao consumo, experienciam, com alguma medida de concretude, as noções de cidadania e outras pertinentes à democracia liberal. No cenário dessa sociabilidade ampla, a dita sociedade brasileira, todos estaríamos reunidos e protegidos pela estrutura e pela força do Estado, pelo manejo exclusivo de seu poderio.

Embora o aparato ideológico atue para convencer acerca da existência de uma sociedade única, ao tempo em que fomenta a subordinação do contingente populacional constantemente controlado, é incontornável que, já em seus primeiros anos, esses indivíduos experienciam contatos que lhes fazem desconfiar da validade de tal integração. Desde muito cedo, aqueles oriundos do referido contingente se percebem vistos como sujeitos indesejados.

Esses olhares e as interpelações habituais travadas nos espaços da sociedade ampla são atenuados ao vivenciar, em eventos como as batalhas de rimas, experiências que apontam em sentido contrário. Ao se ver como MC, o jovem não se percebe como um problema social, conforme lhe convenceram. O momento da batalha pode ser compreendido como um episódio de sacrifício dessa sua imagem social. Na prática do duelo, a submissão aos mais violentos, doloridos e sangrentos ataques, promove a morte desse jovem indesejado. Por meio do duelo, morre a condição de fracasso e se abre a possibilidade de outra experiência social.

Cabe ressaltar as inúmeras referências, nos escritos de Victor Turner (2013), à morte e ao sangue nos rituais; dois símbolos presentes nos duelos de rimas. O “sangue” tem várias utilizações no contexto de uma batalha de MCs, desde nomear a tradicional modalidade de confronto até ser o termo evocativo de todo o processo do duelo. É sangue que o público responde à pergunta do apresentador antes e durante as batalhas – “O que vocês querem ver?” E se não há pergunta, se o público resolve, espontaneamente, comunicar sua vontade, o termo muda, mas o significado não, nos gritos de “Vai, morreeer! Vai, morreeer! Vai, morreeer!”.

Em um processo ritual, a primeira etapa é o destacamento do indivíduo de sua posição na sociedade. Nos duelos de rimas, essa ação é obtida pela condição de MC – esse epíteto afasta não apenas o nome do indivíduo, mas suas diversas particularidades sociais. A utilização do termo MC é apropriada ao estabelecimento da condição psicológica e coletiva de liminaridade – sob ela, o sujeito resta desprovido de cor, de gênero, de origem regional (do país ou da cidade).

Temos aí, diversas características do ritual, como a homogeneidade, a igualdade, a anonímia; em suma, a redução de todos os indivíduos ao mesmo nível quanto às suas “condições sociais”.

Logo, não importa o histórico de vida que cada um traz, a condição de MC iguala a todos. Ao se dirigir para um local de batalha, como o Jesiel Figueiredo, e se colocar em trânsito no processo ritual, o MC encontra “um momento fora do lugar e do tempo”, ele experimenta uma “mistura de submissão e santidade”, experiência que lhe estimula a seguir suas relações, tanto nos laços comunitários entre excluídos, quanto no âmbito da sociedade ampla, por mais precárias e ameaçadoras que essas relações sejam. Nas palavras de Turner (2013, p. 98-99):

O que existe de interessante com relação aos fenômenos liminares no que diz respeito aos nossos objetivos atuais é que eles oferecem uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem. Assistimos, em tais ritos, a um "momento situado dentro e fora do tempo", dentro e fora da estrutura social profana que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento (no símbolo, quando não mesmo na linguagem) de vínculo social generalizado que deixou de existir, e, contudo, simultaneamente tem de ser fragmentado em uma multiplicidade de laços estruturais. São os laços organizados em termos ou de casta, classe ou ordens hierárquicas, ou de oposições segmentares, nas sociedades onde não existe o Estado, tão estimada pelos antropólogos políticos. É como se houvesse neste caso dois modelos principais de correlacionamento humano, justapostos e alternantes. O primeiro é o da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de "mais" ou de "menos". O segundo, que surge de maneira evidente no período liminar, é o da sociedade considerada como um "comitatus" não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciões rituais.

Com o afastamento de sua condição social – de marginalização na sociedade ampla – e sua homogeneização sob o termo MC, o jovem passa por uma experiência de liminaridade. Tudo que, a partir do “sistema estruturado”, possa ser utilizado como xingamento, servirá para a submissão do indivíduo; o que há de mais inferior na sociedade estruturada, será a ele atribuído naquele momento de “relativa indiferenciação”, de “comunhão”. Assim, não causa estranheza que os principais ataques entre MCs sejam baseados na redução da virilidade do adversário ou no questionamento de sua capacidade para se portar nas ruas, acusando-o ora de ser gay, ora de ser, querer ser ou parecer ser um playboy. A equiparação ao playboy, inclusive, deve ser compreendida como mais uma forma de acusar a ausência de virilidade do adversário.

Encerrado o duelo, tem-se um indivíduo renovado – condição correspondente à terceira fase do processo ritual, a reagregação. Agora, o MC obtém, como consequência, a renovação da percepção de si, uma renovação psicológica. Tais consequências apresentam duas facetas, uma perante os demais participantes da batalha, outra, diante da sociedade ampla.

O primeiro desses efeitos é o fortalecimento do grupo, de sua identificação enquanto comunidade, na qual se veem como iguais a partir da compartilhada condição na sociedade ampla. Se das relações estruturadas vem a exclusão, tem-se na iniciativa empreendida uma sociabilidade que legitima sua existência social; ensaia-se uma outra estruturação, fortalece-se uma comunidade de não possuidores à margem da sociedade brasileira. Todavia, o contato com a sociedade ampla é inescapável. Acessar burocracias e serviços públicos, colocar-se, ainda que de maneira marginal no mercado de trabalho, dentre outros fins, exige tal contato.

Logo, coloca-se a segunda faceta decorrente da situação de sujeito emergido da experiência liminar. Ao fazê-lo, o jovem se encontra disposto a reingressar na sociedade estruturada, pois, ao fim do processo, restaram renovadas as suas esperanças e expectativas. Ao ter o reconhecimento entre iguais, ele fortalece e legitima sua existência e sabe que um eventual novo fracasso na sociedade estruturada não significará sua exclusão social definitiva, pois poderá, sempre, se submeter àquele processo de legitimação em sua comunidade de fato.

Entretanto, a prática das batalhas de rimas experimenta um processo de estruturação no qual se constata uma significativa mudança nesse valor ritual dos duelos. Isso ocorre por meio de modificações de diferentes ordens, tais como a crescente presença de um público, a princípio, estranho à localidade e ao momento inicial dos encontros; com a demonstração de interesse por empresas e por veículos de imprensa – mudanças que se dão, pois, em concomitância com a disseminação, pela mídia e pelo mercado, dos elementos da expressão cultural para consumo de outros segmentos sociais (Herschmann, 2005). Há, pois, uma conjunta potencialização e desestabilização daquele efeito ritual. Aquela, até então, instância de legitimação entre iguais em meio à exclusão passa a constituir um eventual instrumento de acesso à sociedade ampla e estruturada – ainda que não haja indícios de que essa inclusão seja quantitativamente significativa, mostra-se tentadora em razão de seu convencimento ideológico.

Cabe recordar que no início dos encontros da Batalha do Vinho não havia uma clara distinção entre quem seria rimador, organizador ou público, os ali presentes eram tudo isso em potência. Essa confusão – ou inexistência de – de papéis estendia a todos os efeitos psicológicos aqui abordados. Seja por timidez ou por qualquer outro motivo, aqueles que não desejavam rimar com habitualidade ou não haviam rimado até aquele momento eram, em alguma medida, beneficiados pelo efeito do ritual coletivo. A situação, contudo, muda de figura com a intermediação profissional e técnica, com a definição de papéis a distinguir os indivíduos.

Como dito, se a estruturação das batalhas traz a instabilidade de seus efeitos, ela também potencializa as formas de reconhecimento disponíveis aos jovens MCs que, agora, podem destacar-se na sociedade ampla, a sociedade de consumo. A instância de renovação

coletiva, torna-se uma instância de reconhecimento estrutural, um meio de galgar a inclusão socioeconômica. Assim, o jovem indesejado na sociedade brasileira, já não existe mais. As pessoas que antes desviavam o caminho ao vê-lo, a partir de agora, o abordam, pedem para tirar fotos, eventualmente para serem amigos no Facebook, perguntam-lhes o '@' para segui-los no Instagram – quem antes temia ser seguido por eles, agora quer segui-los! Os momentos vividos nas batalhas de rimas passam a oportunizar aplausos vindos de fora do seu lugar físico e social.

Embora na manhã seguinte não haja duelos, aplausos ou fotos, renova-se a disposição para as ruas da cidade e para as filas do mercado de trabalho. Por mais que os 'não' se reiterem, aquele jovem sabe que nem todas as pessoas o rejeitam. Ele acredita na possibilidade de uma vida melhor, sabe que é plenamente viável ser um artista, sair do anonimato, das sombras das ruas, ter uma vida materialmente digna, ajudar seus familiares e amigos. Ao fim, se tudo não sair como o sonhado, caso não chegue a ser um bom emicida (vencendo os duelos, exterminando os adversários) ou mesmo o novo Emicida (um famoso rapper), ele conseguirá exercer uma profissão e/ou acessará uma faculdade. Se os objetivos não forem alcançados, ele viverá de serviços realizados a partir das técnicas próprias às vertentes do hip-hop que domina. Afinal, se tantas pessoas que têm esses acessos o aplaudem, ele certamente pode vir a tê-los.

Se os duelos viabilizam a convivência na sociedade estruturada, alguma relação há entre as extremadas dificuldades vividas e a constatação de que a periodicidade semanal não se faz suficiente a muitos MCs, os quais percorrem a cidade para participar dos duelos possíveis.

No caso sob análise, as relações travadas no âmbito da sociedade brasileira constituem, nas palavras de Turner (2013), o conjunto “de posições político-jurídico-econômicas”, ou seja, a estrutura hierarquizada que vindo do passado busca se protrair ao longo do tempo.

Entretanto, a constituição dessa sociedade se dá não pela coincidência de interesses, mas por assimétricas condições estruturais entre os seus contingentes que mais parecem constituir sociedades distintas, apenas ideológica e violentamente conectadas. Nesse sentido, as populações periféricas constituem sociabilidades situadas no âmbito da inferioridade estrutural; lugares propícios, ressalta Turner, para a manifestação de experiências liminares, experiências de *communitas*. Antes de adentra, precisamente, à análise dessas ocorrências, cabe evidenciar certos elementos do processo ritual, a condição do neófito nas batalhas de MCs e o tratamento dispensado ao organizador da Batalha do Vinho sob a perspectiva de submissão da chefia.

3.1.2 A condição do neófito na Batalha do Vinho.

A liminaridade submete o sujeito do processo ritual à redução de suas características pessoais de maneira a que se torne uma espécie de matéria-prima, sem nome e indistinto dos demais indivíduos. O neófito, nessa experiência, ao ter seu primeiro contato com as fases do

processo ritual, deve se encontrar demasiadamente disponível, sujeitado à autoridade ritual – apenas, posteriormente, vindo a usufruir de seus efeitos. Essa autoridade, segundo Turner (2013, p. 104), “nada mais é do que a comunidade total”. No caso, para além de uma comunidade imediata constituída pelos principais integrantes da Batalha do Vinho, certa noção de autenticidade conectada às condições sociais originárias e ao engajamento esperado a partir da ideia do quinto elemento pairaria como uma autoridade imanente ao hip-hop.

Certa vez, compareci ao Jesiel Figueiredo com a missão de levar panfletos a serem distribuídos pela organização constituída após a saída do MC Bolla. Naquela tarde, estávamos à mesa em que Roney costuma ficar durante a apresentação da Batalha do Vinho. Faltava, então, cerca de meia hora para o início dos duelos quando apareceu um jovem que não era da Zona Norte, mas que conversava intensamente no grupo do WhatsApp. Esse jovem esporadicamente brincava de rimar no grupo até que um dia anunciou que iria batalhar. Naquela tarde, então, um dos participantes da Batalha veio até Roney e comentou que o “boy” (não era, pois, um MC) tinha vindo e pensava em colocar seu nome na lista – embora estivesse receoso de fazê-lo.

Os duelos costumam ser casados por combinação aleatória, alguém do público escolhe os números que foram, pela ordem de chegada e inscrição, atribuídos aos MCs. Não sabendo quem está sob qual número, o público estabelece os pares de MCs. A lista fica sobre a mesa, exposta à checagem de quem eventualmente deseje fazê-lo. Entretanto, como ordinariamente não há nada de maior relevância envolvido, não se costuma questionar essas formações.

Na oportunidade, Roney, em tom jocoso, indagou seu interlocutor sobre qual seria o melhor MC para combinar o primeiro confronto “daquele boy, para ele sentir o drama”. Roney falava sorrindo, seu interlocutor também sorriu. Logo, outras pessoas introduziram assuntos diversos e a conversa mudou. Não sei dizer se o confronto do boy que queria ser MC foi casado aleatoriamente ou não. O que posso afirmar é que nenhuma vantagem teria Roney, o participante com quem ele conversou ou qualquer outra pessoa. O que seria privilegiado ali, seria a normatividade ritual da Batalha do Vinho ao promover a plena submissão do neófito.

Nesse sentido, muitas são as particularidades suprimidas dos candidatos a MC, quando de sua condição de neófito. Nenhum desses elementos, contudo, causa tanta resistência e discussão nos duelos da Batalha do Vinho quanto a tentativa de eliminação das distinções de gênero – a própria noção do que seja a eliminação de tal distinção causa intensas discussões. Debate-se se conferir tratamento igual às mulheres seria não as atacar em razão de sua condição de gênero ou se seria, ao contrário, justamente não lhes poupar nenhuma das características de inferioridade estrutural ao empreender sua liminaridade, objetivando sua absoluta submissão.

Na perspectiva ritual, a elaboração de ataques baseados no gênero exige uma valoração diversa daquela vigente na sociedade estruturada. A oposição a esses ataques é, no processo ritual, compreendida como forma de resistência à redução do indivíduo à condição de neófito.

Neste sentido, Turner (2013) é claro ao evidenciar a proximidade da liminaridade com as condições de inferioridade na sociedade estruturada. Ao jovem do sexo masculino os ataques são, em regra, baseados na atribuição de práticas e/ou de desejos homossexuais e na inaptidão quanto ao traquejo das ruas. Nega-se, pois, a sua virilidade, o coloca-se como indivíduo inferior, quer na masculinidade, quer na normatividade social. De tal maneira, ele estaria mais para um *(play)boy*, do que para um MC. Já para as mulheres, os ataques insistem em atingi-las nessa sua condição de gênero, laço inferiorizado na sociedade estruturada. A força da defesa política dos direitos das mulheres comprova, com a sua imprescindibilidade, tal condição frente a hegemônica imagem do homem branco, cis e hetero, na estruturação social vigente. Por essa razão, a condição de gênero constitui o mote na redução da neófito no momento de liminaridade.

Para além das reivindicações atuais, a distinção de sexo/gênero é uma das principais características a ser superadas nos diversos processos rituais ao longo do tempo. Isso por se tratar de uma relevante distinção nas diversas estruturas sociais. Afirma Turner (2013, p. 104),

“Em muitas espécies de iniciação, nas quais os neófitos são de ambos os sexos, homens e mulheres vestem-se do mesmo modo e são denominados pelo mesmo termo. (...) simbolicamente, todos os atributos que distinguem categorias e grupos na ordem social estruturada ficam aqui temporariamente suspensos. Os neófitos são meramente entidades em transição, não tendo ainda lugar ou posição”.

É nesse sentido que o autor destacar haver situações rituais que exigem a interrupção das atividades sexuais. Isso não como um fim em si, mas pelo fato de a atividade sexual ser compreendida como indicativo de que os sujeitos se vêm a partir da oposição/combinção sexual, portanto como diferentes, negando assim sua assimilação enquanto neófitos. Logo, o MC que não aceitar agressões à sua virilidade, a atribuição de práticas homossexuais e de preferências homoafetivas, não agirá com o comportamento esperado de um MC. Por sua vez, as MCs que procurarem interditar a condição de gênero na formulação dos ataques contra si perpetrados serão compreendidas como resistentes à sua completa submissão enquanto neófitas.

Apesar do tema gerar constantes discussões na Batalha do Vinho, poucas são as MCs que vi duelar. Isso se dá, provavelmente, por, no momento inicial, ao se submeterem aos duelos, serem logo atacadas nesse ponto – em sua condição de mulher. A não admissão de ataques desta ordem e a não concessão pelos adversários faz com que as MCs se afastam dos duelos. A moça que esteve, ao tempo em que iniciava essa pesquisa, em constante conflito com os organizadores da Batalha do Vinho e com o MC Kennedy, se apresenta, nas redes sociais, como MC. Contudo, não registrei outras interações suas após os casos ocorridos àquela época.

Como apontei no capítulo anterior, merece destaque também a participação do MC Barará. Em razão de sua orientação afetiva, o MC é reiteradamente provocado nas rimas. Após algum tempo de participação e apesar dos constantes ataques desse viés, Barará não se afastou dos duelos e não foi segregado pelos demais participantes. Ao contrário, registrei ações de reconhecimento quanto à sua relevância para a Cena, bem como manifestação de apoio a ele e de repreensão aos MCs que faziam referência a ele em ataques dirigidos a outros adversários, utilizando sua imagem como comparação negativa em confrontos em que ele não era parte.

Há, pois, a compreensão de que é possível respeitar o adversário, independentemente de qualquer característica pessoal. Ainda que proferida em um momento tenso, a disposição para fazê-lo pode ser constatada na rima – transcrita no capítulo anterior – em que o MC Doggie afirma a separação desses quesitos: “você é gay, mas isso não é desculpa para não ser sujeito-homem”. Ser sujeito-homem seria saber se portar, saber ouvir e suportar as agressões proferidas nos duelos. Desde que saiba observar a normatividade do processo ritual, o MC será respeitado.

Em todo caso, a orientação do MC não é esquecida. Sendo a homoafetividade um laço estrutural marcado pela inferioridade, a liminaridade do indivíduo será continuamente promovida a partir desse traço. Contudo, após a submissão, se dá a reagregação do participante enquanto membro do grupo. Em que pese suas particularidades e a eventual descriminação que elas tragam no âmbito da sociedade ampla, o indivíduo será sempre aceito entre os seus; desde que aceite o processo ritual, que se mostre sábio o suficiente para suportar sua submissão à autoridade da comunidade total. Isso porque, segundo os escritos de Turner (2013, p. 104):

O neófito na liminaridade deve ser uma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo *status*. Os ordálios e humilhações, com frequência de caráter grosseiramente fisiológico, a que os neófitos são submetidos, representam em parte a destruição de uma condição anterior e, em parte, a têmpera da essência deles, a fim de prepará-los para enfrentar as novas responsabilidades, de refreá-los de antemão, para não abusarem de seus novos privilégios. É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade.

Apesar da baixeza caracterizadora das humilhações infligidas aos neófitos, constata-se, também, que a finalidade do processo é preparar aqueles que se propõe a serem membros do grupo para enfrentar novas responsabilidades. Afinal, mal saídos da infância, os indivíduos, nas periferias, experimentam suas primeiras agressões, constataam que quase nenhum assunto é interditado, física ou simbolicamente, nos processos de humilhação que sofrem, sobretudo, no contato com os agentes da violência estatal – que pela construção ideológica dominante na sociedade brasileira são chamados de Segurança Pública. É para essa realidade que os espaços de sociabilidade periférica, ao surgirem, preparam os seus integrantes, pois o equívoco nesse diálogo pode resultar em sérios prejuízos, não apenas para o indivíduo, mas para os seus iguais.

3.1.3 O rito de submissão da liderança na Batalha do Vinho.

Silêncio! Tu és um tolo egoísta e desprezível, além de ter mau gênio! Não amas teus companheiros, só te zangas com eles! Baixeza e ladroeira é tudo o que tens! No entanto, chamamos-te aqui e te dizemos que deves ser o sucessor na chefia.

O trecho acima é parte da homília recitada pelo Kafwana no rito kumukindyila, do povo Ndembu em Zâmbia e transcrita por Victor Turner (2013, p. 102) ao tratar da investidura do Kanogeshá, cargo de chefia daquele povo. Todavia, se eu afirmasse ter sido dirigido à Roney, quando passou a liderar a Batalha do Vinho, certamente eu receberia a credibilidade do leitor.

No início dos encontros da Batalha do Vinho, quando inexistia um posto de liderança com atribuições ao seu titular quanto à organização e à representação do evento, os participantes que se reuniam para duelar por meio de rimas se encontravam horizontalmente dispostos. Com o tempo, a necessidade de tal liderança se fez evidente. Essa demanda, todavia, motivou nos indivíduos reações tendentes a destacar a prevalência do grupo, do interesse coletivo dos que passavam à condição de representados perante os interesses particulares de seu representante.

Tal como nas sociedades pré-industriais, a ocupação da condição de chefe é precedida por uma experiência de liminaridade que faz seu postulante compreender que o poder que exerce não existiria sem aqueles que lhes são individualmente inferiores, desprovidos de prerrogativas semelhantes às que ele está a receber. Trata-se daquilo a que Turner se refere, em expressão emprestada de Iowan Lewis, como “os poderes dos fracos (2013, p. 101)”. Esses são poderes exercidos pelos inferiores estruturais, os quais, no âmbito das sociedades estruturadas da contemporaneidade, costumam ser exercidos em face dos supostos representantes políticos.

Ocorre que, diante da estruturação que se descortina à prática dos duelos de rimas, concretizando-se, na Batalha do Vinho, a ruptura com a horizontalidade inicialmente existente, tais poderes são exercidos também contra aquele que personifica o movimento de estruturação.

Sendo a submissão experimentada intrinsecamente ligada à condição de representação, ela independe da situação conjuntural do grupo e das características pessoais do eventual chefe. Relembremo-nos que as referidas ações de estruturação não foram iniciadas por Roney, já sendo empreendidas pelo MC Bolla – foi esse que obteve os microfones e a caixa de som inicialmente utilizados e foi ele que primeiro convocou os participantes para que comparecessem à Funcarte com o intuito de obter autorização definitiva para utilizar o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. À semelhança do que se deu com Roney, registrei reclamações contra o controle exercido pelo MC Bolla sobre as publicações realizadas no grupo da Batalha do Vinho no Facebook. Portanto, as reclamações contra o líder, muitas vezes são inerentes à própria condição/função.

Em se tratando da submissão do ocupante de um posto de liderança entre indivíduos socialmente marginalizados, é compreensível que esse processo se dê a partir da imagem que se tem dos ocupantes dos cargos político-administrativos, na sociedade estruturada – qual seja, a arbitrariedade no exercício dos poderes e o enriquecimento pessoal. No mesmo sentido, considerando o processo eleitoral e a democracia representativa vigentes, é compreensível que o rito de submissão da chefia – o *insulto ao chefe eleito* – seja realizado com certa periodicidade, como se fosse um novo mandato. É assim que devem ser compreendidas as avaliações, sempre no início dos ciclos anuais, acerca da continuidade de Roney à frente da Batalha do Vinho.

Atente-se, ademais, que, se valendo de observação de Monica Wilson, Victor Turner (2013, p. 103) salienta a importância da função profilática do rito, pois “o chefe precisa exercer o autocontrole nos ritos para ser capaz de autodomínio depois, diante das tentações do poder”.

Assim, Roney se comportava positivamente diante da demanda por autodomínio. Seja nos gritos do público de ‘Fora Roney’, proferido em tom jocoso (mas não desprovido de certa mensagem de alerta) e que ele tratava como uma “forma de brincadeira do público”; seja nos comentários provocativos constantes e intensos no grupo do WhatsApp, não presenciei qualquer irrupção de ira de sua parte. Roney seguia, “como um escravo na noite antes de subir ao trono” (Turner, 2013, p. 103), sempre silente diante das brincadeiras, demonstrando sua submissão à autoridade coletiva. Ao evidenciar seu autocontrole diante das provocações, ele reiterava sua legitimidade e sua capacidade para lidar com os agentes da estrutura social – muitas vezes provocativos e violentos – na defesa dos interesses da Batalha do Vinho.

Roney sabia tratar seus principais críticos – os *haters* como passou a defini-los – como as figuras mencionadas por Turner que se constituem numa espécie de “bobo da corte”. Personagens a quem é autorizado tudo dizer ao chefe, sem que isso gere rupturas de qualquer espécie. Em público, Roney parecia desprezar essas provocações e, nas redes sociais online, solicitava que os interessados nos caminhos da Batalha do Vinho o procurasse em particular.

O rito de submissão da chefia demonstra a precaução coletiva com o risco de o detentor do poder conferido pelo grupo manejá-los inadequadamente ou em benefício pessoal, em detrimento dos interesses partilhados. Mais do que quaisquer indícios concretos de malversação, o que se tem é o proveito de eventuais circunstâncias fáticas, minimamente úteis a esse fim, para a construção de acusações-alertas ao chefe. Roney parecia compreender essa situação; parecia saber que tais alertas não representavam a ausência de legitimidade, mas, ao contrário, sua contínua validação. Afinal, ele seguia sendo o organizador da Batalha do Vinho; condição que só viria a ser alterada quando a autoridade legitimadora não mais fosse o grupo local, a Batalha do Vinho – quando, então, se percebeu que a estruturação havia ido longe demais.

3.1.4 A ausência de elevação de status, a permanente inferioridade.

Victor Turner (2013, p. 97) observa que nas sociedades complexas a liminaridade resulta progressivamente da divisão do trabalho que promove o reingresso do indivíduo com um inteiro suplemento de posições e papéis estruturais. Trata-se essa de uma primeira espécie ritual, os “ritos de elevação de status”. Característico dos fortes estruturais, por meio deles o sujeito é conduzido de patamar mais baixa para um mais alta, em um sistema institucionalizado de posições. Um segundo tipo são os “ritos de reversão de status”. Esses têm caráter coletivo e ocorrem com certa periodicidade, geralmente em determinados momentos do ano. Sobre essa espécie, Turner (2013, p. 111) observa que:

(...) grupos ou categorias de pessoas que habitualmente ocupam baixas posições na estrutura social, são positivamente obrigadas a exercer uma autoridade ritual sobre seus superiores, devendo estes, por sua vez, aceitar de boa vontade a degradação ritual. São com frequência acompanhados por vigoroso comportamento verbal e não verbal, em que os inferiores insultam e até maltratam fisicamente os superiores.

Considerando as relações travadas na sociedade brasileira, podemos conceber como, no âmbito da Batalha do Vinho e mesmo no contexto social característico das cenas dos duelos de MCs, essas espécies rituais se produzem. A realidade já abordada evidencia a ineficiência ou a completa ausência de grupos e serviços educacionais. Nesse sentido, os ritos de elevação de status, concretizados pelo avanço, a partir da especialização técnica, nos postos do mercado de trabalho, restam indisponíveis. De tal sorte, constata-se que aos nossos inferiores estruturais não é habitual oportunizar-se experiências de ascensão aos papéis e às posições superiores.

Considerado as relações internas ao grupo, se alguma ascensão pode ser apontada é aquela própria à inclusão do neófito, do jovem que, ao se tornar MC, é habilitado como legítimo representante do grupo. Essa valoração indica a validade de uma comunidade de fato, diversa daquela estabelecida no âmbito da sociedade nacional, ampla e estruturada. A zona intermediária de diálogo entre essas duas sociabilidades apresenta também certa especificidade. A condição de agente da interlocução com a sociedade estruturada, confere, no trato dispensado pelo grupo ao seu representante, características típicas de um ritual de elevação de status. Sendo essa espécie ritual, em regra, realizada pelos fracos em face de um superior estrutural, sua ocorrência perante um, até então, igual a quem necessitam conferir certos poderes e privilégios é a causa da instabilidade que marca o grupo no seu processo de estruturação. Portanto, aquilo que é o ritual de insulto ao chefe eleito é, da perspectiva desse, seu momento de elevação de status.

O principal contexto dos rituais de reversão de status, contudo, é o das relações entre os inferiores e os superiores estruturais no âmbito da sociedade ampla. É certo que os superiores

estruturais devem ser compreendidos como os indivíduos que obtêm os benefícios econômicos e simbólicos da lógica estrutural vigente – a nação ativa na concepção da globalização vigente (Santos, 2015). Contudo, é com a faceta do aparato estatal, com os prepostos daqueles efetivamente superiores, que os inferiores estruturais se relacionam diariamente.

Consideremos os efeitos que os duelos de MCs produzem em seus participantes. Essa prática constitui encontros periódicos nos quais jovens, majoritariamente oriundos das periferias dos centros urbanos, são autorizados – como veremos no capítulo seguinte – a responder as agressões sofridas no cotidiano. Não são raras as referências, em tom de agressiva crítica, à atuação policial nas rimas elaboradas pelos MCs – termos pejorativos como *vermes* (que, ao tempo em que cassa a imagem de um sujeito detentor de grande força e poder, acrescenta a ideia do nojo, do indigno) são utilizados para identificar os agentes da violência estatal. A realização desses eventos, em pontos diferentes das grandes cidades, pode ser compreendida como uma concessão dos fortes estruturais, dos detentores do poder econômico, para que os inferiores experienciem a reversão da exploração continuamente sofridas.

Ao tratar dessa espécie ritual, Turner (2013) observa que uma de suas variantes se dá quando os inferiores simulam a posição e o estilo dos superiores. De fato, no curso dos duelos, os MCs adotam postura semelhante àquela dos agentes estruturais. Ao atacarem seu adversário, o fazem, em grande medida, sem se distinguir de seus algozes fardados. Não são à toa as referências à morte e ao sangue: numa batalha, o MC procura agir com máxima violência, assim como os agentes da violência estatal fazem nas periferias. As batalhas, então, se aproximam daquilo que Turner (Ibidem, p. 156) chama de “uma fantasia de superioridade estrutural”.

Assim, as intervenções policiais, por mais ameaçadoras que sejam, não concretizam a interrupção definitiva da prática dos duelos. Os comportamentos mais acentuados devem ser entendidos como decisões individuais desses agentes, os quais desconfiam de sua contraditória condição. A beligerância com que interrompem os duelos decorre do fato de o policial não se ver como um forte estrutural. Isso porque, realmente, não o é. Apenas, serve aos que o são.

Em todo caso, as intervenções policiais podem destoar das diretrizes estabelecidas pelos fortes estruturais, aqueles que regem a ordem social e que dela se beneficiam. Esses, no máximo, toleram a eventual ocorrência de excessos como forma de alerta aos fracos para que não extrapolem o espaço autorizado de reversão. Diante de alguma ameaça concreta a essas formas momentâneas de inversão de status, outras instâncias estruturais, outras facetas do aparato estatal (como a Secretaria de Cultura, o Ministério Público e o Poder Judiciário) ou o poder convocatório da mídia, estarão disponíveis para intervir, assegurando a sua continuidade.

Esses rituais, portanto, são indicativos da manutenção da ordem social estruturada. Se os fortes permitem tal âmbito de agressões simbólicas é porque sabem que por meio deles se dá o extravasamento dos sentimentos de revolta, do potencial de ira, da insatisfação que poderia conduzir a ações concretas em busca de mudanças estruturais no relacionamento entre fortes e fracos. Por sua vez, os participantes dessas experiências, ao tempo em que, por meio dos duelos, marcam posição contrária a essa assimétrica realidade social, renovam sua capacidade de suportar os efeitos nefastos da relação estrutural, renovam sua tolerância e suas expectativas.

A concepção de juventude como estágio de maturação para a vida adulta, conectada a determinada faixa etária – conforme discutido por Antônio Groppo (2000) –, guarda relevância nesse processo. Com o passar do tempo, o indivíduo tende a perceber a ineficácia da prática dos duelos para além do efeito imediato de reversão de status. Concomitantemente, o ingresso na idade adulta exige a interrupção de sua participação naquela prática. Depois de algum tempo imerso nas batalhas, o MC parece se cansar daquela “brincadeira”. Assim, se não a deixa por completo em busca de atividade remunerada alheia aos duelos, a enxerga sob outra perspectiva.

Muitos desses participantes, independente dos recursos que dispõem para investir em projetos de ascensão social por meio do hip-hop, a exemplo do périplo dos candidatos a MC como narrara Herschmann¹²⁶, procuram fazê-lo. Nesse cenário, não se tem mais uma prática única ou majoritariamente validada por seu efeito ritual, mas sim a compreensão desse espaço como instrumento de inserção e de estabelecimento profissional do indivíduo nas áreas da música ou do entretenimento. Assim, para os inúmeros jovens que seguem na cena enxergando-a como espaço de subsistência material, se coloca uma gradação de perspectivas e resultados.

É possível que alguns MCs alcance o sucesso pretendido. Embora sejam poucos, essa ocorrência será suficiente à elaboração de uma projeção ideológica para os demais, contribuindo para a construção desse caminho como um sonho verossímil. Assim, os MCs, guiados por esse exemplo, seguirão competindo por seu espaço, tendo, até lá, a chance de exercer atividades remuneradas geradas pela cena – como a reprodução das técnicas que constituem as vertentes do hip-hop. Em todo caso, trata-se de uma perspectiva profissional, não mais ritual dos duelos.

Logo, considerando a experiência junto à Batalha do Vinho, os ritos de elevação de status – como indicativo do alcance de papéis sociais relevantes, o que na sociedade atual se dá por meio do mercado de trabalho especializado – são escassos ou mesmo inexistentes. Por outro

¹²⁶ “Alguns candidatos a MCs no “Sardinha” – *point* de rua, onde funcionava até 1997 uma espécie de “bolsa de empregos” do mundo funk – relataram-me os obstáculos que tinham de enfrentar só no processo de produção da fita ou, para aqueles que podiam economicamente, na produção do MD (minidisc). Além da escolha das bases e da elaboração das letras das músicas, quase todos tinham de levantar fundos para a gravação das músicas em pequenos estúdios, fator que poderia ser decisivo na escolha dos empresários” (2005, pag. 257).

lado, a prática do duelo de MC é dotada de características próprias aos rituais de reversão de status, sendo essa espécie, pois, autorizada. Enquanto a primeira forma ritual tem a finalidade de consagrar a ascensão na ordem social vigente; a segunda tem a de manter suas assimetrias. Os ritos de reversão, desprovidos de grande potencial de modificação das relações sociais produtoras de desigualdades, indicam a persistência da fraqueza dos fracos, pois, revelam que a sociabilidade, em alguma medida organizada, entre indivíduos estigmatizados não se mostra apta, ao menos ainda, a fazer das batalhas instâncias formuladoras de ações mais incisivas.

3.1.5 A estruturação da Batalha do Vinho, entre as *communitas* espontânea e ideológica.

Inicialmente, quando o MC Bolla empreendeu os primeiros atos visando à expansão da Batalha do Vinho (aquisição de equipamentos e autorização para uso do espaço fechado), não houve grande resistência a esse movimento, nem à sua posição de representante da Batalha do Vinho. Essas ações resultaram na continuidade dos encontros e na aproximação, cada vez maior, de pessoas. Enquanto experiência integrativa, como prescreveu Turner (2013, p. 127) acerca daquilo que denomina *communitas*, tratava-se do encontro entre o *Eu* e o *Tu*, de evento cuja condição originária tende a se expandir, se possível até à humanidade.

Contudo, após as modificações na Batalha do Vinho dirigidas à intensificação de sua estruturação, atos de resistência ou conservadores são percebidos. A condição de liderança passou a ser exercida por alguém que não havia experienciado a condição de neófito, alguém não submetido às regras do processo ritual. Os questionamentos à chefia em um grupo situado na zona de inferioridade estrutural foram maximizados pelo fato de Roney, diferentemente do “MC” Bolla, não estar colocado de maneira igualitária frente aos demais participantes. Logo, as indagações acerca de uma eventual descaracterização da experiência inicial se viam incrementadas pelo maior risco de confusão com os interesses particulares, interesses que não visariam a simples expansão destinada a abarcar os beneficiários dos efeitos rituais das batalhas.

Embora o processo de estruturação tenha se mostrado conveniente, as modificações dele decorrentes logo foram postas em dúvida por desconfigurar as características do evento. O contínuo fortalecimento desses questionamentos intensificou as ações pertinentes à submissão da chefia, ou seja, a reafirmação da coletividade total a partir dos poderes detidos pelos fracos. Logo, aumentava-se a insistência para o retorno da Batalha do Vinho à uma condição anterior – clamava-se por uma Batalha como “nos velhos tempos”; insuflava-se a realização da Batalha do Vinho “das antigas” ou “do Nélio Dias”, a Batalha do Vinho “Old Scholl”.

Em suma, passa a se defender uma experiência primeira, originária, a persistência de algo semelhante a uma “*communitas* espontânea” (Turner, 2013, p. 127). O autor, à certa altura,

ao evidenciar posicionamentos como esses, se vale de referência à personagem shakespeariano. No trecho a seguir transcrito, retrata um comportamento guiado por grande inocência e pureza, relutante frente à necessidade de estruturação, de contatos com a sociedade formal, seus órgãos e seus agentes. Vejamos as palavras do próprio Turner (2013, p. 131):

Ele (Gonzalo) evita assim a dificuldade crucial de todas as utopias – a de que os homens teriam de prover as necessidades da vida mediante o trabalho, ou, no jargão dos economistas, deveriam mobilizar recursos. Mobilizar recursos significa também mobilizar pessoas. Isto implica uma organização social, com seus ‘fins’ e ‘meios’ e a necessária ‘demora das recompensas’, tudo isto acarretando o estabelecimento, mesmo transitório, de relações estruturais ordenadas entre os homens. Desde que, nessas condições, alguns devem ter a iniciativa e comandar, e outros responder e obedecer; um sistema para a produção e a distribuição de recursos contém em si as sementes da segmentação e da hierarquia estruturais. Gonzalo contorna este fato embaraçoso supondo uma incrível fertilidade da natureza – mostrando com isso o absurdo de todo seu nobre sonho.

Nesse sentido, se há algo que Roney soube fazer na Batalha do Vinho foi mobilizar recursos, foi mobilizar pessoas. Diante da arbitrária investida policial, ele contribuiu ao mobilizar conhecidos para escrever uma carta de denúncia no Facebook. Em seguida, mobilizou seus contatos no partido político para obter apoio na realização do aniversário da Batalha do Vinho e depois mobilizou a Secretaria de Cultura do Município (inclusive se valendo do poder de mobilização junto ao partido e ao deputado de oposição) para obter, além da autorização de uso permanente do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, a disponibilização de equipamentos que vieram a garantir melhor a qualidade técnica ao evento. Roney, se valendo apenas de suas estratégias, levou à Batalha do Vinho, nomes como Diomedes Chinaski e Fábio Brazza. No primeiro dia com o Brazza, ele mobilizou Grimário para conduzi-los, em seu carro e às suas custas, pela cidade e tinha a minha presença como sua mobilização para caso precisasse fazer “uma presença – R\$” com o Brazza. No mesmo sentido, veremos a seguir, Roney também mobilizou seus contatos para ajudar participantes da Batalha do Vinho que falaram mais do que deviam e, quando salvar seus amigos não era possível, acompanhou procedimentos póstumos.

Alguns participantes, à semelhança do Gonzalo de Shakespeare, parecem acreditar que os encontros da Batalha do Vinho poderiam continuar a ocorrer sem medidas destinadas a salvaguardar a segurança e o bem estar de todos – medidas que inevitavelmente conduziriam a experiências de estruturação, de hierarquização e de algum protagonismo individual.

Em seu início, a Batalha do Vinho tendia à humanidade, estando aberta a todos os interessados. Nas oportunidades em que compareci ao Jesiel Figueiredo, jamais sofri qualquer rejeição. Igualmente, não testemunhei qualquer resistência a presença de amigos que me acompanharam ao longo da pesquisa ou de outros visitantes. Contudo, o aumento do público

presente e a repercussão que o evento passara a tomar despertaram o interesse de agentes estruturais (iniciativas comerciais, ocupantes de cargos públicos, militantes políticos e universitários). A percepção desse interesse externo e da repercussão favorável ao responsável por esse processo de crescimento foi percebida como um risco de capitulação do evento pelos superiores estruturais. De tal sorte, entre seus participantes, intensificou-se a disposição para resistir às mudanças que conduziam aquela experiência do tipo *communitas* espontânea para algo situado no âmbito da estrutura, uma *communitas* normativa, conforme Victor Turner.

Nesse sentido, as paralisações anuais eram compreendidas como atos de concessão do evento, de comprometimento da experiência de *communitas* em favor da estrutura social e de violação da integridade cultural. Para alguns, a interrupção decorrente do condicionamento burocrático do poder público municipal era interpretada como o cerceamento de um direito – não o direito ao lazer, mas à prática periódica da reversão de status. Acerca da insistência em prorrogar a experiência de uma *communitas* espontânea, Turner salienta que (2013, p. 128):

A espontaneidade e a imediatidade da *communitas*, opondo-se ao caráter jurídico e político da estrutura, podem raramente ser mantidas por muito tempo. A *communitas* em pouco tempo se transforma em estrutura, na qual as livres relações entre os indivíduos convertem-se em relações governadas por normas, entre pessoas sociais.

A suplantação da experiência primeira por uma *communitas* não espontânea constitui decorrência incontornável de sua própria existência – essa superação pode se dá sob diversas maneiras. Após aquele “fugaz momento que passa” (Turner, 2013, p. 128), os indivíduos que compartilharam a experiência da *communitas* podem compreender a inevitabilidade de medidas tendentes à sua estruturação e, assim, convergirem para uma *communitas* normativa – “na qual, sob a influência do tempo, da necessidade de mobilizar e organizar recursos e da exigência de controle social entre os membros do grupo na consecução dessas finalidades, a *communitas* existencial passa a organizar-se em um sistema social duradouro” (Ibidem). Se a necessidade de estruturação é um fato, pode-se assimilar, também, que isso não significa, obrigatoriamente, adesão à estruturação dada, uma vez que os participantes da *communitas* espontânea podem tensionar suas condições e, por conseguinte, questionar as formas sociais vigentes.

Contudo, a normatização da *communitas* pode ser rejeitada frente a esperança de estabelecer, assim como se dá em “uma multiplicidade de modelos utópicos de sociedades”, uma *communitas* ideológica, a qual segundo Turner (2013, p. 128):

Consiste simultaneamente numa tentativa de descrição de efeitos externos e visíveis – a forma exterior, poder-se-ia dizer – de uma experiência interior da *communitas* existencial, e numa tentativa de enunciar claramente as condições sociais ótimas nas quais seria lícito esperar que essas experiências floresçam e se multipliquem.

As tentativas de conter as mudanças estruturantes na Batalha do Vinho se dão, como citado, na esperança nutrida por muitos de seus integrantes de voltarem a sentir-se como antes. O rompimento de relações com o poder público e o retorno ao espaço da rua, sob as marquises do Ginásio Nélcio Dias ou na Praça do Half, são as principais mudanças externas que se procura implementar como forma de reconstruir a *communitas* existencial. Pressupõe-se, portanto, ser possível por meio das externalidades assegurar a imutabilidade da experiência interna e inicial.

Assim, age-se como se fosse possível uma situação ideal entre os meios para expansão daquela experiência e a ausência de estruturação e riscos diante de sua realização. Todavia, foi o aumento dos espectadores que despertou a atenção dos moradores e as intervenções policiais. Essa situação indicava o fim do evento, quando o MC Bolla iniciou as tratativas com a Funcarte. Transcorrido algum tempo, digeridas as vantagens dessa mudança e despontando seus pontos contrários, dar-se o posicionamento nostálgico, tendente a regressar a momento que não mais existe – pois, como alerta Turner (2013, p. 128), “é destino de toda *communitas* espontânea na história sofrer aquilo que muitas pessoas consideram um *declínio* e *queda* na estrutura e na lei”.

Destaca-se, por fim, a perspectiva estrutural da relação na qual se dá o processo de estruturação. A *communitas*, como relação social que excepciona os laços estruturais, será sempre malvista por aqueles que são beneficiários da ordem social vigente – o que conduz às tentativas de sua apreensão. Nesse sentido, Turner (2013, p. 108-109) ressalta que,

(...), na perspectiva daqueles aos quais incumbe a manutenção da ‘estrutura’, todas as manifestações continuadas de *communitas* devem aparecer como perigosas e anárquicas, e precisam ser rodeadas por prescrições, proibições e condições. E, como afirmou Mary Douglas, aquilo que não pode, com clareza, ser classificado segundo os critérios tradicionais de classificação, ou se situe entre fronteiras classificadoras, quase em toda parte é considerado ‘contaminador’ e ‘perigoso’.

É nesse sentido que se estabelece o tratamento conferido aos adeptos do funk e do hip-hop no país, segundo registra Micael Herschmann (2005). É a inviabilidade de classificação nos termos da estrutura vigente que aporta, conforme será visto no capítulo a seguir, menor credibilidade às manifestações do funk quando comparado às do hip-hop. A captura de relações do tipo *communitas* existencial é algo premente – de maneira que retratá-la como perigosa ou mesmo criminosa se mostra útil e mesmo necessário. Nesse sentido, as elaborações culturais comumente oriundas dos fracos estruturais têm grande possibilidade de receber tal tratamento.

No que toca à cena dos duelos de MCs, a sociedade estruturada tem projetado diversas opções de classificação. Caminhos para que seus adeptos não sejam vistos como desajustados, para que sua prática não seja vista como incidências perigosas. A mudança na condição de MC

de batalha para rapper, com a entrada no mercado fonográfico, é uma dessas opções. Por essa inserção, o adepto do hip-hop pode se tornar um astro desse “estilo musical que mais vende no mundo”. Por outro lado, seguir como MC de batalha abre, cada vez mais, caminhos similares: algo entre um artista no âmbito do entretenimento e um esportista, uma espécie de lutador das palavras, similar aos de recentes artes marciais mistas. Esse adepto passa a ter no horizonte um meio de inserção profissional que, até então, estava distante de sua realidade; vê ser possível, por essa inserção, obter reconhecimento social e ascensão econômica na sociedade estruturada.

Enquanto a análise das modificações no âmbito da Batalha do Vinho revela a tensão interna existente no processo de estruturação de uma ocorrência da cena dos Duelos de MCs, a seguir serão relatadas incidências que evidenciam circunstâncias diferentes e outras formas de estruturação, sempre acompanhadas de suas peculiaridades e tensões próprias.

3.2 COMPETIÇÃO E ENGAJAMENTO POLÍTICO, FORMAS DE UMA ESTRUTURAÇÃO.

Ao longo da pesquisa, constatei a intensa capilarização das batalhas de rimas no país. Em boa medida conectadas pelo online, essas iniciativas constituem laços pessoais, espaços de compartilhamento de experiências, práticas e valores subjacentes. Esse intercâmbio marcou minha presença na Batalha do Vinho desde o seu início. No ano de 2016, quando compareci em duas oportunidades ao Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, acompanhei a seletiva estadual e o confronto com a Batalha da Quadrinha, de Fortaleza/CE. Essas ocorrências evidenciaram o diálogo estabelecido pelas batalhas, mas, também, a relevância da competição entre elas.

Não demorou muito para que eu pudesse constatar que tal movimento não era voltado apenas para fora, mas incluía diversas cidades do Rio Grande do Norte. No curso de minha inserção, a Batalha do Vinho recebeu a visita de duas outras iniciativas, a Batalha da Chave, de Mossoró/RN, e a Batalha do Cristo, de Currais Novos/RN. Logo, se ações como levar o Fábio Brazza à Batalha do DED ou a proposta de desafios para definição das vagas para a seletiva potiguar de 2018 indicavam a integração entre as batalhas da região metropolitana de Natal, aqueles encontros evidenciavam a constituição de uma cena estadual dos duelos.

Ao final de 2017, se aproximava o aguardado momento das etapas regional e nacional dos duelos no país. O MC Doggie, vitorioso na seletiva estadual, representaria o Rio Grande do Norte em Recife/PE, com a possibilidade de também fazê-lo em Belo Horizonte/MG. Aquela seria uma oportunidade única para que eu acompanhasse o circuito de competições no qual – isso eu estava a perceber – se transformava a prática da batalha de rimas entre MCs no país.

3.2.1 O Duelo Regional de 2017, Recife/PE.

Comparecer às etapas regional e nacional do Duelo de MCs não era uma expectativa presente no início de minha pesquisa, ela surgiu e foi nutrida ao passo que me aprofundava no trabalho de campo; uma expectativa em muito emprestada dos participantes da Batalha do Vinho com quem mantive contato e passei a acompanhar nas redes sociais online.

Considerando que a ida à Fortaleza/CE havia sido cancelada, aquela seria minha primeira viagem como atividade de pesquisa. Inicialmente, Roney havia me dito que iríamos no carro de seu amigo, o Rodrigo. Contudo, alguns dias antes, fui comunicado da inviabilidade desse amigo se descolar conosco e de que, assim, teríamos que encontrar outro meio.

Enquanto definíamos como faríamos a viagem, eu acompanhava pelo Facebook da Batalha da Escadaria (organizadora do duelo em Recife)¹²⁷ que o evento seria realizado em um espaço fechado, no qual, inclusive, seria cobrado ingresso para a entrada do público¹²⁸. Diante de fotos do local no Facebook, me surgiu a curiosidade sobre se as pessoas iriam para aquele evento com o mesmo tipo de vestimentas utilizadas pelos frequentadores da Batalha do Vinho. Roney certa vez me repreendera por ir à Batalha do Vinho de calças jeans, pois aquilo seria coisa de playboy. O local da disputa na capital pernambucana, contudo, parecia exigir algo diferente da bermuda e chinelo com que eu estava habituado a frequentar o Jesiel Figueiredo. Decidi, então, correr o risco de desagradar meu amigo naquela nossa comitiva.

O empecilho em torno de nosso deslocamento até Recife restou resolvido quando o MC Nigro disponibilizou o cartão de crédito de sua mãe para que Roney e o MC Doggie comprassem suas passagens em linha de ônibus. No esperado dia, então, aguardamos, na rodoviária, por cerca de três horas até o momento do embarque. Ali perto, almoçamos. Nesse momento, Roney tentava manter contato, via WhatsApp, com os organizadores da Batalha da Escadaria. Ele estava um pouco ansioso com o fato de o MC Bolla não ter comunicado ao pessoal de Recife que seria ele, Roney, a comparecer como representante da Batalha do Vinho.

Faltando cerca de uma hora para a saída do ônibus, ainda na companhia do MC Nigro que aguardava o momento de nossa saída, decidiu-se “esquentar” nosso representante para os duelos que ele enfrentaria à noite. Roney colocou o *beat* no celular e improvisou sua habitual apresentação. Os MCs, descontraídos, começaram a rimar, mandaram suas séries de ataques e

¹²⁷ Página do Facebook. **Batalha da Escadaria**. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadaescadaria/>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

¹²⁸ BATALHA DA ESCADARIA: DUELO DE RIMAS E IMPROVISOS NO CENTRO. VILA NOVA, Leonardo. **PorAqui**. Recife, 05 de outubro de 2017. Disponível em: <https://poraqui.com/recife-antigo-centro/batalha-da-escadaria-duelo-de-rimas-e-improvisos-no-centro/>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

defesas. Eu, a um só tempo, era o público e a equipe de apoio que gravava o duelo. Se, para mim, aquele registro serviria como material de campo, Roney o utilizou para enviar ao grupo da Batalha do Vinho, demonstrando que tudo estava dando certo; que a viagem aconteceria.

Ainda antes de deixarmos a rodoviária, Roney conseguiu confirmar a presença de nosso representante na seletiva regional e se identificar como o organizador da Batalha do Vinho que o acompanharia. Nesse contato, soubemos que a casa de show onde seria realizada a disputa tinha sido interditada pela Prefeitura – aparentemente faltava algum alvará, requisito necessário para seu funcionamento. A disputa, então, seria realizada no espaço da rua.

Já na estrada, Roney e o MC Doggie conversavam com imensa empolgação sobre a possibilidade de obtermos a vitória naquela noite, conquistando a vaga para o Nacional. Eu que pouco conhecia dos outros competidores, confesso que não levava a mesma fé em suas apostas.

Ao adentrarmos na região metropolitana de Recife ainda era dia, mas logo tudo estava escuro quando chegamos àquele outro terminal rodoviário. Dali, pegamos um ônibus de linha urbana que nos deixou na Avenida Conde da Boa Vista, da qual percorremos cerca de 500 metros até chegarmos, por volta das 19 horas daquele sábado, ao local da seletiva regional.

Chegávamos, mais precisamente, ao cruzamento da mencionada Avenida com a Rua do Hospício. Trata-se de uma região comercial que, durante o dia, possui intenso tráfego de pessoas e de veículos, assim como inúmeras bancas fixas e ambulantes. À noite, contudo, o local mostrou-se palco de uma rápida desertificação urbana. O prédio existente naquela esquina (aparentemente, uma loja já fechada) possui uma área de calçada de razoável extensão, o que possibilita a aglomeração de um grupo de expectadores que estimei em 150 pessoas.

Ao fim dos seis lances de baixos degraus, junto a parede do referido imóvel, havia grandes caixas e uma mesa de som – a aparelhagem estava terminando de ser montada e parcialmente coberta com capas plásticas para o caso da chuva que, efetivamente, caiu durante parte do evento. Ali, Roney, à frente, se dirigiu aos organizadores que conhecia por nome e fisionomia de vídeos disponibilizados nas redes sociais. Eu, por derradeiro, observava nosso organizador apresentar o MC que nos representaria nos duelos daquela noite.

Antes que essa apresentação se estendesse, os organizadores da Batalha da Escadaria se anteciparam ao afirmar reconhecer o MC Doggie do duelo realizado contra o Diomedes Chinaski. Além de ser um nome conhecido da atual geração de rappers do país, Diomedes é pernambucano, sendo esperado que a cena de Recife tenha especial interesse pelos conteúdos disponibilizados sobre ele nas redes sociais online, como foi sua presença na Batalha do Vinho.

Enquanto o MC Doggie se concentrava para a seletiva que seria iniciada em alguns minutos, eu e Roney resolvemos comprar alguma bebida para diminuir a ansiedade e aproveitar

os duelos. Sendo uma região de pouca movimentação à noite e não havendo vendedores ambulantes ao redor do evento, necessitamos encontrar o bar mais próximo e, assim, arriscamos por comprar algumas latas de aguardente e um litro de refrigerante.

As disputas finalmente começaram por volta das 20 horas. Naquele momento, eu já havia perdido certo controle sobre os limites de minha imersão no campo. Eu nutria certa autocongratulação por estar ali. O deslocamento para outro Estado parecia uma comprovação de meu esforço. Mas não era apenas isso. Eu havia criado grande expectativa com o duelo em si: eu havia acompanhado e em alguma medida participado da difícil viabilização da presença do RN na seletiva regional, eu havia estado presente em muitas disputas ao longo do ano no Jesiel Figueiredo e havia partilhado toda a expectativa, nos grupos online da Batalha do Vinho, durante os dias que antecederam a viagem; por fim, eu estava ali como parte da “equipe” que representava a cena potiguar dos duelos de MCs. A empolgação daí decorrente foi, certamente, maximizada pela bebida ingerida e pelas acirradas disputas que se sucediam.

Ao empreender a escrita desse trecho, senti falta de algumas informações que, acredito, poderiam ser úteis, tais como a quantidade de MCs participantes, saber se todos os estados do nordeste estiveram efetivamente representados, se algum deles tinha mais de um representante e se essa eventual discrepância era justificada ou sugeria algum privilégio; qual encadeamento os confrontos seguiram e quais os adversários enfrentados pelo MC Doggie; quais os temas protagonizaram as disputas travadas, etc. Em alguma medida, confiei em meu gravador de voz que esteve ligado todo o tempo. Contudo, uma confusão de sons, de vozes próximas e distantes, de gritos e dos beats das caixas eletrônicas, não permitiram compreender muito daquela noite.

Toda aquela excitação recebeu ainda um feliz incremento: o MC Doggie não tomava conhecimento dos adversários, parecia vencer suas disputas com certa facilidade. Mesmo em alguns rounds em que seu adversário me parecia ter se saído melhor, era Doggie que recebia os gritos e os aplausos do público. Assim, para além de nosso MC avançar fase a fase, testemunhei um público intensamente eufórico se render às suas rimas^{129,130}. De tal maneira, agora também eu passava a creditar na sua vitória, que voltaríamos para Natal com a vaga no Duelo Nacional.

O MC Doggie acabara de se classificar para a semifinal quando duas viaturas da polícia militar pararam na esquina em que aconteciam as disputas. Como de regra, os policiais desceram

¹²⁹ Vídeo de 4:54. CANAL DA BATALHA DO VINHO. **Dog x Clow - primeira fase (Duelo de MCs Nacional/Etapa NORDESTE.** Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/827813410713995/>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

¹³⁰ Vídeo de 9:39. CANAL DA BATALHA DO VINHO. **Dog x Street - Duelo de MCs Nacional/Etapa NORDESTE (Segunda fase).** Disponível em: <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/827945024034167/>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

do veículo de forma ostensiva e exigiram o fim do evento – que para eles, provavelmente, era apenas “barulho”. Após muita conversa, os organizadores locais se mostraram satisfeitos com a oportunidade de realizar os últimos confrontos da noite sem a utilização do sistema de som.

Diante daquela situação, beirava a comicidade como eu, me sentindo um representante da Batalha do Vinho e da Cena, me mostrava indignado. Acusando aquela interrupção de ser um mero capricho, eu queria convencer Roney a interferirmos na tratativa dos organizadores locais com os policiais e, depois que esses se foram, a insistir no religamento do sistema de som. O envolvimento com a disputa e a satisfação com o “nosso” desempenho – pois sendo eu visto ali, onde todos eram em certa medida desconhecidos, não como alguém externo, mas como um integrante da Batalha do Vinho (representante da Cena tão legítimo quanto qualquer outro) – era tamanho que já não passava pela minha cabeça a condição de pesquisador.

As disputas, em todo caso, foram reiniciadas. Os duelos finais aconteceriam, agora, à capela, não mais próximos aos degraus na Rua do Hospício, mas no ponto central de encontro das duas ruas – o que permitia a maior aglomeração de pessoas ao redor dos MCs como forma de compensar a ausência dos equipamentos potencializadores de suas vozes. Toda minha indignação foi de pronto esquecida diante da classificação do MC Doggie para a grande final da seletiva regional. No último duelo, nosso MC enfrentaria um representante local, o MC HB. O momento da grande final se aproximava e o adiantado da noite já superava as 22 horas. Somada à interrupção policial, o desestímulo dos derrotados e seus acompanhantes e a redução da oferta de transporte para público local tornava visível a acentuada redução dos presentes.

Nas batalhas, a decisão quanto ao vencedor costuma decorrer do voto do público. Isso, às vezes de maneira isolada, às vezes com a participação de dois jurados. Enquanto dos jurados se espera um posicionamento técnico e isento, teme-se que os presentes se posicionem a favor de seu MC favorito – quando se trata de um confronto entre MCs de cidades diferentes, o favorito para a disputa é invariavelmente o MC local. Essa postura do público é comumente chamada de “*panela*” ou, em seu diminutivo, “*panelinha*”. Esses termos retratam, pois, o ato de identificação do público com o participante que é seu conhecido, eventualmente amigo ou simplesmente pertencente à cena local. No duelo contra a Batalha da Quadrinha, em pelo menos duas oportunidades houve reclamação dos cearenses de que o público da Batalha do Vinho estaria fazendo *panelinha* para os MCs locais. Agora, contudo, nós éramos os forasteiros.

Avalio que, naquele momento, o público presente não superava as cinquenta pessoas. Todos estávamos próximos aos MCs, ao apresentador e aos dois jurados. Concluída a disputa

final¹³¹, Roney e eu estávamos certos da vitória do MC Doggie. Nossa opinião, inclusive, era ratificada por alguns jovens locais que estavam ao nosso redor ou que acompanhavam outros concorrentes. Logo, se nossa convicção era endossada por torcedores, *a priori*, neutros e mesmo por alguns locais, não parecia razoável esperar que os jurados votassem de maneira diferente.

Contudo, após destacar o mérito dos MCs e o equilíbrio da disputa (o que demonstra sua consciência quanto à polêmica que sua decisão geraria), o jurado concedeu seu voto ao MC HB. Em seguida, o público foi chamado a se manifestar. Os apupos da maioria, como era de se esperar, indicaram a vitória local. Assim, incapaz de qualquer modificação, o voto do segundo jurado restou dispensado, ficando a seletiva regional e a vaga no Duelo Nacional com o MC HB.

Eu, que costumeiramente tomava todas as cautelas para não influir ou ser influenciado em demasia pelo campo, depois de tudo que ocorrera em torno daquela viagem, tinha dificuldade em aceitar o retorno à Natal sem aquela conquista. De repente, era Roney que estava a conter minha insatisfação e algumas provocações que eu dirigia aos que estavam ao meu redor. Desde críticas à *panela* que presenciara até injustos comentários sobre a incapacidade para organizar o evento – falava sobre o absurdo de a etapa regional ter sido realizada sem uma melhor estrutura, com interrupção pela Polícia e com a ausência do sistema de som. Tudo se tornara motivo a ratificar a afirmativa de que “quem fizera tudo errado, não iria acertar logo na decisão final”.

Para minha experiência pessoal, algo inafastável no fazer etnográfico, o acontecimento resultou de diversos tipos de embriaguez. Eu estava enebriado por toda aquela vivência: a consolidação de minha inserção no grupo e desta pesquisa, estava apreendido pela competição característica da cena dos duelos, ainda mais acirrada na seletiva regional; apreendido pelas circunstâncias do campo, todo um contexto de sons e imagens, do hip-hop e seus cenários, seus valores e suas práticas, um mundo diferente do meu, um mundo de uma “juventude” que já me fugia, um mundo que eu gostaria, mas que não tive a oportunidade de acessar dez anos antes.

Esses me parecem os principais motivos pelos quais, durante algumas horas, eu secundarizei a minha finalidade ali. Fato que, assim como William Foote White¹³², considero importante reconhecer. Talvez como Geertz e sua esposa correndo juntos aos balineses¹³³, eu

¹³¹ Vídeo 7:43 minutos. CANAL RAP DO JORDÃO. **HB x Dog (Final) – Duelo de MCs Nacional 2017 – Eliminatória PE**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nKsHzMHqTvE>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

¹³² “Parecia que o mundo acadêmico impusera uma conspiração do silêncio às experiências pessoais de pesquisadores de campo. (...) Decidi fazer minha parte para suprir essa falha. Ao assumir a tarefa, parecia-me importante ser tão honesto sobre mim mesmo quanto possível. Isso significava não suprimir incidentes que me fizessem parecer idiota (...). Escrevi da maneira que está não apenas para limpar minha alma, mas - e mais importante - para ajudar os futuros pesquisadores de campo a entender que é possível cometer erros estúpidos e equívocos sérios, e ainda assim produzir um estudo de mérito”. FOOTE WHITE, W. **Sociedade de Esquina**. Tradução: Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, pag. 350.

¹³³ GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC/GEN, 2008, pag. 186/187.

não refleti muito, apenas reagi da forma que me parecia correta. Antes daquela viagem, pensei que seria uma boa ideia estabelecer contato e vínculo com os representantes da cena em Recife, pois seria uma opção de companhia para ir ao Nacional e um meio para conhecer melhor as manifestações da Cena, para além de meu Estado. Ao final daquela noite, eu já não pensava em nada disso. Eu só sabia questionar a decisão que prejudicava a nós, a Batalha do Vinho.

Havíamos ido à Recife sem saber onde passaríamos o restante da noite até que, ao amanhecer, pudéssemos tomar o ônibus de volta à Natal. Por sorte, encontramos uma conhecida que frequentava a Batalha do Vinho e que visitava amigos naquela cidade. Um jovem que a acompanhava nos convidou para passar a madrugada num apartamento que ficava ali perto. O imóvel era bastante grande e em um dos cômodos, funciona um estúdio, onde, segundo Roney, os principais nomes do rap pernambucano, inclusive o Diomedes, gravam suas músicas. Ali, terminamos a noite que foi a minha mais intensa experiência como participante da Cena.

3.2.2 O Duelo Nacional de 2017, Belo Horizonte/MG.

Pouco tempo se passou entre o primeiro final de semana de outubro e o último de novembro, porém era hora de mais uma viagem. O destino seria mais distante, o deslocamento mais complexo, tudo mais difícil em razão da falta de companhia – estar só reduzia o estímulo de encarar a aventura e sugeria a, depois comprovada, dificuldade de interação no novo cenário.

Até então, não houvera oportunidade específica em que eu tivesse sido introduzido ou procurado me inteirar sobre o Duelo Nacional. Até poucas semanas antes, a ida à capital mineira não estava bem no meu horizonte e tudo que eu sabia eram vagas referências ditas por Roney em meio a conversas sobre outros assuntos. Para mim, aquele tivera sido um ano muito atribulado – de campo e disciplinas, mas também de mudanças familiares e profissionais.

Durante todo o tempo na Batalha do Vinho, estive imerso em tantas informações, presenciais e virtuais, sobre projetos, músicas, disputas e violências, dentre tantas outras coisas, que empreender aquela viagem para outra região do país parecia uma empreitada audaciosa; mais do que isso, soava algo açodado, parecia um passo maior do que minhas pernas etnográficas poderiam dar e que, portanto, não sugeria grandes contribuições. Em todo caso, eu simplesmente decidi ir, imbuído de uma certa fé de que as coisas aconteceriam, de que o campo se faria notar.

Assim, é possível que algumas informações tenham passado despercebidas, por falta de experiência enquanto pesquisador ou pela não compreensão prévia acerca daquela parte do universo pesquisado. O fato é que eu estava indo à Belo Horizonte/MG, onde seria realizado o tão aguardado Duelo Nacional sob os cuidados da “Família de Rua” – iniciativa semelhante às demais responsáveis por batalhas de MCs que, alcançando certo nível de organização, se propôs,

diante da interrupção da Liga dos MCs¹³⁴, a realizar um duelo de abrangência tão extensa quanto possível. De maneira tal que o Duelo da Família de Rua torna-se, a cada ano, mais nacional.

Na semana anterior à minha viagem, busquei na página da Família de Rua no Facebook informações sobre seu costumeiro ponto de realização – o viaduto Santa Tereza, localizado próximo ao centro da capital mineira. Essa referência foi suficiente para que eu definisse a acomodação mais próxima, ficando a 1,5km dali. Isso me permitiu o deslocamento a pé, mas não sem certos incômodos, não sendo possível diversas idas e vindas (sempre que desejado).

A competição entre os melhores MCs do país aconteceria nos dois dias daquele final de semana. Após minha chegada na tarde da sexta-feira, depois de uma noite em claro, em escala no aeroporto de Guarulhos/SP, decidi dormir cedo – ainda antes do escurecer. No sábado, optei por sair ainda pela manhã, pois pretendia acompanhar com o máximo de detalhamento as características do local e a movimentação que nele se dava, a chegada das pessoas e como elas se agrupavam e interagiam. O ponto exato de realização dos duelos era sob a extremidade do viaduto oposta à rua de onde eu advinha. Ao me aproximar do palco das disputas, pude testemunhar o rápido adensamento do público, sobretudo nos arredores daquela área central.

Eu, entretanto, queria ver para além dos MCs e suas rimas. Considerando que as disputas não havia ainda começado, passei a circular no entorno do evento. À direita do palco, ficava uma estrutura de suporte, com banheiros químicos e equipe de primeiros socorros. De frente a essa área, afastando-se lateralmente do palco, uma extensa faixa de ambulantes vendendo bebidas e lanches. Após uma estreita rua de paralelepípedos, defronte ao banheiros e ambulantes, uma aparente casa de shows – ou com finalidade comercial similar – servia de camarim. Ali, alguns jovens estavam a olhar quem entrava e quem saía, havia certa expectativa nos olhares atentos. Vez ou outra, algumas fotos eram tiradas com alguém conhecido na cena.



Registro de abordagem com pedido para fotografia no Duelo Nacional de MCs

¹³⁴ Conforme registrado no capítulo inicial, a Liga dos MCs era um duelo organizado, a partir de 2003, no Rio de Janeiro pela Brutal Crew. A partir de sua 5ª edição, em 2007, a Liga dos MCs passou a realizar seletivas nas três capitais do Sudeste, em Porto Alegre e no Recife. A Liga dos MCs foi extinta em 2010, abrindo a oportunidade para que outra iniciativa ocupasse esse espaço – o que a Família de Rua empreendeu a partir de 2012.

Nas ofertas dos ambulantes, me chamou a atenção, para além da quantidade deles e da diversidade de produtos, a disponibilidade para realizar suas transações comerciais com método de pagamento eletrônico – evidenciando o entrosamento daquela atividade informal com o sistema financeiro. Essa relação se torna possível a partir da utilização de pequenas maquinetas de recebimento de cartão de débito/crédito. Por menor que fosse o carrinho-de-mão com isopor ou o tabuleiro de cigarros e guloseimas, havia acoplado a ele, invariavelmente, uma plaqueta de razoável altura a informar o recebimento do pagamento com cartões das bandeiras usais no país (tais como, Visa e Mastercard). O uso dessa ferramenta me causou alguma surpresa, pois, em Natal, naquele momento, ainda não havia tamanha disseminação, sobretudo na Cena – tais equipamentos tecnológicos ainda eram próprios de comércios de médio e grande porte, requerendo, ao menos, uma certa estrutura física, como apresentada pelos comércios de bairro.



Registros da possibilidade de compra junto a vendedores ambulantes por meio de cartões de débito/crédito.

Conforme relatam Cataia e Silva (2013)¹³⁵, em lugar das nomenclaturas usuais de mercado e de atividades econômicas informais, Milton Santos concebe a produção e a intensificação da pobreza nas cidades dos países periféricos a partir da denominada teoria dos dois circuitos da economia urbana. Essa relação, embora concretizadora da divisão territorial do trabalho, das desigualdades regionais e do contínuo empobrecimento da população sem intenso acesso ao consumo, não inviabiliza relações de subordinação e de complementariedade entre o circuito das grandes empresas e instituições, inclusive estatais, e aquele protagonizado por agentes desprovidos de grandes capitais e do pleno domínio sobre as recentes tecnologias.

¹³⁵ CATAIA, Márcio; SILVA, Silvana. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. Boletim Campineiro de Geografia, Campinas, v. 3, n. 1, p. 55-75, 2013.

A utilização das maquieta deve ser compreendida nesse sentido. A uma, como complementariedade porque os atores das práticas comercial e financeira, os ambulantes e os grupos empresariais detentores das citadas bandeiras, se beneficiam da situação. A duas, como subordinação porque, diante da facilidade representada pela disponibilização do crédito, dificilmente algum vendedor resistiria à concorrência caso não oferecesse tal opção aos seus consumidores. Esses, como destacam Cataia e Silva (2013), têm nessa oferta uma forma de intensificação de seu empobrecimento. Ao fim, tal relação, com a substituição de formas costumeiras de crédito no circuito inferior – como o fiado, o crediário e a agiotagem –, constitui o aprofundamento da dominação do circuito superior sobre o inferior por meio das finanças.

Na incursão que me propus antes do início dos duelos, reparei que, na lateral esquerda do palco, sobre o parapeito de janelas de um casarão, alguns jovens sentavam-se inquietos a procura da melhor posição para visualizar as apresentações que estavam para acontecer. Após circular ao redor, não consegui retornar ao ponto que ocupei minutos antes, mas cheguei perto o suficiente do palco para pegar um pequeno brinde ofertado por empresa patrocinadora do evento – a TNT Energy Drink. Se tratava de utensílio em que se prende objetos de pequeno porte (como pendrive, cartão ou crachá) e dependura-se no pescoço. Esses brindes foram jogados para o público, às dezenas, por uma moça da organização que estava sobre o palco.



Distribuição de brindes no Duelo Nacional: um “no ar” após ser arremessado, outros nos pescoços dos jovens à minha frente.

Mais do que o valor de uso ou de mercado do brinde, tentei pegá-lo e o guardei como elemento etnográfico que estava a esclarecer uma das principais dúvidas que levei à campo – eu almejava conhecer o suporte da Família de Rua, entender o apoio que lhe permitia realizar aquele evento de porte nacional – à exemplo da contribuição da Prefeitura de Natal para que a Batalha do Vinho se destacasse frente a iniciativas regionais semelhantes. A constatação acerca da divulgação da marca patrocinadora constituía, à evidência, a íntima parceria entre publicidade e disponibilização de crédito, também destacada por Cataia e Silva (2013), na produção do aumento do consumo – evidenciando, pois, a harmonização do evento com tais primados.

Portanto, além de algum apoio fornecido pela Prefeitura de Belo Horizonte/MG – o que constava nos cartazes do evento –, a Família de Rua mantinha parceria com empresa de considerável porte e de divulgação nacional. Essa condição, por certo, convergia para a realização do Duelo Nacional como um grande evento – dotado de bom aparato técnico, com a distribuição de brindes para o público e de premiações para os vencedores –, sem uma dependência exclusiva dos esforços financeiros de seus organizadores e demais interessados.

Tudo me parecia organizado, constituindo um espetáculo satisfatório. No intervalo das disputas, houve apresentações musicais, como a de rapper local nacionalmente reconhecido.

Para além das atrações musicais, outras ocorrências chamavam a atenção. Enquanto das margens do viaduto, moças se balançavam dependuradas em lençóis, realizando uma espécie de balé aéreo, sobre nossas cabeças, um incessante *droner* estava a filmar o palco e o público – tudo transmitido ao vivo, *online*.



Público no Duelo Nacional e, ao fundo, uma das jovens dependuradas, por um tecido, na lateral do viaduto Santa Tereza.

Diferente do que eu me habituara a ver na Batalha do Vinho, quantidade significativa dos ali presentes parecia atender a uma estética pré-concebida. Vestimentas e diversos utensílios, novos e de cores variadas, indicavam a correspondência a uma imagem comercial e midiaticamente difundida do hip-hop. A diversidade de cores, inclusive, não se limitava às roupas, abrangendo também os corpos presentes. Considerando as ocorrências da cena que eu presenciara até então, não apenas o padrão de consumo “do hip-hop” formulado pela indústria cultural, mas também peles, cabelos e olhos soavam incomuns para mim. Assim, compreende

aquele evento-ápice da cena dos duelos, como uma intensa zona de contato entre segmentos sociais diversos – semelhante ao ocorrido, no Rio de Janeiro dos anos 1990, com os bailes funk de comunidade, os quais propiciaram uma particular interação social (Herschmann, 2005).



Registro da diversidade, de estilo e cores, característica no Duelo Nacional.

Sendo, o Duelo Nacional, um evento esperado ao longo de todo o ano, é compreensível que as pessoas procurem comparecer da melhor forma possível. Igualmente, não é de se estranhar que todos ao meu redor estivessem felizes e excitados – as seletivas canalizavam a expectativa gerada por um longo período. Por óbvio, eu não desejava ver ali pessoas tristes, lamentando-se por qualquer motivo. Eu presenciava a convergência na comemoração, um momento de festividade. Aquilo, entretanto, não era o que eu estava habituado a chamar de batalha de MC. Eu não reconhecia, na imensidão dos presentes, os olhares contundentes que me acostumei a ver na Batalha do Vinho, olhares muitas vezes em busca de resignação, de uma ira ainda não digerida após a recente arbitrariedade sofrida ou o luto não superado.

É certo que, ali, havia corpos negros, assim como jovens a apresentar indícios de um regime restrito de consumo. Tais adeptos não teriam motivos para não comparecer ao evento e, por certo, não havia qualquer rejeição à sua presença. Em todo caso, o Duelo Nacional se consolidava, à minha compreensão, como o ápice estrutural da cena das batalhas, imbuído da lógica comercial e estética vigente na sociedade ampla, de sua orientação midiática e econômica.

Nisso, encontro a diferença quando considerados os citados bailes funk de comunidade. Embora ambos os eventos permitam o contato entre diferentes segmentos sociais, eles se apresentam sob orientações diversas. Enquanto os encontros nas comunidades cariocas possibilitavam a influência de grupos situados à margem da legalidade e das convenções morais,

exercendo o protagonismo na exploração econômica e na sociabilidade estabelecida, o Duelo Nacional, realizado em uma área não segregada da cidade, mostra considerável harmonia com iniciativas comerciais e financeiras estruturadas (vide a publicidade/patrocínio empresarial e a presença do sistema bancário por meio das maquinetas de cartões), bem como constitui espaço para a fruição/exposição dos elementos constitutivos de um hip-hop que, intermediado pela mídia e pelo mercado, é objeto de um consumo socialmente difuso (Herschmann, 2005).

Naquele sábado, após cerca de três horas presente ali, decidi retornar ao hostel – planejava almoçar e voltar ao final da tarde. Eu já havia me afastado do palco, quando ouvi ser anunciado o duelo do MC HB. Regressei um pouco, ficando entre as duas extremidades do viaduto, em uma faixa que separa as vias nas quais os veículos transitam. Dali, não compreendi com perfeição as rimas que resultou na desclassificação de nosso representante. O fato é que, à insatisfação por não ter estabelecido de maiores contatos naquela período, juntava-se, agora, a insatisfação requeitada do mês anterior – a certeza de que o MC Doggie teria se saído melhor.

No *hostel*, a pretensão de descansar por alguns instantes se transformou em horas de sono. Em todo caso, eu imaginava que o evento se estenderia noite à dentro. Então, por volta das 19hrs, decidi retornar ao viaduto. Ao lá chegar, tive grande decepção ao encontrar apenas latas e garrafas vazias espalhadas onde antes estava o empolgado público das rimas.

Diante do evidente insucesso de minha empreitada etnográfica – mais uma! –, só me restava retornar, novamente, à minha hospedagem. Fiquei ainda alguns minutos por ali, pensando sobre ser eu um dos derrotados ao final daquele dia de duelos: pensei que eu poderia ter tentado entrevistar algum integrante da Família de Rua¹³⁶ ou fazer amizade com alguém do público; ao contrário, eu decidira observar o acontecimento, apostando que estar ali, mantendo-se atento, seria medida suficiente – como se o campo fosse se revelar sozinho. Agora, eu tinha a impressão de que de nada adianta estar lá, quando não se sabe bem o que se deve fazer.

Ao iniciar meu regresso, percorrendo novamente a extensão do viaduto Santa Tereza, minha frustração se transformou em surpresa e curiosidade. Na extremidade contrária àquela em que era realizado o Duelo Nacional, embora com quase nenhuma iluminação, pude ver uma aglomeração de pessoas: não passavam de cinquenta, quase todos homens e negros. Os que vestiam camisas, vestiam camisas simples, na maioria também pretas ou de times de futebol. Os adereços, quando existentes, se limitavam a bonés e correntes.

¹³⁶ Ainda em Natal, via e-mail e pelo bate-papo do Facebook da Família de Rua, me apresentei como pesquisador do PPGAS/UFRN e esclareci o objeto de minha pesquisa. Contudo, não recebi qualquer resposta.

Sobre a parte do viaduto que funcionava como palco, ao microfone conectado a uma caixa de som, um apresentador anunciava o que teríamos ali. Sim, seria um duelo de MCs! Naquele local onde as cores das coisas e das pessoas tinham uma menor variação, onde não havia brindes e as marcas se limitavam a raros adereços pessoais, eu sentia algo que mais uma vez me faltam palavras para explicar, eu reconhecia aquela espécie de vibração coletiva. Eu não dispersava a atenção entre as várias atrações que, mais cedo, davam um tom de simultaneidade e fragmentação ao evento, nos diversos acontecimentos concomitantes e nas paralelas interações entre os grupos de jovens que se confraternizavam durante o curso do evento.

Ainda na noite de sábado, aquele final de semana já me parecia perdido. Subitamente, contudo, o campo me apresentou – como eu sabia que ele faria! – o que considero ser o principal gatilho etnográfico de minha pesquisa. Aquele evento pareceu reunir, de pronto, pedaços de reflexões e consolidar o que era uma fugidia suposição, conferindo o rumo desta análise. Foi ali, entre a festividade do Duelo Nacional durante o dia e aquela batalha à noite, entre as extremidades de um mesmo viaduto, que enxerguei o *continuum* de estruturação a que são submetidas as batalhas de MCs. Antes do duelo final, o apresentador se dirigiu ao público e – como era comum no início da Batalha do Vinho – solicitou que quem estivesse gravando vídeos os enviassem logo que possível, pois eles – os organizadores do Estadual Independente das Batalhas de MCs de Minas Gerais¹³⁷ – não estavam realizando a gravação dos duelos.



Registro do “palco” do Duelo Estadual Independente de MCS – apresentador, ao centro, e MCs.

¹³⁷ Páginas no Facebook. Estadual Independente de MCs. Disponível em: <https://www.facebook.com/seletivaestadualindependenteMG/> e <https://www.facebook.com/EstadualIndependenteMG/>. Acesso em 30 de janeiro de 2020.



Imagens do público durante Duelo Estadual Independente de MCs



Imagens do público durante Duelo Estadual Independente de MCS

Cerca de um ano antes daquele momento, eu iniciava meu contato com o objeto de pesquisa, concebendo, numa perspectiva bastante simplista, o hip-hop como uma manifestação com potencial de contestação frente às configurações sociais vigentes. Em alguns meses, eu compreendera a ocorrência de uma inevitável estruturação nesses eventos e as tensões neles existentes. Agora, eu estava a me deparar com uma ordem de complexidade ainda maior. Aquela expressão, a princípio contestadora, tinha diversas formas de estruturação, com disputadas e contestações não apenas frente à sociedade estruturada, mas também internamente – apresentando suas diversas ocorrências, diferentes circunstâncias de estruturação.

Nesse sentido, vislumbra-se que mesmo aquela Liga Independente apresentava sinais de estruturação, pois possuía nome definido, realizava competições, utilizava equipamentos de som e possuía página para divulgação no Facebook – por onde os presentes poderiam promover o envio dos vídeos gravados naquela noite. Eu não consegui registrar a existência de premiação para o vencedor daquela final, se alguma quantia em dinheiro ou equivalente voltado à profissionalização estava em disputa. Isso apesar de ter permanecido ali durante as cerca de três horas de sua duração, até que tudo estivesse concluído e as pessoas comesçassem a se dispersar.

No dia seguinte, voltei ao lado iluminado do viaduto. Acompanhei todas as batalhas finais que consagrou o MC César, do Espírito Santo, como o vencedor do Duelo Nacional de MCs de 2017. Ainda registrei algumas fotos e vídeos daquela tarde, mas antes do anoitecer tudo estava encerrado. Após mais uma noite na capital mineira, na manhã seguinte retornei à Natal.

3.2.3 A incidência da estruturação no interior potiguar, a cena em Currais Novos/RN.

Se a Batalha do Vinho tem um papel coadjuvante frente às batalhas mais antigas e renomadas do país, por outro lado, serve de referência no processo de expansão das batalhas no interior do Rio Grande do Norte. Ao contrário das ocorrências narradas, a incursão nas batalhas existentes na capital e em outros municípios potiguares fazia parte de minhas pretensões iniciais de pesquisa. A impossibilidade de estender meu período de campo presencial para além de 2017, contudo, tornou inviável tal empreitada. Em Natal, terminei por conhecer apenas a Batalha do DED quando para lá me dirigi acompanhando Roney e seu ilustre convidado.

Sobre a cena interiorana, além do relato de uma iniciativa bastante incipiente na cidade de Assú feito por um MC daquela localidade que participou da seletiva estadual no ano anterior, soube da existência de batalhas estabelecidas em dois municípios, Mossoró e Currais Novos – iniciativas que visitaram a Batalha do Vinho em 2017. O contato de Roney com a cena nessa segunda cidade foi mais intenso. Isso devido a dois relevantes episódios que pude acompanhar.

O segundo semestre daquele ano, foi o momento de maior intensidade em minha presença no Jesiel Figueiredo, tanto para acompanhar os duelos, quanto para participar das reuniões da organização da Batalha do Vinho. Naqueles dias, Roney vinha comentando sobre a interação mantida com jovens de Currais Novos. Ele me disse que, vendo a repercussão que a Batalha do Vinho estava alcançando, o procuraram, inicialmente, propondo um duelo entre suas batalhas e, depois, buscando dicas sobre como poderiam desenvolver a iniciativa local.

Aquela interação passou, então, a ser uma constante. O duelo proposto foi, de fato, realizado. Roney e alguns MCs da Batalha do Vinho passaram a visitar a cidade de Currais Novos. Ali, Roney explicava sua forma de atuar à frente da Batalha do Vinho – explicações

que, em pouco tempo, passaram a ser chamadas de palestras. Roney demonstrava como era sua rotina de comunicações com órgãos públicos para solicitar algum auxílio ou colaboração, com a Polícia Militar para avisar sobre a realização do evento, dentre outros atos. Diante do avanço dessa parceria, os membros locais, aproveitando a presença de Roney, trataram de agendar audiências com a equipe da Secretaria de Cultura e com o próprio Prefeito do Município.

Rapidamente, começaram a surgir registros desses diversos momentos. Fotos e vídeos dos ensinamentos, ministrados em escolas, sobre o hip-hop; das explanações, nos encontros com os MCs locais, sobre como organizar grandes eventos na cena dos duelos; de reuniões com as autoridades locais e mesmo os links das entrevistas concedidas para um canal de TV local que acompanhava a presença de Roney na cidade¹³⁸. Tudo isso me chegava por diversos canais, mas quase sempre eu os recebia, instantaneamente, por mensagem do próprio Roney.

Em um desses finais de semana que estava em Currais Novos com uma série de compromissos, as mensagens de conteúdos vinham acompanhadas de uma comemoração. Roney estava especialmente feliz por se sentir realizado “profissionalmente”. Ele mencionava ter, pela primeira vez, recebido alguma compensação financeira por suas atividades.



Eventos em que a presença de Roney foi anunciada com destaque na página da Batalha do Cristo em Currais Novos/RN.

¹³⁸ Vídeo de 2:02 minutos. Publicação na página da Batalha do Cristo de matéria televisiva para a região de Currais Novos (SIDY'S TV). Disponível em: <https://www.facebook.com/BatalhaDoCristoCN/videos/192586637978473/>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.



Registros fotográficos de Roney palestrando para jovens em escolas de Currais Novos/RN.



Roney e representantes da Batalha do Cristo em reunião com o Prefeito de Currais Novos, sentado à sua esquerda.

À época, Roney comentou sobre sua estadia em Currais Novos em sua página no Facebook¹³⁹. A aproximação com a cena daquela localidade, que começara no confronto entre as respectivas batalhas, logo, se converteu em outras atividades. Dessa maneira, especialmente durante o segundo semestre de 2017, a ida de Roney à Currais Novos foi uma constante.

¹³⁹ Inteiro teor de sua publicação: Nos últimos dias 6 e 7, estive na cidade de Currais Novos participando de uma programação cultural programada pela @Batalha do Cristo, onde conversei e dialoguei com várias pessoas da cidade. Queria parabenizar a todos os envolvidos, acredito que depois deste momento, vocês da BDC tem tudo para crescer mais e mais. Também queria agradecer a todos que me acolheram de uma forma espetacular em suas residências. Agradecer ao prefeito [Odon Júnior](#) por nos atender em seu gabinete e ouvir a nossa proposta quanto ao apoio do poder público com a Batalha do Cristo. Agradecer ao convite das escolas da cidade, que me acolheram e escutaram a palestra sobre a importância do movimento hip-hop no âmbito escolar. #HipHop #BatalhaDeMcs #RapNacional #União #SatisfaçãoTotal #VidaLongaAoHipHopPotiguar

No ano seguinte, quando minhas informações sobre a cena dos duelos restaram restritas a alguns diálogos online com Roney, seu relacionamento com as batalhas do interior do estado não foi ressaltado. Ao contrário, tendo ele estabelecido relacionamento afetivo que o levou a compartilhar residência e atividade comercial de venda de utensílios eletrônicos distante da Zona Norte de Natal, seu contato com toda a cena, inclusive com a Batalha do Vinho, foi reduzido. Num desses diálogos, Roney me relatou estar sendo um grande esforço se deslocar por toda a cidade para, após trabalhar nas tardes de sábado, continuar organizando a Batalha do Vinho; o que disse conseguir apenas em razão da ajuda de Rodrigo – além da travessia em seu carro, Rodrigo vinha ajudando nas filmagens e no que mais fosse preciso naquele ano.

Ainda sobre meu contato com a Batalha do Vinho no ano de 2018, cabe registrar que compareci ao Jesiel Figueiredo no último sábado de abril e no primeiro de setembro. Essas foram as duas oportunidades em que estive em Natal naquele ano. Esse último, inclusive, foi o sábado em que o Fábio Brazza lá esteve presente pela segunda vez, agora para se apresentar. Naquela oportunidade, cerca de um ano após a minha presença constante, eu percebi um menor envolvimento de Roney com a logística do evento. Era como se ele chegasse e encontrasse as coisas já prontas (tenda, som, iluminação, tudo instalado), fizesse sua função de apresentador e saísse, deixando a estrutura para que outros – a equipe da Prefeitura – desmontassem. Era como se uma atividade antes artesanal fosse agora parte de uma produção mecânica. Assim, eventual afastamento da cena em Currais Novos mostrava-se coerente com essa modificação mais ampla.

Naquela noite, o que evidenciei seguir inalterado foi a postura dos agentes da violência estatal. Já próximo ao final do evento, cerca de dez policiais militares armados, saídos de quatro viaturas, invadiram o Jesiel Figueiredo (aquele lugar, até então, visto como reduto de segurança para os jovens da localidade). Eu, acompanhado de um colega da Universidade que convidara para conhecer a Batalha, estava saindo do Espaço Cultural quando presenciei parte desses policiais no portão “escolhendo” alguns jovens para serem colocados na parede e revistados. Eu e meu colega não fomos selecionados e esperamos do lado de fora até que tudo terminasse.

Cerca de meia hora depois, os policiais deixaram o local. Entramos novamente no Jesiel, mas não encontrei Roney. No dia seguinte, ele me disse que os policiais alegaram que determinada parte de uma música teria sido cantada em provocação a eles, que passavam no local naquele momento. Roney disse ter me procurando dentro do Jesiel para ajudar no diálogo com os policiais, mas que o Fábio Brazza tomou a frente da situação. O Brazza teria se identificado e dito ser ele quem cantava a música a que os policiais se referiam; teria dito ainda que denunciaria aquela ação para todo o Brasil em suas redes sociais. Segundo Roney, essa postura deixou os policiais receosos e motivou a saída do local, sem conduzir ninguém.

Voltei à Natal, apenas em março de 2019. Àquela altura, versões deste trabalho estavam escritas e não me passava pela cabeça acrescentar outros fatos. Em todo caso, eu queria visitar mais uma vez a Batalha do Vinho, reencontrar aquele cenário e personagens que me havia sido tão próximo anos antes. Isso também poderia conferir alguns *insights* ainda não considerados. Com essa intenção, entrei em contato com Roney. Ele, contudo, me disse que a Batalha do Vinho ainda não havia retornado em 2019 e que, naquele momento, estava em Currais Novos. Roney, então, me convidou para ir até lá, pois no dia seguinte – sexta-feira, 08 de março –, aconteceria uma batalha especial, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher.

Uma investida ao campo que envolvesse uma viagem não estava nos meus planos. Decidi, contudo, conhecer a manifestação da cena dos duelos naquela localidade. A concepção do processo de estruturação que tive ao fim do circuito de competição gerava curiosidade acerca do que encontraria em Currais Novos, provavelmente características menos estruturadas, mas não apenas isso. Encarei, então, aqueles 180km para conhecer a “Batalha do Gueto”.

Além do destaque que a presença de Roney recebera na cidade, pouco ficara guardado em minha mente sobre o seu contato com os adeptos em Currais Novos. Eu sabia, entretanto, que aquela cena correspondia a uma batalha específica, a “Batalha do Cristo”. Portanto, após um primeiro estranhamento, supus ter ocorrido alguma modificação no nome do evento local.

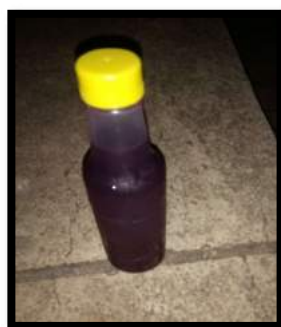
Era início de noite quando cheguei à cidade e, de pronto, me hospedei de frente à praça em que ocorreria o evento. Percebi, então, que, além do nome, o espaço de realização também era diferente – as imagens que eu tinha visto da primeira batalha era em uma praça que tinha uma estátua, em tamanho reduzido, do Cristo Redentor – razão do seu nome. Agora, tínhamos uma espécie de anfiteatro, embora menor, parecido com o do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

Logo, encontrei Roney que estava a conversar com alguns conhecidos. Dentre eles, uma jovem organizadora – que estava para a Batalha do Gueto como Roney estava para a Batalha do Vinho – e uma jovem rapper de Natal que iria se apresentar naquela noite, a Pretta Soul. Roney bebia uma mistura caseira feita de aguardente e refresco. Havia algumas opções de sabores. As bebidas eram produzidas pelo jovem que as vendia num isopor sobre um carrinho-de-mão. Elas vinham em pequenas garrafinhas sem qualquer invólucro de proteção ou rótulo com informações sobre sua composição e validade. Havia, inclusive, uma versão *gourmet* – produzida com leite condensado. Os preços eram dois e quatro reais, respectivamente.

Considereei aquele um indício de estruturação, no caso, comercial. Muito diferente dos vendedores ambulantes com suas maquinetas eletrônicas no Duelo Nacional e similar ao momento inicial da Batalha do Vinho (quando a bebida de baixo preço em garrafinhas reutilizadas de água mineral era a única opção à venda), aquele produto e sua oferta eram

marcados pela precariedade. Ali, imaginei que em pouco tempo, com o crescimento do público da batalha local, aquele adolescente não conseguiria suprir a demanda de seus clientes com sua produção artesanal. De fato, no meio das apresentações daquela noite, o estoque da bebida já havia esgotado. Assim, não é difícil supor que, em breve, aquele jovem substituirá seu produto por algum industrializado que facilite o abastecimento, o acondicionamento e a venda, ou será ele substituído por iniciativa de cunho empresarial dotado de maquinário e maior mão-de-obra.

Enquanto saboreávamos a bebida, Roney e um dos jovens presentes conversavam sobre a não observância, pela cena paraibana, dos requisitos para os próximos duelos regional e nacional. Eu os indaguei, então, sobre qual a razão, se se tratava de uma incapacidade daqueles representantes ou de uma indisposição com tais exigências. Diante das reticências de Roney, seu interlocutor se apressou a responder: “É porque eles são underground mesmo”. Eu, então voltando a atenção às nossas bebidas, provoquei Roney sobre o que aquele público acharia se soubesse que, dali a alguns dias, aquelas garrafinhas seriam substituídas por coquetéis como os vendidos em festas de playboy, talvez pagos com cartão de crédito. Com certo estranhamento, ele apenas retrucou: “O que é que tem?! Isso é bom para eles, movimenta a economia da cidade”. Era incontornável reconhecer que a tensão em torno da cena seguia latente entre seus adeptos.



Bebidas caseiras e o protagonismo feminino: elementos de uma estruturação.

Em pouco tempo, começaram as apresentações. No lugar dos duelos, fui surpreendido por uma jovem de cerca de 20 anos que recitou um longo e bonito poema sobre marcadores sociais da condição feminina. Em seguida, igualmente comovente foi a apresentação de duas outras meninas, quase crianças (aparentando não mais do que 15 anos). Com uma delas tocando

violão, cantaram a música “Rosas”¹⁴⁰ do grupo de rap Atitude Feminina. A letra da música conta um caso de violência conjugal, física e psicológica, que redunda em feminicídio. Não apenas a história cantada, mas ver aquelas duas jovens mobilizadas por meio da arte contra o terror da violência doméstica – onde é lícito se espera companheirismo –, teve algo de muito comovente.

Na sequência, cerca de dez jovens realizaram uma eloquente inserção, com menção a casos reais de mulheres assassinadas, a maioria vítimas de feminicídio em Currais Novos ou em municípios vizinhos. Completamente vestidas de preto e espalhadas no meio do público, de maneira aleatória e repentina, cada uma delas tomava a palavra – dizia “seu” nome (o nome da mulher retratada) e como havia sido morta por namorado, marido, pai. Uma semana antes, uma jovem local havia sido encontrada morta na noite do sábado de carnaval na cidade vizinha de Caicó/RN. Exatamente naquele dia de realização da Batalha do Gueto, a Polícia Civil indiciara o ex-namorado da jovem, um policial militar, como autor do crime¹⁴¹. Por fim, no ápice da inserção artística, ouvimos, pela boca de uma daquelas jovens, Marielle Franco, mulher negra, militante negra e feminista e vereadora carioca, nos contar o seu covarde assassinato.



Publicação da Batalha do Gueto registra a intervenção artística alusiva às mulheres vítimas de feminicídio.

¹⁴⁰ ATITUDE FEMININA. **Rosas**. CD Rosas. Gravadora Atitude Fonográfica. Distrito Federal, 2006. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/atitude-feminina/487433/>. Acesso em 30 de janeiro de 2020.

¹⁴¹ SARGENTO DA PM É PRESO SUSPEITO DE PARTICIPAÇÃO EM MORTE DE UNIVERSITÁRIA EM CAICÓ, RN. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2019/03/15/pm-e-presosuspeito-de-participacao-em-morte-de-universitaria-em-caico-rn.ghtml>. Aces so em: 30 de janeiro de 2020.

Entre uma exibição e outra, Roney me apresentou uma das responsáveis pela Batalha do Gueto, a MC Marília. Logo recordei se tratar daquela que duelara com o MC Doggie no 2º festival de hip-hop potiguar¹⁴², cuja disposição e cujo desempenho foram elogiados por participantes da Batalha do Vinho no grupo do WhatsApp – por algumas jovens e pelos MCs, inclusive por seu adversário naquela que houvera sido a batalha mais polêmica da noite.

Ao longo das apresentações da Batalha do Gueto, percebi algumas peculiaridades. No palco, além de apenas mulheres, havia bandeiras de movimentos estudantis e da Marcha Internacional das Mulheres, remetendo-me a lembranças da militância costumeira no espaço da Universidade. Eu almejava questionar meu amigo sobre onde estavam os MCs que visitaram a Batalha do Vinho e o porquê da mudança de nome da batalha naquela cidade. Preferi, entretanto, esperar a apresentação da rapper Pretta Soul, que até então estava sentada ao nosso lado.

Nas conversas que Roney seguia mantendo com interlocutores sentados junto a nós, ouvi comentários em tom crítico à postura de um dos organizadores da Batalha do Cristo. Pouco depois, Roney me confirmou que não houvera qualquer mudança de nome, mas que a Batalha do Gueto se tratava de uma dissidência entre os participantes da cena local. Ele me esclareceu também que no Gueto costuma ter duelos de MCs e que homens que participam desses duelos – o que, inclusive, pode ser constatado pelos vídeos da Batalha nas redes sociais¹⁴³. Naquela noite, contudo, tratava-se de um evento especial em razão do Dia Internacional da Mulher.

Essa edição especial do evento, entretanto, revelava um protagonismo feminino que eu não houvera visto na Batalha do Vinho ou em qualquer outra ocorrência da cena.

Encerrado o evento, Roney me apresentou mais uma jovem. Eu, como sempre, era o advogado da Batalha do Vinho. A moça também era alguém importante, com formação superior (condição ressaltada na sua apresentação). Ela tinha ajudado a inscrever a Batalha do Gueto em um edital do Poder Judiciário. Em linhas gerais, compreendi que o projeto classificava a Batalha do Gueto como um instrumento de ressocialização de egressos do sistema carcerário.

De tudo que conheci e soube naquela noite na Batalha do Gueto, o que ficou evidente e de mais importante foi o mencionado protagonismo feminino. Além da excepcional presença de mulheres como MC e hip-hoppers em geral, a organização da iniciativa tinha mulheres na sua centralidade. Nas conversas que mantivemos após a apresentação daquela noite e no dia seguinte, soube que, à exceção da MC Marília, as duas outras moças a quem fui apresentado –

¹⁴² Vídeo de 10:35 minutos. CANAL DA BATALHA DO VINHO. **Batalha do Vinho 6 anos – Dog x Marília (2º fase)**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_yNBzs1YAMA. Acesso em 30 de janeiro de 2020.

¹⁴³ Batalha do Gueto, Currais Novos/RN. **Canal da Batalha do Gueto no Youtube**. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCQte_DZStpBVKhfXJKg0qig. Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

a organizadora no início do evento e a responsável, dentre outras contribuições, pela inscrição da Batalha do Gueto no edital do Poder Judiciário – são filiadas ao Partido dos Trabalhadores. A segunda, inclusive, pude acompanhar por suas redes sociais online, era assessora de deputada estadual recém-eleita, tendo na juventude universitária e em movimentos ligados a pautas identitárias o forte de seu engajamento político e de sua propaganda eleitoral.

Na pequena roda de conversa que tivemos ao final da apresentação, perguntei sobre a importância de o Prefeito da cidade ser também do Partido dos Trabalhadores, questionei se isso facilitaria o desenvolvimento da cena. Me responderam que sim, exemplificando com o diálogo mantido com o Comando da Polícia Militar para evitar a repetição de certas abordagens. Assim, a perspectiva que se apresentava para a cena local no início de 2019 era positiva com a assunção do governo do Estado também por uma mulher do Partido dos Trabalhadores.

O restante da conversa naquela noite foi protagonizado por um rapaz da cidade que havia morado por algum tempo em Natal e, assim, participado da cena na capital. O jovem disse conhecer a Batalha do Vinho e destacou sua importância para as crianças da região, pois, agora, elas sonhavam ser MCs. Sua fala sobre o assunto não foi precedida de qualquer questionamento específico. Ele tratava de sua vivência quando, de maneira muito semelhante ao que ouvi do B-Boy Kammal, passou a atribuir particularmente à Roney as ações que elogiava. Quanto à sua história, essa era repleta de amigos que não tiveram a sorte de seguir um sonho como o de se tornar MC. Ele mesmo mencionou ser difícil encontrar motivos para seguir levando a vida adiante. (In)felizmente, sua história trazia um enredo ao qual me habituei na Batalha do Vinho.

Na manhã seguinte, antes de sair para Natal, encontrei Roney na casa da organizadora da Batalha do Gueto, onde ele estava hospedado. Almoçamos todos em um restaurante da cidade. Aquela foi mais uma oportunidade para compreender a relação entre eles.

Perguntei, de maneira objetiva, se eles haviam se conhecido na militância partidária e dali empreendido a parceira na cena dos duelos de rimas. Os dois foram taxativos ao me dizer que não, que Roney chegou à Currais Novos em contato com a Batalha do Cristo e que, diante do surgimento da Batalha do Gueto, passou a interagir mais com essa nova incidência dos duelos. A explicação parecia coerente com o que eu tinha acompanhado na Batalha do Vinho. Isso não quer dizer que um alinhamento ideológico prévio e a perspectiva pragmática de maior acesso ao poder público local – visto que exercido por quadros do Partido dos Trabalhadores – não tenham contribuído para a aproximação de Roney da Batalha do Gueto. É difícil sopesar em que medida cada uma dessas variáveis podem determinar os posicionamentos adotados.



Publicação da Batalha do Gueto faz alusão ao engajamento e ao protagonismo exercido.

As experiências relatadas no início do capítulo nos permitiu observar o hip-hop como expressão cultural marcada pelas assimetrias sociais características da realidade brasileira. Já a sequência do texto evidencia a possibilidade de constituir zonas de contato entre os segmentos sociais – contatos realizados sob fatores e influências locais e internacionais, por relações diretas travadas entre os indivíduos, mas também intermediadas pela indústria cultural.

Se o local evidencia as contradições sociais e os conflitos vividos, acerca do influxo externo paira certa ambivalência. Nesse contato, a possibilidade de uma aproximação cidadã, por meio do consumo como considera Herschmann (2005), inclusive com citação à Nestor Canclini, é contraposta pela perspectiva de que haveria a intensificação da pobreza nas cidades da periferia do mundo globalizado. Nesse sentido, Cataia e Silva (2013) ressaltam como a situação de pobreza de países como o Brasil resulta da forma como é empreendida sua inserção no processo de desenvolvimento econômico mundial, na divisão internacional do trabalho.

Em meio a essa realidade e a essa discussão, as batalhas de MCs se constituem como elemento da cena hip-hop e seguem sendo disseminadas pelo país. Esse acontecimento se faz acompanhado de evidentes sinais de sofisticação e de complexificação, o que denomino de estruturação por se realizar a partir de critérios qualitativos, estéticos e econômicos, da sociedade envolvente. A estruturação que procuro retratar, ressaltar, não pode ser apreendida de maneira estática, visto que em constante modificação, portadora de uma dinâmica valoração.

Considerando a experiência na Batalha do Vinho, encontrei na perspectiva de Victor Turner (2013) uma forma de dar inteligibilidade a algo que assimilei, inicialmente, como uma sensação. De fato, os momentos primeiros contatos me causaram a impressão de ser aquele um acontecimento apartado da dinâmica social ampla, um momento de ressignificação de seus indivíduos – sem que isso a distanciasse de uma tensa incorporação às estruturas sociais.

Assim, o tratamento conferido ao seu organizador e a disputa acerca do espaço e do tratamento conferido às mulheres na Batalha do Vinho muito se distinguem do que encontrei, respectivamente, no Duelo Nacional e na Batalha do Gueto. A tentativa de perpetuação de uma experiência apartada da sociedade estruturada, como constatado na Batalha do Vinho (sua busca por construir uma *communitas* espontânea) não parece ter lugar seja no Duelo Nacional, auge da estruturação, seja em eventos como a Batalha do Gueto. Essa, iniciada tendo em consideração as parcerias com o poder público (para além do Executivo local, alcançando oportunidades junto ao Judiciário e à representação no Legislativo) e buscando difundir uma pauta política até então secundarizada na cena – pode ser apontada como um esforço de estruturação diversa, “positiva”.

A experiência de renovação dos indivíduos submetidos aos duelos de MCs, de início, é limitada a fazer-lhes suportar o contato social, a conferir-lhes autoestima em meio aos iguais e resiliência no contato com as estruturas segregadoras da sociedade e violentas do Estado. Em seguida, todavia, abre-se a perspectiva de plena inclusão social, por meio da profissionalização.

Logo, se, num primeiro momento, predomina um efeito característico dos rituais coletivos de inversão de status, posteriormente, a contenção de eventual sublevação estrutural, da vontade de modificação das bases da estrutura social se dá a partir do convencimento de que é concretamente possível a ascensão social por meio da cena, à expectativa de tornar-se jogador de futebol, MC nos bailes funk dos anos 1990 (Herschmann, 2005) ou rapper, soma-se, agora e cada vez mais, a crença de ser um bom competidor nas batalhas de MCs – no Duelo Nacional, além da gravação de materiais audiovisuais destinados a lançar o vencedor no mercado profissional, a premiação em dinheiro que em 2017 fora de R\$ 5.000,00, em 2019 foi triplicada.

A construção dessa expectativa, em que pese basear-se em incidências fáticas, se dá, em grande medida, como um estímulo ideologicamente difundido, elaborado a partir dessas incidências. Esse processo termina por direcionar tais manifestações à lógica da estrutura social, muito embora sejam oriundas dos interstícios estruturais e, sendo, no sentido aventado por Mary Douglas (*apud* Turner, 2013), de difícil classificação, constituam uma potencialidade perigosa.

Assim, como também destacado por Turner (2013), sendo inconcebível que experiências espontâneas se mantenham apartadas das configurações jurídicas e políticas vigentes, as diferentes incidências na cena dos duelos de MCs, acaso dotadas de alguma potencialidade contestadora e reformuladora das relações estruturais, se encontram, ao menos no tempo presente, sob influência econômica e ideológica daquilo que Milton Santos (2015) denomina de pensamento único. Esse pensamento instrumentaliza fabulações ideológicas à serviço dos interesses dos beneficiários da globalização atual e – considero – tal procedimento pode ser compreendido com a contribuição de Wolfgang Iser (2002) sobre a atividade ficcional.

4. VIOLÊNCIA E MASCULIDADE NA ESTRUTURAÇÃO DOS DUELOS DE MCS.

As configurações das diversas sociedades, assim como os processos de estruturação conferidos às manifestações nela surgidas, são inescapavelmente permeadas por noções e atos de violência. Micael Herschmann (2005), ressaltando a centralidade da questão no contexto do hip-hop e do funk na década de 1990, observa a emergência de uma realidade, fragmentária e plural, em que diversas formas de sociabilidade evidenciam a forte presença da violência em atos concretos no âmbito de relações sociais assimétricas e no imaginário dos países ocidentais.

Nesse sentido, o autor afirma afastar-se de visões hegemônicas e mecanistas que compreendam a violência como uma anomia em meio a um processo de pacificação social iminentemente concluído (2005, p. 44). Embora destaque aquilo que, a partir de uma perspectiva de consenso social, considera ser as brechas abertas pela mídia e pelo mercado, o autor menciona a potencialidade de a violência constituir instrumento de mudança no curso da dinâmica social.

Em todo caso, ao passo que ressalta essa capacidade transformadora da violência, Herschmann atribui, não a uma assimetria no seu exercício, mas à imaturidade de nossa democracia, a persistência das desigualdades que se fazem coerentes com esse recente imaginário social (2005, p. 43). Todavia, se as constatações fáticas fossem motivação suficiente para o predomínio de um imaginário, menos razão de ser assistiria àquele outro, ora substituído, elaborado em torno da não-violência, da harmonia social e da integração étnica.

A razão para a referida modificação reside, não no que há de consolidado nas relações sociais, mas naquilo que se pretende empreender, nas projeções para o futuro. No caso, a constituição desse novo imaginário fragmentário e violento atende a implementação progressiva da globalização perversa (Santos, 2015), formulação ideológica produzida a partir dos preceitos econômicos neoliberais e seus efeitos na vida dos trabalhadores/consumidores nos diversos países do mundo – como bem demonstrado por Sherry Ortner (2016).

Essa relação de exploração sob marcos mais agressivos descarta, como consequência inevitável, a condição de uma pobreza incluída¹⁴⁴, como também a mera expectativa de inclusão

¹⁴⁴ Para Santos, uma pobreza incluída já foi possível: “Os países subdesenvolvidos conheceram pelo menos três formas de pobreza e, paralelamente, três formas de dívida social, no último meio século. (...) Antes, as situações de pobreza podiam ser definidas como reveladoras de uma pobreza acidental, residual, estacional, intersticial, vista como desadaptação local aos processos mais gerais de mudança, ou como inadaptação entre condições naturais e condições sociais. Era uma pobreza que se produzia num lugar e não se comunicava a outro lugar. (...) Era um mundo onde o consumo ainda não estava largamente difundido, e o dinheiro ainda não constituía um nexos social obrigatório, a pobreza era menos discriminatória. Daí poder-se falar de pobres incluídos”. (Santos, 2015, p. 69-70).

dos indivíduos marginalizados¹⁴⁵. Isso porque, nessa forma, remanesce ainda alguma esperança a impulsionar tentativas de superação da dívida social. Conforme registra Santos (2015, p. 71):

Ainda nesse segundo momento, que coincide com a generalização e o sucesso da ideia de subdesenvolvimento e das teorias destinadas a combatê-lo, os pobres eram chamados de marginais. Para superar tal situação, considerada indesejável, torna-se, também, generalizada a preocupação dos governos e das sociedades nacionais, por meio de suas elites intelectuais e políticas, com o fenômeno da pobreza, o que leva a uma busca de soluções de Estado para esse problema, considerado grave mas não insolúvel. (...) Mesmo em países como o nosso, o poder público é forçado a encontrar fórmulas, saídas, arremedos de solução. Havia uma certa vergonha de não enfrentar a questão.

Contudo, não a marginalização dos indivíduos, mas a esperança de remediá-la restou superada. Com a globalização perversa, colocou-se a pobreza estrutural, uma relação que impõe a necessidade da segregação social, promovida pela descaracterização cultural e que admite, mesmo, a eliminação física dos indivíduos nela situados. Essa forma de pobreza resulta não de um acidente, mas de um projeto racionalmente formulado e implementado¹⁴⁶. Milton Santos destaca que a formulação dessa pobreza estrutural se dá aliada ao esforço de encobrir seu caráter de produto consciente, de confundir o entendimento quanto a essa condição (2015, p. 73):

Essa produção maciça da pobreza aparece como um fenômeno banal. Uma das grandes diferenças do ponto de vista ético é que a pobreza de agora surge, impõe-se e explica-se como algo natural e inevitável. Mas é uma pobreza produzida politicamente pelas empresas e instituições globais. Estas, de um lado, pagam para criar soluções localizadas, parcializadas, segmentadas, como é o caso do Banco Mundial, que, em diferentes partes do mundo, financia programas de atenção aos pobres, querendo passar a impressão de se interessar pelos desvalidos, quando, estruturalmente, é o grande produtor da pobreza. Atacam-se, funcionalmente, manifestações da pobreza, enquanto estruturalmente se cria a pobreza ao nível mundial. E isso se dá com a colaboração passiva ou ativa dos governos nacionais.

¹⁴⁵ “Num segundo momento, a pobreza é identificada como uma doença da civilização, cuja produção acompanha o próprio processo econômico. Agora, o consumo se impõe como um dado importante, pois constitui o centro da explicação das diferenças e da percepção das situações. (...) A ampliação do consumo ganha, assim, as condições materiais e psicológicas necessárias, dando à pobreza novos conteúdos e novas definições. Além da pobreza absoluta, cria-se e recria-se incessantemente uma pobreza relativa, que leva a classificar os indivíduos pela sua capacidade de consumir, e pela forma como o fazem.” (Santos, 2015, p. 71).

¹⁴⁶ “O último período, no qual nos encontramos, revela uma pobreza de novo tipo, uma pobreza estrutural globalizada, resultante de um sistema de ação deliberada. Examinado o processo pelo qual o desemprego é gerado e a remuneração do emprego se torna cada vez pior, ao mesmo tempo que o poder público se retira das tarefas de proteção social, é lícito considerar que a atual divisão “administrativa” do trabalho e a ausência deliberada do Estado de sua missão social de regulação estejam contribuindo para uma produção científica, globalizada e voluntária da pobreza. (...) Alcançamos, assim, uma espécie de naturalização da pobreza, que seria politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração consciente dos governos nacionais e, contrariamente às situações precedentes, com a convivência de intelectuais contratados – ou apenas contatados – para legitimar essa naturalização.” (Santos, 2015, p. 72).

Nesse sentido, a compreensão da violência e de suas potencialidades, passando pela distinção entre uma violência cotidiana, reificadora do imaginário vigente, e uma violência portadora da capacidade de subversão estrutural, exige a compreensão daquilo que Milton Santos define como violência estrutural¹⁴⁷ que, ao se fazer ensejadora de uma competitividade extrema entre indivíduos, empresas e Estados, resulta numa perversidade sistêmica. Sendo, agora, o consumo e, para tanto, o dinheiro metas inquestionáveis – em cuja busca todas as ações se fazem previamente justificadas – as pessoas passam agir, no exercício da competitividade, com a máxima potência possível¹⁴⁸. Acerca dessa perversidade sistêmica resultante do processo em curso e seu impacto sobre a experiência democrática, Santos observa que (2015, p. 59-61):

Vivemos num mundo de exclusões, agravadas pela desproteção social, apanágio do modelo neoliberal, que é, também, criador de insegurança. Na verdade, a perversidade deixa de se manifestar por fatos isolados, atribuídos a distorções da personalidade, para se estabelecer como um sistema. (...) Para o triunfo das novas virtudes pragmáticas, o ideal de democracia plena é substituído pela construção de uma democracia de mercado, na qual a distribuição do poder é tributária da realização dos fins últimos do próprio sistema globalitário. Estas são as razões pelas quais a vida normal de todos os dias está sujeita a uma violência estrutural que, aliás, é a mãe de todas as outras violências.

Nesse sentido, o império da violência estrutural promove e intensifica a beligerância entre indivíduos e no âmbito das relações entre os contingentes populacionais que se percebem – a partir de seus diferentes acessos ao consumo e à experiência de cidadania – como segmentos sociais distintos. Em razão de a estruturação no marco da globalização perversa conciliar os momentos de desenvolvimento e de crise do sistema, se faz necessário um recurso, cada vez mais sofisticado, a estratégias e instrumentos de convencimento ideológico. Só assim, tem sido possível coexistir indivíduos diferenciados no acesso a direitos e no tratamento dispensado pelos agentes da violência estatal; coexistência dada em territórios aproximados, mas sob diferentes relações com monopólio estrutural da violência – ainda que, dentre tantas noções ideologicamente construídas, se sustente tratar-se de um mesmo “território brasileiro”.

¹⁴⁷ “Fala-se, hoje, muito em violência e é geralmente admitido que é quase um estado, uma situação característica do nosso tempo. Todavia, dentre as violências de que se fala, a maior parte é sobretudo formada de violências funcionais derivadas, enquanto a atenção é menos voltada para o que preferimos chamar de violência estrutural, que está na base da produção das outras e constitui a violência central original. Por isso, acabamos por apenas condenar as violências periféricas particulares. (...) Paralelamente, evoluímos de situações em que a perversidade se manifestava de forma isolada para uma situação na qual se instala um sistema de perversidade, que, ao mesmo tempo, é resultado e causa da legitimação do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, consagrando, afinal, o fim da ética e o fim da política” (Santos, 2015, p. 55-56).

¹⁴⁸ “Para exercer a competitividade em estado puro e obter o dinheiro em estado puro, o poder (a potência) deve ser também exercido em estado puro. O uso da força acaba se tornando uma necessidade. Não há outro *telos*, outra finalidade que o próprio uso da força, já que ela é indispensável para competir e fazer mais dinheiro; isso vem acompanhado pela desnecessidade de responsabilidade perante o outro, a coletividade próxima e a humanidade em geral” (Santos, 2015, p. 58).

Se, no capítulo anterior, conhecemos as características da estruturação a incidir sobre a cena, as expectativas criadas em seus integrantes e as oportunidades de contato entre os diferentes segmentos sociais, a partir de agora enfoco o papel desempenhado, em benefício estrutural, pela prática da violência segundo as relações decorrentes de seu atual monopólio.

Para tanto, a compreensão dos usos da violência em diferentes territorialidades passa pela análise das masculinidades adotadas, em especial por indivíduos que ainda não consolidaram sua referida opção e que, portanto, se fazem detentores de uma masculinidade de transição, a exemplo, como veremos, do ethos a primeiro predominar na prática dos duelos.

4.1 AS OCORRÊNCIAS DA VIOLÊNCIA NA BATALHA DO VINHO.

Na manhã de 27 de novembro de 2017, eu estava na sala de embarque do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Belo Horizonte/MG, a procura de cadeira próxima a uma fonte de eletricidade que me permitisse conversar durante as três horas que faltavam até meu voo de volta à Natal. Os meus mais aguardados interlocutores eram Roney e o MC Kung Fu.

Após ter acompanhado nossa representação na etapa regional em Recife/PE e, agora, ter assistido, em meio a milhares de outros expectadores, o Duelo Nacional, eu estava ansioso para compartilhar minha impressão sobre o que deveríamos – nós, da Batalha do Vinho – fazer para alcançar o objetivo de participar daquele momento-ápice das competições de rima.

Eu considerava ser preciso uma interação direta com o pessoal da “Família de Rua”. Após testemunhar a complexidade do evento e supor os interesses envolvidos, não me parecia razoável esperar que uma batalha de outro estado, responsável por realizar a seletiva regional, abdicasse de um ter um participante seu naquele evento. Nós tínhamos boa estrutura e já alguma reputação para pleitear maior protagonismo na cena nacional e nós tínhamos o principal, MCs com qualidade para vencer o Nacional. Nos faltava, apenas, uma melhor e efetiva comunicação.

Abro, então, o Facebook no meu celular. Roney está entre as primeiras publicações que aparecem na minha *timeline*. Embora ele tivesse o costume de republicar algumas frases e fotos de sua preferência, naquele ano nenhum conteúdo foi tão postado quanto a expressão “**LUTO**”. Ao contrário de outras publicações, era sempre um novo luto. A morte parecia não cessar suas aparições, não deixando tempo para remoer as dores já sofridas. Daquela vez, o luto não era por alguém do convívio direto e sim por uma referência do hip-hop nacional – o B-boy Banks¹⁴⁹. A olhos leigos, a distância poderia minorar a perda, mas postagens sobre o acontecido marcaram as *timelines* de vários frequentadores e dos grupos online da Batalha do Vinho.

¹⁴⁹ MORRE B.BOY BANKS BACK SPIN, UM DOS ÍCONES DO HIP HOP BRASILEIRO. AGUIAR, Aurora. **R7**. Seção Música. São Paulo, 27/11/2017. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/musica/morre-bboy-banks-back-spin-um-dos-icone-do-hip-hop-brasileiro-05102019>. Acesso em 27 de janeiro de 2020.

De maneira semelhante, o MC Kung Fu não parecia atento às minhas tentativas de conversa: demorava para me responder e, quando o fazia, era sempre com poucas palavras. Supus que também estivesse preocupado, possivelmente pela mesma razão que Roney. Desisti, então, de lhes contar tudo que eu tanto queria. Dali a duas semanas, o Jesiel Figueiredo receberia o 2º festival de hip-hop potiguar, de maneira que teríamos muito tempo para conversar. Antes de chegarmos ao festival, contudo, outros registros reclamam a nossa atenção.

4.1.1 Em meio a dilemas e dores, o contato inicial com a violência.

No semestre inicial de 2017, tive uma longa conversa com Roney, via WhatsApp. O diálogo foi permeado pelo tema da violência. Eu estava triste porque um jovem que conheci criança (sua família morava na mesma rua que a minha, seu irmão mais velho jogava bola comigo nas calçadas e ruas), havia sido “capturado” nas proximidades da ponte de Igapó – que conecta a Zona Norte ao restante da cidade. Ali, às margens do Rio Potengi, segundo vasta cobertura midiática, há o domínio territorial do Primeiro Comando da Capital - PCC em Natal¹⁵⁰.

Dias antes da nossa conversa, conhecidos haviam me relatado que um áudio fora divulgado pelos responsáveis por aquela captura. Na gravação, se atribuía a abordagem daquele jovem e de seu amigo, que ali transitavam em uma moto, a um suposto pertencimento à facção local, adversária. Diante da suspeita, ambos foram mortos com requintes de extrema crueldade – um dos corpos foi encontrado sem um dos braços, o outro, decapitado. Na oportunidade, Roney me contou rezear que a Batalha do Vinho fosse confundida com algum desses lados, seja entre facções, seja entre essas e a Polícia. Ele me confidenciou ter buscado, dentro do conhecimento que tinha na localidade, esclarecer quais eram as finalidades do evento.

Três semanas após essa conversa, outra publicação de Roney no Facebook: **“Luto”**. Apesar das reprimendas que ele vinha conferindo às diversas perguntas em sua publicação que demonstravam maior curiosidade com o acontecido do que preocupação com a vida perdida e com os sentimentos de familiares e amigos, me arrisquei a indagar o que tinha acontecido, se eu conhecia o rapaz que acabara de falecer. Roney disse que passaria no meu local de trabalho, pois estava indo ao centro da cidade resolver alguns problemas e me explicaria o ocorrido.

Ao encontrá-lo, percebi que seu semblante era de intenso pesar. Para além da tristeza com a perda de um amigo ainda mais jovem do que ele, Roney estava atordoado com a sobrecarga de suas responsabilidades. Em razão de seus contatos, ele estava cuidando dos

¹⁵⁰ FAVELA DO MOSQUITO: ESTADO DE SÍTIO. MAZDA, Aura. **Tribuna do Norte**. Natal, 29/07/2018. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/favela-do-mosquito-estado-de-sa-tio/419728> . Acesso em 27 de janeiro de 2020.

procedimentos junto ao Instituto Médico Legal – ITEP/RN e ao local de sepultamento. Eu, então, retive a intenção de entender os fatos passados por constatar que o acontecimento ainda seguia seu curso. Em todo caso, não controlei minha curiosidade o suficiente para não despertar o receio de meu interlocutor. Roney, provavelmente por supor que eu mencionaria os fatos neste trabalho, parecia medir o que me contava – eventual publicidade parecia lhe preocupar.

De fato, passados alguns anos, aqueles acontecimentos ainda me recomendam cautela. De tal sorte, que suprimo certos nexos e nomes. O registro do caso, todavia, é indispensável. Para entendermos os discursos, as rimas dos MCs e os versos dos rappers da Zona Norte de Natal é preciso ter noção de sua vivência, do que é a realidade no contexto da Batalha do Vinho.

Reunindo fragmentos de falas, compreendi que tudo começara com uma discussão, aparentemente motivada por uma dívida, entre duas mulheres. Após o desentendimento, dois filhos de uma delas e mais um amigo foram à casa da outra. Ao adentrarem à residência, foram recebidos a tiros por um “coroa” com quem a mulher teria um relacionamento e que “segundo comentam, seria um policial aposentado”. Embora dois jovens tenham conseguido escapar da situação, o irmão mais novo terminou alvejado pelas costas e não resistiu aos ferimentos.

Eu estava a assimilar a sequência desses fatos, quando nossa conversa foi interrompida por uma ligação; era a mãe do jovem vitimado. Roney estava sem crédito para retornar a ligação e precisou de um telefone emprestado, meu colega de trabalho lhe ofereceu o celular. Logo após comunicar àquela mãe o local de sepultamento de seu filho, Roney saiu com destino ao ITEP/RN, onde resolveria tratativas para liberação do corpo e, em seguida, se dirigiria para o referido local onde o corpo seria velado. Me impressionou, naquele momento, como Roney, um jovem de 21 anos, tinha entre as obrigações assumidas com a Batalha do Vinho responsabilidades que iam muito além da organização de encontros semanais festivos.

Após a saída de Roney, aquela mãe voltou a ligar para o telefone de meu colega. Esse, mesmo desconfortável com o evidente sofrimento que ela estava vivenciando, retornou-lhe à ligação para informar que Roney já não estava conosco e que não tínhamos como contactá-lo.

Nos dias seguintes, embora eu não tenha questionado Roney sobre o assunto, vi que o fato repercutia intensamente entre os participantes da Batalha do Vinho. Publicações foram feitas e ainda constam nas redes sociais em apreço ao jovem que parecia ser querido por todos.

Cerca de um mês após o acontecido, quando da visita seguinte de Roney ao meu local de trabalho, procurei saber mais informações sobre o caso, precisamente se o criminoso havia sido preso. Ao indaga-lo, eu não concebera a possibilidade de ele, sem adentrar em maiores detalhes, limitar-se a responder que “não, mas a mulher do coroa morreu”. Aquela não era uma

reposta que eu esperava, mas era uma resposta que sugeria o fim do assunto. E eu, de fato, vi esvair qualquer curiosidade que ainda tivesse; eu já não queria perguntar nada sobre o caso.

Apesar de minha indisposição, mais uma vez o assunto seguiu sendo abordado no grupo da Batalha do Vinho no WhatsApp. De maneira que eu não pude deixar de saber, com grande perplexidade, que, ao que tudo indica por uma espécie de vendeta atual, a mãe do jovem assassinado, a senhora que semanas antes eu houvera visto conversar com meus dois amigos, tinha sido a mais recente vítima do ódio que segue vencendo na Zona Norte de Natal¹⁵¹.

Esse não foi o único caso em que a violência rondou os meus meses na Batalha do Vinho. Nesse contato, compreendi que a violência, quando praticada contra um dos nossos, constitui sempre uma intim(id)ação. Esse exercício da violência coloca em questão a aderência à sua prática ou o silenciamento diante dos que a praticam; impõe, pois, um dilema acerca do tipo de virilidade a ser adotada, uma virilidade de disputa pela hegemonia ou de subordinação.

Em março de 2017, eu conheci dois dos principais participantes da Batalha do Vinho, os MCs Codorna e Kung Fu. Na ocasião, após eles se apresentarem em um bar localizado no centro da cidade, nos dirigimos para outro bar, agora na Avenida Bernardo Vieira.

Quatro meses antes daquela noite, quando o confronto com a Batalha da Quadrinha/CE encerrou o ano de 2016, o duelo entre os MCs Kung Fu e Iraquiano se mostrou um dos mais divertidos – justificando toda a expectativa criada nos dias anteriores. Ao elaborar um de seus ataques, o MC cearense fez referência a uma suposta irmã do MC Kung Fu. Esse, que tinha um irmão mais velho, respondeu à provocação do adversário, afirmando perspicazmente que “minha *irmã*, além de ter uma 9 milímetros, o clitóris dela tem 30 centímetros”.

Na primeira batalha do ano seguinte, contudo, o clima já não era de alegria. Uma grande comoção pairava entre os MCs e os participantes mais próximos da Batalha do Vinho. Descobri, de uma péssima maneira, que a referência feita pelo MC Kung Fu à “9 mm” de seu irmão não era mera brincadeira; pois seu irmão havia sido fatalmente atingido em uma troca de tiros. No início daquela noite no Jesiel Figueiredo, Kung Fu, visivelmente emocionado, se apresentou com o IPCS. Os demais integrantes do grupo homenagearam seus dois amigos, um que se fora e outro que ali, cabisbaixo, enxugava as poucas lágrimas que não conseguia reter.

¹⁵¹ Ao revisar este trabalho, procurei confirmar alguns dados com Roney. O único fato relevante – que eu poderia ter entendido errado – foi esse acontecimento. Agora, mais de três anos depois, a mulher envolvida na discussão foi descrita como uma “travesti” e essa não teria sido morta após o homicídio do jovem. Inicialmente, frente a essa nova versão, considerei retificar o meu escrito. Contudo, considero que o apagamento desse crime possa ser uma estratégia de meu informante no interesse de não levantar suspeitas incriminadoras aos interessados numa suposta vingança de seu jovem amigo. Assim, realizo a presente nota, apresentando as duas versões que me foram narradas.

Apenas dez dias se passaram entre aquela noite e o nosso encontro. Ali, à mesa, Kung Fu lamentava o ocorrido, mencionava em especial a dor da perda para seu avô já idoso. Muitas ideias pareciam passar em sua cabeça, as quais, de maneira automática, ele desabafava. Entre os goles de aguardente, ele transitava entre a ideia de vingar a morte de seu irmão e o desejo de se tornar advogado para combater as covardias que via acontecer na periferia. Naquele momento, ébrio de dor, ele dava igual vazão a caminhos tão diferentes e distantes de concretizar.

Embora aquela situação fosse bastante dramática, ela não era a única a evidenciar os dilemas vividos. Diversas podem ser as angústias experienciadas na definição da identidade de um jovem. Desde a disputa entre irmãos pela virilidade dominante na casa desprovida da presença paterna até a decisão sobre ceder, ou não, às exigências de adequação a um comportamento socialmente desejado. Se ausência paterna abre espaço para disputa, a presença impõe-se com certa dramaticidade. A adoção de estilo e de práticas próprias ao hip-hop não costuma passar impune à autoridade paterna, sobretudo quando esse é um agente da violência estatal. No âmbito desse dilema, inclusive, fui acionado, alguns meses depois, para esclarecer como se dão os procedimentos policiais/judiciais – o jovem havia recebido o alerta de que, caso se envolvesse em algum problema com a Polícia/Justiça, não contasse com a ajuda familiar.

Sobre aquela noite, sua intensidade constituiu, para mim, uma experiência valiosa; indo além das relevantes contribuições conferidas a este trabalho. O encontro restou marcado em publicação feita por Roney, no Facebook, com a hashtag [#EuAmoMeusAmigos](#). Assim, a experiência fora da rotina de encontros semanais na Batalha do Vinho se mostrou bastante útil. Inclusive, alguns meses depois, de maneira semelhante, fui introduzido a outro importante MC da Batalha do Vinho, o Café que, junto à Roney, forma o “Lei da Sobrevivência”.

4.1.2 Quando a violência perpassa a aparente segurança do virtual.

Em meados daquele ano, após a saída do MC Bolla da organização da Batalha do Vinho, Roney propôs a realização de reuniões quinzenais para discutir os caminhos do evento, as modificações que entendia se fazer necessárias e a divisão de tarefas daí decorrentes. Contudo, fato superveniente interrompeu, uma vez mais, os planos do grupo. Esse acontecimento que encerrou a realização das reuniões, que fez aqueles que desejavam realizar as batalhas no espaço da rua desistir de tal ideia e que colocou em risco a continuidade da própria Batalha do Vinho, foi a presença intimidadora, em uma dessas reuniões, de um indivíduo, morador das redondezas do Jesiel Figueiredo, que exigia o imediato encerramento dos duelos. Até então, pouco se sabia dele, apenas que era uma pessoa violenta e, ouvia-se falar, que seria policial.

Alguns dias após esse episódio, em uma tarde de setembro, novamente o “campo” veio até mim. A ligação de Roney, não precedida de qualquer mensagem via WhatsApp, me causou alguma estranheza. Ao atendê-lo, percebi sua aflição. Ele ligava pedindo ajuda, pois não sabia o que fazer diante de algo que acabara de acontecer. Logo, assimilei que se tratava de um pedido repassado, que ele recebera em razão de sua condição de organizador da Batalha do Vinho.

O problema, dessa vez, havia surgido no WhatsApp e passava a representar risco para além do virtual. Alguns participantes do grupo da Batalha do Vinho estavam comentando sobre o sujeito que atrapalhara a reunião no Jesiel Figueiredo. Logo, porém, esses comentários teriam se transformado em chacotas e em ameaças com algum grau de concretude. E pior, tinha chegado ao conhecimento do indivíduo destinatário dos comentários. Esse, então, de posse dos contatos dos participantes do grupo, realizou ameaças, em especial a um rapaz e a uma moça.

Ao tomar conhecimento dos mencionados diálogos, o indivíduo encaminhou vídeos e áudios para as vítimas de suas ameaças. Eram fotos de cadáveres e, nos áudios, após se apresentar como o autor dos assassinatos, alertava que aqueles que tivessem planejado algo contra ele teriam o mesmo destino. Era, então, compreensível o nervosismo de Roney que não parava de ressaltar o desespero da jovem que havia recebido o referido conteúdo. Diante do ocorrido, Roney acreditava que o melhor a fazer era comparecermos – eu o acompanharia na condição de advogado – à Delegacia para relatar o ocorrido.

Após tentar acalmá-lo, expliquei-lhe o que acreditava que viria a ser o procedimento adotado no caso; opinei que aquela ação poderia não surtir o resultado almejado. Sugeri, então, que ele procurasse algum dos contatos que tinha em razão da militância política. Eu sabia que alguns de seus conhecidos poderiam ajudá-lo. Minha ideia era que, caso se tratasse realmente de um policial, algum superior hierárquico, eventualmente provocada por autoridade política, poderia intimidar o sujeito. Era um recurso que eu acreditava ter eficácia imediata, mas que estava além de mera qualificação técnica de um advogado qualquer. A rede de sociabilidade que Roney, muito sabiamente, havia tecido, contudo, poderia suprir essa necessidade. Ele aceitou minha recomendação e ficou de me informar sobre o andamento da situação.

Tão logo encerrada nossa ligação, eu busquei o grupo da Batalha do Vinho no WhatsApp. Ali, havia uma grande quantidade de mensagens, o que, todavia, era habitual – de maneira a não ser suficiente para ter despertado, antes, a minha atenção. Retornei as mensagens até o momento em que o assunto se tornara o tema único das conversas. Compreendi que tudo começara quando um dos membros postou foto do suposto policial com o seguinte comentário “Tô de olho em vocês :v”; seguida de uma observação “homê, tô fazendo o meme aqui já”.

Após ser indagado por outro participante do grupo, o autor do primeiro comentário confirmou ter encontrado, no Facebook, o perfil do sujeito que os ameaçara e forneceu o nome para que todos pudessem acessá-lo. Um tom de gozação, então, tomou conta do grupo. O assunto, contudo, ficou mais sério quando alguns dos membros passaram a questionar se não seria aquele sujeito que estava rondando a região em um carro escuro – esse comentário remete ao procedimento adotado pelos autores do atentado ocorrido em fevereiro daquele ano e relato por Roney no Facebook. O diálogo que se seguiu entre os mencionados membros do grupo – M(embro)1 (o que fez a postagem inicial da foto) e M(embro)2, se deu da seguinte maneira:

M1: Mermaao, ele tava so curujando ontem P de noite fazer merda.

M2: Os boy chegaram a q de noite dizendo q ele tava num HB prata tirando onda kkk, sabia que era ele ali.

M1: “kkkkkkkkkkkk boe ele deu uns tiro lá no nelio.

Após o momento inicial, se dá uma clara ruptura entre os comentários desprezíveis e jocosos e aqueles que debatem a possibilidade de uma ação fora das redes sociais. A partir desse momento, se passa a defender atitudes contra aquele que realizava constantes ameaças aos jovens do entorno da Batalha do Vinho:

M1: Quem tiver lendo isso e tmb tiver estiga de fazer um esquema pra tocar o terror na vida desse bixo, chama pvd. Bora se juntar uma galera e fazer um esquema pra derrubar ele ou pra tocar o terror mesmo.

M2: Uns 6 boe resolve, porq ele sempre ta cm alguém;

M1: Explodir a loja dele, precisa de muita gente não, só precisa ser bem bolado. Alguém pega o nmr dele e liga pra ele, dizendo que sequestrou a família dele;

M2: Ome explode a loja com ele dentro S2.

M1: kkk Queria de vdd que esse bixo morresse, pqp, nao tem mais paz no half.

M2: Nem no nelio, nem da um role de carrinho pode mais.

O diálogo foi interrompido quando o membro do grupo postou o *meme* que dissera estar fazendo. Na imagem dividida na horizontal, duas fotos do suposto policial retiradas de sua página no Facebook. Na parte de cima, junto a foto em que aparece raivoso, com os dentes cerrados, foi inserida a frase: “Quando vc ta no half e ve alguém fumando”. Na parte de baixo, pode-se entender o semblante como de tranquilidade ou de frustração. Uma constatação explicaria a causa dessa reação: “Era cigarro”. A partir daí, os comentários são retomados:

M3: Só não deixe chegar nele esse bagui aí kkkkkkk.

M2: Ele já quer matar todo mundo kkkkkk se ele vir isso ele faz uma chacina no Vinho.

M1: Só tomara que ele morra antes de matar alguém q n tem nada com a psicopatia dele.

M2: Verdade.

M3: Então kkkkk. É bom que ele vire MC, aposto nele pro nacional 2018.¹⁵²

M4: Se tirar A1 (o referido agressor) do Half, A2 (outro agressor que até então não mencionado) volta.

M1: Ai tira A2 tmb.

M4: Tais por fora geral kkkkk.

M1: Me surpreendo é que nenhum bixo doido ainda não tenha perdido a paciência e criado coragem de fazer o certo.

M4: N sei qual é o pior dos dois. Tu acha que não (se referindo à suposição de que ninguém tenha atentado contra A1)? Só que é aquela coisa, 10 tiro do bandido n vale um do polícia né.. já tentaram matar A1 e A2, n conseguiram e morreram.

M1: Incompetência bandidal.

M5: Boy, não deve ser tão difícil. Num tá com a porra. Passa um doido trincado lá de pó numa moto já era. Ngm pega.

M4: Galera n sabe da retaliação.

M5: Eu fico puta com a audácia desse cara mermao.

M1: No dia que ele bater de frente com uma alma malassombrada de vdd ele ganha o dele. Freske?! Vcs pensam baixo demais.

M6: (em concordância com M4): Né, o troco vem 100x pior, bglh é segurar a onda. Só a real.

M1: Quem segura onda é o mar homi.

M6: kkkkkkkk Mano mas é fato alguém derrubar esse bixo no half todo dia vai aparecer alguém e derrubar 3 dos nossos.

M1: Quem disse que tem que ser no half?

M5: Mas ele dá uns vacilo. Ele não tá ligado 24h por dia. Num tá com a porra.

M1: A galera ta movida a base do medo já. E não pensa no quadro geral. Existem bem pouquinha gente nessa cidade que tem motivo pra apagar esse bixo viu. Quem disse q tem q ser no half? Onde quer que for q apagarem ele ngm pode dizer “foi alguém do half”, existem centenas de bandidagens de altas quebradas q seriam suspeitos.

M6: Eu mesmo n vejo graça de colar ali no half... Dps de tanto atraso dessas duas peças, perdi a instiga. Quero ir pra um canto e ficar sossegado sem ter que ficar comprando malícia de ngm e nem ligeiro em policial doido.

M5: Eu só acho que não somos nós que temos que sair de lá ou ter medo dele. Ngm tá fazendo porra nenhuma ali além de fumar, beber e andar de skate. Ele que tá de vacilo indo meter terror por nada. Quem tem que cair é ele. Fim.

O assunto parecia superado com a continuidade do foco no debate sobre a legalização da maconha e seu uso em público e sobre a preferência de alguns por não sair de casa em razão

¹⁵² A menção à palavra “chacina”, citada no comentário de M2, é utilizada nas batalhas para tratar de um bom MC que costuma destruir muitos adversários com suas rimas.

da violência, quando Roney, que não participava da conversa, postou o print de uma publicação que um jovem fizera no Facebook, era o referido *meme* pouco antes postado no grupo. Roney, então, alertou: “uma coisa é brincar aqui no grupo do WhatsApp, outra coisa é postar isso no Facebook. Não sei quem é esse boy, mas se conhecerem, mande apagar isso, porque já teve casos de boys que fizeram esses tipos de brincadeiras e ele ficou sabendo e não foi muito legal o que aconteceu não, visse”. Os comentários sobre o tema, então, foram retomados:

M7: :v o cara tá brincando com a vida. Já deixei recado para ele apagar.

M8: Q embaço.

M9: Eu não sei quem é... Mas pelo visto, deve ser embaçado mesmo. kkkk.

M7: Karae esse boe que morrer. So pode.

M10: hooooooooome. Quer morrer mesmo esse daí viu.

M7: Ele apagou.

M11: Esse povo é mt sem noção. Uma coisa realmente é brincar no wpp. Todo mundo ri, é massa, e ainda tem um pouco de privacidade. Aí mete lá no FB boy... Deixe quieto. Eu tenho esse (nome de quem publicou no Facebook) no fb... nam.

M12: Quem é esse boe que ta afim de morrer logo? qnd se fode não sabe pq.

Todos esses diálogos se deram em um curto espaço de tempo. Os comentários acima transcritos, dentre outros, ocorreram entre o final da manhã e o final da tarde. Nas duas horas seguintes, esse conteúdo chegou ao conhecimento do agressor, esse ameaçou os participantes mais entusiasmados no grupo, os quais, de pronto, contactaram o organizador da Batalha do Vinho que, por sua vez, me procurou. Ainda naquela noite, enquanto realizava os prints e as anotações referentes àquela conversa, constatei uma verdadeira debandada no grupo. Ali, não era comum a saída dos participantes, transcorria meses sem que nenhuma saída ocorresse. Contudo, naquele período de horas, cerca de quinze pessoas deixaram o grupo – além de alguns retardatários nos dias seguintes. Embora os comentários proferidos sugiram que os presentes atribuíssem o vazamento daquele conteúdo a sua disponibilização no Facebook, o medo ou uma maior reflexão acerca da privacidade do WhatsApp, resultou num alto abandono do grupo.

Ainda naquela noite, voltei a conversar com Roney. Ele me disse ter estabelecido contato conforme havíamos conversado; disse que uma advogada que conhecemos – filiada ao PC do B e ligada à pauta dos direitos humanos – conversou com alguns conhecidos da Polícia Civil. Essa advogada teria ficado bastante preocupada por ter descoberto que aquele sujeito não era policial, ou melhor, não mais era policial, uma vez que havia sido judicialmente expulso da corporação por integrar um grupo de extermínio. Essa informação intensificou o medo de todos. É possível que, após conhecido esse histórico, muitos dos participantes tenham decidido sair do grupo no WhatsApp. Sugerir, por fim, que Roney não se envolvesse demais no caso. Ele me

disse que ter recebido a mesma orientação da advogada que lhe ajudara. Roney, entretanto, em tom de desabafo, comentou ser esse o preço a pagar por querer sempre ajudar as pessoas.

Nas semanas seguintes, os principais destinatários das ameaças se ausentaram dos espaços públicos; não mais foram vistos nas redondezas. Para esses jovens e demais envolvidos naquela conversa, não houve maiores consequências nos três transcorridos desde então.

4.1.3 A experiência com a violência na constituição dos indivíduos.

O acontecimento acima antecedeu em algumas semanas as viagens para acompanhar os duelos regional e nacional. Ao regressar da última delas, a expectativa era pelo 2º Festival de Hip-Hop Potiguar, evento integrante das festividades de final de ano da Prefeitura de Natal. As atividades seriam realizadas, em parte, na sede do movimento Nossos Valores e, outra parte, sob a organização da Batalha do Vinho, no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. A minha disponibilidade para comparecer ao evento se limitou ao final de semana, iniciando pelas últimas horas da sexta-feira; aquela era a noite em que ocorreria a competição entre os MCs.

Na minha chegada, encontrei a comitiva do Prefeito Carlos Eduardo Alves que estava deixando o Espaço Cultural – além do Secretário de Cultura, cinco ou seis outros homens o acompanhavam. Ao adentrar a arena dos duelos, presenciei parte da disputa que findou na desclassificação do MC Kung Fu. Sua eliminação ocorreu na semifinal da competição diante de um MC que eu até então desconhecia – o MC Playmobil – e que, depois vim a saber, é colega do curso de Ciências Sociais/UFRN. Naquela noite, Kung Fu não parecia batalhar como de costume, suas rimas não fluíam tão facilmente. De fato, encerrado o duelo, ele comentou não estar em um bom dia. Contudo, ele se mostrava satisfeito por razão que logo compreendi quando ele me perguntou se eu tinha visto a galera do Jesiel mandar o Prefeito “tomar no cú”. Eu não tinha chegado a tempo de presenciar tal fato, mas suponho que tenha sido algo ostensivo, pois, quando o encontrei naquela noite, Roney me fez a mesma pergunta.

No sábado, não haveria batalhas; a noite seria dedicada a apresentações musicais de diversos grupos. Naquelas horas, pude conversar com Roney, que não estava responsável pela apresentação das bandas, e com o MC Kung Fu que aguardava o momento de sua apresentação, pois o IPCS realizaria o último show da noite. Eu, então, tive a certeza de que naquela noite, finalmente, poderia contar-lhes minhas impressões e opiniões acerca do Duelo Nacional.

Aquele final de semana seria também a minha despedida do campo de pesquisa e do Jesiel Figueiredo. Me valendo desse fato, convidei o MC Kung Fu para irmos até a outra extremidade do Jesiel Figueiredo, onde eram realizados os primeiros duelos no Espaço Cultural.

Considerando que dias antes, como atividade integrante do festival, tudo ali havia sido grafitado, Kung Fu estava empolgado por me mostrar a arte recém produzida naqueles muros.

Sendo aquela conversa uma despedida também do bom convívio estabelecido com Kung Fu e recordando as várias ideias que passaram em sua cabeça no nosso primeiro encontro, procurei reforçar sua pretensão de fazer um curso universitário. Eu mencionei que, com o novo emprego que me levava a mudar de cidade, caso ele desejasse, eu poderia ajudar de alguma maneira em seus estudos, talvez contribuindo no custeio de um cursinho preparatório e mesmo, caso ele conseguisse um desconto pelo PROUNI, de uma faculdade particular.

Kung Fu me agradeceu e disse que pretendia sim retomar os estudos; que havia concluído o ensino médio no anterior, mas que em razão do acontecido não pode prosseguir. À minha oferta, contudo, ele disse não necessitar, pois havia o cursinho preparatório da própria UFRN que já frequentara e que seria de boa qualidade. Além disso, foi taxativo ao afirmar não ter interesse em faculdades particulares, pois ele pagava seus impostos e era obrigação do Estado lhe garantir os estudos, então seria na UFRN que ele cursaria seu nível superior.

A ausência dos duelos naquela noite, ou seja, do objeto central de meu interesse, substituídos por shows que pareciam encerrar o ano da Batalha do Vinho e a minha pesquisa, sugeria um momento de descontração. Eu aproveitava, então, meus últimos instantes no Jesiel Figueiredo, com minhas últimas garrafinhas de vinho e experimentando coquetéis que pela primeira vez eram vendidos, por um casal de ambulantes corrente dos vendedores do vinho – novas bebidas e pessoas que talvez viessem a se tornar corriqueiras no ano seguinte, numa outra fase da Batalha do Vinho, num momento que já não seria o meu, em que eu já não estaria ali.

O MC Kung Fu seguiu sendo minha principal companhia naquela noite. À certa altura, dois conhecidos seus se aproximaram por sua lateral oposta a que eu estava. Durante o diálogo mantido, pude ouvir parte da conversa que estavam a ter, em especial quando Kung Fu mencionou a necessidade de a mãe de alguém talvez vender a casa para pagar o advogado. Supus que algum amigo em comum com seus interlocutores precisasse de ajuda. Imaginando tratar-se de alguma arbitrariedade, como uma apreensão quantidades irrelevantes de substância ilícita, tão logo seus interlocutores se afastaram, procurei saber o que tinha acontecido.

Kung Fu me contou, contudo, se tratar de um caso de assalto. O amigo a quem se referia pelo nome próprio precedido do vulgo *neguinho*, havia sido preso durante uma ação em um estabelecimento comercial. Aquele relato me fez recordar a minha história de vida: criado no pequeno comércio que meu pai sempre manteve em nossa residência, inúmeras foram as oportunidades em que fui surpreendido com a informação de que ele, minha mãe ou irmãos haviam sido rendidos em mais um assalto – certa vez, inclusive, no dia de meu aniversário.

No momento, então, eu nada consegui responder a Kung Fu. Ali, no apagar das luzes de minha pesquisa, encontrei a experiência que almejava desde que iniciara a imersão no campo. Embora considere próxima a minha origem socioeconômica daquela de que são oriundos os jovens da Batalha do Vinho e que partilhamos um conjunto de valores semelhantes – de contestação às assimetrias sociais –, eu deparava-me, agora, como aquilo que nos separava.

Diante de meu silêncio, Kung Fu se antecipou comentando que aquela não era uma necessidade imediata, pois se tratava de um flagrante e, portanto, não havia muito a ser feito. Kung Fu, com o olhar estava fixo no horizonte, logo concedeu a chave para decifrar o que se passava em sua mente ao comentar que “desde pequeno erámos nós quatro, para todo canto, íamos juntos: eu, neguinho, meu irmão Jacó e um outro amigo que já morreu”.

Essa sucessão de fatos ocorreu em poucos minutos e cortou qualquer reflexão que eu estivesse a formular, interrompendo meus pensamentos sobre as competições e sobre o Duelo Nacional, assim como qualquer efeito das bebidas já ingeridas. Ao pronunciar sua última frase, Kung Fu parecia temer ser ele o próximo. Afinal, de quatro amigos, dois haviam falecido, outro, agora, estava preso; apenas ele seguia contrariando as estatísticas. Nossa conversa, entretanto, foi interrompida - chegou o grande momento da noite: era hora de o IPCS subir no palco!

Encerrada aquela noite, Roney me chamou para irmos à Praça do Half. Lá, a galera iria se reunir, continuar a beber. Havendo percebido que o Lei da Sobrevivência não se apresentara no festival, perguntei a Roney o porquê. Ele, então, deu vazão a uma indignação que eu não tivera percebido. Ele estava realmente aflito com situação vivenciada pelo MC Café.

Roney me contou que seu parceiro estava passando um tempo longe de casa porque um jovem muito amigo dele havia sido assassinado e algumas pessoas estariam espalhando que o MC Café pensava em vingar a morte desse amigo. Não é raro que um segundo assassinato seja realizado a fim de prevenir um eventual revide. Roney, contudo, dizia ter certeza que Café jamais praticaria um ato daquele, mas, ainda assim, as pessoas seguiam inventando tal história.

No Domingo, o festival seria encerrado com o duelo de Break Dance. As disputas entre as Crews de B-boys e B-girls estavam previstas para começar no início da tarde. De fato, quando cheguei ao Jesiel Figueiredo, por volta das 14:30h, uma diversificada configuração estética se contrapunha à monocromia das vestimentas dos MCs que predominara nas noites anteriores. No centro do anfiteatro, um material quadriculado em preto e branco se destinava a reduzir o atrito dos corpos dos dançarinos com o chão; sobre as cabeças dos competidores, a tenda que nas noites anteriores resguardava os MCs de eventual chuva, agora protegia do sol escaldante.

De início, realizei alguns registros até que encontrei o MC Kung Fu. Ele, enquanto um B-boy que, apenas num segundo momento, passou a rimar, estava chateado por não ter chegado

cedo o suficiente para se inscrever na disputa daquela tarde. Entre um e outro confronto, Carcará – o responsável pela apresentação – mencionou a presença de um B-boy paulista que estava a visitar a cena local. Recebida a palavra, após agradecer a recepção e destacar a relevância do evento, o convidado pediu que fizéssemos um minuto de silêncio em homenagem ao B-boy Banks que falecera semanas antes – fato que levava Roney e outros adeptos do hip-hop ao luto.

Nesse momento, Kung Fu, que estava à minha lateral, mas não junto a mim, esboçou um semblante de tristeza e saiu na direção de um dos bancos situados atrás do palco. Eu que continuava a vê-lo, considerando a homenagem solicitada ao conhecido B-boy e considerando a conversa que tivemos na noite anterior, supus os motivos que o levava a algumas lágrimas.

Sem muita curiosidade, após me aproximar e sentar no chão, de frente para ele, o indaguei se era por aqueles motivos que eu conhecia que ele estava tão “pensativo”. Kung Fu me disse que não. De fato, não era com outros que ele estava preocupado daquela vez. Kung Fu me explicou que por diversos motivos, como algumas letras das músicas do IPCS, o fato de um integrante do grupo ter tido contato com o crime, a circunstância da morte de seu irmão, dentre outros acontecimentos – que a cautela recomenda não evidenciar –, os membros do grupo corriam perigo. Segundo ele, inverdades estavam sendo difundidas, via Whatsapp, entre policiais da região e, por isso, realmente temia pela vida, sua e de seus companheiros de grupo.

Eu descobria, então, ser aquela a principal razão para a interrupção dos trabalhos do IPCS – interrupção que se daria daquele momento em diante e que foi comentada por Kung Fu na entrevista que realizamos posteriormente. Assim, percebi que, embora o grupo tivesse alcançado algum reconhecimento na cena, as condições de vida de seus integrantes, segundo a lógica vigente naquele território, se faziam preponderantes para o não prosseguimento da carreira musical – a violência estava, pois, a tolher eventuais frutos artísticos e comerciais.

O que pude fazer foi tentar acalmá-lo, mesmo sem saber se ele tinha motivos para não se desesperar. Após alguns minutos de conversa, conhecidos vieram ao seu encontro. Eu, então, retornei às arquibancadas do Jesiel Figueiredo - para onde, pouco tempo depois, também se dirigiu Kung Fu, trazendo uma moeda de R\$ 1,00 que caíra de meu bolso quando me sentei.

A noite de domingo chegou e, com ela, o fim das disputas de Break Dance, do 2º Festival de Hip-Hop Potiguar e de minha presença na Batalha do Vinho – no ano seguinte, como relatei no capítulo anterior, voltei em duas oportunidades ao Jesiel Figueiredo, entretanto, tudo já era diferente, eu, meus interlocutores e a própria Batalha do Vinho. Nos anos seguintes, o IPCS não voltara à ativa. Para 2020, o MC Kung Fu cogitava gravar suas músicas mesmo que sozinho – “gravar, lançar e ver no que vai dar” me disse ele se referindo a riscos que vão muito além do desempenho comercial, riscos que desconhecem os que estão fora daquele território.

4.2 AS MASCULINIDADES NA CENA, A PARTIR DA BATALHA DO VINHO.

As vivências acima mencionadas retratam a realidade que experienciei na Batalha do Vinho. Mais de uma vez, experimentei a sensação de ver minhas expectativas e meus planos abruptamente frustrados por algum ato de agressão, física ou psicológica. Mas é curioso recordar também, como Roney gosta sempre de frisar, que ao longo da existência do evento, mesmo reunindo centenas ou milhares de pessoas, jamais se instalou, em seus encontros, qualquer tumulto de grandes proporções, mesmo atos isolados de violência física ou empurra-empurras entre os presentes são situações bastante excepcionais¹⁵³. Assim, apesar da realidade circundante, a qual se faz presente nas rimas e nos versos dos MCs, a violência parece não se manifestar concretamente entre esses protagonistas e mesmo em meio ao público do evento.

De início, conciliar esses fatos me causou alguma dificuldade, sobretudo ao procurar definir traços de uma masculinidade predominante no grupo. Neste sentido, é que dedico esta etapa a conhecer as características da violência no contexto da cena dos duelos de MCs e da virilidade nela manifesta, com suas correspondentes masculinidades específicas.

Na obra “Violência e estilos de Masculinidade”, Fátima Cecchetto (2004) aborda três grupos juvenis presentes na sociedade carioca do final do século XX: os integrantes de turmas de bailes funk, os frequentadores de bailes charme e os praticantes de jiu-jitsu. Em sua análise, a pesquisadora observa o papel do corpo e da emoção nas diversas formas de construção da masculinidade: ao jiu-jitsu seriam características as marcas corporais da luta e da força física; o charme seria marcado por um estilo cuidadoso, “educado” e “elegante”; já as turmas funk podem ser caracterizadas pelo exercício da violência não regulada pela técnica ou pela filosofia da luta, bem como desprovida de apreço por um bom gosto estético.

Assim, partindo de tais elementos, procuro analisar a construção da masculinidade também entre os participantes dos duelos de MCs. Na sequência, tomando como objeto a construção social do corpo e das emoções, abordo, comparativamente ao trabalho da citada autora e em diálogo com seu relatório teórico, como a cena dos duelos de MCs se relaciona com o processo civilizatório dado no país e com o monopólio estatal da violência e sua suposta instrumentalização a favor dos interesses coletivos partilhados pelos membros dessa sociedade.

¹⁵³ Pesquisando em meus registros, encontro menção a um caso de desentendimento dentro do Jesiel Figueiredo no curso de uma batalha (<https://www.facebook.com/Batalhadovinho/videos/755953861233284/>); a um caso de furto de bicicletas deixadas no Espaço Cultural durante a realização do evento; bem como, a suspeita quanto a presença de estranhos que poderiam ser integrantes de alguma facção que estariam a ‘averiguar’ do que se tratava o encontro – se havia, por exemplo, indivíduos pertencentes à facção rival.

4.2.1 O corpo na prática dos duelos de MCs.

Na Batalha do Vinho, como é de se esperar em qualquer cena cultural, há uma variada gama de estilos individuais. Alba Zaluar – citada por Fátima Cecchetto (2004, p. 86) –, ao tratar dos grupos jovens atuais, afirma existir “um intrincado fluxo de estilos, aparentemente opostos, mas que se interpenetram formando configurações, (...) estilos mais ou menos disponíveis na sociedade globalizada”. Em que pese essa variedade de formas, hábitos e gostos promovida pela indústria cultural, falar do MC de batalha é priorizar o corpo masculino, pois esse é a regra.

Esse é um corpo que se apresenta desprovido de ostensivas indicações de força física. No âmbito da Batalha do Vinho, não ouvi qualquer menção a atividades como frequentar academias de musculação, fazer alguma dieta especial ou utilizar suplementos alimentares ou anabolizantes. Pondero que ações desse tipo, além de não ser simbolicamente relevante para o seu estilo de masculinidade, constituiriam dispêndios financeiros que poderiam desguarnecer outros interesses de consumo. Nesse sentido, considerando os jovens que conheci, poucos são os que aparentam praticar exercícios físicos voltados ao crescimento da musculatura – como fazem os lutadores de Jiu-Jitsu. Igualmente, os raros participantes que se apresentam, ainda que ligeiramente, à cima do peso, logo se destacam. De tal sorte, os corpos dos MCs, assim como de boa parte do público da Batalha do Vinho, são majoritariamente magros, esguios, flexíveis.

Segundo Cecchetto (2004), os corpos dos praticantes de jiu-jitsu são construídos para representar o poderio da força física e o domínio da técnica da arte marcial. Essa relação de significação seria útil por valorizar esses praticantes no mercado de lutas no qual eles almejam participar ou, ao menos, como um importante ativo na nova ordem social que se estabelece num Rio de Janeiro marcado pela violência urbana. A autora avalia, assim, que se trata de um uso “funcional” do corpo. Esses lutadores, portanto, não se enquadrariam num padrão de beleza tradicional, consagrado na sociedade nacional – aqui, pode-se apontar alguma convergência com os MCs de batalhas. Contudo, diferentemente das lutas, as rimas não demandam a intensa utilização funcional dos corpos de seus praticantes. Além das mãos que utilizam para segurar o microfone e da capacidade de vocalização, uns poucos movimentos corpóreos são exigidos.

Embora os adeptos do charme não hipertrofiem seus músculos, Cecchetto relata que seus corpos são atléticos e adotam um determinado padrão estético – padrão que alguns dos frequentadores de seus bailes reconhecem copiar dos *americanos* (2004, p. 196). Esses jovens procuram, de maneira geral, se mostrar elegantes e educados. Esse constitui-se como mais um estilo que os MCs não parecem preocupados em atender. Inclusive, diferente dos bailes charme, as batalhas não têm a conquista de uma parceria sexual como uma de suas principais atrações.

Dessa maneira, enquanto os charmeiros são identificados pela forma de se vestir e de se portar e pela valoração sexual do corpo negro, os participantes das batalhas de rimas se aproximam das turmas funk retratadas pela citada autora (2004). Se o charmeiro marca sua diferença “(...) assinalando a distância com a chamada ‘aparência funqueira’, isto é do negro jovem com boné e roupas largas, visual que aparece ligado a episódios de violência urbana (Cecchetto, 2004, p. 192)”, o MC de batalha se reconhece nessa estética. A violência urbana, inclusive, é uma de suas principais temáticas. A contestação dessa realidade costuma estar presente nas suas conversas, nas rimas de seus ataques e nos versos de seus raps.

Assim como o estilo de vestimentas, os corpos dos MCs de batalhas mais se parecem com os dos integrantes das galeras funk, muitas das quais são adeptas dos bailes de briga. Esses grupos, conforme relata a autora (2004), não têm sua masculinidade evidenciada por um corpo musculoso (como no jiu-jitsu), não negam a violência e não constroem sua masculinidade a partir de padrões estéticos internacionais e/ou do apelo sexual (como no baile charme). Os frequentadores dos bailes funk de briga, a exemplo do que acredito ocorrer com os MCs de batalha, manejam simbolicamente a violência. Enquanto os funkeiros afirmam que “a briga é cabeça” (Cecchetto, 2004, p.130), os MCs de batalha não ultrapassam a fronteira da abstração. A diferença a marcar os dois grupos é que os participantes dos duelos não exercem fisicamente a simbologia da violência, limitando-a às rimas, à sua elaboração mental e enunciação verbal.

Visando compreender as razões dessa diferença, se faz necessário observar os contornos próprios da virilidade nesses dois grupos. É preciso delinear em que a emoção vigente nos duelos de rimas se difere do “ter disposição” (Cecchetto, 2004, p. 115) dos adeptos dos bailes funk. Se os MCs estão dispostos a evidenciar seu potencial de violência por meio das rimas, sua disposição é de um tipo diferente, semelhante, mas não idêntica a dos funkeiros.

Se os corpos dos lutadores têm uma orientação funcional, uma vez que preparados para o conflito físico, podemos afirmar que os participantes das batalhas de rimas têm uma técnica corporal reflexiva à violência: se seus corpos são magros, esguios e flexíveis, são corpos bons para correr, provavelmente da Polícia. E se correm não é por estarem dominados pelo medo, por serem fracos ou incapazes de virilidade e sim porque sabem que as condições de confronto, na realidade em que vivem, são desiguais, injustas; sabem que o uso da violência, em especial por aqueles que detêm legalmente o monopólio do seu exercício, constitui sempre uma covardia.

4.2.2 A violência contextual na prática dos duelos de MCs.

Fátima Cecchetto (2004), ao promover a análise da “masculinidade” e da “emoção” que a fundamenta, ressalta essas noções como decorrentes de uma construção social, como o

resultado de práticas e de estruturas historicamente fundadas. Assim, ao conferir atenção aos modos periféricos de masculinidade, a autora aborda as peculiaridades do contexto global da atualidade, caracterizado, inclusive pelas relações pertinentes ao tráfico ilícito de drogas e de armas. Assim, considerando esse cenário no qual estão contextualizados os grupos estudados pela autora, bem como a cena cultural aqui abordada, é preciso compreender o processo de conhecimento da emoção e da masculinidade que marcam as diversas experiências humanas.

Para Norbert Elias (1994, *apud* Cecchetto, 2004, p. 99), a emoção é produto dos contextos históricos e geográficos. De tal maneira que, sendo esse processo internalizado nos indivíduos ao longo dos anos, a humanidade vivenciaria um paulatino “processo civilizatório”. Assim sendo, no curso de tal processo, o ser humano progressivamente controlaria e reduziria seu apreço por atos de violência, constituindo uma espécie de nojo frente a condutas agressivas.

Logo, o mundo experienciaria a institucionalização e a pacificação das relações entre particulares. Esse movimento se daria sob a égide do controle do uso da força física por agentes do Estado. Assim, ao tempo em que asseguraria o uso exclusivo da violência com vistas a concretização do interesse coletivo, da harmonia social, se produziria a domesticação psíquica e corporal dos indivíduos sob sua influência, pois, conformaria o *habitus* desse sujeito social.

É preciso, contudo, cautela na utilização dessa elaboração. A concepção do processo civilizatório disponibiliza ferramenta comparativa para a análise de diferentes configurações sociais. Entretanto, não se pode tomar por óbvia, geral e irreversível uma determinada configuração histórica. Isso porque tal estado de coisas pode não abranger áreas territoriais diversas, bem como serem modificadas ao longo das incessantes experiências humanas. Norbert Elias, inclusive, ressalta que a emoção é uma categoria que está sempre em mudança, “pois se encontra articulada com a sociodinâmica dos sentimentos de pudor e vergonha, que são uma função de posição ou conflito de poder” (1994 *apud* Cecchetto, 2004, p. 101). De tal sorte, evidencia-se a possibilidade de reversão desses processos sociais de controle da violência, a ocorrer, inclusive, em poucos anos, caso um novo quadro histórico venha a se instalar.

Neste sentido, formas diferentes de masculinidade são relacionadas ao modo como os grupos que as adotam se relacionam com o Estado, precisamente com o exercício da violência e, por conseguinte, como esses grupos se inserem relacionalmente no pretense processo civilizatório. Assim, escapando do equívoco de tomar determinada configuração social como fruto de um contínuo e irretroatável evoluir histórico, mas entendendo que o exercício controlado da violência e seu direcionamento para o interesse comum podem não estar consolidados, mas em disputa, não apenas no eixo histórico, mas em diferentes territorialidades, se apreende que a posição relacional dos indivíduos termina por influenciar, em demasia, suas masculinidades.

Ao abordar as brigas entre grupos de frequentadores de bailes funk, Cecchetto (2004) esclarece a existência de duas modalidades de baile caracterizadas pelo estilo musical. Um desses bailes constitui espaço controlado por traficantes – os bailes de comunidade já citados por Herschmann (2005); o outro tem as características de um evento comercial, respaldado pela legalidade. Em que pese aparente contrariedade, é o segundo desses tipos que serve de palco para o violento confronto de galeras, eventualmente resultando na morte de seus participantes.

Isso ocorre porque, no primeiro caso, a pacificação está assegurada por um certo monopólio da violência – empreendido não por agentes estatais, mas sob a autoridade de agentes das atividades ilícitas. No segundo caso, como relata a autora, os participantes e os realizadores dos eventos buscam lugares ermos em que a ausência de policiamento e outras formas de controle é quase plena, de maneira a possibilitar comportamentos isentos de regulações estatais.

Esses são espaços de certa transição estrutural. Neles, não se manifestam qualquer vontade de hegemonia sobre a violência, ao passo que a estrutura social lança suas formas mais abstratas, a começar pelas iniciativas comerciais. Nesses lugares, por exemplo, caso as forças privadas de segurança contratadas pelos organizadores – tão bem descritas por Herschmann (2005) – não contenham as ações de seus frequentadores, a força policial, logo, se fará presente. Assim, a vazão da violência se dá com o esvaziamento de uma virilidade potencialmente perigosa. Para a estrutura social, tais locais têm utilidade semelhante àquela obtida com a permissão dos duelos – o esvaziamento da capacidade de reestruturação social, ao passo em que a manifestação é apreendida nas formas de classificação integradas à estruturação vigente.

Nesses espaços, portanto, não se procura difundir uma masculinidade autônoma. Por outro lado, a tentativa de disputa pela hegemonia da violência em certo território se apresentaria no enfrentamento do poderio estatal por agentes de atividades ilícitas. Em posição intermediária a ambas as situações, o jovem que se coloca passível das maiores atrocidades, o faz a partir de uma intrincada relação de “integração e diferenciação” com o seu território (Cecchetto, 2004, p. 117), mais especificamente, em um segundo nível de vinculação, com os poderes que buscam monopolizar o território com o qual ele guarda essa relação de pertencimento.

Portanto, a compreensão dos diversos grupos juvenis abordados necessita considerar a multiplicidade de formas de relacionamento entre cada um desses indivíduos e o monopólio estatal da violência. Ao praticante do jiu-jitsu, detentor de um corpo branco, o Estado permite a demonstração da força física, seja de maneira individual, seja em grupo. Em última instância, porque esse corpo detém o poderio econômico, tecnológico e ideológico do mundo ocidental. Para tais indivíduos, é significativa a construção musculosa do corpo como indício de masculinidade, pois contra eles a força física é o máximo que o Estado está disposto a utilizar.

Logo, se não há riscos de enfrentamento de qualquer tecnologia bélica, as capacidades corpóreas constitui a arma a ser preparada para o melhor uso possível. Em seu trabalho, Cecchetto (2004) registra o caso de pit boys que, não satisfeitos com o quebra-quebra e os atos de violência entre iguais em boates cariocas, espancaram policiais civis que tentaram encerrar a confusão. Certamente, o bairro da cidade e o padrão de consumo do estabelecimento em que tudo ocorreu funcionaram como signos a indicar aos agentes da violência estatal a origem socioeconômica daqueles jovens, afastando, assim, a possibilidade de uso de força letal.

Nesse sentido, a evidenciar a autorização concedida aos corpos oriundos do segmento social incluído, Cecchetto (2004, p. 164) registra que, dentre vários jovens de classes média e alta, um membro da família Gracie – renomada no circuito da referida arte marcial e de elevada condição financeira – era recorrente causador daqueles tumultos. Contudo, foi a popularização das academias de Jiu-Jitsu, portanto, o acesso da população pobre, em regra corpos negros, à sua prática, que vinha sendo apontado, pelas autoridades, como a principal causa do problema.

O charmeiro, doutra maneira, é majoritariamente negro. Apesar desse fato, suas falas, nas entrevistas concedidas à Fátima Cecchetto (2004), são cheias de “mas”. O charmeiro é negro e pobre, “mas” é cheiroso, anda arrumado e é educado. Ele mora na periferia, “mas” seus bailes são retratados como algo diferente da rotina da comunidade, como enclaves naquele local. Eles são negros e vivem, na maioria das vezes, em territórios violentos, “mas” eles buscam fugir de uma estética ligada a casos de violência urbana. Eles testemunham a violência estatal, a escassez de emprego especializado e, quando muito, as difíceis condições de alguma ocupação sub-remunerada, “mas” acreditam que “ser homem” é ter uma conduta preocupada com o futuro, buscar estudar e trabalhar – diferente do funkeiro que “só quer ser feliz”.

Adeptos da luta e do charme guardam relações, em alguma medida, diferentes com o monopólio estatal da violência. Os lutadores apresentam uma virilidade incentivada por uma postura indulgente do Estado. Por essa razão, para o pit boy, cuja virilidade está em consonância com o monopólio da violência, o corpo musculoso é suficiente à construção da masculinidade. A menos que ele ultrapasse certo limite – apresentando a face mais dura da violência aos corpos brancos, como o assassinato relatado pela autora (2004, p. 163), de um jovem de classe média por um pit boy rival – todo seu exercício ostensivo de virilidade será tolerado pelo Estado.

Os adeptos do charme, por sua vez, buscam uma conduta conciliatória perante o monopólio da violência estatal. Seus hábitos incluem não usar substâncias ilícitas e não ingerir bebidas alcólicas em excesso; não se estenderem em festas madrugada à dentro, pois precisam descansar para o dia seguinte de trabalho; compreendem a ocupação laboral como uma demonstração de ética, de autoconstrução como “homem de verdade”. Mesmo quando

valorizam sua cor, os charmeiros o fazem a partir de critérios legitimados estruturalmente do que seja “bom gosto” e “educação”. Mesmo sua valoração sexual está em consonância com uma visão do negro dicotomicamente ligado ao viril e ao animalesco, em uma contraposição ao racional do homem branco, símbolo da masculinidade hegemônica. Tal caracterização evidencia concessões perante os valores da sociedade industrial e seu aparato estatal. Essas relações, portanto, constituem incidências daquilo que Robert Connel (1995, *apud* Cecchetto, 2004, p. 64) aponta como comportamentos adotados a partir da relação entre as práticas e a estrutura social, resultando na elaboração de masculinidades hegemônicas, de aliança ou marginalizadas.

A masculinidade do pit boy – se, em razão da situação do país na divisão internacional do trabalho e das finanças, não a reproduz fielmente – é coerente com aquela descrita como hegemônica no ocidente, a masculinidade do “homem de negócios” (Cecchetto, 2004). Em regra, o pit boy descende de uma família subordinada aos interesses econômicos externos ou, ao menos, possui considerável acesso ao consumo e, por conseguinte, à alguma cidadania. Por outro lado, o charmeiro adota um comportamento marcado pela tentativa de uma aliança, de conciliação com um poder que não integra, mas que não está disposto a questionar. Assim, sua masculinidade constitui uma relação de aliança não hegemônica, mas subserviente.

Há, ainda, a constituição de masculinidades marginalizadas, adotadas por grupos que, não reconhecidos pela estrutura social e seu monopólio estatal da violência como um legítimo beneficiário seu, não procuram conciliar-se com essa estrutura e esse monopólio. Os indivíduos que aderem a práticas criminosas exercem no espaço sob controle do Estado, muitas vezes, uma masculinidade marginalizada. Contudo, em locais em que se ensaia um monopólio da violência concorrente ao estatal, esses agentes exercem uma aparente masculinidade hegemônica – um conflito contra os agentes estatais colocaria, efetivamente, em disputa tal hegemonia.

Todavia, os grupos que desejo observar não se enquadram, ao menos não com perfeição, nessa masculinidade marginalizada decidida a enfrentar o poderio estatal. Os frequentadores dos bailes funk de briga são indivíduos que não optaram por aderir a práticas criminosas, mas que, não aceitando uma conciliação subordinada, buscam espaços, físicos e sociais, situados em áreas intermediárias da estrutura social e de seu monopólio sobre a violência, para manifestar sua virilidade – podendo, nesse exercício, manejar simbolicamente os grupos confrontadores do poder estatal com os quais guardam identificação territorial.

Assim, esses jovens não necessitam integrar o tráfico para, a partir do manejo de um alinhamento simbólico, construir uma masculinidade que confronte as formas estruturais promotoras de sua exclusão socioeconômica, confrontação personificada na insubordinação frente ao monopólio da violência e seus agentes. Portanto, esses jovens encontram caminhos

transitórios entre a conciliação com a lógica vigente na estrutural social e uma confrontação declarada; o que resulta, pois, em uma masculinidade específica, ainda que momentânea.

Se os pit boys exercem a violência física como forma de ratificar sua superioridade social, evidenciando no território em que vigora o monopólio estatal da violência a proteção que esse aparato estrutural lhe confere e se os indivíduos marginalizados que se assumem confrontadores à lógica vigente aderem a práticas violentas não legalizadas, aqueles que, desprestigiados socialmente, compreendem e expressam apenas dispersamente sua discordância com a estrutura das relações sociais, buscam áreas de transição para dar vazão à sua virilidade.

Nesse sentido, há centros urbanos que possuem áreas intersticiais do monopólio estatal da violência que permitem a esses indivíduos manifestarem sua virilidade por meio de confrontos físicos – é caso dos bailes de briga. Em outras regiões periferias, esses indivíduos terminam por elaborar masculinidades que “dialogam” com as circunstâncias de sua inserção social. Na Zona Norte de Natal, por exemplo, atividades ilícitas não constituem enclaves suficientes à impossibilitar a incursão policial. Se não há espaço para recorrentes confrontos físicos, desafiar as formas e as forças estruturais se faz possível pela verbalização dessa postura.

Se coloca, assim, a questão do que pode fazer um indivíduo não protegido pelo monopólio da violência estatal (masculinidade hegemônica/hegemonizada), que não deseja ocupar uma condição subalterna ao exercer atividades laborais não qualificadas (masculinidade de aliança subordinada) e que não quer aderir a atividades criminosas (masculinidade marginalizada de confrontação), mas que não possui meios para evidenciar sua contestação à estrutura social pela instrumentalização de confrontos físicos em determinados territórios (masculinidade marginalizada transitória com manifestação física da virilidade – bailes de briga).

4.2.3 A masculinidade na Batalha do Vinho.

O apanhado teórico presente na obra de Fátima Cecchetto (2004) atualiza o tratamento da masculinidade nas ciências sociais. É em consonância com abordagens que desprezam anacrônicos essencialismos a naturalizar o “homem” e a “mulher”, privilegiando uma compreensão histórica e social dessas noções, que podemos entender as relações entre masculinidades hegemônicas e subordinadas, mais precisamente a configuração vigente na cena dos duelos de MCs. A referida obra é de grande contribuição também ao trazer um rol de termos utilizados nas articulações sociais vivenciadas pelos grupos que a autora aborda. São termos, especialmente aqueles pertinentes aos adeptos dos bailes funk, que, se não idênticos, muito se assemelham aos manejados em nossa etnografia, mostrando-se úteis à sua compreensão.

O “playboy” é uma figura presente no imaginário e nos discursos dos adeptos das batalhas de MCs. Essa personagem corresponde idealmente ao jovem que usufrui de condição financeira abastada. Essa condição, entretanto, e esse é um ponto essencial, não decorre de qualquer mérito seu, mas é propiciada por seus pais e outros familiares. Em que pese o playboy possa ser visto em uma condição dúbia (eventualmente como um aliado, um playboy “gente fina”), em regra essa relação é baseada na chave da oposição a partir de suas diferenças.

A característica essencial dessa distinção é que o playboy não carrega a construção pessoal, histórica e social, que identifica o jovem periférico (seja ele da cena das batalhas, do funk, etc.). O playboy e o jovem periférico são diferentes. E, da perspectiva do jovem periférico, pior do que ser um playboy é pretender se passar por um. Se nessa relação há uma compensação, sendo a superioridade financeira contrabalanceada por “aquilo que marca” o jovem periférico, simular o pertencimento ao outro lado é reconhecer aquilo que identifica o playboy como mais valioso do que o que há de essencial no sujeito social, partilhado, que se é.

Fátima Cecchetto salienta que os jovens frequentadores de bailes funk consideram e utilizam o termo “mauricinhos” – uma variação do playboy – para tratar dos charmeiros. Diz, a autora, que essa classificação “normalmente associada aos homens brancos de classe média, estaria sendo utilizada para marcar a distância simbólica entre os grupos com a mesma composição social e racial (2004, p. 190)”. Assim, a relação dos funkeiros com os charmeiros é marcada pela crítica à tentativa de desvirtuamento de uma condição originária do jovem periférico, característica compartilhada pelos dois grupos. Assim, os funkeiros não pretendem negar suas condições de classe e de raça e refutam assemelhar-se à figura do playboy.

Outro termo mencionado por Cecchetto (2004, p. 124) é “os homi”. À semelhança da realidade retratada pela autora, no âmbito da Batalha do Vinho, essa expressão serve para referenciar os policiais no trato com os jovens da localidade. A autora fala também em “morador”, esse sendo o homem já idoso que, não se aproximando à imagem do jovem local, não se alinha às forças da polícia ou do tráfico. Particularmente, ao nosso caso, se mostra apropriado falar em “trabalhador/coroa”. Não sendo a dominação territorial uma realidade ostensiva, esse seria o sujeito que, ainda buscando uma colocação no mercado de trabalho ou já desanimado em tal busca, não frequenta as batalhas ou festas como os bailes funk. O “trabalhador”, ainda que eventualmente possa exigir respeito, se colocando como “sujeito homem”, outra categoria apontada por Cecchetto (2004, p. 135), se encontra, em regra, conciliado e submetido, indisposto a confrontar as forças da estrutura social, da violência estatal.

Os funkeiros e os MCs de batalhas partilham do apreço por sua condição periférica, exaltam aquela “marca” compensatória frente ao poder econômico do playboy. Sabemos que essa marca tende a se manifestar de forma diferente a depender das peculiaridades territoriais vivenciadas por esses indivíduos. Como visto, para os adeptos dos bailes de briga, a prática da agressão física em espaços intermediários constituem uma forma de demonstrar sua identidade.

Ademais, se a evidenciação de uma masculinidade contestadora do monopólio estatal da violência pode, ou não, vir acompanhada da adesão a atividades criminosas, por outro lado, é fundamental notar que o mero exercício da violência entre grupos juvenis, por si só, não confere a esses indivíduos o tipo de masculinidade transitória em questão.

Há formas de beligerância, tais como entre moradores de bairros diferentes, de torcidas de futebol adversárias, de estudantes de escolas rivais que não constituem questionamentos à superioridade, em força e em legitimidade, da estruturação social e sua violência estatal. Trata-se da violência corriqueira, a qual independe da condição de consumo e, portanto, de inclusão cidadã de seus praticantes. Esse exercício, inclusive, muitas vezes se dá em áreas centrais do território sob o controle estatal – sem que isso constitua grande incômodo institucional. Nesse sentido, inclusive, Fátima Cecchetto (2004) salienta que os jovens de classe média são predominantes nos confrontos de torcidas organizadas de clubes de futebol.

Assim, funkeiros e MCs de batalhas constroem não propriamente uma forma definitiva de masculinidade, mas um estágio transitório ocupado enquanto definem aquela a ser adotada ao longo da vida adulta. Esse lugar de espera permite suportar, momentaneamente, o dilema de suas condições reais de vida sem ver esvair sua capacidade de confrontação, de disputa pela hegemonia e, portanto, de autonomia e de dignidade individual. Num contexto em que a disputa pelo monopólio da violência é concreta, havendo enclaves territoriais fora das mãos do Estado, o frequentador do baile funk de briga, enquanto decide entre uma masculinidade subordinado (como a do charmeiro, a daquela que se constitui como morador/trabalhador) e a masculinidade marginalizada de disputa pela hegemonia (aceitando, inclusive, aderir a práticas ilícitas), mantém vivo o seu potencial de violência por meio daquilo que nomeia como “ter disposição”.

Já para os adeptos das batalhas de rimas, essa emoção se chama “sagacidade”. Na Batalha do Vinho, ser “sagaz” e ter “sagacidade” são referências constantes nas conversas diárias, presenciais e online, nas rimas dos MCs e nas músicas dos rappers. Segundo o dicionário, sagacidade¹⁵⁴ é “a capacidade para apreender ou interpretar algo através de

¹⁵⁴ Dicionário online de Português. Sagacidade. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sagacidade/>.

indicações simples”; é “a facilidade para entender alguma coisa”; é “a agudeza de espírito”. Ser sagaz¹⁵⁵, por sua vez, é “alguém que não se consegue enganar, alguém que sabe o que quer”.

A sagacidade é uma qualidade do bom MC, pois ele necessita, rapidamente, assimilar a mensagem de seu adversário, elaborar sua resposta mentalmente e concatena-la em palavras expressas no formato sonora de rima. Essa capacidade de ser sagaz, entretanto, precisa ser compreendida em um segundo nível, alcançando momentos fora da prática dos duelos. Sagacidade, nessa apreensão, é algo que o jovem MC traz consigo de sua experiência de vida, uma “esperteza” que marca aqueles que se adaptam às difíceis condições sociais e familiares de que são oriundos. Uma sapiência que os permite, mesmo diante de injustiças, seguirem sua caminhada, fazendo seus corres, se esquivando das covardias e sem pilantrar com ninguém.

As definições citadas não diferem do uso dado ao termo no senso comum, inclusive, pelos participantes da Batalha do Vinho. Eu as adapto, apenas, para dizer que aqueles sagazes jovens são pessoas difíceis de serem enganadas, pois bem sabem o que “não” querem: não querem uma condição sub-humana, um subemprego que não lhes garanta consumo e dignidade. Eles almejam “estar no topo”; como é legítimo que seja, sobretudo numa estrutura social que hierarquiza os indivíduos a partir do acúmulo material. Eles, entretanto, também não querem, na busca por essa condição, ser confundidos com o playboy. A disponibilidade financeira desses é viabilizada mediante a intensa presença de familiares à frente de suas vivências e da tomada de suas decisões. De tal sorte, a interferência excessiva indica o tolhimento dos confrontos – no curso da vivência social – que fazem o sujeito periférico ser sagaz ou ter disposição; a proteção que confere bens materiais é a mesma que impede o playboy de adquirir o traquejo das ruas.

Essa postura, de desejar a ascensão material sob determinadas condições, pode ser evidenciada pelo estilo dos adeptos da cena. O uso de vestimentas e adereços que sugerem o padrão de consumo difundido pela mídia e pelo mercado (não condizente com a busca pelo suprimento das demandas materiais cotidianas), em regra, não é adotado. Ademais, porque fazê-lo lhe sujeitaria a ser confundido com o playboy que, por sua vez, ao consumir o estilo via indústria cultural, busca dele se aproximar. Alguns desses usos (geralmente os mais duradouros como tatuagens), entretanto, podem ser manejados exatamente para evidenciar o pertencimento ao grupo periférico – é o caso de um MC da Batalha do Vinho que, em razão de seu fenótipo branco, corre o risco de ser confundido com um playboy. Portanto, necessita-se de certo grau de sutileza para se identificar e se construir a legitimidade, ou não, desses indivíduos.

¹⁵⁵ Dicionário online de Português. Sagaz. Disponível em <https://www.dicio.com.br/sagaz/>.

Neste sentido, um termo bastante utilizado nos diálogos da Batalha do Vinho é “mídia”. Enquanto ser sagaz é algo positivo e ser playboy é sua antítese, a noção de “mídia” apresenta um caráter ambivalente. Nos usos conferidos à palavra, pode-se dizer que alguém “quer” mídia, “tem” mídia ou mesmo que alguém “é” mídia. E “ser mídia” pode ser sinônimo tanto de ser sagaz, quanto de querer ser playboy. Isso se dá porque mídia é signo que representa sucesso, status, dinheiro – e todo mundo quer, para além de ser um trabalhador ordinário, ter o máximo de sucesso nos corres que faz. Assim, querer ter sucesso financeiro e reconhecimento social é algo respeitado por todos. Entretanto, há formas diferentes de se alcançar esse objetivo.

Caso específico ocorrido na Batalha do Vinho exige compreender que a importância conferida às redes sociais online não significa a adoção de uma postura contrária ou de desprezo aos veículos tradicionais de comunicação. As oportunidades de aparecer nos canais de televisão são sempre ocasiões de expectativa nos grupos da Batalha do Vinho, desde a gravação até o momento da transmissão. Essas aparições geram comentários ansiosos quando se percebe que se “está no ar” e de comemoração após a exibição das matérias. Numa dessas oportunidades, uma entrevista com representantes da Batalha do Vinho, realizada no dia anterior no Jesiel Figueiredo, foi transmitida pela Inter TV Cabugi – Rede Globo. No momento que a matéria estava em curso, uma participante do grupo no WhatsApp questionou o fato de os jovens não estarem usando um par tênis¹⁵⁶ que se destacasse: “Galera cadê os pisantes de vocês?”. De plano, ela foi respondida, com uma recomendação por outro membro do grupo: “Humildade, parceira”.

Embora o termo “mídia” não tenha sido enunciado, é das concepções em torno dele se tratava; referido diálogo evidencia a tensão que envolve sua utilização. A exposição midiática é sempre positiva quando o destaque recai sobre a iniciativa e sobre a cena. Diferentemente se dá quando alcançar mídia se mostra uma pretensão em si, desprezando os valores que se confere ao hip-hop e secundarizando o caráter coletivo e social da iniciativa, conferindo-se prioridade ao destaque pessoal de algum MC ou organizador. Ações desse tipo podem resultar, para além da repreensão imediata e de comentários jocosos, na degradação de um participante da cena.

Portanto, “sagacidade” e “mídia” não se excluem necessariamente. Considera-se possível, e sobretudo se almeja, a construção de uma postura que, respeitando a normatividade das ruas, consiga alcançar reconhecimento social e ascensão econômica.

¹⁵⁶ A menção ao tênis, para além de mais um item constitutivo da estética dos adeptos do hip-hop e do funk, mas como especial símbolo de destaque social, encontra-se registrada na obra de Micael Herschmann: “Aliás, nos bailes, chamou-me particularmente a atenção o cuidado com o tênis, principal símbolo de status. Vários deles me confidenciaram ter uma preocupação especial com isso, e aqueles que podem reservam um par exclusivamente para o baile.” (Herschmann, 2005, p. 157).

4.2.4 Da prática mimética à esportização e à masculinidade de aliança.

À época em que conheci a Batalha do Vinho, o evento apresentava uma elaboração formal e técnica bastante incipiente. Inicialmente, tive acesso a vídeos disponibilizados nas redes sociais online nos quais se podia ver alguns jovens; uns rimavam, outros pareciam assistir a “brincadeira”. Assim como os encontros, o registro e a edição audiovisual evidenciavam sua precariedade. É provável que os jovens ainda estivessem se adaptando à ideia de serem (identificados como) MCs. Era, pois, um momento em que toda uma elaboração estrutural (de contatos burocráticos, de acesso a um espaço físico próprio e a um sofisticado aparato de iluminação e acústica, de disponibilização de conteúdo e de divulgação online) estava por vir.

Essa experiência que, àquela altura, nem o nome de “Batalha do Vinho” possuía, constituía um momento próprio, de interação interpessoal com a redução de características inerentes à sociedade nacional intermediada pela indústria cultural. Um momento caracterizado por sociabilidade e legitimação diretas entre iguais, experienciado, como visto, ao modo de uma *communitas* espontânea cuja defesa era sustentada mediante a resistência à sua normatização.

Tratava-se de momento anterior à estruturação aberta à cena dos duelos, a qual oferta aos MCs a expectativa de inclusão na experiência de cidadania a partir do consumo – condição, em regra, acessada pela conquista de postos avançados, mediante a especialização, no mercado de trabalho – acessos estruturalmente revestidos de ritos de elevação de status. Esses momentos possibilitam a constituição de ethos próprios a resultar em masculinidades também diferentes.

Norbert Elias e Eric Dunning (1992, *apud* Cecchetto, 2004, p.108), ao tratar da função exercida pelo esporte e por outras atividades classificadas como “de lazer”, refletem a partir de um paradigma que opõe essas atividades à atuação no mercado de trabalho. A formulação frente a qual discorrem os autores considera as práticas de lazer como forma de compensação das tensões produzidas nas relações laborais. Elias e Dunning destacam o juízo de valor subjacente a essa polarização, segundo o qual o trabalho seria visto como algo sério, enquanto o lazer, como algo de menor importância. Assim, ter-se-ia uma relação entre o dever e o prazer.

Segundo os autores, não seriam, contudo, todas as atividades de tempo livre a constituir atividades de lazer. As ações em que o indivíduo não produz em troca de uma compensação pecuniária abarcariam os momentos de repouso, de satisfação das necessidades biológicas, de interação social, de cuidados domésticos e, por fim, as atividades miméticas e os jogos.

As atividades miméticas, que se constituem de atos de reprodução de situações sociais, seriam carregadas de prazer, de emoções agradáveis que, cada vez menos, são extravasadas nas relações sociais produtivas, ou seja, nos momentos “sérios”. Referido prazer, contudo, não é

elaborado pelo afastamento das tensões da vida cotidiana. Ele é produzido, ao contrário, por sua simulação. Esses momentos de lazer baseados em atividades miméticas elaboram as tensões vividas nas relações estabelecidas no mercado de trabalho, permitindo, assim, exprimir as reações e os sentimentos ali desejados. Nas palavras de Fátima Cecchetto (2004, p. 111):

Nesses espaços de lazer e de esporte, autoriza-se a excitação agradável por meio de uma tensão mimética, isto é, a recriação de sentimentos como medo, tristeza ou prazer, que são dinamizados numa situação imaginária, mas que tem afinidades com os que são desencadeados em situações reais de vida. Em suma, as atividades de lazer trariam em si uma tensão, algo dinâmico, e como decorrência, que sempre pressupõe um certo grau de risco e perigo.

A utilidade de abordar a cena dos duelos de MCs sob a chave das atividades miméticas reclama, todavia, alguma adequação. Enquanto para os inseridos no mercado formal de trabalho é dessa relação que se extrai as tensões a serem mimeticamente reproduzidas, para os excluídos de tais relações, aqueles cujo tratamento que recebido do Estado é intermediado por seus agentes da violência, é dessa relação que se extrairá tais tensões. Diante da inexistência de ofertas concretas de inserção no mercado de trabalho mediante a qualificação e o acesso a postos especializados, as atividades miméticas devem ser pensadas em face do contato diário desse indivíduo com a Polícia; é a tensão produzida nessa relação que será mimetizada nos duelos.

Fátima Cecchetto, com sustentação em diversos autores, observa que a masculinidade se constrói a partir de vínculo relacional em que se atribui ao homem-ideal, sujeito masculino detentor do poder, características ativas, heteronormativas, penetradoras e violadoras, enquanto ao sujeito ocupante do outro polo dessa relação cabe a condição de submetido/dominado, com a atribuição de características feminilizantes, sujeito passivo, penetrável e violável¹⁵⁷.

Nesse sentido, o diálogo costumeiramente dispensado pelos agentes da violência estatal é permeado por tentativas de redução da virilidade dos jovens periféricos. Essas características estiveram presentes, por exemplo, na abordagem policial que resultou na mudança do local de realização da Batalha do Vinho. Segundo relatos, um dos agentes teria dito “vai os viados para um lado e as raparigas para o outro”. Trata-se, pois, de um tratamento que, a partir da coerção sobre sua virilidade, tende a reduzir a dignidade e a credibilidade desses indivíduos.

¹⁵⁷ “Os autores (Peter Fry e Mac Rae) salientam a importância do imaginário social brasileiro com relação à sexualidade masculina. Desde a infância, impõe-se uma série de expectativas sociais a respeito do comportamento considerado apropriado a homens e mulheres, em que as relações sexuais esperadas são heterossexuais. Como demonstra Fry, o uso da categoria homem estaria intimamente ligado ao aspecto de ser ‘ativo ou passivo’, ‘penetrar ou ser penetrado’. Nessa lógica, duas categorias emergem: homens e bichas. Homens são idealmente percebidos como ‘ativos’ e, portanto, não são homossexuais. Bichas seriam tipificados como ‘passivos’, embora parceiros dos homens na relação. Assim, bichas tornam-se alvo de perseguição e são representados através de modelos de submissão, enquanto os homens seriam os únicos que possuem o privilégio do *status* de macho.” (2004, p. 54-55).

Por sua vez, Michael Kimmel (1998 *apud* Cecchetto, 2004, p. 66) descreve o modelo atual de masculinidade vigente na Europa e nos Estados Unidos como “o homem de negócios (o *made-man self*)”. Segundo a formulação abordada, a qual não passou à margem da crítica¹⁵⁸, o indivíduo construiria sua reputação e fortuna a partir de uma postura viril e arrojada no campo profissional. Ocorre que, apesar de sua forte presença ideológica, graças à inserção do país na divisão internacional do trabalho, essa figura tem pouca adequação à nossa realidade. De tal sorte, é de se considerar, junto à remissão à essa figura ideal da masculinidade – o homem branco e heterossexual –, a utilidade do recurso à força física, manejada em face dos indivíduos situados nas áreas da pobreza estrutural, para a manutenção da estruturação social vigente.

Essa relação baseada na violência exige, antes da eventual eliminação física dos corpos indesejados, a desconstrução da dignidade desse sujeito-outro, a excepcionalização da condição de portador de direitos mediante a redução da virilidade desses indivíduos não úteis. Reclama-se, pois, o sufocamento de masculinidades marginalizadas contestadoras, assim como de todas as formas de masculinidade não hegemônicas. Se a alguns não beneficiados pela estruturação social, há certa possibilidade de conciliação a resultar na adoção de uma masculinidade subordinada, à parcela que opta por não assujeitar-se, resta o diálogo da violência. Por essa razão, são as tensões decorrentes dessa relação que a prática dos duelos de MCs mimetizam.

Nesse sentido, sendo as emoções socialmente construídas o motor a impulsionar a adoção de determinada masculinidade, pode-se concluir que as diversas emoções resultam das diferentes formas de o indivíduo, e suas práticas, se relacionarem com as estruturas existentes.

Se a emoção do charmeiro é guiada pela pretensão de se encaixar socialmente, grupos como os frequentadores de bailes funk e de batalhas de MCs elaboram uma emoção-primeira de resistência e, assim, precisam produzir no seu comportamento, sobretudo em momentos em que possam dar vazão a essa emoção, práticas que elaborem uma virilidade potencialmente hegemônica, que mantenham viva a sua capacidade de exercer a violência. Portanto, trata-se de uma masculinidade temporária, prévia à opção definitiva entre a subordinação e a insurgência.

O poder dos duelos estaria, pois, em (re)produzir o máximo de violência possível ao seu adversário. As agressões que o MC recebe de seu oponente, semelhantes àquelas que ouve dos agentes da violência estatal, costumam reduzir sua virilidade por meio da atribuição de

¹⁵⁸ “Essas observações irão apontar para o fato de que não podemos apenas constatar a invisibilidade da masculinidade, já que os homens sempre estiveram presentes nos relatos etnográficos e outros textos antropológicos, mas sim frisar a hegemonia de um certo modo de representação do masculino. Nessa linha, alguns estudos sobre o gênero apresentam uma severa crítica aos fundamentos do fazer político, mostrando que as noções de ‘universalidade’, ‘igualdade’ e ‘sujeito de direitos’, como formas socialmente construídas, tomam o homem branco heterossexual como modelo, sendo este considerado uma categoria não marcada por gênero e raça.” (Cecchetto, 2004, p. 54-55).

características femininas ou da prática homossexual. Na oportunidade em que o contato com os agentes estatais ocorre, a postura que o jovem deve guardar é de submissão, de silêncio e de quietude corporal. A tensão vivida com “seriedade” naquele momento é, então, reproduzida no duelo. Aqui, contudo, ele tem a chance de dizer tudo que almejou ter respondido ao seu algoz.

Assim, para que os duelos exerçam sua finalidade mimética, seus praticantes devem, ainda que não concordem pessoalmente com o teor dos ataques formulados, ser o mais violento possível. Por contraditório que pareça, vigora uma lógica segundo a qual se o indivíduo rejeita certas falas e comportamentos no contato social, ele deve, exatamente por isso, reproduzi-las na prática mimética. Ao fazê-lo, ele está numa relação de cooperação com o outro a quem ataca, pois quanto mais fundo doer a agressão sofrida na batalha, melhor é a oportunidade de se preparar para a realidade. Assim, percebe-se haver uma relação de certa parceria entre os MCs.

Portanto, considerando que os ataques realizados visam reproduzir a postura contestada e possibilitar ao outro participante respondê-la naquele momento “não sério” para, depois, suportá-la na “realidade”, evidencia-se que a enunciação das rimas, a princípio, não pretende exaltar o conteúdo veiculado, mas, ao contrário, sugere mesmo a rejeição a ele.

Dessa maneira, ao tempo em que tudo de mais violento se diz a um adversário, tudo de mais violento que esse oponente consiga elaborar deverá ser suportado. Assim, a prática permite a simulação da tensão vivida perante os agentes da violência estatal e possibilita, diferentemente do momento de “séria” ameaça, a elaboração e a efetiva enunciação de respostas.

Ao extravasar o sentimento de ira, o indivíduo preserva seu potencial de virilidade e uma masculinidade não subordinada. Eles dissipam, no momento “não sério”, o silêncio tão necessário à manutenção de sua integridade física no curso do contato social – e o fazem sem que isso constitua conciliação com a estrutura social e as formas desejadas de masculinidade.

Em todo caso, ao passo que constatei as mudanças nos eventos da cena, observei alterações valorativas em suas práticas, assim como na emoção e na masculinidade até então encetadas. Cabe recordar que a continuidade da Batalha do Vinho em 2016 e sua progressiva estruturação naquele ano e nos seguintes são coerentes com um movimento mais amplo, vivenciado na cena dos duelos. Um dos mais importantes motores desse processo foi a descrita ampliação do diálogo entre diversas iniciativas no país em torno de circuitos de competições, resultando, ao final de cada ciclo anual, no Duelo Nacional de MCs realizado na capital mineira.

Nesse sentido, desde o meu primeiro contato com a Batalha do Vinho, ouvi reiteradas menções às suas modalidades de duelo. Algumas vezes, essa referência tratava do conteúdo das rimas, em outras, da composição entre os MCs e das formas de disputa. Acerca da diversidade do objeto rimado, um duelo pode ser travado nas modalidades “Sangue” e “Conhecimento”.

Antes, porém, de conferir maior atenção a essa importante dualidade, vejamos, a partir de explicação realizada pelo nosso informante – apresentador e organizador da Batalha do Vinho –, os possíveis formatos de confrontação – “Bate e Volta”, “Tradicional” e “Temática”:

- *Bate e Volta*: Modalidade em que cada MC tem oito versos para realizar seu primeiro ataque e sua primeira defesa. Após isso, até esgotar o tempo de dois minutos do round, cada lado deve realizar ataques e defesas com quatro versos. Os dois ou três (caso haja empate) rounds da disputa seguem esse padrão.
- *Tradicional*: Modalidade em que cada MC rima por 45 segundos. Portanto, 45 segundos para o ataque e outros 45 segundos para a defesa, sendo a ordem de ataque e defesa invertida no segundo round. Em caso de empate, o terceiro round será disputado na modalidade *bate e volta*.
- *Temática*: Modalidade em que se segue o formato de disputa *tradicional*, mas que deve ser versada sobre um tema específico. Cabe ao MC escolher entre realizar um freestyle (em que discorre sobre sua opinião, vivência, sentimento, etc.) ou mesmo promover ataques ao adversário a partir do referido tema.

Além dessa divisão em razão do formato de disputa, outra variação são os duelos compostos por duplas. No caso, a disputa se dá no formato “bate e volta” com a adequação de que já o primeiro ataque e a primeira defesa são compostos de quatro versos. Os duelos em dupla também têm uma bifurcação. Em uma primeira versão, são realizados de maneira cruzada – estando as duplas frente a frente, após um MC iniciar, ele será confrontado por aquele disposto em sua diagonal; depois rimará o que está em frente a esse segundo (retornando para a dupla que iniciou), e, por fim, o MC que está em diagonal (segundo MC da segunda dupla). A outra forma possível é que um dos membros da dupla dispute o primeiro round e o outro MC da dupla dispute o segundo; sendo escolhido o representante de cada dupla num eventual terceiro round.

Pode-se observar que a modalidade “temática” tende a extrapolar a formatação da disputa e adentrar em seu conteúdo, de maneira a se aproximar da modalidade “Conhecimento”. Contudo, há pontos na “temática” que garantem sua pertinência ao “Sangue”. Primeiramente, é permitida a formulação de ataques. Ademais, seus temas não são, necessariamente, carregados de relevância social – podem versar sobre um objeto ou prática do cotidiano das pessoas. Precisamente quanto à essa divisão entre “Sangue” e “Conhecimento”, sempre houve intensas discussões, antes mesmo da realização dos duelos – o que passara me chamar bastante a atenção.

Nos meus primeiros dias na Batalha do Vinho, não constatei uma clara dualidade a opor tais termos. Em pouco tempo, contudo, compreendi que o “Sangue” constituía a modalidade mais antiga e corriqueira nos confrontos, inclusive, guardando coerência com as palavras “duelo” e “batalha”. Nas “batalhas de sangue”, pois, o resultado esperado é a máxima agressão entre os MCs. Como os ataques são verbais, não físicos, o derramar do sangue, que ocorre em

todo bom duelo, é aqui metafórico. Cada MC que cuide em fazer sangrar, com eficiência, o seu oponente, para, assim, ter reconhecida a sua bravura. No “Sangue”, pois, resta privilegiada a experiência e o efeito mimético decorrente da demonstração de maior virilidade entre os MCs.

Contudo, à minha percepção, as batalhas foram, cada vez mais, se mostrando imbuídas de acirrada forma de disputa relacionada ao circuito de competições estabelecido em diferentes pontos locais e do país. De tal sorte, passou-se a conferir aos duelos um enfoque menos guiado pelo proveito mimético e mais destinado à conquista de um reconhecimento lastreado na perspectiva de ascensão social, a partir das premiações ou de outras oportunidades profissionais.

Nesse sentido, outras mudanças foram inseridas na realização dos duelos. Na seletiva estadual de 2016, algumas regras foram expressamente anunciadas. Ao contrário de indicar a inexistência de regras anteriormente, esse fato reforça o caráter costumeiro do regramento até então vigente, cuja ciência tácita era acompanhada do receio de possíveis consequências para aquele que falasse ou fizesse o que não devia. Assim, subjacente à prática mimética, há a normatividade imposta pelo proceder das ruas – à semelhança do início dos duelos a partir das vertentes do hip-hop em substituição aos conflitos entre gangues no subúrbio de Nova Iorque¹⁵⁹.

As citadas regras expressas a conferir à prática do duelo semelhança a campeonatos esportivos foram as seguintes: a proibição do toque físico no adversário, a proibição de rimas com referência a familiares do adversário e o que foi nomeado como “vícios de linguagem” – vedando essa regra, como espécies, o recurso intenso à “pederastia” (termo amplo para se referir ao uso reiterado de *palavrões*) ou à pobreza nas rimas (rimar, por exemplo, uma palavra com ela mesma ou com algo sem significado). Os apresentadores da Batalha ressaltaram, entretanto, que a violação das regras não geraria a automática desclassificação, mas que os jurados (dois técnicos e o público) deveriam considerá-la ao analisar o confronto. Tal alerta evidencia que se, por um lado, a existência de regras expressas direcionam o evento para uma regulamentação esportiva, sua relativização, por outro lado, indica a incipiência e a instabilidade do processo.

Sobre o teor das regras, parece acertado considerar que, ao tempo em que a proibição da agressão física retrata a peculiar masculinidade dos duelos de MCs – uma virilidade ativa, mas controlada – e estende a observância do proceder prescrito ao núcleo social mais próximo, em regra o familiar, dos participantes, a última regra pode, a princípio, ser considerada uma forma de complexificação da sua submissão, com a maximização dos efeitos miméticos.

Contudo, conforme as modificações empreendidas na prática dos duelos, essa terceira regra serve à abertura da perspectiva “técnica” e “racional” a fornecer critérios suficientes à

¹⁵⁹ Conf. RUBBLE Kings, Documentário (68min). Direção: Shan Nicholson. Estados Unidos da América: 2015.

definição, a partir do mérito desempenhado conforme as regras, dos competidores, consagrando um deles como o vitorioso. De tal sorte, não é de se surpreender que, paulatinamente, a sofisticação dos ataques ganhe preponderância ou torne-se a única regra expressa e considerada.

Em todo caso, sendo esse um processo ainda em curso, não é rara a desconsideração de tais regras, sobretudo pelo público que grita a favor do MC que deseja ver sagrar-se vencedor¹⁶⁰. Logo, o enquadramento às formas estruturadas de competições segue em tensão.

Nesse sentido, há ainda uma vedação implícita nos dois momentos em que transita a prática dos duelos. Embora jamais tenha testemunhado sua enunciação expressa, a rejeição a rimas consideradas racistas parece ser absoluta. Segundo Roney, nas raras oportunidades em que versos imbuídos de tal conotação são pronunciados, o resultado costuma ser a imediata exclusão do MC, além da real possibilidade de comprometimento de sua integridade física.

Essa proscrição de ataques baseados na discriminação racial constitui, a princípio, uma relevante contradição na prática dos duelos – o que não passou despercebido pela jovem que, no início de minha pesquisa, costumava criticar as condutas e as rimas machistas e misóginas formuladas no âmbito da Batalha do Vinho. Ao exigir que as MCs suportem as mais variadas formas de submissão na experiência mimética, os MCs não deveriam restringir os ataques baseados na condição racial partilhada pela grande maioria deles. Ocorre que o tratamento social conferido a esses grupos de indivíduos destoantes do tipo ideal – o homem branco e heteronormativo – são diferentes e, portanto, reclamam tratamentos miméticos também diversos.

Sendo o vínculo de exploração econômica constitutivo da sociedade brasileira baseado na hierarquização violenta de um contingente étnico-racial sobre outro, a estruturação social se incumbe de proscrever e silenciar tal relação, de maneira a abrir caminho para o convencimento ideológico do respeito. Esse apagamento se faz necessário, por exemplo, para que os agentes da violência não se reconheçam naqueles que tomam por inimigos e dos quais se fazem algozes.

Diferentemente, no tratamento estrutural dispensado ao contingente feminino, agressões e injustiças de diversas ordens não recebem a mesma atenção, não são disfarçadas com o mesmo esforço. Em alguma medida, a razão para isso é que os traços socialmente produzidos como femininos são manejados na imposição das masculinidades hegemônicas. De tal sorte, a construção dessas virilidades relacionais demandam a continuidade das assimetrias entre os gêneros – sendo as características feminilizantes necessárias à subjugação de outros

¹⁶⁰ Exemplar foi a minha postura no 2º Festival de Hip-Hop Potiguar. No início da disputa final do duelo de rimas, eu já decidira gritar a favor do MC que, há algum tempo, conhecia a participação na cena e a trajetória pessoal, de maneira a considerar sua necessidade quanto à premiação em dinheiro. Assim, guiado por uma avaliação subjetiva, desconexa das regras apresentadas, eu estava decido, mesmo que o MC adversário tivesse melhor desempenho – o que efetivamente considerei naquela noite – a endossar o voto que se fez vencedor entre público presente.

grupos destoantes do modelo ideal, que não as mulheres. Possivelmente, por essa razão a diferenciação conferida aos vínculos estruturais, racial e de gênero, na prática dos duelos.

É de se observar que, se no primeiro momento das batalhas, o racismo não é provocado pela busca do efeito mimético – pois que é condição partilhada pelos agentes da violência –, em seguida, próximo à forma esportiva, sua proibição entre as regras expressas se faz desnecessária uma vez que moralmente condenada e legalmente vedada¹⁶¹. Assim, a elaboração de rimas racistas é conduta destinatária de significativa repreensão dos aparatos jurídico e midiático.

Em todo caso, a sucessão de modificações convergem com, e por isso impulsiona, a elaboração dos duelos como uma prática competitiva em que as características primeiras da modalidade “Sangue” perde contínuo protagonismo frente às batalhas do “Conhecimento”. Na nova modalidade, os MCs demonstram, além da habitual qualidade em articular pensamentos e palavras, sapiência sobre determinado assunto portador de alguma relevância social.

O domínio de tais temas é compreendido, então, como indicativo de uma maior “conscientização” dos competidores – esse passa a ser o critério definidor do mérito do MC. Diferentemente das versões do “Sangue”, o ataque ao adversário não é um recurso permitido e o julgamento acerca do desempenho se baseia na expertise do MC, no seu esclarecimento.

Procurando melhor compreender as batalhas do “Conhecimento”, também indaguei meu informante, enquanto organizador e apresentador da Batalha do Vinho, sobre a modalidade, especialmente sua distinção frente às batalhas temáticas. Ele, então, me explicou o seguinte:

A modalidade do conhecimento quem criou foi o MC Marechal no Rio de Janeiro. Na batalha do conhecimento você pega vários temas e põe numa cartolina e você tem que fazer um freestyle em cima desses temas – exemplo, política, desigualdade racial, racismo, homofobia. Aí você tem que fazer um freestyle falando um pouco de todos esses temas no round. Não pode falar palavrões, não pode atacar, senão você perde pontos. (...) (A escolha da modalidade) vai de cada batalha.... A Batalha do Vinho, por exemplo, ela é do sangue, muito difícil a gente fazer voltada para o conhecimento, porque o sangue dá mais liberdade de você rimar o que você quiser, ela não lhe restringe... Não que eu não goste, aliás, eu até gosto mais da modalidade do conhecimento. (...) Na temática eu dou um tema, por exemplo tecnologia. Aí o MC que começa, ele pode formar ataques em cima desse tema para atacar o outro MC, como ele pode fazer um freestyle em cima desse único tema. A batalha do conhecimento são vários temas ao mesmo tempo numa cartolina, você vai lendo e fazendo freestyle, e você não pode chamar palavrão, você não pode ser preconceituoso, você tem que rimar sobre todos os temas. Se você não rimar sobre todos os temas, você perde na pontuação pelos jurados. É isso.

¹⁶¹ A tipificação penal, como escolha política, serve à demonstração dessa diferença ao considerarmos que o crime de racismo se encontra consagrado já há algumas décadas (Lei nº 7.716, 05 de janeiro de 1989), enquanto apenas recentemente o homicídio motivado por razões de gênero ou da convivência familiar ganhou tipificação própria – feminicídio (Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015) – e, por sua vez, a prática de misoginia, tão somente em 2018, recebeu tímido enquadramento legal (Lei nº 13.642, de 03 de abril) ao ser considerada espécie de discurso de ódio.

A disseminação do Conhecimento promove, então, um deslocamento valorativo dos duelos. Sua centralidade se desloca da sabedoria produzida a partir da vivência local, interseccionada por diversas manifestações de violência, para outras fontes de conhecimento, produzidas, em regra, fora dos territórios de seus praticantes. Essa mudança desarticula a lógica mimética, bem como atribui a agentes externos maior protagonismo, quer na organização e definição das formas dos duelos, quer quanto à excelência na elaboração das rimas em disputa.

Se o “diálogo” proposto às populações periféricas é verbalizado pela força policial e os grupos educacionais e a especialização profissional lhes são negados, vê-se que, ao lado da intensificação das formas de competição (campeonatos, premiações e regras expressas), a mudança nos critérios valorativos das rimas em disputa termina por (re)hierarquizar os seus adeptos. Assim, ambos os movimentos contribuem para o que chamo de “esportização” da cena.

Ao tratar dos bailes funk de briga, Fátima Cecchetto (2004, p. 131), contextualizando a adoção de esportes radicais, refuta a suposição de que essa prática sinalizaria um mero gosto, típico da sociedade moderna, pelo perigo. A autora (2004, p. 132), considerando um fatalismo fruto do reconhecimento das difíceis condições sociais vividas, atribui a esses jovens um pressuposto – “vou morrer mesmo” – a impulsionar seus atos. De fato, não é de se estranhar que, diante de uma realidade que faz da morte algo iminente, agir ativamente sobre essa possibilidade seja uma forma de demonstrar alguma autonomia frente ao mundo social.

Em todo caso, considero importante ressaltar que não é a totalidade dos indivíduos que aderem, ao menos imediatamente, a essa postura fatalista. Como as condições sociais variam, variadas são também as posturas e as expectativas dos indivíduos. Assim, circunstâncias sociais previamente consideradas e outras próprias à vivência de cada indivíduo, aliadas à perspectiva de que o hip-hop abre uma gama de oportunidades de ascensão profissional, impulsionam muitos a seguirem buscando uma condição social diversa da que sugere sua atual inserção.

A nova modalidade confere relevância, como polos irradiadores de excelência e de legitimidade, a agentes oriundos de espaços intelectualizados, como a Universidade e os partidos políticos. Por outro lado, a complexificação das competições – não apenas em razão da sofisticação dos locais usados, do suporte técnico e das atrações, mas, sobretudo, com o aumento de suas premiações e do reconhecimento social –, ao estimular o interesse pelos troféus simbólicos e materiais, institui um ethos de disputa tendente a desconsiderar os valores anteriores da prática, aí incluídos a emoção e o ethos dos MCs na relação entre iguais.

Trata-se, pois, de uma forma de introduzir, no âmbito das relações pertinentes à prática dos duelos, anseios e condutas baseadas numa competitividade que, predominante na sociedade

atual, despreza as formas solidárias de competição, conforme observado por Santos¹⁶². Nesse cenário, não é raro que participantes com algum acesso a espaços intelectualizados sustentem, tão somente com o objetivo de obter as vitórias, o predomínio dessa nova modalidade.

Entretanto, é incontornável reconhecer que, enquanto alguns alcançam a almejada inclusão, a maioria vivencia esse acesso com uma mera expectativa. Enquanto a ascensão social possibilitadora do consumo é uma ocorrência excepcional, há efeitos outros com plena eficácia.

A contribuição etnográfica apresentada por Fátima Cecchetto (2004) nos permite assimilar como se dá o reflexo da expectativa de inclusão sobre a masculinidade adotada por grupos juvenis. Enquanto alguns bailes funk constituem espaço de não alinhamento a desafiar a centralidade da violência estatal e da masculinidade hegemônica, a prática do jiu-jitsu pode ser compreendida de maneiras diferentes a depender da inserção social de seus praticantes.

A autora, a partir da análise de diferentes praticantes, analisa a atuação das regras esportivas e concebe o papel de uma ética própria à arte marcial no controle e orientação da violência para os momentos de competição. Contudo, dos escritos, colhe-se caso de praticante que, supostamente adstrito a essa referida ética, apresenta escusas morais – “um bom motivo” – para o exercício desmedido da violência no espaço público (Cecchetto, 2004, p. 152).

Igualmente, registra-se situações de praticantes que, tamanha seria sua apreensão por essa ética, que abandonaram os bailes de briga para se dedicar exclusivamente ao esporte, acreditando poder competir, talvez mesmo nos jogos olímpicos, e obter grandes premiações.

Ocorre que, para além da utilidade da ética e dos regramentos próprios à luta marcial ou à sua formulação esportiva, há uma condição social a conferir perspectivas diferentes ao contato com aquela atividade. Os praticantes vivenciados nos espaços da pobreza estrutural, quando constatarem a possibilidade de profissionalização, se afastam dos bailes de briga porque o seu fatalismo se arrefece e ele passa a acreditar na possibilidade de sua ascensão social. Tal perspectiva nega validade a suposição de que um costureiro brigador de baile funk sofreria uma mudança drástica no seu nível psíquico e em seu *habitus* tão logo passe a treinar e competir.

Por sua vez, aqueles situados fora das áreas e da experiência da pobreza estrutural compreendem a arte marcial como um instrumento de violência (condição apenas disfarçada

¹⁶² “Nos últimos cinco séculos de desenvolvimento e expansão geográfica do capitalismo, a concorrência se estabelece como regra. Agora, a competitividade toma o lugar da competição. A concorrência atual não é mais a velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão. A competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar. (...) Essa guerra como norma justifica toda forma de apelo à força, a que assistimos em diversos países, um apelo não dissimulado, utilizado para dirimir os conflitos e consequência dessa ética da competitividade que caracteriza nosso tempo. (...) Também na ordem social e individual são individualismos arrebatadores e possessivos, que acabam por constituir o outro como coisa.” (Santos, 2015, p. 46-48).

pela suposta subordinação a regras e a preceitos éticos, mas facilmente afastados sob escusas morais). Esses indivíduos, ao não necessitarem de ampla legitimação por entendidas esportivas, pois que não dependem de competições para subsistir, se satisfazem com o domínio das técnicas e seu potencial de lesividade – de maneira a reificar a sua masculinidade hegemonizada.

Logo, se há uma adequação do comportamento do indivíduo a partir do psíquico, essa decorre da assimilação da prática esportiva como uma oportunidade de atendimento de suas pretensões sociais e materiais. O indivíduo não qualificado para o trabalho e para o consumo, ao encontrar no esporte e em suas competições uma forma de inclusão, ver se impor a sua adesão irrestrita aos preceitos legais e éticos veiculados por essa prática. Essa oportunidade de ascensão social, por sua vez, traz consigo a modificação no estilo de masculinidade adotado.

Ocorre que, também aqui, se a alternativa se mostra sedutora, poucos são os praticantes que galgam o sucesso esperado. Sendo uma modalidade que nutre a perspectiva de se tornar um esporte olímpico, os praticantes projetam seu sucesso a partir da disputa dos Jogos – vontade que alguns entrevistados por Cecchetto (2004) evidenciam como motivo para o ingresso na luta.

Contudo, a autora traz também relatos de lutadores que expõem seus corpos à excessiva deterioração, com exercícios musculares, anabolizantes e sucessivas lutas, pois precisam ganhar dinheiro em disputas muitas vezes amadoras, clandestinas – recursos necessários, inclusive, para a continuidade dos investimentos em busca de uma carreira de sucesso (a autora cita as mensalidades da academia, os materiais para treino, os suplementos e os anabolizantes, as taxas de inscrição nas competições). Em suma, a expectativa de ascensão por meio do esporte apresenta uma forte conotação ideológica, pouco constatada nas vivências de seus praticantes.

É de maneira semelhante que se pode compreender em que medida as vertentes do hip-hop tem se mostrado um caminho para a inclusão profissional. Na esteira de atividades de entretenimento, a cena dos duelos tem sido estruturada mediante o incremento das competições, e, conseqüentemente, dos esforços demandados, os investimentos dos competidores, com vistas à viabilizar tal participação. Essa condição resulta na propensão de praticantes detentores de melhor capacidade financeira se destacar, enquanto aqueles com menos recursos tendem a ser desprestigiados na cena – o que termina por instabilizar, se não mesmo inverter, as relações de destaque vigente no âmbito das disputas, até então, pautadas pela finalidade mimética.

A limitação de ordem econômica não se resume à impossibilidade de maximizar investimentos para, por exemplo, gravar e distribuir materiais audiovisuais e divulgá-los em veículos tradicionais ou em redes sociais online, bem como para participar de competições com deslocamentos para bairros, cidades ou mesmo regiões do país diversas daquela em que reside. À essa forma de limitação material, soma-se outra, decorrente da modificação do teor das rimas

imposta pela nova modalidade, uma vez que o acesso àquilo definido como conhecimento é intermediado por aparato material que se constitui em fontes desse conhecimento (como a aquisição de livros e de dispositivos conectados à internet), o qual é desigualmente disponível.

Esse processo, duplamente facetado, de estruturação da cena, a partir da expansão da modalidade “Conhecimento” e da complexificação das formas de disputas e de seus requisitos, pode ser sintetizado em um comentário que, certa vez, presenciei na Batalha do Vinho. Eu assistia aos duelos, quando, num intervalo dos confrontos, ouvi dois jovens conversando ao meu lado nas arquibancadas do Jesiel Figueiredo. Um deles, então, disse: “Eu até prefiro a batalha do Conhecimento, mas eu sei que eu vou perder. Então, eu prefiro Sangue mesmo”.

Essa frase me evidenciou como a modalidade “Conhecimento” não é dotada, diferente do “Sangue”, de capilaridade entre os adeptos contumazes das batalhas. Não se trata da rejeição ao conhecimento, mas sim à imposição de um saber prévia e externamente definido. A ausência de diálogo para definir o que seja conhecimento, além de pressupor que a vivência daqueles indivíduos não constitui fontes válidas e suficientes, não lhes confere os meios necessários a acessar o conteúdo legitimado sem o risco de prejuízo ao protagonismo que se detêm no âmbito do “Sangue”. Esse comentário, em todo caso, diz ainda mais, fala da importância da vitória.

No contexto da finalidade mimética dos duelos, a fruição da prática, sua validade e utilidade, não dependem exatamente do resultado. Ambos os MCs envolvidos numa batalha saem do confronto legitimados perante o grupo que integram e dispostos a enfrentar as arbitrariedades no contato com a sociedade ampla, sobretudo com os agentes da violência, sem que isso resulte no sufocamento da virilidade e na imposição de uma masculinidade subordinada.

Agora, entretanto, quando as competições se tornam centrais e as vitórias objetivos de primeira ordem, não se prioriza a fruição mimética, nem se almeja a mera participação. Mesmo o “Sangue”, em deslegitimação enquanto conteúdo, nas oportunidades em que é manejado, tende a sê-lo como forma. A obstinação de vencer as competições conduz à preferência ao “Sangue” enquanto performance, como meio de otimizar o desempenho competitivo. Igualmente, mesmo que a interação sob o “Conhecimento” agregue algo do saber legitimado, a essa oportunidade não é conferida atenção, pois o desejo de vitória trazido pela competitividade está a prevalecer.

Fato é que o jovem cuja conversa presenciei não prefere o conhecimento externamente legitimado, nem o pertinente ao “Sangue”, ele prefere a vitória. Os diferentes conhecimentos são esvaziados de conteúdo e de finalidade, constituem apenas instrumentos à serviço da vitória.

Por conseguinte, a nova perspectiva na cena dos duelos impõe modificação também de cunho emocional aos participantes, que já não rejeitam demasiadamente a relação no âmbito da sociedade estruturada e tendem a conformar sua virilidade a uma masculinidade de aliança.

A perspectiva de se tornar profissionalmente reconhecido, de conquistar destaque nas competições de rimas faz com que o jovem participante se adeque às regras dos campeonatos, mas também àquelas diretamente impostas pelo Estado – a prática criminosa, por exemplo, é de plano distanciada e, logo, a semelhança estética com os estereótipos reconhecidos como destoantes da legalidade e da moralidade tende a ser, também, despistada pelos competidores.

Assim, ao tempo em que a fruição compartilhada com o outro MC é suplantada pelo desejo de conquistar pontos para a seletiva, de vencer essa e as demais etapas até o Duelo Nacional, aquela configuração transitória da masculinidade tende a ser convertida em uma masculinidade conciliada – a manifestação do potencial de violência dá lugar, na emoção e na ação dos competidores, à adequação às normas e à ética (do tipo) esportiva e, no teor das rimas elaboradas, ao atendimento, tanto quanto possível, do conhecimento ideal, elaborado de fora.

Esse processo com ampla aplicabilidade se constrói, inclusive, à revelia das evidências de que poucos conseguem a ascensão almejada. Independentemente desse fato, tanto o formato de competição, quanto a modalidade “Conhecimento” seguem angariando progressiva importância, ainda que não se perceba. Recordemos que a final do confronto contra a Batalha da Quadrinha, em que pese se tratar de uma disputa de “Sangue”, foi definida pelo tema do feminismo – e não constatei qualquer contestação ou mesmo a mera menção a esse fato.

A compreensão das mudanças experimentadas pela prática dos duelos de MCs exige, portanto, considerá-la em meio ao contexto social em que se desenvolve. Nesse sentido, Elias (1992), ao tratar da gênese do esporte, destaca a necessidade de assimilação das relações sociais mais amplas, apreendida no tempo presente, mas tendo o processo histórico em perspectiva.

Tomar a prática dos duelos como atividade esportiva seria empreender uma análise limitada, baseada na desconsideração de suas peculiaridades e viabilizada a partir de distorção similar àquela condenada por Elias ao abordar a comparação entre os jogos da Antiguidade e os jogos modernos¹⁶³. Os níveis de exercício particular e de tolerância da violência, a principal diferença entre as práticas próprias às sociedades abordadas, segundo o autor, decorrem da organização da sociedade, sobretudo, do monopólio estatal exercido sobre essa violência¹⁶⁴.

¹⁶³ “O ethos dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno. Muitos dos escritos relevantes de hoje apresentam uma forte tendência para minimizar as diferenças e aumentar as similaridades. O resultado disso é um quadro distorcido de nós próprios, bem como da sociedade grega, e um quadro falseado das relações entre as duas realidades.” (Elias, 1992, p. 195).

¹⁶⁴ “O esclarecimento de problemas como este não é difícil se a investigação for guiada por um modelo teórico claro, tal como o que é fornecido pela teoria do processo de civilização. De acordo com ele, espera-se que a formação do Estado e a formação da consciência, o nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso ou respectivo testemunho assumam formas específicas em diferentes estádios no desenvolvimento das sociedades.” (Elias, 1992, pg. 196).

Embora diferente quanto à natureza do distanciamento – não temporal, como no objeto tratado por Elias –, a compreensão da realidade ensejadora da cena dos duelos exige essa mesma capacidade e esforço de apreensão, de análise das especificidades das relações desenvolvidas a partir das territorialidades vividas. A inicial ausência de regras expressas na cena, nesse sentido, evidencia a constituição da consciência dos praticantes em coerência com o seu habitual patamar de exercício da violência cotidiana – o proceder vigente no espaço das ruas constituía fonte suficiente de normatividade a reger as condutas dos indivíduos. Nessas territorialidades, o limiar civilizatório não se confunde com aquele estabelecido nas áreas em que vigora a legalidade estatal, áreas ocupadas pelos incluídos no consumo e, por isso, na cidadania.

A evidenciação desses diferentes estágios não constitui uma perspectiva etnocêntrica, pois os correlaciona com as forças e as formas vigentes nessas territorialidades. Como bem destaca Elias, a infundada censura à outra sociedade advém do equívoco de considerá-la a partir das condicionantes sob as quais se encontra o indivíduo observador (Elias, p. 196-197).

À semelhança dos Jogos Antigos, a prática dos duelos, em seu momento primeiro, é marcada por um ethos diverso daquele vigente nas competições esportivas, um ethos orientado a partir do uso específico da violência em sua territorialidade, mediante um desenvolvimento interdependente com as condições de existência social de seus praticantes, interdependência expressa em sua emoção – a sagacidade. Assim como nas sociedades europeias de outrora, em determinadas áreas urbanas brasileiras, nas quais se excepciona o Estado de Direito e se permite um menor controle da violência, vigora diferentes motivações para práticas que, em razão de características superficiais, podem ser confundidas com o esporte e seu correspondente ethos.

A princípio, o reconhecimento social de um participante dos duelos não estaria ligado ao resultado vitorioso, mas à sua disposição – como os destemidos guerreiros gregos – para um enfrentamento, de quaisquer adversários e sob quaisquer condições¹⁶⁵, não mitigado por regras escritas, por preceitos de equilíbrio na disputa ou por formas de comedimento da violência¹⁶⁶.

¹⁶⁵ “O pugilato é outro exemplo. Tal como o tipo de luta do pancrácio, era muito menos limitado por regras e, por essa razão, dependia em grau mais elevado da força física, da força espontânea, da paixão e da resistência, do que o boxe. Não existiam distinções entre diferentes classes de pugilistas. Por este motivo, não se procurava confrontar indivíduos segundo o seu peso, nem nesta nem em qualquer outra prova.” (Elias, 1992, p. 202).

¹⁶⁶ “Habitualmente, as representações nos vasos gregos mostram lutadores numa posição tão próxima um do outro que cada um está erecto, com um pé avançado ou mesmo atrás do pé do outro. Existia uma pequena margem de ação para o trabalho de pés, a qual permite aos pugilistas modernos movimentarem-se rapidamente, para a direita ou para a esquerda, para trás, para a frente. Deslocar-se para trás, de acordo com o código dos guerreiros, era um sinal de covardia. Esquivar-se aos socos do inimigo, desviando-se do seu caminho, era vergonhoso. Dos pugilistas, esperava-se que demonstrassem rapidez e que não desistissem. As defesas dos pugilistas habilidosos podiam ser impenetráveis; podiam fatigar os seus oponentes e, assim, vencerem sem serem atingidos. Mas se o combate demorava tempo de mais, um juiz podia ordenar aos dois adversários que dessem socos sucessivos alternadamente, sem se defenderem, até que um deles já não estivesse em condições de continuar a lutar.” (Elias, 1992, p. 206).

Pouca diferença há entre a relação dos jogos antigos com a preparação dos cidadãos das cidades-Estado para guerra (numa época que os exércitos não eram corpos segregados das sociedades) e a relação estabelecida entre a prática dos duelos e a vivência de seus participantes em áreas sob forte violência, onde a sagacidade se faz mais importante do que a vitória¹⁶⁷.

Apresentar reservas ao elaborar seus ataques ou demonstrar-se ofendido pelos ataques sofridos, é o pior comportamento que um MC, sob o ethos da sagacidade, pode adotar. Afinal, dele não se espera que vença os duelos, mas que evidencie disposição coerente com sua vivência.

Se, nas cidades-Estado da Grécia antiga, indivíduos fisicamente debilitados eram logo eliminados, pouca utilidade detém o indivíduo que, oriundo de áreas da pobreza estrutural, se mostra desprovido de sagacidade. Isso porque, em ambos os casos, se trata de virtudes indispensáveis à vida social, à sobrevivência dos grupos comunitários que esses indivíduos integram, pois se encontram sob relações em que não há o equânime monopólio da violência. Em todo caso, assim como ocorrido na regulação das modalidades esportivas¹⁶⁸, há que sopesar em que medida a cena dos duelos está submetida a uma espécie de processo de civilização.

De maneira similar às medidas civilizatórias implementadas face aos jogos da antiguidade, os duelos de rimas tem sido também “filtrados”, adaptados ao gosto de um público diverso – distante não mais no tempo, mas nas valorações interdependentes das territorialidades. A vigência desse processo encontra indícios no estabelecimento de regras expressas, na definição de modalidades de disputas e num sistema de pontuação objetivamente balizada – inovações convergentes à consolidação de circuitos de competição, continuamente, estruturados e proporcionadores de premiações também, progressivamente, majoradas.

Esse movimento é, pois, impulsionado por um conteúdo, um “conhecimento”, e por conseguinte, por um ethos e por uma moral externamente legitimados. Assim, a prática dos

¹⁶⁷ “Vencer inimigos ou adversários era motivo de glória, mas dificilmente seria menos glorioso ser vencido, como Heitor o foi por Aquiles, desde que se lutasse o mais que se pudesse até ser mutilado, ferido ou morto e não se pudesse lutar mais. A vitória ou a derrota estavam nas mãos dos deuses. Renunciar a vitória, sem uma demonstração de bravura e de resistência, é que era inglório e vergonhoso. Na linha deste ethos guerreiro, um rapaz ou um homem morto num dos combates olímpicos de pugilato ou de luta era coroado, com frequência, vencedor, para glória do seu clã e da sua cidade, e o sobrevivente — o assassino — não era punido nem estigmatizado. Os jogos gregos não eram dominados por uma grande preocupação de justiça.” (Elias, 1992, p. 205).

¹⁶⁸ “Hoje o desporto está altamente organizado e regulamentado. A luta é dirigida por uma Federação Internacional de Luta, com sede na Suíça. De acordo com as regras olímpicas de janeiro de 1967, entre todas as prisões da luta de estilo livre está o estrangulamento, o meio-estrangulamento e o duplo-Nelson, com aplicação de pressão direta para baixo com o uso das pernas. Socos, pontapés, cabeçadas, tudo é proibido. Um assalto, que não dura mais que nove minutos, está dividido em três períodos de três minutos cada, com dois intervalos de um minuto, sendo controlado por um arbitro, três juízes e um cronometrista. Apesar destas regulamentações rígidas, a luta de estilo livre surge hoje, a muitas pessoas, com um dos tipos de desporto menos refinados e mais ‘rudes’. Uma versão um pouco mais violenta, executada por profissionais como um desporto-espetáculo, embora muitas vezes previamente combinada, permanece muito popular. Mas os profissionais raramente infligem ferimentos graves uns aos outros. Com toda a probabilidade, o público não gostaria de ver ossos partidos e sangue a correr. Mas os executantes efectuam uma boa demonstração de se magoarem uns aos outros e o público parece gostar desta simulação” (Elias, 1992, p. 200).

duelos se aproxima duma forma de deleite para os espectadores que exponenciam sua satisfação a partir de critérios de justiça possibilitadores do prazer da expectativa, das apostas¹⁶⁹.

Contudo, ao passo que a sociabilidade local perde importância, tais inovações na prática do duelo reduz a autonomia de seus participantes. Esses indivíduos perdem uma espécie de protagonismo, semelhante ao dos lutadores antigos que detinham prestígio social em suas cidades-Estado, e, paulatinamente, mais se parecem com os competidores especialistas no desempenho de modalidades esportivas, afastados, pois, das posições de relevância política¹⁷⁰.

Assim, aqueles capazes de uma reformulação passam a integrar o entretenimento no âmbito estrutural e o ethos baseado na sagacidade perde lugar para um ethos competitivo. Logo, no marco do “Conhecimento”, é possível, ou mesmo provável, que alguém com as características sociais de um playboy apresente um bom desempenho, uma vez que domina, e eventualmente sabe articular discursivamente, referências intelectuais. Igualmente, é possível, senão provável, que indivíduos desprovidos de sagacidade vençam as, agora, competições de rima. Isso muito pouco difere das mudanças que as sociedades ocidentais testemunharam quanto ao declínio da força física e a ascensão, sociopolítica, de noções como inteligência e identidade moral¹⁷¹.

Não à toa, testemunha-se a reiterada repreensão do antigo ethos baseado na sagacidade a partir da alegada ausência de conhecimento e da adoção de posturas politicamente reprováveis. Complementarmente, da perspectiva desses indivíduos coagidos, a expectativa da vitória, a esperança da inclusão na sociedade do consumo e da cidadania, funciona como instrumento de convencimento, recomendando-lhes adequar-se às mudanças, ao novo ethos.

¹⁶⁹ “A maior ênfase colocada no prazer da disputa do jogo e a tensão-excitação que este proporcionava estavam, até certo ponto, relacionados com o prazer de apostar, que desempenhou em Inglaterra um papel considerável quer na transformação de formas mais ‘rudes’ de confrontos nos desportos quer nos desenvolvimentos do ethos e da justiça. Ao presenciar o combate de um jogo efetuado pelos seus filhos, pelos seus serviçais ou por profissionais famosos, os cavalheiros gostavam de apostar dinheiro numa das partes, condimento da excitação fornecida pela própria luta, que já tinha sido temperada por restrições civilizadoras. Mas a expectativa de vencer uma aposta podia aumentar a excitação de assistir a luta, unicamente se as probabilidades iniciais de ganhar se encontrassem mais ou menos divididas de modo equilibrado entre os dois lados, e se oferecessem um mínimo de possibilidades de cálculo.” (Elias, 1992, p. 205).

¹⁷⁰ “Nas sociedades contemporâneas, o pugilista é um especialista e, se aplicamos o termo aos que adquiriram fama como pugilistas na Antiguidade, o mero uso da palavra pode evocar nos nossos espíritos um quadro similar. Na verdade, os homens que demonstravam a sua força física, a sua agilidade, a sua coragem e a sua resistência através das suas vitórias nos grandes festivais, dos quais os de Olimpia foram os mais famosos, estavam colocados numa situação muito apropriada para adquirirem uma elevada posição social e política na sua sociedade natal, se não a tivessem já alcançado”. (Elias, 1992, p. 209-210).

¹⁷¹ “Nem sempre se está consciente de que a possibilidade de um homem fisicamente diminuído alcançar ou manter uma posição de liderança ou de elevado poder social e dignidade é um fenómeno relativamente recente no desenvolvimento das sociedades. Devido ao facto de a ‘imagem corporal’ ou a aparência física se classificar a um nível relativamente baixo —, bastante inferior, por exemplo, ao que a ‘inteligência’ ou o ‘caráter moral’ ocupam na escala de valores que, nas nossas sociedades, determina a posição social de um homem e a imagem global que formamos dele —, falta-nos com frequência a chave para a compreensão de outras sociedades onde a aparência física representa um papel muito mais determinante na formação da imagem pública de um homem. (...) O facto de uma das mais poderosas nações do nosso tempo ter eleito um homem paralítico para o seu cargo público mais elevado é, a este respeito, sintomático.” (Elias, 1992, p. 208-209).

4.3 VIOLÊNCIA E IDEOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UM TEXTO E SUA REALIDADE.

Do que se viu, conclui-se que, apesar dos processos de reterritorialização promovidos por determinadas práticas e por um esporádico acesso ao consumo, dos indivíduos situados em territórios sob o diálogo estrutural da violência demanda-se, sempre, uma masculinidade marginalizada. A esse indivíduo cabe decidir, dentro de suas condições concretas de existência, se essa será subordinada ou de confrontação. Face a esse dilema, ele consegue encontrar meios para manter uma virilidade plena. Tal estágio, prévio à definição de uma virilidade a ser exercida ao longo de sua vida, resulta na elaboração de uma masculinidade transitória expressa por emoções que podem ser sintetizadas em noções como “ter disposição” e “ter sagacidade”.

A partir da análise das relações travadas no território é possível compreender como esses fatores influenciam a formação da realidade social do país, a qual guarda, em certas áreas, maior similaridade com o vínculo de exploração escravocrata assumidamente instalado em outras épocas do que com o comumente enquadramento na concepção de um Estado de Direito e Democrático formulada no ocidente em consequência da evolução das sociedades burguesas.

No Brasil da globalização perversa (Santos, 2015), em que se acentuam as consequências do neoliberalismo, constata-se a convivência de uma ocupação militar violenta, nos territórios em que vigora a pobreza estrutural, e de uma elaboração de sofisticadas estratégias ideológicas.

A partir dos diferentes usos e regramentos conferidos aos diversos territórios, convivem indivíduos com algum acesso ao consumo – e por isso, como correlaciona Canclini (*apud* Herschmann, 2005), em alguma medida fruidores da concepção de cidadania – e indivíduos que, sem os mesmos acessos, constituem, quando muito, força disponível à produção. Logo, coexistem algo semelhante às classes trabalhadoras ocidentais e às populações colonizadas.

Sobre os instrumentos e os agentes utilizados para lidar com esses grupos destinatários da exploração, tem grande aplicabilidade à realidade brasileira aquilo que, em citação de obra sobre seu pensamento¹⁷², Frantz Fanon observa como as “formas estéticas do respeito à ordem estabelecida”, ao passo que os agentes da violência exercem uma dominação não disfarçada¹⁷³.

¹⁷² FAUSTINO, Deivison M. **Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

¹⁷³ “Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino, religioso ou laico, a formação dos reflexos morais transmissíveis de pai para filho, a honestidade exemplar de operários condecorados depois de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado à harmonia e à sabedoria, essas formas estéticas do respeito à ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição que alivia consideravelmente a tarefa das forças da ordem. Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de ‘desorientadores’. Nas regiões coloniais, em contrapartida, o policial e o soldado, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contato com o colonizado e lhes aconselham, com coronhadas e *napalm*, que fiquem quietos. Como vemos, o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não alivia a opressão, não disfarça a dominação. Ele as expõe, ele as manifesta com a consciência tranquila das forças da ordem. O intermediário leva a violência para as casas e para os cérebros dos colonizados.” (FANON *apud* Faustino, 2018, p. 67).

Todavia, apesar de a violência estrutural e as estratégias de convencimento ideológico terem destinatários prioritários, esses instrumentos possuem interfaces que possibilitam apreender também a outra parcela do contingente nacional. É nesse sentido que se promove a construção do medo. Uma construção a partir da prática da violência cotidiana que termina por bater às portas dos “possuidores”¹⁷⁴. A disseminação desse medo serve à compreensão dos possuidores – ou, ao menos, confere-lhes uma pretensa justificativa – de que a realidade violenta dos não possuidores decorre de um comportamento livremente adotado e, assim, permite-lhes sustentar a defesa de ações ainda mais ostensivas no combate à realidade social violenta.

Por sua vez, àqueles advindos dos territórios da pobreza estrutural, paralelamente à violência em que estão imersos, abre-se a perspectiva da ascensão social. Essa esperança, em grande medida ideológica, de inclusão entre os que consomem e que, por isso, são cidadãos, é reiteradamente alimentada por certas ocorrências que lhes fornecem a necessária base fática.

No aperfeiçoamento dessa dominação empreendida a partir de uma típica estratégia de dividir para imperar, realiza-se um procedimento de produção ficcional inteligível a partir das elaborações de Wolfgang Iser (2002). Sabemos que para esse autor, em superação ao par dicotômico “verdade e mentira”, a produção dos textos ficcionais viabilizam a comunicação entre os imaginários do autor e de seus leitores, a partir da seleção e da combinação de elementos do real, sempre visando atender a finalidade conferida por aquele. No caso, os autores do texto abordado são os donos do discurso ideológico com os seus interesses políticos e econômicos¹⁷⁵.

Para compreender com algum detalhamento essa produção ficcional, é preciso destrinchar os seus úteis atos de confusão e convencimento ideológico. Nesse sentido, cabe uma breve retomada da realidade social brasileira, na qual se encontram inseridos a expressão cultural no seio da qual se desenrola a cena dos duelos de MCs e outras expressões afins.

¹⁷⁴ “O reino da necessidade existe para todos, mas segundo formas diferentes, as quais simplificamos mediante duas situações-tipo: para os ‘possuidores’, para os ‘não possuidores’. Quanto aos ‘possuidores’, torna-se viável, mediante possibilidades reais ou artifícios renovados, a fuga à escassez e a superação ainda que provisória da escassez. Como o processo de criação de necessidades é infinito, impõe-se uma readaptação permanente. Cria-se um círculo vicioso com a rotina da falta e da satisfação. Na realidade, para essa parcela da sociedade a falta já é criada como a expectativa e a perspectiva de satisfação. As negociações para regressar ao *status* de consumidor satisfeito conduzem à repetição de experiências exitosas. Desse modo, a parcela de consumidores contumazes obtém uma convivência relativamente pacífica com a escassez. Mas a busca permanente de bens finitos e por isso condenados ao esgotamento (e à substituição por outros bens finitos) condena os aparentemente vitoriosos à aceitação da contrafinalidade contida nas coisas e em consequência ao enfraquecimento da individualidade.” (Santos. 2015, p. 129-130).

¹⁷⁵ “Mas a informação instantânea e globalizada por enquanto não é generalizada e veraz porque atualmente intermediada pelas grandes empresas da informação. (...). A história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Fisicamente, isto é, potencialmente, ele existe para todos. Mas efetivamente, isto é, socialmente, ele é excludente e assegura exclusividades, ou pelo menos, privilégios de uso.” (Santos, p. 28).

De início, é importante destacar que a estruturação social concede, à insatisfação dos indivíduos situados na pobreza estrutural, um relativo intervalo cronológico para adequação. Essa concessão elabora-se a partir de certo uso da noção de “juventude”, conforme Valenzuela Arce observa ao considerar o surgimento e as pertinências histórica e sociocultural do termo¹⁷⁶.

Nesse sentido, tal uso se faz relativo porque a noção de juventude é estendida ao extremo ou sumariamente negada a depender da condição socioeconômica, da condição de (não) possuidor do indivíduo que se mostra não adequado às suas normas e formas – como bem demonstra, desde os registros de Herschmann (2005), o cotidiano relato jornalístico.

Diversos outros autores (v.g. Groppo, 2000 e Herschmann, 2005) destacam a imprecisão de compreender a noção de juventude de maneira limitada a critérios biológicos ou cronológicos. De fato, fazê-lo conduz à equivocada correlação entre uma etapa de incompletude orgânico-corporal do indivíduo e de sua pouca vivência quantitativa com a condição de um sujeito não plenamente capaz e, portanto, não legitimado para influir nos caminhos da vida em sociedade. Assim, os posicionamentos desses indivíduos tornam-se passíveis de descrédito, pois que não atingiram a maturidade exigida pelos estágios da vida (Groppo, 2000).

Em suma, para a estrutura social, a juventude constitui a concessão de uma margem, de uma oportunidade de adequação; e apenas, eventualmente, um risco de modificação. Entre os extremos dessa concessão, da completa benevolência aos incluídos no consumo e na cidadania e da nenhuma tolerância aos mais arraigados à pobreza estrutural, há uma zona para que aqueles nela localizados se integrem, tão breve quanto possível, à estrutura social vigente.

No Brasil do entredecadas de 1980 e 1990, deu-se o encontro de uma realidade carregada de relações baseadas na exploração escravocrata com a racionalidade única que é motora do processo de acumulação global. De tal sorte, na oportunidade, à dinâmica política interna que jamais fora equânime juntou-se os imperativos econômicos da lógica em curso, qual seja, a da globalização perversa (Santos, 2015). No âmbito desse encontro, pois, elabora-se uma nova narrativa, aquela prescritiva das finalidades almejadas pelos donos do discurso ideológico.

Esse novo texto ficcional – apto a conectar o imaginário de seus autores ao imaginário do leitor, ou seja, dos diferentes contingentes sociais do país – constitui aquilo que, com alguma diferença terminológica, Herschmann (2005) chama de o novo imaginário social, insaturado após a redemocratização formalmente consolidada com a Constituição Federal de 1988.

¹⁷⁶ “A juventude é uma narrativa que seleciona atores e características, mas também esquecimentos, não sendo por conseguinte uma definição ingênua nem asséptica, mas uma construção que destaca e proscreve, pondera e minimiza condições que fazem alusões a processos de hipostatização das representações sociais.” (Valenzuela Arce, 1997. p. 139).

A produção desse novo texto demanda, de início, a seleção de elementos do real tanto do tempo presente quanto do contexto histórico. Visando à formulação de um modelo ideal de juventude, serve-se da figura do jovem revolucionário atuante até a recente mudança de regime.

A construção desse referencial se dá a partir da imagem de um engajamento político e de uma abnegação absoluta a ideais e interesses coletivos. Embora essa representação se sustente em elementos reais, tal seleção termina por silenciar acerca de outros igualmente concretos – como se esses jovens fossem desprovidos de quaisquer traços de individualismo, de apreço material, de práticas de consumo e da busca por prazeres sensórios, corporais. De fato, superado aquela conjuntura política e a ameaça oferecida por esse jovem revolucionário enquanto ator social, já não o acusam de terrorismo ou o classificam por outros termos negativos.

A utilização dessa representação, a partir de então, serve à desqualificar os indivíduos não conformados à estruturação vigente, ou seja, à desqualificar os jovens do tempo presente.

Longe de evidenciar uma queda valorativa das juventudes atuais, a ausência do altruísmo projetado resulta, para além do evidente falseamento do revolucionário ideal, do esfacelamento de uma outra ficcionalidade, a concepção de que a democracia liberal seria capaz de apresentar pujantes e profundas respostas às assimetrias sociais. O fato é que, não obstante a promulgação da nova Constituição, com a implementação do receituário neoliberal, as décadas seguintes têm evidenciado as limitações do novo cenário político e institucional no país.

Os anos 1990, por sua vez, assistiram a continuidade do processo de seleção de elementos do real visando à contínua formulação do novo texto ficcional ofertado à sociedade brasileira. Ao entrar em interação com o imaginário de indivíduos socialmente diferentes, esse novo texto tem surtido consequências coerentes com os interesses de seus autores.

No novo cenário, agora democrático, assim como práticas e interesses proscritos sob alegações de hedonismo e de ganância, a possibilidade de uma violência apta a influir na dinâmica social tem sido, igualmente, desacreditada pela construção ficcional. A violência, elemento do real que, presente na prática revolucionária, não se fez interessante ressaltar na projeção posteriormente elaborada, tem sido esvaziada de qualquer potencial político. É nesse sentido que, como descreve Herschmann (2005, p. 54), se dão as abordagens do movimento caras-pintadas e do rap “Tô Feliz (Matei o Presidente)”¹⁷⁷. Embora ambas as produções constituam reações às vicissitudes do sistema político e institucional que resultou no

¹⁷⁷ GABRIEL (O Pensador). Tô Feliz (Matei o Presidente). Rio de Janeiro: Rádio Atividade, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mSpk6LZHc6Q>. Acesso em 31 de janeiro de 2021.

Impeachment do Presidente Fernando Collor, apenas a primeira foi saudada pela mídia e pela sociedade, enquanto a segunda, após duras críticas, foi amplamente rejeitada.

Ao longo das últimas décadas, pois, o tratamento conferido a práticas rotuladas de violentas integra uma ação ideológica que busca confundir o entendimento dos contingentes populacionais. Para os incluídos no consumo e na cidadania, promove-se a deslegitimação dos anseios dos indivíduos situados na pobreza estrutural mediante a condenação moral de uma suposta ambição por um consumo irracional – o que, antes de justificar politicamente um eventual recurso à violência, evidencia sua prática como produto de um interesse egoístico.

Assim, promove-se uma inversão quanto à origem da violência. Ao tempo em que se encobre a presença e a ação agressiva dos intermediários do poder nos territórios da pobreza estrutural, toda e qualquer resposta é, por equívoco ou por desonestidade, confundida ou reduzida a ocorrências de uma violência privada; uma violência egoística motivada por interesses ilegítimos e possibilitada por um estilo de vida que, midiaticamente disseminado, constituiria um comportamento ocioso, desregrado e, ao fim, violento¹⁷⁸. A credibilidade dessa construção, exige, pois, a estigmatização de indivíduos como o funkeiro e o adepto do hip-hop, bem como a apresentação de indícios de que eles disporiam de meios para uma inclusão lícita.

Ao destacar o tratamento que iguala, numa crítica negativa, questionamentos políticos e demais atos sociais dotados de violência, Herschmann (2005) possibilita-nos compreender que não apenas o aparato midiático e seu público-leitor, mas parte da aparente intelectualidade se permite apreender por tal construção ficcional¹⁷⁹. Esse equívoco passa por equiparar as diversas expressões juvenis como produtos da indústria cultural, como se essas expressões fossem sempre, e inevitavelmente, consumidas no âmbito de uma cultura de massas e suas menções à violência fossem todas resultantes comuns da adesão a práticas assim intermediadas.

Tal maneira de interpretar a realidade incide no erro para o qual nos alertou não apenas Santos (2015), mas também Elias (1992). Não observar as concretas características da sociabilidade sob análise, em especial a forma segundo a qual seus indivíduos, no território, se relacionam com o monopólio da violência, é se permitir ser apreendido por tais construções.

¹⁷⁸ Sobre a perspectiva negativa do revolucionário e sua substituição, enquanto inimigo público a ser combatido, pelo figura do pobre-bandido, conferir: SERRANO, Pedro Estavam Alves Pinto. **Autoritarismo e Golpes na América Latina: breve ensaio sobre jurisdição e exceção**. São Paulo: Alameda, 2016.

¹⁷⁹ “Nos últimos anos, a ausência de fenômenos sociais similares ao do “movimento” dos “caras-pintadas”, aliada à presença cada vez mais constante nos jornais e nos meios de comunicação de discursos que narram acontecimentos “violentos” envolvendo jovens, tem reforçado no imaginário social uma imagem negativa destes, influenciando, inclusive, a maneira como os pesquisadores vêm encarando as manifestações das culturas juvenis. São recorrentes as interpretações que afirmam que tais culturas conduziram, na maior parte das vezes, ao caos e à “dissolução do social”. (Herschmann, 2005, p. 54).

Segundo Elias (1992), inclusive, as sociedades contemporâneas vivenciam o ápice do distanciamento entre a internalização de controles sobre as práticas de violência em seus países e da prática inadvertida da violência contra outros povos, uma vez que, no âmbito das relações entre Estados-nação, continua a inexistir qualquer monopólio da violência¹⁸⁰.

O que autor inglês aparenta não ter destacado, entretanto, é a possibilidade de que construções ideológicas concretizem, sob um mesmo território jurídico, relações políticas antagônicas, típicas de nações inimigas. É incontornável reconhecer que, se diferentes contingentes populacionais se compreendem mutuamente responsáveis pelo difícil suprimento de suas necessidades materiais e causadores da violência sofrida ou amedrontadora, se instalará uma relativização da consciência e da moralidade desempenhada por esses indivíduos, ainda que formalmente habite-se um único territorial, constitua-se uma mesma nação¹⁸¹. Isso porque, ao cabo, se a força do Estado serve à consagração dos interesses de um grupo e ao ataque de outros grupos populacionais, não há que se falar, honestamente, em um Estado de todos¹⁸².

Assim, tal como os diferentes relacionamentos com o monopólio da violência ensejam diferentes ethos – como visto quanto às modificações na cena dos duelos de rimas –, eles são interdependentes com a maneira como os indivíduos advindos do território da pobreza estrutural se relacionam com a indústria cultural e com a estruturação social vigente. Portanto, essa relação explica o equívoco de se compreender todas e quaisquer formas de violência contidas nas expressões juvenis como produto de estilos de vida consumidos de maneiras semelhantes.

Se a esportização das batalhas de MCs é empreendida como parte do processo de estruturação da cena, isso significa que formas e valores consagrados no âmbito da estrutura social passam a ter protagonismo. Se, com esse processo, a sagacidade tende a secundarizar o conhecimento externamente legitimado, o adepto advindo das áreas da pobreza estrutural, o jovem periférico de que falamos, tende a ser avaliado na escala de valores do playboy e, inevitavelmente, estará, perante ele, atrasado, será, pois, algo “bárbaro” ou “menos civilizado”.

180 “O nível de segurança física nos Estados-nações industriais mais avançados, embora possa parecer bastante reduzido para aqueles que vivem nelas, é, com toda a probabilidade, normalmente superior ao das sociedades-Estado menos desenvolvidas, ao mesmo tempo que a insegurança nas relações entre Estados dificilmente decresceu. No actual estado de desenvolvimento social, os conflitos violentos entre Estados permanecem tão ingovernáveis para aqueles que estão envolvidos neles, como sempre o foram.” (Elias, 1992, p. 198).

181 “Contudo, num período de incessante violência presente nas questões entre Estados, estas defesas interiorizadas contra impulsos à violência permanecem inevitavelmente, instáveis e frágeis. Elas são continuamente expostas a pressões sociais conflituosas — aquelas encorajando um elevado nível de autodomínio dos impulsos violentos nas relações humanas na mesma sociedade-Estado, e estas encorajando uma libertação do autodomínio dos impulsos violentos e mesmo uma preparação para a violência nas relações entre sociedades-Estado diferentes. (...). Estas defesas entram constantemente em conflito com as exigências impostas aos cidadãos destes Estados, como o resultado da ausência de qualquer monopolização e controlo eficiente da violência física nas relações entre Estados. A consequência é uma moralidade dupla, a ruptura e a contraditória formação da consciência. (Elias, 1992, p. 197).

182 “Um Estado só pode ter como inimigo outro Estado, e não homens, pois não é possível fixar relações verdadeiras entre coisas de natureza diversa.” (ROUSSEAU, J.J. *apud* Serrano, 2016, p. 152).

É fato que indivíduos com algum acesso ao consumo podem adotar certas preferências musicais e estilos de vida em que, dentre outras características, se performatiza uma violência aprendida a partir da indústria cultural; alguns, inclusive, podem contatar o hip-hop e o funk a partir dessa acepção. Há mesmo, como observa Herschmann (2005, p. 65), a possibilidade um indivíduo consumir dois ou mais estilos. Em todo caso, esse acesso dependerá, sempre, de sua capacidade de consumo, das circunstâncias e da frequência com que acessa tais produtos. Trata-se, pois, de condição-ideal de consumo que não está disponível para todos, sobretudo com a frequência estimulada. Aos que são, quase sempre, não possuidores, a relação costuma se dá a partir da vivência e da violência imediatas, das relações estabelecidas a partir de seu território.

Desconsiderar a validade e a importância de relações não intermediadas pela indústria cultural, seria negar a existência de espaços de sociabilidade em que esses indivíduos não estejam a secundarizar aqueles incluídos no consumo e na particular experiência de cidadania. Nesse sentido, os significados da violência não devem ser equivocadamente igualados, desprezando uma necessária análise que atente para sua interdependência com os demais elementos a configurar a sociedade concreta, constituída, sobretudo, no âmbito da pobreza estrutural.

Por certo, deve ser reconhecida a importância de se mapear a adesão dos indivíduos a estilos de vida elaborados a partir do consumo e da representação midiática como forma de conhecer os espaços das cidades e suas sociabilidades. Contudo, os diversos territórios, assim como as expressões culturais aí manifestas, não sofrem influxos apenas de uma cultura de massas, mas também de uma cultura popular¹⁸³. Por mais que o hip-hop e o funk estejam sob permanente apreensão estrutural, essas expressões seguem sendo instrumentos de externalização do anseio dos indivíduos não conformados por mudanças e, ainda mais importante, instrumentos de elaboração de propostas, de apresentação das alternativas ofertadas por esses indivíduos.

¹⁸³ “Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massas, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. Constituem-se, assim, formas mistas sincréticas, entre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando um fundo genuíno a formas exóticas que incluem novas técnicas. Mas há também – e felizmente – a possibilidade, cada vez mais frequente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos ‘de baixo’, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são reutilizados, o conteúdo não é, todavia, “global”, nem a incitação primeira é o chamado mercado global, já que sua base se encontra no território e na cultura local e herdada. Tais expressões da cultura popular são tanto mais fortes e capazes de difusão quanto reveladoras daquilo que poderíamos chamar de regionalismos universalistas, forma de expressão que associa a espontaneidade própria à ingenuidade popular à busca de um discurso universal, que acaba por ser um alimento da política.” (Santos, 2015, p. 143-144).

Herschmann (2005) apresenta interessante perspectiva segundo a qual as expressões culturais e os estilos de vida que elas ensejam seriam reveladores dos *habitus* internalizados nos indivíduos. Por conseguinte, se faz intrigante questionar em quais medidas esse procedimento revela conteúdos típicos de uma cultura popular e de uma cultura de massas. Dito de outro modo, em medida os estilos de vida revelam os indivíduos como resultado social de um convívio direto a partir de sua realidade produzida pelas forças locais e em que medida os estilos de vida introjetam visões de mundo e terminam por formatar o *habitus* e, mesmo, o próprio indivíduo.

Nesse sentido, não há dúvida que, no mundo globalizado, da tecnologia e da ideologia atuais, as expressões culturais passam por um contínuo e intenso processo de difusão e de atribuição de novos significados – que acompanham a disponibilização de seus elementos estéticos via mercado e mídia. Todavia, as articulações flexíveis impulsionadas a partir de diversas partes do mundo, e por indivíduos os mais diferentes, ensejando uma colagem multinacional dessas expressões, não são suficientes para inviabilizar a singularidade de seus usos e valores locais. Tal processo não resulta na desessencialização ou na desvinculação das expressões dos territórios em que são praticados, mas sim, demandam uma maior acuidade na análise, na observância das configurações históricas e geográficas de cada ocorrência.

É a definição do hip-hop a partir de um lugar no território e no tempo ou, mais precisamente, de um hip-hop manejado por indivíduos sob certas relações geográficas de um preciso momento histórico, que permite realizar sua adequada investigação. Ainda que haja um modelo, um tipo-ideal difundido internacionalmente a orientar a constituição das cenas locais – como nos fala Felipe Trotta (2013) – é necessário analisar as utilidades conferidas, em concreto, à expressão cultural, valores que estão relacionados aos específicos *ethos* de seus adeptos, os quais são sempre concretos, feitos de carne e ossos e, às vezes, de muito sangue.

Assim, se fará possível leituras que permitam a compreensão de expressões culturais, como o hip-hop, a partir de valorações e usos diversos; a partir também dos influxos locais, não apenas como um exercício de dominação internacional. Afinal, como observar Trotta ao enfocar a predominância idiomática, seria “ingênuo ignorar que a linguagem é um instrumento de poder e que essa profusão de termos em inglês que orientam e classificam determinada produção musical está ligada a estratégias de hierarquização e legitimação simbólica (2013, p. 65)”.

É na esteira do incessante processo de ficcionalização voltado ao convencimento dos contingentes sociais sob exploração na globalização perversa, no qual forças típicas de uma cultura popular e de uma cultura de massas se contatam, que se dão os esforços por apreender as expressões empreendidas em áreas que são politicamente não conformadas, estruturalmente inferiores e territorialmente segregadas, sempre sob o domínio da pobreza e da violência

estruturais. A possibilidade de autonomia desses indivíduos sobre tais expressões pode ser constatada ao se observar como, diante da chegada do funk e do hip-hop ao Brasil, se deu a apropriação, por contingentes juvenis, dos elementos dispostos no mundo social ao redor¹⁸⁴.

Para além das vestimentas, dos locais de prática e da interação com outros estilos e produções musicais, a exemplo do samplear elaborado desde os primeiros raps nos Estados Unidos, passando pela aquisição informal e pelo pirateamento dos vinis estrangeiros até o posterior processo de homofonia das músicas em inglês realizado no país¹⁸⁵, tudo isso evidencia como os adeptos brasileiros se colocam à margem, a um só tempo, da indústria e da legalidade.

A elaboração e a adoção de tais expressões por indivíduos estruturalmente inferiores carregam para elas o sentido de fruição imediata, não destinada a atender ou agradar ocorrências anteriores ou externas a funcionarem como autoridades legitimadoras – sentido que pode ser sintetizada na ideia de que “tudo acaba no baile”¹⁸⁶. Em tal acepção, trata-se de uma elaboração que não almeja, primordialmente, um reconhecimento social intermediado pelos veículos da mídia comercial e de outras instâncias de validação no âmbito da indústria cultural.

É certo que os indivíduos tendem a uma conduta gregária, à busca do contato e do reconhecimento em sociedade. Em todo caso, não há, a princípio, razões para não considerar as relações diretas, entre iguais, como um reconhecimento suficiente. Essa conduta, entretanto, não é dotada de definitividade, estando passível à atuação das estruturas e dos influxos vigentes na sociedade ampla, sobretudo quando capazes de conferir visibilidade e retorno financeiro.

A atuação dos veículos de mídia, como relevante agente da construção ideológica, ao conceder espaço a essas expressões culturais populares, procuram difundir a noção de que tal presença constitui uma vitória, um avanço dessas expressões e de seus adeptos. Aliado a esse espaço de prestígio, faz-se crer, pois, na abertura de oportunidades para a ascensão econômica dos participantes desse novo e promissor mercado que está a se instaurar – ofertas de emprego e de empreendedorismo, sempre enfeitadas com as luzes do sucesso, tornam-se obviedades.

Nesse sentido, Herschmann (2005), ao correlacionar o funk e o hip-hop, frisa que esse estilo tem recebido superior credibilidade em razão de sua maior adesão internacional e de seus

¹⁸⁴ “Seja no vestuário, em que os funkeiros mesclam a indumentária de surfistas de classe média da Zona Sul com as dos b-boys norte-americanos, seja nos usos de espaços antes destinados ao samba e aos esportes nas comunidades pobres, seja na música em que o sampler é utilizado como ferramenta básica que permite que cantores e DJs extrapolem a batida Miami Bass e realizem uma costura com sons e ritmos identificados a outros gêneros e estilos, como brega, hip-hop, cantigas de roda, pagode, entre outros.” (Herschmann, 2005, pag. 216).

¹⁸⁵ Herschmann, 2005, p. 26.

¹⁸⁶ Hermano Viana, ao tratar daquele momento inicial, observa que “O Funk chega ao Rio e é deglutido de maneira inédita (...) O Rio não devolve ao mundo outra maneira de fazer hip-hop. Tudo termina no baile.” (Viana *apud* Herschmann, 2005, pag. 249).

resultados financeiros na indústria fonográfica¹⁸⁷. Portanto, é o enquadramento à influência estrangeira e ao mercado e seus preceitos, e não qualquer valoração substancial própria, que garante reconhecimento às diversas ocorrências locais do hip-hop e aos seus adeptos. A própria afirmação de que o mundo funk vem tentando conquistar esse mesmo reconhecimento parte de uma perspectiva posicionada frente à tensão que marca o processo de estruturação dessas expressões culturais; noções como “mundo funk” e “empresários funk” (Herschmann, 2005) são próprias de uma elaboração que já não corresponde à ideia de que “tudo acaba no baile”.

Essa progressiva influência econômica e internacional sobre as expressões culturais, contudo, não se faz dissociada, mas em complementariedade, à segunda faceta do processo de estruturação. Ao passo que tal influência desloca o protagonismo exercido e as manifestações tendem a se constituir em cenas, circuitos, cadeias produtivas, a dissociação das expressões culturais de seus adeptos primeiros (aqueles conectados à lógica do território), abre-se caminho para que eles sejam apreendidos sob a chave da estigmatização, rotineiramente produzida junto à alegada concessão de brechas, de visibilidade midiática e mercadológica.

Portanto, no âmbito dessas expressões culturais, a estruturação resulta desses dois movimentos: a propagandeada possibilidade de ascensão profissional e socioeconômica aliada à contínua criminalização desses seus adeptos primeiros. Ocorre que o efeito ideológico desses movimentos não se destina apenas a esses indivíduos oriundos da pobreza estrutural, mas também àqueles que têm acesso ao consumo e, por isso, a alguma experiência de cidadania.

De fato, o processo de estruturação se destina não apenas a avocar os proveitos financeiros das expressões culturais, mas também, e essencialmente, a esvaziar o potencial político e ideológico nelas contido, a suprimir a possibilidade de sua instrumentalização para a elaboração de outras ficções, a cassar a capacidade de indivíduos não possuidores, na condição de protagonistas dessas expressões, se fazerem autores de um novo texto apto a conectar os seus interesses ao imaginário de todos os indivíduos explorados (mesmo aqueles que, por vigorar a construção ideológica atual, creem-se incluídos, fruidores da cidadania possível). Afinal, é da experiência cotidiana da escassez que surge a sagacidade própria aos não possuidores¹⁸⁸.

¹⁸⁷ “(...) é possível constatar que o hip-hop, pelo menos, goza de certa legitimidade. Os bilhões que movimentam este segmento do mercado fonográfico em todo o mundo e a presença deste ritmo no trabalho de inúmeros artistas de reputação internacional conferem, de certa maneira, ao hip-hop uma expressão cultural e a seus integrantes um relativo status e respeitabilidade. Um tipo de reconhecimento que o mundo funk vem tentando ainda conquistar.” (Herschmann, 2005, p.113).

¹⁸⁸ “Quanto aos ‘não possuidores’ sua convivência com a escassez é conflituosa e até pode ser guerreira. Para eles, viver na esfera do consumo é como querer subir uma escada rolante no sentido da descida. Cada dia acaba oferecendo uma nova experiência de escassez. Por isso não há lugar para o repouso e a própria vida acaba por ser um verdadeiro campo de batalha. Na briga cotidiana pela sobrevivência, não há negociação possível para eles, e, individualmente, não há força de negociação. A sobrevivência só é assegurada porque as experiências imperativamente se renovam. E como a surpresa se dá como rotina, a riqueza dos ‘não possuidores’ é a prontidão

Não por outras razões, os bailes de comunidade no Rio de Janeiro dos anos 1990 foram definitivamente interditados. Os bailes constituíam espaços de uma convivência diversa daquela apregoada pelo texto social vigente, ou seja, foram oportunidades em que os indivíduos do asfalto demonstraram humildade para subir o morro e, lá estando, respeito pelas pessoas e pela normatividade local, ao passo que os ali residentes se mostraram amigáveis e respeitadores dos patrimônios trazidos. De tal sorte, trata-se de uma atuação a desconstruir a ficcionalidade do contato social baseado na dicotomia da violência por uns exercida e do medo noutros infligido.

Ainda recordando os episódios fundantes da atual ficcionalidade coletiva, deve-se ressaltar que o perigo representado pelos “arrastões” decorre, igualmente, de uma presença não autorizada de indivíduos oriundos dos territórios da pobreza estrutural com a finalidade de diversão – portanto, não para servir como mão-de-obra não qualificada – e sob à luz do dia – não sob às sombras em que se permitem territorialidades transitórias úteis à ilusão ideológica¹⁸⁹.

Esses dois movimentos de corpos para territórios diversos daqueles estipulados como os seus espaços apropriados apresentam o potencial de desconstrução do texto social em curso. Portanto, junto à instabilidade gerada quanto aos destinatários do proveito econômico nesses eventos realizados fora dos espaços da legalidade (em que agentes do tráfico podem ser os empreendedores a lucrar), se coloca em risco um outro controle, o ideológico, o qual tem as potencialidades de reificar, mas também de reestruturar as relações sociopolíticas dadas.

Assim, para a perspectiva estrutural é importante que, em concomitância à ação violenta nas áreas da pobreza estrutural, seja efetivada uma estratégia de convencimento duplamente destinada. No que toca aos indivíduos situados nesses territórios, tal convencimento se constitui com a possibilidade de mudar de vida, de migrar para o contingente consumidor e cidadão da sociedade. Para que essa crença seja construída, é indispensável que a estrutura social faça algumas concessões, que esporadicamente alguns postos “relevantes” sejam por eles ocupados.

Nesse sentido, se Herschmann (2005) apreende a eventual consagração de jovens periféricos enquanto artistas ou esportistas como efeito de frestas e brechas abertas pela atenção midiática (em que pese reconhecer a seletividade e a estigmatização promovida), resalto nesses acontecimentos a concessão de elementos do real necessários à construção ideológica almejada.

dos sentidos. É com essa força que eles se eximem da contrafinalidade e ao lado da busca de bens materiais finitos cultivam a procura de bens infinitos como a solidariedade e a liberdade: estes, quanto mais se distribuem, mais aumentam.” (Santos, 2015, p. 130).

¹⁸⁹ “Esses territórios transitórios geralmente são construídos à noite. Não que suas atividades estejam restritas a esse período do dia; no entanto, como outros jovens, os funkeiros e b-boys experimentam, durante a noite, uma ilusão libertadora, ou seja, é quando as luzes da cidade se acendem, iluminando apenas parcialmente parte do espaço urbano, que os jovens se sentem mais à vontade para tomá-la, pilhá-la, recriá-la, marcá-la. À noite, longe do tempo rígido e voltado para o trabalho ou para os estudos, distante do controle dos pais, patrões, professores, autoridades etc. – à exceção da presença eventual da força policial e de criminosos –, os jovens criam seu cotidiano, reinventando temporariamente o sentido dos espaços da Cidade.” (Herschmann, 2005, p. 232).

Como dito, a apreensão das expressões não tem, como único efeito, nutrir a expectativa de inclusão daqueles situados na pobreza estrutural. Tal construção atua, ainda, na elaboração, dentre os possuidores, da crença de que há caminhos para uma inserção, moral e legalmente autorizada, daqueles desprovidos de acessos ao consumo e à cidadania. Trata-se de uma forma de deslocar o entendimento quanto à razão do estado de coisas do critério objetivo – a lógica da globalização perversa – para o subjetivo – o comportamento individual escolhido.

Assim, a visibilidade resultante das ditas brechas, com algum acesso aos mercados de trabalho e de consumo, tem, também por isso, importante papel na construção ficcional.

Contudo, não apenas a mídia fornece atua nesse processo de estruturação. O aparato governamental também oferta a sua contribuição, também fornece brechas. O Estado que, por meio de seus prepostos, promove a ocupação territorial com vistas à eliminação cultural e física dos indivíduos que, supérfluos à exploração econômica, habitam as áreas da pobreza estrutural, realiza ações de caráter assistencial e pretensamente qualificadoras – incidências dessa prática podem ser constatadas no trabalho de Herschmann (2005)^{190,191}. Já na Batalha do Vinho, o mesmo Estado que gerou as ameaças, por meio de seus agentes no exercício de suas atribuições funcionais, mas também à margem delas, apresentou-se como aliado do evento e da cena.

Ocorre que as medidas de viés assistencial adotadas pelo poder público nada têm de contraditórias às políticas de violenta repressão cotidianamente praticadas. Tais intervenções, a princípio positivas, sendo desprovidas de relevância quantitativa, não serve à modificação estrutural das relações em sociedade, não produzem significativa melhoria nas condições de vida de parte substancial dos indivíduos. Sua finalidade é contribuir para a ficção da validade democrática, reiterando as expectativas. Assim, não apenas a mídia e o mercado (e a orientação internacional que ambos impõem), mas também os governos nacional e locais fornecem os elementos do real – ou as brechas – úteis à formulação da globalização perversa como fábula.

Há, contudo, um outro vínculo de estruturação a ser abordado. Em meio ao seu trânsito na mídia, no mercado e no diálogo com as esferas estatais, as expressões culturais também se relacionam. Nesse sentido, é possível considerar em que medida essas expressões podem se influenciar mutuamente, sob influxos da indústria cultural e demais agentes estruturais.

¹⁹⁰ “Os arrastões, por exemplo, acentuaram um clima de pânico na Cidade, mas também motivaram a criação do Projeto Riofunk, gerenciado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro). Este projeto buscava principalmente incentivar e promover o lazer e a vida cultural desse segmento social. Além disso, oferecia cursos para formação de DJ, atores, dançarinos etc.”. (Herschmann, 2005, pag. 48).

¹⁹¹ “Como vimos nos capítulos anteriores, as conseqüências disso foram tanto a implementação de políticas públicas que buscavam integrar estes jovens através de programas de assistência e promoção cultural, quanto a efetivação de políticas de segurança pública de caráter repressivo (que tomam como referência a recorrente associação entre pobreza e criminalidade).” (Herschmann, 2005, pag. 230-231).

Embora semelhantes em muitos aspectos, o hip-hop e o funk podem ser distinguidos em razão de suas condutas frente à estruturação dada, ou seja, da assinalada maior pertinência do hip-hop aos agentes e às formas consagradas – a significativa adesão à cena internacional e ao mercado. Para além disso, o hip-hop apresenta proximidade aos instrumentos de contestação autorizados pelas formas estruturais, a democracia liberal e suas instituições partidárias.

As manifestações atuais do hip-hop, complementarmente à sua instrumentalização com vistas a atender os anseios de ascensão social, costumam ser manejadas na “luta por direitos”. Tal noção, vigente no âmbito de movimentos sociais e partidos políticos, constitui um passo estruturante conectado com a ideia de um quinto elemento a fomentar a conscientização e a mobilização de seus adeptos e que, de início, foi empreendida a partir das posses.

Diferentemente do hip-hop, as manifestações do funk, em regra, não se propõem a lutar por direitos, mas a fruir os prazeres que são o conteúdo desses direitos. Se o hip-hop coloca no horizonte acabar com a pobreza, um famoso funk nos lembra que o importante é ser feliz, mesmo sendo pobre, pois o pobre deve ter o seu lugar – o interessante nessa postura é que, ao cantar o Rap da Felicidade¹⁹², o funk já se faz feliz, sem aguardar maior modificação estrutural.

Ao contrário do que se possa alegar, essa percepção tem enorme potencial político, pois não se detém a instâncias deliberativas e a formalidades jurídicas. Assim como o funk não respeitou as regras estruturais do comércio dos vinhos e da autoridade anglófona, sua postura evidencia a predisposição para pegar e misturar, também, os elementos políticos. Eventuais adesões a formas vigentes não constitui qualquer compromisso com os agentes ou com a lógica dessa estruturação – quer sustentados na mídia, no mercado ou nos espaços governamentais.

A dualidade constantemente insuflada pelos donos do discurso ideológico no âmbito da sociedade ampla, atua também para opor, como alienados e conscientes, os adeptos das expressões culturais tratadas¹⁹³. Nesse sentido, a estruturação dada no cenário do hip-hop apresenta um efeito de coação sobre as ocorrências do funk. Assim, a hierarquização entre as duas expressões culturais, guiada por valores consagrados, baseia-se não só em elementos reificadores (mídia/mercado), mas também nos, supostamente, contestadores (a conscientização e a mobilização política) dessa estrutura social. Essa convergência advém de uma fonte comum, o pensamento único, a racionalidade que, ideologicamente contatada, não admite variantes.

¹⁹² MC Cidinho e MC Doca. Rap da Felicidade. Rio de Janeiro: Columbia, 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk>. Acesso em 31 de janeiro de 2021.

¹⁹³ “Assim, ao longo da década de 90, à medida que o funk e o hip-hop se “nacionalizavam” e popularizavam – um no Rio e outro em São Paulo –, funkeiros e b-boys se distanciavam: criou-se a dicotomia entre “alienados” e “engajados”. Não que isso corresponda realmente ao que vem ocorrendo. O simples fato de o funk produzir uma música alegre, romântica e bem-humorada não implica uma postura apolítica. De qualquer maneira, os b-boys e outros grupos que se alinham ao movimento negro (como os charmeiros) acusam o funk de produzir uma música despreocupada, que promove apenas o entretenimento. De certa forma, os funkeiros deixaram de ser bem-vindos em outros bailes.” (Herschmann, 2005, pag. 28).

Enquanto o hip-hop se aproxima da racionalidade hegemônica, da indústria cultural e das formas liberais de contestação política, os funkeiros, ao serem acusados de alienados, são enquadrados como irracionais tão somente por ensaiarem outras formas de racionalidade¹⁹⁴.

Assim como o contato com o hip-hop, a aproximação de outras expressões difundidas entre os indivíduos oriundos dos territórios da pobreza estrutural, as quais transitam por diferentes estágios rumo à estruturação, podem atuar como força condutora no âmbito cultural. Esse é o caso do charme, uma vez que seus adeptos, como vimos em diálogo com Cecchetto (2004), ao adotarem uma masculinidade subordinada, empreendem um estilo de vida baseado no sacrifício voltado para o trabalho e no não questionamento das assimetrias sociais. Assim, os charmeiros e os adeptos do hip-hop se aproximam na crítica ao funk porque próximos são os níveis de suas respectivas apreensões pela racionalidade subjacente à estruturação social dada.

Em sua obra, Herschmann (2005) destaca o que considera ser um processo de tomada do espaço do samba pelo funk. Sob perspectiva diversa, entretanto, o que seria uma ocupação de espaços midiáticos e comerciais, metonimicamente reduzida à “invasão da Avenida”¹⁹⁵, constitui uma ação de condução do funk, enquanto expressão protagonizada por indivíduos não conformados, pelo trajeto estruturante já percorrido pelo samba há cerca de um século – processo de perseguição, instrumentalização política e conversão em gênero musical e produto comercial, viabilizada mediante a seletividade subordinada às preferências internacionais¹⁹⁶.

¹⁹⁴ “Uma boa parcela da humanidade, por desinteresse ou por incapacidade, não é mais capaz de obedecer a leis, normas, regras, mandamentos, costumes derivados dessa racionalidade hegemônica. Daí a proliferação de ‘ilegais’, ‘irregulares’, ‘informais’. (...) Na esfera da racionalidade hegemônica, pequena margem é deixada para a variedade, a criatividade, a espontaneidade. Enquanto isso, surgem, nas outras esferas, contrarrazionalidades e racionalidades paralelas corriqueiramente chamadas de irracionalidades, mas que na realidade constituem outras formas de racionalidade. Estas são produzidas e mantidas pelos que estão “embaixo”, sobretudo os pobres, que desse modo conseguem escapar ao totalitarismo da racionalidade dominante.” (Santos, 2015, pag. 120-121).

¹⁹⁵ “Entretanto, curiosamente, o funk tem invadido espaços tradicionais do samba, inclusive a “avenida”. (...) Uma das grandes novidades do carnaval carioca da década de 90 foi certamente a presença do funk na festa, sua forte associação ao samba: (...)”. (Herschmann, 2005, p. 218).

¹⁹⁶ “O samba urbano, nascido na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, constitui uma amálgama de vários tipos de sambas e batuques praticados por africanos em várias regiões do Brasil; e, por isso, foi reprimido e perseguido. Entretanto, quando passou a ser visto como instrumento político, de aglutinação e controle das massas populares, passou a ser consumido como arte do povo e acabou reconhecido como gênero musical. Aí, nasce a música popular brasileira, que tem o samba como sua espinha dorsal. E, aí, também, o “produto” samba (reconhecido como bem econômico, gerador de direitos, inclusive patrimoniais) começa a ser deliberadamente desafricanizado, afastado de suas raízes ancestrais. Prova disso é a dicotomia aí criada, distinguindo o “samba do rádio” do “samba de morro”, que é o das comunidades afrodescendentes. O “do rádio” privilegiava os instrumentos harmônicos em detrimento da percussão; e isso culminou com a bossa-nova (de início rotulada como “samba moderno”) que banizou da sua estética instrumentos que remetessem ao samba primordial, como pandeiro, tamborim, cuica (aclimatação da mpwita congo-angolana), cavaquinho (machete) etc. O cantor João Gilberto, consolidador do estilo, fez releituras de muitos sambas antigos, inclusive “de morro”, mas sem a percussão característica. O compositor e pianista Tom Jobim declarou, nos momentos iniciais da bossa-nova, que a polirritmia do samba dificultava sua compreensão no plano internacional; e, aí, a percussão foi praticamente banida.” In: LOPES, Nei. O samba era visto como instrumento político, de aglutinação e controle das massas. Entrevista concedida à Marta Lança. Sítio eletrônico Portal Geledés, outubro de 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-samba-era-visto-como-instrumento-politico-de-aglutinacao-e-controle-das-massas/>. Acesso em 31 de janeiro de 2021.

Se considerarmos a caracterização da mobilização política dos “pequenos” ou “estruturalmente fracos” de que fala DaMatta¹⁹⁷, seria, hoje, o funk o mais potente agente de “um bom desfile carnavalesco”. Sobre a dinâmica social que envolve o funk, à semelhança de processos a que foram submetidas expressões culturais afins, em especial sobre sua capacidade de resistência, Valenzuela Arce (1997) tece considerações dignas de síntese¹⁹⁸.

O samba, portanto, não deve ser tomado como uma expressão estática do tempo presente, mas sim, ser observado em seu movimento, em seu deslocamento histórico. Nos seus primeiros anos, o estilo tinha grande utilidade ao evidenciar os anseios e a possibilitar a luta por mudanças sociais. Herschmann (2005, p. 237), inclusive, ressalta que os sambistas tinham o hábito, hoje corriqueiro entre funkeiros, de destacar seus territórios em suas letras.

De certo, assim como todas as expressões culturais, o samba não possui uma essência inata e imutável, mas encontra-se dotado de finalidades resultantes das forças da cultura popular e da cultura de massas que, em permanente tensão, conduzem seu trânsito estrutural. Alguma estabilidade no âmbito da estrutura é conferida a tais expressões, apenas, quando os indivíduos não conformados não mais a utilizam com vistas à manifestar seus anseios de mudança.

Acerca do samba, isso resta evidente quando Herschmann destaca não se tratar exatamente de uma expressão cultural juvenil (2005, p. 223). Mais preciso, entretanto, seria dizer que o samba não mais o é. Assim, se é possível a apreensão individual, seja por meio da expectativa de inclusão social, seja pela adesão à esperança de mudanças pelos instrumentos da democracia liberal, também se vislumbra uma apreensão coletiva e da própria expressão mediante uma modificação geracional que resulta na majoritária adoção de outra manifestação cultural – o que faz com que aquela, até então priorizada, perca a preferência entre os não conformados, que não mais seja o porta-voz desses novos indivíduos.

¹⁹⁷ “(...) quando são os pequenos (ou estruturalmente fracos) que clamam por seus direitos, esse clamor assumirá sempre a forma de uma violência pessoalizada e “pré-política” – isto é, um estilo de violência que se manifesta por grupos de interesses difusos através de grupos ad hoc e sem nenhuma planificação. Realmente, seu estilo espontâneo é que legitima, como um bom desfile carnavalesco, o protesto destrutivo que promovem”. (DaMatta *apud* Herschmann, 2005, p. 49).

¹⁹⁸ “A capacidade de resistência produzida pelo funk está associada a sua obstinação em assumir uma identidade proscrita, em fazer de seus integrantes figuras que resistem a uma estrutura social que os expõe, estigmatiza, os faz portadores visíveis do atributo estereotipado e os condena à contínua suspeita. Por isso, historicamente, condenam-se os bailes e danças populares, como ocorreu com outros estilos musicais, como (...) o samba e outras expressões culturais da música e da dança afro-brasileira. A dimensão reativa destas culturas frequentemente assume a marca do estigma social. Incorpora e enfatiza elementos simbólicos da intolerância social e racial e toma os espaços públicos para tornar visível sua oposição à segregação. Os funkeiros, pela sua presença apenas, evidenciam e questionam um universo simbólico dominante que pretende condená-los ao silêncio e à clandestinidade. (...) O funk é um fenômeno de resistência implícita, derivando daí seu sentido político poucas vezes assumido pelos próprios funkeiros. Sua contraposição provém de sua obstinação em manter uma rede hermenêutica, que incomoda determinados grupos que detêm o poder. (Valenzuela Arce, 1997, p. 155-156).

Assim, o contato entre as expressões serve à condução dos indivíduos tendentes à inconformidade para o caminho das expectativas de inclusão; o contato de diferentes gerações, por meio de suas respectivas expressões, promove o contato de seus particulares *ethos*¹⁹⁹.

Logo, se o contato entre as expressões culturais e com os demais agentes da estruturação atenua a adoção de masculinidades confrontadoras, a expectativa de modificação social torna-se, paulatinamente, arrefecida, de maneira que a própria expressão tenha reduzida a sua utilidade como artefato cultural e tenda a tornar-se politicamente estática, confraternizadora. Por esta razão, da vitalidade em tempos passados, advém o desejo de reificar as características iniciais do samba, ou seja, o apreço pela sua autenticidade – pois que na memória elaborada sobre aquele tempo, nas lutas travadas pelos não conformados de então, reside a sua utilidade.

Em todo caso, não se trata de negar relevância social a expressões como o samba e o charme. Assim como o hip-hop, sendo expressões largamente adotadas pelos indivíduos submetidos, em seus territórios, à pobreza e à violência estruturais, elas guardam, sempre, a potencialidade de serem acionadas com vistas à questionar a estruturação social vigente.

A continua repreensão social dos adeptos do hip-hop²⁰⁰ e de seus eventos²⁰¹, à despeito da suposta respeitabilidade que o estilo tem ganhado, se dá exatamente porque a finalidade contida na sua estruturação nunca foi, de fato, a inclusão dos indivíduos, mas a avocação dos resultados financeiros da cena e a estigmatização para, mediante as construções ideológicas interessadas aos donos do discurso ideológico, legitimar sua eliminação cultural e física.

Em suma, a realidade de significativo contingente populacional, aquele situado nas áreas da pobreza estrutural, não nos fornece elementos fáticos a supor um efetivo avanço civilizatório, mas, ao contrário, nos leva a concluir por uma sofisticação dos processos de exploração baseados, não apenas na ocupação militar de seus territórios e na prática da violência, mas, também, na maior elaboração dos instrumentos ideológicos vigentes no diálogo social.

¹⁹⁹ “Outro exemplo interessante e que atesta a dificuldade, muitas vezes, de se sinalizar uma fronteira entre o funk e o samba (ou outras expressões culturais dessas localidades) é o Projeto Funk na Lata. Nos anos de 1995 e 1996, no Rio de Janeiro, o sambista e compositor Ivo Meireles, da Mangueira, desenvolveu este projeto com jovens dessa comunidade, no qual antes (como “aquecimento”) e após o baile de carnaval local ele organizava com um grupo de garotos da bateria da Escola um minibaile funk. Posteriormente, o grupo adquiriu autonomia e passou a se apresentar em várias localidades e eventos.” (Herschmann, 2005, p. 219-220).

²⁰⁰ “Apesar de serem identificados como mais “politizados”, foram confundidos com os funkeiros e colocados na lista dos desordeiros dos grandes centros urbanos do País. (...). Apesar de terem sido os primeiros a denunciar a campanha de criminalização que atingiu o funk e de terem proposto realizar um trabalho “pedagógico/conscientizador” junto aos funkeiros (mesmo com toda a divergência e o preconceito que há entre esses grupos), rappers, dançarinos e grafiteiros foram igualmente massacrados. (Herschmann, 2005, p. 110-111).

²⁰¹ “Apesar de esses eventos serem bem menos numerosos que os realizados pelo funk em todo o País, todos sofrem do mesmo preconceito social e são reprimidos, ou pelo menos colocados sob suspeita e vigilância constante pelos órgãos de segurança pública. Ou melhor, tanto o funk quanto o hip-hop são acusados de promover festas, músicas e danças que incitam a violência.” (Herschmann, 2005, p. 194).

Essa maior elaboração dos métodos de exploração, de controle e de orientação dos contingentes populacionais guarda uma forte interdependência social, como tanto destacara Elias (1992). No curso desse processo, inclusive, ocorre o deslocamento do racismo de uma percepção epidérmica, objetiva, para uma prática cultural. O racismo, nesse cenário, manifesta-se por uma relação opositiva dos indivíduos a uma imagem ideal, à projeção útil à acumulação internacional desenfreada e sua racionalidade que se pretende absoluta. Ao indivíduo cabe se adequar, tanto quanto possível, para que seja mitigada a sofreguidão causada por essa lógica²⁰².

Nesse sentido, por mais frequente que se torne a ocupação de espaços sociais por corpos negros, a compreensão da sofisticação do racismo como forma de colonização cultural demanda observar em que medida essa presença se faz desacompanhada de traços próprios – a presença de corpos negros, necessariamente, destituídos de valores e de toda uma estética próprios, constitui uma presença condicionada que rejeita a autonomia desses indivíduos e que só se justifica em razão da necessidade de concessões estruturais, da indispensabilidade de elementos do real suficientes à ficcionar uma efetiva democracia, terminando por reificar a estruturação dada, a qual é contraproducente a uma emancipação coletiva dos indivíduos²⁰³.

Portanto, é na ficcionalização do vivido, em que se intensifica a subjetivação do racismo e das lógicas violentas e sofisticadas de exploração de alguns seres humanos por outros e na qual se constata a utilidade de concessões frente à estruturação social, que se compreender o porquê de os indivíduos, conforme destaca Herschmann (2005) em menção à Fredrik Barth, elaborarem identidades étnicas móveis, acionadas em diferentes situações.

É nesse complexo contexto que a cena hip-hop, assim como a do funk, segue sua dinâmica. Logo, a forma como essas expressões são adotadas por indivíduos propulsores de uma cultura popular não deve ser igualada a estilos de vida consumidos, via indústria cultural, por jovens de segmentos não situados nas áreas da pobreza estrutural. Isso por restarem estabelecidas diferentes relações com os instrumentos da violência e da elaboração ideológica.

²⁰² Sobre esse processo: “Contudo, a evolução das técnicas de produção, a industrialização, aliás limitada, dos países escravizados, a existência cada vez mais necessária de colaboradores, impõem ao ocupante uma nova atitude. A complexidade dos meios de produção, a evolução das relações econômicas, que quer se queira quer não, arrasta consigo as das ideologias, desequilibram o sistema. O racismo vulgar na sua forma biológica corresponde ao período de exploração brutal dos braços e das pernas do homem. A perfeição dos meios de produção provoca fatalmente a camuflagem das técnicas de exploração do homem, logo das formas do racismo. Não é, pois, na sequência de uma evolução dos espíritos que o racismo perde a sua virulência. Nenhuma revolução interior explica esta obrigação de o racismo se matizar, de evoluir”. (Fanon, 1980, p. 39).

²⁰³ Algo semelhante ao constatado no acesso das mulheres ao mercado de trabalho, uma vez essa “conquista” não passou pela adequação das relações produtivas e econômicas às suas peculiaridades biológicas, mas pela negação do que nela se distingue do tipo ideal, ou seja, do homem branco – foram as pílulas anticoncepcionais que promoveram essa espécie de liberdade condicionada, um liberdade, em alguma medida, submetida e aprisionada.

As brechas concedidas pelos diversos agentes da estruturação, ao tempo que conferem expectativas, apenas excepcionalmente fruídas por indivíduos não conformados, geram, pela seletividade e estigmatização midiática, uma representação parcial desses jovens, sua retratação enquanto indivíduos incompletos e débeis – infantilizados e despreocupados com o interesse coletivo (funkeiros), violentos (adeptos do hip-hop) e ostentadores do retorno financeiro obtido. Assim, confere-se os elementos do real na construção de tais jovens como optantes por um comportamento inconsequente, tornando-os causadores, e não vítimas, da violência – apenas a prática da violência-resposta é tomada por um alarmismo, algo diverso do silenciamento inicial.

É certo que a presença desses indivíduos nos espaços da mídia e do mercado – em coerência com os esforços de apreensão inerente ao texto ficcional da globalização perversa – é otimizada com o reiterado desenvolvimento das tecnologias. Contudo, a tentativa de apreensão não faz mais do que maximizar a ânsia gregária, sobretudo quando essa é impulsionada por racionalidades destoantes. De fato, essa tensão decorre do desejo de agregar sob outra lógica, sendo, contudo, inescapável partir da configuração social posta. Trata-se, pois, de um desejo de pegar, assim como feito com os elementos estéticos e musicais, toda a estrutura de poder e de sociabilidade e também misturá-la. Uma disputa, antes de qualquer negociação consensual, se estabelece frente aos agentes estruturais, à cultura de massas e às estratégias de convencimento.

Considerar o contato desses adeptos com a indústria cultural algo contraditório às suas condutas violentas, às ações situadas à margem da moral ou da legalidade constituídas no marco do processo civilizatório, é o mesmo que incidir no equívoco, citado por Elias (1992, p.207), de não relacionar a beleza dos corpos na arte grega com a brutal demonstração de força física manifesta nas lutas e nos jogos antigos. Assim como a forma de proteção coletiva das cidades-Estado gregas dispensava a noção de consciência individual, a vivência na escassez, ao tempo em que não permite desconsiderar as oportunidades de retorno financeiro, despreza argumentos e retóricas militantes inúteis para o diálogo com a virulência predominante em seus territórios.

A sagacidade impõe um trânsito muitas vezes escorregadio pelas brechas concedidas, demanda que o indivíduo adira, em alguma medida, à ficcionalidade estrutural, quando o que anseia é ser o autor, é ficcionar a própria história e a do mundo. Tal adesão, assim, não deve ser entendida como concordância, como vontade reificadora. Em meio à essa dinâmica, não há que se falar na prerrogativa de adequação a dicotômicas noções morais, uma vez que não há autoridades superiores imparciais a ponderar a correção entre os indivíduos²⁰⁴. Fato é que a

²⁰⁴ “Algumas máximas do grande filósofo grego Demócrito podem talvez ajudar a dar maior profundidade a compreensão destas diferenças. Estas são sintomáticas da experiência social comum das pessoas nessa situação. Mostram que — e indicam porque — ‘certo’ e ‘errado’ não podem significar exatamente a mesma coisa em sociedades

busca por balizar a vivência que consubstancia o ethos primeiro da cena dos duelos a partir de critérios de justa adequação legal, moral, política, intelectual ou esportiva evidencia o não conhecer – e mesmo o não almejar conhecer – daquilo que é a vida sob normas sanguinárias²⁰⁵.

Por fim, é preciso considerar as possíveis consequências da instabilidade que marca o processo de apreensão estrutural dos indivíduos não conformados e de suas expressões culturais. Por um lado, as concessões estruturais úteis à constituição da cena dos duelos, quais sejam, as recentes tecnologias online e o momento político favorável (Teperman, 2015), podem ser interpretadas como atos a reificar a ficcionalidade da democracia liberal, ao passo que as relações fundantes da realidade social brasileira, sobretudo, o exercício da violência, não sofreram abalos no curso da citada gestão governamental^{206, 207}. Ocorre que os elementos do real – as ditas brechas que vão além da atividade midiática – ao se concretizarem, colocam-se

como as nossas e numa sociedade onde qualquer indivíduo pode ter de tomar partido, por si ou pela sua família, em defesa das suas vidas. De acordo com as regras do costume, diz Demócrito, está certo matar qualquer coisa viva que tenha realizado uma ofensa; não matar é errado. O filósofo expressou estes pontos de vista inteiramente humanos e sociais. Ai não existe apelo aos deuses; nem para a justiça e para o sagrado, como pode encontrar-se, mais tarde, no diálogo de Sócrates com Protágoras — se podemos confiar em Platão. Nem, como se pode ver, existe ai qualquer apelo a proteção dos tribunais, das instituições do Estado, do governo. As pessoas estavam, então, muito mais entregues a si próprias quanto a total sobrevivência física do que nós estamos.” (Elias, 1992, p. 219).

²⁰⁵ “Deste modo a nossa imediata, a nossa quase automática resposta emocional induz-nos, muitas vezes, a julgar sociedades com diferentes padrões de controle da violência, como se os membros dessas sociedades estivessem livres para escolher entre os seus padrões e as suas normas e, tendo feito essa escolha, tivessem optado pela decisão errada. Em relação a eles, desfrutamos a mesma sensação de ‘ser melhor’, de superioridade moral experimentada com frequência em relação a agressores individuais na nossa sociedade, quando chamamos a sua conduta ‘não civilizada’ ou ‘barbara’, expressando desta maneira os nossos sentimentos de superioridade moral. Analisamos a sua aderência a normas sociais que permitem formas de violência condenadas como repulsivas nas nossas próprias sociedades como se fossem uma mancha no seu caráter moral, um sinal da sua inferioridade como seres humanos. A outra sociedade é assim julgada e avaliada por nós como um todo, como se fosse um membro individual da nossa própria sociedade. Em geral, não perguntamos, e portanto não sabemos, que oportunidades surgiram no nível de controle da violência nas normas sociais que regulamentam a violência ou nos sentimentos associados a violência. Em regra, nem perguntamos e, por esse motivo não sabemos, porque é que se verificam. Por outras palavras não sabemos como é que elas podem ser explicadas ou, nesse aspecto, como é que pode ser explicado o nosso próprio nível de sensibilidade mais elevado em relação a violência física, pelo menos nas relações entre Estados. Quanto muito, elas são explicadas vagamente mais pela escolha das nossas próprias expressões do que explícita e criticamente, por exemplo, como um fluxo na natureza dos grupos envolvidos, ou como uma característica inexplicável da sua maneira de ser ‘racial’ ou étnica”. (Elias, 1992, p. 199).

²⁰⁶ Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, dentre outros dados expressivos, o número de jovens assassinados em 2017 foi de 69,9 a cada 100 mil habitantes, representando um aumento de 6,7% em relação ao ano anterior e de 37,5% em relação ao ano de 2007. Por estado, cinco dos seis primeiros índices são do Nordeste, estando acima de todos, a liderar a lista nacional, o Estado do Rio Grande do Norte com 152,3 jovens assassinados a cada 100 mil. Dentre os assassinados no país, 75,5% foram de jovens negros; no curso da década analisada, o número dos assassinatos de não negros cresceu 3,3%, enquanto o de negros teve aumento de 33,1%, portanto dez vezes maior. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2019**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/atlas-da-violencia-2019/>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²⁰⁷ Também segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2018, 11 em cada 100 mortes violentas intencionais ocorridas no país decorreram de intervenções policiais, dados que representaram o aumento de 19,6% em relação ao ano anterior (2017). Deste total, 99,3% são homens, 77,9% são jovens entre 15 e 29 anos e 75,4% são negros. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

passíveis de disputa, ficando disponíveis à construção de outras ficcionalidades e de outros textos, impulsionadas por novos autores e condizentes com os interesses desses sujeitos sociais.

Uma das consequências desse momento político a influir na cena dos duelos foi a popularização do ensino superior. Nesse sentido, Straw (2013) destaca que, se o crescimento das cenas depende de interesses econômicos, não é raro que o seu surgimento se dê a partir de uma presença, ainda que não planejada, da potência intelectual e cultural da vida universitária²⁰⁸.

Se, na construção do Brasil como uma democracia, os beneficiários da globalização perversa autorizaram o acesso ao espaço universitário, esse mesmo elemento do real tem surtido efeitos, provavelmente, não considerados. O trânsito que constatei entre o espaço universitário e os eventos da cena, em especial na Batalha do Vinho, demonstra a potencialidade de desvirtuar o esperado protagonismo dos duelos a partir de sua difusão mediada pela indústria cultural – como orientado pela produção cinematográfica “*8 mile*”. Se é possível dizer que a Universidade, enquanto instância legitimadora de um conhecimento externo e personificada por indivíduos alheios aos territórios da pobreza estrutural, invade os espaços caracterizados pela violência estrutural, uma presença em sentido contrário também se torna realidade. De tal sorte, é possível construir, a partir dos usos de um contato orientado por relações típicas de uma cultura popular, outro texto e, por conseguinte, outra realidade social, em que o consumo material seja partilhado e as relações sociais marcadas pela solidariedade, por uma sociabilidade emancipatória.

É certo que detém grande valia a contribuição daqueles cuja insatisfação perante as formas estruturais vigentes não é obstada pelo acesso ao consumo e à relativa experiência de cidadania. Não são raros – e muito menos ilegítimos – os esforços desses indivíduos com vistas

208 “Por um momento, podemos considerar o exemplo de Manchester no Reino Unido. Grande parte do caráter cultural recente de Manchester deriva do fato de que a cidade é habitada por uma das maiores populações de estudantes entre todas as cidades na Europa. No decorrer dos anos 1980 e 1990, Manchester foi uma das cidades ocidentais mais importantes no campo da música popular massiva, o berço altamente influente dos hibridismos entre o pós-punk e as formas de música dance. A relação entre essas séries de conquistas pode parecer óbvia e direta, mas o caso não é bem esse. Em qualquer lugar do mundo, as universidades criam formas de aprendizagem e práticas expressivas que excedem a sua função planejada como lugares para a transmissão de conhecimento formal e disciplinar. Previsivelmente, as universidades são locais importantes para a acumulação de capital social e cultural. (...) No caso de Manchester, não se tratou simplesmente da vida universitária produzida como um dos seus desdobramentos econômicos, mas de níveis de consumo e gastos que permitiram o florescimento das instituições de atividade musical local (bares, casas noturnas, lojas de discos, etc.). (...) Podemos observar, também, que a copresença da atividade universitária e cultural levou Manchester a se tornar uma das principais incubadoras das novas políticas culturais urbanas da década de 1990. Os alunos e jovens acadêmicos eram atraídos pela vida cultural da cidade. Em contrapartida, alguns desses indivíduos ajudaram a transformar determinadas unidades acadêmicas em centros inovadores de estudo sobre as novas políticas urbanas (por exemplo, o Institute for Law and Culture da Manchester Metropolitan University). A reflexão sobre a atividade cultural que transbordava ao redor deles foi reabsorvida pela comunidade de maneiras que intensificaram o valor daquela comunidade, contribuindo para a imagem mitológica de Manchester tanto como um caso especial e um modelo mais amplamente aplicável para a política urbana. Num sentido bastante real, a cidade se tornou uma “comunidade excessivamente produtora de sentido”, gerando ideias e energias que, com o passar do tempo, ela mal foi capaz de conter. Uma lição do exemplo de Manchester é que números altos de pessoas criativas em atividade nas bordas de instituições formais geram explosões inesperadas de inovação criativa”. (STRAW in Junior, J.J. (Org), 2013, p.15-16).

à modificação da realidade. Entretanto, a sua falta de conhecimento acerca dos usos da violência não disfarçada recomenda-lhes não buscar, sempre, o protagonismo nesse almejado processo de mudança. De tal sorte, de pouca utilidade podem se apresentar as tentativas de orientação professoral das expressões culturais elaboradas enquanto manifestações culturais locais.

Senão por outras razões, o fato de que são os indivíduos territorialmente identificados com a pobreza estrutural que suportam suas árduas consequências políticas é motivo suficiente para que eles não tenham sua voz sufocada também no contato com os seus pretensos colaboradores, para que vejam respeitada a sabedoria contida em suas experiências não revestidas pelas formas estéticas da ordem, para que o sangue e o conhecimento não sejam interpretados alternativamente, mas que sejam compreendidos como elementos socialmente interdependentes. Do contrário, ao desconsiderar o incontornável caráter conflituoso das relações travadas nos territórios da pobreza estrutural e a inegável autonomia dos indivíduos daí oriundos, corre-se o risco de incidir em uma evidente postura interessada, ou mesmo arrogante e oportunista – não muito diversa de outras condutas, já documentadas, de grupos declarados democráticos e de esquerda frente a luta de povos violentados pelo julgo colonial²⁰⁹.

Frantz Fanon (1980) apontara, como condutas inadequadas daquela esquerda francesa, a crença de que poderiam dirigir a luta dos oprimidos, bem como a sua incapacidade de, enquanto intelectuais, esclarecer a população que, embora não atingida, encontra-se envolta ao conflito e, enquanto militantes, de se manterem fiéis quando o conflito migra para uma resposta violenta. O autor narra como, antes da luta armada, a solidariedade de intelectuais e de democratas não passava de encontros, congressos, jantares, artigos e votos de moções e que, no máximo, diante de ações incisivas do poder colonial, campanhas, declarações e avisos foram veiculados na imprensa – nenhum êxito alcançando quanto à missão de informar o povo²¹⁰.

²⁰⁹ “Desde 1956, os intelectuais e os democratas franceses dirigem-se periodicamente à Frente de Libertação Nacional - FLN. A maior parte das vezes, trata-se quer de conselhos políticos, quer de críticas a respeito de certa fisionomia da guerra de libertação. Esta atitude da *intelligentsia* francesa não deve ser interpretada como a consequência de uma solidariedade interna com o povo argelino. Esses conselhos e essas críticas explicam-se pelo desejo dificilmente reprimido de guiar, de orientar o movimento de libertação do oprimido. (...) Os democratas franceses, à margem da luta ou manifestando a vontade de a observar do interior, e mesmo de participar nela na qualidade de censores, de conselheiros, incapazes de, ou recusando-se a, escolher um terreno preciso ou a lutar no interior do dispositivo francês, ameaçam e praticam a chantagem. A pseudojustificação desta atitude é que, para ter uma influência sobre a opinião francesa é preciso condenar certos factos, rejeitar as excrescências inesperadas, manter as distâncias perante os “excessos”. Nesses momentos de crise, de confrontação, pede-se à FLN que oriente a violência e que a torne selectiva”. FANON, Frantz. **Em Defesa Da Revolução Africana**. Tradução: Isabel Pascoal. Lisboa: Terceiro Mundo, 1980, p. 89-90.

²¹⁰ “Porque não tem influência sobre o povo, sobre o país, a esquerda democrática, fechada em si mesmo, convence-se, ao longo de artigos ou estudos, de que Bandoeng enterrou o colonialismo. Ora é o povo real, os camponeses e os operários, que é preciso informar. Incapaz de explicar, de comentar, à escala de milhões de operários e de camponeses do povo colonialista, as realidades do drama que começa, a esquerda encontra-se reduzida ao papel de Cassandra. Anuncia os cataclismos, mas a falta de preparação da opinião pública faz com que essas profecias, inexplicáveis no período pré-insurreccional, sejam assimiladas à cumplicidade no momento da explosão. (...) Os

A partir da experiência vivida, Fanon (1980) recorda ainda como, dado o acirramento das divergências, a ação colonial sufoca o suposto apoio das esquerdas na metrópole. A acusação de traição ao seu grupo social constitui o primeiro abalo na disposição desses grupos democráticos de se alinhar aos povos violentados, postura definitivamente consolidada frente à violência-resposta. Logo, os ditos aliados aproximam-se do discurso dos opressores, a rejeição ao estado de coisas incoerente com sua idealização parte da confusão entre a violência estrutural e os esforços de libertação. Agora, toda crítica torna-se lateral até que a questão sai de pauta²¹¹.

Portanto, a tentativa de impor as formas próprias de conhecimento e, por conseguinte, os caminhos para a resolução de relações desfavoráveis de contingentes populacionais sob um ataque não disfarçado, passa, para além da arrogância presunçosa contida em tal postura, pela não compreensão das particulares circunstâncias sociais próprias a esses indivíduos oriundos de áreas incluídas – como se os instrumentos úteis para si tivessem utilidade semelhante sob uma ocupação violenta; confusão que costuma resultar na capitulação frente ao poder instituído²¹².

Em todo caso, sustentar o protagonismo dos que elaboram as expressões a partir de seus territórios e de relações típicas de uma cultura popular não exige a negação de toda e qualquer estruturação, de todo e qualquer contato com a indústria cultural. Inclusive, o dilema de aderir ou não às formas estruturais vigentes remete à noção de subcultura referenciada por Herschmann (2005, p.64). O autor critica o uso do termo por servir ele à leitura limitada ao viés

elementos democráticos e intelectuais franceses conhecem os dados do problema. Por tê-los visto de muito perto e tê-los estudado durante muito tempo, conhecem a sua complexidade, profundidade e tensão. Mas todo o saber se revela vão, porque incomensurável relativamente às ideias simples que correm entre o povo”. (Fanon, 1980, p. 86).

211 “Em primeiro lugar, uma propaganda ultrachauvinista, nacionalista, patriótica, que mobiliza os elementos racistas implícitos da consciência coletiva do povo colonialista, traz um novo elemento. A partir de então tornar-se evidente que já não é possível apoiar o colonizado sem do mesmo modo se opor à via nacional. (...) Assim, pudemos ver no princípio de 1957 um grande número de democratas calar-se ou ser ceifado pela vaga ‘vingadora’ e elaborar um patriotismo elementar, mal estruturado, dominado pelo racismo, violento, totalitário, em suma, fascista. O governo francês encontrará o seu segundo argumento naquilo que se chama terrorismo. (...) a propaganda orquestra-se, insinua-se nos espíritos e desmantela as convicções já largamente abaladas. O conceito de barbárie aparece e fica assente que a França combate a barbárie na Argélia. (...) Em França, sabe-se cada vez menos porque é que a guerra deve acabar. Esquece-se cada vez mais que a França, na Argélia, espezinha a soberania popular, injuria o direito dos povos de dispor de si próprios, assassina milhares de homens e mulheres. A guerra da Argélia tende a tornar-se, em França, no seio da esquerda, uma doença do sistema francês como a instabilidade ministerial; as guerras coloniais: um tique da França, uma parte do panorama nacional, um pormenor habitual.” (Fanon, 1980, p. 89-90).

212 “Foi por não terem entendido que o colonialismo é apenas uma dominação militar que os democratas franceses se encontram hoje no limite do paradoxo. Vítimas do mito da Argélia francesa, os partidos de esquerda criam no território argelino secções argelinas dos partidos políticos franceses. As palavras de ordem, os programas, os modos de luta, são idênticos, aos da ‘metrópole’. Uma posição doutrinal, até há pouco incontestada, justificou esta atitude. Dizia-se que num país colonial há entre o povo colonizado e a classe operária do país colonialista uma comunidade de interesses. A história das guerras de libertação levadas a cabo por povos colonizados é a história da não verificação desta tese.” (Fanon, 1980, p. 91).

de classe e, por conseguinte, sustentar uma não diluição cultural. Nesse sentido, ele destaca a postura segregadora daqueles que identifica como lideranças radicais do hip-hop²¹³.

É preciso concordar que qualquer posicionamento na direção criticada por Herschmann (2005), de fato, termina por sustentar uma condição estática dos indivíduos. Assim, uma prévia e absoluta rejeição a formas estruturais atua para imobilizar os indivíduos e para negar-lhes a dinâmica característica da própria vida e da sociabilidade humana. A tentativa de insular os indivíduos e suas expressões culturais conduz, como vimos, à busca por experiências excepcionais, como as do tipo *communitas*, situadas fora da normatividade social e, por isso, utópicas. Tal comportamento, além de não possibilitar a vivência satisfatória na estruturação vigente, inviabiliza o potencial desses indivíduos elaborarem outras formas de estruturação social – uma vez que negada a sua condição de sujeito de si, da cultura e do mundo ao redor.

Não há, de fato, qualquer essência a singularizar os indivíduos oriundos dos territórios da pobreza estrutural – sua sabedoria vem de sua vivência cotidiana, do enfrentamento da escassez, como bem observa Santos (2015). Assim, no sentido do que alerta Frantz Fanon (1980), não há que se buscar uma integridade cultural ou qualquer autoridade metafísica a privilegiar esses indivíduos, a partir de seus traços étnicos ou de qualquer outra ordem, em contraposição à dinâmica e à estruturação social²¹⁴. A rejeição, prévia e absoluta, da estruturação constitui um perigoso caminho, pois que, fora dela, não resta possibilidades de existência humana e social. O que deve ser colocado em perspectiva é a construção dessa estruturação com a participação ativa desses indivíduos enquanto atores sociais plenos.

Em suma, se faz necessário que todo e qualquer indivíduo experiencie e, tanto quanto possível, compreenda e dirija seus contatos sociais, encontros tensionados por relações culturais e políticas, territorialmente vividas e historicamente cognoscíveis. Logo, as vivências nos mais diversos espaços da vida social – na mídia, no mercado, perante as instâncias estatais e mesmo no âmbito das expressões culturais, sempre estão passíveis de mudanças – do eterno devir que é a existência humana. Dessa maneira, a noção que, para Herschmann (2005) estaria contida na

²¹³ “Apesar do desejo de boa parte das lideranças mais radicais de que o hip-hop permanecesse como manifestação cultural exclusiva das populações negras, ele vem sendo, como o funk, em grande medida, apropriado pela indústria cultural no Brasil.” (Herschmann, 2005, p. 220).

²¹⁴ Deivison Faustino, em nota de rodapé, esclarece sobre a referida concepção: “No artigo (*Antillais et Africains*), Fanon rebate a ideia de uma unidade metafísica entre os africanos do continente e os negros da diáspora. Quando se diz ‘povo negro’, argumenta o autor, ‘se supõe sistematicamente que todos os negros estão de acordo sobre certas coisas; que existe entre eles um princípio de comunhão. A verdade é que não existe nada, a priori, que possa supor a existência de um povo negro. Que haja um povo africano, acredito; que haja um povo antilhano, acredito. Mas quando me falam de ‘este povo negro’, esforço-me por compreender. Então, infelizmente, compreendo que há nisso uma fonte de conflitos. Então, tento destruir essa fonte (Fanon, 1964: 25)”. (Faustino, 2018, pag. 83).

preservação de um “estilo subcultural”, constitui, assim, o outro extremo da relação de apreensão estrutural²¹⁵, e seria, igualmente, aprisionadora dos indivíduos não beneficiados pelas construções sociais vigentes, reificadoras da racionalidade hegemônica, pretensamente única.

Portanto, o cerne da questão parece ser assegurar, tanto quanto possível, a autonomia dos indivíduos e das elaborações próprias a uma cultura popular; assegurar que esses indivíduos sejam sujeitos do processo de estruturação social e que outras formas estruturais daí decorrentes possam ser coletivamente emancipatórias. Para tanto, todo enquadramento prévio e toda postura tutelar devem ser banidos, assim como todas as formas de conhecimento devem ter a sua validade reconhecida. Para tanto, todos necessitamos nos libertar das respectivas construções no âmbito da fábula que reveste a globalização em curso. Assim, a superação da perversidade racionalmente elaborada torna-se possível; apenas assim, outras realidades poderão ser escritas.

215 Novamente Deivison Faustino, observa: “O problema é que essa exaltação do que foi negado, quando estabelecida de forma unilateral – tal como feito anteriormente no ato de sua negação – guarda em si uma perigosa armadilha. A cultura, enquanto um determinado jeito de ser e estar no mundo, só faz sentido quando é tomada como ente ‘vivo e aberto ao futuro’ (FANON, 1980). É, pois, o colonialismo, por meio de seu estrangulamento sistemático, que a fecha e aprisiona seu jeito de ser como peça catalogável em um museu. Esse procedimento de fechamento da cultura é tão importante para o colonialismo quanto a inferiorização dos colonizados pois ele ‘leva a uma mumificação do pensamento individual’ (Op. Cit.). Não é casual que tenha sido o próprio colonialismo a criar a antropologia e suas taras em ‘respeitar’ ou preservar ‘culturas exóticas’. Se a cultura é produto e, ao mesmo tempo, a própria forma de ser e estar no mundo dos seres humanos ativos, sua preservação implicaria que esses humanos não se movessem no tempo como sujeitos – no sentido hegeliano –, mas apenas como objetos destituídos de sua autodeterminação histórica”. (Faustino, 2018, pag. 89).

5. A INTERNET E AS REDES SOCIAIS ONLINE EM CENA.

Inúmeras menções à Internet e a seu universo em constante modificação foram feitas ao longo deste trabalho, evidenciando, assim, a importância da temática para o objeto estudado. Na elaboração do referido trabalho, optei por retratar a Batalha do Vinho como incidência de uma cena cultural, qual seja, a cena dos duelos de MCs. Para tanto, me vali de estudos que tratam das cenas musicais e que se encontram condensados em obra específica sobre o assunto. Dentre tais abordagens, consta a compreensão de Simone Pereira de Sá (2013) acerca da aplicabilidade da noção de Cena – e outras relacionadas – às instâncias virtuais de sociabilidade.

Para a pesquisadora (2013), considerando a inegável relevância dos espaços virtuais para a fruição das relações próprias a uma cena cultural, é importante que os estudiosos do tema empreendam o monitoramento da incursão atual das cenas, do urbano para o virtual. A cena que é, por definição, o locus de um fluxo constante e transversal de informações na cidade, não limitado ao âmbito local, mas comunicante com o global, ganha maior impulso nas redes online – desafiando ainda mais o pesquisador a cartografar seus caminhos e seus impactos na, segundo as palavras de Will Straw (*apud* Sá, 2013, pg. 29), “vida interior e secreta” constituída na cena.

Pereira de Sá (2013) evidencia a importância de uma primeira atualização da noção de cena para o cenário marcado pela internet e seus usos, no início deste século. Destaca, assim, a contribuição de Andy Bennet e Richard Peterson que, no ano de 2004, apresentaram a distinção das cenas locais, translocais e virtuais. Em que pese o esforço dos citados autores, para Sá, a superveniência da Web 2.0, com as plataformas musicais e as redes sociais, tornam a divisão proposta obsoleta, pois que incapaz de abordar a supressão de qualquer fronteira estanque entre o online e off-line (2013, p.31), propondo, então, considerar a efetiva contribuição da materialidade do meio digital para as relações nele travadas, relações, portanto, sociotécnicas.

A Batalha do Vinho como uma manifestação da cena local dos duelos de MCs considera que os encontros de seus adeptos possui localidade geográfica e precisão temporal determinadas – não obstante o intenso trânsito entre essas situações e outros locais e momentos de incidência da cena na cidade de Natal. Para além dessas relações, ao longo dos anos, a Batalha do Vinho recebeu a visita de batalhas de outras localidades, assim como as visitou. Na perspectiva dos autores, esses encontros, as seletivas regionais e o Duelo Nacional constituiriam cenas translocais – em que diversas cenas locais se congregam em torno do interesse comum.

Para Bennet e Peterson (*apud* Sá, 2013, p. 31), a cena virtual seria aquela cuja existência se realiza graças à Internet. Nesse caso, tenderia a predominar a presença de fãs dos protagonistas das cenas off-line. Contudo, registrei elaborações virtuais diferentes. Certa vez,

Roney me contara que o MC Codorna foi um dos primeiros a rimar na “brincadeira” que viria a se tornar a Batalha do Vinho porque ele costumava rimar em salas de bate-papo na internet. Diferentemente do que registrado pelos citados autores, a possibilidade de elaborar rimas online constitui um dinâmica na qual o protagonismo da cena virtual recai sobre os participantes – e mais, possibilita que a prática aí desenvolvida seja transferida, no caminho inverso, para o offline (constituindo a ruptura entre as fronteiras, até então, estanques de que fala Pereira de Sá).

Ao sustentar sua concepção sobre as cenas virtuais, a autora demonstra como as noções compartimentalizadas são incapazes de tratar as expressões culturais atuais, as quais se deslocam, constantemente, entre os espaços. Segundo Sá (2013), mesmo a concepção de que haveria um prolongamento do local para o virtual não é suficiente, pois, tais iniciativas – ela trata das “batalhas do passinho” – são pensadas e realizadas tendo em mente seu registro por aparelhos celulares e sua posterior disponibilização em plataformas como o Youtube.

No mesmo sentido, concebe-se, agora, espécies de cenas translocais constituídas não a partir de diversas cenas locais, mas de diferentes cenas virtuais que têm em comum não a prática cultural ou a proximidade territorial, mas as características de produto orientado para as atuais cenas virtuais. Sá menciona (2013, p.32-33), por exemplo, a interação da cena das batalhas do passinho com iniciativas da “dança do treme”, originária do estado do Pará, que, igualmente, é planejada e elaborada com vistas à repercussão central no âmbito da internet.

Recordo que, embora a Batalha do Vinho seja uma incidência da cena dos duelos de MCs na localidade em que eu residia, foi graças à sua inserção nas redes virtuais que a conheci e que, anos depois, pude continuar a acompanhá-la “à distância”. A própria decisão de tomá-la como objeto de pesquisa se deu a partir desse contato virtual – posteriormente confirmada com a primeira visita ao Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. Após ter aceito o convite para curtir a página da Batalha do Vinho no Facebook e receber seus conteúdos quase diariamente, decidi-me – quando o autor do convite já desistira de me convencer a comparecer ao espaço de congregação da cena local – abordar os duelos de MCs, precisamente a partir daquele evento.

Assim, uma abordagem da Batalha do Vinho que desprezasse sua interação online e as contribuições desse espaço como materialidade dotada de actância (Sá, 2013), seria uma abordagem incompleta e, logo, inexitosa. Portanto, nas seções seguintes, tratarei dos usos das tecnologias da informação e da comunicação e da internet com fins à sociabilidade em torno da Batalha do Vinho e o impulsionamento de seus eventos entre online e off-line – inclusive, considerando como a sociabilidade dada no meio virtual resultou na modificação de seus rumos.

5.1 AS REDES SOCIAIS ONLINE: O FACEBOOK E O YOUTUBE COMO INSTRUMENTOS DE DIVULGAÇÃO DA BATALHA DO VINHO.

Nas subdivisões desta seção, descrevo as características dos usos, feitos pela Batalha do Vinho, das ferramentas tecnológicas recentes e da internet, bem como dos resultados daí advindos. Abordo, em especial, o manejo da página no Facebook e do canal no Youtube, como meios de divulgação de conteúdo, como ferramentas de expansão da Batalha do Vinho, por um processo mútuo de trocas entre off e online; e dos âmbitos de sociabilidade constituídos nos “grupos” formados nesses mesmos espaços virtuais, precisamente, no Facebook e no WhatsApp. Cabe registrar que, no curso desta redação, foi criado o perfil da Batalha do Vinho no Instragram. Contudo, a ferramenta não recebeu a mesma atenção conferido à análise das demais redes.

5.1.1 A página da Batalha do Vinho no Facebook²¹⁶.

A página da Batalha do Vinho no Facebook foi criada em 29 de março de 2015. Possuindo cinco administradores não identificados publicamente e mais de 7.300 seguidores²¹⁷, a página é composta pelas seções: “Página Inicial” que apresenta o guia das seções à esquerda; informações gerais sobre a página e opções de páginas semelhantes à direita; e, ao centro, um compacto das principais fotos e vídeos seguidos, abaixo, por publicações dispostas em ordem cronológica; “Sobre”, permite aos administradores elencar as informações que considerem essenciais; “Fotos” e “Vídeos”, seções que permitem a disponibilização de tais conteúdo; “Eventos”, além de informar as ocorrências futuras, se mostra útil para referenciar eventos ocorridos, registrando suas datas e sequência; “Publicações”, permite, além da veiculação de conteúdos pelos administradores, que seguidores façam publicações, sendo essas direcionadas a uma coluna no canto direito da página com menor destaque frente às postagens dos administradores; e, por fim, “Grupos” e “Comunidade”, seções não utilizadas.

Em que pese, corriqueiramente, seus administradores emitirem opiniões pessoais por meio dela, a página no Facebook destina-se a funcionar como porta-voz, como um veículo “oficial” de comunicação da Batalha do Vinho. Sendo sua finalidade peculiar a divulgação de informações, há certa unilateralidade dos administradores frente aos seguidores da página. Todavia, essa predominância não constitui um controle absoluto, pois, na seção “Publicações”, os seguidores podem fazer perguntas e deixar suas opiniões e, inclusive, “sugerir edições” – ferramenta disponível em um ícone constituído por três pontos que fica ao lado das opções “curtir/discutir a página” e “seguir/deixar de seguir a página”.

²¹⁶ Página da Batalha do Vinho no Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/Batalhadovinho/>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²¹⁷ Os dados deste capítulo foram atualizados em janeiro de 2020.

Além de poder realizar publicações e sugestões de edição da página, os seguidores também podem interagir a partir da formulação de comentários nas publicações (da própria página ou de outros seguidores) e pela manifestação de reações disponíveis à um clique – nomeadas pelo próprio Facebook como “curtir”, “amar”, “haha”, “uau”, “triste” e “Grr” (raiva).

Na página, contudo, as prerrogativas dos administradores de realizar publicações, de criar eventos, de excluir comentários e bloquear seguidores constitui potencial a ser destacado, pois permite a concessão de relevância ou prioridade a um assunto. Essa condição é importante, sobretudo, por promover a distinção entre quem “é” a página e, por conseguinte, quem faz a Batalha do Vinho e quem segue a página e, portanto, apenas dialoga com a Batalha do Vinho. Cria-se, assim, no online, diferenciação a refletir a experiência estruturada no ambiente físico.

A ampliação da circulação do conteúdo da Batalha do Vinho se traduz, no espaço virtual, no aumento do número de seguidores e na mencionada diferenciação entre esses e os administradores das redes da Batalha que, em regra, são os organizadores de seus encontros presenciais. Contudo, é possível que antigos e eventualmente relevantes participantes restem confundidos com novos frequentadores, tendo prejudicada sua legitimidade perante o evento e a cena local. Assim, evidencia-se a influência do meio virtual na constituição da cena off-line.

5.1.2 O Canal da Batalha do Vinho no Youtube²¹⁸.

Criado em 1º de junho de 2014, o Canal no Youtube conta com mais de 10.000 inscritos e mais de um milhão de visualizações nos seus mais de 830 vídeos postados. À semelhança da página no Facebook, o Canal é compartimentalizado em seções, são elas: “Início” que apresenta algum vídeo em destaque; “Vídeos” que apresenta todos já postados, podendo ser classificados pelos mais antigos, mais recentes ou mais populares; “Sobre”, seção que apresenta as informações elementares da página como a data de criação e número de visualizações; e ainda “Playlists”, “Comunidades” e “Canais”, seções não utilizadas no canal da Batalha do Vinho.

Acerca das visualizações, o duelo do MC Doggie contra o rapper Diomedes Chinaski responde por mais de 90.040 visualizações (cerca de 8,2% do total) e o registro do Fábio Brazza na Batalha do Vinho conta com 490.557 visualizações (cerca de 44,3% do total). Assim, as visualizações desses dois vídeos (os mais vistos do Canal), evidenciam a importância da presença dos artistas externos à Batalha do Vinho e à cena local dos duelos. Apesar de o Youtube não identificar qual vídeo levou os diversos usuários a se inscrever no Canal, é razoável supor que os vídeos cativem e conquistem inscritos na proporção em que são visualizados.

²¹⁸ BATALHA DO VINHO. **Canal da Batalha do Vinho no Youtube**. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCed5RCAGhjN24U_XxZhD92w/featured. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Em alguma medida, a exibição desses personagens conferiu à Batalha do Vinho o interesse de integrantes de outras cenas locais, situadas em outros estados do país. Assim, a disponibilização do citado conteúdo nas redes sociais online promoveu a interação translocal da cena a partir de sua disponibilização em meio virtual – devolvendo à Batalha do Vinho e ao responsável pelas presenças ilustres e pela disponibilização online maior credibilidade.

Assim como uma cena local não se limita ao seu principal espaço de congregação, sua presença no virtual também não se restringe aos canais próprios de seus principais eventos. Algumas vezes, encontrei, no Jesiel Figueiredo, um colaborador adulto a registrar, em vídeo e imagens, os encontros da Batalha do Vinho. O conteúdo por ele produzido era disponibilizado em seu canal próprio no Youtube – “jr palhares”. A final do confronto contra a Batalha da Quadrinha, travada entre o MC Kennedy e o MC Chally, por exemplo, embora disponível no Canal da Batalha do Vinho, encontra-se com melhor qualidade no referido canal²¹⁹.

Nessa publicação, inclusive, fato que merece destaque é o uso conferido à opção “comentário” no canal do Youtube – destinado, à princípio, à manifestação de opiniões sobre o material veiculado – sendo utilizado para debate entre usuários, ao modo do que ocorre em redes que tal finalidade. Durante a pesquisa, procurei acompanhar, rigidamente, a página e o grupo da Batalha no Facebook com a intenção de conhecer os assuntos e o teor das conversas “em alta” em torno do evento. Contudo, apenas notei a funcionalidade atribuída ao Youtube ao encontrar um interessante diálogo nos comentários do mencionado vídeo. Assim, compreendi que o site pode se constituir em ferramenta com utilidade para além de um repositório de vídeos.

No referido diálogo, após um usuário opinar sobre o desempenho dos MCs no duelo final entre a Batalha do Vinho e a Batalha da Quadrinha, o MC Kennedy, decidiu rebatê-lo:

- Usuário: analisando a batalha.... quem animou mais? Kennedy com certeza, cantando entre amigos é claro... quem mandou a ideia mais politizada a consciente? Chally com certeza absoluta... Resultado, Kennedy atacou as mulheres por lutarem pelos seus direitos, e quis defender apenas a sua própria mãe, como se ela fosse a única feminista da face da terra por ter criado 4 filhos sozinha, o maluco depois tentou corrigir chamando o pai que abandonou de palhaço, mais ao meu ver já era tarde, o chally já tinha mostrado que não faltou as aulas de história e que é companheiro da causa feminista... vitória justa.

- MC Kennedy: (*nome do usuário*), começa a rimar e vem saber julgar uma batalha de rima pal no cu, n tentei me corrigir em momento nem um, e n ataquei nem uma mulher!

- Usuário: pau é com U e não com L e é sem acento... se não gostou? FODA-SE

- MC Kennedy: n é questão de gostar n, me diz onde tu fez curso pra aprender a analisar batalha filho da puta.

²¹⁹ Vídeo de 7:27 minutos. **Batalha do Vinho - Final Kennedy x Chally**. Canal Jr Palhares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLDavWhuPAk>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Embora as redes virtuais tenham atribuições prioritárias, percebe-se que muitas vezes essas finalidades se confundem. Isso porque há a tendência de que essas redes sociais online estejam em permanente convergência. Esse processo não se dá apenas pela confusão de suas utilidades, mas também pelo entrecruzamento intencional das redes. Nesse sentido, Burgess e Green (2009)²²⁰ observam que, a princípio, o Youtube não seria exatamente uma rede social – “a arquitetura do site não convida abertamente os usuários ao desenvolvimento de comunidades, colaboração ou trabalho de grupo orientado (2009, p. 91)”. Ademais, citando Harley e Fitzpatrick, Burgess e Green (Ibidem), salientam que:

O conceito *top-down* do Youtube como um “radiofusor” alternativo (mais do que uma rede social) passa pelos elementos visuais de interação cuja função é “filtrar” os aspectos de rede social do site para o usuário casual ou visitante iniciante. O design de rede social do site é dominado de maneira consistente por miniaturas de vídeos e não por perfis de usuários, grupos ou trocas de mensagens; grupos estão longe de serem facilmente encontrados por meio de buscas por palavras-chave e, como os vídeos, os resultados são classificados de modo quantitativo.

A configuração do Youtube indica, pois, que a plataforma não foi projetada para constituir um locus de interessa social online. Contudo, os usuários do site, aparentemente à revelia da vontade empresarial, têm elaborado formas de adequar suas funcionalidades e seus usos – constituindo, por conseguinte, uma comunidade em torno do site. Nesse sentido, Burgess e Green (2009, p. 93) registram que ações mais complexas, como a utilização acoplada do Stickam²²¹, tem sido implementadas visando à melhor comunicação no Youtube, aproximando-o a uma rede social na prática – como constatei, ainda que de maneira precária, no caso relatado.

5.2 O HIBRIDISMO E A CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS NA BATALHA DO VINHO.

Questionado sobre o uso das redes sociais online da Batalha do Vinho, Roney passou a me descrever o procedimento adoto no manejo do canal no Youtube. A opção por abordá-la evidencia a primazia dessa plataforma na divulgação do evento e da cena local, bem como a atuação individual, na condição de proprietário do canal, desse, então, principal organizador da Batalha do Vinho (diferentemente da página no Facebook em que há outros administradores).

²²⁰ BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. **YouTUBE e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo, Aleph, 2009.

²²¹ “Site de rede social baseado em chats ao vivo em vídeo, como tecnologia complementar, mantendo nomes de usuários consistente entre os dois site e assim adicionando efetivamente um *plug-in ao Youtube*”. BURGESS, Jean; e GREEN, Joshua. 2009, p. 93.

Roney informou que, quando assumiu a gestão do Canal, procurou melhorar a edição do material gravado, inclusive com a criação da vinheta que, desde então, abre a exibição dos vídeos. Ainda segundo ele, outras ações têm grande relevância para o bom desempenho de um conteúdo disponibilizado no Youtube. Os vídeos precisam ser colocados no espaço virtual tão rápido quanto possível – “quando as pessoas saem da Batalha elas já procuram os vídeos no canal. Então, quando vejo que teve um duelo que as pessoas gritaram muito, eu corro pra casa pra editar e publicar na mesma noite”, disse ele. Postados, os vídeos precisam ser logo veiculados nos demais espaços virtuais – “tem que envolver todas as redes sociais da Batalha”, completou.

O relato do procedimento adotado indica que Roney crer compreender o funcionamento das plataformas e das redes online e que busca a elas se adequar. Suas ações são seguidas, tão fielmente quanto possível, na busca do maior número de visualizações e de inscritos no canal, o que acarretará maior repercussão virtual, mas também local, para a Batalha do Vinho.

Com esse objetivo, ele termina por se colocar, frente ao aparato tecnológico, à actância das máquinas, nos termos do “eu amarrado” mencionado por Sherry Turkle (2006 *apud* Ramos, 2015, p.63-64). Sem o caráter remuneratório típico da relação laboral, a Batalha do Vinho funciona para seu organizador como se seu trabalho fosse. De tal sorte que a ela dedica a integralidade de seu tempo, se adaptando com a maior flexibilidade possível (sem horário, dia ou assunto inapropriado). Assim, nela projetando as expectativas de sucesso típicas do mercado de trabalho, é compreensível que se coloque de maneira subordinada diante das tecnologias.

Roney ilustra sua atuação com a repercussão do vídeo que registra a presença do Fábio Brazza, pela segunda vez, no Jesiel Figueiredo – oportunidade em que o rapper duelou e cantou para o público da Batalha do Vinho. Responsável pela disponibilização do vídeo no ambiente virtual, Roney disse tê-lo postado na noite do evento e que, ao acordar na manhã seguinte, a publicação contava com mais de mil visualizações. A postagem, sem dúvidas, foi um sucesso para os índices de desempenho da Batalha do Vinho. Acerca da causa desse resultado, todavia, é possível tecer considerações. Isso porque a atribuição do referido êxito aos procedimentos de edição e de divulgação online não explica por que outros vídeos não tiveram o mesmo resultado.

Embora não possamos precisar em que medida, é incontornável reconhecer que, ao ser disponibilizado na rede com a identificação do Fábio Brazza, o vídeo em questão deixou de ser um conteúdo exclusivo da Batalha do Vinho e passou a ser, também, do famoso rapper paulista. Apenas algumas semanas antes daquela visita ao Jesiel Figueiredo, durante os meses de junho e julho de 2018, o Fábio Brazza ocupava o horário nobre da televisão brasileira ao estrelar, junto ao sambista Tiaguinho e à funkeira Anita, o comercial da instituição bancária

patrocinadora da seleção masculina de futebol na Copa do Mundo da Rússia²²². Assim, é preciso observar que a busca por conteúdo do renomado artista possui outra ordem de grandeza. De tal sorte, os números alcançados por seus vídeos, mesmo os menos acessados, representam, frente às publicações cotidianas da Batalha do Vinho, um resultado extremamente satisfatório.

Corroborar esse entendimento, o fato de o segundo melhor desempenho do Canal ser do vídeo que registra a presença do rapper pernambucano Diomedes Chinaski. O terceiro melhor resultado é do registro da final da seletiva regional – acrescentando ao público da Batalha do Vinho o interesse de integrantes da localidade de que é originário o MC adversário.

Um contraponto possível é o fato de que vários foram os registros da presença do Fábio Brazza disponibilizados no canal da Batalha do Vinho no Youtube e que, contudo, essas demais publicações não alcançarem resultados semelhantes. Isso demonstra que a notoriedade do rapper não foi a única variável considerada pela plataforma. Talvez a prioridade conferida a divulgação daquele trecho específico da participação tenha sim surtido algum efeito ou que sua excepcional qualidade frente aos outros vídeos provocou uma série de reações imediatas dos inscritos que o assistiram – impulsionando os algoritmos que conferem lógica à plataforma.

Portanto, o que resta evidenciado é que, não obstante o esforço dos agentes humanos para manusear e compreender o aparato técnico-maquínico e seus efeitos, os instrumentos comunicacionais atuais possuem considerável autonomia sobre os caminhos a serem percorridos pelo conteúdo neles disponibilizados e nos resultados alcançados – influenciando, de diversas maneiras, as relações de sociabilidade off-line travadas no âmbito das cenas locais.

Um segundo passo para obter bom desempenho nas postagens realizadas no ambiente virtual é, pois, o trânsito do conteúdo entre os diversos sites, aplicativos e plataformas. Essa estratégia, inclusive, é observada pela Batalha do Vinho ao divulgar cotidianamente sua presença online. Essas ações não se limitam ao diálogo entre as páginas, grupos, canais e perfis, mas alcança a indicação de sua localização física – a partir de dados georreferenciais do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. Nesse sentido, cabe observar a imagem utilizada pela Batalha do Vinho como “capa” nos diversos espaços virtuais em que faz presente.

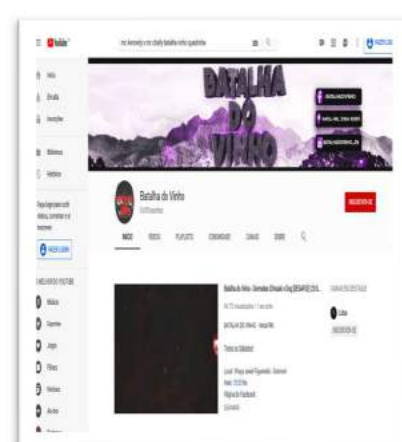
²²² Vídeo de 02:00 minutos. Canal Banco ITAÚ. **Mostra Tua Força, Brasil – A Música da Seleção.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g1Ybv8EhlP4>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.



Página no Facebook



Grupo no Facebook



Canal no Youtube

No canto superior direito da imagem à cima, podemos ver os endereços do canal da Batalha do Vinho no Youtube, de seu perfil no Instagram e de sua localização física – possibilitando, assim, que qualquer pessoa que jamais tenha estado fisicamente na Batalha do Vinho ou na Zona Norte de Natal, a partir de aplicativos específicos de georreferenciamento, encontre o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo no mapa e, logo, presencialmente.

Utilidade semelhante identifiquei nas oportunidades em que compareci às etapas regional e nacional dos duelos de MCs. A partir das páginas das batalhas locais – e com auxílio de ferramentas de comunicação com acesso à internet – me informei sobre estabelecimentos comerciais, alojamento e meios de deslocamento nas capitais pernambucana e mineira. Nesse sentido, percebe-se como a presença das cenas nas redes sociais online promove o intrincado relacionamento de suas ocorrências com a cidade. De fato, como registra Pereira de Sá, “as cenas não só se apropriam de espaços da cidade mas são por eles moldadas” (2013, p. 30).

Assim, a partir da mútua indicação das redes sociais online da Batalha do Vinho, os seus administradores otimizam sua utilidade; impulsionando conjuntamente grupos, páginas,

canais e perfis. Por meio dessa convergência, asseguram-se de que, seja qual for a rede preferida do usuário na internet, a Batalha do Vinho e seu conteúdo estarão visíveis e disponíveis ao consumo informacional. Assim, terminam por aumentar o número de membros, seguidores e inscritos no espaço virtual, mas também, consequentemente, por alcançar resultados positivos quanto ao público presente nas tardes-noites de sábado no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo.

Portanto, a célere expansão das cenas dos duelos de rimas em direção à constituição de cenas translocais e virtuais que se interpenetram se dá no contexto de disseminação das tecnologias móveis; momento no qual os espaços intersticiais e as mídias locativas, conforme evidencia Lúcia Santaella²²³, estão disponíveis por toda a parte. Tratamos dessas ferramentas e desses processos ao evidenciar as estratégias adotadas pela Batalha do Vinho. São os usos de smartphones e aplicativos baseados em tecnologias tais quais o GPS, viabilizadas mediante o acesso à internet sem fio, que torna localizável não apenas o conteúdo online, mas também o espaço físico de realização dos duelos. Logo, a Batalha do Vinho se constitui como um evento marcado pelo hibridismo informacional entre suas variadas redes, relacionando imagens, vídeos e hiperlinks e, assim, permitindo o acesso a diversos conteúdos e a uma gama de outros dados.

Essa não é, em todo caso, uma experiência única. As demais batalhas possuem redes sociais e realizam usos semelhantes, destinados a divulgar o conteúdo de seus encontros e, assim, angariar um maior número de adeptos, mesmo que geograficamente distantes.

Nesse sentido, diversos são os eventos e as cenas locais que se constituem como cenas virtuais e, em seguida, translocais no espaço virtual. Essa forma de contato translocal, todavia, antes de inviabilizar, otimiza as incidências translocais no espaço off-line. Esse é o caso das seletivas regionais e do Duelo Nacional. Assim, disponibilizar-se na rede de computadores é colocar-se nas redes sociais online, mas é também fortalecer os eventos presenciais e suas redes.

Assim, quando um usuário do Facebook ou do Youtube acessa a página ou o canal de determinada batalha, ele logo é conduzido a conhecer conteúdos de inúmeras iniciativas semelhantes. Esse movimento resulta, em grande medida, da agência não-humana (Sá, 2013; Jungblut²²⁴, 2015) exercida pelo suporte técnico-material em que o conteúdo é disponibilizado. Nesse caso, a actância humana de seus organizadores atua, intencionalmente, para corroborar e fortalecer essa conexão. A estruturação em torno de competições, com etapas locais, estaduais, regionais e nacional, endossa esse composição em rede. Dessa maneira, as actâncias humana e

²²³ SANTAELLA, Lúcia. **Mídias Locativas: a internet móvel de lugares e coisas**. Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. PUC/RS, V.15, N 35. Porto Alegre, 2008.

²²⁴ JUNGBLUT, Airton Luiz. **Práticas Ciberativistas, Agência Social e Ciberacontecimentos**. Vivência: revista de antropologia. UFRN/DAN/PPGAS v. I., N. 45 (jan/jun de 2015) Natal: UFRN, 2015.

não-humana têm atuado para que a constituição das cenas dos duelos de MCs constituam, sem prejuízo de suas manifestações locais, uma cena nacional coesa e, em alguma medida, uniforme.

No âmbito dessa cena nacionalizada do duelo de MCs, entrecortada por incidências locais e virtuais, Roney, enquanto organizador da Batalha do Vinho, ganhou destaque junto a participantes da cena em outras localidades, a exemplo dos eventos empreendidos no município de Currais Novos/RN – onde terminou por contribuir na sua estruturação.

Ainda que há milhares de quilômetros, ao me visitar em abril de 2019, Roney, na forma mencionada do “eu Amarrado” (Turkle, 2006 *apud* Ramos, 2015, p. 63-64) seguia conectado à cena dos duelos de MCs em Currais Novos/RN. Por seu Smartphone, matinha diuturno diálogo com as organizadoras da cena naquela localidade. Ao eventualmente redirecionar sua atenção, era para me apresentar as Chyper^{225,226} recém produzidas pelos MCs da Batalha do Gueto^{227,228}.

Portanto, as configurações dos usos das novas tecnologias pelos adeptos da cena dos duelos de MCs evidenciam a intrínseca relação, sob diversas formas, com “a materialidade do ambiente digital, que reconfigura as fronteiras entre cenas locais e translocais de maneiras diversas, que devem ser analisadas caso a caso” (Pereira de Sá, 2013, p. 36).

Os vínculos entre os atores humanos e não-humanos são elaborados de maneira a modificar as ocorrências das cenas antes localmente estanques compatibilizando-as com a noção de uma cena sociotécnica dos duelos de MCs, pois que entrecortada pela lógica virtual. Se os agentes humanos estão sempre dispostos a conferir usos não planejados pelos criadores dos suportes materiais-tecnológicos; há muito ainda a conhecer acerca de suas especificidades.

Em certa medida, a configuração da cena dos duelos como uma rede sociotécnica contribui para o processo de estruturação das ocorrências da referida cena. A exemplo da relação estabelecida entre expressões culturais semelhantes, como visto no capítulo anterior, a adequação de batalhas mais intensamente estruturadas servem, por meio da rede sociotécnica, de modelo a orientar ocorrências recentemente surgidas ou situadas em distantes localidades.

²²⁵ “Cypher no rap tem como objetivo reunir MCs, sendo eles de grupos ou artistas solos, para rimas inéditas e com uma conexão de palavras mais complexas, com um DJ responsável pelo *beat*. É algo que se aproxima mais do *freestyle* do que do rap elaborado e construído sobre uma batida produzida em estúdio”. Disponível em: <https://kondzilla.com/m/explicando-em-detalhes-o-que-e-cypher/#materia>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²²⁶ A Cypher pode, assim, ser compreendida como uma forma de transferência do centro do hip-hop dos grupos tradicionais de rap, para os MCs, muitos deles vindos das batalhas. Portanto, ratificando o processo de profissionalização/estruturação da cena dos duelos por meio da integração de seus participantes, não apenas como esportistas da rima, mas também no tradicional espaço da música.

²²⁷ Vídeo de 8:51 minutos. **Cypher do Gueto**. Canal da Batalha do Gueto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gPfM3T0UCY4>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²²⁸ Nos créditos finais do clipe da Chyper do Gueto, vê-se a informação de “Financiamento: 2ª Vara da Comarca de Currais Novos – TJRN”, provavelmente fruto da parceria relatada no capítulo 3 deste trabalho.

5.3 PRÊMIO ANGAR 2018, O RECONHECIMENTO ESTRUTURAL.

Seguindo seu ganho contínuo de destaque, após ocupar as seções culturais da cidade, nas diversas mídias tradicionais e recentes, a Batalha do Vinho se tornou um incontestável caso de sucesso da juventude urbana da Zona Norte de Natal. A efervescência da cena dos duelos de MCs na capital potiguar ofertava, então, sua principal ocorrência – que já conquistara alguma admiração país à fora – para o deleite dos olhares curiosos da sociedade natalense. A Batalha do Vinho, por meio de seu organizador e principais MCs, seguia sendo presença constante nas emissoras locais. Mesmo em 2018, quando residindo distante da mídia potiguar, recebi diversas imagens e vídeos das vezes em que meu conhecido objeto de estudo estava na televisão.

O ápice de todo esse reconhecimento, entretanto, ainda estava por vir. Embora eu acompanhasse, de perto e atento, o processo de positiva divulgação da Batalha do Vinho, foi com considerável surpresa que soube de sua indicação para a maior premiação da música potiguar. O Prêmio Hangar constitui o momento de maior “excitação formal” da vida cultural no estado. Sempre realizado na principal casa de espetáculos da capital, o Teatro Riachuelo, a noite de premiação costuma contar com a presença de uma referência nacional pertinente à temática musical homenageada a cada edição. Naquele ano, o homenageado não um artista específico, mas o samba enquanto estilo. As premiações seriam intercaladas com apresentações de artistas locais e o encerramento se daria com o show do sambista carioca Dudu Nobre.



Imagem publicitária de divulgação do 16º Prêmio Hangar, Natal/RN, 2018.

A indicação da Batalha do Vinho naquele tão prestigiado evento se deu na disputa da categoria “Linguagens Urbanas”. Sobre tal premiação, o principal jornal do estado, A Tribuna do Norte, tratou assim, em seu site na internet²²⁹:

O idealizador e produtor do prêmio, Marcelo Veni acredita que a lista de indicados faz um recorte positivo da produção musical de 2018, contemplando veteranos, estreantes e nomes emergentes nos mais variados gêneros. Veni também ressalta a força dos sons das periferias com indicados como o projeto Batalha do Vinho e o MC Teagacê. ‘A Batalha do Vinho é algo fantástico, tem reunido bastante gente na Zona Norte. Outro destaque é o Teagacê, que inclusive já passou pela Batalha do Vinho. Ele lançou neste ano 126 músicas nos canais dele na internet. Vai levar a família pela primeira vez ao teatro’, conta o produtor, que também atenta para o aspecto de representatividade. ‘Algumas indicações refletem esse momento de empoderamento que vivemos. Temos a Potyguara Bardo, a Kaya Conky, a música ‘Trans’ do Talma e Gadelha, o clipe ‘Sigo Livre’ de Fernanda Azevedo, que discute os padrões do corpo feminino. E todos foram lembrados por merecimento’.

Na primeira semana de dezembro daquele ano, Roney e o MC Kung Fu se dirigiram ao último andar do Midway Mall – o principal shopping center da cidade, situado na Avenida Bernardo Vieira. A mesma avenida pela qual, diariamente, muitos jovens como eles transitam com seus sonhos em busca de oportunidades, agora, lhes testemunharia ocupar o lugar de maior prestígio naquela noite, ao disputarem a principal premiação da música potiguar.

Eu acompanhei por mensagens e fotos recebidas pelo WhatsApp, os momentos que antecederam o anúncio das premiações; a expectativa pela categoria “Linguagens Urbanas” era enorme. O conteúdo enviado, revelava que meus jovens amigos estavam ainda mais ansiosos. Procurei parabenizá-los intensamente; eu havia visto, de perto, muitas das dificuldades enfrentadas e dos sacrifícios feitos ao longo dos últimos anos. Aquela circunstância tornava incontornável, para qualquer um, reconhecer quão grandiosa a Batalha do Vinho se tornara. Assim, a indicação, por si, já era um grande prêmio; era mais do que muitos esperávamos.

Aquela presença, realmente, era uma conquista; exatamente por isso, por ter seu mérito próprio, os parabenizei. Mas o fiz, desde logo, também por rezear a não conquista da premiação. Nesse diálogo, percebi que Roney reconhecia a importância e estava feliz por estar ali, mas ele parecia evidenciar a importância daquele troféu como consagração da Batalha do Vinho e de todo o trabalho empreendido nos últimos anos. Após alguns momentos de conversa, o WhatsApp não mais me trazia mais novidades, nenhuma mensagem mais me chegou, até que o silêncio infundável de quase uma hora foi interrompido pelas fotografias a seguir.

²²⁹ Matéria de Jornal online. **O Samba dá o tom do Prêmio Hangar. Jornal Tribunal do Norte (versão online).** Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-samba-da-o-tom-do-pra-mio-hangar/431772>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.



Kung Fu e Roney, no púlpito do 16º Prêmio Hangar.



Kung Fu e Roney, com a estatueta do 16º Prêmio Hangar.

Se era o troféu que faltava, a partir daquele momento não faltava mais. A Batalha do Vinho estava no topo! Roney postou a primeira das fotos acima, no Facebook, com o seguinte comentário “A felicidade me consome neste momento”. A segunda, dois dias depois, com a recomendação: “A periferia tem talento, olhem pra gente que é de lá que saem os melhores”.

Ainda naquela noite, imediatamente após a divulgação do resultado da premiação, as redes sociais da Batalha do Vinho entraram em completo êxtase. No grupo no WhatsApp, muitos membros se manifestavam. Até o MC Beto, o principal crítico à organização da Batalha do Vinho parecia, em alguma medida, satisfeito. Isso, contudo, não o impediu de repreender outros membros – “Parabéns para Roney, não. Parabéns para a Batalha do Vinho”.

Assim, as redes sociais online que viabilizaram situações de perigo e sentimentos de tristeza, mas que também, em uma medida difícil de calcular, contribuíram para a divulgação da Batalha do Vinho, serviam, agora, à divulgação e ao compartilhamento daquele momento de sucesso e de felicidade, possibilitado pelo trânsito entre o presencial e o virtual.

O êxtase daquele fluído momento conferiu, portanto, a sensação de que tudo valera a pena. Assim como o bom desempenho dos vídeos no Youtube, serviu à confirmação de que a Batalha do Vinho soubera aproveitar as brechas concedidas pela estrutura social. De maneira que pouca atenção se concebe ao convencimento ideológico decorrente, à reificação da crença de que é possível vencer na vida por meio do hip-hop e de suas práticas, mesmo que, na manhã seguinte, centenas de corpos transitem, em sofreguidão, pela Avenida festivamente invadida.

Passa à margem o fato de que a definição da categoria – destinada a premiar “artistas do rap, funk, eletrônica e trabalhos que proponham novas sonoridades e conexões com música

do mundo” – limita sobremaneira as possibilidades de consagração numa cidade em que tais estilos não são os prediletos do gosto popular. Passa à margem o fato de que não se faz necessária a consagração da vitória para que a sensação de conquista seja fruída. A simples indicação, como vimos, possibilita a divulgação na mídia local e a expectativa de um melhor proveito profissional, viabiliza a compreensão de indivíduos que ainda iniciam a busca por alguma ascensão social como casos de sucesso, de indivíduos que obtiveram sucesso estrutural sem qualquer questionamento aos valores e às formas, moral e legalmente, estruturadas.

Nesse sentido, o Prêmio Hangar pode ser considerado ilustrativo de uma ficcionalização ideológica certamente realizada em outras localidades e em diferentes níveis de relevância estrutural, com suas versões regional, nacional e mesmo internacional. O Baco Exu do Blues, autor do Sulicídio em parceria com o Diomedes Chinaski, por exemplo, foi premiado em Cannes, como narra a seguinte matéria de jornal online²³⁰:

O rapper baiano Baco Exu do Blues venceu o Grand Prix do festival Cannes Lions, um dos mais importantes do mercado publicitário, com o curta-metragem "Bluesman", do seu disco de mesmo nome. O prêmio veio na categoria Entertainment for Music (entretenimento para música), que teve dois vencedores em 2019 — além do vídeo de Baco, o elogiado e debatido "This is America", do rapper Childish Gambino, também foi premiado. Eles superaram a megaprodução "Apushit", do casal Beyoncé e Jay-Z, filmado no Museu do Louvre. Curiosamente, em uma das faixas de "Bluesman", "Me desculpa Jay-Z", Baco canta que queria ser o americano e admite ter sonhos eróticos com Beyoncé.

Frente a essa incidência, é de se questionar os valores que uma premiação representa para “aquele que sonha ser” e para “aquele que já o é”; qual a utilidade do reconhecimento para as “megaproduções”, elaboradas a partir de territorialidades consagradas – como o citado museu do Louvre. Certamente, se trata de uma utilidade diversa daquela constituída para aquele que, mesmo sem ser, agora, abstratamente, ficcionalmente, “supera” aquele que é.

5.4 OS USOS DOS GRUPOS ONLINE, FACEBOOK E WHATSAPP.

O grupo da Batalha do Vinho no Facebook²³¹ foi criado em 12 de junho de 2013, quase dois anos antes de sua página, portanto. Atualmente, com pouco mais de 5.500 membros, é constituído pelas seguintes seções, com finalidade similares às da página: “Sobre”, “Discussão”, “Membros”, “Eventos”, “Vídeos”, “Fotos” e “Arquivos”.

²³⁰ BACO EXU DO BLUES SUPERA BEYONCÉ E JAY-Z E LEVA PRÊMIO EM CANNES. *Jornal Extra Online*. Seção TV e Lazer. Rio de Janeiro, 18/06/2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/baco-exu-do-blues-supera-beyonce-jay-e-leva-premio-em-cannes-23749101.html>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²³¹ Grupo da Batalha do Vinho no Facebook, disponível em <https://www.facebook.com/groups/256665764471859>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Termos como “grupo” e “membros” conferem a esse espaço a noção de horizontalidade e aos seus integrantes maior simetria. De fato, ali se constata forte interação entre os diversos participantes do evento e da cena local (quando comparado à unilateralidade que predomina na página) e de menor competitividade (quando comparado aos momentos de disputas presenciais). Nos grupos há maior diversificação de temas, sendo a amistosidade eventualmente interrompida, inclusive por críticas à organização do evento. Nos grupos também há administradores e moderadores, de maneira que parte das reclamações registradas versa sobre alegado excesso no controle moderador das publicações feitas pelos membros.

No segundo semestre de 2016, soube da existência de um grupo também no aplicativo WhatsApp. Criado em 09 de março de 2015, portanto, alguns dias antes da página no Facebook, o grupo se encontrava lotado quando dele tomei conhecimento. Apenas pude integrá-lo quando de uma das, tantas e constantes, atualizações do aplicativo. Roney, que inicialmente disse não poder me incluir porque isso significaria retirar algum membro já participante, certa vez me encaminhou um link de acesso. A capacidade de membros no grupo havia sido expandida de 100 para 256 pessoas. Agora, também era possível que o ingresso fosse feito por meio de um link de convite, não mais necessariamente pelo criador/administrador do grupo.

O link que Roney me enviou, contudo, era do grupo da Batalha do Vinho no Facebook. Lá, em uma postagem do MC Bolla e em evidente ilustração do hibridismo entre as redes sociais online, se encontrava o convite para ingressar no grupo no WhatsApp. Esse meu ingresso se deu num amanhecer de sábado, pouco antes das cinco horas, de maneira que não houve qualquer interação por parte dos já presentes. Não fui submetido – talvez pelo decurso das horas seguido pela sobreposição de outros assuntos, talvez porque ninguém ali me conhecesse previamente – a uma espécie de batismo que vi ser imposto a outros novos membros, o de fazer algumas rimas.

Essas diversas atualizações no WhatsApp tornaram ainda mais árduo o trabalho de acompanhar o excesso informacional do grupo. Além de frequentar, com a assiduidade possível, os encontros presenciais no Jesiel Figueiredo e de analisar cotidianamente as publicações da página e os comentários subsequentes, procurei também acompanhar os diálogos realizados nos citados grupos. O WhatsApp se colocou como a parte mais dificultosa desse processo, devido à variação em suas configurações e ao excessivo número de mensagens trocadas.

O volume de mensagens e conteúdo audiovisual promovia o constante esgotamento de meu aparelho telefônico e do cartão de memória inserido. Esse fluxo constante de conteúdo me colocava diante da seguinte alternativa: ou não permitir o download automático de vídeos e imagens, aceitando o risco de não ter posterior acesso ao material, pois poderia não estar disponível no aparelho que o enviara; ou suportar o acúmulo de arquivos diários, gerando a

citada situação de esgotamento – que, caso não solucionado pelo esvaziamento parcial, gerava o “travamento” do aplicativo e, eventualmente, seu back-up – o que, mais de uma vez, resultou na perda de materiais ainda não salvos, mas que, dada a sua importância, eu já planejava utilizar.

O enorme número de mensagens trocadas, além de contribuir para as situações de limitação técnica, testou também minhas limitações físicas. Estabeleci ao longo da pesquisa diversas rotinas para tentar acompanhar as conversas que, não raro, ultrapassavam o total diário de duas mil mensagens. Logo, percebi a inviabilidade de minha pretensão – quer de lê-las ao passo que fossem enviadas, quer ao fim do dia ou no final de semana (quando textos, áudios, imagens e vídeos somavam em torno de 15 mil mensagens). Nesse cenário, optei por realizar a análise do grupo no WhatsApp apenas quando algo ocorrido no Jesiel Figueiredo ou no Facebook me chamasse a atenção – ciente da temática que provavelmente estaria a dominar as conversas no grupo no WhatsApp, eu passava a acompanhar as trocas de mensagens no aplicativo.

Contudo, as dificuldades que encontrei ao manejar o WhatsApp – as quais se somam a outras registradas por pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRN²³² – ofertaram grandes contribuições ao conhecimento acerca da Batalha do Vinho, à compreensão de práticas e hábitos de seus participantes. Nesse sentido, se a página no Facebook e o canal no Youtube permitem relativizar as limitações físicas das cenas locais, os grupos no Facebook e no WhatsApp influem sobre os elementos constitutivos de uma cena.

Segundo Pereira de Sá (2013), a partir do que ensinara Will Straw, se uma cena não se confunde com uma comunidade é porque essa supõe estabilidade nas relações entre seus integrantes. Assim sendo, pode-se afirmar que o contato diário, quase ininterrupto, de jovens que, próximos à mencionada figura do “eu amarrado”, não se desconectam da internet, confere certa estabilidade às relações da Batalha do Vinho, confere-lhe, pois, algum caráter comunitário.

É nos grupos online que se dá essa estabilização das relações nucleares da Batalha do Vinho. No âmbito desse processo, há atos reificadores do pertencimento e da legitimação ao grupo. Igualmente, há atos de aproximação e de integração, os quais possibilitam a transição da condição de pertencimento e de legitimidade para os encontros presenciais da Batalha do Vinho.

A interação no grupo do WhatsApp parte, em regra, do conhecimento prévio entre seus participantes. Muito embora essa convivência no grupo tenda à estabilidade, ao passar para o

²³² DIAZ, Oriana Concha. **Islã, Migrações e Tecnologias Digitais: Reflexões sobre a Muridiyya transnacional a partir de Caxias do Sul (RS)**. S 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SILVA, Raquel Souza da. **Twitter e ciberativismo: o movimento social da hashtag #ForaMicarla em Natal-RN**. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

espaço virtual, tais relações sofrem alguma instabilidade em decorrência do novo meio, de suas peculiaridades. A aquisição de aparelhos celulares e o constante acesso à internet, bem como o domínio linguístico, por exemplo, são condições que podem contribuir para que os protagonistas dos duelos sob a sagacidade não exerçam a mesma presença na interação online.

Ilustrativamente, destaco que, em algumas oportunidades, acompanhei brincadeiras e provocações a um determinado MC. Tal fato me parecia curioso, pois aquele MC não integrava o grupo. Depois de certo tempo, quando outro integrante se mostrou confuso, foi explicado que determinado número, cadastrado no WhatsApp com um nome feminino, se tratava do referido MC. Esse, por estar sem celular há alguns meses, utilizava, no grupo, o aparelho de sua mãe.

Também registrei situações em que a digitação errada de alguma palavra motivava comentários constrangedores, em tom de gozação, de outros participantes. Considerei, inclusive, que a esse fato se deve, ao menos em parte, a aparente preferência de alguns membros pelo envio de áudios em detrimento de mensagens digitadas.

Em todo caso, alguma perspicácia é necessária para não confundir os indesejados erros de escrita com ações constitutivas do mencionado pertencimento ao grupo. Além de restringir a compreensão e, portanto, a identificação e a legitimidade dos participantes, a elaboração intencional de discordâncias da língua portuguesa, como a modificação de palavras existentes ou a criação de termos, guarda coerência com a prática dos duelos. Nesses, muitas vezes o MC não encontra a palavra adequada a completar seu verso, necessitando flexionar ou mesmo criar palavras. É aquela primeira finalidade, em todo caso, que almejo aqui destacar.

O uso dessa estratégia como forma de reconhecimento dos integrantes mais próximos do evento e da Cena pode ser encontrado, por exemplo, no transcrito diálogo ocorrido no vídeo que registra o confronto final entre os MCs da Batalha do Vinho e da Batalha da Quadrinha.

O MC Kennedy, ao responder a crítica feita ao seu desempenho, argumentou que o usuário que o criticara não era rimador, nem jurado de batalhas, que, portanto, ele não pertencia à Cena e, assim, não teria condições de avaliar seu desempenho. Em seguida, o MC Kennedy utiliza a palavra “paL” e não a escrita correta. Diante do aparente equívoco, o seu interlocutor logo o repreende, corrigindo sua ortografia. Ocorre que a escrita da palavra paL é comum nos grupos da Batalha do Vinho. Assim, embora o autor da crítica pensasse demonstrar maior conhecimento da língua portuguesa, ele estava a confirmar que, de fato, não pertencia àquele grupo, reforçando o contra-argumento de era desprovido de legitimidade, conforme ethos e a normatividade vigentes, para repreender um MC no curso de uma batalha de rimas.

Semelhante a esse episódio, há outras ocorrências; algumas próprias à Cena outras, com maior especificidade, à própria Batalha do Vinho. Na seletiva estadual, após Roney

anunciar as regras da disputa, comentei que talvez fosse melhor substituir o termo “pederastia”, pois sua utilização ali empregada parecia mais ampla do que o termo significa. Ele, contudo, me explicou que referida utilização é antiga na cena dos duelos de MCs, estando espalhada por diversas batalhas do país, não sendo uma escolha da Batalha do Vinho. Outro exemplo, bastante próprio do grupo no WhatsApp, é uma expressão utilizada, sempre em tom jocoso, na interação entre os participantes. Em aparente decorrência da junção dos termos “putaria” e “sacanagem”, a expressão “putaragem” é corriqueiramente pronunciada – seu manejo se dá, em regra, em brincadeiras e provocações entre os rapazes, mas também em eventuais abordagem às garotas.

Assim, o grupo da Batalha do Vinho no WhatsApp funciona como um lugar de continuidade da convivência realizada nas tardes-noites de sábado (o que confere estabilidade à sua sociabilidade), ofertando, entretanto, outras variáveis à essa convivência (gerando alguma instabilidade). Em todo caso, ele possibilita a constituição da Batalha do Vinho como mais do que um âmbito de reunião de indivíduos que compartilham condições sociais e territoriais semelhantes ou frequentadores da cena que pouca afinidade possuem para além da prática ou do estilo musical em comum. É nesse sentido que, apesar de certa estruturação do evento, segue habitual a referência, nos espaços de encontros físicos e virtuais, à “Família Batalha do Vinho”!

Além de possibilitar a sociabilidade de seus contumazes participantes, a interação no grupo permite a aproximação e a modificação dos papéis exercidos. Considerando que MCs, organizadores e expectadores mais estáveis se encontram dispostos de maneira horizontal, o grupo tem o potencial de instituir, a partir do âmbito virtual, um espaço transitório para os recentes personagens da Batalha do Vinho. É comum que, no curso de um diálogo qualquer, algum participante comece a rimar com as palavras recém proferidas. Logo, ele é seguido por outro que continua as rimas e por mais outros que seguem a construção coletiva dessas frases rimadas. Essa prática pode ser encarada como uma simples brincadeira, mas também com uma forma de treinamento, pois a prática permite que um jovem interessado em rimar “de verdade”, mas que não se sente seguro para fazê-lo no Jesiel Figueiredo, faça ali suas primeiras exposições.

Tais rimas podem ser digitadas ou gravadas em áudio. Seu teor, em regra, é trivial, em tom de gozação com outro participante e, não raro, com menção ao órgão ou ao ato sexual, com provocações a partir da atribuição de estereótipos e/ou de práticas homossexuais. Essas rimas não necessariamente fazem sentido, o essencial é que os seus versos soem bem entre si. Muitas vezes, tal prática se estende a algumas dezenas de áudios de dois ou mais participantes.

Ao mesclar o local e o virtual, on e o off-line, a cena sociotécnica termina por fornecer, aos seus participantes, meios para que eles mesmo se confundam acerca das características desses espaços. Essa circunstância é exemplificada pela situação de violência, ameaça e medo

– relatada no capítulo anterior – cujos elementos necessários à sua formação transitaram, diversas vezes, entre o dentro e o fora do âmbito virtual. O espaço dos grupos na internet, ao se mostrar como um lugar fora da vivência física se colocou para alguns jovens participantes do grupo no WhatsApp com uma aparência de segurança, de aparente distante da realidade, como uma salvaguarda às ameaças recebidas, concretamente, na Praça do Half e no Jesiel Figueiredo.

Os comentários proferidos no WhatsApp, logo após a divulgação do meme no Facebook, evidenciam a pressuposição de que, enquanto restrito àquela primeira rede online, o conteúdo estaria em privacidade. Nesse sentido, não houve qualquer ponderação sobre as presenças indeterminadas no grupo do WhatsApp. Ali, estava qualquer um que simplesmente o desejasse, pois o link para o grupo estava disponível na página do Facebook – isso, sobretudo, depois do aumento no número de participantes. Assim, a possibilidade de que o meme e os comentários tenham chegado ao conhecimento do agressor por intermédio de alguém do próprio grupo no WhatsApp não foi levantada expressamente. Contudo, o fato de ele ter identificado os jovens mais entusiasmados, bem como ter acesso aos seus contatos, sugere que tais informações foram repassadas por alguém daquele grupo, não em razão da disponibilização do meme no Facebook.

Naquele caso, predominou a presunção de maior sigilo no WhatsApp se comparado ao Facebook quanto à essa rede social predominou a compreensão de que tudo nela que não está oculto é público e pode ser, como costuma ser, rapidamente disseminado no universo online.

Em todo caso, percebe-se, a partir desse acontecimento, que não se deve pensar o online como excludente ao off-line. O hibridismo e suas consequências transitam não apenas entre as diversas redes virtuais, mas tem a potencialidade de alcançar, inclusive prejudicialmente, os seus participantes em suas vivências offline – percebida, essa sim, como real. As consequências de atos e de palavras podem facilmente pular a fronteira entre esses espaços virtual e local.

5.5 "RONEY FOI REMOVIDO".

A contribuição de Roney como organizador da Batalha do Vinho chegou ao fim a partir de uma intrincada relação entre o fora e o dentro da internet mediante uma sucessão de fatos enquadrável no que tem se popularizado chamar de “linchamento virtual²³³”. Esse término resultou do acúmulo de discordâncias frente a outros participantes, dotados de seus projetos, de suas visões próprias e munidos de argumentos acerca da estruturação da Batalha do Vinho.

²³³ O termo “linchamento virtual” tem sido utilizado com intensidade na prática dos meios de comunicação social e popularizado no uso cotidiano das redes sociais online. O empréstimo da expressão “linchamento” confere a atualidade ao uso na era da Internet, mas não se confunde com formas agressões físicas ao seu destinatário.

O principal dos argumentos levantados contra a organização empreendida por Roney foi a relutante intenção – presente no início dos ciclos anuais – de retomar a realização das batalhas no espaço da rua; mesmo diante das violentas ocorrências a evidenciar o risco dessa escolha. Contudo, logo após o sucesso no prêmio Hangar 2018 e a suspensão dos duelos, o retorno, já no ano seguinte, passou ao centro das discussões no grupo da Batalha do Vinho.

No primeiro final de semana de março, Roney estaria no citado evento realizado em Currais Novos, sob a organização da Batalha do Gueto. O segundo final de semana daquele mês era o de carnaval. Já nos dois primeiros finais de semanas de abril, Roney estaria a me visitar em Brasília/DF, para onde havia me mudado – essa data, inclusive, foi por mim definida, segundo as ofertas de Black Friday, quando o convidei em novembro do ano anterior.

Assim, diante da impossibilidade de realizar os duelos nos primeiros meses do ano e frente a essa sucessão de compromissos, Roney comunicou que o retorno das batalhas se daria apenas na segunda quinzena de abril. Em todo caso, considerando o encerramento dos duelos em meados de dezembro de 2018, alcançava-se quase um terço do ano sem a Batalha do Vinho.

Meu conhecimento acerca dos fatos ocorridos nesse período, quando considerava já encerrada a coleta de dados etnográficos, se deu após a visita de Roney e o desencadeamento de tais fatos. Ao promover a análise das conversas realizadas no grupo, observei que o seu teor era diversificado, abarcando, por exemplo, outras batalhas realizadas em Natal – as quais viraram mote para questionamentos acerca do retorno da Batalha do Vinho.

Com uma recorrência diária, cerca de cinco participantes perguntavam se a Batalha do Vinho não voltaria mais, quando ela voltaria, se tinha acabado e porque tinha acabado – as indagações não pareciam visar o mero esclarecimento, mas ironizar a ausência dos duelos. Roney esclareceu, por algumas vezes, que o retorno se daria na segunda semana de abril. Contudo, esses participantes se mostravam completamente indiferentes a essa informação. Ao contrário, seguiam, em tom jocoso, com os seguintes comentários: “é em abril de 2020?”; “só começa depois do Enem...”; “Depois do Natal, a Batalha volta!”, “Sabe o Ano Novo, então...”.

Os comentários também provocavam o relacionamento da organização da Batalha com a Prefeitura de Natal e o Deputado de oposição que também ajudou o evento por intermédio de Roney: “Só volta quando Carlos Eduardo ganhar pra Prefeito de novo”; “Só volta se Mineiro for visitar a Batalha do Roney”. Após uma participante reclamar que “todo dia é a mesma coisa” (se referindo aos comentários provocativos), um dos participantes lhe respondeu com a seguinte frase (que demonstrava uma virulência até então submersa à ironia e, portanto, certa misoginia): “vai tomar no teu cú, tá incomodada chupa a pomba de Roney”. Como se aquela agressão nada

fosse, as provocações continuaram: “Mas a pergunta que não quer calar, por onde anda a Batalha do Vinho?”; “Gente, passando para saber se vai rolar Batalha do Vinho ainda esse ano?”.

As falas logo avançaram para suposições acerca dos interesses de Roney, de ganhar relevância na cena por meio da interlocução com a Família de Rua, exercendo sua representação local, bem como dividendos financeiros. Nesse sentido, o comentário: “acho que se acabar essa parada de Duelo Nacional de MCs, a tal batalha do vinho também acaba” e a reação que se seguiu. Diante do pedido de Roney para que os MCs que pudessem, comparecessem a entrevista que seria concedida à Intertv-Gabugi/Rede Globo, o MC Beto comentou “Showw Bisnne\$\$\$\$\$”.

Pouco depois, em uma das propostas de realização do duelo fora do Jesiel Figueiredo, um dos participantes disse “vamos fazer essa batalha, quem faz o movimento é nois”. Logo, sendo endossado pelo MC Beto: “O povo fica esperando a boa vontade de uma pessoa”. Então, o participante que deu a sugestão publicou, ali mesmo no grupo no WhatsApp, a seguinte convocação: “Batalha do Nélío (old vinho). Vamos fortalecer o old scholl”.

Diante da iniciativa que, inclusive, considerava dar outro nome àquela reunião de jovens para batalhar (Batalha do Nélío), Roney se limitou a dizer “vejam bem o que vocês vão fazer por lá”. Em aparente concordância, o proponente da batalha na parte externa do ginásio Nélío Dias acrescentou: “iai, essa galera, batalha de rima hoje, não batalha de drogas”.

Por sua vez, o MC Beto seguiu se manifestando: “É isso aí, @(nome do proponente), faça acontecer, não espere por ninguém, tem todo meu apoio. Se houver repressão, normal do movimento de rua, no máximo vai levar uns tapas, a dor passa e vocês fazem de novo!!!”. No mesmo sentido, após Roney fazer uma publicação sobre o “I Festival de Mulheres Estudantes da UFRN”, o MC Beto enviou áudio em que dizia: “só observo essa galera que diz que é apoiador da causa feminista e fica escrachando as boezinhas por aí..”.

Enquanto os diálogos no grupo seguiam nesse contexto, outro assunto veio a contribuir para a crítica à atuação de Roney. A Família de Rua divulgou as regras para a participação no Duelo Nacional de 2019. Ao informar esse fato, Roney o faz acompanhado da lista de batalhas locais que estariam aptas a participar da seletiva estadual. De imediato, deu-se questionamentos acerca da exclusão de uma batalha da Zona Norte e sobre a representação de Currais Novos, onde, como sabemos, há duas batalhas, a do Cristo e a do Gueto. A Batalha do Cristo, contudo, havia sido penalizada na seletiva de 2017, ficando suspensa de participação seguinte.

Segundo Roney, essa suspensão fora de dois anos (portanto, aplicável à seletiva de 2019). Um participante da Batalha do Cristo que integrava o grupo, entretanto, discordou, sustentando que o período da punição havia sido de um ano. Diante dessa divergência, passou-se a cogitar que Roney buscava favorecer a Batalha do Gueto, com a qual tinha proximidade.

As acusações disfarçadas de brincadeiras intensificavam-se, sempre sem dispensar a jocosidade – um participante sugeriu tirar a vaga da Batalha do Vinho para que ambos os eventos de Currais Novos participassem, afinal não fazia sentido a vaga para uma batalha que não existia mais.

Já os representantes da batalha de Natal que fora excluída afirmavam que Roney não tinha o poder para tanto, que ele estava sendo arbitrário e desrespeitando a união das batalhas. Diante dos intensos questionamentos, Roney, como era seu de seu hábito fazer, solicitou que as pessoas que estivessem realmente com dúvidas sobre a correção de sua decisão conversassem com ele no privado. De fato, um participante que o criticava fez como sugerido e, depois de conversar com ele, voltou ao grupo para se reposicionar em um meio termo – “realmente o que Roney disse tem sentido. É preciso que os interessados conversem com calma”.

O MC Beto, contudo, tomando como verdade o que não passava de uma das versões conflitantes, se referindo à batalha cuja exclusão da seletiva era sustentada por Roney, disse:

Se a batalha tá no padrão da nacional, com ranking, regras e júri, ela tem sim TODO O DIREITO DE ENTRAR NA SELETIVA 2019. E se alguém tentar impedir, faço uma denúncia formal ao Família de Rua! Já tava querendo fazer essa denúncia mesmo aos caras, o word relatando tudo já está pronto, faço só incluir mais esse problema de ‘escolha’ de batalhas pra seletiva...”

O representante da referida batalha então respondeu: “Por mim mano pode chegar neles que eu apoio. Vou chegar nos manos aqui também”. Um dos participantes do grupo pediu, então, que aquela conversa não fosse tratada em público. Sendo retrucado pelo MC Beto:

Precisa sim, a porra desse grupo não é da Batalha? Então quem cola e os MCs estão nesse grupo, se estão aqui, se precisa falar aqui sim esses assuntos. Acho errado não! Já falei, aqui é um grupo da Batalha do Vinho, aqui tem público, MCs e o organizador, aí por que não se deve falar aqui? Porque a gente vai falar no privado desse buceta, sendo que o que queremos é justamente uma abertura além da decisão final dele? O engraçado é que quando encontro com essa galera todo mundo vem reclamar: ‘à que não tá tendo batalha..’, ‘soubesse o que fulano fez?’ ‘A gente tem que fazer alguma coisa!’, ‘Não aguento mais fulano que só quer aparecer’. Mas na hora de botar a cara pra cobrar ficam pagando de desentendido e que não sabem de nada! Um cara sozinho consegue acabar com uma cena inteira, não consegue se apropriar como queria, ‘não gostei por eu não ter entrado na linha de frente da Batalha, vou punir, vou tirar a vaga da seletiva e mais, vou criar outra Batalha’.

A menção do MC Beto à criação de outra batalha aparenta referir-se à cena em Currais Novos. É preciso destacar, entretanto, a inadequação de conceber a Batalha do Gueto como produto da vontade particular de Roney. Constatei a ocorrência dessa batalha como fruto de uma iniciativa de dezenas de adeptos da cena, sobretudo, mulheres, e sua organização e estruturação, em alguma medida, ligadas a movimentos sociais e ao Partido dos Trabalhadores, bem como e tendo estabelecido legítimos acessos junto a instâncias público-estatais.

A fala do MC Beto, todavia, foi suficiente para abrir outra leva de comentários irônicos: “Roney Juiz”; “ele tá certo, se ele quer ser dono, então, ele tem que criar a batalha dele mesmo. É bom que o caixa dois é dele mesmo”, esse último com a concordância do MC Beto “pois é..”. Uma participante comentou que “os boys deviam se juntar e não rimar mais nessa bct. Tomar o que é de vocês por direito”. Ao que, entre concordâncias, outro respondeu, “oush, 1 cara contra todos os mc? Se for para se juntar e não rimar é melhor morgar ele do bagulho”. Aquela, então, retrucou, “como morga? Tudo no nome dele se pá. Agora morgando o pico e surgindo outro, dá certo”. Nesse momento, o MC Beto, encaminhou outro áudio em que diz:

Se a galera botasse a mão na consciência, (...) ‘eu vou parar de rimar’, vou dizer para galera, ‘vamos fazer uma greve de rima’ que ninguém vai batalhar no Vinho, porque aí se não tiver MC, ele não vai ter o showzinho dele para aparecer não, ele não vai ter o showzinho dele para captar recurso e botar no bolsinho não. Aí todo mundo tem medo, porque é ranqueado, ‘aí eu vou perder ponto’.

Para além da interferência nas esferas cultural e competitiva, acusa-se o organizador da Batalha, em razão da representante junto aos órgãos públicos, de atuar como se fosse seu proprietário, tendendo a usufruir particularmente as vantagens daí oriundas. Não demorou para que se articulassem formas de afastá-lo: por intervenção da Família de Rua, por uma “greve de MCs” ou mesmo pela criação de outra batalha na localidade. Nesse momento, um participante compartilhou áudio em que, aparentemente, Roney expunha sua versão acerca daquelas acusações. Infelizmente, quando acessei o grupo, o referido áudio já não estava disponível.

É provável que a reclamação tenha sido efetivamente feita, pois a Família de Rua designou outro integrante da cena, o organizador da Batalha da Chave, de Mossoró/RN, como seu interlocutor no Rio Grande do Norte. Assim, esse representante passou a ser o principal responsável pela organização da seletiva estadual. Na oportunidade, a Família de Rua também decidiu pela inclusão da batalha que havia sido considerada inapta a participar da seletiva. Roney, então, comunicou essa modificação, sem mencionar sua retirada da representação local.

O MC Beto, então, tratou de expor que Roney não era mais o interlocutor da Família de Rua e solicitou aos demais participantes do grupo que não mais se dirigissem a ele sobre assuntos relativos aos duelos regional e nacional, pois o novo interlocutor da Família de Rua, assim como os diversos representantes das batalhas no Estado, estavam em outro grupo recentemente criado – o da “Cooperativa de Batalhas de MCS”. Ele, então, concluiu:

O correto é a gente se organizar no outro grupo que é o grupo da Cooperativa das Batalhas (...) e vamos deixar bem claro que Roney não faz mais parte da organização do Nacional aqui no Rio Grande do Norte, ele, no máximo, ainda é, por enquanto, organizador do Vinho, por enquanto, bem por enquanto mesmo. No mais, vamos focar na construção coletiva e democrática.

Contraditoriamente, logo após a mensagem acima e antes que qualquer participante se manifestasse sobre sua proposta de uma gestão “democrática”, o MC Beto promoveu a exclusão de Roney do grupo da Batalha do Vinho. Nenhum participante do grupo, à exceção do MC Café, se posicionou contrário aquela expulsão sumária. No dia seguinte, horas antes de embarcar para Brasília, Roney fez uma postagem em sua página e a compartilhou no grupo da Batalha do Vinho no Facebook informando seu afastamento da organização:

Estou saindo da organização da Batalha do Vinho e de qualquer evento que eu já fiz parte. Acho que fiz meu dever durante esses anos e acredito que devo deixar outro prosseguir da melhor maneira possível. Espero que dê tudo certo e que a cultura siga crescendo mais e mais dentro do RN.

Diante de seu comunicado, muitas pessoas lamentaram a saída de Roney. Algumas perguntaram o porquê; outras pediam que ele reconsiderasse. Mas aquele era, realmente, o fim de uma época na Batalha do Vinho. Roney já não fazia parte da iniciativa que tão euforicamente me convidara para visitar em 2015, em que me recebera em 2016 e que, em boa parte juntos, vivemos em 2017. Diante desse desfecho, em algumas oportunidades, o perguntei se ele não centralizou muito as decisões na Batalha do Vinho. Sua resposta costuma se basear na afirmativa de que tentou algumas vezes ouvir e discutir as ações com as pessoas mais próximas, inclusive com o MC Beto; mas que todos querem dar palpites, todos têm opinião sobre como fazer as coisas; só que quando se divide as atribuições, as pessoas somem, não cumprem o combinado; então – conclui – se é para fazer tudo sozinho, não é necessário ouvir a opinião de todo mundo.

Inicialmente, procurei, com a imparcialidade possível, evidenciar o imaginário do meu jovem amigo. Um imaginário entremeado por valores de altruísmo e de competição sustentada num singular mérito pessoal. Ao longo dos meses que acompanhei a Batalha do Vinho, o que testemunhei foram esforços no sentido de conferir concretude a essa projeção ideal de si, a base fática, os elementos do real da própria história que Roney seguia a escrever e a acreditar.

Suas ações de abnegação, sua disposição para concretizar difíceis empreendimentos em benefício da Batalha do Vinho e de toda a cena local, bem como para, mesmo arriscando a própria segurança, ajudar os jovens daquele grupo não se deram como consequência do fato de ser ele alguma espécie de herói. Ao contrário, por prescrever para si e para todos essa imagem como seu destino, ele se via obrigado a fornecer atos com ela coerentes – por isso também seu receio de falas que contradigam, para outros e, sobretudo, para si, a história na qual acredita.

Não sendo oriundo de uma família abastada, capaz de sustentar sua dedicação integral àquela iniciativa – na qual não tinha dia ou horário em que um imprevisto não lhe reclamasse atuação –, eventual retribuição pecuniária que lhe ajudasse a se manter não seria desarrazoado.

Entretanto, é possível que, para alguns, não ter acesso a qualquer edital público seja melhor do que admitir que alguém que se dedica à cena, eventualmente, faça uso de parte desse recurso. Promovo tal avaliação de maneira hipotética, pois não registrei dados concretas, para além das suposições aqui narradas, sobre irregularidades praticadas por Roney – que havia se colocado no mercado informal, auferindo remuneração a partir da venda de eletroeletrônicos.

A abordagem desses fatos, pois, não pretende identificar os detentores da razão, inclusive por não possuir meios que me permitam conhecer as ações praticadas, os diversos desejos e intenções dos envolvidos. Entretanto, evidencia-se que o tratamento dispensado à Roney, o qual resultou em sua saída do grupo no Whatsapp e, logo, da organização da Batalha do Vinho, caracteriza aquilo o mencionado fenômeno do “linchamento virtual”

Segundo abordagem de Elaine Tânia Martins de Freitas²³⁴, tal conduta guarda relação com uma “cultura da humilhação ou do ódio” (Freitas, 2017, p.154). Nesse gênero, haveria as seguintes espécies: o “bullying virtual” ou “cyberbullying”, a “pornografia de vingança” ou “revenge porn”, o “discurso de ódio” e o “linchamento virtual”. Se, à primeira vista, percebe-se que o caso tratado não guarda relação com atos de pornografia, deve-se registrar que o “discurso de ódio”, e, em alguma medida, o “bullying virtual” partem de características identitárias da vítima – origem étnica, cor, nacionalidade, gênero, identidade sexual e mesmo aspectos físicos.

A sucessão dos acontecimentos nos demonstra que não era nenhuma dessas a razão dos ataques à Roney. Em que pese sua tendência à estruturação, de início não havia qualquer rejeição a apontar o seu não pertencimento à cena como um empecilho. Como ensina a Freitas (2017), o que move um “linchamento virtual” não é um modo de ser, mas uma ação ou um comportamento que é apreendido como errado, moralmente reprovável e, por isso, passa a ser denunciado por um grupo de indivíduos. Precisamente sobre a disseminação do uso da expressão nas redes online, a autora, indicando suas características essenciais, observa que “a mobilização de grande número para antagonizar a um só (indivíduo, grupo ou instituição) tem levado à mobilização da analogia com os linchamentos para definir essa situação” (Freitas, 2017, p.156).

De fato, a constância e o teor agressivo e jocoso das mensagens evidenciam que Roney era, sozinho e reiteradamente, confrontado por um conjunto de indivíduos. Na oportunidade em que uma jovem tentou interromper os ataques, ela foi repreendida com termos que superavam em agressividade aqueles mobilizados contra o próprio Roney. Nesse sentido, a misoginia do agressor foi instrumentalizada para assegurar a desproporcionalidade do diálogo, ou seja, para manter a submissão do indivíduo que, isolado, se encontrava sob o linchamento virtual.

²³⁴ FREITAS, Eliane Tânia. **Linchamentos Virtuais: ensaios sobre o desentendimento humano na internet**. Revista Antropolítica. N. 42 1º semestre de 2017. Niterói: UFF, 2017.

A motivação para tanto foram as condutas de Roney, sua forma de exercer a liderança da Batalha do Vinho e de capitalizar o reconhecimento angariado de maneira demasiadamente individual. Esse comportamento podia, ao menos no discurso com vistas ao seu linchamento, ser retratado como a sobreposição do interesse pessoal frente aos da coletividade constituída a partir da Batalha do Vinho. É a partir dessa relação conflituosa que surgem denúncias, insultos e mesmo a exposição da privacidade, como conclui ser o caso do áudio de Roney compartilhado.

Segundo Freitas (2017, p.156), “o que no linchamento, parece humilhar é o reconhecimento, por parte do sujeito, de sua submissão ao medo, decorrente das ameaças e dos efeitos sociais dos julgamentos negativos sobre ele, muitas vezes enunciados por pessoas em posições de grande prestígio na rede”. Um receio desse tipo explica por que Roney procurava estabelecer conversas privadas, evitando se expor no grupo, o que poderia resultar no aumento do denunciismo. No grupo, apesar de tantas agressões, ele costumava se manter calado.

No Facebook, ademais, diante de sua “renúncia”, muitas pessoas não entendiam o porquê da saída de Roney. Os pedidos de reconsideração pressupunham se tratar de uma decisão unilateral, de um mero ato de vontade. À princípio, muitas pessoas não imaginavam que Roney estivesse sendo retirado. Essa condição é essencial para o enquadramento do fato não apenas como um de linchamento moral, mas virtual. Assim como evidencia as assimetrias das várias redes estabelecidas em concreto. Ademais, como indica Freitas (2017, p.158), a noção de rede mundial de computadores não é uma constatação fática, mas uma elaboração que pouco se confirma; a suposta Rede é o espaço onde os indivíduos constroem efetivas e limitadas redes.

No Facebook, a rede eram todas as pessoas que conheciam Batalha do Vinho e a atuação de Roney à sua frente – e se eram todas essas pessoas ali presentes, muitas não detinha o mesmo nível de detalhamento que os membros do grupo no WhatsApp. Assim, estando diante de uma rede mais ampla, abarcando frequentadores esporádicos, não seria interesse trazer para o Facebook as complexas relações que tensionavam o grupo no WhatsApp.

Esses diferentes conjuntos de espectadores constituíam uma “determinada audiência particular” (Freitas, 2017, p.158). A possibilidade de ver expandido, por meio da “hiperconexão das redes” (Freitas, 2017, p.148), o denunciismo de uma audiência particular para outra é a causa fundante do medo nutrido na vítima da humilhação promovida pelo linchamento virtual.

Por mais bem fundamentadas que fossem suas explicações, Roney jamais conseguiria apresentá-las a todos os usuários das redes online que tiveram conhecimento das suspeitas levantadas. Isso em razão da noção mencionada por Freitas (2017, p.153) – e elaborada por Danah Boyd (2007) – de “audiências invisíveis”. No Facebook (e em medida menor também no WhatsApp), é impossível saber quem simplesmente viu as eventuais denúncias, nelas

acreditou, total ou parcialmente, e simplesmente seguiu, sua timeline e sua vida cotidiana, sem emitir qualquer opinião nos comentários ou reações do tipo “curtida”. Mesmo os que conferiram sua ciência, por meio de reações e/ou comentários, não necessariamente retornarão à publicação para conhecer as manifestações subsequentes – as quais podem refutar alegações feitas.

O grupo no Whatsapp, com cerca de duzentos participantes, tinha cerca de dez que ativamente realizavam o processo de linchamento virtual. A constância dos comentários, a desproporção do conjunto contra um único indivíduo, bem como a diversificação e a vagueza das alegações pareciam inviabilizar uma contraposição minimamente satisfatória. Mesmo aquele espaço reunindo os participantes mais próximos da Batalha do Vinho, é razoável supor a existência de um núcleo constituído por aqueles que “devem saber do que estão falando”. Assim, os demais tendiam a se manter inertes frente àquela disputa desigual de versões. Isso, por sua vez, fazendo com que o silêncio da maioria fosse compreendido com concordância, aumentando os efeitos da humilhação naquele espaço que, em certa medida, era público.

Ademais, à semelhança do que ocorre no Facebook, as configurações técnicas da rede e seu suporte material contribui para que nem todos os participantes tenham acesso aos diversos conteúdos publicados. Uma eventual manifestação da vítima das acusações logo é suplantada pelas incessantes publicações no grupo, seja de assuntos diversos, sejam as repetidas denúncias. Assim, é mais fácil alimentar a “audiência invisível” de suspeitas do que de esclarecimentos.

Para Roney, não era possível saber quais pessoas deixavam de lhe conferir confiança; não sendo possível tentar reverter suas opiniões. Para os demais participantes do grupo, por sua vez, não era possível saber até que ponto as denúncias tinham, ou não, procedência. Nesse caso, acrescia a possibilidade de, conforme Recuero (2013, *apud* Freitas, 2017, p.146), o descrédito do organizador recair sobre todo o grupo; a Batalha do Vinho ser vista como uma manifestação efetivamente apropriada pelo poder público, por seus agentes e os escusos interesses desses.

Possivelmente, a preferência de muitos pelo silêncio se deve a essa razão, visando não comprometer suas respectivas imagens ou a reputação da própria iniciativa coletiva. Ademais, era de se supor que, se alguns participantes pleiteavam a saída do atual organizador, eles estariam dispostos a dar continuidade em seu lugar. Assim, a opção de deixar as coisas seguirem, pacificando o cenário com a substituição de um organizador por outro, se mostrava convidativa.

Considerando que o processo do “linchamento virtual” possui três etapas – denúncia, julgamento e punição – pode-se concluir que as denúncias contra Roney foram processadas ao longo de vários meses; que seu julgamento se concretizou, mediante a intervenção, estruturalmente legitimada, da Família de Rua; e que, por fim, a punição veio com a exclusão

da condição de interlocutor do Duelo Nacional, com a exclusão do grupo da Batalha do Vinho no Whatsapp e, em seguida, com o seu afastamento definitivo da própria organização do evento.

É, de fato, curioso que, embora muitas das acusações contra a organização da Batalha do Vinho gire em torno de sua estruturação, o meio encontrado para destituí-la evidencie tão fortemente esse processo. Lançou-se mão de um pedido escrito e formal para que uma instância externa à cena local intervisse – recorreu-se à Família de Rua como se recorre a uma instância hierárquica; a organizadora do Duelo Nacional de MCs agiu como uma matriz que intervém em sua filial. A legitimidade conferida por essa autoridade exógena foi condição indispensável para o enfraquecimento do papel de Roney e seu consequente afastamento da Batalha do Vinho.

Diferentemente do discurso de ódio, a prática do “linchamento virtual” prevê o perdão daquele que é repreendido. Assim, desde que corrigido o ato coagido, a culpa estará expiada e o infrator poderá ser reincorporado ao grupo. O linchamento virtual, portanto, seria uma espécie de reprovação que visa a estimular a mudança do comportamento – não muito diferente do que a repreensão de um padrinho que vê o jovem sob sua tutela seguir por caminhos indesejados.

É nesse sentido, considerando a finalidade dos linchamentos, que se entenda o móvel das críticas à Roney; como evidencia o próprio MC Beto – “Porque a gente vai falar no privado desse buceta, sendo que o que queremos é justamente uma abertura além da decisão final dele?”.

Embora não tenha aceito essa forma de negociação, em algumas oportunidades Roney ofertara a condição de organizador da Batalha do Vinho, estando, pois, disposto a se afastar. Naquele momento, entretanto, diante do não compartilhamento da posição de destaque, uma transição amigável, significaria frustrar o linchamento moral já em curso entre o virtual e o offline. Essa via pacífica descartaria a etapa final do referido processo; era preciso a punição.

5.6 A CENA FINAL.

Um dia após sua publicação no Facebook, Roney chegou a Brasília/DF. Ao recebê-lo, percebi sua tristeza com aquela situação. A maior parte do tempo, ele passava no WhatsApp, conversando com conhecidos que comentavam a sua decisão e com os participantes da Batalha do Gueto que lhes pediam alguma opinião. Ele ficou especialmente satisfeito com a mensagem do B-boy Kammal que ressaltava sua contribuição para o hip-hop e para os jovens da Zona Norte. Ao ouvir seu conteúdo, lida para mim, memorizei o comentário de que ninguém poderia apagar tudo que Roney fizera, que ele seria sempre o “Roney da Batalha do Vinho”.

Ao se aproximar o final de semana, Roney parecia retomar o ânimo. No domingo, ele estaria presente na Batalha do Museu, realizada ao lado do Museu Nacional – um dos monumentos referenciais da Capital, situado entre a Esplanada dos Ministérios, a Rodoviária de Brasília e a Praça dos Três Poderes – e uma das batalhas de maior repercussão nas redes sociais.

Já na sexta-feira, Roney colocara em prática sua exitosa forma de construção da aparência e da realidade. Ele passou a anunciar em suas redes que realizaria um sonho, que apresentaria a Batalha do Museu, a mim ele disse que já tinha conversado com um dos MC locais. No domingo, contudo, ao chegarmos ao local da Batalha, o mencionado MC não estava presente. Ao longo da tarde, enquanto assistíamos aos duelos, Roney conversou por alguns minutos um dos mais reconhecidos MCs do Museu de quem ele se declarava fã – o MC Zen.

Durante a semana, quando eu esperava alguma frustração por não ter conseguido apresentar a Batalha que tanto desejava, Roney simplesmente intensificou os seus comunicados. O tom de sua afirmativa, ao não deixar margens para ser compreendida como um desejo, era de certeza. Quem quer que lesse sua publicação, não duvidaria de que tudo estava certo – a impressão seria de que ele estava em Brasília à convite de algum organizador local. E Roney sabia que aquela seria sua última oportunidade, pois viajaria dias depois, de volta à Natal.

No domingo, entre o Museu e a Biblioteca Nacional, alguns imprevistos pareciam ajudar. Naquela tarde de abril, chovia em Brasília e, no mesmo horário, era televisionado um importante jogo de futebol – a final do carioca entre Flamengo e Vasco (as maiores preferências local). Considero que esses eventos contribuíram a ausência de um grande número presentes.

Prestes a começar os duelos, um dos jovens responsáveis pela organização – o qual iria apresentá-los – perguntou quem gostaria de ser jurado das disputas – aparentemente, dentre os frequentadores que desempenhavam a função, apenas um estava ali, no momento. Roney, muito embora não exercesse esse papel na cena potiguar, rapidamente levantou o braço.

O apresentador alertou aquele desconhecido sobre a responsabilidade da atribuição. Ao que Roney respondeu, em tom de obviedade e estranhando seu desconhecimento: “Eu sou o organizador da Batalha do Vinho!”. A convicção de Roney ou a falta de opção do apresentador local assegurou a condição de jurado dos duelos que se seguirão por horas, noite à dentro.

À certa altura, num intervalo dos duelos, as disputas foram interrompidas e a palavra disponibilizada para aqueles que quisessem recitar algum poema, declamar seus versos. Nesse momento, Roney se aproximou para conversar com o apresentador. Após os primeiros presentes declamarem algumas rimas, o apresentador passou a vez para Roney; sinalizando para que subisse no banco de concreto em que os demais jovens se apresentaram. Roney, então, esclareceu que seu pedido era para apresentar a disputa, mas disse que, já que estava ali, iria recitar um poema.

Sobre aquele banco, Roney falou da alegria de estar ali, de como admirou por anos, pelas redes sociais, a Batalha do Museu e que, por ser de longe, do Nordeste, pensou que jamais a conheceria presencialmente, mas que finalmente havia chegado o dia de realizar aquele objetivo. Roney, então, recitou a letra da música “Carta ao Presidente” que escrevera.

Ao final, sob aplausos, ele reforçou o pedido para apresentar uma batalha. Naquela circunstância, era óbvio que o seu pedido seria aceito. Evidente também era que ele não se contentaria em apresentar apenas uma disputa. Após a primeira, outras vieram. Ele parecia acelerar a transição para que pudesse apresentar o duelo seguinte. Apenas nas semifinais, o apresentador, vendo que não receberia espontaneamente a palavra, reclamou o seu lugar.

Durante o restante das batalhas e após elas, Roney não conseguia conter a euforia. Ao meu lado, gesticulava e gritava de felicidade – não sei se apenas por estar ali, por ter vivido aquele momento ou, em alguma medida, por imaginar a repercussão daquele feito na comunidade da Batalha do Vinho, principalmente por seus críticos. Parte dos registros que eu fiz, em vídeos e fotos, naquela noite logo seria publicada em suas redes sociais online.

Nas publicações que fez ainda naquele domingo, Roney não evidenciava a empolgação que eu presenciara. Na postagem para os “amigos” e “seguidores”, ele se dizia feliz e agradecido aos novos conhecidos. Contudo, apresentava um tom sóbrio. Ele falava não como alguém que obtivera uma incerta conquista, mas como alguém que cumprira um protocolar compromisso.

Roney utilizava suas redes também para, habilmente, estender seus relacionamentos. Ao redigir a legenda que acompanhava as fotos publicadas, o MC que tinha como referência – com quem conversou por alguns minutos e tirou algumas fotos – era, “um irmão” para ele.

Para quem lesse suas postagens, Roney não apenas teria tido sorte, mas seria alguém conhecido e considerado, talvez influente. Todavia, ele não era nenhuma coisa, nem outra. Não poderia ser sorte se ele já avisara, semanas antes, que apresentaria os duelos da Batalha do Museu. O fato é que aquele era o mesmo Roney que nunca perde uma oportunidade; o Roney que construiu uma mentira boa para o Diomedes Chinaski e que, só tendo um minuto com o Fábio Brazza, colocou o rapper em situação em que ele não poderia lhe dizer não.

Naquela oportunidade, Roney dava prosseguimento a essa habilidosa construção da aparência e da realidade. De tal sorte, ele evidenciava para os seus seguidores a existência de uma forte relação sua com os participantes da Batalha do Museu, ao tempo em que, por meio dos elogios aos MCs que tanto admirava, propunha essa relação com maior intimidade.

Contudo, nem todos os leitores do texto que Roney construía pareciam interessados em compartilhá-lo. Tão logo suas fotos começaram a repercutir nas redes sociais, as reações negativas também surgiram. Ao acordar aleatoriamente durante a madrugada, abri o Facebook

no celular e constatei comentário, em uma de suas fotos, que dizia: “É tão covarde que apaga os comentários realistas. Seboso. Roubando a cultura para luxar e ainda que sair por certo”. Um segundo usuário, em concordância, respondeu ao primeiro: “Eu te amo galado, kkkkk”.

Como de hábito ao longo da pesquisa, eu printei aquelas mensagens. Nesse caso, havia ainda o alerta de que os comentários poderiam ser apagados. Ao amanhecer, de fato, eles já não existiam, haviam sido apagados. Perguntado o porquê, Roney disse que “esse boy não sabe nem do que tá falando, alguém inventa um negócio e eles saem repetindo”; disse que nem conhecia aquela que o acusava e que, portanto, não havia por que manter as acusações, pois “se o boy quisesse saber das coisas mesmo, perguntaria, conversaria com ele, não saia acusando assim”.

Se, por um lado, Roney não queria ser visto como alguém que se beneficiava ilicitamente da cultura hip-hop e da Batalha do Vinho, por outro, ele não se abstinha de expor suas “conquistas”. No segundo domingo que fomos à Batalha do Museu, quando estávamos para sair de casa, após ter trocado de roupa, ter posto sua calça larga, sua camisa de futebol americano e o tênis que considerava apropriado, Roney me pediu para que tirasse uma foto sua.

Poucos dias depois, quando Roney já havia voltado a Natal, vi sua publicação com a foto que eu havia tirado. Junto a ela, ele citava uma letra do rapper MC Orochi: “Vão me chamar de playboy, pra não dizer que eu venci”. Embora se encontrasse sem emprego fixo, há cerca de um ano tivesse começado a vender acessórios eletrônicos, e não quisesse ter questionamentos sobre o encaminhamento dado às verbas públicas a que poderia ter acesso, Roney não deixava de evidenciar os feitos alcançados, de divulgar, da melhor maneira possível, a sua competência.

A partir dali, todo o processo ocorrido no grupo da Batalha do Vinho no WhatsApp – e provavelmente em outros grupos – foi retomado e intensificado, inclusive no Facebook, com a acusação de que Roney tinha ido à Brasília com o dinheiro que desviara da cultura hip-hop.

No segundo semestre daquele ano, Roney me disse que, mesmo tendo saído da organização da Batalha do Vinho, as acusações contra ele continuava em diversos grupos. Disse que, em uma dessas oportunidades, sua então companheira explicou que ele não havia gasto nada com a viagem, que um amigo havia o convidado. Ele publicamente, entretanto, não procurou esclarecer esses detalhes ainda que isso lhe servisse como defesa. Se reduzir a construção ideal de sua aparência era o preço para interromper os ataques de seus “haters”, ele não parecia disposto a pagá-lo. Talvez, por supor que é exatamente a desconstrução de sua imagem que eles queriam, por desconfiar que é a sua representação – e os elementos do real que ele consegue produzir e ofertar aos seus leitores – que tanto incomodava os seus concorrentes.

Nos primeiros dias após seu retorno à Natal, Roney e eu nos falamos com alguma frequência. Ele havia pego o contato de alguns participantes da Batalha do Museu e estava pensando em organizar, com o apoio da Secretaria de Cultura de Natal, um evento que reunisse na cidade os últimos campeões do Duelo Nacional de MCs. Uma iniciativa como essa, sem dúvida, colocaria a capital potiguar em uma posição de relevância e centralidade na cena dos duelos de rimas no país. Aquilo seria uma forma de superar o processo de “linchamento virtual”.

A vida cotidiana e off-line de Roney demonstrava seguir bastante intrincada com as redes sociais online. Vivenciando o Facebook desde os seus primeiros anos, ele tinha nessa rede um instrumento de manifestação de si e de seus projetos. Se, por um lado, o Facebook constitui espaço do realismo identitário (Ramos²³⁵), Roney conseguia conferir-lhe utilidade divergente e experimental. Isso não sob logins, nicknames ou avatares destoantes de sua identidade civil, mas a partir de uma elaboração mais consciente das experiências idílicas vivenciadas na infância e na adolescência. Provavelmente, por entender não satisfeitas as suas necessidades materiais, ele não privilegia espaços de experimentação ou de divergência identitária, mas se habitou a valer-se de espaços de convergência para potencializar seu desempenho na convivência com a escassez (Santos, 2015) – uma utilidade que, apesar de suas particularidades, pode ser contestada, pelos haters, mediante a categoria comumente resultante dessa presença, o fake (Ramos, 2015).

A Batalha do Vinho, assim como Roney, também necessitava seguir seu caminho. No dia em que Roney foi excluído do grupo no WhatsApp, a exceção do MC Café, ninguém questionou a sua remoção. As conversas prosseguiram normalmente. O interesse de todos parecia ser o novo procedimento de realização das seletivas, visando sempre o Duelo Nacional.

Apenas após o anúncio de Roney, realizado no dia seguinte, alguma preocupação com a continuidade da Batalha do Vinho surgiu. À pergunta do MC Café sobre quem cuidaria de tudo a partir de então, foi respondido “O hip-hop”. A conversa, então, assim prosseguiu:

- MC Café: Como assim mano?
- Participante: Tipo... O vinho não vai morrer, e acredito que agora não ficará centralizado tudo em uma pessoa.
- MC Café: Ai a batalha volta quando mermo?
- MC Café: Quem é os "Organizadores " da Batalha agora?
- Participante: Foi isso que eu quis dizer mano. É cedo pra saber isso. Mas um jeito vai ser dado...
- MC Café: Cedo?
- MC Café: A batalha não é pra ter vários organizadores não pow. É pra ter só um, aí cabe das pessoas ajudar com a organização.

²³⁵ RAMOS, Jair de Souza. **Subjetivação e Poder no Ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais.** Vivência: revista de antropologia. N.45 (jan/jun de 2015). Natal: UFRN, 2015. P. 57-75.

O MC Beto interveio trazendo uma resposta mais concreta: “A Cooperativa das Batalhas”! Contudo, como ficaria a organização da Batalha do Vinho dali para a frente não foi explicado. Agora, todos aqueles que insistiam diariamente para que o evento retornasse o mais rápido possível e acusavam Roney de estar “morgando” a cena pareciam concordar que ainda era “cedo demais” para saber como a Batalha iria ficar – era preciso esperar o hip-hop agir. O participante que deu a referida resposta – e todos que em alguma medida concordaram com ele – comportou-se, exemplarmente, à espécie de um Gonzalo de Shakespeare contemporâneo, alguém que, em razão da excessiva inocência quanto às necessidades reais de estruturação, continua a acreditar na possibilidade de uma *communitas* espontânea permanente.

Na primeira semana após o ocorrido, o MC Doggie convocou a galera a comparecer no Ginásio Nélío Dias. Naquele sábado, alguns MCs compareceram para rimar e a Batalha foi considerada realizada. Contudo, alguns participantes do grupo demonstravam interesse no retorno ao Jesiel Figueiredo. A incerteza quanto ao local de realização, dava a impressão de que poucos frequentadores compareceriam aos duelos. Especialmente a possibilidade de ele ser realizado na rua, do lado de fora, sob as marquises do ginásio Nélío Dias, parecia desencorajar alguns. Isso terminava por gerar insegurança também quanto a viabilidade de haver os duelos. Era uma espécie de círculo vicioso, onde a incerteza e a insatisfação quanto ao lugar de realização da Batalha alimentava a incerteza quanto a própria existência do encontro semanal.

Assim, após alguns dias, as perguntas não era mais onde seria a Batalha, mas se teria batalha naquela semana. Diante desse quadro, o MC Café retomou o assunto da organização:

- MC Café: Essa batalha Ta um Cú.
- Participante: Até batalha do passinho tá tendo no Nélío...
- MC Café: Né isso, aí agente pergunta pra quem se não tem organizador?

Nesse momento, o MC Bolla, que mesmo distante continuava no grupo, entrou na conversa, ressaltando a importância do Duelo Nacional e o esforço já feito na Batalha do Vinho:

- MC Bolla: Trágico. A batalha tá respirando por aparelhos kk
- MC Café: Pois é mano Bolla.
- MC Bolla: Enquanto isso as pré-seletivas pro nacional já tão rolando. No Maranhão começa essa semana.
- MC Café: Mermão, agora eu fico injuriado pq os caras falam, falam, falam e não fazem porra nenhuma.
- MC Bolla: Esse ano tá mais fácil ainda em.. o grupo de vocês tá suavão: e não tem o Ceará. Tão quase dando a vaga pra Natal de mão beijada .. e mesmo assim vocês não vão por causa de briga de ego. Isso sim é lamentável!

O MC Bolla, então, encaminhou algumas fotos antigas, registros dos “bons momentos” da Batalha do Vinho – do Jesiel Figueiredo cheio e de muitos dos participantes abraçados, felizes – e indagou: “É sério que vocês vão deixar isso acabar de vez?!” A pergunta de Bolla ficou sem resposta. Talvez fosse cedo ainda para dizer. Um dos participantes sugeriu: “tá achando ruim, venha pra cá para salvar”. Bolla, então, disse: “Se eu for eu salvo mesmo. Um celular para por no Youtube, um caixinha de mão e a viadagem reunida. O resto é resto”.

Seguiu-se um momento de nostalgia, membros do grupo postando vídeos e comentando qual teria sido seu momento preferido na Batalha do Vinho. Um participante então pediu “Bolla San, expresse sua opinião com relação a tudo que está acontecendo nos dias atuais da Batalha do vinho de forma clara e objetiva”. O MC Bolla então respondeu:

Mano... kkk o melhor resumo e esse aqui. VOCES TEM TUDO, E NAO TAO FAZENDO NADA: Tão com visibilidade; Tão com 9 mil inscritos no canal; Tão com uma página top; Tão com reconhecimento Brasil a fora; Tão com vaga pro nacional; Tão com equipamento; Tão com tudo. O que falta eu não sei... Uma roda de Free que vocês fizerem e jogar no YouTube já dá Ibope; Uma batalha de zoeira já dá ibope... Qualquer merda... Se pegar slun Chin x um viado viraliza; Um vinho News, Seila, qualquer porra... Só alimentar o canal e a página já é alguma coisa... Oooo quer bossar bossando? Faz um vídeo desafiando a batalha do vinho daki (São Paulo)²³⁶, cria uma treta, Seila... O povo gosta de ver o caos 😊, Roney x MC Beto. Mas tem que criar e alimentar ela. O segredo tá na Net, em vídeos, vídeos... foquem nisso! A aldeia²³⁷ só é aldeia por causa dos vídeos.

Naqueles últimos dias de abril, o assunto voltou a ser o futuro da Batalha do Vinho. Alguns procuravam emular o comparecimento ao Ginásio Nélio Dias, outros continuavam a perguntar quando se daria o retorno ao Jesiel Figueiredo. O MC Beto, por sua vez, difundia a recém criada Cooperativa de Batalhas de MCs, com publicações como a seguinte:

²³⁶ Canal da Batalha do Vinho – Zona Leste (cerca de 2,2 mil inscritos), realizada na capital paulista. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC5l3aoInPwcVqdUq56GZygv/videos?view=0&sort=p&flow=grid>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²³⁷ Canal da Batalha da Aldeia (cerca de 2,5 milhões de inscritos). Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC12bjJeaHZy2AUBvPHJU3Ug>. Acesso em 30 de janeiro de 2020.



COOPERATIVA DAS BATALHAS RN on Instagram: "Quem somos: Nós somos a Cooperativa Das Batalhas do RN. A CDB é uma organização ampla onde nossos componentes são os

www.instagram.com

Quem somos:

Nós somos a Cooperativa Das Batalhas do RN.
A CDB é uma organização ampla onde nossos componentes são os representantes das organizações de cada batalha do RN, entre elas as batalhas de; Mossoró, Currais Novos, Assú, Pipa, Extremoz & Natal.

Nossa criação:

A Cooperativa Das Batalhas foi criada apartir da insatisfação da forma de distribuição das vagas na seletiva e uma ampla organização do cenário de batalhas do RN, então criamos um grupo a partir do antigo "Cúpula Das Batalhas" com vários organizadores, convidamos o restante das batalhas para participar da constituição desse novo formato de seletiva.

Nossos Princípios:

A Cooperativa Das Batalhas tem como princípios de Descentralização e Horizontalidade, que seguinifica; a igualdade nas decisões, onde todos os integrantes tem o mesmo poder de opinião e decisão, não existe um líder, mas sim todos trabalham em conjunto, como um organismo onde cada célula tem sua função e se somam ao corpo humano em movimento.
Isso é o Hip-hop, cada um exercendo sua função para um crescimento mais justo e igualitário do movimento!

O HIP-HOP SALVA VIDAS!
<https://www.instagram.com/p/BwqRZFzFx2H/?>

Publicação no grupo da Batalha do Vinho no Whatsapp informa a criação da Cooperativa de MCs do RN.



COOPERATIVA DAS BATALHAS RN on Instagram: "O MC Nigro se torna o campeão da primeira Pré Seletiva de 2019!! Nessa noite de quarta-feira o mc Nigro garantiu sua vaga na seletiva..."

www.instagram.com

O MC Nigro se torna o campeão da primeira Pré Seletiva de 2019!! Nessa noite de quarta-feira o mc Nigro garantiu sua vaga na seletiva estadual 2019 Depois de uma final calorosa com o mc Kennedy na #BatalhaDa_69, essa primeira Pré Seletiva deixou o público e mcs com gostinho de SANGUE.
E @familia_de_rua, essa prévia deixou claro que os MCS não estão de brincadeira!

Núcleo De Midia da CDB:
@kali.prod
@empeso084
@coletivo_quinto_elemento

#Seletiva2019
#CooperativaDasBatalhasRN

Obs: MC Nigro é esse garoto sorridente de camisa estampada...
https://www.instagram.com/p/Bw_M6puH24E/?igshid=1tta9xeim5qri

01:56

Publicação informa a primeira batalha com pontuação para a seletiva realizada pela Cooperativa de MCs.

Apesar da fala do MC Bolla e da nostalgia de alguns participantes, a incerteza quanto à realização da Batalha do Vinho continuou. As tardes e noites de sextas-feiras e até o meio-dia dos sábados eram momentos em que os participantes se incentivavam a se encontrar na frente do ginásio Nélcio Dias. Em alguns sábados, os encontros eram marcados. Às vezes, o número de presentes era suficiente para fazer os duelos acontecerem; em outras vezes, não.

A realidade foi, de fato, sentida quando de mais uma postagem no grupo do Whatsapp. Tratava-se do anúncio de outra batalha. Havia o nome, o dia e o horário desse encontro. E aí estava a razão para a surpresa. A Batalha do C4²³⁸, realizada no Carrefour da Zona Sul, indicava como seu dia e horário de realização as tardes-noites de sábado – espaço, até então, ocupado pela Batalha do Vinho no calendário semanal dos duelos em Natal. Naquele momento, um sentimento de iminente fim parece ter se abatido sobre os membros do grupo:



Publicação informa a realização de outra batalha de MCs no mesmo horário e dia da Batalha do Vinho.

- Membro: “Roubaram a cena do Vinho kkkk. Como sempre, a cena é pra quem faz acontecer.

- MC Café: Verdade mano. Na verdade ngm ta fazendo nada pela batalha do vinho não. Tão deixando um bagui que tem ja uns 6 anos morre tlgd.

- Membro: Pois é! Vi tanto nego aí, há uns meses atrás dizendo que ia botar quente se um alguém tirasse as cara do movimento. Mas e aí? Cadê?

- Muita gente, eu inclusive, não tratava a Batalha do Vinho como um qlqr rolê de sábado. Era um canto de ver a cultura acontecer real, de ver um espaço cabendo 100/200 pessoas pra ver 16 Mc's cantando. E hoje? Porra nenhuma! Só mais um impulso, que foi levado ao lado pessoal que resultou nisso. "Batalha underground e os carai" Hoje nem tem!

Diante das reclamações quanto à falta de atuação daqueles que contribuíram para a saída de Roney da organização da Batalha do Vinho, algumas falas foram feitas em defesa da recém-criada “Cooperativa de MCs”. Uma integrante da iniciativa ponderou: “Vocês precisam estar de dentro pra ver o corre (da Cooperativa). Boe, quer um conselho? converse com a Cooperativa antes de ficar reclamando. Sério mesmo, manda uma mensagem e tals”.

²³⁸ Canal no Youtube da Batalha do C4, realizada na zona sul de Natal. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCri_cXybNU5e_abbZh8cRWg. Acesso em 30 de janeiro de 2020.

Antes, Roney era diariamente levado a se defender, seus críticos ridicularizavam sua tentativa de estabelecer um diálogo proporcional ao solicitar que as conversas fossem feitas em privado. Contudo, muitos dos que o criticavam por essa razão, agora, pediam compreensão, que se mandasse uma mensagem e que conversasse antes (de criticar) com a Cooperativa. O Membro do diálogo acima continuou a expor seu posicionamento, recordou o caso de agressão e violência realizada por policiais ao longo dos últimos anos da Batalha do Vinho:

- Membro 1: Estar dentro mesmo, estava a galera real... quando os PMs (*agressor1*) e (*agressor2*) chegavam aloprando tudo lá. Metade dessa galera que tá aí hoje, nem ia colar se isso rolasse. Primeiro porque mamãe e papai não iam deixar, e segundo porque dar a cara por roda de rima... SÃO PARA POUCOS, SOMENTE PARA OS VERDADEIROS.

- Membro 2: bons tempos quando a quadra era massa, tinha uns eventos massa na árvore, bons tempos dos desafios vs (*versus*) os caras de fora”.

- Integrante da Cooperativa: tá bom, tá bom... cada um com sua mentalidade.

- Membro2: Mentalidade não, fia! Isso é obrigatório ter desde os 9 pra sobreviver cada veneno. É questão de realidade mesmo! Você tem ideia do que ver 200/300 pessoas de todas as zonas de Natal, pessoas de outras cidades colando na ZN fazendo o bglh virar e hoje tá isso... Num é organização que faz rolar não, é os de dentro. Boa sorte pra vocês!!! Pelo menos eu sei que vivi nos bons tempos de batalha do vinho.

A discussão cessou naquela dia. A próxima informação que tive sobre os caminhos da Batalha do Vinho foi a publicação, em 18 de junho de 2019, do informativo a seguir:

Informativo Vinho Family!

Na manhã dessa terça, parte da Coordenação da Batalha do Vinho esteve participando da primeira fase da oficina de formação em produção cultural, onde essa oficina está sendo executada pela Funcart/Capitania Das Artes. Onde o intuito dessas oficinas oferecidas para nossa Coordenação é de termos um maior entendimento enquanto a produção de um evento, assim como o empoderamento da nossa responsabilidade para com a Batalha, o público, o poder público e a população ao redor da praça Jesiel Figueiredo. Ao término dessa oficina que será encerrada na próxima terça, estaremos montando o cronograma de utilização da praça e de toda estrutura que temos direito para nossa Batalha!

Em breve sai o calendário da programação além da Batalha com palestras, oficinas e muito mais... Qualquer novidade estaremos repassando aqui!

Novamente, o que era criticado na gestão da Batalha do Vinho parecia ser reificado em sua nova fase. O vínculo com o poder público, a realização do evento no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo – o que, por sua vez, conduzia à observância de regras impostas em respeito

ao poder público e à população ao redor —, estava mantido. Outras providências firmadas em parceria com a Secretaria Municipal e tendente à estruturação da Batalha, como palestras e oficinas para ensinar tecnicamente as vertentes do hip-hop, eram endossadas. De fato, essas ações, antes concretizadas, agora estavam sendo apresentadas como metas a serem alcançadas.

Findo a primeira metade do ano, a realização da Batalha do Vinho no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo — criticada em razão da previsão de ocorrer na segunda quinzena de abril —, agora, tornava-se uma conquista prevista para o segundo semestre. Os participantes dispostos a se reunir na rua eram poucos; muitos não queriam assistir os duelos sem qualquer conforto e sob os riscos conhecidos. A manutenção da parceira tão criticada parecia algo inevitável.

A etapa da Batalha do Vinho que classificaria um MC para a disputa da seletiva estadual estava prevista para penúltima semana de junho. Dois anos antes, a Batalha do Vinho realizou a própria seletiva estadual, de maneira que, para concorrer a vaga na disputa regional, era preciso que o MC comparecesse aos seus encontros. Em 2018, com o procedimento de confrontos entre a Batalha do Vinho e as outras batalhas da cidade, a metade das vagas na seletiva estadual era decidida na Batalha do Vinho e a outra metade distribuída entre as demais batalhas. Em 2019, contudo, a Batalha do Vinho não tinha qualquer prioridade sobre as demais. Ela deveria realizar sua seletiva para indicar um MC que participaria da grande seletiva estadual.

A etapa foi assim anunciada no grupo, pelos novos responsáveis por sua organização:



Publicação informa a realização de sua Pré-Seleção para a etapa estadual e regional do Duelo Nacional.

“Próximo sábado será a pré-seletiva do vinho!! Infelizmente a estrutura vai ser mínima, vai ser as 18h na marquise do Nélio Dias. Só poderemos usar o Jesiel a partir da segunda semana de julho!”

MC Café: Caralho, bom demais ler isso...

MC1: Isso daí não é problema. A seletiva pode ser só na caixinha, a questão é animação da plateia. Pra isso acontecer tem que chamar geral pra colar!

MC2: Alguém já fez a arte? Se alguém tiver manda aqui no grupo, que a gente divulga.

MC1: Bora, dale na divulgação (Então, foi publicada a imagem ao lado feita a partir de modelo fornecido pela Família de Rua para todas as batalhas do país).

Cinco dias depois, contudo, sem que nenhum novo comentário houvesse sido proferido sobre a realização da pré-seletiva, ficou claro que o evento não tinha ocorrido como planejado. Isso porque o MC Café informou que a seletiva havia ficado prevista para o sábado seguinte. Passado mais um final de semana, a pré-seletiva voltou a ser o tema das conversas no grupo:

- Membro1: Quem ganhou a seletiva do Vinho ontem?
- Membro2: Nem rolou.
- Membro3: Pq?
- Membro4: Caralho, não ter seletiva?
- MC Beto: Não tinha MC's, nem público.
- Membro3: É isso...
- Membro5: Vixe, tá embaçada a Batalha...
- Membro2: Pdc (pode crer).
- Membro1: Muito triste isso.
- Membro6: Porra!



O “Membro5” acima, então, publicou um *print* de um *story* no *Instagram* de outra Batalha que acontece em Natal (imagem ao lado). Na publicação, listava-se, como sugestão para os interessados nos duelos de rimas, as batalhas que ocorrem na capital potiguar. Simplesmente, a Batalha do Vinho não estava inclusa. De proclamada a maior batalha de MCs do Norte e Nordeste e, sem discordância, de maior Batalha de MCs do RN, a Batalha do Vinho simplesmente não existia mais – “Batalha do Vinho nem existe mais para uma galera”, considerou o autor da compartilhamento.

Para o MC Doggie, “sempre foi a vontade excluir a ZN. Aí agora os MCs da vez estão deixando. Aí fode tudo!”. Diante desse cenário, de três meses após as mudanças ocorridas, o MC Beto publicou a seguinte declaração:

Tá na hora da galera que se diz hip-hop assumirem as suas responsabilidades no que se trata do movimento. Então eu estarei dando um *time* nas articulações e organizações da Cooperativa Das Batalhas do RN! #Recesso.

A reação de alguns membros do grupo a essa atitude pode ser sintetizada no comentário de uma participante: “Oxe, agora eu vi o poste mijar no cachorro e a merda enterrar o gato. Nera o bichão.. acho graça tanto peido pra pouca merda. Tanta questão de organizar e já correu”.

O mês de julho também chegou ao seu fim e pouca coisa mudou para a Batalha do Vinho. Após algumas semanas sem duelos, um encontro foi marcado no Nélcio Dias. No grupo do WhatsApp, relatos corriqueiros: alguma abordagem brusca da Polícia, a convocação para uma mobilização que estava sendo organizada por estudantes universitários; às vezes, alguma publicação tratava sobre duelos de MCs e sobre a Batalha do Vinho, mas era cada vez menos:

- Membro5: Batalha já volta pra praça hj?
- Membro7: Tem Batalha hoje?
- MC Café: Tem sim.
- Membro7: De boaa.
- Membro8: Acho q eu vou.
- Membro5: É no Jesiel?
- MC Café: Não.
- Membro9: Esse povo só vai ser for no Jesiel é, porra é...
- MC Café: Eis a questão, Kk
- Membro5: É o certo... Mané batalha do vinho. O negócio é só ir quando for só no Jesiel, e gritar volta Roney. Essa batalha está uma pouca.
- Membro9: No Jesiel era massa, mas morgar o bagulho por causa disso é embaçado...
- Membro5: O negócio é que as batalhas na ZN já estão morgadas faz tempo.
- Membro9: Também, tem batalha todo dia kkkkk
- Membro5: Nem MC dá, imagina público.

A parte final do diálogo sugere que as mudanças ocorridas, embora possam ter sido antecipadas pelas razões aqui mencionadas, se dariam de toda forma. Isso porque é condição das cenas a sua conversão em atividades produtivas e comerciais estáveis, é das expressões culturais e suas práticas ceder frente aos esforços de apreensão, assim como é dos indivíduos “amadurecer” conforme as fases da vida (Groppo, 2000), buscando algum enquadramento laboral e adequando sua masculinidade às formas hegemônicas ou hegemônicas vigentes.

O grupo no WhatsApp tem uma relação metonímica com a própria Batalha do Vinho. Inicialmente, o fluxo de entrada era por demais intenso. É certo que havia saídas, mas sempre resultava um saldo positivo. Citei a dificuldade que foi para o meu ingresso, apenas possibilitado pelo aumento da quantidade de membros no aplicativo. Ao longo de 2019, entretanto, o fluxo de mensagens trocadas no WhatsApp caiu vertiginosamente. Após semanas e semanas sem abrir o grupo, vejo que o número de mensagens não ultrapassa uma ou duas centenas. Diversos meses somados produzem menos mensagens do que uma semana qualquer nos anos anteriores – a intensa vivência on-line do grupo parece não resistir ao fim da sociabilidade fora das redes.

Assim como se deu com o quantitativo de conteúdo veiculado, o número de membros no grupo experienciou intenso decréscimo. Ao passo que cada desentendimento acontecia, quando se deu a exclusão de Roney, com as lamentações nostálgicas que se somavam, mais e mais membros iam saindo do grupo. Em meados do ano, o grupo já contava com menos de 50 participantes – o que, confesso, me gera certa tristeza. Em diversas oportunidades, quando algum assunto referente à cena local dos duelos era tratado, o MC Beto informava que o ponto já havia sido esclarecido no grupo da Cooperativa de Batalhas, sugerindo que o interessado procurasse se inteirar por lá. É possível que muitos membros tenham migrado de grupo – um novo momento, um novo grupo. Talvez as conversas sobre as batalhas ocorram nesse grupo ou em outros – já que o “recesso” do MC Beto pode ter gerado novos momentos e novos grupos.

Igualmente, outra Batalha do Vinho surgirá. Talvez, ela ocorra, neste momento, na Praça do Half, sob as marquises do Ginásio Nélcio Dias ou no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo. De minha parte, não sei se algum dia voltarei àqueles lugares; não sei o que encontrarei caso eu tome novamente algum daqueles ônibus, em alguma parada da Bernardo Vieira.

O que sei é que não encontrarei o simpático Grimário na entrada, nem o feliz Roney que sorriu e me abraçou quando me viu, finalmente, atender ao seu convite. De fato, Roney já não sorri tanto e já não dedica sua vida à Batalha do Vinho. Ao contrário, ainda em meados de 2019, aceitando o convite de um amigo – em um típico caso do processo vivido (Freitas, 2017) – Roney passou a trabalhar e a residir no arquipélago de Fernando de Noronha. O que sei, em suma, é que não posso voltar a Batalha do Vinho, pois o que conheci sob esse nome – e tentei retratar nas páginas até aqui – foi um momento que não mais possui meios de existir.

CONCLUSÃO

Chego ao final deste trabalho, acreditando ter percorrido o trajeto que me propus. À parte algum eventual êxito, me esforcei para transitar desde a vivência individual até as complexas relações sociais em torno da Batalha do Vinho e da cena dos duelos de rimas no país.

Numa ponta desse caminho, me permiti apresentar a história – ou as histórias – de vida de um jovem que causalmente conheci e com o qual estabeleci uma relação de amizade. Esse jovem, agora conhecido dos leitores, ao integrar a Batalha do Vinho agregou, à iniciativa, as suas melhores capacidades, sobretudo as de sonhar e de estabelecer estratégias para concretizar esses seus objetivos. Devo ressaltar que, ao longo de minha escrita, não pretendi evidenciar as conquistas da Batalha do Vinho como resultado de um esforço isolado, mas sim, destacar a contribuição de um de seus participantes. Isso, inclusive, porque toda inserção no campo se dá a partir de um lugar, de um momento, de um informante ou, no máximo, de um grupo deles.

Nesse sentido, é incontornável ratificar que, também na Batalha do Vinho, os indivíduos estão sempre imersos em relações de solidariedade e de competição (Ortner, 2007b). Logo, pudemos perceber a existência de ocorrências positivas para os que se destacam e que, por isso, são almeçadas por aqueles que, pretendentes a semelhante condição, instrumentalizam categorias morais e, a princípio, representativas do coletivo. Esses usos interessados, inclusive, devem servir de alerta para os perigos que podem afetar as antropologias do bem (Ortner, 2016), pois é difícil promover um corte na realidade que distinga o que há de felicidade, de correção moral e de interesses coletivos daquilo que há, na vivência social, de suas aparentes antíteses.

De tal sorte, em meio às relações de solidariedade e de competição, deve-se considerar as ações e as consequências efetivamente alcançadas. A discussão sobre a “sinceridade/honestidade/veracidade” de esforços pessoais está, sempre, aberta a interpretações condizentes com as partes dessas relações interessadas. Nas relações de competição, as ações poderão, sempre, ser condenadas como elementos do real que se destinam a fazer crer, egoisticamente, as audiências, a convencer o público-leitor disputado pelas partes e seus respectivos interesses, ou seja, pelos autores em competição e seus textos em latência.

Sobre Roney e o eventual privilégio de seus interesses particulares, meu contato prévio permitiu ressaltar que ele tivera outras oportunidades de ascensão social – a exemplo de colegas de escotismo que, hoje, despontam nos cenários político e midiático local; permitiu, também, observar que aquele jovem, o mais destacado no citado espaço de sociabilidade, ao rejeitar a continuidade de sua relação de pupilagem, assumiu mais perdas do que vantagens pessoais. Ainda assim, nunca o vi lamentar pelos caminhos que optou, por ter aliado sua ativa agência e suas estratégias de sociabilidade com a pretensão de seguir salvando vidas – sobretudo nos

territórios mais necessitados, nos territórios que passou a reconhecer como o seu. A Batalha do Vinho não foi a única nem a primeira escada de Roney para ascender na estrutura social, mas é possível que, antes, ele não tenha tido a mesma autonomia e liderança, é possível que as escadas anteriores fossem estreitas demais para passar todos aqueles que ele almeja levar consigo.

Em que pese a amizade e a avaliação que faço das estratégias de meu informante, visando manter o distanciamento que julguei necessário, pesquisa e escrita foram perpassadas por uma intrincada relação – muitas vezes, ao longo do trabalho, comentei o que estava a abordar e a redigir, tanto de positivo, quanto de eventualmente negativo para ele. Contudo, não cheguei nem perto de uma relação como aquela descrita por Foote-White e seu informante (Doc) ao produzir a “Sociedade de Esquina (2005)” – jamais pedi as opiniões de Roney sobre meus escritos, nem mesmo lhes apresentei qualquer esboço deste trabalho. Ainda que minhas impressões possam ter me levado a erro, considere – e sigo a considerar – esses preferíveis a outros produzidos, conscientemente ou não, por algum dos personagens da história contada.

Muitas vezes, senti de meu informante a vontade de ser tratado, novamente, como um simples amigo. Contudo, não sem alguma dificuldade, mantive o referido distanciamento. Sob certo aspecto, pode-se dizer que priorizei a relação de pesquisador/informante, mas, também, é possível afirmar que, muitas vezes, ambos os vínculos convergiram para uma mesma postura. De maneira que aquilo que eu poderia lhe aconselhar sobre os dilemas vividos foram direcionados para estas páginas. Ao longo dos últimos anos, muito do que vi intrigá-lo esteve centrado no que Ramos (2015), com remissão à Simmel, aborda sobre a relação publicidade/privacidade, sobre os pares dialéticos “revelar/esconder” e “mentir/dizer a verdade”. O reiterado processo a que ele foi submetido, culminando com o evento descrito nos termos de Freitas (2017), ao trazer o debate sobre esses quesitos para o centro da sociabilidade, presencial e virtual, da Batalha do Vinho, lhe acarretou consequências realmente aflitivas.

De tal sorte, destacar minha percepção sobre suas estratégias e suas ações, acerca dos caminhos empreendidos por sua pessoa, na esteira da sempre vigente ilusão biográfica (Bourdieu, 1986), necessitava ser feita em público – sobretudo porque é provável que esse escrito chegue à mesma audiência – não apenas aquela formada pelo público frequentador dos encontros no Jesiel Figueiredo, mas também às constituídas, ainda que invisíveis, nas redes sociais online. Assim, concluo destacando que, muito embora a experimentação identitária seja possível antes ou para além das redes online, nem todos os indivíduos obtêm o mesmo êxito nos seus investimentos, nem todos fornecem os mesmos elementos do real na construção de suas histórias – de maneira a mobilizar os recursos sociais à sua volta (Turner, 2013) e a convencer os leitores a aderirem ao seu texto e a agirem a partir de seus imaginários alinhados (Iser, 2002).

Assim, a exposição de fatos e de histórias acerca dos quais eu detinha conhecimento privilegiado, bem como de informações “públicas” disponíveis nas redes sociais online – mas ainda assim resguardadas, uma vez que a privacidade não é uma relação binária, mas envolve também “quando”, “onde” e “para quem” um conteúdo será mostrado (Boyd *apud* Ramos, 2015, p. 73) – se fez necessária para evidenciar o mérito que restou manejado a favor da Batalha do Vinho. Afinal, se a construção da aparência nada tem de divergente frente a conduta do indivíduo no mundo social, mas são, sim, coerentes (Nietzsche *apud* Vaihinger, 2011), a relevância do fazer acontecer resta majorada pelo conhecimento de sua condição inicial de ilusão, de uma “mera” expectativa – acessar qualquer outro personagem importante do cenário hip-hop teria sido certamente uma conquista, mas tê-lo feito com aquele que se admirava desde cedo, alguém que sonhava ser, só pode maximizar o mérito da aproximação construída e do vínculo decorrente.

Superando o enfoque individual, abordo o deslocamento estrutural a que se encontra submetido o objeto de minha investigação, ou seja, a cena dos duelos de MCs, assim como tem ocorrido com o hip-hop em geral e com demais expressões culturais afins. Nesse sentido, atualizo os caminhos da cena, me valendo, para tanto, novamente da contribuição de Ricardo Teperman (2015). O referido autor, ao abordar as recentes inovações no hip-hop, destaca o grupo Brô MCs, constituído por indígenas da etnia Guarani Kaiowá, a maior presença feminina no Rap²³⁹, as iniciativas destinadas a impulsionar a presença de indivíduos identificados com o movimento LGBT na cena e a produção de raps sobre a essa temática²⁴⁰.

Ricardo Teperman (2015) elenca também a elaboração das modalidades Rap Gospel e Rap Ostentação. Sobre a primeira vertente, destaca (2015, p. 114) versos como “Eu não sou contra a teologia da prosperidade, mas é errado colocar ela como prioridade” e “No fundo todo mundo sabe que não é natural. Não existe cromossomo gay nem tendência homossexual”;

²³⁹ No início de 2010, houve um pequeno boom de MCs mulheres, que conquistaram mais do que nunca fãs e repercussão na crítica. Nomes como Flora Matos, Lurdez da Luz, Karol Concá e Dryca Ryzzo trazem projetos muito autorias, cada uma com seu coquetel de influências. Se o tema da desigualdade de gênero não se destaca entre os assuntos tratados por essas novas MCs em suas letras, o salto qualitativo que suas produções deram, assumindo tanto batidas pesadas e rimas agressivas quanto vocais sensuais e letras com novas temáticas e sensibilidades, sinaliza que começa a haver mudanças no panorama geral de um estilo musical marcado por fortes clivagens de gênero. (Teperman, 2015, p. 106).

²⁴⁰ “Em 2009, MV Bill e Celso Athayde, criadores da CUFA, convidaram Danilo Bittencourt, militante LGBT e homossexual declarado, para assumir a presidência da organização, dando início a uma campanha chamada Não Homofobia”. Na mesma época, o site da Cufa lançou uma enquete com a seguinte pergunta: “O que você acha da criação de uma nova vertente do hip-hop, que teria como representante um grupo de rap formado por homossexuais chamado Gangsta G?”. As respostas foram as mais diversas, desde negativas veementes até adesões entusiasmadas. Em entrevista ao site Real Hip Hop, Celso Athayde havia declarado ter a intenção de lançar um grupo de rap gangsta gay: “Um conjunto formado por gays assumidos, cantando gangsta rap, com cara feia e tudo. Será uma boa chance para o hip-hop, que por excelência luta por igualdade e o fim dos preconceitos, exercer seu papel. MV Bill publicou um texto no site da Cufa afirmando que o preconceito contra homossexuais “piora se for preto, aumenta se for pobre e ‘isola’ se for da favela”. O tema gerou alguma discussão nos meses subsequentes, mas o grupo Gangsta G não saiu do papel”. (Teperman, 2015, p. 112-113).

ambos do MC Juninho Lutero. O autor também mencionada o caso do Pregador Luo, do grupo Apocalipse 16, que já lançou mais de 15 discos, vendeu mais de 1 milhão de cópias, tem mais de 50 milhões de visualizações no Youtube, com sucessos como “Arrependa-se”, e que realizou trabalhos em parceria com Edi Rock, do Racionais MCs, e com o rapper Emicida. Mais recentemente, como conta Teperman (2015, p. 115), o Pregador Luo compôs e gravou músicas para alguns lutadores de MMA, produção que constituiu o disco “Música de Guerra”.

Já no Rap Ostentação, Teperman (2015, p. 116) cita frases como “Se as mulheres tão dando mole por que não aproveitar?” e “Se o mundo é sujo quem sou eu para muda-lo?”, trechos de músicas do rapper Túlio Dek que o autor classifica como “sinais de conformismo e de adesão irrestrita à ideologia da mercadoria (Ibidem)”. E se o Gangsta Rap está em declínio, Túlio Dek lançou a música “Estilo gangstar”. Assim, não nega o estilo que marcou época no rap nacional, ao tempo em que evidencia a pretensão de se tornar um “star”, uma estrela do entretenimento. O clipe de “estilo gangstar”, além de roupas e carros de marcas reconhecidas, tem a participação do jogador Ronaldo e dos rappers Helião, do grupo RZO, e Ice Blue, do Racionais MCs.

O Rap Ostentação, portanto, traz para o hip-hop a adesão a preferências já presentes no funk e no cenário internacional. Nesse sentido, Fátima Cecchetto ao tratar do “Pornofunk” (2004, p.231-245), menciona também o “Sex Rap”, difundido nos Estados Unidos. O pornofunk centraliza sua atenção na prática sexual, na instrumentalização do corpo para o prazer e para o consumo. Em todo caso, ainda segundo Cecchetto (Ibidem), haveria um maior protagonismo da figura feminina quando comparada à sua condição na prática guerreira dos bailes de briga.

Considero que o Rap Ostentação, assim como as batalhas de MCs, guarda forte interdependência com as condições políticas e sociais das primeiras décadas do século XXI. Igualmente, tal relação se dá com outro fruto desse contexto político, o empreendedorismo em ascensão no hip-hop. Para Teperman (2015), o principal caso de sucesso da nova geração é o Emicida, o qual surgiu, em 2006, nas batalhas realizadas na Estação Santa Cruz de metrô, em São Paulo – particularmente conhecido após vencer o MC Cabal, rapper branco característico do estilo ostentação e que, então, já contava com participações em programas da Rede Globo de Televisão e com parcerias com outros estilos, como a dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó.

Após descrever a ascensão profissional do Emicida²⁴¹, Teperman (2015) observa que os rappers com pensamento “empreendedor” não apenas aceitam conceder entrevistas, como

²⁴¹ “Em 2009, Emicida, que tinha então 24 anos, lançou sua primeira mixtape (ou CD), gravada com a colaboração de amigos. Ele mesmo fez a arte gráfica, na verdade dois carimbos com os quais marcava um pedaço de papel craft, comprado em rolo e cortado no tamanho do CD. Com a ajuda do padraço, que recebia uma comissão pelo trabalho, ele queimava uma a uma as mídias em seu computador. O próprio artista carregava sempre os discos na mochila, vendendo depois de seus shows ou durante eventos de hip-hop. Seu irmão Evandro “Fióte” tornou-se seu produtor, e naquele mesmo ano a mixtape vendeu mais de 10 mil unidades (ao preço de três reais na venda direta

divulgam e repercutem, em suas redes sociais, as diversas matérias feitas com ou sobre eles nos veículos tradicionais de comunicação, bem como estão abertos para parcerias com artistas de outras vertentes musicais e subgêneros do rap. De tal sorte, conclui que, apesar das diferenças sociais e raciais entre os antigos oponentes, “Cabal compartilha com Emicida o tipo de atuação no mercado da música. Mantém um blog e intensa divulgação pela internet, esteve nos mesmos programas de TV e colaborou com artistas de outros gêneros (Teperman, 2015, p. 140)”.

Assim, considerando frase da canção *Levanta e Anda*²⁴² – “Esses boy conhece Marx, Noiz conhece a fome” – e avaliando que “o posicionamento de classe não se apagou, mas perdeu a contundência (2015, p. 141)”, Teperman afirma ter ocorrido uma suavização do discurso e uma aproximação desses rappers com os circuitos dominantes da produção cultural²⁴³.

No mesmo sentido, Teperman destaca as mudanças vividas pelo estilo Gangsta, precisamente pelo grupo de maior destaque no estilo, os Racionais MCs. Teperman observa que, em entrevista de 2009, Mano Brown, ao ser questionado sobre possível mudança sua e do grupo, “reconhece ter realizado algo como uma autocrítica (2015, p.82)” e que, já em 2012, o rapper destacou a nova realidade social e o inevitável efeito dessas mudanças sobre o grupo²⁴⁴. Após

e cinco via internet). Com o sucesso da empreitada, mais membros da família passaram a trabalhar na equipe. Compraram novos computadores, uma impressora melhor e passaram a produzir os CDs de forma quase ininterrupta ao longo do dia, enquanto atendiam a outras demandas ligadas à carreira do artista. O apartamento da família, no Tucuruvi, se tornou uma espécie de quartel-general da empresa recém-fundada e batizada de Laboratório Fantasma. Pouco depois, os irmãos-sócios alugaram um segundo apartamento no bairro, onde puderam instalar com mais conforto os computadores e as impressoras – afinal, a produção precisava crescer. Com a ajuda de um amigo, Mundico, que já colaborava nas vendas de CDs, passaram a produzir bonés, camisetas, agasalhos, criando um sistema de vendas pela internet. Emicida contratou outro amigo MC, Tiago Redniggaz, para trabalhar como seu advogado e ajudar Fióte nos contratos de venda de shows. Pouco depois, contrataram uma assessoria de imprensa, passaram a gerenciar outros artistas (como o grupo Mão de Oito e os MCs Rael da Rima e Ogi). Rapidamente, a equipe de funcionários do Laboratório Fantasma reunia cerca de vinte pessoas. (...) A proximidade com Paula Lavigne, empresária experiente e poderosa da área cultural, contribuiu para levar o Laboratório Fantasma a outro patamar. O talento de Emicida como artista, sua inteligência no uso dos novos canais de comunicação possibilitados com a internet, a habilidade em ampliar e aprofundar redes de relações pessoais e profissionais, o tino comercial e a enorme capacidade de trabalho dos irmãos Evandro e Leandro e sua equipe fizeram da empresa o mais bem-sucedido negócio na história do hip-hop nacional”. (Teperman, 2015, p. 139-147).

²⁴² Emicida. *Levanta e Anda*. O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui. Download Digital. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T0fN7tEy15g>. Acesso em 31 de janeiro de 2021.

²⁴³ “A formulação insiste no distanciamento entre quem defende a igualdade social – como se supõe ser o caso do personagem mencionado na letra, que conhece a obra do filósofo comunista Karl Marx – e quem viveu na pele a experiência da pobreza. Mas é menos frontalmente desafiadora do que “Hey Boy” e “Fim de semana no parque”, do Racionais, sem falar nas letras de grupos como Facção Central. Essa suavização do discurso é coerente com uma atuação mais próxima dos circuitos dominantes da produção cultural”. (Teperman, 2015, p. 141).

²⁴⁴ “O Brasil vive um momento novo e nós temos que saber atuar em cima desse momento. Está sobrando um pouco mais de dinheiro, a informação está chegando mais rápido. [...] o rap carrega certo estigma, acho que foi a pior coisa que eu criei. [...] quando a gente criou o símbolo do Racionais, no final dos anos 1980, era um outro mundo [...]. Não tem como você esticar o chiclete 25 anos falando das mesmas coisas, como se elas não tivessem mudado”. (In: Teperman, 2015, p. 84).

descrever tais mudanças²⁴⁵, Teperman considera que “não aceitar contratos publicitários nem convites para grandes eventos, denunciando o comprometimento das empresas com a situação geral de desigualdade na sociedade, é uma posição revolucionária. Cobrar cachês altos para fazê-lo, não” (2015, p. 84). Para o autor, os Racionais MCs, ao se aproximar da nova geração, evidencia ser, não um grupo revolucionário, mas um grupo que vivenciara uma fase radical²⁴⁶.

Essa contextualização recente se faz necessária porque é em meio a essas ocorrências no hip-hop que a cena das batalhas de rimas se estabelece. É a partir da pertinência com a referida expressão cultural que a prática dos duelos se constitui enquanto cena específica, uma vez que cumpre os requisitos necessários para tanto. Dentre essas condições, evidenciou-se a existência de redes microeconômicas que conectam a cena à cidade (Straw, 2013). Conexão que termina por possibilitar certa apreensão de seus potenciais econômicos a partir de formas consagradas, constituindo uma das vias do que tratei como o processo de estruturação da cena.

Restou demonstrado, também, a cena dos duelos de MCs como uma prática juvenil e underground constituída sob influência idiomática estrangeira. Nesse sentido, considerando a realidade social envolta à Batalha do Vinho, sustentei a opção pelo underground não como uma mera escolha de entretenimento, mas como percepção de que as relações sociais decorrentes da intensa desigualdade distinguem as populações dos diferentes territórios. Apesar da percepção de que essas elaborações econômicas são incapazes de promover a ascensão social de grande parte de seus participantes, a instabilidade e o excesso informacional da cena possibilitam a presença de alguns indivíduos em locais físicos e sociais diversos de sua localização ordinária.

245 “Em 2009, Mano Brown criou a produtora Boogie Naípe para administrar seus vários projetos. Pela primeira vez, uma página na internet criada por funcionários do artista passou a promover seus eventos e uma assessoria de imprensa foi contratada. Brown lançou composições em parceria com outros músicos, principalmente a banda Black Rio, com quem gravou em 2009, “Mulher elétrica” – com levada dançante e letra “despolitizada”. No ano seguinte, participou de uma nova versão de “Umbabarauma” de Jorge Bem Jor, em ação promocional da Nike para a Copa do Mundo de 2010, para a qual teria recebido algo perto de 100 mil reais. Ele declarou à revista Rolling Stone: “Ofereceram um dinheiro de merda e eu meti a faca. Tentei arrancar o máximo”. Em abril de 2012, o Racionais tocou no festival Lollapalooza, quebrando o longo jejum de participações em eventos patrocinados por grandes empresas. (...) Os demais membros do Racionais também reviram muitas de suas posições, flexibilizaram sua relação com a mídia e ampliaram o registro de suas produções artísticas”. (Teperman, 2015, p. 84).

246 “Em texto curto publicado em novembro de 2013 no *Le Monde Diplomatique*, “o novo caminho de Edi Rock”, Walter Garcia sugere que o Racionais se direciona para um novo lugar na cultura brasileira, mais próximo do que o autor chama de “música negra no mercado hegemônico”. Concordo com a sugestão e proponho ainda que esse realinhamento é também aproximação do Racionais da chamada nova escola do rap nacional. Penso também ser possível dizer que, nesse movimento, o grupo afastou-se do posicionamento de classe que havia marcado sua primeira fase, e que propus considerar revolucionário, para adotar o que numa certa tradição do pensamento social brasileiro foi chamado de “radicalismo”. O chamado pensamento radical é discutido em artigo de 1988 de Antônio Cândido: “Gerado na classe média e em setores esclarecidos das classes dominante, [ele] não é um pensamento revolucionário, e, embora seja fermento transformador, não se identifica senão em parte com os interesses específicos das classes trabalhadoras, que são o segmento potencialmente revolucionário da sociedade”. Ainda segundo Cândido, o radical passa por cima do antagonismo entre as classes e tende com frequência à harmonização e à conciliação”. (Teperman, 2015, p. 85).

Representativo dessa capacidade ofertada pela cena foi o desfecho da reunião com Roney e os MCs que o acompanhavam num evento no centro da cidade. Posteriormente, quando propus “tomar uma novamente”, tanto Kung Fu, quanto Codorna, em separado, destacou que seria interessante que fosse “de novo do lado de lá da ponte”. De fato, foi a graças à cena que eles chegaram ao bar em que se apresentaram e, pelo meu interesse também despertado pela cena, ao bar em que nos reunimos. Assim, a cena, por meio de sua instabilidade e de seu excesso informacional, de fato, possibilita a reelaboração da cidade, com o exercício de territorialidades transitórias e a elaboração de identidades fluídas para os seus participantes (Herschmann, 2013).

Contudo, como efeito da complexa dinâmica em torno da cena e da realidade, múltiplas consequências se colocam. Se, inicialmente, a prática das batalhas confere efeitos similares a rituais de reversão de status – em que os indivíduos extravasam as tensões decorrentes da condição de inferiores estruturais –, elas passam, num segundo momento, a representar um caminho de profissionalização, uma expectativa de ascensão socioeconômica coerente com as novas territorialidades e identidades exercidas, ainda que transitórias e fluídas. Nesse sentido, as batalhas passam a se estruturar, a constituir redes de competição e também de sociabilidade, e, logo, redes de difusão da nova valoração da prática e do ethos que essa reavaliação enseja.

A superação do efeito ritual no âmbito psíquico é acompanhada pela superação do duelar por meio de rimas, enquanto prática social, como uma atividade mimética. A elaboração de competições a níveis regionais e mesmo nacional, ao tempo em que estabelece regras, impõe a complexificação técnica das rimas e insere critérios de justa avaliação no desempenho dos competidores, difunde uma postura tendente à competitividade, à uma disputa pelos prêmios simbólicos e materiais em jogo. Por outro lado, se uma perspectiva político-militante questionadora dessa valoração pode, a princípio, ser compreendida em contraposição, a forma impositiva como sua elaboração se apresenta – evidenciada pela prevalência do “conhecimento” em desprestígio do saber local e empírico quase sempre apreendido a partir de uma vivência violenta – ratifica a superação dos valores e do ethos inicialmente presentes.

Nesse cenário, tais modificações podem, à primeira vista, ser compreendidas como indicativas da implementação de um processo de civilização, nos termos de Norbert Elias (1992). Contudo, essa percepção teria validade, tão somente, se os indivíduos envolvidos nas relações dessa sociedade tivessem acessos estruturais idênticos ou, ao menos, aproximados. No momento em que os indivíduos são agrupados como destinatários de diferentes tratamentos estruturais, sobretudo, da violência monopolizada pelo Estado, o que se têm é a efetiva, ainda que não plena, concessão para uns – para os quais, sim, pode-se falar em algum avanço civilizatório – e a apreensão apenas ideológica de outros que, em que pese habitar um mesmo território político-jurídico, não são beneficiários dos mesmos acessos ao consumo e à cidadania.

Nesse sentido, a estruturação deflagrada nas últimas décadas do século XX mediante a consagração de preceitos neoliberais não apenas econômicos, mas também ideológicos – a globalização, tão bem evidenciada por Ortner (2016) e Santos (2015) –, demanda a construção de textos com ampla validade, narrativas aptas – junto ao uso da violência – a convencer e, por conseguinte, a guiar as ações dos contingentes sociais rumo à conformidade às formas vigentes, aí incluída a adoção de masculinidades subordinadas. Tais textos terminam por estabelecer o antagonismo entre esses contingentes e por obstar a formulação de novos textos, de novas propostas de conexão dos imaginários dos indivíduos. Assim, evita-se elaborações diretas, tecidas a partir de relações típicas de uma cultura popular (Santos, 2015) e não intermediada, necessariamente, pela indústria cultural com seus efeitos massificadores, homogeneizantes.

Ademais, como observa Ortner (2016), os diversos Estados sob o receituário neoliberal vêm apresentando, aliadas à intensificação do processo de exploração econômica, particulares formas de governamentalidade (Ibidem, p. 52-53), com práticas de governança punitiva (Ibidem, p. 56) e de políticas de choque (Ibidem, p. 56) contra suas populações. Deste modo, não é de se estranhar que, em anos recentes – os quais coincidiram com minha pesquisa e escrita – o Brasil, a exemplo de outros países, tenha assistido ao desnudamento do neoliberalismo, ao abandono de seus simulacros institucionais e à expansão e à intensificação dos usos da violência.

Se, em países centrais, a necessidade de observância das formas institucionais e a privatização do sistema prisional fazem do encarceramento uma iniciativa lucrativa (Ortner, 2016), no Brasil, a eliminação física dos indivíduos oriundos das áreas da pobreza estrutural se coloca, cada vez mais, como alternativa. Nesse cenário, há de se recordar o alerta de Frantz Fanon (1980) sobre os usos intencionais da tortura nas relações que, estabelecidas em territórios sob colonização, se instrumentalizam a ação militar com vistas à exploração econômica²⁴⁷.

Fanon (1980) narra que, como na França a população se indignava com tais situações, o governo costumava afirmar se tratar de casos isolados e informar que medidas seriam adotadas em sigilo. Intriga pensar o que diria Fanon – que não admitia a falta de publicidade na apuração de tais fatos – se soubesse que, num Estado democrático e de direito, policiais militares dispararam uma centena de vezes contra veículo sabidamente ocupado por seus próprios cidadãos²⁴⁸; que diria ele, se lhe contássemos que as forças do Exército desse mesmo país dispararam mais de duzentos tiros de fuzil contra um outro veículo, também guiado por um cidadão seu.

²⁴⁷ “A tortura na Argélia não é um acidente, nem um erro ou uma falta. O colonialismo não se compreende sem a possibilidade de torturar, de violar ou de massacrar. A tortura é uma modalidade das relações ocupante-ocupado. Os policiais franceses, que foram, durante muito tempo, os únicos a praticar essas torturas, não o ignoram. A necessidade de legitimar as torturas foi sempre considerada por eles como um escândalo e um paradoxo”. (Fanon, 1980, p. 73).

²⁴⁸ POLÍCIAS DERAM MAIS DE 100 TIROS EM CARROS DE JOVENS MORTOS NO RIO. **G1**. Rio de Janeiro, 02/12/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>. Acesso em: 31 de janeiro de 2020.

Idêntica, nos dois casos, para além das semelhanças entre os autores dos disparos e as circunstâncias dos acontecimentos, é a cor de suas vítimas. Mas, concluindo nossas indagações, o que deveríamos supor ao saber que o chefe político desse Estado se dirigiu à sociedade, diante dos microfones e das câmeras da imprensa, não para tergiversar sobre apurações em sigilo, mas para sustentar que “não (não foi um homicídio), o Exército não matou ninguém, houve um incidente”²⁴⁹. Diante de uma realidade tal, é preciso retomar o alerta de Fanon e entender que a violência, a tortura, a morte e o massacre não são incidentes, mas estratégias úteis à exploração.

Se a peculiaridade a caracterizar a noção de juventude é a indisposição frente as formas sociais vigentes, a Batalha do Vinho pode ser compreendida como uma realização coletiva de indivíduos que, oriundos de áreas da pobreza estrutural e mesmo diante do preocupante contexto político, se mostram capazes de alguma resistência frente à dominação (Ortner, 2007b). Esses jovens, com suas diferentes experiências e expectativas, se constituem como atores da vida social ao tempo em que alinham os esforços para intensificar a resistência coletiva e necessidade de buscar caminhos para uma ascensão profissional, de caráter individual. Trata-se, pois, das ações de solidariedade e de competição demandadas, ambas, pela realidade social vivida.

Assim, a agência desses indivíduos, quer no marco da relação dominação/resistência, quer em seus projetos à margem do poder, atua, ainda que sem plena consciência e intencionalidade, frente a intensas forças econômicas e políticas, com algum potencial de ação. Por outro lado, como também destaca Ortner (2007a), há projetos, culturalmente definidos, formulados por aqueles que se beneficiam do momento histórico – a recente realidade nacional, para além dos grandes interesses do neoliberalismo, restou viabilizada mediante a concretização de projetos de ascensão política de grupo familiar e seu entorno. Constata-se, pois, que, enquanto diferentes projetos convivem, a estrutura se reproduz e, apenas eventualmente, resta modificada.

Nesse sentido, Ortner (2007a), ao tempo em que ressalta a possibilidade de mudanças sociais, pois que todo indivíduo é dotado de agência, perquire a razão de sua excepcionalidade. Ao fazê-lo, compreende que, exatamente por a agência não meramente se opor nem ser algo externo à estrutura, ela é fortemente produzida pelos valores e práticas, histórica e culturalmente, predominantes. Assim, considerando que o poder afeta as agências individuais, a autora observa que não são os desejos dos indivíduos que estabelecem os seus projetos, mas, são esses, culturalmente produzidos, que definem, ideologicamente, aqueles desejos²⁵⁰.

²⁴⁹ 'O EXÉRCITO NÃO MATOU NINGUÉM; O EXÉRCITO É DO POVO', DIZ BOLSONARO SOBRE MORTE A TIROS DE MÚSICO NO RIO. **G1**. Macapá, 12/04/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2019/04/12/o-exercito-nao-matou-ninguem-o-exercito-e-do-povo-diz-bolsonaro-sobre-morte-a-tiros-de-musico-no-rio.ghtml>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²⁵⁰ “Além disso, a agência, em sentido abstrato, parece ser uma propriedade de sujeitos (diferencialmente empoderados), porém isto é (uma vez mais) menos uma propriedade psicológica ou capacidade em relação a si mesmos, e mais uma disposição em relação à realização de “projetos”. Do ponto de vista do sujeito, esta disposição para a realização de projetos parece provir dos desejos de cada um: “quero...”. Mas, do ponto de vista do analista

Sendo a cena dos duelos elaborada, majoritariamente, a partir de territórios da pobreza estrutural, seria de se esperar que tais desejos formulassem, essencialmente, ações de resistência frente à dominação, ações tidas por revolucionárias, baseada numa intensa solidariedade entre iguais. Contudo, as configurações estruturais conferidas às incidências da cena evidenciam serem essas perpassadas por uma acirrada competitividade – ao instrumentalizar suas competições e o estrelato projetado como ápice da ascensão pessoal – e, complementarmente, por uma orientação externa do exercício da contestação – o que na prática dos duelos é representada pela progressiva imposição da modalidade “Conhecimento” e que termina por hierarquizar os não conformados ao protagonismo daqueles que lideram a resistência nos espaços instituídos. Em suma, constata-se um uso das agências não acentuadamente disruptivo.

Portanto, é imperioso concordar quanto à inexistência de uma contradição absoluta entre a agência humana e suas práticas e a estrutura social. É, inclusive, frente a essa relação que Ortner (2007a) afirma a utilidade de se reconhecer maior importância ao poder, à historicização do fazer das ciências sociais e às novas interpretações do conceito de cultura.

Nesse sentido, a Batalha do Vinho, em certas oportunidades, evidenciou a consciência de seus participantes acerca das relações de poder em que estavam enredados, assim como a sua capacidade de ofertar resistência, no sentido observado por James Scott e Anthony Giddens (*apud* Ortner, 2007a). Ao dialogar com instâncias estatais e seus agentes políticos, de governo e de oposição, demonstrou-se forte agência e aptidão para formular projetos aptos a instabilizar as relações de força e de arbitrariedade exercidas pelos agentes da violência no território. Mas a estrutura se apresenta, também, de maneira mais elaborada e discreta. É o caso da competitividade fruto da expectativa de melhorias condições de vida que tende a desprezar a solidariedade e o saber localmente produzido. Logo, evidenciam a existência, também, de níveis internalizados de poder, próximo ao sustentado por Foucault e Bourdieu (*apud* Ortner, 2007a).

Em todo caso, há de se concordar quanto à preferência por uma posição intermediária. As manifestações do poder no curso de minha pesquisa – seja no âmbito da relação dominação/resistência, seja do poder inserto nas relações entre atores sociais – evidenciam uma consciência não plena e não totalizante. Trata-se de uma realidade que se adequa à concepção gramsciana de hegemonia, adotada por Raymond Williams e sugerida por Marshal Sahlins (*apud* Ortner, 2007a). Nesse sentido, a estruturação da cena dos duelos se insere em um contexto mais amplo de apreensão, econômica e ideológica. Uma apreensão não apenas do hip-hop e de expressões afins, manejadas no âmbito da pobreza estrutural, mas de amplos setores da sociedade brasileira.

cultural, são os projetos que definem os desejos. Assim, Antropologia da “agência” não tem só a ver com a maneira como sujeitos sociais, como atores empoderados ou desempoderados, jogam os jogos de sua cultura, mas também com o fato de desnudar o que são esses jogos culturais, a ideologia subjacente a eles, e também com o fato de que jogar o jogo os reproduz e os transforma” (Ortner, 2007, p. 74-75).

Evidência nesse sentido é o fato de que, se os caminhos da cena apontam, ao menos no médio prazo, para a reificação da dominação pela competitividade e imposição de formas e de conteúdos de uma contestação legitimada intelectual e politicamente, este trabalho é iniciado com a história de um adolescente munido, somente, de sua agência ativa e de seu intenso imaginário. Entre os desejos de salvar vidas e a pretensão de construir “seu nome”, de se construir como herói, pouco havia de consciência e muito de uma perspicácia a desafiar as formas de dominação, provocando-lhes as fissuras possíveis. De fato, a hegemonia se mostrou por todos os lados, inclusive no individualismo eventualmente exacerbado, mas não absoluta.

Se as práticas sociais e as relações de poder são indissociáveis, o papel da história não é diferente. Os conhecimentos prévios me possibilitaram uma importante linha de elaboração desse trabalho a evidenciar as histórias de meu informante como essenciais à compreensão de sua participação na iniciativa coletiva. Mediante uma análise historicizada, pude comparar os sentidos que ele trazia de sua experiência com a avaliação que a sua prática – de elaborar, habilmente, uma ampla sociabilidade, inclusive com atores dominantes e com eventual recurso à ficcionalidade – recebia a partir de percepções apressadas e, eventualmente, interessadas. Afinal, “as pessoas agem no mundo de acordo com suas próprias concepções culturais, mas o mundo não se sente nada compelido a ajustar-se a essas concepções (Ortner, 2007a, p. 30),”.

Na Batalha do Vinho, o que me saltou à percepção foi a sua dinâmica, suas constantes e rápidas modificações – de maneira que recorrer a uma metodologia capaz de “desestabilizar os modos tradicionalmente estáticos de investigação etnográfica” (Ortner, 2007a, p. 28) se fez necessário. É fato também que, ao descrever os dilemas, as situações perigosas e delicadas, o receio de que algum informante ou participante se ofendesse ou que alguma complicação fosse gerada para eles ou para mim me levou a trabalhar com o decurso do tempo na publicidade deste escrito. Hoje, alguns acontecimentos perderam a urgência que já tiveram; outros, embora aparentassem seguir esse caminho, foram recentemente reavivados. Em todo caso, espero que as pessoas tenham certo distanciamento das situações que vivenciaram e das ações praticadas.

Para além de meus elementos mais etnográficos, compreender a cena cultural reclamou considerar a realidade nacional, desde sua formação baseada na exploração escravocrata à sua inserção na globalização perversa (Santos, 2015) em que se confere validade ideológica aos nefastos preceitos econômicos e de governamentalidade do neoliberalismo (Ortner, 2016). Assim, se fez indispensável investigar a construção do texto coletivo proposto aos contingentes populacionais do país, aí abarcadas as mudanças políticas e tecnológicas recentes, possibilitadoras da própria cena (Teperman, 2015) e o atual desnudamento do neoliberalismo.

A cena dos duelos e a Batalha do Vinho, especificamente, são produtos de seus participantes e das relações de poder aí insertas, mas, também, do cenário político mais amplo,

constituído ao longo da história, ou seja, produto do dinâmico fazer histórico de seus integrantes locais e das forças translocais. Como, entretanto, tais práticas não se dão no vazio e as relações de poder necessitam de meios para se concretizarem, há de se considerar, também, as elaborações culturais que, ao possibilitar as práticas sociais, dão corporeidade a essas relações.

Em contraposição à perspectiva clássica que, essencialista, tende a retratar os grupos como portadores de uma determinada cultura, sendo por ela constituídos socialmente, as novas tendências interpretativas concebem a cultura como perpetrada por relações de desigualdades. Isso tanto ao retratá-la como elemento móvel, comunicado em fluxos globais passíveis de diferentes apropriações, quanto, ao revisar, em meio ao novo cenário, o seu uso clássico, de maneira que as suas finalidades facilitadoras e coercitivas são submetidas a usos interessados.

Nesse segundo sentido, compreende-se a elaboração das construções estigmatizantes em torno do jovem periférico. A definição de condutas culturalmente valoradas necessita ser sopesada frente aos interesses divergentes, pois que, tratando-se de diferentes realidades vividas nos territórios, diversas são as possibilidades de adequação aos termos culturais privilegiados e de submissão aos seus efeitos coercitivos. Dessa perspectiva, a cultura torna-se móvel não só em razão de seu trânsito mundial, mas também porque sua força em constituir a subjetividade dos indivíduos altera-se conforme a configuração de poder de um momento histórico, influenciando os indivíduos não exatamente por seu pertencimento local, mas pela dominação exercida²⁵¹.

Doutro lado, considerando os estudos da cultura mediante a atividade midiática, foi no âmbito do trânsito global que jovens brasileiros oriundos da pobreza estrutural contataram práticas culturais cujos epicentros situavam-se em localidades distantes. Esse contato, em que a influência ideológica e econômica restou evidenciada, demonstra a validade da cultura como um móvel – o que, dia a dia, reafirma-se em razão da tecnologia. Essa nova percepção não se dissocia dos usos do poder, havendo a compreensão de que seriam textos públicos construídos como formações ideológicas (Ortner, 2007a, p. 34). É, de fato, a esse tipo de apreensão que são submetidos, por meio do processo de seletividade midiática e comercial, aqueles indivíduos. Assim, embora o mundo conectado pareça afrouxar as relações de coerção, o que se evidencia é a complexificação da apreensão por novas relações de poder e suas formações culturais.

Em suma, a partir da (re)interpretação da cultura, percebe-se os efeitos decorrentes da seletividade. A estigmatização, empreendida por noções morais próprias às comunidades éticas, promove a fuga dos indivíduos do enquadramento na figura do criminoso. Já as brechas, ao

²⁵¹ “Assim, em *Subjectivity and Cultural Critique*, persigo a idéia de coerção cultural passando pela idéia de que a cultura plasma a subjetividade das pessoas não tanto como membros de determinados grupos (embora isso não seja totalmente irrelevante), mas sob regimes históricos de poder específicos” (Ortner, 2007a, p. 36).

gerar a expectativa de inclusão, prescrevem condutas conformadas a serem observadas e formas conciliadas de masculinidade a serem adotadas. Constatamos, também, que a junção dessas formas de interpretar a cultura surte efeitos para os que detém alguma experiência de consumo, construindo-lhes a não realização da ascensão do outro como decorrência de sua livre escolha.

A inviabilidade de considerar a cultura fora das relações de poder de um dado momento histórico pode ser ratificada a partir da relação entre cultura popular e cultura de massa (Santos, 2015). Antes de qualquer aproximação com o conceito clássico, sustentar a relevância da cultura popular constitui não uma negação aos fluxos globais, mas a preservação da autonomia dos indivíduos, considerando a lógica de seu território frente aos fluxos que o perpassam.

A defesa de forças populares, pois, não enseja oposição ao trânsito cultural, mas sim à imposição – como exercício de dominação – de construções interessadas e que, portanto, não se confundem com a capacidade de os indivíduos, enquanto sujeito da história, pegarem e misturarem os elementos do mundo social e político cada vez mais conectado. Defender maior espaço para as forças de uma cultura popular é uma necessidade incontornável para a modificação das relações de desigualdade – premissa que marca não o sujeito ou o intelectual engajado, mais qualquer um que se pretenda, efetivamente, sujeito do mundo e/ou intelectual²⁵².

Ao observar que o neoliberalismo alcançou protagonismo em momento em que se acreditava no aprimoramento das condições sociais dos indivíduos e das economias nacionais, Ortner afirma (2016, p. 52) que, embora em algum nível toda aquela construção fosse ideológica, havia condições materiais a fundamentar tal crença, de maneira a sugerir um futuro melhor para as pessoas e para os países. Em todo caso, é preciso ressaltar que nenhuma contradição reside aí. De fato, as condições materiais a elaborar a aparência de melhorias nas condições de vida dos povos existia porque toda ficção é fundada em elementos extraídos da realidade. Em alguma medida, toda ilusão é real. Esses elementos da realidade, entretanto, não são suficientes à alteração da estrutura social, podendo servir, tão somente, à elaboração de textos que, contatando os imaginários dos leitores e sendo por esses aceitos, passam a

²⁵² “Se aderem (às políticas neoliberais na década de 1990) é porque são menos intelectuais. Um intelectual se caracteriza pela sua força crítica, e quem dotado de força crítica for jamais vai imaginar que há uma só perspectiva, uma só alternativa. Eu creio que será desesperante se realmente for assim. Felizmente, não é. (A participação de intelectuais no governo FHC) está ligada a natureza da intelectualidade brasileira que é, em grande parte, formada por pessoas que preferem ser *establishment* do que ser intelectuais. Eu não posso ser, ao mesmo tempo, intelectual e ser *establishment*. E quando os intelectuais decidem ser *establishment*, eles abandonam a sua capacidade crítica, a sua vontade crítica e traem – traem – a sua missão. (Quanto às reações à sua postura) isso é o próprio do intelectual. O intelectual existe para criar o desconforto, é o seu papel. E ele tem que ser forte o bastante sozinho, para continuar exercendo esse papel, de tal maneira que o que os outros pensem lhe é indiferente.” Milton Santos em entrevista concedida em 31 de março de 1997, ao programa Roda Viva, TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkiR34law>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

impulsionar um agir coerente à reificação dessa estruturação social vigente. É, enredadas nessas construções, que devem ser relativizadas e compreendidas as vivências sociais dos indivíduos.

É nesse sentido que, embora minha pesquisa e minha escrita tenham se dado em um momento de acentuamento da espoliação econômica e da violência necessária a ela, a cena dos duelos parece ainda envolta pelas condições políticas favoráveis das décadas anteriores. Ao se ater às competições, à crença da ascensão social, à expectativa de empreendedorismo, assim como às instâncias políticas da democracia liberal, ou seja, às diversas formas estruturadas, se adere a texto produzido a partir dos elementos do real e se descuida das articulações estruturais subjacentes. Em todo caso, trata-se de equívoco que abrange não apenas a cena dos duelos e o hip-hop e expressões culturais próximas, mas grande parte do pensamento nacional.

De tal sorte, exigir de qualquer grupo de rap, como Teperman (2015) parece fazer com os Racionais MCs, uma postura imutável como demonstração de credibilidade revolucionária, é desconsiderar que os projetos são histórica e culturalmente datados. Ao fazê-lo, corre-se o risco de se desconsiderar, também, a autonomia dos indivíduos como sujeitos de sua vivência e do mundo – aos rappers, como de regra, ao homem negro, não é cabível a exigência de personificar qualquer engajamento ou luta, pois que fazê-lo é limitá-lo, é tentar defini-lo, é, em última instância, colocar em questão a sua condição humana, de sujeito – livre, inclusive, para aceitar amarras que pouco diferem daquelas sob as quais se encontram os seus julgadores.

Considerar indivíduos como revolucionários ou não é, além de conferir validade à ficção da unidade biográfica, desconsiderar que as condutas capazes de modificar as estruturas se alteram conforme as diferentes construções sociais, as diferentes combinações dos elementos do real e os resultantes textos dotados de convencimento ideológico. Tal equívoco, presente na avaliação da postura dos Racionais MCs, incide também ao tomar a aproximação dos “circuitos dominantes da produção cultural” como algo em si, suficiente para igualar os atores sociais, quando as condutas não deveriam ser avaliadas sem considerar suas razões e suas consequências materiais. Sustentar em sentido diverso, é não recordar que a agência e a prática social não são antagônicas à estrutura, mas sim partes dela; é não recordar que as ações aptas a promover mudanças, ações qualificáveis como “revolucionárias”, são influenciadas, não apenas pelas configurações fundantes da estruturação, mas, também, por suas elaborações ideológicas.

O Emicida, por exemplo, tem concretizado fissuras nos entendimentos conformados pela estruturação vigente. É o que faz quando, ao responder sobre os preços dos produtos da Laboratório Fantasma, refuta a imagem do negro como alguém incapaz ou ingenuamente refratário às posses materiais e evidencia a atribuição de inusual solidariedade às práticas de

produção e de circulação de mercadorias, em regra, eivadas de competitividade²⁵³. Na mesma oportunidade, destaca também a importância da Laboratório Fantasma na burla da seletividade midiática e comercial que objetiva conformar os indivíduos à dominação cultural e produtiva²⁵⁴.

A observação do mundo globalizado evidencia a importância das recentes tecnologias da informação e da comunicação; não sendo diferente, pois, na experiência da Batalha do Vinho. Ao conhecer os usos conferidos às redes sociais, constata-se a importância dessas ferramentas, tanto na prática da sociabilidade, quanto na difusão dos encontros e, assim, na construção de uma imagem bem sucedida. Essas redes online, em última instância, se mostraram instrumentos de poder no âmbito dos projetos culturalmente definidos de seus participantes, mas, sobretudo, em benefício da iniciativa coletiva – servindo, assim, a um exercício de resistência. Em todo caso, nada recomenda desprezar sua potencialidade enquanto um instrumento de dominação, exatamente a partir do acirramento de uma competitividade cada vez menos solidária.

Nesse sentido, Ramos (2015) destaca que as redes de comunicação físicas, prévias a instituição dos espaços virtuais, não se contrapõem a relações hierarquizadas, mas são, isto sim, úteis ao proveito econômico e à organização social. De fato, se a globalização perversa se

²⁵³ Essa crítica parte de um lugar onde as pessoas não vão no fluxo e vê um moleque com um Mizuno de mil reais no pé. O lugar onde eles querem atacar aí é uma pessoa preta que tá em ascensão. Quando eu ganho o prêmio de “homem do ano” pela (revista) GQ, aí eu vou de preto numa festa de gala e os MBL da vida sai espalhando que o Emicida tá usando um terno de quinze mil reais e todo mundo acha que isso é uma grande contradição, porque o Emicida tá vestindo uma roupa chique num evento chique, e ninguém consegue perceber o quão racista é dizer uma coisa como essa. Eu conheço a cadeia produtiva com a qual eu trabalho, eu sei quanto ganha uma costureira, eu não vou vender uma camiseta a R\$ 9,90 pra colocar uma mulher ganhando um salário de miséria, uma mulher que podia ser a minha mãe. Quem tem que se questionar sobre o preço das coisas que vende são as pessoas que conduzem essa cadeia de uma forma irresponsável, que mantêm pessoas em sistemas de produção que são análogos à escravidão. A gente não se relaciona com isso. Todas as pessoas que se vinculam com a Laboratório Fantasma, seja em qualquer função, essas pessoas usufruem dessa conquista. É por isso que, no nosso desfile de moda, as costureiras estão lá na primeira fila, chorando, emocionadas. Porque elas nunca tinham experimentado costurar uma roupa e poder assistir aquilo ser lançado – junto com os jornalistas chiques, junto com os críticos de moda fodidos, junto com os empresários, junto com os artistas. Isso é uma conquista coletiva; isso é o hip-hop. (...) A gente trabalha para que as pessoas se emancipem, inclusive economicamente, e possam usufruir disso aí. E as pessoas que podem pagar por isso, elas pagam e alimentam essa cadeia. Então, tem uma pessoa que tá muito orgulhosa em casa, assistindo esse programa, porque a camisa que ela costurou ajudou ela a pagar a escola do filho dela, o curso de inglês da filha, o tratamento de saúde...”.

²⁵⁴ Se você pega uma cantora como a Aparecida, nos anos 70, o primeiro disco dela tem uma música que se chama “foram dezessete anos”. Eu acho interessante a gente pegar sempre a música preta e entender não só como uma canção, mas também como um livro de história. A música dela se chama “foram dezessete anos”, dezessete anos é o tempo que ela demorou para gravar. Sabe por que ela demorou dezessete anos para gravar? Porque ela dependia do reconhecimento de pessoas que não acreditavam no potencial artístico dela. Uma estrutura como a Laboratório Fantasma vem exatamente para que uma artista como a Drik Barbosa nunca lance uma música que se chame “foram dezessete anos”, para no momento em que ela mostre que tem potencial, ela seja reconhecida e que ela possa fazer o discurso dela e possa se comportar da forma que goste, não precisar alisar o cabelo dela. Essa é a importância de a gente ter um aparato empresarial em torno dos artistas pretos, para que eles não tenham que diluir o discurso deles e fingir que eles são alguma coisa que não oferece risco nenhum ao que se entende como branquitude, porque isso podou e poda muitos artistas”. Entrevista concedida em 27 de julho de 2020, ao Programa Roda Viva, TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&t=13s>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

constitui a partir dos impérios do dinheiro e da informação (Santos, 2015), as redes sociais online podem ser compreendidas não apenas como elemento de instabilidade, mas como instrumento de concretização, embora sempre em disputa, daqueles dois impérios.

Se as redes coloniais viabilizaram a exploração de grandes populações (Ramos, 2015), nada impede a instrumentalização das redes online numa espécie de colonização ideológica – em paralelo àquela exercida, por meio da violência, nos territórios da pobreza estrutural. Se governar é estabelecer cadeias de conexões, em um mundo em que o trabalho é cada vez mais instável e os usos da violência cada vez mais dispersos e evidentes, a otimização da ideologia, capaz de conferir conformidade aos indivíduos e normalização à violência, se faz fundamental.

Contrapor lógica desse tipo exige a elaboração de usos promotores de sociabilidades capazes de romper os textos interessados à globalização perversa. Na experiência da Batalha do Vinho, por exemplo, o manejo das redes sociais potencializou as características da cena cultural, possibilitando, de maneira significativa, a presença de visitantes dotados das mais variadas qualificações sociais ao território estigmatizado da Zona Norte de Natal, e a presença de seus representantes em lugares sociais e físicos diferentes daqueles que lhes são habituais.

Nesse mesmo sentido, o Emicida também não descuida da necessidade de forçar o rompimento das territorialidades tanto quanto possível. No lançamento da obra “AmarElo”, o rapper não se contentou com a sua, cada vez mais, relevante presença na indústria cultural e nos espaços virtuais e promoveu a ocupação de espaço físico e social até então segregado à presença preta²⁵⁵. Inclusive, pode-se observar como o virtual e o presencial são manejáveis de forma imbrincada, complementares – se o virtual viabilizou o sucesso do artista, também teve utilidade após o protagonismo exercido no espaço físico de prestígio estrutural. Afinal, o seu ato político restou difundido mediante documentário veiculado na plataforma NETFLIX.

Nessa mesma obra, é possível enxergar uma proposta de ação dos não possuidores a partir da força de seus estilos musicais, a partir do rompimento com o enquadramento que a seletividade midiática e comercial impõe a esses indivíduos e a suas expressões culturais.

²⁵⁵ “A minha avó nunca pisou lá, 80 anos. A primeira vez que ela vai é na quarta-feira. A minha mãe, as minhas tias, a minha filha, as minhas duas filhas, elas vão chegar lá e vão ter outra cabeça. Vários daqueles moleques que vão lá na quarta-feira, várias daquelas meninas que vão lá na quarta-feira, eles nunca pisaram no (Teatro) Municipal. Por isso que é importante firmar um lugar físico, e um lugar grandioso. Isso existe, isso é grande, isso não começou agora e a gente precisa marcar esse tempo para as pessoas saírem dali e falarem: “mano a gente não pode deixar esse bagulho se dissipar no digital, não!”. (...) No momento em que a gente subir naquele palco, é importante que a gente pense que daqui a 50 anos, essa vai ser a noite que transformou a vida de muita gente. Essa é a nossa forma de dizer para todas as pessoas que têm uma origem igual a nossa que esse lugar é deles, que a gente precisa sim ocupar esse tipo de espaço, esse tipo de ambiente. E porque não todos os ambientes que nos foram negados ao longo da história desse país, entendeu? E os juízes, os médicos, os advogados, o próximo presidente, estão sentados ali. E a gente vai devolver pra eles o direito de sonhar!” Documentário **Emicida: AMAR/ELO – É tudo pra ontem**. Direção Fred Ouro Preto. Duração 1h:29min, São Paulo, 2020.

Sintetizada na noção de um “Neosamba”, Emicida propõe a revitalização histórica e a conexão das expressões elaboradas por sujeitos oriundos de áreas da pobreza estrutural no país²⁵⁶. De maneira a devolver aos seus elaboradores, no marco de uma cultura popular, a autonomia que lhes torna capazes de influir sobre a própria existência e a do mundo ao seu redor. De maneira que o contato com os fluxos globais seja uma liberalidade e não uma forma de dominação.

Não sendo a história contínua e irretratável, a intensificação das medidas neoliberais tem a potencialidade de esfacelar as condições sociais que viabilizaram a “nova escola” do rap nacional, na qual se insere a cena dos duelos de MCs. Assim sendo, não é de surpreender que as iniciativas empresariais e as competições, até então tendentes à sofisticação, e mesmo variações como o Rap Ostentação, percam espaço e que os indivíduos oriundos da pobreza estrutural sejam privados das concessões materiais que lhe permitiram elaborar, em diálogo com a seletividade estrutural, tais iniciativas. Igualmente, intensificado o estado de exceção, os acessos aos espaços institucionais e eleitorais restarão reduzidos. Num cenário em que o poder, como fruto da deliberação política, cede ainda mais às arbitrariedades e à violência, é provável que a vivência cotidiana na escassez volte a reclamar uma postura próxima ao Gangsta Rap.

Por ora, entretanto, uma derradeira mirada sobre os caminhos da Batalha do Vinho constata a intensificação da estruturação da cena e das relações sociais em seu entorno, com a permanente atenção às competições e com a contínua influência de agentes e pautas externas à vivência violenta experienciada nos territórios. Após o afastamento de Roney, a Batalha do Vinho não abdicou do Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, mas adotou tratativas com o poder público com vistas à reafirmar a parceira instituída. Ao final de 2019, inclusive, a Batalha participou de mais um Festival de Hip-Hop Potiguar – novamente sob a organização de Miguel Carcará que, com a aposentadoria de Grimário, tornou-se o novo administrado do local.

²⁵⁶ “De Jovelina Pérola Negra a Jackson do Pandeiro, Wilson Batista, sem jamais esquecer Jair Rodrigues e tantos outros bambas, que já eram hip-hop antes mesmo de nós existirmos, esse fruto, ora azedo, ora adocicado, que conhecemos como rap hoje, vem de uma grande árvore e se você for buscar na raiz mesmo está o samba. (...) “Pequenas alegrias da vida adulta” tem um segredinho (...), um tempero que o rap visitava pouco, o Samba-Rock. Um ritmo de samba que tem como berço essa micro África da pauliceia desvairada mais conhecida como zona norte de São Paulo. É daqui, desse pedaço de chão que saiu o primeiro registro fonográfico da fusão de samba com rap – com os The Brothers Rap. Com o passar do tempo, outros artistas se aventuraram nessa fusão. Athaliba e a Firma, Rappin Hood, Marcelo D2, Quinto Andar, Racionais MC’s, entre outros, foram diluindo a coisa estadunidense e mostrando que é impossível passar pelo caldeirão cultural do Brasil sem ser influenciado pela alma local. Mas a minha ambição me diz que precisamos subir um degrau e o amadurecimento desse movimento todo pede que a gente supere a fusão e se aventure na elaboração de um novo ritmo, uma nova linguagem artística, que com AmarElo eu tenho chamado de Neo-samba! ‘Alvorada no Morro’ de Cartola, ‘Sonho Meu’ de Dona Ivone Lara ou ‘Bandeira de Fé’ de Luiz Carlos da Vila ou até o famoso ‘Trem das Onze’ do nosso querido Adoniran Barbosa são retratos precisos, verdadeiros documentos históricos, tão incisivos quanto os elaborados pelos rappers que vieram depois, em outra atmosfera. E sabe o que eu acho mais bonito nos sambistas? Jamais esquecerem as pequenas alegrias da vida adulta.” Documentário **Emicida: AMAR/ELO – É tudo pra ontem**. Direção Fred Ouro Preto. Duração 1h:29min, São Paulo, 2020.

No ano seguinte, Carcará foi candidato a vereador pelo PDT, partido do então Prefeito. Roney, que em razão da pandemia do novo coronavírus retornou a Natal, por sua vez, trabalhou na campanha de um amigo candidato ao mesmo cargo pelo PSB, partido do qual Roney se aproximou desde então. Outra candidatura a ser destacada foi a da moça de Currais Novos que deu importantes contribuições à Batalha do Gueto e aos suas participantes. Concorrendo naquele município pelo PT, ela não restou eleita por apenas um voto. A perspectiva “positiva” da estruturação não se dá, apenas, a partir das inserções eleitorais, mas também no indissociável espaço da Universidade. A UFRN, agora, passou a ter a sua própria Batalha de MCs, devidamente adaptada e “evoluída” segundo os critérios desse espaço de saber legitimado ²⁵⁷.

Como forma de evidenciar o imbricamento da Universidade e dos partidos políticos, a militante citada matéria sobre os desafios das batalhas de MCs também se candidatou à vereança no município de Natal, pelo PT. Já a Batalha da UFRN se concretizou não apenas como alternativa aos deslocamentos à Zona Norte da cidade, mas também no protagonismo da cena, tendo sido a responsável pela seletiva estadual do ano de 2019 – vencida por MC que, não oriundo da Zona Norte, não conheci ao longo da pesquisa realizada na Batalha do Vinho.

De maneira semelhante, a atuação midiática e mercadológica não demonstra indícios de arrefecimento. Na cena local, tomo conhecimento de uma nova influência internacional, carregada de ideologia – o Trap²⁵⁸. Não abordada nas obras utilizadas para este trabalho, o estilo

²⁵⁷ **Desafios.** Para Yara Costa, 23, militante do movimento estudantil e MC, a cidade do Natal ainda não dá valor a sua arte de rua. “É preciso reconhecer a cultura hip-hop enquanto movimento e não como um espaço de marginais”, protesta. Ela reclama que o poder público não apresenta incentivos para essa forma de cultura popular e, sequer, garante a estrutura mínima para as realizações das batalhas, como iluminação pública. Yara relembra, inclusive, que já aconteceram casos em que forças policiais interromperam as atividades, situação que ela vê como um reflexo da criminalização sofrida pelo movimento, sobretudo por se tratar de uma expressão artística própria dos jovens da periferia. Como forma de melhor estruturar a cena potiguar, foi criada a Cooperativa das Batalhas do RN – núcleo formado por MC’s, organizadores e apoiadores do movimento hip-hop do estado – organização que vem trabalhando no objetivo de aumentar o alcance do movimento. O assistente administrativo e integrante da Cooperativa, Daniel Victor, 21, mais conhecido como DZ6, explica que a ideia surgiu a partir de uma necessidade de chamar mais atenção e, de alguma forma, incentivar os MC’s do estado: “ajudá-los no que precisassem para ir ao Duelo de MC’s Nacional e sempre tentando fazer as batalhas acontecerem de uma forma mais democrática e que ninguém fosse sobrecarregado”, frisa. **Arte e política.** Para o estudante Huorge, 23, se tornar um MC é uma forma de protesto, porque permite o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre a sociedade. Ele é um dos organizadores da batalha do Coliseu, que acontece na UFRN, e defende que o rap esteja mais politizado e não reproduza, em seu discurso, formas de opressão social. “Na batalha do Coliseu, eu bato na tecla sempre de fazer batalhas que não tenham discurso de ódio, homofobia, racismo ou machismo”, explica. Para ele, a batalha de rap é um processo de troca de conhecimentos e ideologias. “Já fizemos uma batalha temática sobre consciência negra, abordando temas que a plateia foi citando. Dentro da batalha do Coliseu, percebemos uma constante evolução, se aprofundando mais em assuntos como política, o que se torna gritante no cenário brasileiro atual”, avalia Huorge.” BARBOSA, Marcos. Em Natal, batalhas de rap retratam o cotidiano das periferias por meio da arte de rua. Brasil de Fato. Seção cultura. Natal, 18 de julho de 2019. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/18/em-natal-batalhas-de-rap-retratam-o-cotidiano-das-periferias-por-meio-da-arte-de-rua> Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²⁵⁸ O trap chegou com tudo no Brasil. Plataformas de streaming, como Spotify, registram um aumento no consumo de música da ordem de 50%, de 2016 a 2019. O subgênero criado nos anos 2000 em Atlanta, sul dos Estados Unidos, é um mexido de batidas, sintetizadores e graves robustos e timbres mais melódicos. Atlanta é lugar de

surgido no século XXI, baseia-se numa musicalidade instrumental produzida pelas recentes tecnologias e se aproxima das conotações de ostentação material e sexual. O Trap, pois, tende a encenar a violência e apresentar a ascensão socioeconômica, possibilitada pelas “brechas” concedidas pela estruturação social, como forma de sucesso – um sucesso sempre individual.

Nesse sentido, ao final da redação desta dissertação, as atenções da cena local pareciam voltadas para um festival que estava por acontecer na via costeira de Natal e que teria diversas atrações, sobretudo do Trap²⁵⁹. Por caminhos diversos, a estruturação continua a se concretizar, devolvendo o proveito econômico e o protagonismo aos seus legitimados detentores; deixando, da ponte pra lá, apenas a certeza da violência e a exigência de uma sagacidade reinventada.

De fato, nada é definitivo nos caminhos da história, uma vez que são sempre instáveis as relações de poder. Nesse sentido, concluo este trabalho sem saber situá-lo, com exatidão, entre as antropologias sombria e do bom (Ortner, 2016). É possível que considerá-lo produto de uma crítica cultural; talvez, ele pudesse ter tido maior conotação de resistência ou de ativismo. Em todo caso, o encerro com remissão ao alerta de Edward Bruner, ao tratar da produção etnográfica como narrativa²⁶⁰, sobre o risco de se reproduzir, por meio de um texto inédito e sob aparente cientificidade, uma história há muito conhecida de todos, de informantes e de leitores.

Esse risco torna-se compreensível ao perceber que o exercício da ficção se estende desde como os indivíduos assimilam o mundo e dão concretude aos seus projetos, com diversos níveis de consciência e intencionalidade, até as formações estruturais de um determinado momento histórico, plasmado pelas relações de poder instituídas e suas estratégias ideológicas de convencimento. Ao investigador, pois, compete afastar-se, tanto quanto possível, dos excessos da ficcionalidade e, no que for incontornável essa presença, abertamente reconhecê-la.

beco sem saída. A ambiência do trap vem da vida dos traficantes, que produzem e vendem drogas em casas chamadas "trap" — origem do nome, que, em inglês, também quer dizer armadilha. Além de falar de sexo, drogas, violência entre gangues e grana, o trap versa sobre racismo, desigualdade social e a volta por cima de pessoas periféricas por meio da fama. (...) O estilo é automaticamente reconhecido pelos beats, que, além das batidas do rap, bebem da cadência dos sintetizadores da música eletrônica e da atmosfera suave, repetitiva e sexy do dubstep. O ritmo é facilmente produzido em aplicativos de computador e celular. E essa pode ser uma das razões de ser tão viciante: [o trap](#) cria camadas múltiplas de sons impossíveis de serem reproduzidos por músicos ao vivo. O ritmo começou a pegar os brasileiros de jeito em meados de 2013, via Youtube. O visual imponente herdado do afrofuturismo, as batidas pesadas e as letras descompromissadas de artistas como T.I., Gucci Mane e Young Jeezy chamaram atenção de uma galera sedenta por colocar a cara tatuada na luz neon e balançar o corpo todo, não só a cabeça como os rappers.” MEDINA, Martina. TRAP TOMA O BRASIL: Funkeiros e Rappers se encontram no ritmo que saiu da internet e seus excessos. **TAB-UOL**, 25/11/2019. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/trap/#trap-toma-o-brasil>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²⁵⁹ Perfil de divulgação do evento no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/festivalzero84/?hl=pt-br>. Acesso em 31 de janeiro de 2020.

²⁶⁰ BRUNER, Edward. **Etnography as Narrative**. In The Anthropology of Experience. Edit. Victor W. Turner e Edward M Bruner. University of Illinois Press, 1986.

Nesse sentido, havendo este pesquisador sido culturalmente constituído nas primeiras décadas do século XXI, reconheço a elaboração deste trabalho marcada por uma reiterada frustração. Isso porque, inicialmente, ao optar pela Batalha da Vinho, tudo parecia previamente encaixado. Eu estava pronto para contar a história de um movimento cultural protagonizado por jovens de origem periférica, a história de um evento no qual um amigo tinha relevante papel e por isso era amplamente reconhecido. Nesse história, era evidente que todos ficaríamos felizes – eu, meu amigo e os demais participantes. Em suma, eu contaria uma perfeita antropologia do bom. A Zona Norte de Natal, inclusive, era o cenário ideal para um acontecimento desse tipo. Nessa história, haveria apenas relações de solidariedade, pois todos convergiriam na resistência às árduas condições de vida nas áreas da pobreza estrutural. Ali, pois, não haveria espaço para acusações mútuas; nem concorrentes projetos culturais a reificar a competitividade estrutural.

À minha imersão etnográfica, todavia, outra realidade se apresentou, reclamando o abandono daquelas expectativas. De fato, como ressalta Bruner (1986), as narrativas se impõem durante algum período histórico e isso não ocorre por razões aleatórias. Segundo ele, a estrutura narrativa de uma história vem sempre composta de um passado e de um futuro que acompanham a narrativa do presente, a qual, por sua vez, é coerente com a correlação de forças existentes.

A constatação de Ortner (2016) quanto a suplantação da ampliação dos direitos sociais pelo receituário neoliberal serve a evidenciar o risco de se permitir apreender pela narrativa compartilhada em detrimento das efetivas forças e formas estruturais. Similar às concessões do “sonho americano” ofertadas em contraposição a possibilidade de mudanças estruturais representada pela experiência soviética, o século XXI indicava a autonomia da América Latina frente às vontades internacionais. A globalização, entretanto, assim como fizera com Ortner diante da realidade da classe trabalhadora estadunidense (2016), frustrou nossas expectativas – as mesmas expectativas das quais me esforcei por escapar durante a realização deste trabalho.

Ao me debruçar sobre a obra de Herschmann (2005), foi curioso perceber como, embora eu conferisse ênfase a outros elementos e chegasse a conclusões diversas, muito daquilo de que me vali para as minhas formulações estava mencionado pelo autor. É bastante provável que ele estivesse imbuído pela expectativa do período pós-redemocratização em que realizou sua pesquisa e/ou pelos primeiros anos da gestão federal que se iniciava quando da publicação de sua obra – certamente aqueles presentes traziam os seus respectivos futuros (Bruner, 1986) e ensejavam uma produção esperançosa, focada no que de melhor pudesse sugerir a realidade, de maneira a reclamar uma ética da possibilidade (Appadurai *apud* Ortner, 2016). Era da crença na validade daquele primeiro evento histórico – a democracia – e na efetividade das políticas implementadas no curso de gestões reformistas que advinha, também, a minha percepção inicial.

Afinal, as mudanças promovidas pelos referidos governos, ao promover, dentre outras melhorias, a valorização do poder aquisitivo das populações oriundas da pobreza estrutural e o acesso dessa população ao ensino superior, indicavam que vivíamos o momento em que as minorias estariam chegando ao poder – dizia-se que ninguém mais voltaria para a senzala, para a cozinha ou para o armário; a palavra daquele presente era “empoderamento”. Não por outras razões, os encontros e as redes sociais online da Batalha do Vinho foram palco para diversas lutas por autonomia e por cidadania; não à toa jovens de diferentes periferias acreditaram ser chegado o momento em que – a exemplo do personagem vivido pelo Eminem e da trajetória do Emicida – muitos venceriam por meio do hip-hop; era o momento em que velhas forças pareciam envergonhadas em evidenciar suas preferências e seus interesses – a Batalha do Vinho não recebia apoio apenas dos partidos de esquerda, mas o próprio Prefeito da capital, pertencente à principal oligarquia do Estado, apoiava o evento e divulgava o seu contato com o hip-hop.

Entretanto, tempo e história não pararam enquanto eu pesquisava e escrevia; ao contrário. E como nenhuma narrativa dura para sempre, as coisas mudaram. O aprofundamento das exceções institucionais reclamava compreensão ao tempo em que eu me esforçava para conhecer a Batalha do Vinho e seus personagens. Em meio àquelas mudanças, eu percebia que, de fato, uma nova história traz consigo novos termos (Bruner, 1986). De repente, às minorias atribuíam-se termos pejorativos, como se fossem não grupos representados, mas manipulados, tão somente úteis a projetos alheios. O empoderamento dava lugar a um sem-número de termos esdrúxulos, de “marxismos-culturais” e “terraplanismos”. O antes Prefeito, agora candidato ao governo do Estado, ao tempo em que tecia críticas estéticas ao grafite presente nos monumentos municipais²⁶¹, manifestava simpatia e apoio ao vencedor do pleito federal daquele ano²⁶².

Assim, tanto os caminhos da Batalha do Vinho, quanto a pesquisa e a escrita deste trabalho foram influenciados pelo seu momento histórico. De tal sorte, toda a avaliação a ser feita quanto aos destinos da Batalha do Vinho deve considerar, não apenas a atuação de seus atuais e próximos organizadores, mas todo esse novo contexto político, histórico e cultural.

Igualmente, se os acontecimentos futuros evidenciarem um exagerado pessimismo neste trabalho, que se considere ter sua elaboração ocorrido em meio a esse interstício histórico. Como observa Bruner (1986), durante algum tempo as duas histórias se sobrepõem – e eu reflito e escrevo desde esse tempo. Assim, se o pessimismo do escrito configura uma ética da probabilidade (Appadurai *apud* Ortner, 2016), que se considere a vontade dispendida, nos últimos anos e nestas páginas, como evidência da esperança na melhoria da vida neste mundo.

²⁶¹ Publicação no Feed do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CD1YtvqsIKC/>. Acesso em 18 de novembro de 2020.

²⁶² Candidato do PDT no RN apoia Bolsonaro. Poder 360 (canal no Youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LnVwhzOghPw>. Acesso em 18 de novembro de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, José M. Valenzuela. **O funk carioca**. In: Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural. HERSCHMANN, Micael (org). Rio de Janeiro: Rocco, 1997. P. 136-162.

Bourdieu. Pierre. **A Ilusão Biográfica**, 1986. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRUNER, Edward. **Etnography as Narrative**. In The Anthropology of Experience. Edit. Victor W. Turner e Edward M Bruner. University of Illinois Press, 1986.

BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo, Aleph, 2009.

CATAIA, Márcio; SILVA, Silvana. **Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade**. Boletim Campineiro de Geografia, Campinas, v. 3, n. 1, p. 55-75, 2013.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DIAZ, Oriana Concha. **Islã, Migrações e Tecnologias Digitais: Reflexões sobre a Muridiyya transnacional a partir de Caxias do Sul (RS)**. S 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2017.

ELIAS, Norbert. **A gênese do desporto: um problema sociológico**. In: A BUSCA DA EXCITAÇÃO. Difusão Editorial Ltda – DIFEL. Lisboa, 1992.

FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FOOTE-WHITE, William. **Sociedade de Esquina**. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2019**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/atlas-da-violencia-2019/>.

FREITAS, Eliane Tânia. **Linchamentos Virtuais: ensaios sobre o desentendimento humano na internet**. Revista Antropolítica. N. 42 1º semestre de 2017. Niterói: UFF, 2017.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC/GEN, 2008.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Editora Difel, 2000.

HERSCHMANN, Micael (org). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O Funk e o Hip-Hop Invadem a Cena**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais**. In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 41-56.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. IN: LIMA, Luiz Costa (Org). Teoria das Literaturas e suas Fontes. Vol. 2, 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **Práticas Ciberativistas, Agência Social e Ciberacontecimentos**. Vivência: revista de antropologia. UFRN/DAN/PPGAS v. I., N. 45 (jan/jun de 2015) Natal: UFRN, 2015.

MOCELLIM, Alan D. **A Comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p.105-125, 2011.

ORTNER, Sherry B. **Uma Atualização da Teoria da Prática (Conferência)**. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia, 2007.

_____. **Poder e Projetos: Reflexões sobre a agência (Conferência)**. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia – Goiânia, 2007.

_____. **Dark anthropology and its others Theory since the eighties**. In Hau: Journal of Ethnographic Theory. University of California, Los Angeles, 2016. P. (1): 47–73.

PEIRANO, Mariza. **Temas ou Teorias? O Estatuto das noções de ritual e de performance**. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.

PEREIRA, Alexandre B. **AS MARCAS DA CIDADE: A dinâmica da pixação em São Paulo**. Lua Nova, São Paulo, 79: 143-162, 2010, p. 148-149.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. 2ª Ed. Editora Vozes, 2013.

RAMOS, Jair de Souza. **Subjetivação e Poder no Ciberespaço. Da Experimentação à Convergência Identitária na Era das Redes Sociais**. Vivência: revista de antropologia. UFRN/DAN/PPGAS v. I., N. 45 (jan/jun de 2015) Natal: UFRN, 2015.

SÁ, Simone Pereira de. **As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da utilização da noção de cena musical virtual**. In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 25-39.

SANTAELLA, Lúcia. **Mídias Locativas: a internet móvel de lugares e coisas**. Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia. PUC/RS, V.15, N 35. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4099/3109>. Acesso em 30 de janeiro de 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2015.

SERRANO, Pedro Estavam Alves Pinto. **Autoritarismo e Golpes na América Latina: breve ensaio sobre jurisdição e exceção**. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Raquel Souza da. **Twitter e ciberativismo: o movimento social da hashtag #ForaMicarla em Natal-RN. 2012.** 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRN, Natal, 2012.

SIMÕES, José Alberto. **Viver (d) o hip-hop: entre o amadorismo e a profissionalização.** In: Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais. Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais (Orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 186-209.

STRAW, Will. **Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas das Políticas Públicas.** In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais.** Guararema, SP: Anadarco, 2013. p.09-23.

TEPERMAN, Ricardo. **Se Liga no Som: As transformações do rap no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2015.

TROTTA, Felipe. **Cenas Musicais e Anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro.** In: SÁ, Simone Pereira; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Cenas Musicais.** Guararema, SP: Anadarco, 2013. P. 57-70.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual – Estrutura e Antiestrutura.** Tradução Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. 2ª Ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

VAIHINGER, Hans. **A Filosofia do Como Se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista.** Tradutor: Joahannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

YÚDICE, George. **A funkificação do Rio.** In: Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural. HERSCHMANN, Micael (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1997. P. 22-49.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas**. In *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*, 1947.

AMES, José Luiz. **Lei e Violência ou a Legitimação Política em Maquiavel**. TRANS/Form/Ação. Revista de Filosofia. Universidade do Estado de São Paulo – UNESP, Marília, v.34, n.1, p.21-42, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. I, 5ª Ed. São Paulo: Globo, 2008.

PELLEJERO, Eduardo. **O Espaço da Ficção: Linguagem, Estética e Política**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia, UFES. Julho-Dezembro, 2016. Nº 22, Vol. II.

SINGER, André. **OS SENTIDOS DO LULISMO: Reforma Gradual e Pacto Conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TONI C. **O Hip-Hop está morto! A História do Hip-Hop no Brasil**. 2ª Edição. São Paulo, LiteraRua, 2010.

VALIM, Rafael. **Estado de Exceção: a forma jurídica do neoliberalismo**. São Paulo, Editora Contracorrente, 2017.

VIANNA, Hermano (organizador). **Galeras Cariocas: territórios de conflito e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

EMICIDA. Programa Roda Viva (entrevista, 96min). TV Cultura. São Paulo: 2020.

FRANTZ Fanon: *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Filme (70min). Direção: Isaac Julien. Reino Unido, 1995.

HIP-HOP Evolution. Documentário. Direção: Darby Wheeler. Estados Unidos da América: 2016.

RUBBLE Kings, Documentário (68min). Direção: Shan Nicholson. Estados Unidos da América: 2015

SANTOS, Milton. Programa Roda Viva (entrevista, 87min). TV Cultura. São Paulo: 1997.

SOBRE a violência. Documentário (90min). Direção: Göran Olsson. Alemanha, 2014.